

AS TRÊS MORTES DE
LUCAS ANDRADE

HENRIQUE RAPOSO

ROMANCE



QUETZAL
língua comum

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

***poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir
a um novo nível."***

eLivros.love

Converted by [convertEPub](#)



© Inês Afterclick

Henrique Raposo, 42 anos, colunista e escritor, é autor dos livros *Alentejo Prometido*, *Portugal do Averso* ou *História Politicamente Incorreta do Portugal Contemporâneo*, entre outros. É licenciado em História e mestre em Ciência Política. Fez investigação académica no IDN e IPRI. Colaborou com o *Público* e o *Diário de Notícias*. Foi editor da revista *Atlântico*, é cronista do *Expresso* e da *Rádio Renascença*.



A meio do caminho, percebi que Lucas Andrade se matou enquanto se tentava salvar; o caminho que o levou ao suicídio é também o caminho que o conduziu à fé. Esta ambiguidade fascina e confunde ao mesmo tempo. Ainda hoje a tragédia de Lucas Andrade desperta debates acalorados entre diversas tribos.

Henrique Raposo

Título: As Três Mortes de Lucas Andrade
Autor: Henrique Raposo
1.ª edição em papel na Quetzal: outubro de 2023
Revisão: Benedita Rolo
Preparação: Margarida Filipe
Edição: Francisco José Viegas

Design da capa: Rui Rodrigues · Quetzal Editores
Produção: Teresa Reis Gomes

© 2023 Henrique Raposo e Quetzal Editores
[Todos os direitos para a publicação desta obra em Língua Portuguesa, exceto Brasil, reservados por Quetzal Editores]

Quetzal Editores é uma chancela da Bertrand Editora, Lda.

Quetzal Editores
Rua Prof. Jorge da Silva Horta, n.º 1
1500-499 Lisboa
quetzal@quetzaleditores.pt
Tel. 21 7626000

ISBN: 978-989-722-951-0

«Pai, tenho medo de morrer depois da morte.

Pai, tenho medo de morrer antes da vida.»

DANIEL FARIA

Para a minha mulher,

Ana

Abertura



A MEIO DO CAMINHO, percebi que Lucas Andrade se matou enquanto se tentava salvar; o caminho que o levou ao suicídio é também o caminho que o conduziu à fé. Esta ambiguidade fascina e confunde ao mesmo tempo. Ainda hoje a tragédia de Lucas Andrade desperta debates acalorados entre diversas tribos: a tribo moralista que vê neste homem um símbolo da vilania egoísta e de vários pecados capitais; a tribo libertária que vê nele uma metáfora libertadora, o herói merecedor de todas as comendas; a tribo científica que o reduz à condição de doente mental inimputável, o pobre coitado que não pode ser responsabilizado pelos seus próprios atos. Quem tem razão? Não sei. Ao longo deste percurso, pertenci em diferentes momentos às três principais tribos e a outras correntes de opinião que comentam em permanência esta tragédia. Mas agora não sei quem tem razão. Passei anos a entrevistar familiares, amigos e inimigos de Lucas Andrade. Entrevistei pessoas em palacetes, em casebres, em escritórios, em oficinas, em redações, em bordéis, em faculdades, em prisões, em lares de terceira idade e até em manicômios; tive acesso à sua intimidade, aos diários, aos objetos pessoais, aos quartos onde viveu na aldeia, no bairro, na cidade. E, mesmo assim, ele permanece um mistério, porque cada ser humano tem sempre esta reserva misteriosa e inexpugnável que nem o biógrafo mais

curioso consegue penetrar e explicar. Não, não sei quem tem razão sobre as polémicas que rodeiam a vida e a obra de Lucas Andrade. Sei apenas o seguinte: ele fez tudo em consciência e em liberdade e, apesar de tudo, assumiu sempre que talvez conseguisse passar pela porta estreita. Será que ele passa na derradeira porta? Esse juízo moral cabe a Deus e aos leitores. O meu papel é relatar os factos tal como os vejo. Sei que tenho aqui o problema do antropólogo ou do biógrafo, estou emocionalmente comprometido com o meu objeto de estudo. Mas, se não posso ser imparcial, posso e devo ser sério. É isso o que prometo: honestidade na forma como apresento os factos.

E não há outra forma de começar: ele nasceu três vezes. Compreendê-lo passa por testemunhar os dois rebatismos que se seguiram ao batismo original. Ele começou na qualidade de João Miguel Correia Azul, rapaz acanhado de uma aldeia serrana. Aos onze anos, a vida obrigou-o a renascer na pele de Ruço, puto do infame Janeirinho, um dos morros que cerca Lisboa a norte e oeste. Aos vinte e poucos anos, renasceu de novo e de livre vontade. Ele próprio orquestrou o seu terceiro e mediático parto que deu origem a Lucas Andrade, pseudónimo que lhe deu a mais improvável das parcerias: fé e fama literária. Visto que é redentor e carrasco em simultâneo, Lucas Andrade tem mesmo de ficar para depois. Esta história só pode começar no dia que ateou o longo estertor de João Miguel, o dia do êxodo.

I

O livro de João Miguel



Êxodo

NAQUELE SÁBADO DE JUNHO, ele entrou no carro como um eLivros, olhos em baixo, passos arrastados. Depois de meses de angústia, chegara por fim o dia da temida viagem. Era mesmo verdade: ia mudar de casa. Sentou-se sozinho no banco de trás, que era desconfortável, ossudo e quente por causa da napa que já absorvia o sol da manhã. Mas ainda não queria acreditar: pensou em sair, pôs a mão no puxador da porta, sonhou em fugir tal como o condenado que sonha em escapar ao cadafalso, mas os olhos ásperos da avó Eduarda, que estava à porta de casa, mataram essa esperança. Tirou a mão do puxador. Quando o carro arrancou, não olhou para trás, não queria que a avó visse e gozasse com a sua tristeza. Deitou-se no banco; tentou dormir mas não conseguiu. Fez a longa travessia em consciência. Nos bancos da frente, o pai guiava e a mãe tartamudeava canções. À frente deles seguiam duas carrinhas com os seus pertences, móveis, caixas de papelão, a velha televisão a preto e branco, as ferramentas do pai, a máquina de costura da mãe e a sua velha cadeira de estimação. Numa mala de cartão, seguia a sua pequena biblioteca então composta por enciclopédias, dicionários e bandas desenhadas. Esta tralha partilhava o espaço das carrinhas com um sortido de tios e primos, os grandes partidários do êxodo. Elas, tias e primas, estavam à espera algures na fronteira entre Lisboa e os arrabaldes. Todos os membros da família já tinham mergulhado na corrente do êxodo, exceto eles: o pai Romão, a mãe Augusta e ele, João

Miguel. Na serra ficaram apenas os avós, Eduarda e Manuel Correia Azul.

O êxodo implicou descer uma das lendárias estradas da montanha, que seguia de perto a descida do rio, o «nosso rio», diziam. João Miguel nunca tinha pisado este lado da serra, aliás, nunca tinha estado tão longe de casa. Estava habituado às alturas, a aldeia ficava nem a um grito dos oitocentos metros e era murada por picos acima dos mil metros, mas nada pode preparar um ser humano para uma estrada de montanha tão provisória, tão inclinada, tão desprotegida; a estrada era frágil nas mãos da serrania como uma serpentina é frágil nas mãos de uma criança. Pela janela da direita, João Miguel via as escarpas, paredes que subiam num ângulo cônico. Pela janela da esquerda, via lá em baixo o rio que, ao escavar a pedra, produzia uma perpétua espuma branca. O avô chamava-lhe «o nosso ribeirão branco». Este borbulhar nervoso agravava a vertigem que ele sentia na barriga. E o carro, um pobre chaço azul-escuro, também sentia o vórtice: as entranhas metálicas guinchavam, reclamando da descida íngreme. Suando como queijos, as pernas de João Miguel escorregavam para a frente na napa do banco. Fixou as palmas das mãos no tejadilho para travar esta sensação de queda no abismo, que só terminou no ponto de encontro entre o «ribeirão branco» e o Tejo. A viagem tinha um caminho mais óbvio, mas o pai fez questão de lhe mostrar a grande barragem que aprisionava aquela água límpida e serrana antes da fusão com a água barrenta do Tejo. Saíram dos carros. A altura do paredão era incrível, tal como a força do jato que saía do dique; também se ouvia o sopro imponente da conduta que sugava a água para as entranhas da terra.

— Esta conduta foi uma das nossas obras — disse o pai com brio.

O avô Manel, carpinteiro de cofragens, e o pai Romão, soldador, tinham trabalhado na elétrica nacional e na companhia das águas

durante a longa campanha de construção destes açudes de montanha. Na linha do rio, este açude era o último e o mais baixo destes projetos que fundiam a majestade do granito com a inteligência do betão. Construídos nas apertadas gargantas graníticas, os paredões de betão armado de cem metros de altura por cem de largura suspendiam as albufeiras no ar como se fossem os restos esquecidos do dilúvio. A oitocentos, a quinhentos ou ali a cento e oitenta metros de altitude, pareciam nuvens em estado líquido, águas obedecendo a leis oníricas e não a leis físicas. Boquiaberto, ele não deixava de olhar para a altura do paredão.

— Tás a dormir em pé ou quê, rapaz? Vá, temos de ir.

— Sim, pai.

Muitos têm argumentado que ele pensou em atirar-se logo neste dia em que fez a travessia até um inferno que só ele sentia. Não é verdade. O suicídio estava longe de ser concebido por esta cabeça ainda bucólica que vivia fora do mundo humano. Se houve aqui uma queda, não foi a idealização da queda feita pelo suicida; foi, isso sim, a queda de um menino cândido, que foi atirado de paraquedas para uma cidade que não podia compreender. João Miguel estava fora do mundo humano mesmo na aldeia; quem o quisesse encontrar tinha de ir até ao vale do rio que ele palmilhava todos os dias nas suas aventuras com o guardador de rebanhos, o maioral Américo. Ele conhecia melhor as sensações provocadas por urzes, castanheiros, ovelhas, cães e lobos do que as sensações provocadas por outros seres humanos; conhecia a neve e a lã, mas desconhecia as conversas e as regras impostas pelos porteiros da aldeia, o padre João, o Engenheiro Mendes e, claro, a avó Eduarda, paroquiana do primeiro banco da missa. Era um filho da natureza, e na natureza não há suicídio. Neste dia, quando olhou para a altura do

paredão da barragem, sentiu apenas um assombro estético do Mogli serrano que vê pela primeira vez a civilização.

A beleza da barragem não se comparava à sua utilidade. Este açude aprisionava água potável para a população inteira de Lisboa. «O nosso rio, a água do nosso vale», era assim que o avô falava, e tinha razão. A água nascida e criada no vale da aldeia, parte dela nascida mesmo à porta de casa de João Miguel, era capturada por aquela conduta metálica, que se enterrava no solo como uma cobra à procura de coelhos. «Sem a nossa labuta, rapaz, os doutores lá de Lisboa tinham a garganta seca», comentava o avô com rancor. «O Tejo é um mar morto, sem a nossa água, eu queria ver como é que *eles* se amanhavam.»

João Miguel só ali percebeu a real dimensão da arenga do avô Manel: a conduta, qual aqueduto subterrâneo, tinha o diâmetro da baleia de Jonas. Um mar potável filtrado pela serra passava ali todos os dias a caminho de Lisboa, um mar subterrâneo e silencioso. A serra era de facto o jardim suspenso da metrópole que se espreguiçava a sul. Irritou-se, sentiu-se roubado. A água do seu rio, protegida pelo seu amigo pastor, era ali embalada para posterior venda como qualquer outro produto. Este uso industrial de uma água tão pura pareceu-lhe indigno, até mesmo maldito. O homem não podia profanar assim a natureza, e o homem da cidade não podia usar assim o homem da serra.

— Pai, acha bem que *eles* nos roubem assim a água? — perguntou, já no carro. A irritação com a mudança para Lisboa foi reforçada com esta rapina aquática dos lisboetas.

— Calma, rapaz. Ainda bem que a nossa água dá pra todos.

A generosidade do pai não o convenceu. Praguejou em pensamento: «Que merda é esta? A puta da velha afinal não é parva de todo.» A avó Eduarda criticou sempre as barragens, as redes elétricas, as escolas, as estradas, o êxodo para Lisboa e qualquer outro progresso que beliscasse

o sossego milenar da serra. Só pensou, não disse. João Miguel não dizia palavras, muito menos ao pé dos mais velhos. Seguiu à risca uma máxima do pai, os palavras são para pensar, não para dizer.

Lá retomaram o caminho, viraram para oeste e depois para sul, seguindo no encaixe do aqueduto subterrâneo de Jonas que ligava o passado, o vale e a aldeia, ao futuro, Lisboa. No banco de trás, a canícula tornava a napa cada vez mais insuportável. À frente, o pai irritava-se com a caixa de velocidades que encravava em todas as mudanças; enervava-se ainda com a falta de espaço, era demasiado alto para um carro tão pequeno; para relaxar, coçava os caracóis loiros que o avô Manel legara a todos os seus filhos e netos. No lugar do pendura, o sossego da mãe contrabalançava a ansiedade do pai. Era estranho: a viagem trocava-lhes as personalidades. Era o pai, Romão, quem costumava deslizar no leito arenoso. Era a mãe, Augusta, quem costumava rugir na cascata granítica. Mas agora ela olhava tranquila para a paisagem. Nos seus tons levantinos, estava ainda mais bonita. A pele morena reluzia, parecia ungida pela luz do azeite catecúmeno. O rosto magro estava maquilhado, um luxo que simbolizava a importância do dia — magenta discreto nos lábios, rímel suave nas pestanas dos pequenos olhos negros e amendoados que João Miguel herdou. O cabelo preto como ébano tinha um estranho penteado: laços e nós unidos pela laca que empestara a casa logo na alvorada. Volta e meia, colocava as mãos em cocho para ajeitar o penteado que ela própria improvisara. O penteado e a maquilhagem revelavam uma subtilidade cidadina — a raiz do seu feitio fragoso. Augusta ficara perdida entre eras. Era demasiado moderna para a sua própria geração, sentia a moral de uma aldeia serrana de seiscentos habitantes não como um abraço mas como camisa de forças — a Némesis da avó Eduarda. Era por isso que neste dia do êxodo já mostrava uma rara tranquilidade: a guerra com a aldeia e com a

avó ficara para trás. Já não tinha as rugas de tensão na testa e o olhar de pálpebras semicerradas, olhar de predador ou de presa; já mostrava uns olhos serenos e abertos. Eram de facto olhos e não ameias.

Se ele sentia que estava na barca do Inferno puxada por uma parelha de demónios, as duas carrinhas dos tios que desbravavam caminho à frente como quebra-gelos à procura do ponto mais gélido do Inferno, ela sentia que estava na barca da glória puxada por arcanjos. Tal como os olhos, negros, pequenos e rasgados, ele herdara dela o olhar cerrado e emoldurado por rugas de tensão na testa. Se ela estava a largar este olhar, ele reforçava-o a cada légua. Não concebia a vida longe de São Jerónimo, a aldeia onde sempre vivera, a terra onde as chaves ficavam na porta, aliás, onde as portas ficavam abertas. Não se imaginava longe da montanha e das cachoeiras que alimentavam o rio ao longo das duas léguas daquele vale escavado pelo mindinho de Deus, o glaciário. Com onze anos, nem sequer conhecia as palavras necessárias para conceber uma vida numa cidade que ficava a cinquenta léguas do granito, das pegadas dos lobos, de Américo, pastor e contador das lendas do lobisomem, de Mariana, a sua irmã de leite; não se imaginava longe da *Milu* e do *Jolly Jumper*, os dois anjos da guarda caninos das suas aventuras pelos montes, ou longe dos cadernos onde desenhava a vida selvagem, desde a graciosidade do milhafre à fealdade do grifo, da majestade do carvalho à imundice do musgo ensopado em urina de lobo, da trepidação das quedas de água até à paz das lagoas penduradas nas alturas onde podia nadar sozinho. Como é que ia largar este mundo onde tratava Noé por tu para ir viver num apartamento de Lisboa? A própria palavra, «apartamento», tinha uma sonoridade estrangeira ou mesmo alienígena, como se fosse um metal novo da tabela periódica. Para tratar de burocracias, os pais tinham viajado duas vezes até Lisboa entre janeiro e este primeiro sábado de junho. Recusou ir nas duas vezes e

nunca viu fotos do tal apartamento. Para uma família pobre, uma fotografia ainda era um artefacto raro, quase tão mágico como um médico. Também recusou responder às perguntas e desafios que eles traziam da expedição citadina: não, não queria saber como era o quarto novo onde teria muito espaço; não, não queria preencher os papéis da escola nova; não, não queria saber como era a fábrica do tio Isaías onde o pai ia trabalhar. Não, não queria. Remetia-se ao silêncio da timidez que podia ser confundido com má educação. Era e continuou a ser um filme mudo. Quando o conheci na faculdade, ele já era uma lenda, mas, mesmo assim, era raríssimo ouvirmos a sua voz.

Na viagem para sul, percebeu que estava a entrar no perímetro da grande cidade quando por instinto tapou o nariz com o braço: o fedor era horrível; não sabia que os homens podiam fabricar tamanho pivete; *ar puro* era pleonasma, o ar só podia cheirar ao frio da cacimba, ao quente da caruma, ao perfume narcótico do eucalipto, à resina das estevas, às giestas, às urzes, ao doce ceroso do pessegueiro solitário do quintal da Mariana. Portanto, ali, na porta norte da cidade, a cintura industrial entre o Carregado e Sacavém, foi mesmo impossível esconder o nojo: o fumo era omnipresente, quase pegajoso, cortesia dos milhares de tubos de escape e das dezenas de chaminés das fábricas onde tios e primos trabalhavam há décadas. Esta margem norte do Tejo era um atoleiro apocalíptico.

Este inferno de sensações subiu de escala graças ao ruído quando chegaram ao bairro onde viviam e ainda vivem alguns tios, talvez um quilómetro a norte do aeroporto. Levantando para norte, passando mesmo por cima deles ao ponto de se conseguir ver a olho nu os rebites da fuselagem, os aviões faziam um estrépito demoníaco. Um Pégaso tê-lo-ia assustado menos, até porque seria uma criatura silenciosa. A cada descolagem, ele, o pai e a mãe colocavam as mãos nos ouvidos.

Estiveram talvez uma hora debaixo deste doloroso tumulto, o tempo necessário para almoçarem na casa do tio Isaías, onde as mulheres da família estavam à espera. O almoço tinha sido preparado pela tia Gertrudes, mulher de Isaías, e sobretudo pela prima Dulce, a preferida de João Miguel em toda a família. Após o almoço, as tias apertaram-se nas carrinhas e Dulce veio sentar-se ao lado de João Miguel no banco de trás do calhambeque azul; agitou-lhe o cabelo ruço num gesto de ternura, riu-se do seu desconforto com os aviões.

— Depois habituas-te, nem dou por eles — garantiu.

Como ele não tocou no prato, ofereceu-lhe uma sandocha de presunto enrolada num adereço porventura ainda mais exótico do que o motor a jato: o guardanapo de papel.

Voltaram à estrada. Seguiu-se uma curta mas acidentada viagem ao longo de terras que tinham nomes tão exóticos como os planetas das suas bandas desenhadas: Bobadela podia ser Arrakis, São João da Talha podia ser Barsoom. A meio do percurso, atravessaram por fim um espaço que ele sabia identificar: o rio Trancão, o último e o mais nefasto dos afluentes do Tejo. Ficou em choque porque o cheiro nauseabundo comprovava aquilo que vinha nos livros de Geografia da escola: o Trancão só podia ser mesmo «o rio mais poluído da Europa». Em Sacavém, passaram a ponte, viraram à direita e andaram um pouco ao lado deste rio cujas margens pareciam montes de esterco. A areia dera lugar a um lodaçal químico e orgânico que lançava no ar um fedor inconcebível. Dulce, que trabalhava numa fábrica de tintas ali mesmo nas margens do Trancão, garantia que nem dava pelo cheirete. Mas ele abanou a cabeça e murmurou com os seus botões: «O que é que eu estou aqui a fazer, porra? E estes gajos de Lisboa têm um rio aqui à beirinha deles neste estado e depois vão roubar-nos a água lá acima?» Não, ele não conseguia perceber porque é que os pais tinham trocado o rio mais

bonito por aquela merda — literalmente. Fugiram do cheiro pútrido avançando na estrada; subiram e desceram um pequeno cerro que os locais, numa tirada de humor involuntário, apelidavam de «serra». No sopé deste cerro, junto à foz de uma ribeira com o Trancão, voltaram à estranha horda de povos: Frielas, Flamenga, Santo António dos Cavaleiros, nomes tão fantasiosos como Caladan ou Nárnia. O pai apontou para um local à esquerda onde devia estar «a ribeira da Ti Judite», a grande amiga e conselheira dos tios há mais de trinta anos. Mas ele não via nada. À esquerda, só via portões altos e agressivos, taipais e entulho; à direita, uma linha de prédios gigantescos, que, mesmo em junho, tinham manchas negras de humidade e infiltrações.

Chegaram então a uma rotunda com um chafariz antigo e uma igreja manuelina que parecia abandonada depois de ter sido engolida por prédios — era a parte de baixo da Póvoa; meio quilómetro à esquerda ficava Lisboa. Estavam a quinhentos metros de Lisboa mas pareciam quinhentos mil. Este meio quilómetro era uma vedação de vias-rápidas, viadutos e vielas. Viraram à direita em direção a uma enorme rampa que se erguia nos céus. O que faltava do êxodo não era uma questão de lonjura, mas de altitude. A nova horda de povos de João Miguel subia a pique numa escada em caracol, Póvoa, Odivelas, Ramada, Bela Vista, Santo António dos Cavaleiros, Caneças, Casal de Cambra, Montemor, Famões, À-da-Beja, Belas, nomes tão esquisitos como Nantucket. O velho chaço azul só conseguia subir em primeira ou segunda. À medida que ascendiam, passando os cem metros, os duzentos metros, os trezentos metros, ele ia olhando, pasmado, lá para baixo; tinha um ângulo inesperado sobre a cidade, um ângulo altíssimo, picado, mágico. Não queria acreditar, parecia feitiço, mas a verdade é que estava a ver na perfeição o Estádio da Luz, que se assemelhava a uma nave espacial aportada em Lisboa.

— Pai, olhe! É o estádio do Benfica.

Romão sorriu, abanando a cabeça para esconder a comoção perante o único momento de felicidade do filho ao longo de toda a viagem.

Continuaram a subir o morro cheio de prédios e estradas em construção; viam-se rotundas e passeios inacabados, os lancis eram contornos vazios sem calçada. Parecia que estavam a escalar a Torre de Babel do Bruegel, era como se o morro fosse ele mesmo uma obra do homem e não da geologia, roldanas giravam para cima e para baixo, pó era atirado para a esquerda e para a direita, andaimes eram montados e desmontados. Até que, finalmente, chegaram à pedra angular entre a serra de Sintra a oeste e a serra saloia a norte. Ali, no teto de Lisboa, a quatrocentos metros, ficava o Bairro 3 de Janeiro, o mais alto, o mais isolado e o mais infame dos arrabaldes da capital, a fidalguia dos morros. «Também se sobe até ao Inferno», escreveu ele nos diários.

Adamastor

O BAIRRO 3 DE JANEIRO OU JANEIRINHO, como dizem os locais com assinalável autoironia, é o pico mais alto da muralha de morros que cerca Lisboa a norte e a oeste. E a nova rua de João Miguel, uma rampa de duzentos metros, era então a mais alta, terminava mesmo no cume. Por ser a mais alta, era também a de mais recente colonização. A parte mais baixa da rua teria no máximo um ou dois anos de construção. A parte mais alta, onde ele ia viver, nem sequer estava finalizada. Ainda escorria alcatrão e óleo. Estacionadas no remanso de sábado à tarde, várias máquinas indicavam um trabalho em curso: as escavadoras encabeçavam o cortejo, já tinham derrubado pinheiros, uma infestação de acácias e sobretudo zambujeiros e oliveiras, que jaziam no chão quase incógnitas e semicobertas por terra e brita; os cilindros fechavam a procissão mecânica, já tinham alisado o novo piso como hipopótamos blindados. O alcatrão mole e húmido, colocado no dia anterior ou mesmo nessa manhã, ainda fumegava como lava, criando um sufoco sulfúrico. Este lago betuminoso era mesmo a sua nova casa?

Na perspectiva de quem subia, a linha de prédios do lado direito ainda estava na fase caótica dos caboucos. A linha do lado esquerdo, onde se encontrava o prédio de João Miguel, já estava finalizada: os prédios de três andares estavam acabados, só faltavam os últimos retoques na pintura bege; os andaimes dos pintores ainda estavam colados às

fachadas. Eles foram os primeiros moradores do prédio. Os vizinhos chegariam ao longo do verão.

João Miguel renasceu nas alturas, mas debaixo de terra. O apartamento era uma cave, um pormenor que tinham mantido longe da sua ideia. Era a cave direita do n.º 15 da Rua de Santo Antão do Bairro 3 de Janeiro. Ele sentiu que entrar naquele prédio e descer para uma casa no subsolo era a negação de todos os instintos de preservação biológica e social. O seu choque inicial, portanto, não se deu na tradicional fronteira entre o campo e a cidade. Não, o choque não nasceu no facto de ter trocado uma casa pitoresca da serra por um prédio horrível das cercanias de Lisboa; o choque não nasceu no facto de ter saído de uma casa que não estava em cima de outras para um prédio que estava encavalitado em cima de outros, um caixote de três andares num bairro composto por centenas de caixotes de três andares; o choque não foi deixar uma aldeia onde as portas só serviam para proteger as pessoas do frio e saltar para um bairro onde as janelas tinham grades e onde as portas blindadas eram um negócio vibrante. Tudo isso só veio depois. O primeiro choque foi mais simples e brutal: trocara uma casa no solo por uma toca no subsolo; não mudara de morada, mas sim de posição no reino animal.

Deixou-se ficar para trás, esperou bastante no carro já com os outros no entra e sai da mudança; respirou fundo e lá saiu da barca do seu inferno. Atravessou a grande porta de alumínio e vidro do prédio que ainda hoje se fecha com um estrondo despropositado. Desceu as escadas que tresandavam a tinta nova e onde ainda faltavam acabamentos, fios de cobre descarnado pendiam de todos os recantos, um tubo por vedar pingava desde a claraboia. Entrou na sua alegada casa, atravessou o hall de entrada como um danado atravessa o corredor da morte. À sua passagem todos se calaram; criou um túnel de silêncio nos pais e nos

familiares que se afadigavam na mudança. Do outro lado do túnel, começou a ouvir um som familiar, era a voz esfuziante do jornalista que fazia os comentários dos jogos de futebol na televisão.

— A técnica da força e a força da técnica em novo duelo.

Só este timbre arrebatado parecia real, o resto era demasiado brumoso para ser verdade: o morro que parecia um adamastor de alcatrão, o apartamento que afinal era uma toca de lebre, a rua vulcânica, a pátina de fumo que caía do céu contaminado, os hipopótamos blindados, o grito dos aviões, a viagem, a serenidade da mãe. Ficou ali na sala onde só estava a televisão. Entretanto os tios encostaram à parede um sofá velho oferecido pelo tio Isaías, o «mano velho», grande profeta do êxodo, patrão da fábrica onde o pai ia trabalhar. Sentou-se no sofá e deixou-se abraçar pela televisão, que, numa enorme novidade tecnológica, já estava ligada à antena do prédio que recolhia o sinal lá nas alturas, a mais de quatrocentos metros. Ele nunca tinha visto televisão sem chuva.

— Que estirada portentosa do guarda-redes alemão! Foi buscá-la ao ângulo!

À sua volta, os tios e primos, liderados por Isaías, ajudavam o pai a pendurar candeeiros, a montar camas e a encaixar as geringonças da vida moderna que ele só conhecia de nome, o esquentador, o frigorífico, o duche, a máquina de lavar roupa, ou que não conhecia de todo: o exaustor. O telefone, muito parecido com o duche, chegaria perto do Natal.

— Que passe em profundidade, a rasgar por completo a muralha defensiva argentina!

As mulheres, lideradas pela energia da prima Dulce, ajudavam a mãe a fazer as camas, a empilhar a roupa nas cómodas, a espalhar óleo de cedro nos móveis e rodapés, a preparar o jantar improvisado. Ecoavam

pancadas de martelos; berbequins esburacavam paredes que se esfarelavam como esferovite. Cheirava a tinta nova, cheiro que ele sempre odiou; preferia cheiros velhos, caruncho na madeira, pó nos livros, adegas. Quando o jogo acabou na televisão, ficou sem desculpas para não ajudar. Dulce puxou-o.

— Ouve lá, mas eu sou tua criada ou quê?

Levantou-se, foi buscar caixas cheias de panos empapados num cheiro que em breve desapareceria da sua vida: naftalina. Carregou ainda a mala de cartão com os seus livros e a sua cadeira de estimação. Já à noitinha, enquanto tentava dar a ordem possível às suas coisas, João Miguel viu-o pela primeira vez através da janela submersa do quarto.

Este é o ponto de vista de uma cave. A janela é altíssima, a parte de cima está a milímetros do teto, a parte de baixo é mais alta do que um adulto, mas, mesmo assim, só fica ao nível dos pés das pessoas que passam na rua.

Ele começa a ouvir rapaziada a jogar à bola. Sobe para a cadeira e espreita em bicos de pés: vê um grupo de dez debaixo da liderança de um rapaz estranho, é baixo mas magnético, suga tudo à sua volta, até a luz, que é absorvida por uns olhos verdes de uma beleza inconcebível, quase extra-humana. Estes rapazes moram na parte mais baixa e velha da rua, mas vêm jogar à bola nesta parte mais alta e nova. Aproveitando o fresco do lusco-fusco, fazem questão de deixar a sua marca territorial como uma alcateia de lobos urinando no tronco dos carvalhos e castanheiros. O mijo é uma bola de cauchu.

— Deixa essa malta e vem aqui ajudar! — A voz de Dulce.

Ele não ouve.

O bando é liderado por aquele capitão dos olhos verdes fluorescentes e por outro estroina que parece ser o seu imediato: estes dois líderes estão a escolher as duas equipas, cinco contra cinco; os restantes perfilam-se à sua frente numa linha ordenada. O capitão é pequeno e entroncado, um minotauro em miniatura; os seus olhos são mesmo duas esmeraldas faiscantes, parecem capazes de emitir um raio laser verde. O outro, o lugar-tenente, é forte e alto, parece uma fraga. João Miguel também é alto, mas é esguio como um caniço ao vento. Todos têm equipamentos de futebol da candonga que João Miguel conhece das feiras dos tendeiros. A bola corre.

— Que merda, puto! Deixa se faz favor esses gajos e vem aqui! — ordena Dulce.

É a primeira vez que ele ouve uma mulher da família a dizer asneiredo de forma tão natural. Ele ouve a prima, mas não liga. Continua a observá-lo.

A rua seria sempre imprópria enquanto campo de jogos devido à inclinação. As ruas no Janeirinho não são bem ruas, são rampas. Para complicar, quando bate no alcatrão ainda esponjoso, a bola fica meio atascada como um cervo na areia movediça. Este pormenor, porém, não lhes afeta a alegria; quem não esteja a ver, quem esteja só a ouvir as suas gargalhadas — «Ganda cueca», «Olhò cabrito» — há de pensar que eles estão a jogar no mais perfeito e plano dos relvados. Esta alegria é interrompida pela chegada de um grupo de miúdas giras que o minotauro minúsculo esculpido músculo a músculo reúne como um pastor. Elas trazem sarilho: praguejando e exigindo reparação, um bando rival aproxima-se. Este grupo é mais numeroso, são talvez trinta rapazes. Parece haver um diferendo em relação a uma das miúdas. É grande a desproporção de forças, a diferença é de um para três, mas, com dois gestos apenas, o minotauro de olhos verdes transforma o seu bando

numa alcateia: à frente, na primeira linha, ficam os mais velhos e batidos, barrigas, cicatrizes, mãos sapudas; atrás, na linha da retaguarda, ficam os mais verdes e inexperientes; o líder e as fêmeas ficam no centro. Não é preciso o uso da força, basta este espetáculo de organização tática. O outro bando bate em retirada; cospem no chão, praguejam, mas retiram o estandarte do campo.

A alegria do jogo recomeça, agora com claques feminina. Pouco depois, o tal meia-leca de olhos esmeralda grita num misto de pânico e gozo: «Cum caralho, venham ver!» Está descalço, de peúga branca à mostra. A sapatilha ficou colada ao alcatrão junto a uma caixa de eletricidade que dista dez passos da janela de João Miguel. O rapaz arranca a sapatilha da pasta movediça e desatam a rir: é uma pegada. Os outros repetem a graça: calcam o alcatrão mole de acordo com o número do calçado até formarem uma escadinha de pegadas. A seguir, alguns sentam-se ainda descalços na caixa de eletricidade com ar provisório — que ali ficou provisoriamente até hoje. Esta caixa metálica, com a inscrição «Perigo» já apagada pelo tempo, tem um metro de altura e dois palmos de largura. Funciona como banco e ponto de encontro do bando da rua.

— Foda-se, puto! Deixa esses caralhos e vem aqui ajudar-me com os livros! — Dulce mostra-lhe mais duas palavras que nunca tinha ouvido com tanta naturalidade. No mundo dele, os palavrões são murmúrios.

Ele viu esta e outras cenas a partir de baixo, a partir de uma fresta minúscula da janela. Lia, desenhava e dormia abaixo do nível dos pés das pessoas que passavam na rua. Sentia-se no porão do navio olhando para uma escotilha sempre submersa, com a agravante de que a água era um manto de alcatrão novo que lhe dava pelo nariz quando subia para a

cadeira — o que viria a acontecer raríssimas vezes. Ficando ao nível do chão, a janela aberta permitia a entrada imediata do pó, do fumo dos tubos de escape, da fuligem das oficinas e do mau cheiro dos contentores do lixo cheios de cascas de melão apodrecendo ao sol. O pior, porém, não era o cheirete. O pior era sentir que não tinha um espaço só seu: olhos estranhos podiam profanar o seu quarto. Mesmo sem abrir a janela sentia-se devassado, apesar do vidro fosco e reforçado com arame e do cortinado turquesa escolhido por Augusta. A devassa continuava na forma como as pessoas usavam o gradeamento exterior da janela. Para retirar lama e outras minudências que se agarravam à sola dos sapatos, os nativos davam pontapés na grade, que ficava suja e a zumbir com a trepidação.

Seria sempre complicado dormir neste quarto. Tornou-se impossível a partir do momento em que os seus ouvidos se sintonizaram no cano roto junto à claraboia que deixava cair água no espaço entre a porta de casa e a porta do vizinho da frente: ping, ping, ping. No silêncio do prédio vazio, estas pingas bombardeavam o seu sono como granadas de obuses de cerco. Ping, ping, ping, ecos de cisterna vazia que reforçavam uma sensação: ele sentia que estava a viver não na realidade mas numa fantasia negra. Quando estamos lá em cima no Janeirinho a olhar para Lisboa cá em baixo, percebe-se muito bem esta sensação de irrealidade, somos sugados para um episódio da *Twilight Zone*, o seu programa de televisão favorito que passava em reposições no segundo canal; percebe-se sem dúvida porque é que ele desenhou este morro como um adamastor de cimento e alcatrão, um titã não do princípio mas do fim do mundo, um Frankenstein em forma de morro criado pela pressa e cobiça dos homens. Esta aura de saga negra começa na própria geografia. Lá em baixo, a igreja manuelina da Póvoa, a tal ribeira da Ti Judite e os acessos a Lisboa ficam quase ao nível do mar, mas, num ápice, a colina

ergue-se quatrocentos metros até ao cume. Apesar desta inclinação agreste, o Janeirinho, como todos os outros bairros situados mais abaixo na colina, está repleto de prédios com grades e marquises. O que foi em tempos um belo outeiro é agora um morro juncado de apartamentos construídos pela fossanga imobiliária. Camada após camada, ruas e prédios formam geios de betão, ferro e alcatrão, uma escadaria em diferentes tons de cinza. A inclinação destes geios acinzentados é surreal, inverosímil enquanto habitat humano. As escadas são tão íngremes como as escadas das falésias das praias semidesertas do Alentejo. À inclinação geográfica junta-se a fúria eólica. Lá em cima, o sopro do vento é ininterrupto. O vento não aparece, *está*.

Naquela época, a ventania fazia remoinhos que levantavam sacos de plástico, papelada e pó, muito pó. Vivia-se dentro da poeira. Mesmo em frente à janela de João Miguel e um pouco por todo o lado, os prédios na fase dos caboucos eram uma praga. No topo da rua, mesmo na crista do monte, estavam a construir uma escola secundária gigantesca, oito pavilhões, dois campos. Montes de cascalho e areia estavam sempre espalhados nas bermas, areia branca, areia amarela, areia laranja, pareciam amontoados gigantescos de especiarias. Claro que o vento pegava nestes condimentos para cozinhar um novo conceito de ar. Os locais não respiravam, arfavam. O sabor permanente a pó na língua e na garganta até podia ser mais sufocante do que o cheiro a alcatrão. E ver podia ser tão custoso como respirar: o pó entrava nos olhos, forçando as pessoas a cerrá-los e a andar de cabeça baixa. Era ainda impossível ter a roupa nos estendais, o pó colava-se aos tecidos ainda molhados como pão ralado. Aquela infame e inestética hera de alumínio, a marquise, crescia sem parar por esta razão: era uma estufa que permitia secar a roupa.

Pior do que o pó na garganta, nos olhos e na roupa só mesmo o próprio guincho do vento, sobretudo quando uma rajada era forçada a passar em vielas e becos apertados; protótipos de aviões podiam ser testados nestes túneis de vento a que os indígenas chamavam ruas. Além da chiadeira do vento, ouvia-se os seus efeitos secundários: o ruído dos bagos de pó a bater nos vidros como tiros de pressão de ar, os vidros das janelas abanando nos caixilhos, o barulho incessante dos arames dos estendais, da madeira dos taipais e dos tapumes de chapa, dos andaimes, das garrafas e tubos de PVC branco que rolavam na rua, do arvoredado ralo do descampado em frente. Sim, um raro descampado. Do outro lado da rua, esta charneca ficava atrás dos prédios ainda em construção defronte ao prédio de João Miguel; era a fronteira natural entre o Janeirinho e o bairro vizinho a norte, o Monte Eulália. As rajadas deixavam neste baldio um rasto de arbustos e canas a partir, de madeira a ranger e de plásticos a bater aqui e acolá. Era impossível ter silêncio.

Se a natureza era imprópria para humanos, a construção sugava a humanidade que restava aos nativos. As obras não pararam durante anos. Um comboio de carrinhas brancas trazia todos os dias centenas de trabalhadores da construção civil que empestavam o ar com o miasma da cirrose e com o mau hálito da cárie, cheiros que competem com qualquer fuligem industrial. Mesmo quando as obras acabavam numa rua ou zona, a sensação de inacabado não desaparecia. Os prédios pareciam desenhos de crianças: um cubo de papelão com uma porta e algumas janelas, só; nem telhado tinham. As paredes eram tão finas que pareciam mesmo de papel, não isolavam as casas contra o ruído, frio e calor. Ele dormiu na banheira algumas vezes neste verão para escapar à canícula. Não eram edifícios, eram tendas de tijolo. Prédios com um, cinco ou dez anos já pareciam ruínas de uma civilização desaparecida. Os estores acamavam o fumo negro como as janelas da serra acamavam

a brancura da neve; se não estavam assim imundos, os estores estavam avariados, não desciam nem subiam. O bolor das infiltrações, que oscilava entre o negro fétido e o verde-musgo, enegrecia as fachadas. Quando não havia infiltrações, a tinta secava, escamava e caía como a pele da serpente. A pintura nova nunca chegava apesar da proximidade das fábricas de tintas, como a da prima Dulce, que injetavam no ar uma peçonha arroxeadada. As paredes tinham sempre buracos, remendos ou fissuras que lhes davam um aspeto desleixado. A tela isolante formava bolhas como pele queimada; quando rebentavam, libertavam um pus negro que escorria paredes abaixo. Nada parecia acabado ou pensado. Era como se as pessoas vivessem em declives e tocas descobertas por acaso e não em casas construídas de propósito. O apartamento de João Miguel tinha esta fragilidade provisória de toca. Na parte da frente, a parte oficial, era mesmo uma cave. Nas traseiras, porém, tinha a altura de um primeiro andar, pois o prédio havia sido construído num declive. A rua das traseiras, que era um beco, era dois andares mais baixa do que a rua da frente. A estranha cave da família Correia Guedes até tinha uma varanda que ligava a sala ao quarto de Romão e Augusta. Esta incoerência arquitetónica salvá-lo-ia da vergonha do pobre: disse inúmeras vezes aos colegas que vivia num primeiro andar, o que era metade verdade. A rua de baixo, o tal beco, e a rua de cima estavam ligadas por um lanço de escadas que também era bizarro: passava literalmente por dentro do prédio ao lado. Não, este lanço de escadas não estava num espaço livre entre os dois prédios, era na prática um túnel inclinado escavado no prédio contíguo à direita e, portanto, distava apenas dois ou três metros da parede onde estava encostada a cama de João Miguel. Durante o dia não ouvia nada, mas, se alguém ali passasse à noite, ouvia os passos. Não era raro acordar sobressaltado como se estivesse a ouvir passos furtivos de um estranho dentro de casa.

Esta paisagem natural e humana gerava uma fadiga animal nas pessoas, que eram moídas por este adamastor com músculos de alcatrão e tendões de tijolo, o Janeirinho. As casas, que eram celas gélidas ou galinheiros abafados, o pó nos olhos e na garganta durante o verão, a lama nos sapatos durante os dilúvios do inverno que provocavam aluimentos constantes, o vento nos ouvidos e no corpo, o vapor ondulante do alcatrão que brotava do chão quente, as paredes infiltradas ou esburacadas, a ausência de espaço, de ar, de árvores, de sombras, de chafarizes, o vaivém entre o bairro e Lisboa que demorava horas no suplício do trânsito, a estafa que era viver num sítio onde ir ao talho implicava subir rampas e escarpas enquanto se respirava o pó branco do mármore desfeito pelo ponteiro e o pó azulado do metal desfeito pela rebarbadora — tudo isto transformava os indígenas em criaturas arfantes e alquebradas, um povo não de cidadãos mas de cativos.

Job

SENTIA-SE CATIVO. Sentia o bairro como um cárcere e a sua própria casa como a cela — a solitária. Sentia-se sempre a uma nesga do choro, até porque a mãe insistia num pormenor que o empurrava até ao precipício: exigia que ele fosse à rua sozinho fazer recados e avios. Se tinha adiado até ao limite a primeira viagem até às portas de Lisboa, agora também adiaava a primeira incursão pelas ruas do Janeirinho. A angústia sufocava-o como um saco de plástico enfiado na cabeça. Quando ouvia os rapazes da rua, o coração disparava. Claro que o chefe da alcateia, aquele minorca malcriado de olhos verdes, cabelo rapado e voz de general, era o seu maior medo. Na única vez que abriu ao de leve a janela do quarto para o espreitar, o outro, com dotes de bruxo, adivinhou e olhou de chofre para a janela. Havia nestes rapazes uma raiva intrínseca na voz e nos gestos, era como se a agressividade fosse a sua única moeda de troca. Quando jogavam à bola mesmo à frente da janela, João Miguel conseguia ouvir os corpos a chocar uns nos outros, as caneladas, os carrinhos num chão de alcatrão, os encontrões, os desafios: «Tá mazé calado senão apanhas no focinho!, Foi falta o caralho!, Vai comer no cu, paneleiro do caralho!»

Já não tinha idade para aprender asneiras novas, mas aprendeu sem dúvida novas combinações de palavrões, que, para sua enorme surpresa, eram atiradas aos adultos e até aos próprios pais e avós. O duende dos olhos verdes e os outros violavam o princípio central da educação de

João Miguel: o respeito litúrgico pelos mais velhos. Quando as mães os chamavam das janelas, eles respondiam: «Já vou, caralho!», «Espera, foda-se!» O gnomo petulante até a avó insultava: «A puta da velha!»

Na época ainda havia poucos carros, o trânsito só aumentava nas horas de ponta. Ao longo do dia, era possível transformar as ruas em campos de futebol. Quando ouviam um carro a aproximar-se, eles paravam o jogo e insultavam o condutor. Também atiravam ovos e lixo às janelas dos motoristas dos autocarros.

Augusta não insistia para que João Miguel brincasse com eles. Ela desconfiou sempre das «companhias». Os da aldeia eram «parolos», os filhos dos emigrantes que apareciam no verão eram uns «malcriações», estes eram «gandulos». O seu menino estava à parte, o seu cesto à Moisés haveria de seguir sozinho. Augusta exigia, porém, o óbvio: ele tinha de saber andar sozinho no bairro. Convenceu-o com um argumento lógico: «E quando começar a escola, como é?»

As pessoas ainda andavam a pé. Augusta e Romão ainda eram do tempo em que as pessoas andavam as quatro horas entre a aldeia e a vila no meio da serra. No campo ou na cidade, ainda se pensava as distâncias com a mentalidade de uma espécie animal dotada de membros inferiores; quando lhe garantia que «era um quarto de hora», a mãe estava a dizer-lhe que tinha de caminhar quinze minutos até à escola. E tinha mesmo: chegar à escola no carro do pai era uma forma de suicídio social. Era preferível ter medo das ruas do que ter fama de medricas ou menino do papá. «Tens de te amañhar sozinho! Tens de ser homenzinho.»

No primeiro dia em que é homenzinho, a tarefa atribuída pela mãe é simples. A mercearia que serve a zona fica numa praceta nas traseiras,

para lá do beco. A mãe já a frequenta mas neste dia está fechada. Em alternativa, ele tem de descer a rua e ir fazer um avio no café ao fundo da rua. É o avio clássico destes primeiros meses de pobreza urbana: cem gramas de fiambre, vinho de pacote, uma dúzia de ovos, quatro ou cinco papo-secos, cem gramas de queijo flamengo, dois pacotes de leite. Esconde o medo, morde os lábios por dentro até sentir o sal do sangue. São seis ou sete da tarde. Aponta a lista de compras num papel que agarra com toda a força com a mão direita, é como se aquele papel fosse a sua boia de salvação, atira-se à água, sai de casa, nas escadas do prédio esconde por instinto a nota numa meia, atravessa a porta do prédio com o coração a cavalgar o esterno, que ameaça estalar como um casco de madeira no mar alto. Em direção ao tal café, tem de andar para a direita e descer a rua cerca de duzentos metros. Os carros estacionados engolem parte do passeio e afunilam a passagem. Poucos metros à frente, os rapazes da rua estão sentados no sítio do costume: a caixa de eletricidade à boca do túnel das escadas que dá para o beco. O coração acelera ainda mais, sente a pulsação nas virilhas, parece que vão rebentar. Tem de passar mesmo junto deles; a um metro de distância, calam-se e olham-no, uns com ar feroz, outros com ar trocista. O líder, o caga-tacos de olhos fluorescentes, não está. Ao leme está o imediato: é um calmeirão; é altíssimo como João Miguel mas também tem o caparro de um fuzileiro. Usa expressões que João Miguel não entende, «cromo» e «bazar». Os outros repetem. Não compreende a substância das palavras. A entoação, essa, é clara: estão a escarnecer dele. Continua a descer. Dos recantos dos prédios à esquerda, saem miúdos mais pequenos correndo atrás de bolas e homens com a sacola da marmitta correndo atrás de autocarros já cheios de gente suada e apertada contra os vidros. João Miguel mexe e remexe na lista de compras, que fica amachucada dentro da mão. Aproxima-se da esquina. Sabe que tem de

cortar à direita para entrar na rua que continua a descida. A esquina assusta-o. O que está do outro lado? Desesperado, sussurra a cada passo: «Mas o que é que eu estou aqui a fazer?» Dobra a esquina de olhos fechados.

Nesta nova rua ainda mais inclinada, parece um declive montanhoso, vê à direita o acesso ao beco das traseiras e à esquerda o tal café, o Café Carminho. É um dos raros espaços de convívio. Tem um anexo exterior, uma marquise gigante de alumínio verde onde estão mesas de matraquilhos. As raparigas que viu no primeiro dia ocupam as mesas ao lado dos matrecos. São miúdas que só conhecia da televisão: o azul justo da ganga sublinha as cinturas, as ancas, as pernas; usam blusas decotadas; os cabelos são compridos, ondulados, volumosos. Acordam partes do corpo de João Miguel até agora adormecidas; formam a senha visual que o atira enquanto macho debutante da espécie. Parece, porém, que não é um macho apazível: algumas apontam para ele em sinal de escárnio sem se importarem com o que ele possa pensar daquelas sinaléticas de desprezo, apontam como se ele fosse cego. O coração chega à ponta dos dedos, que latejam. Agora todas olham e apontam. O aspeto serrano de João Miguel causa-lhes aquela sensação de vergonha alheia. A pele dele, curtida pelo frio e tisonada pelo sol, é rugosa como xisto. O seu vestuário é provinciano, tem sapatos de sola à velho e os calções de cotim foram feitos pela mãe — elas já só têm roupa comprada em lojas e centros comerciais. Num segundo despertam-no enquanto homem, no segundo seguinte humilham-no enquanto homem. O tribunal das musas é inequívoco: é feio, um parolo espezinhável, o bobo involuntário que diverte Suas Excelências. As lágrimas não lhe vêm aos olhos porque ainda nem sequer percebe o peso desta humilhação pública às mãos da beleza feminina.

Atravessa o anexo e entra no café, mesas de fórmica, balcão de alumínio, um cheiro a lixívia e a asseio forçado. Relaxa um pouco, abre a mão e endireita o papel amachucado. A clientela encara-o com pena. Abeira-se da dona que está atrás do balcão e tropeça nas palavras. Não fala, balbucia. Fazer um pedido de cem gramas de fiambre é como estar numa prova oral de uma matéria desconhecida; as palavras andam à roda na cabeça como os números do totoloto na tómbola giratória. No vexame acaba por ter sorte: a Dona Carmo topa-o à distância. Encara-o com clemência, deixa-o entrar dentro do balcão abrindo os braços, baixa-se e diz baixinho: «O que tu queres, amor?, deixa lá ver o papel.» Começa a soluçar. Longe do olhar coletivo do café, lê baixinho a lista de compras, as palavras saem perceptíveis porque sussurra ao ouvido da senhora. Assim que ela lhe entrega o troco e o saco com o avio, sai num passo de marcha olímpica para que as musas não reparem de novo nele. Sobe a rua. Apesar da inclinação, o coração desacelera. Pensa que o dia de treino já acabou. Pobre coitado. Quando se reaproxima da caixa de eletricidade, o pouso do bando, o pigmeu de olhos esmeralda já está na liderança da canalha que forma um corredor humano no único sítio por onde ele pode passar. Podia flanqueá-los, saindo do passeio para usar a estrada. Esta é, porém, a altura do dia em que a rua se enche de carros e, além disso, essa seria uma manobra de uma cobardia demasiado explícita até para ele; seria derrota por falta de comparência. Não tem outro remédio senão passar no corredor formado por dez a quinze rapazes. Murmura a cada passo: «Porquê isto?», «O que é que eu fiz pra merecer esta merda?»

Com os olhos no chão, sente que vai perder o controlo sobre o corpo, mas lá vai andando pé ante pé com o saco do avio colado ao peito. Quando por fim levanta a cabeça, repara que o corredor parece uma fumarola: fumo ou vapor sai daqueles corpos quase nus; estão todos

vestidos com calções minúsculos e t-shirts de alças. Deitam literalmente fumo da pele. Defende-se por instinto, elevando os ombros para proteger a nuca. Contudo, nada acontece. Só sente a respiração deles no cabelo. Porque não consumam a agressão? Porque ele é alto? Não. É alto mas frágil, é uma pileca alourada ao pé de alazões, um *Jolly Jumper* ainda mais enfezado. Não há murros, cabeçadas, parálíticas, calduços ou carolos. Ficam parados. Nem sequer o olham, qual pelotão disciplinado. À sua frente, o líder é o único com movimento, fuma um cigarro displicente, está a tapar a saída do túnel, tem a bola debaixo do pé direito. É uma notável encenação de poder. Se dá a ordem, os outros desfazem João Miguel. Não dá essa ordem. Rodeado pelo fumo da pele e do tabaco, o líder abre um sorriso sacana e dá um passo à retaguarda, abrindo o túnel para deixar passar João Miguel. Este acelera o passo, olha à esquerda para o túnel das escadas que escava o prédio encostado ao seu: apetece-lhe escorregar por ali abaixo como um fiapo de água.

«Mas o que é que eu estou aqui a fazer?»

Chega à porta do prédio. Demora imenso tempo: abrir este trinco requer um truque que ainda não domina, há que puxar a porta com a mão esquerda e só depois é que se gira a chave com a mão direita. As tentativas falhadas e as consequentes risadas do bando fecham o vexame: perde o controlo do corpo durante alguns segundos; a humilhação escorre, incógnita, pernas abaixo. Lá consegue abrir a porta. Num relance final, olha para onde devia estar o bando mas já só vê fumo.

Marcos e Ana

PORQUE É QUE AUGUSTA E ROMÃO, os pais de João Miguel, aceitaram viver neste calvário empoleirado sobre Lisboa? Porque é que aceitaram que o êxodo era um fluxo natural inexorável, tão imparável como as avalanches? João Miguel fez esta pergunta milhares de vezes. Acampou na fronteira pantanosa entre a sanidade e a loucura à procura da resposta. Já com lodo pelo nariz, isolou duas hipóteses: ódio ou liberdade.

Romão era o mais novo de sete irmãos, quatro rapazes e três raparigas: Isaías, Jacinta, Romeu, Crisóstomo, Maria Antónia, Silvina, Romão. Deviam ser dez. Três foram levados pelos nevões. O frio era um deus com este dízimo peculiar. Quando a avó Eduarda rezava o pai-nosso, João Miguel não percebia se ela procurava a misericórdia cristã ou se procurava os favores deste Moloch gélido que lhe levava três crianças e que continuava a levar um ou outro bebé da aldeia. Não se passava um inverno sem que pelo menos uma mãe de São Jerónimo perdesse um filho para a tosse. Sentada à lareira para evitar estas navalhadas do rocío, a avó rezava baixinho enquanto fiava lã com a roca e o fuso. E ele não percebia se ela pedia esperança enquanto irmã ou se pedia clemência enquanto escrava.

«Pai nosso que vindes do céu,
santificado seja o vosso gélido nome.»

Contra a sua vontade, Romão foi o único que ficou na serra gelada junto dos pais aquando do primeiro êxodo. Como todos os outros irmãos, devia ter imitado a migração original de Isaías, o primogénito; um percurso com dois pontos de passagem, a guerra e Lisboa. Ir às sortes era a paradoxal libertação destes homens asfixiados pela serra; Isaías, Crisóstomo e Romeu diziam vezes sem conta que a melhor altura das suas vidas tinha sido a guerra. O camuflado era um tapete voador, viam o mundo, tiravam pelo menos a terceira classe, os seus pés conheciam por fim calçado bom, aprendiam mesteres citadinos, como conduzir automóveis, mecânica, enfermagem, transmissões, eletricidade. Depois de terem sentido o prazer que é localizar o inimigo no radar e enviar o azimute para a artilharia, como é que aceitariam voltar para a clausura monástica da montanha? Depois de terem dominado a eletricidade, como é que aceitariam voltar à escuridão do inverno serrano salpicado aqui e ali por velas e candeeiros a petróleo? Depois de se terem lambuzado na boémia de Lisboa e de Luanda, como é que aceitariam voltar à pudica aldeia? O outro passo da libertação, que podia acontecer antes ou depois da tropa, era a fuga para Lisboa à procura de emprego na indústria ou na construção.

Romão sonhava estar em Lisboa aos quinze anos como os irmãos Crisóstomo, Silvina e Maria Antónia. Foi, contudo, esmagado pela roda da história. De súbito, a guerra acabou e o grande crescimento deu lugar à estagnação. O êxodo estancou. Por não ter conhecido o horror da guerra, Romão conservou uma doçura que se evaporara da mente dos irmãos e cunhados. Essa meiguice intocada pelas cicatrizes visíveis e invisíveis da guerra teve todavia um preço: a miséria e o isolamento da montanha. Foi preciso esperar quinze anos para que o país voltasse a ter nova bonança e novo êxodo rumo a Lisboa. Nesta década e meia de espera, Romão amanhou-se, sobreviveu. O avô Manel teve sempre uma

oficina montada num barracão de madeira ao lado da criação; essa foi sempre a verdadeira casa do silencioso Romão; falava mais e melhor com pregos, tornos e maçaricos do que com pessoas. Acabou por se tornar o biscateiro-mor da região, sabia fazer tudo com as mãos, era marceneiro, canalizador, electricista, pedreiro, soldador, o que calhasse. Até que surgiu a sua oportunidade ainda antes dos vinte. Aproveitando um empenho do pai, Romão trabalhou durante anos no programa de construção de barragens e condutas como soldador, um ofício que dava muito dinheiro. O soldador é a aristocracia do operariado, o sargento com potencial de oficial. A experiência abriu-lhe a cabeça: passou cerca de uma década a trabalhar com gente de todas as províncias e de todas as classes, conheceu engenheiros e doutores do Porto, Lisboa e Coimbra, em relação aos quais não se sentia inferior na inteligência. Comprou a motorizada, passou a ir aos bailes da vila. Num desses bailes conheceu Augusta. Quando casaram, construíram aquela casa pelintra, um anexo de tijolo reles colado à dignidade do granito e do xisto da casa dos avós.

Augusta mudou tudo.

A avó Eduarda tratava o filho mais novo por «o meu Romão». Aquele «meu» era um reforço sentimental que dava ao caçula, o único que não desertara para Lisboa. Eduarda via a emigração para Lisboa não como uma oportunidade mas como uma deserção. Quem ia cuidar dos campos e serras se todos fossem embora? E quando tudo começasse a arder? Só iam pensar nisso quando as cinzas dos incêndios entrassem na água das torneiras dos senhores doutores de Lisboa? Durante anos não falou com Isaías e Jacinta, os primeiros a desertar. Romão era, por isso, o «meu Romão». Só que o pronome carinhoso caiu aquando do grande diferendo familiar: a saída de Augusta da fábrica. Eduarda achava que o filho devia ter forçado a mulher a ficar na fábrica do Engenheiro Mendes. Como não o fez, era um badameco, era apenas «o Romão». Por

vezes, Eduarda até entrava nos terrenos da alcunha que a aldeia lançava contra Romão nas suas costas: o Flor ou Florzinha. A reputação de cada homem dependia da capacidade que ele revelava para afugentar estas alcunhas amaricadas. Eduarda contribuía para a castração social do filho. «Como está o meu filho? Qual deles? Aquela florzinha, que nem na mulher tem mão?», sibilava ela na venda.

Qual era a versão oficial da desavença familiar? Assim que chegou à aldeia, Augusta começou logo a trabalhar na fábrica de lanifícios da família Mendes, o único empregador de São Jerónimo. Eduarda nunca escondeu a frieza em relação à misteriosa nora: Augusta, um pouco mais velha do que Romão, era demasiado batida e raçuda, demasiado bonita e diferente. Eduarda fez no entanto o seu dever: falou com o Engenheiro Mendes.

— É esta a sua nora?

— Sim, senhor engenheiro.

— Vamos ver do que ela é capaz.

Era muito capaz. Começou nos teares que faziam fazenda através de batentes hidráulicos alimentados pela corrente ininterrupta de uma das nascentes do rio, mas o Engenheiro Mendes cedo percebeu que Augusta era mal empregue enquanto ama-seca destas máquinas que aplicavam o princípio da azenha à compressão de lã. «A moça tem jeito», sentenciou.

Passou a debuxadora. As máquinas debuxadoras desenhavam o padrão e as cores da fazenda; o debuxador era o tecelão do próprio tecido. Sucede que esta secção era exclusiva de homens, que reagiram mal à presença desta catraia tão pispineta. Para evitar problemas, o Engenheiro Mendes transferiu-a para o cérebro cem por cento feminino da fábrica: o corte e costura. A par das outras costureiras, Augusta começou a desenhar e a coser ensaios reais de vestidos, de saias, de

casacos e até de malas de fazenda até acertar no corte certo. Era este, aliás, o guarda-roupa de inverno de Augusta: os vestidos e casacos inacabados que ficavam esquecidos em cima das bancadas ou em cruzetas. Augusta era a única das costureiras que tinha coragem para usar aquela roupa ousada em São Jerónimo. Com temperaturas negativas lá fora, o atelier estava cheio de roupa de fazenda feminina que as outras recusavam usar. Elas sentir-se-iam ridículas se vestissem aqueles casacos finos, sentir-se-iam na violação do decoro. Entre passar frio respeitando a hierarquia social ou não passar frio desrespeitando os códigos da aldeia, elas preferiam a primeira hipótese. Augusta, por sua vez, não vestia aqueles trajes por causa do frio; vestia-os para desrespeitar a ordem social. Este arrojo na aparência era a medida certa da sua ambição: uma ambição que estimulava Romão na igual medida em que irritava Eduarda. O que azucrinava a avó não era a possível fama de puta ou desavergonhada da nora. A roupa não era provocante ou cafona. O que a importunava era o desrespeito de Augusta pela roda do mundo: aquela roupa elegante era para a senhora Mendes, para as senhoras da vila e sobretudo de Lisboa, Coimbra e Porto; não era de certeza para uma camponesa ou mesteiral de São Jerónimo. Onde Romão via uma mulher atraente, Eduarda via uma mulher ridícula; não a puta, mas a maluca da aldeia, uma mulher sem noção do seu lugar no mundo. «Porque é que Deus Nosso Senhor me havia de dar uma nora assim?», dizia Eduarda para quem quisesse ouvir.

Augusta tinha uma centelha indomável. Os vestidos que fazia eram imprevisíveis; as mangas, as abas, os colarinhos e os bolsos tinham sempre um elemento inesperado, um corte diagonal, uma faixa de uma cor explosiva, uma curva onde devia estar um corte a direito e vice-versa. Este jeito tornou-a famosa nas redondezas. As mulheres dos industriais e proprietários de toda a região serrana vinham de propósito

à «Augusta do Mendes». Este talento foi a causa do choque com Mendes. Ele começou a ter ciúmes, ela saiu. Eduarda nunca aceitou a desfeita. Augusta faltara-lhe ao respeito. Afinal de contas, ela recorrera ao estatuto de paroquiana de primeira fila para orientar a vida da nora e agora a outra fazia-lhe aquela desfeita! Como se atrevera a melindrar o Engenheiro Mendes? Como se atrevera a gerar falatório? Como se atrevera a atrair para a família Correia Azul a lanterna da má-língua, que, no escuro gelado do inverno, escolhia todos os anos um alvo para iluminar? Como se atrevera a empenar a roda do mundo?

Fiéis ao talento de Augusta, muitas senhoras continuaram a procurá-la depois da saída da fábrica. Augusta apelidava estas senhoras de «madames», uma expressão que tinha tanto de desdém como de admiração. As tais madames apareciam lá em casa para encomendar vestidos novos feitos com outros tecidos além da fazenda: linho, cetim, tafetá, musselina, até seda. Para as filhas pediam peças em ganga e chita. Era curioso como as jovens herdeiras, tratadas por «meninas», viam no algodão brega um sinal de modernidade, considerando que os tecidos e os vestidos clássicos das mães eram coisas de velha. Mães e filhas traziam revistas cor-de-rosa com os modelos desejados e os tecidos comprados nas boutiques de Lisboa, Coimbra e Porto. Deixavam-se tocar pela fita métrica de Augusta e ficavam ali a observar o trabalho da modista genial, tal como João Miguel, que era lambido por uma pele de galinha viciante quando ficava quedo a ver o mester da mãe. Esta sensação marcá-lo-ia até ao fim da vida: se a rececionista do consultório preenchesse a sua ficha à mão com uma cuidada caligrafia, ele sentia de imediato o despertar da lanugem do corpo inteiro; no Natal fazia questão de entregar os presentes às meninas dos embrulhos, porque sabia que ia ficar ali paralisado, arrepiado, deleitado com todos os pelos do corpo em sentido; sentia o mesmo quando o canalizador passava massa vedante

nas juntas dos canos ou quando o eletricista protegia um fio com fita isolante. É como se sentisse uma irmandade eterna e silenciosa com qualquer manifestação de trabalho manual e delicado, como aquele que a mãe executava à sua frente com as linhas, agulhas e giz.

Estes momentos funcionavam como a catarse delicada da brutalidade da pobreza; a beleza dos gestos de Augusta era um eufemismo que escondia a miséria aviltante como um véu. Mais tarde, já em Lisboa, nunca escondeu a pobreza suburbana, mas demorou imenso tempo a deixar cair este véu que escondia a sua infância rural. Nas conversas com os seus amigos lisboetas, invocava, por exemplo, «uma infância austera», que até soa bem, em vez de descrever em pormenor a indigência. Até preferia dizer que tinha sido um privilegiado, pois tinha beneficiado dos salários do pai e avô e, mais tarde, da reforma do avô, três almofadas que o elevaram um milímetro acima da penúria geral. Ao contrário de outros, nunca passou fome e até tomava banho com alguma frequência, uma vez por semana, ao sábado ou domingo, no grande alguidar de esmalte. Passou frio, claro, mas, ao contrário de muitos outros, nunca passou por um frio de morte, tinha calças de saragoça e bons cobertores. Na terra da lã, muita gente passava frio, os cobertores estavam no prego ou não existiam. Ao falar nestes termos macios, ele evitava dizer que, apesar de nunca ter passado fome, viveu em permanente má nutrição na aldeia. A dieta proteica não corria forte na família. Comiam o caldo, trincavam pão de centeio com toucinho ou queijo; nacos de carne eram raros, peixe só na forma de carapau frito ou sardinha em lata. Também evitava mencionar os dejetos das casas a rolar na rua durante as enxurradas do outono ou o esterco coberto por uma película de moscas no pico do verão; evitava descrever aquelas ocasiões em que teve de amANHAR a courela da avó apesar de estar com febre; evitava registar as humilhações no liceu às mãos dos «meninos» da vila

durante o quinto ano; evitava descrever o fedor do seu cabelo ruço e crespo — fumo entranhado no sebo dos caracóis. Na conversa com os lisboetas, preferia falar-lhes da «força telúrica do granito» do que daquela vez que tropeçou num cadáver no caminho das courelas: era Amélia, a mãe de Mariana, sua vizinha e irmã de leite; esta senhora tinha ido amanhar a courela dois dias depois de ter dado à luz novo bebé, porque mais ninguém o podia fazer — o marido estava na França. O talento de modista de Augusta envolvia esta miséria feia, porca e má num embrulho remotamente humano.

Quando as tais madames apareciam no terreno da família Correia Azul, a avó Eduarda curvava-se e fazia conversa de criada à antiga: «Então o senhor seu avô e a menina sua irmã como passam? E vossa mercê?» O pai Romão e o avô Manel desbarretavam-se e baixavam os olhos, um instinto de escravo que irritava Augusta. Enxotava-os e a seguir tratava as clientes sem subserviência ou simpatia, apenas com a cordialidade da comerciante. Elas perguntavam se os vestidos estavam prontos. «Não, não tão», costumava ser a resposta. E Augusta realçava a negativa encarando-as com aqueles olhos achinesados que intimidavam. «Voltem na quarta-feira!», continuava Augusta. As madames ficavam atordoadas com a subserviência nula, com o desprezo que Augusta sentia pelo girar da roda do mundo no seu eixo eterno. No entanto, no final do dia, o jeito da modista pesava mais do que a petulância da camponesa que não tinha noção do seu lugar. Por vezes, quando Augusta não estava, as madames metiam-se com João Miguel:

— És tu o filho da Augusta?

— Sim, senhora.

— Ela demora?

— Sim, senhora — respondia ele de novo já a tremer de vergonha; juntando todas as forças, lá dizia o que era suposto: — A mãe mandou

dizer que vai demorar um pedacinho.

— Não faz mal. Tens uma mãe muito prendada, sabias, rapaz?

— Sim, senhora.

Estas senhoras aproximavam-se com uma certa relutância, tinham nojo do fedor desta criança, suor e lume entranhados nos poros como pontos negros; a dois braços de distância, deixavam-lhe sacos com livros velhos. «Coitadinho, diz que até é bom aluno», diziam umas para as outras como se ele fosse surdo. Estes livros eram sobretudo bandas desenhadas, as óbvias como Lucky Luke, Tintim e as aventuras de Burroughs, Tarzan e John Carter, mas também outras mais sofisticadas de ficção científica, histórias que fundiam passado e futuro, aventuras de mamutes transformados em robôs de ataque e atirados para um cenário futurista ou viagens ao passado dos zepelins nazis. João Miguel lia e relia estes álbuns e tentava imitar os desenhos. Por vezes, levava as histórias por outros caminhos, fazia a sua própria novela gráfica a partir daquele material original. Desenhava nesta altura com apenas um lápis de carvão e um conjunto de seis lápis de cor. Seis. Nesta arte do improvisado, a mãe fazia algo parecido com os tecidos. A perdição de Augusta era inventar peças novas a partir dos desperdícios: estojos, pantufas, meias, camisolas, pastas, mochilas, cortinas. João Miguel usou sempre mochilas e estojos feitos pela mãe. Na serra, eles não sabiam o que era um pronto-a-vestir e nas feiras dos tendeiros pouco ou nada compravam, porque Augusta desconfiava da qualidade. O quotidiano daquela casa era pautado pela máquina de costura, que ficava no quarto, o mais longe possível da lareira e do cheiro a lume, embora com ângulo de visão para a televisão. Esta máquina de costura era, de resto, o único objeto de relevo daquele tugúrio de telha-vã. Tinha só duas divisões, o quarto e a cozinha, que não era a cozinha no sentido moderno e urbano — era o coração da casa. Era ali que tinham o lume que expulsava o frio

e que aquecia o caldo, era ali que tinham uma mesa que era de jantar, estar e estudar: João Miguel desenhava e fazia os deveres naquele tampo sempre sulcado de migalhas, farripas de chouriça e moscas mortas — Augusta nunca foi de limpezas, o que enervava ainda mais a avó Eduarda. Era ali, na cozinha, que tinham a bacia de esmalte para se lavarem de manhã com água da nascente que era preciso ir buscar caso os cântaros estivessem vazios. Era ali que estava um baú de roupa que também servia de móvel para a televisão, a única prova de que tinham eletricidade. A luz elétrica era uma novidade com cinco ou seis anos. Ele lembrava-se bem do dia em que os homens da elétrica ligaram a casa à rede e ao mundo. Cheirava sempre a lume e o chão era de terra batida, embora já estivesse protegido com uma espécie de alcatifa plastificada com hexágonos castanhos. A segunda divisão, o quarto, ficava à esquerda da cozinha. Quando João Miguel nasceu, foi dividido por uma parede: quarto dos pais à direita, quarto de João Miguel à esquerda e com a janela sobre uma nascente de água que ia dar ao rio. Este subquarto era minúsculo, não cabia ali uma mesa; ele só podia ler e escrever na cama. Não tinham água canalizada e casa de banho no sentido urbano; encostada ao quarto, havia uma improvisada latrina, embora o mato continuasse a ser a melhor opção, pois viviam na distante e isolada orla poente da aldeia.

A humilhação imposta por este casinhoto tornou-se ainda mais acesa quando o pai perdeu o emprego. Ter os dois pais desempregados dá uma sensação de desamparo única, é como se a pessoa fosse órfã de facto embora não de jure. Depois da saída da mãe da fábrica, o pai também ficou sem trabalho com o fim do programa das barragens. O avô Manel reformou-se, mas Romão, com vinte e muitos, ficou sem trabalho. Soldador era emprego de cidade. Voltou aos biscates, uma vida que já não dava para um homem casado. Quando deixaram de projetar

barragens e aquedutos, os engenheiros de Lisboa passaram a projetar vias-rápidas cujos túneis e viadutos prometiam a modernidade. Dizia-se que a aquela geração ia por fim vingar o isolamento de mil gerações. Debalde Romão tentou entrar nesta empreitada; os empenhos na elétrica e na companhia das águas não serviam de nada na junta das estradas. Também era demasiado velho para entrar como aprendiz nas fábricas de lã. Restava emigrar, mas ele não queria ir para a França como os outros que deixavam as mulheres sozinhas em Portugal muitos meses ou mesmo anos; antes a fama de sorna do que a fama de corno. Ele já ouvia o que os outros sopravam: «Ali o Florzinha não tem mãos pra aquilo.» «Aquilo» era Augusta. Deitar-se com a mulher mais bonita da região era o que lhe restava.

A penumbra instalou-se, até porque Romão tinha de se humilhar perante a mãe, Eduarda, a generala inverno. O dinheiro que Augusta fazia com a costura não chegava; tinham de pedir ajuda aos avós. Eduarda nunca recusou uma malga de caldo, até gostava de sentir gente debaixo do seu poder, mas claro que transformava as refeições num ato de coragem da parte de João Miguel, Romão e Augusta. Eduarda podia embrulhar a comida e levá-la à casa do filho. Eram dez passos de porta a porta. Mas, ora essa, fazia questão de sentá-los à sua mesa. Eram ceias gélidas; emborcavam o caldo e terrincavam o pão com conduto num silêncio só quebrado pelas farpas atiradas à saída intempestiva de Augusta da fábrica. «As moças d'agora não querem trabalhar», disparava Eduarda de cinco em cinco minutos; todas as conversas iam dar ao «as moças d'agora não querem trabalhar». Augusta engolia o caldo e a calúnia; Romão sentia vontade de responder à mãe, mas, desempregado e dependente, sentia-se fraco, calava-se. E ele, João Miguel? Ainda não sabia verbalizar o que sentia, mas era evidente que queria fazer mal à avó, desejava a sua morte em silêncio. Além das

bandas desenhadas de ficção científica, ele mantinha uma espécie de diário gráfico: a avó Eduarda aparece morta diversas vezes, decapitada, enforcada, estrangulada.

A penúria e a dependência reforçavam uma emoção já antiga: a inveja que Romão sentia pelos irmãos. E Augusta, claro, era o milagre da multiplicação desse rancor.

O trabalhador da cidade continua a ser pobre; está contudo a salvo do imprevisto dos meios rurais, não depende do biscate ocasional ou da jorna sazonal, tem um salário fixo no final de cada mês — uma utopia aos olhos dos rurais. Mesmo que seja baixo, esse vencimento mensal é certo, o que retira o trabalhador de algo ainda pior do que a pobreza: a imprevisibilidade, que é a verdadeira miséria. Esse trabalhador urbano vive de acordo com o calendário humano, turno de oito horas, o salário no final de cada mês. Ao invés, o rural vive debaixo do jugo imprevisível da Mãe Natureza, que é mais madrasta do que mamã. Há lã ou não? Há leite ou não? Há colheita? Se há, é generosa ou somítica? Há borregos e cabritos com fartura ou não? Há biscates ou não? Passam-se meses sem nada para fazer e depois há um mês de trabalho escravo. Os verdadeiros pobres são sempre filhos do estado da natureza.

Esta prisão cíclica mas imprevisível criava um desassossego que se escondia na placidez da paisagem. Havia entre os serranos uma raiva que usava a calma bucólica como camuflagem, uma raiva discreta mas sempre presente como o ruído da humidade nos cabos de alta tensão que uniam as barragens. Augusta tinha essa ira, Romão também. E era ateadada sobretudo pela família já radicada no conforto de Lisboa. Augusta vivia consumida pelo ressentimento em relação aos cunhados. Resmungava: «Os teus irmãos não te dão trabalho em Lisboa porque não podem comigo.»

Não era verdade. Portugal e Lisboa continuavam em crise, alguns tios e tias tinham perdido o emprego, algumas fábricas tinham fechado ou encolhido, não se construía prédios novos.

Na Páscoa e no Natal, os tios não vinham todos juntos. Não cabia toda a gente naquelas duas casas. A falta de espaço era uma boa desculpa, porque um Natal com Eduarda era um momento bélico. Metade da família ficava lá em baixo em Lisboa na horta da Ti Judite, essa espécie de irmã mais velha ou mesmo mãe emprestada dos tios, o que irritava sobremaneira a avó: «Essa Judite deve pensar que também os pariu.» Fosse como fosse, quando os tios apareciam, ficavam evidentes as diferenças entre o pobre remediado da cidade e o servo do campo. Os tios estavam ali a gozar férias pagas. Romão fazia um sorriso amarelo quando ouvia essa expressão surreal, «férias pagas». Ele nunca teve férias, quanto mais pagas! Mas a maior inveja vinha com pistões. Todos os irmãos já tinham carro. Romão andava de lambreta. Ter um carro era um sonho que partilhava com todos os rapazes e homens daquele tempo; o carro era a extensão da masculinidade e conduzir, o derradeiro ritual de passagem. Sentia-se um gaiato imprestável, porque comprar um carro era tão irreal como comprar um iate. Contemplava os carros dos irmãos e cunhados com um olhar ludita, mas, logo a seguir, era capaz de lhes pedir as chaves para passar meia hora a conduzir como um cachopo, dando voltas e voltas à aldeia em dois ou três carros diferentes. Saindo da orla poente onde moravam à margem da aldeia, ia até ao largo do pelourinho onde estava o solar dos Mendes, subia até à orla nascente onde ficava o largo da igreja, seguia em frente até à fábrica, dava a volta por cima passando na venda onde parava para que os outros homens vissem os carros, não percebendo que esta vaidade só o diminuía — os carros não eram dele. Ver o pai a roer estas côdeas

citadinas como um parolo deslumbrado era um espetáculo que o envergonhava.

Romão e Augusta invejavam a vida dos irmãos e cunhados, até porque sentiam que existia uma enorme injustiça: eles eram o casal mais novo e mais ansioso pela vida moderna. Sentiam que os outros tinham algo que não sabiam aproveitar. «Deus dá nozes a quem não tem dentes», ciciava Augusta como uma serpente desprovida de veneno. Ao contrário de Isaías, por exemplo, que ainda era pré-escola e pré-televisão, Romão e Augusta já haviam sido formados pela cultura televisiva e pelos currículos escolares emitidos pela metrópole. Num hábito estranho para os irmãos, Romão via filmes, sobretudo cobiadas e cobiadas japonesas com samurais. Isaías e os outros não conseguiam ficar sentados a ver um filme; não tinham mundo interior para suportar o silêncio e a suspensão da descrença durante hora e meia. Não concebiam a fruição da ficção. Por sua vez, Augusta via novelas que transmitiam uma moralidade e uma sexualidade modernas. Via concursos que ofereciam eletrodomésticos e utensílios que prometiam uma vida mais fácil, via reportagens em que o médico e o hospital eram figuras centrais. E esta era mesmo a fonte principal da inveja: o médico, ou a ausência dele.

Já não viviam na escuridão de outrora, já não viviam no tempo em que a única luz médica era a bondade do Doutor Bastos, médico rico que varria os montes em consultas gratuitas. Já era possível ir ao médico à vila. No entanto, as distâncias, a ausência de carro e a pobreza continuavam na prática a mantê-los debaixo da soberania da doença. É que a vila ficava a pouco menos de uma hora de lambreta nos altos e baixos daquela estrada. Além das distâncias que tinham a mais e do dinheiro e dos carros que tinham a menos, havia outra questão: por vezes, o máximo que o médico da vila conseguia era passar uma carta

para o médico de Coimbra ou Lisboa. E como é que se ia até Coimbra ou Lisboa? Como é que se ficava em Coimbra ou Lisboa a tomar conta de um filho acamado ou a fazer exames? A medicina já não era a utopia de outrora, mas ainda não era uma realidade prática para o dia a dia. João Miguel foi uma vez ao médico. Ao terceiro dia de febre, Romão levou-o à vila. A tremer de febre, agarrou-se ao pai na lambreta, quase uma hora para lá, quase uma hora para cá, no frio da serra. Nunca disse isto a ninguém por vergonha e por saber que este facto provocaria a incredulidade dos amigos e leitores da cidade. A miséria sem filtros soa a fábula negra aos ouvidos de quem nunca teve fome, frio e febre por tratar. A verdade, contudo, é esta: antes do êxodo, ele foi uma vez ao médico da vila. Não se podia queixar, porém. A sua geração foi a primeira a beneficiar de um programa de vacinas completo. Ele era ademais saudável para os padrões tísicos da pobreza serrana. Não estava, no entanto, imune aos sustos. Pensou mesmo que ia morrer naquela única vez que atravessou a serra num transe febril. A infeção na garganta, enorme abcesso de pus e expetoração, já não o deixava respirar. Foi a primeira e única vez que pensou que ia morrer; nas outras vezes pensou em matar-se, o que não é bem a mesma coisa: a sensação de desamparo de quem está à espera de ser levado desaparece quando se assume o controlo.

Esta ausência de controlo sobre as moléstias era precisamente o que desesperava Romão e sobretudo Augusta. Ninguém escapava ao medo de perder um filho para a roleta russa da doença. E o imprevisto da doença é pior do que a certeza da fome. Quando tem fome, o servo aguenta, bebe um copo de água e pensa que é leite, deita-se sabendo que poderá lutar no dia seguinte, poderá procurar comida nem que seja pedindo fiado ou descobrindo bagas e cogumelos. Mas, quando se deita doente sem saber a causa da doença, o servo sente que o amanhã não

existe, até porque está desarmado. Resta-lhe a efabulação do mundo. Quando tinha febre, João Miguel ia para a cama com um pano molhado na testa e a avó fazia-lhe uma reza queimando ervas, um método não muito diferente dos druidas que acompanhavam Viriato. Só podiam esperar que a febre passasse. Enquanto esperava, ele contava carneiros, lobos, lobisomens, mamutes quitados, centauros, cyborgs, cruzadores espaciais, pégasos. Quando tinha as mãos em ferida, a mãe só lhe podia deitar um fio de azeite nas gretas. Quando lhe doía a garganta, a avó preparava-lhe um unguento, ervas moídas e unidas com azeite, que era espalhado num pano de cozinha rasgado ao meio que depois era laçado à volta do pescoço. A amigdalite era tão misteriosa como as luas de Júpiter.

Este mistério impregnava tudo de superstição. A linguagem e os hábitos das mulheres estavam saturados de mezinhas, benzeduras e até maldições que remontavam às lendas dos mata-lobos e lobisomens. Eduarda acreditava mesmo que o demónio na forma de lobisomem rondava a montanha em determinadas noites do ano, acreditava que o pão não podia ficar virado para cima senão dava azar, tal como acreditava na existência do mau-olhado e na cura do mau-olhado (deitar azeite numa bacia de água), tal como acreditava que a roupa dos homens não podia ficar estendida em noites de lua cheia sob pena de eles ficarem acometidos por um cio incontrolável que conduzia a traições, tal como acreditava que crises de tosse e expetoração eram resolvidas com um alfinete de ama preso à roupa das crianças, tal como acreditava que a cura para «o bicho», a tuberculose, era umas pingas de petróleo do candeeiro misturadas com açúcar, a velha receita dos curandeiros. Naquele mundo era mais fácil acreditar na existência de centauros do que na existência de pneumologistas.

Augusta não suportava este mistério, este encantamento mitológico; queria mesmo o desencantamento do mundo, como diziam os acadêmicos de Lisboa. Através da televisão e das revistas, ela via um mundo onde até o mais pobre tinha acesso à saúde. Era uma percepção correta: na medicina, a divisão não estava na classe social, estava na região, na divisão cidade-campo. Um remediado dos arrabaldes de Lisboa como Isaías tinha um acesso mais fácil e rápido ao médico do que um fidalgo da serra como o Engenheiro Mendes.

Os mais antigos não compreendiam esta impaciência médica de Augusta. Muitos vizinhos diziam com orgulho que não tomavam os comprimidos receitados pelo médico, uma espécie de desobediência civil. O avô Manel orgulhava-se de nunca ter ido ao médico. O pai confirmava que o avô escorraçava o médico da elétrica nacional como um cão sarnento. Manuel era daquele delta maravilhoso que a linguagem burocrática de Lisboa apelidava de Baixo Mondego. Antes de subir a serra, Manuel trabalhou ali na horrenda ceifa do arroz e ali enterrou a sua primeira mulher, vítima de malária, doença outrora comum naquele paul. Descrevia o enterro da mulher com naturalidade, até com um certo pundonor. Desprezava os médicos que a tentaram salvar; era como se os médicos da campanha antimalária fossem os culpados. «Andavam por ali a espalhar um pó branco», rosnava. Mesmo quando se afogava na expetoração, o avô garantia que os médicos eram agentes do oculto empenhados numa missão secreta e mandatada por *eles*, os doutores de Lisboa: despovoar a serra através de uma campanha de envenenamento dissimulado. Sem um pingão de hesitação, considerava ainda que os rastros deixados no céu pelos aviões faziam parte da mesma conspiração: não era fumo dos motores, era veneno em pó polvilhado sobre a serra. Américo, o pastor mais próximo da família Correia Azul, não entrava nas complexas teorias da conspiração, não pensava que o médico

borrifava doenças como um feiticeiro vudu borrifa macumbas, mas bramia um misticismo que via no médico um presságio negro. «As pessoas vão ao médico e vêm de lá piores, com isto e aquilo», argumentava o bom pastor. E o que dizer da avó Eduarda? Entre a imagem de um serafim a plantar uma ideia na mente de uma pessoa durante o sono e a noção de que lavar as mãos antes das refeições fazia bem porque matava uns seres invisíveis chamados germes, Eduarda mais rapidamente acreditaria na primeira do que na segunda. Desesperava com as agulhas e injeções, via nas vacinas uma intromissão química e perversa num modo de vida natural. Também assumia que os parasitas faziam parte do corpo humano. Quando Augusta, desesperada, catava a cabeça de João Miguel com pentes e creolina, Eduarda abanava a cabeça perante o esforço inglório:

— É o tempo deles.

Eduarda aceitava o mistério do mal natural: porque é que aquele morre de uma doença e aqueloutro sobrevive a essa mesmíssima doença? Eduarda tirava o ponto de interrogação. O mundo é o que é. Via como normal a condição indefesa dos serranos perante o jugo arbitrário do inverno, que por tradição tinha direito de *prima nocte* sobre os corpos humanos e não humanos; eles tinham de aceitar a doença da mesma forma que aceitavam os nevões; a indignação moral de Augusta perante a doença era absurda, a doença limita-se a existir, acontece sem maldade ou bondade. As pessoas tinham até de aceitar a perda de um ou mais filhos, era normal. A mentalidade da avó era um holocausto de cueiros aos pés do Moloch gélido. Se tivesse renascido como João Miguel, Eduarda ter-se-ia chamado Marcos. Sim, também dizia que «certa mulher sofrera muito nas mãos dos médicos e gastara com eles os seus bens sem nenhum alívio».

Eduarda perdeu três filhos para o inverno: um bebé entre o tio Isaías e a tia Jacinta, o António; uma bebé entre a tia Jacinta e o tio Romeu, a Glória; outro, que se seguiu ao tio Crisóstomo, não morreu bebé, sobreviveu até aos cinco anos. Este menino, o tio Jorge, morreu com sezões. É só isso que se sabe: que teve febre alta e que morreu a tremer no colo de Eduarda; não se sabe a causa. Não houve diagnóstico, tratamento ou autópsia, o que deu ainda mais espaço à superstição. Dizia-se que o sétimo filho devia ter como padrinho o irmão mais velho; caso contrário, sem esse antídoto fraterno, morreria e transformar-se-ia num lobo. Eduarda garantia sem hesitar que o seu sétimo filho, Jorge, morreu aos cinco anos porque não teve como padrinho o mano mais velho, Isaías.

Augusta abanava a cabeça quando ouvia estas lendas. Ela sabia que existia lá em baixo em Lisboa um mundo onde elixires enganavam a doença, a dor e até a morte. Quando o telejornal passava reportagens sobre hospitais ou centros de saúde, Augusta levantava-se para ir levantar o som. Olhava para o Santa Maria como se aquele hospital lisboeta fosse o verdadeiro santuário de Fátima. Ela sabia que havia uma civilização que anulava a arbitrariedade da doença: porque é que aquele morre e aqueloutro sobrevive à mesmíssima doença? Podia ser lotaria genética ou mero azar. Fosse como fosse, a medicina dos doutores de Lisboa anulava esta questão, debilitando a própria doença e fortalecendo os corpos menos afortunados. O que ela mais invejava nas cunhadas de Lisboa não era a roupa, o dinheiro ou os carros, era a expressão «o meu médico». O «Doutor Gouveia» tinha na voz das tias a deferência que só o «padre João» tinha na voz da avó. As tias traziam malinhas não de maquilhagem mas de comprimidos. Deixavam alguns por caridade, já fora da caixa e fora do prazo. Augusta pegava nestas pranchetas de plástico com metade dos comprimidos já retirados e guardava-as como

amuletos litúrgicos no seu único refúgio: a máquina de costura, que à noite transformava em toucador.

O sonho citadino por cumprir, a vida de biscates do marido, a penúria inerente ao trabalho de costureira numa serra, a inveja da relativa prosperidade da família lisboeta, a dependência humilhante em relação à sogra — tudo isto reforçou a tensão natural entre Augusta e a aldeia. Nas ruelas de São Jerónimo, Augusta sofria o desprezo que se devota ao blasfemo. «Lá vai a maluca», dizia-se. A tensão entre Augusta e a aldeia era um zumbido ininterrupto, nevavam zunzuns sobre ela, sobre a família. «Olha a Mari'Maluca», «Assome-se lá aqui! Olhe o quela traz prali vestido.» As outras mulheres não perdoavam o cabelo solto e comprido e a conseqüente ausência de lenço, não perdoavam a beleza magra e a tal roupa considerada imprópria que só ela vestia, as saias pelo joelho, os casacos chiques que usava até ficarem puídos. No verão, usava blusas carregadas de cor, sobretudo turquesa, era uma alga fluorescente num mar negro. Nunca foi vista com um molho de lenha na cabeça. Nunca a viram de preto. Nunca usou um xaile pelas costas. «Lá vai a demente», ouvia-se. As outras pressentiam a ameaça. Augusta era mais bonita, mais fascinante; foi sempre especial. Na fábrica trabalhou no cérebro criativo; não passou pela monotonia e sujidade das outras colegas, as cardadoras, as pegadoras e metedeiras de fios, as fiandeiras, as urdideiras, as penteadoras e as cerzideiras; escravizadas pelas máquinas e pelos patrões, estas mulheres transformavam velos em tecido que depois Augusta, a modista, transformava a seu bel-prazer em vestidos, saias e casacos. «Quem é quela pensa qué?» A tensão aumentava junto dos homens. Ao contrário das outras, Augusta não baixava os olhos quando passava junto deles; olhava-os de frente, o que os deixava a resmungar. Ela despertava naqueles corpos insatisfeitos um desejo cavernoso; era uma cópia puída da beleza que eles só conheciam

da televisão. De repente, passando rente à venda, ali estava uma mulher parecida com as musas intangíveis das novelas.

Augusta lidava mal com o interdito: o interdito da saia que não podia subir acima do joelho, o interdito dos sonhos que não podiam subir acima da «escrava das limpezas» e da «coelha parideira», as duas expressões que usava para descrever as outras mulheres. Esta tensão era alimento, mas também a colocava na amurada do desespero; parecia uma força prestes a rebentar, uma granada pousada na cómoda com a cavilha ao lado, já retirada. Andava sozinha pelos montes. Havia alturas em que emagrecia até ao ponto da mumificação. Será que vomitava a comida dada por Eduarda? Romão não sabia como voltar a pôr a cavilha no lugar. Nem Romão nem João Miguel, que era alvo da granada. Quando a tensão voltaica entre a aldeia e Augusta atingia o ponto máximo, a granada explodia no rosto de João Miguel.

Se João Miguel se aproximasse dela, Augusta fechava-se. Nem era preciso tocar-lhe. Assim que sentia a cria a pedir mimo, ela afastava-se. Quanto mais ele se tentava aproximar, mais ela se afastava como um íman empurrado pela lei magnética da repulsa. As pessoas conheciam esta secura, mas nunca presenciaram as estaladas que ela lhe dava quando estavam sozinhos. Não eram açoites. Era uma bofetada de cada vez; uma única chapada que vinha do nada sem que ele desse por isso, um relâmpago solitário. Não é por acaso que João Miguel teve sempre reflexos de corço assustadiço. Noutra variante, Augusta atirava-lhe com o que tivesse à mão na mesa de costura, sobretudo tesouras. A agressão podia variar, objeto voador ou palma da mão, mas o som do embate doía sempre mais do que a própria dor física, porque era o único som que ouvia. Tesoura ou tabefe, o que custava mais era o silêncio. Ela não dizia nada antes, durante ou depois. Era agredido por uma muda. Além do silêncio, impressionava a frieza dos gestos; batia-lhe com o olhar neutral

de quem esfola pela enésima vez um coelho para o jantar. Batia-lhe sem motivo. Mais tarde, já crescido, pensou várias vezes que devia ter feito queixa. Mas queixar-se-ia a quem? Ao pai e avô? Falar disto com eles seria inconcebível, até porque um rapaz apanhando da mãe era uma bocejante normalidade. Ele todavia era um moço bem-educado, não se metia em zaragatas, não se metia com as raparigas, era educado com as professoras. Não faltava gente a tratá-lo por totó, toino ou tonho. Então, se não era como os outros, porque é que ela lhe batia? «O meu pai deu-me uma carga de porrada» — quando ouvia isto dos outros rapazes, sentia inveja, porque a pancada obedecia a uma lógica; era um castigo que punia uma falha específica e que almejava uma correção no comportamento: não dizer asneiras à mesa ou junto de mulheres e dos mais velhos, não beliscar a honra das raparigas nos montes, não desrespeitar o padre ou o industrial ou a menina ou senhora. Esta lógica social não existia nas bofetadas de Augusta. Então, porque é que lhe batia? A verdade é que, apesar da aura de audaciosa, Augusta tinha este momento de cobardia. Se Romão, apesar da bondade, podia ser patético, Augusta, apesar do arrojo, podia ser cobarde. Batia no filho para aliviar a tensão gerada pelo conflito com Eduarda e com a aldeia; batia-lhe porque era o único poder ou prazer que lhe restava.

Nesta fase é fácil odiar Augusta, mas esta é uma mulher mais complexa do que parece. Se era arrivista e violenta, também é verdade que tinha um grande sentido de justiça. Aliás, esta ambiguidade de Augusta está presente numa extensa carta que ele escreveu a Catarina, grande amiga de Lisboa. Escreveu-a mas nunca a enviou; já tem o famoso ritmo de Lucas Andrade com os palavrões e as interjeições a funcionarem como pontos finais.

«Quería continuar a conversa sobre a minha mãe, não gostava que a julgasses ou então debes julgá-la na posse dos factos todos e, se não te

importas, assim por escrito é mais fácil, até podemos tratá-la como uma personagem como se estivéssemos a falar de uma personagem de um filme, custa menos assim, percebes?, é verdade que bate no filho sem ele perceber a razão, pode ser má, uma cabra mesmo, mas é a única mulher do povo que dá livros ao filho, é a única mulher que sonha um futuro melhor para esse filho através da inteligência e não do músculo, a única, Catarina, escuta!, eu sei que, a partir do teu mundo burguês, é impossível imaginares o que ela tem de enfrentar quando dá um livro ao filho, as críticas da sogra, das vizinhas, dos cunhados, de toda a gente, gastar dinheiro num livro é visto como um desperdício e uma ilusão, ela tem mas é de lhe dar um martelo para as mãos, uma plaina ou o maçarico do pai e nunca um volume de uma enciclopédia, pois, ao dar esse livro, está a enganá-lo e a enganar-se a si mesma, o filho nunca será doutor, isso não é pra gente!, a sogra diz que o gaiato não pode andar nessas mariquices dos livros, que tem de aprender um ofício braçal, senão vai ser um calão, só não quer que ele seja pastor, rosna quando vê sinais da amizade entre o neto e o pastor.» — Sempre lhe fez impressão a distância entre as beatas e o espírito do evangelho; como é que uma aldeia católica podia ser tão áspera com os pastores após dois mil anos de manjedoura? Este preconceito farisaico afastou-o durante anos da fé. — «Fora isso da pastorícia que cheira mal, a avó exige para ele um mester nas minas, nas barragens, nas fábricas de lã ou então devia estar a aprender o mester de soldador com o pai, pá, o maçarico, não a caneta, é o seu futuro insuperável, estás a ver ou não?, e é por isso que a mãe lhe bate, sente-se presa, sente que, se não saírem da aldeia, ele nunca vai conseguir estudar, por isso explode, batendo-lhe, porque está sempre cansada, esgotada, bate-lhe como se as bofetadas viessem de fora da sua vontade, bate chorando, bate em desespero.» — Ele tenta aqui salvar a mãe aos olhos da amiga através de uma mentira. Descreve a violência da

mãe dentro do quadro clássico das explosões de palmadas e chapadas da mãe pobre e esgotada ou consumida por uma dor crónica. Não é verdade. A violência de Augusta era calma e escolhida a dedo, não eram vendavais emocionais de uma pessoa consumida pela exaustão ou por doenças crónicas. — «Mesmo que se aceite a opinião da sogra e se assuma que esta é uma mulher ridícula e mesmo que se aceite a tua opinião e se assuma que é uma mulher violenta, resta sempre isto: desafiando a lei da gravidade do seu meio, ela vai dando ao filho uma pequena biblioteca, portanto, a excentricidade violenta desta mulher é a antecâmara do futuro sucesso do filho, sem as lambadas não haveria livros, a raiva que sente por viver na aldeia tem dois escapes, as lamparinas no focinho e os livros na mesa.» — Lucas Andrade vintage: coloca o leitor numa posição desconfortável; obriga o leitor a sentir as tensões, ambiguidades ou dilemas das personagens; torna-se impossível sentir uma emoção definitiva sobre Augusta. — «Ela passa a vida a dizer: “O meu filho vai ser doutor!, O meu filho não é menos do que os outros!”, repara que estes “outros” não são os filhos da aldeia, são os filhos dos Grandes de Lisboa ou do Porto como tu, percebes?, ela não o compara com o filho do sapateiro mas com o filho do professor universitário ou do empresário, e isto parece loucura para os familiares e vizinhos, mas para ele é um periscópio que lhe permite ver o mundo lá em cima à superfície, percebes, Catarina?, sei que no teu mundo nem sequer ouves isto: O meu filho vai ser doutor!, porque se assume que toda a gente vai tirar um curso, é tão natural como beber água, mas neste mundo não é assim, repara que ele é o primeiro da sua família a acabar o liceu e a entrar na faculdade, desculpa lá, mas, para conseguires um salto equivalente a partir do teu ponto de partida privilegiado, tu tinhas de chegar à NASA ou ao Nobel, e este salto é possível graças à mulher que dá bofetadas, Olha!, se calhar não se vence a pobreza sem um módico de

violência, sem essa chama bruta. Ela tem os seus limites, claro, quando diz um filho doutor está mesmo a pensar num filho médico, quer que ele tire medicina e por isso compra-lhe livros que considera úteis para essa profissão, enciclopédias, dicionários, livros científicos, nem concebe sequer a ficção, mas não deixes por favor de reparar neste pulo: ela não lê mas sabe que o filho tem de ler. A avó, quando o vê ler, diz com asco: “O que vai ser deste moço?”, é como se ler, além de inútil, fosse uma perdição, um pecado; sei que é difícil veres o mundo através desta gramática social mas é mesmo assim, Ouve!, na aldeia esta mãe diz “há-des ser doutor”, uma fórmula que tem tanto de erro gramatical como de sonho, quando se muda para a cidade continua a dizer “há-des ser doutor”, mas agora é só um erro gramatical, portanto, Catarina!, se tens preocupações sociais, como costumas dizer, se acreditas no progresso, então deixa essas palavras vagas e muda de opinião sobre esta mulher, porque, ela, sem qualquer aparelho teórico, sem as centenas de livros que tu já leste, é a pessoa mais focada no tal progresso, mais focada até na revolução, quer revolucionar a pobreza a partir de dentro contra os outros pobres, uma coisa que te escapa, que vos escapa, a vocês burgueses, porque acham que o povo é uma só coisa, um monólito, entendes?, e ela quer destruir essa cultura de pobreza com duas coisas, médicos e livros, vê mesmo a escola como o elevador social, como tu dizes, que permite ao filho do pobre competir com o filho do rico, é por isso que esta mulher se devia chamar Ana: “O arco dos fortes foi quebrado, e os fracos foram revestidos de vigor, os saciados tiveram de ganhar o pão e os famintos foram saciados.”» — Ele aqui não adianta outra coisa na tentativa de salvaguardar a mãe junto da amiga. Augusta não se limitou a pensar nestes termos revolucionários, esboçou mesmo um plano: ele, João Miguel, era o plano; através dos estudos, ele não se limitaria a empenar a roda do mundo como ela, iria parti-la. Só que isto

fez dele uma coisa, e não uma pessoa aos olhos da mãe. Augusta via o filho como um projeto, não como um menino. Se a avó via a vida pobre da aldeia como uma honra e por isso ele era a desonra, a mãe via o filho como a cura contra uma doença: a pobreza. Seja como for, este é um texto bom que ilustra a forma como a pobreza pode ser um objeto impenetrável para um observador privilegiado como Catarina. Mas que ele nunca o publicou, aliás, nem sequer o enviou enquanto carta privada. Ficou enterrada no segredo do diário. Porque ainda não sabia o que sentir sobre a mãe? Porque sabia que estava a mentir sobre a violência da mãe? Porque não queria mostrar ainda mais os complexos de inferioridade dos pobres?

Se a história tira, a história dá. Quando o sonho já era um cadáver, o tio Isaías ressuscitou-o.

— Preciso de ti em Lisboa.

No último Natal na serra, seis meses antes do êxodo, foi assim que Isaías convidou Romão para trabalhar na sua pequena fábrica. Romão esperara década e meia por estas palavras. Já tinha trinta anos e passara os últimos três de desonra em desonra.

— Romão, preciso de ti lá em baixo.

Isaías foi o primeiro empresário da família. Como todos os outros, começara enquanto mesteiral, mas, depois de décadas de trabalho, conseguira criar há ano e meio a sua própria empresa de construção civil, que estava a aproveitar a nova medrança da nação. Portugal era de novo o aluno aplicado da economia europeia. O dinheiro estava a voltar. Não havia mãos a medir. Até estavam a recusar encomendas e empreitadas. Isaías precisava de um lugar-tenente, alguém que soubesse

da poda e que, em simultâneo, ajudasse nos pagamentos, nas licenças, na gestão de pessoal.

— Se te ajeitares, pá, deixo-te entrar na sociedade — anunciou Isaías. Este futuro enquanto empresário nem era assunto para Romão, não era um sonho. A sua única meta era o ordenado certo. Após lançar o desafio, Isaías assegurou que tratava de tudo, até do arrendamento da casa. Ofereceu-lhe ainda o seu velho carro, o tal chaço azul que abre esta saga. — É teu — disse, enquanto estendia as chaves a Romão. — Venho cá buscar-te assim que acabar a escola do gaiato.

Quando Isaías foi embora, a bordo do seu novo bólido germânico conduzido pelo filho mais velho, Carlos, o único diálogo entre Romão e Augusta foi um sorriso largo. Estavam encostados à pia da cozinha onde ainda não havia água corrente. Choraram em silêncio, tocando-se apenas com a testa, formando um arco ogival. Ele, João Miguel, estava junto à lareira e começou a desenhá-los. Desistiu. Não, não se sentiu ridículo por tentar desenhar uma cena considerada lamechas; este cálculo pedante só aparece depois, quando o tempo e o cinismo se instalam entre a primeira vez que se vê uma cena e as representações que se fazem dessa mesma cena. Naquele dia, a incapacidade para desenhar a cena teve uma causa mais simples: ele nunca tinha visto duas pessoas tão próximas no corpo e no espírito; sabia que o amor existia, porque lia os poemas que lhe davam na escola, mas nunca o tinha visto.

Jonas I

FOI O ÊXODO GERADO NAS ALTURAS DA LIBERDADE ou nas vísceras do ódio? Quis Augusta sair da aldeia porque odiava a serra ou porque amava a cidade? Ele nunca chegou a uma conclusão, embora isso pouco interessasse neste primeiro verão de clausura. O quarto tornou-se inabitável. O bando da rua estava sempre do outro lado da janela naquele chinfrim agressivo que o perseguia até no sono: tinha pesadelos com baleias, leviatãs de olhos verdes. O tal cabecilha do bando, o generalíssimo de olhos esmeralda, atirava de propósito a bola contra as grades da janela se visse uma luz ligada, o candeeiro da secretária ou o candeeiro da mesa de cabeceira. Para fugir dele, João Miguel tinha de sair do seu próprio quarto. Acabou por colonizar a mesa da cozinha, que ficava do outro lado da casa.

Era ali que estava naquela tardinha.

O pai estava fora a fazer horas, ia chegar tarde; a mãe preparava-se para sair e iniciar o passeio que começava a ser o hábito de final de tarde: ir à praceta que ficava nas traseiras, para lá do beco. Nessa praceta, o único espaço pensado para o convívio em dezenas e dezenas de ruas, ela passava na mercearia para um pequeno avio, passava na papelaria onde já tinha encomendado os livros do sexto ano do filho e onde começava a comprar quase todas as semanas outros livros, e parava na pastelaria da Dona Rosário onde começava a travar amizades cafezeiras. Augusta estava a experimentar a sensação maravilhosa que é

o desafogo: comprar o que é necessário sem pensar três vezes e sem passar pela humilhação imposta pela sogra ou pelo fiado da Ti Hortênsia da venda. Nesta tarde, Augusta perguntou de novo se ele queria ir dar uma volta. Disse que não com a cabeça. Nem pensar; tinha medo do bando da rua, do rufia de olhos verdes, das miúdas do café. Ela abanou a cabeça em sinal de reprovação, disse que já era tempo de ele ser homenzinho, mas não forçou nada. Saiu. Ele ficou a desenhar na mesa da cozinha novas bandas desenhadas com planetas apocalípticos e terras devastadas. Estes desenhos foram muito rasurados, mas ainda se vê o foguetão do Tintim pousado no cume de um morro, uma espécie de Corcovado apocalíptico com um foguete no lugar de Cristo; também se vê um zepelim atracado no alto do Janeirinho e pronto para descer e arrasar Lisboa.

Alguns segundos após a saída da mãe, abeirou-se da janela da cozinha mas não a abriu; olhou para baixo à espera que Augusta saísse do túnel das escadas que dava para o beco. E ela saiu. Ele fez-lhe adeus, ela não reparou. Augusta atravessou o beco debaixo dele e subiu outro lanço de escadas que estava mesmo em frente à janela. No topo destas escadas que davam para a praceta, Augusta virou-se e olhou para João Miguel: estavam agora frente a frente, separados apenas por quinze ou vinte metros. Augusta fez-lhe adeus e o seu rosto iluminou-se com um sorriso que transformou os seus olhos achinesados em dois riscos adoráveis. Nunca a tinha visto tão feliz e tão genuína no seu amor por ele. Não era um sorriso vago de felicidade, não era para o pai, não era para outra pessoa, o destinatário do sorriso era ele e só ele. Sentiu a primeira comoção enquanto adulto. Sim, foi uma comoção adulta, porque aquilo que o tocou não foi só a necessidade infantil de ser amado pela mãe, uma necessidade inconsciente que foi ali preenchida pela primeira vez sem impurezas; foi um sentimento adulto, porque reparou

no trágico contraste entre a genuína felicidade dela e a fealdade do meio. Apesar de estar mergulhada nas águas sulfúricas de um Estige de alcatrão e cimento, ela reluzia como um querubim.

Sentou-se de novo na mesa da cozinha tendo como companhia a velha televisão a preto e branco; uma televisão nova a cores já reinava na sala. O aparelho começou a vomitar um telejornal que não entendia, não compreendia aquela linguagem e não reconhecia aquele país; *eles*, jornalistas, políticos e demais famosos, eram indecifráveis. Mudou para o outro canal que estava a passar um documentário sobre colónias de térmitas; a voz do narrador enfeitiçou-o.

O tempo passou. A aragem do lusco-fusco começou a entrar por uma frincha da janela. Levantou-se e abriu a janela, cujo parapeito estava cheio de esterco seco dos pombos que enxameavam o topo dos prédios. Limpou-o com um pano molhado enrolado numa faca. Respirou fundo como se fosse fazer apneia e atirou a cabeça para o lado de fora. Espreitou pela primeira vez o beco. Em teoria, era o acesso às garagens dos prédios. Na prática, era uma lixeira. Além de ser um beco, era também um sulco na paisagem, como aqueles que as crianças deixam na cobertura de chantilly quando passam o dedo pelo bolo; era uma fenda emparedada entre as traseiras da rua de João Miguel, de um lado, e as traseiras da praceta, do outro, uma fenda de duzentos metros de comprimento, vinte de largura e vinte de profundidade. Ainda sem alcatrão, era de terra e brita. Quase não passava ninguém a não ser um ou outro carro em direção à respetiva garagem. Era a traseira das traseiras de Lisboa, um cemitério de sacos do lixo atirados através das janelas pelo desmazelo de tantos, um depósito de sacos de cimento abandonados, de toros de madeira e andaimes esquecidos, de paredes esfareladas e reduzidas a torrões de estuque, de portas partidas mostrando farpas do tamanho de espadas, de vidros estilhaçados e latas

velhas de tinta, de pneus esquecidos, preservativos e fraldas descartáveis. Em frente via-se as tais escadas que subiam até à praticeta: estavam coladas a um prédio embargado; apesar de acabado, este prédio não tinha moradores; era uma casa fantasma. Para cima, à direita, o beco acabava num talude altíssimo quase encostado à escola nova ainda em construção. À esquerda, olhando para baixo, via-se lá ao fundo o Café Carminho; mais perto, uns prédios que haviam sido azuis em tempos agora eram só cinzentos e estavam cheios daquelas varizes de humidade. Das caves destes prédios, começaram a sair ratazanas do tamanho de gatos, que depressa se espalharam como um gangue farejador. Procuravam os restos dos sacos do lixo atirados pelas janelas. Na imprecisão do crepúsculo até parecia que era o próprio chão que se mexia. Uma destas alimárias subiu um pouco o beco, aproximou-se das escadas e apanhou com a boca algo que ele ainda não tinha visto: um pombo; não percebeu se era um pombo velho e coxo ou um pombo novo caído do ninho. A ratazana começou a comê-lo pela cabeça, ele ouviu o crânio a estalar, ouviu o som de aflição de quem está a ser comido, um gemido de agonia universal. Passados estes segundos iniciais, a alimária levou o corpo meio comido e desapareceu em direção às caves de onde tinha vindo.

Foi só isto.

Começou a tremer e a recuar. Uma vaga de tristeza comprimiu-lhe o corpo, vaga imparável e inexplicável. Apesar de tímido, era um rapaz da montanha. Assistira a cenas mais gráficas e brutais. Vira o pai, o avô e os tios, quais hoplitas, a espetarem lanças enormes no dorso de um javali, que jorrou sangue a vários metros de distância. Vira animais desfeitos pelos chumbos das caçadeiras. Vira e ouvira dezenas de matanças de porcos. Vira ovelhas e cabras despedaçadas pelos lobos, muitas ainda vivas apesar de estarem meio comidas; com as barrigas

abertas, olhavam-no em súplica, tal como Américo, o seu amigo pastor, que chorava sempre que uma das suas pequenas era devorada. Vira grifos a desfazer carcaças ou a comer ovelhas e cabras ainda vivas e que não se conseguiam levantar ou defender porque tinham acabado de dar à luz; os grifos começavam a comê-las pelo útero exposto. E descobrira sozinho um cadáver humano, a mãe de Mariana. Nada disto conseguira entrar na muralha. Foi aquela ratazana indefinida no lusco-fusco que o apanhou. Foi aquele som de agonia de um mísero pombo. A corneta do mal é inverosímil, o seu som entra por minúsculas fissuras da muralha que nem o mais atencioso dos generais mandaria reparar.

Mantendo os olhos na janela que se transformara num oráculo do mal, andou às arrecuas até sair da cozinha; continuou a recuar pela casa até não ter ponto de fuga, ficou encostado à parede do quarto debaixo da janela por onde a voz aterrorizadora do minorca insolente continuava a entrar sem pedir licença. Perdeu a força nas pernas, caiu sentado com a cabeça entre os joelhos. Uma metralha de tremores retirou-lhe qualquer controlo. Molhou-se no sal das lágrimas e no ácido do vómito, do mijo e da merda. Só faltou o sangue a este segundo parto. Sim, foi aqui que renasceu como Ruço, ficando só a faltar a ida ao cartório. Renascido, ficou deitado em posição fetal com a boca a centímetros da poça de indignidade que escorria para as minúsculas fissuras entre os tacos. Um corpo derramado em esterco, uma alma derretida como cera.

— O que é que eu estou aqui a fazer? — gritou.

Abanou o corpo para trás e para a frente dezenas de vezes neste compasso: «Mas o que é que eu estou aqui a fazer?», «O que é que eu fiz para merecer esta merda, o quê?» Do outro lado desta minúscula parede estava um mundo hostil que odiava, ou melhor, um mundo que nem sequer compreendia. A parede não tinha mais do que um palmo de espessura. Quem estivesse do lado de fora conseguia ouvir os gritos de

João Miguel: «O que é que eu estou aqui a fazer?» — só mais um grito num bairro de gritos. Porque é que ele tinha de viver nestas paredes de papel? Queria que a sua separação mental em relação ao bairro tivesse correspondência física, uma muralha, um castelo com fosso patrulado por hipopótamos. O choro, os gritos e os tremores foram perdendo força como o pipo da panela de pressão. Exausto, arrastou-se até à casa de banho, despiu-se, colocou a roupa na banheira para lhe tirar a sujidade, arrastou-se nu até à cozinha onde enfiou a roupa meio lavada na máquina, trouxe esfregona e balde, limpou o chão do quarto, tomou duche, deitou-se e adormeceu em segundos. Foram as primeiras horas de sono como adulto. Seguiu-se a insónia fundadora.

Acordou a meio da noite com o ruído do camião do lixo. Sabia portanto que horas eram: uma e meia da manhã. Em dez anos estes homens nunca se atrasaram. Podia acertar o relógio pela sua pontualidade; eram almeidas mas podiam ter sido relojoeiros: à uma e meia despejavam os contentores da rua mesmo quando o anão dos olhos esverdeados disparava sobre eles tiros de pressão de ar. Aquele pigmeu ordinário e os outros rapazes atacavam todos os veículos pesados que passavam na rua, autocarros e camiões do lixo; viam estes veículos públicos como blindados de um exército de ocupação.

Levantou a cabeça da almofada; reparou no leite e aspirinas pousados na mesa de cabeceira. Quando chegou, Augusta assumiu que o filho estava adoentado. Ele voltou a chorar, mas estas lágrimas já eram diferentes, já tinham a salmoura do primeiro dilema sentido em consciência. O que sentia já não era a comoção de um miúdo, já não era

aquele pavor inconsciente que o levou a repetir centenas de vezes a pergunta de Job: «Mas o que é que eu fiz para merecer isto?» O que sentia agora já era o desassossego de um jovem adulto que toma consciência da sua pequena tragédia: a sua mãe era a barqueira do seu inferno; ele foi levado pela própria mãe até àquela margem vulcânica; ela era feliz no mundo que ele sentia como inabitável. Tal como antes sucedera com a pequenez de São Jerónimo, a fealdade do Janeirinho não tocava em Augusta, até porque aqui era tratada com respeito. Como era a «maluca», ela nunca chegaria à respeitabilidade na aldeia, nunca ganharia aquele título nobiliárquico da aldeã, o *Ti*, *Ti* Augusta. Mas ali no bairro já tinha o brasão da mulher pobre da cidade, *Dona*. A *Dona* Augusta era alguém, estava feliz, era livre. Não era só a liberdade de ir ao café e à mercearia falar com mulheres que não a julgavam e onde não se sentia vigiada, não era só a libertação da tirania de Eduarda, era também o médico. Logo de manhãzinha, ia quase todos os dias chatear as senhoras do guiché do centro de saúde que ficava na parte de baixo do bairro, no lado oeste, na fronteira com a zona de Belas, com o fito de vencer a burocracia e conseguir um médico de família. «Faltam só alguns papéis, João Miguel», repetia há semanas. Repetia-o dizendo em voz alta o nome do filho, o que era uma novidade agradável, na serra era só o «rapaz». Depois de vir da incursão médica, pedalava sem cessar na máquina de costura colocada na varanda transformada em marquise, que estava colonizada pelo seu aparato, as linhas, os dedais, as agulhas e alfinetes espetados nas almofadinhas, os fechos, os botões, as molas, as fitas métricas, os tecidos e as tesouras, que já não voavam na direção do filho. O chão estava juncado de tufo de linhas e restos de tecidos e cabedais. A cadência do pedal da máquina inundava de vida a casa inteira; aquele batuque era um coração mecânico que não permitia indolências, bombeava uma visceral ética de trabalho. Ele lia, escrevia e

desenhava melhor se ouvisse ao fundo a máquina de costura a marcar o compasso como um viola-baixo. Augusta recebia encomendas de clientes há muito angariados pelas tias e ela própria começava a conseguir novas clientes. Só no Janeirinho e no contíguo Monte Eulália havia milhares de potenciais clientes. Havia muito colarinho, manga e gola para virar, muita bainha para subir ou descer, muitas batas e casacos para apertar. Além do mais, não tinha muita concorrência. As moças de agora não querem trabalhar, dizia Augusta num estranho eco da avó Eduarda. O passa-palavra fazia o resto: sempre que regressava da praceta, trazia sacos cheios de roupa por arranjar. Cada peça vinha com um papel com o nome da cliente preso por um alfinete de ama; as carteiras de Augusta tinham no fundo dezenas de alfinetes à espera de uso.

Durante esta noite que se seguiu ao parto de Ruço, a vigília foi total. Sentiu aqui pela primeira vez o efeito plástico que a espartina tem no tempo. Numa direta como esta, as horas crescem numa escala geométrica. Cada hora a mais tem o peso de um dia, o tempo estica em volume psicológico e não apenas em comprimento cronológico, é como se a Lua se afastasse da Terra para criar uma noite mais longa. Entra-se numa antecâmara da loucura, ouvem-se sons que invadem a realidade a partir dos sonhos. Ouviu os uivos dos lobos e o splash do leviatã, sentiu o silêncio único do gelo da montanha. Para tentar acalmar, levantou-se para ir beber leite quente à cozinha. Tentou usar o micro-ondas. A chinfrineira do aparelho no silêncio da casa fê-lo desistir. Aqueceu leite no silêncio do fogão e do púcaro. Enquanto esperava, olhou para o relógio eletrónico e luminoso do micro-ondas, 01h54, 01h55, 01h56, duas horas em dois minutos.

O micro-ondas era o tipo de caranguejola que enchia de alegria o pai. Alegria essa que se tornou o novo normal. A genica de Romão tinha agora um espaço à sua altura. Já não era um cavalo de corrida preso à nora, podia correr em campo aberto como um mustang. Estava a erguer a empresa. Era mais jovem, ágil e inteligente do que Isaías. Convencera-o a passar o nome da empresa de «Construções Correia Azul» para «Azul» e a apostar apenas no metal, pois a metalurgia podia ser exportada; era impossível exportar uma cozinha ou uma casa em tijolo, era possível exportar pontes e vigas de metal às peças. Numa novidade histórica, Romão até tagarelava ao jantar: «Aquele gajo nem soldar sabe, quanto mais montar uma viga», «Tive de despedir um moço, e fui eu mesmo, tás a ver ou não?, não foi o meu irmão.» Tudo era novidade: o reconhecimento pela sua qualidade técnica enquanto soldador, o poder de despedir e contratar, o dinheiro. Um salário da fábrica era superior a meio ano de jornas e biscates na montanha. Augusta sentia o mesmo. «Só hoje fiz mais do que num mês inteiro na aldeia», gracejava ela com aquele sorriso de espanto que as crianças fazem no circo quando o mágico faz o truque da moeda atrás da orelha. Quem diz que o dinheiro não traz felicidade nunca foi miserável. O dinheiro dá felicidade e até deu um novo rosto a esta mulher: o semblante tenso e vigilante foi substituído em definitivo por uma face mais relaxada. A abastança era a nova pauta desta família: eletrodomésticos e móveis novos entravam todas as semanas em casa. As velharias trazidas da montanha eram largadas no lixo durante a noite, não fosse alguém reparar na embaraçosa pobreza que haviam trazido da serra. Romão recuperara a sua serenidade carinhosa. Estava tranquilo porque voltara a ser o homem que punha pão e futuro na mesa. Estava pacificado porque recolocara a cavilha na granada que era Augusta. Estava relaxado porque agora partilhavam momentos de cumplicidade que antes só tinham coragem

para ver nas novelas e filmes: murmúrios ao ouvido, olhares carnívoros, ela no colo dele. As outras pessoas passavam a lua de mel em paraísos além-mar, Romão e Augusta viveram-na numa bola de alcatrão habitada por gente que perguntava o nome do cão sem nunca perguntar o nome do dono.

Continuava acordado mais ou menos pelas três e meia, quatro, porque ouviu chegar o vizinho de cima. Era segurança num centro comercial em Lisboa e, de quinze em quinze dias, fazia um turno que o fazia chegar àquela hora. Através dos sons que se ouviam no silêncio do prédio, João Miguel conhecia de cor o seu ritual: o som agudo das chaves a cair numa superfície de vidro logo à entrada, os passos até à casa de banho, o longo e estridente repuxo de urina, o tumulto da descarga do autoclismo, a fivela do cinto a bater numa cadeira quando se despia, o guincho das molas do colchão mesmo por cima. Por vezes, também ouvia os seus guinchos excitados quando se atirava para cima da mulher que gritava «não, não, não».

Romão e Augusta estavam tão concentrados no futuro do «filho doutor» que não repararam que o João Miguel já tinha morrido e que havia um velório nas traseiras da sua lua de mel. João Miguel não os censurava, todavia. Visto de fora, ele continuava igual, continuava a colocar o biombo da timidez entre si e o mundo. Antes pensava em silêncio nos pormenores dos seus desenhos, o diâmetro dos caules das estevas, a espessura das pétalas das urzes; pensava ainda nos seus mapas do vale que misturavam localizações reais (os ninhos, os formigueiros, as choupanas dos pastores, as ermidas abandonadas) com localizações

fantasiosas (cidadelas de elfos, tocas de lobisomens, trilhos imaginários dos lobos). Agora, visto de fora, continuava silencioso, embora debaixo dessa capa habitual só conseguisse pensar num sentimento novo: estava a afogar-se neste dilema, os pais eram felizes onde ele era infeliz; os pais projetavam essa felicidade num futuro que tinha as raízes neste presente que o matava com o abraço da hera, um abraço bonito e luxuriante, sim, mas também mortal. Como podia ele sair deste suplício? Que podia fazer? Pedir para reverterem o êxodo e voltarem a São Jerónimo? Impossível. Ninguém rasga a sua carta de alforria. Tinha ele o direito de arruinar a emancipação dos pais? Não. Na matemática cósmica da felicidade, a infelicidade de um filho vale mais do que a felicidade de dois pais? Não. Podia ele regressar sozinho a São Jerónimo e viver com os avós? Mesmo que tivesse coragem para fazer o inconcebível pedido, mesmo que Augusta, numa pirueta da lógica, acedesse, era impossível ultrapassar o ódio pela avó Eduarda, que adoraria tê-lo para si como escravo e discípulo. Há uma cena, que ele desenhou inúmeras vezes, que resume bem esta relação: Eduarda saiu de sua casa, deu dez passos até à casa de João Miguel, que estava a ler junto ao lume como sempre; abanando a cabeça, ela fez a habitual pergunta retórica: «O que vai ser deste moço?», disse isto como se o tivesse apanhado a roubar ou em cima de outro moço a fazer poucas vergonhas; tirou-lhe o livro da mão com um esticão de carteirista tão rápido como os tabefes de Augusta e atirou-o ao lume; ele nunca esqueceu as labaredas lilases que esta enciclopédia infantil de animais deitou assim que as brasas lhe jogaram os dentes.

Nesta insónia interminável, ouviu de novo a vizinha de cima, a mulher que tinha sido abusada pelo próprio marido. Podia demorar dez

minutos ou uma hora, mas o certo é que ela levantava-se assim que o marido começava a rressonar. Lavava-se no bidé, limpava-se com uma toalha retirada de um armário que rangia nas dobradiças, ia aquecer leite no micro-ondas, jogava cereais no leite quente. Foi o que fez esta noite, e teve companhia: João Miguel levantou-se e seguiu-lhe os passos no silêncio da noite, colocando os olhos no teto. Pensou em pegar no cabo da vassoura e bater no teto para que ela soubesse que tinha ali uma companhia, um amigo que estava desesperado por dizer: «Não estás sozinha, também estou à nora.» Ela abriu a janela da cozinha, talvez para fumar. O barulho da janela no caixilho cheio de pó ecoou no beco. Ele pensou em fazer o mesmo, desistiu porque o barulho denunciá-lo-ia. Ficou ali com a cabeça encostada ao vidro, a sentir a presença de outro ser humano. Ela voltou à cama e demorou, como sempre, a readormecer, virando-se para um lado e para o outro.

Há outra cena que resume a atmosfera peçonhenta criada por Eduarda e respirada por João Miguel. Na cabeça de Eduarda e dos seus filhos mais velhos, o trabalho intelectual era contradição nos termos. O trabalho só podia ser físico, tosquiar, garimpar, limpar, tecer, limar, serrar, acartar, cavar. Ler e escrever eram coisas de menino fidalgo ou de maricas. Como ele não era o primeiro, só podia ser o segundo. «Até nomes de maricas dá aos cães, valha-me Deus», zoava Eduarda. E o facto de o seu melhor amigo ser uma moça, a Mariana, vizinha e irmã de leite, aprofundava as suspeitas. Mariana era a única pessoa com quem ele podia falar sobre o que lia, escrevia ou desenhava. Aproveitando a vizinhança, trocavam os poucos livros que tinham e discutiam as composições da escola. À distância, Eduarda abanava a cabeça. Se Augusta fosse prostituta, Eduarda teria ficado escandalizada, com

certeza, mas esse seria um escândalo inteligível na sua visão do mundo. Já uma nora que estimulava a leitura e uma carreira de letras do neto era incompreensível. Passava-se algo parecido aqui: se ele tivesse violado ou engravidado Mariana, Eduarda teria ficado melindrada, exigiria que ele assumisse as suas responsabilidades, mas respeitá-lo-ia como homem. Como ele se limitava a trocar livros e textos com a rapariga, não o respeitava. Um dia passou junto deles e soprou: «Querem ver que o moço é mesmo maricas?» Esta pergunta passou a fazer parte do seu reportório. Alguns podem argumentar que Eduarda não era cruel, que tinha apenas uma visão do mundo diferente de Augusta, uma visão mais tradicional e dentro da lógica da sobrevivência do pobre. Afinal de contas, há Eduardas espalhadas por toda a literatura ocidental, de August Wilson a Elena Ferrante, e defendem sempre que o amor do pai pelo filho não se mede por afetos e sonhos, mas sim pelo treino para a sobrevivência; as posições de bailarina principal estão reservadas para os filhos dos poderosos, logo, os filhos dos pobres devem procurar um ofício humilde e seguro, o de empregado de limpeza do palco onde atuam as bailarinas, por exemplo. Esta tese é válida, sem dúvida, mas não explica o prazer em magoar de Eduarda. No dia do êxodo, pouco antes de ele entrar no carro, ela baixou-se e soprou veneno ao ouvido do neto que estava já a uma nesga do choro: «Tendes nariz de judeu como a tua mãezinha.» Além dos olhos rasgados e da tez morena, João Miguel também herdou de Augusta o nariz aquilino.

A vizinha de cima, Carla, saiu da cama, foi à cozinha, abriu a torneira, bebeu um copo de água. Aquela era a água dele, era a água límpida que nascia literalmente à porta da sua casa da aldeia. Sim, a água que nascia no seu vale, duzentos quilómetros a norte, era encanada

e conduzida até à torneira da vizinha, até à sua própria torneira. As duas partes inconciliáveis da sua vida estavam assim unidas por esta corrente de água ininterrupta que ligava as torneiras deste apartamento à janela do quarto da aldeia. Deu em maluco ao pensar nisto: como é que podia estar tão longe e tão perto da sua aldeia, da sua água? Queria trocar de posição neste circuito de água, não queria estar neste destino, queria voltar à origem, mas era impossível. Pouco depois ouviu o pai levantar-se. Isto quer dizer que continuava acordado às seis e meia. Terá sido então nesta noite tortuosa que iniciou um hábito que manteve até sair de casa: escutar o ritual da barba do pai. Conseguia desligar a cabeça e ter paz enquanto ouvia o ruído rouco que a lâmina fazia na barba besuntada com a espuma do sabão azul e branco espalhada com o pincel. No derradeiro acorde desta insónia que velou o João Miguel e que incubou o Ruço, ele ouviu a alvorada oficial lá de casa: a mãe a ligar a televisão às sete e meia. Ele fingiu que dormia apesar do ruído que já descia pela janela num ping ping ping de passos. Quando Augusta saiu de casa, pelas oito e picos, em direção ao seu novo hábito, tomar o pequeno-almoço na pastelaria da praceta, ele levantou-se finalmente. Não pregava olho desde a uma da manhã. Pela mãe tinham passado sete horas, por ele tinham passado onze anos e, mesmo assim, não tinha uma boa solução para o dilema: a sua vida no Janeirinho era intragável, mas o seu regresso a São Jerónimo era impossível. Se revertesse o fluxo do êxodo e subisse o aqueduto de Jonas que ligava as torneiras de Lisboa ao rio da aldeia, teria um cenário habitável, mas a personagem central seria uma vilã que o destruiria de uma maneira ou outra. Só a morte de Eduarda, que desejava agora mais do que nunca, permitiria esse futuro alternativo na aldeia. Não, não valia a pena pensar nisso. Não tinha outra saída senão sobreviver à sua Nínive. A terra prometida dos pais era o seu cativo.

David

A RUA ERA MESMO SINÓNIMO DE HUMILHAÇÃO, sobretudo às mãos do pequeno caudilho da canalha. Quando o ouvia a liderar os outros rapazes, os cabelos da nuca eriçavam-se como um ouriço. Não andava nas ruas, nem sozinho nem acompanhado. Nesta altura só ia a um sítio e de carro: aos domingos passavam pela casa do tio Isaías junto ao aeroporto. Quase deixou de andar a pé, o que reforçava a náusea que sentia de manhã à noite. Caminhar era a sua condição natural na serra. O seu perímetro físico era medido em léguas, não em quarteirões, metros ou mesmo quilómetros. Na aldeia era radical na pobreza mas também era radical na liberdade; os seus sapatos tinham buracos na sola mas podia fazer caminhadas no grande vale. Agora tinha sapatos e sapatilhas à escolha, mas não conseguia sair de casa. A liberdade financeira implicara o fim da liberdade física. Agora tinha bens impensáveis na aldeia, fartura de fruta, fartura de livros, vídeo e fartura de cassetes vídeo, walkman e fartura de cassetes áudio. O seu quarto era o cockpit do sonho de Augusta, o filho doutor: escrivaninha nova com três gavetas, tampo móvel e uma estante onde arrumava os livros e o seu novo arsenal, lápis e lapiseiras de várias espessuras, esferográficas de todas as cores, um conjunto de lápis de cor profissionais com dezenas de cores, guaches, aguarelas, pincéis, blocos de folha lisa, blocos de folha grossa, blocos de folha rugosa, a sua favorita, uma caneta de aparo, compasso, transferidor. Este arsenal chegava-lhe de três fontes: a prima

Dulce passava lá por casa e oferecia-lhe presentes que comprava em Lisboa; a mãe encomendava livros ao senhor do Círculo de Leitores que vendia porta a porta e comprava material e outros livros na papelaria da praceta onde já era a cliente mais estimada. Comprar um dicionário já não significava sopa de cavalo cansado de manhã e à noite. Mas assim que punha os pés na rua sentia que estava em território inimigo, sobretudo quando o meia-leca trocista o mirava de longe nos breves segundos que ele e os pais gastavam entre a porta do prédio e o carro. Quando entrava no carro, João Miguel deitava-se logo no banco de trás agarrado a um livro. Os pais pensavam que ele estava a ler. A verdade era outra: estava a esconder-se do olhar daquele rufia majestoso. Tinha sempre livros guardados no carro. Levantava uma parte do banco de trás, velha e descolada do resto, e escondia lá dentro, entre molas e ferros, alguns álbuns de banda desenhada. Se viesse de casa sem livros, tinha sempre ali uma desculpa para se esconder.

Esta sensação de reclusão aumentou quando o espectro dos assaltos tomou forma. O chaço azul foi roubado numa noite, nunca mais o viram. O estrago material não foi grande, o carro novo já estava encomendado e o chaço nem no ferro-velho tinha valor. Mas ficou o estrago mental, o medo, a sensação de serem invadidos, violentados. O carro novo passou a ficar guardado no apertadíssimo lugar da garagem onde Romão odiava estacionar. Depois foi a vez da casa, uma cave muito vulnerável sobretudo através da marquise das traseiras. Num domingo à noite, quando chegaram da casa de Isaías, deram com os vidros da marquise rachados. O que se passara? Um homem em cima dos ombros de outro conseguira agarrar a grade exterior da varanda; depois tentou forçar as janelas da marquise. Fracassou. Estar pendurado do lado de fora de uma varanda não é a posição mais cómoda para alavancar um pé de cabra. Não conseguiu entrar, é certo, mas a tentativa custou-lhes nova marquise

que o pai blindou como se fosse um banco central. Foi a partir daqui que estabeleceram um hábito: deixar a televisão ligada quando saíam de casa; no escuro, os clarões do ecrã projetados no exterior através das janelas afugentavam à partida qualquer assaltante.

Sitiado por este ambiente, ele não andava, não corria, não nadava. Para compensar este corte radical de horizontes físicos, alargou os horizontes mentais. Passou a ler ainda mais. Escoltado pela mãe, ia à papelaria da praceta que tinha uma estante giratória de uma editora especializada em clássicos de bolso. Comprou e leu dezenas de livros, sobretudo clássicos de fantasia como Tolkien e C.S. Lewis e de ficção científica como Asimov, Wells, Lem, Dick, Sagan; lia estes fazedores de mundos mesmo quando não percebia tudo, porque precisava de viver nessas realidades paralelas para escapar ao seu próprio mundo. Recusava a rua, o bairro, Lisboa e o seu próprio país que não reconhecia na TV, mas sabia escrever palavras no alfabeto élfico de Tolkien ou imaginava que a Terra era um Solaris — um oceano senciente — não respeitado pela soberba poluidora do homem. Os livros ajudaram-no a colocar a almofada da imaginação entre si e a realidade, um amortecedor literário. Antes de o atingirem, os meteoritos da realidade tinham de passar por este giroscópio de naves espaciais, aliens, zombies, robots, druidas, feiticeiros, hipopótamos blindados, elfos, orcs, gnomos, centauros e centauros do futuro, os cyborgs, lobisomens, sereias, oceanos pensantes; todas estas criaturas orbitavam à sua volta como um escudo em movimento e pareciam-lhe mais reais do que o bairro. A realidade do Janeirinho era como a mãe: quanto mais se aproximava dela, mais ela escapava à sua compreensão.

O cerco continuava à noite. Sabia de antemão que ia ter o sono sabotado pelas sombras que o marcavam homem a homem como centrais de marcação caceteiros. O maior destes sarrafeiros oníricos era

um pesadelo que brotou neste verão para nunca mais o largar. Nos diários deu um título pomposo a este pesadelo, «a queda». Desenhou ao longo dos anos dezenas de variações desta queda, que, de resto, formam uma galeria subterrânea que une João Miguel, Ruço e Lucas. Nas três encarnações, ele sentiu sempre a mesma queda:

já está a cair, a deslocação de ar deforma-lhe o rosto, puxa e repuxa a pele, a carne, as pálpebras, as órbitas, é uma queda na direção de um espelho de água, será uma das barragens do pai?, talvez; não sabe porque é que está a cair pois quando tudo começa já está no ar; é uma queda sem fim, não há o choque misericordioso com a água; sim, é uma queda perpétua sem começo e sem fim, está preso no meio do meio, os três segundos cronológicos da queda normal são multiplicados, seis segundos, vinte e um segundos, oitenta e sete segundos, duzentos e sessenta e um segundos, o tempo perde a cronologia e ganha uma forma física, é um fosso sem fundo que não tem a bondade de o afogar; por vezes, cai desamparado, rodopiando no ar, mas noutras cai sereno, o seu corpo não rodopia desajeitado no ar, tem os braços colados ao tronco e as pernas alinhadas e direitas, cai com a elegância retilínea da bala, uma linha geométrica tranquila mas implacável.

Quando sentia que ia tocar finalmente na água, acordava num espasmo. Levantava-se e tinha o impulso de ir espreitar o mundo pela janela, mas nada tinha para espreitar. Estava numa cave. Restava-lhe procurar refúgio na sua velha cadeira de estimação, uma cadeira que passou de geração em geração, foi do avô e do pai, agora era dele; as pernas e o assento eram encarnados, o respaldo era azul-cobalto. Abraçava-se à cadeira como se ela fosse um animal de estimação; era o mais próximo que tinha de um amigo, talvez tenha falado com ela da mesma forma que um naufrago fala com os objetos que sobreviveram ao naufrágio. Sentava-se nela e folheava no escuro os livros do sexto ano

acabados de chegar ou então usava-a como boia. Sentava-se, elevava as pernas de forma a pôr os pés no assento, abraçava os joelhos colados ao peito. Ficava ali, à espera que a água não lhe tocasse, a água que subia a partir das fissuras entre os tacos, as fissuras que acolheram o esterco do seu segundo parto; a água que descia, plácida mas abundante, pelos caixilhos lassos da janela, a água que inundava o quarto até à altura do assento da cadeira; só se via o azul-cobalto do respaldo.

Os vizinhos foram chegando ao longo do verão. A do terceiro esquerdo, a professora Luísa, estabeleceu uma estranha relação com Augusta. Quando percebeu que estava ali uma costureira, deu-lhe logo trabalho, sobretudo roupa do marido e dos dois filhos. Tinham dois carros, vestiam-se bem, ela era professora em Lisboa, ele dizia que era empresário. O tio Isaías também era empresário, mas nunca usaria essa palavra para se definir. A condescendência foi evidente desde o início. A Doutora Luísa tratava Augusta como criada ou porteira: «A Dona Augusta pode lavar as escadas do prédio de vez em quando, não é?», «A Dona Augusta faz um preço de amigo aí na roupa, não é verdade?» Augusta não se deu conta, estava demasiado envaidecida com a alegada amizade da senhora professora que já tinha dois filhos à porta do sonho: a faculdade. Claro que a atitude paternalista chegou até João Miguel. Os dois filhos da Doutora Luísa deram-lhe brinquedos decrépitos e um computador avariado. Fizeram caridade com o simplório da cave direita através de monos que iriam para o lixo de qualquer maneira. Fosse como fosse, era preciso arranjar o computador, que, na época, era uma preciosidade e porventura um sinal de estatuto ainda mais exclusivo do que o automóvel. Mas onde? Augusta já falava com senhoras da rua na mercearia e na pastelaria da praceta. Uma delas, Hermínia, lá convencera o filho a levar João Miguel a uma loja de informática que ficava nas torres do Monte Eulália, o bairro vizinho a norte.

— Chama-se David — anunciou Augusta —, vai mostrar-te onde é a loja dos computadores, amanhã à tardinha.

— David? Como é que ele é?

— É aquele chico-esperto, rolinha baixa e olhos verdes. Não gosto dele nem um bocadinho, mas pronto.

João Miguel ficou lívido. Tinha mesmo de ser aquele gajo? Tinha mesmo de ser o cabrão que o aterrorizava desde o dia do êxodo? Claro que tinha de ser. Hesitou, mas Augusta não lhe deu hipótese de fuga, já estava combinado, não se jogava um computador para o lixo. Sentiu-se soterrado na sua própria cobardia. Tinha de ir, tinha de ser homenzinho.

— Mas, olha: nada de confianças.

— Sim, mãe.

No final da tarde do dia seguinte, à hora marcada, ele sai de casa, espera junto à caixa de eletricidade, o banco improvisado da rua. O tal David aparece já a caçoar num silêncio sarcástico. Não é preciso dotes de cartomante para perceber porquê. David usa calções largos de ganga, sapatilhas e uma t-shirt com ícones agressivos, manguitos e lobos a uivar; tem o cabelo preto rapado em várias camadas, é um prodígio de estilo. João Miguel já perdeu o sotaque serrano, fez questão de perdê-lo o mais depressa possível, já tem ténis e não sapatos de sola à velho, já tem calças de ganga e não calças de cotim à velho, mas ainda tem uma inconcebível camisa à velho e sobretudo o seu cabelo, aquele arranha-céus de caracóis ruços que se ergue no desrespeito pelas leis da gravidade e do estilo, é um embaraço. David não diz nada, não precisa. O canto da boca mordaz diz tudo.

Através de uma trela imaginária, David conduz João Miguel pelo meio do descampado que separa o Janeirinho do Monte Eulália.

Contornam os prédios em fase de acabamento do outro lado da rua, passam rente a uma estranha linha de cedros, árvores demasiado bonitas para estarem ali, guinam um pouco à esquerda e entram no baldio. Este terreno está numa zona confusa e disputada pelas duas juntas de freguesia, a do Bairro 3 de Janeiro e a do Monte Eulália. Aproveitando o vazio legal, os locais colonizaram esta charneca, transformando-a num labirinto de pequenas hortas muradas por paletes de madeira e cartões de caixas de bananas. Cada pequena horta, do tamanho de uma sala, tem o seu barracão feito de ripas velhas; os telhados são legos de telhas apanhadas aqui e ali. Alguns zambujeiros sobrevivem. David percorre o labirinto sem hesitação. Não se vê ninguém. Sentindo intrusos, cães ladram. David tem imensas cicatrizes, os braços parecem dois cachalotes arpoados dezenas de vezes. Acende um cigarro como os da aldeia: foi enrolado à mão. O cheiro, porém, é diferente, tem aquela pitada narcótica do eucalipto ou talvez da resina das estevas.

— Vai uma passa?

João Miguel, envergonhado, abana a cabeça e diz:

— Não, obrigado.

Na resposta, David abana a cabeça em sinal de reprovação e a seguir pergunta:

— Como é que te chamas, pá?

— João Miguel.

David não diz mais nada. Não sabe se João Miguel sabe ou não o seu nome, mas não se importa. Continua a andar calado. Congregando a força de um regimento, João Miguel ousa fazer conversa através de uma pergunta retórica:

— Tu és o David, não é?

David pára, encara-o; é um palmo mais baixo do que João Miguel, mas o carisma agiganta-o, berra como um oficial gritaria com o recruta:

— Ná, ná. Pra um parolo como tu, sou o Patrão, o Boss, tás a ouvir, caralho?

Tenta controlar-se, mas o corpo vence: sente o vómito a subir; tenta contê-lo rangendo os dentes. É um esforço inglório. Baixa-se, finge que ata os ténis para expulsar o vómito que guardou na boca. O pior vem a seguir. As pernas tremelicam quando entram naquilo que se segue ao labirinto de hortas: um pequeno, sinistro e inesperado bosque de eucaliptos, que crescem ao abandono. Incrédulo, abana a cabeça: como é que há uma mata de eucaliptos grossos como sobreiros no meio dos prédios? Se é estranho atravessar o labirinto das hortas e o bosque fantasmagórico, é ainda mais esquisito entrar no Monte Eulália. A colina desce a pique a seguir ao bosque, o que coloca João Miguel numa posição caricata: está com os pés no chão mas está ao mesmo nível dos andares mais altos das torres de quinze andares mesmo à sua frente; está no chão mas vê em frente uma senhora a fazer o jantar num décimo quinto andar. Lembra-se do pesadelo da queda que tem todas as noites. É uma premonição do que tem aqui à frente? Se rebolesse por esta ribanceira, chegava lá abaixo morto, sem dúvida. Imitando David, lá consegue descer o morro escorregando sentado; esgaça as calças novas no rabo, destrói os ténis, machuca as mãos nas pedras e nos picos dos arbustos. Na base desta descida, há um canavial que separa a ribanceira das ruas. Atravessa esta antecâmara de canas, entra no Monte Eulália e abre a boca de espanto: nunca tinha visto edifícios tão altos, torres de quinze andares que explodem como sequoias de várias cores. David avança, deixando para trás João Miguel, que grita: «Espera por mim.» Nos rés-do-chão das torres, pequenos centros comerciais engolem e cospem gente através de churrascarias e cabeleireiros, há odores quentes e agradáveis, o piri-piri do frango assado, o bafo perfumado do farandol.

David entra num centro comercial onde está a rudimentar loja de informática que se chama Café Paraíso.

— Vá, mete-te na fila, caralho! — ordena.

Ficam os dois na fila de espera. João Miguel olha embasbacado para as prateleiras: centenas de cassetes de jogos de computador, milhares de horas de evasão na forma de jogos de corridas, de naves espaciais, de batalhas, de boxe, de snooker. Enumerar as cassetes é uma forma de controlar a ansiedade que o consome. Mas, quando dá por ela, percebe que está sozinho. David abandonou-o num sítio desconhecido e que lhe dá medo, um terror palpável que David sentiu desde o início. Aliás, David voluntariou-se para o ajudar só para ter esta chance de lhe pregar um susto. João Miguel corre para a rua, olha à volta, não vê David. Só vê vidros partidos em muitas janelas. Além das proverbiais infiltrações, estas torres estão cheias de riscos incompreensíveis nas paredes. Há bandos de rapazes sentados em caixas de eletricidade e bancos, parecem lobos à espera dos veados coxos — ele, João Miguel, é um desses cervos mancos e apetitosos. Regressa a casa pelo mesmo caminho sem saber onde deixou cair o saco com o computador. Atravessa as canas, sobe o morro agarrando-se às raízes de arbustos, fica com as mãos em ferida, vence o bosque dos eucaliptos como um touro a marrar, olhos para baixo, cocuruto para a frente. Será que David está escondido atrás de um eucalipto a saborear a sua humilhação enquanto fuma aquele estranho cigarro? No labirinto das hortas, tem apenas uma leve ideia do caminho. Os cães continuam a ladrar. Os homens começam a chegar às hortas vindos diretos do trabalho, olham para ele com ar ameaçador; é um potencial vândalo que ameaça este refúgio.

— Chispa-te daqui — grita um senhor erguendo a enxada como uma lança.

João Miguel tenta exorcizar o pavor reparando em pormenores: cada barracão guarda sementes, pesticidas, enxadas, sachos, regadores; os espantalhos são feitos com embalagens gigantescas de amaciadores de roupa; bandeiras do Benfica, do Sporting e até uma do FC Porto estão hasteadas em tubos brancos de PVC.

— Qué que queres daqui? Vai-te embora! — vocifera outro homem mais à frente e ameaça-o com uma pedra.

De repente, à direita, guardando uma das hortas com couves da altura de dois homens, um cão gigantesco empina-se na cerca para lhe tentar tocar com a pata. É uma criatura grotesca, tem o nariz fendido ao ponto de parecerem dois, está coberto de sarna, o dorso é uma pasta sanguinolenta que mistura carne viva e pelagem rarefeita. Apesar do aspeto asqueroso, tem um ladrar patético. Repelente e grande como é, devia ter um ladrar temível; ladra no entanto como um peluche. João Miguel não sabe se há de rir ou se há de chorar. O cão quer tocar-lhe para quê? Para pedir o tiro da misericórdia ou para morder?

— Se voltas aqui levas uma chumbada! — berra um terceiro homem sentado numa cadeira; está a depenar uma ave, talvez um pombo, que acabou de matar com a pressão de ar encostada à cerca.

Assustado com este último berro, o cão grotesco recolhe à casota. Assim que vira a cabeça para retomar caminho, João Miguel depara-se com um cavalo negro que se ergue no ar num reflexo de medo. Quando volta a pôr as patas dianteiras no chão, o animal encara-o: está assustado como ele e esse pavor partilhado aproxima-os. Os cães param de ladrar, os homens param de gritar, o vento pára de soprar, as crinas deixam de esvoaçar e caem para lhe emoldurar o longo focinho, que não é bem um focinho, diga-se, é mais um rosto com tanta consciência da finitude como o de João Miguel. O animal baixa o rosto e encaminha-se para a esquerda no sentido levante. João Miguel segue-o colocando os pés nas

pegadas que os cascos deixam na terra. Vencendo uma fileira de cedros, o alazão entra numa vasta quinta cheia de cavalos que fazem dressage montados por meninos e meninas. João Miguel senta-se num cedro tombado mas ainda vivo, um frescor de seiva sai do seu tronco esventrado. Lá em baixo, vê a cidade. Sente o calor do sol crepuscular nas costas, a luz quente e laranja projeta-se sobre o trote de centauro daquelas figuras, metade cavalo, metade menino. Além deste berçário de centauros, vê uma vacaria. Ao lado do picadeiro, uma senhora ordenha vacas, atravessa os cedros com uma bilha de leite na mão, passa para a rua, entra em diversos prédios onde enche garrafas de vidro deixadas pelas clientes, e desaparece pelo túnel das escadas a poucos metros do quarto de João Miguel.

O zepelim de Catão

NO DIA A SEGUIR À HUMILHAÇÃO IMPOSTA POR DAVID, ele precisava de um elmo que o protegesse daquele rapaz que militarizava a rua da frente e da ratazana que assombrava o beco das traseiras; precisava de um zepelim que lhe permitisse flutuar acima da sua própria casa, do seu próprio quarto, que também associava à insónia ou aos pesadelos. Pediu, assim, ao pai para passar o dia na fábrica, que eles continuavam a tratar humildemente por oficina, e que ficava numa colina ainda mais alta.

Neste dia, sentou-se no banco do pendura e fez o caminho que já era a rotina do pai. Junto ao portão da escola ainda em construção no cimo da rua, se virassem à esquerda entravam no labirinto de ruas e declives do bairro — território ainda tabu para João Miguel. Se virassem à direita, percorriam uma estrada de terra paralela ao descampado das hortas que ele tinha percorrido no dia anterior — era este o caminho diário do pai. Depois dos eucaliptos e antes de a estrada descer a pique até às torres do Monte Eulália, uma nova cortada à esquerda subia um escarpado promontório. Lá no alto, acima dos quatrocentos metros, ficava um sub-bairro autónomo que era conhecido por Cabeço, o verdadeiro cume do Janeirinho. O Cabeço era um enxame de oficinas, pequenas fabriquetas e empresas ligadas à construção civil. Nesta manhã, centenas de homens estavam a pegar ao serviço ainda pela fresca, os mecânicos, os canalizadores, os eletricitas, os soldadores, os serralheiros, os pedreiros, os técnicos de gás, os estofadores, os

carpinteiros, os marceneiros, um exército de corcundas: levavam às costas o material pesado, andaimes, tubagens, armários de cozinha; nas mãos levavam caixas de ferramentas, latas de tinta, cigarros acesos. Ouvia-se um chorrilho de palavrões e uma continuada orquestração industrial, o ruído dos macacos e prensas hidráulicas, o escarafunchar do berbequim na madeira ou no metal, os baques agudos e repetitivos de uma barra de ferro a cair no chão, o baque único e grave de um barrote. Eram homens idênticos a Isaías: emigraram para a metrópole, deixando para trás as aldeias e vilas da província. Só variavam nos sotaques: o alentejano cantado no gerúndio, o beirão sibilante à seminário, o asneiredo minhoto tão corridinho que nem se dava por ele, a galhardia transmontana agarrada à segunda pessoa do plural, «tendes», «ides». Tal como a avó Eduarda, orgulhosa transmontana, estes operários transmontanos pareciam ser de outro século ou de outro mundo, um mundo onde os tratados diplomáticos entre impérios não eram escritos em prosa, mas sim em poesia. Lembrou-se do último insulto da avó, «Tendes nariz de judeu.» Sotaques à parte, estes homens eram iguais entre si, camisa de manga curta com padrões aos quadrados, unha do mindinho desmesuradamente comprida, bigode espigado, bafo a zurrapa e a medronho, navalha no bolso. Já viviam há décadas na cidade, mas mantinham o hábito aldeão de ter a faca no bolso. Na aldeia era o talher das refeições, ferramenta e arma; aqui era o abre-caricas das cervejas.

Romão também já estava igual a estes homens, e era por isso que já não usava o chapéu provinciano. Na cidade os homens não usavam chapéu ou boina e as mulheres não usavam lenço ou xaile. Este chapéu de feltro de aba larga ainda existe. Durante anos andou meio perdido nos armários. Quando se mudou para Lisboa, fez questão de levar o chapéu do pai consigo. Em jeito de homenagem, pousou-o na prateleira de livros mais alta; assim que se entra no quarto, ainda se vê o chapéu, qual

diadema negro de um rei curioso: apesar de nunca ter lido um livro na vida, foi o trabalho de Romão que permitiu ao filho montar uma biblioteca em casa. Dezenas de milhares de pessoas comeram, rezaram, jogaram, choraram, conviveram, cozinham, viajaram e viajam em cima de estruturas feitas em parte ou na totalidade pelo aço azul do Sor Romão, o soldador que se tornou empresário metalúrgico, o empresário que nunca deixou de soldar ao lado dos seus homens. Nesta manhã, ele viu ao vivo esta eficácia dócil de Romão: ali estava o irmão do patrão junto dos homens, ensinava os aprendizes a fazer o pirilampo lilás da soldadura, dava instruções afáveis aos mestres e oficiais. Romão sentia-se feliz apesar de estar num cabeço horrendo e enxameado por fabriquetas que desafiavam todas as regras da medicina do trabalho. Ali, no meio da fuligem e dos dedos cortados por serras e esmagados por prensas, Romão era alguém, já não o tipo dos biscates que dependia dos pais e da mulher; já não se sentia impotente perante o feitio ditatorial da mãe e ante o desejo de emancipação da mulher. Até tinha uma nova alcunha, não era o Florzinha, era o Bom Gigante. Numa família de homens muito altos, Romão era o mais alto e o mais terno de todos.

O Bom Gigante: essa alcunha até era mais comum no pessoal das outras fabriquetas. Percebeu isso no almoço. A cem metros da fábrica do Bom Gigante e do Seu Isaías, ficava a tasca do careca, o Aníbal. O nome oficial deste botequim era «A Vista». Um nome rigoroso: as melhores vistas sobre Lisboa estavam nos locais mais hediondos, e esta era talvez a melhor de todas. Via Lisboa lá em baixo, mas na prática continuava na aldeia. Estes homens não tinham sido polidos pela cidade. Chamavam puta, porca ou badalhoca a qualquer mulher ou rapariga que ousasse passar junto ao botequim. E claro que se meteram com ele à maneira da avó Eduarda. Implicaram com a sua magreza longilínea, com os seus olhos minúsculos e amendoados, com a sua carapinha alourada, com o

seu silêncio, com o livro que trazia no bolso das calças. «Deixa lá o livro, caralho», «Caralhos ma fodam, mas o putto é mouco ou quê?», «Ó pá, o sobrinho do Isaías é mudo ou quê, caralho?», «Ó Isaías, o filho ali do teu irmão tem algum problema?» Choveram alcunhas: ele foi o Mudo, o Caixa d'Óculos, o Caladinho, o Abre-a-Pestana, o Fala-Pouco, o Trinca-Espinhas, o Arrumadinho, o Escadote, o Pisca-Pisca, o Ruço de Uma Figa ou Gato Ruço de Mau Pelo, que era dito de forma vertiginosa: «Gatoruço mápelo, senta-te aqui ao pé de mim.» Este «senta-te aqui ao pé de mim» era uma intimação para o desmame alcoólico. O sobrinho do grande Isaías tinha de ser homenzinho, tinha de pegar no facho e no bafo do tio. A família Correia Azul era a aristocracia operária e ele tinha de estar à altura de tamanha honraria. No Cabeço, ser sobrinho do profeta Isaías era como ser sobrinho de um professor catedrático na cidade: um privilégio que comportava responsabilidades, um modo de estar, uma *persona*.

Já no final do almoço, este coletivo batizou-o em zurrapa. Um homem chegou ao balcão, pediu o habitual meio quartilho de tinto e derramou uma pinga num copinho de bagaço, que ofereceu a João Miguel. Os outros cercaram-no; ao longe Isaías aprovou o ritual. Quando ele engoliu a mistela com um esgar de vômito, a tasca irrompeu numa salva de palmas, a mais estranha salva de palmas do mundo, pois quase todos já tinham perdido um ou mais dedos. Apertado por estas mãos de bombista, ouviu várias vezes a frase imperativa: «Bebe que dá força!» O que não é desprovido de sentido: estes homens ainda eram do tempo em que o bagaço era a grande fonte de calor logo no mata-bicho. Repetiu a dose mais cinco vezes. Romão aceitou a praxe sem prazer, viu-a como inevitável, como se beber fosse o mesmo que ir à vacina, uma dor necessária. Não teve coragem, permitiu que aquele pequeno copo descesse à condição de amuleto da taberna. E tudo isto se passou

enquanto os homens mexiam nos cachos de cabelo loiro de João Miguel; deram-lhe ainda pequenos carolos e apertões nos braços: «Chavaleco, tens de ganhar músculo aqui, caralho!» O seu corpo foi durante esta cerimónia propriedade coletiva da caserna. No final das libações, foi à casa de banho e vomitou, não porque acabara de beber seis shots de vinho, mas por causa do fedor a mijo e merda que jamais sairia daquelas paredes.

À tarde andou pela fábrica, viu em pormenor as bancadas dos serralheiros e dos soldadores, deixando-se enfeitiçar pela luz roxa da soldadura. Viu pela primeira vez mulheres nuas nos calendários colados nas paredes; através das paredes também sentiu a trepidação das máquinas que fez lembrar a trepidação da água das cachoeiras a cair no vale. A sua curiosidade levou-o a um patamar superior, um primeiro andar improvisado onde estava a secção de tintas, colas e vernizes; apesar da máscara, o cheiro era intenso e viciante. O responsável por esta secção riu-se, piscou-lhe o olho e disse: «Dá uma ganda moca, não dá?» Dá, sim senhor. Na época as crianças de bairros como o Janeirinho drogavam-se snifando vernizes, tintas e colas dentro de sacos de plástico. A partir desta sala de chuto, ele descobriu do outro lado uma segunda porta que dava para o terraço da fábrica. Subiu umas escadas, entrou no terraço e descobriu o zepelim atracado.

Foi esmagado por uma vista estarrecedora, bela e terrível ao mesmo tempo. Era terrível porque era de facto hedionda. Nesta atalaia acima dos quatrocentos metros, viu as entranhas nauseabundas da máquina do mundo. Não, ele não acedeu à máquina do mundo pelo lado das aquáticas musas que deslizam por cascatas de vinho e sucos carnis; acedeu pelo lado da sala da caldeira por onde não escorre seiva, mas sim óleo que empesta o ar com o fedor do porão. Sim, conseguia ver ao pormenor a fealdade das roldanas e rodas dentadas que sustentavam

mais à frente a cidade. Os bilhetes-postais de Lisboa, a cidade branca dos queques e dos camones, não mostravam o ponto de vista destas traseiras tismadas, mostravam o ponto de vista exatamente oposto, o do alpendre luminoso de Belém, o ponto de vista do oceano, do estuário, da ponte. Esse frontispício era belo, porque nas traseiras um povo escondido, o povo de João Miguel, mantinha a caldeira em funcionamento. Mas então porque é que esta vista tão feia podia ser bela ao mesmo tempo? É preciso ir lá para perceber: é uma vista panorâmica do Inferno; ali percebe-se porque é que Lucas Andrade idolatrava a pintura de Bosch, o Inferno é belo se for apanhado com a grande angular.

Esta panorâmica infernal causou-lhe dois sentimentos ainda embrionários mas já contraditórios. Por um lado, imaginou-se a sair dali com o zepelim para largar bombas sobre Lisboa; ficou com vontade de vestir a pele do general invasor, qual Masséna de penacho, que destrói Lisboa com fogo de artilharia colocada ali mesmo naquele cabeçaço; sentiu um desejo quase inapto de vingança contra *eles*, os tais senhores doutores da cidade, os betinhos da Linha, os finórios, tão odiados pelos avós e tios. Esses privilegiados viviam na parte da frente desta máquina do mundo, a parte cuja beleza dependia da existência de escravos, roldanas e caldeiras. E João Miguel e a sua família faziam parte do exército de escravos que vivia em roldanas oleosas como o Janeirinho e que trabalhava em caldeiras mascarradas como o Cabeço. Com onze anos apenas, odiou aqui os finórios por se sentir um dos mujiques. Só que, ao mesmo tempo, sentiu a vontade de civilizar estes bairros, estas caldeiras, com a luz que vinha da cidade, com a civilização que *eles*, os finórios, tinham. Nunca resolveu esta contradição. Lucas Andrade é esta tensão.

Lá em cima, com o vento a despenteá-lo e a ensurdecê-lo, viu com clareza uma marca geológica ignorada pela maioria: Lisboa é cercada a norte e a oeste por uma meia-lua de morros, uma muralha em forma de semicírculo. E ele estava ali na ameia central desta muralha, o altíssimo ponto de união entre a parede oeste, a serra de Sintra, e a parede norte, a serrania saloia, que ainda tinha ruínas dos torreões mais recuados das Linhas de Torres. Se Masséna tivesse passado, Wellington teria recuado até ao sítio onde ele estava. Aliás, Wellington esteve de certeza ali no Cabeço, era o único sítio que lhe permitia ver a retaguarda por inteiro. Ao rodar a cabeça para sudoeste, João Miguel viu espantado outra marca do passado, Belas, o início da descida do velho Aqueduto, agora em ruínas. Parecia que estava numa aula a três dimensões da história de Portugal, Wellington, Linhas de Torres, Aqueduto. Reconstruiu mentalmente o Aqueduto imaginando que estava a vê-lo a partir do ponto de vista aéreo do zepelim: os miseráveis como ele podiam viver agora nestes morros porque a cidade já não precisava da água dos ribeiros de Belas e afins; a cidade tinha toda a água de que precisava porque conseguira colonizar o rio da serra através do aqueduto subterrâneo. Sim, talvez os avós e os tios tivessem razão, se calhar os pobres eram mesmo meros joguetes nas mãos *deles*. Como já não eram necessários para o abastecimento de água, os morros podiam ser agora colonizados pelas cubatas de tijolo da mão de obra barata. No passado, um aqueduto de pedra levava água dos morros para a cidade; agora aquedutos de alcatrão levavam servos dos morros para a cidade. O aqueduto mudara de forma, a servidão não. Quantas pessoas da cidade lhe saberiam dizer que a água que bebiam vinha do rio da sua aldeia? Talvez o azedume dos avós tivesse mesmo razão de ser. Os pobres não existiam na cabeça *deles*. Quando ouvia os telejornais ou os programas de debate na televisão, sentia-se tão estrangeiro como um indígena da

Amazónia: «Mas *eles* estão a falar do quê?», pensava. Não, os pobres não existiam. A pobreza rural das aldeias lá aparecia às vezes enquanto caricatura; os rurais eram a desculpa para a chacota televisiva à procura do castiço. Já a pobreza urbana, ali dos bairros à volta de Lisboa, muito simplesmente não existia. Apesar da proximidade e da relação laboral entre a cidade e os morros, estes bairros estavam no ângulo morto da capital. Toda a nova horda de povos de João Miguel, Famões, Caneças, Montemor, Casal de Cambra, Ramada, serra da Amoreira, Odivelas, Olival Basto, Póvoa, Bons Dias, Belas, Santo António dos Cavaleiros, Janeirinho, Monte Abraão, Monte Eulália, Alforneiros, Amadora, Buraca, Damaia, Brandoa, À-da-Beja, Bobadela, Sacavém, Santa Iria, não existia no imaginário de Lisboa. Estas terras eram apenas sinais de trânsito nos relatórios das rádios à hora de ponta: «Engarrafamento à saída da Bobadela», «Trânsito condicionado à entrada do Olival Basto», «Acidente na A1 na saída para Santa Iria.» Para lá desta sinalética de semáforo, eram invisíveis. Ter esta consciência, a consciência de que era invisível aos olhos da cidade, encheu João Miguel de raiva. Neste ressentimento estava a seguir o coração do avô Manel e da avó Eduarda. Apesar de a odiar, não deixava de ser neto da generala inverno.

Só que este rancor estava a ser diluído por outro sentimento.

Olhou para o interior da muralha, a fealdade da construção do Janeirinho e dos outros bairros era evidente. O que foi outrora uma bela cordilheira verde era agora um cerco de cinza, o resultado da precipitação e venalidade dos *seus*, os pobres, que não eram apenas vítimas das elites, também eram vítimas dos seus próprios erros. Ao almoço, quantas vezes ele ouviu o pai a ralhar com Isaías, que tinha o hábito chico-esperto de enganar construtores e outros clientes com material de fraca qualidade e soldaduras amadoras? Muitas. A frase bordão de Romão era «Se é para fazer, é para fazer bem feito» e essa

ética laboral esbarrava com o desenrascanço do irmão mais velho e dos outros empresários em redor.

Ali ao lado, não muito longe de Belas, ele conseguiu avistar a nascente da tal «ribeira da Ti Judite», a ribeira de Frielas, que desce o morro num percurso paralelo ao do velho Aqueduto, aliás, esta ribeira deve ter sido uma das cinquenta e oito nascentes e cursos de água desviados para o velho Aqueduto; tal como Wellington, os engenheiros de D. João V estiveram de certeza ali no Cabeço. A ribeira de Frielas desce e depois guina à esquerda para norte; passa lá em baixo por Odivelas, Póvoa, Flamengo, Santo António e Frielas; só começa a virar para sul depois de receber as águas do rio de Loures, que vem das serras da zona saloia a norte. Já unidos, a ribeira e o rio de Loures completam a viragem para sul quando desaguam no rio Trancão, o último e infame afluente do Tejo que também nasce na serrania saloia. Este sistema fluvial composto por três pequenos rios era, aos olhos dele, o único elemento uniforme e belo na paisagem. O resto era uma bagunça de viadutos, vias-rápidas, nós rodoviários, estradas e prédios sem ordem ou estética, uns eram brancos, outros cinzentos, outros amarelos, outros roxos, outros não tinham reboco, uns tinham três andares, outros dez, outros quinze; havia terras removidas por todo o lado, era como se a própria terra castanha não tivesse lugar num local feito de entulho acinzentado. A paisagem parecia um gigantesco arraial provisório, um acampamento de refugiados montado apenas para algumas semanas ou meses a seguir a um terramoto; era tudo menos um urbanismo pensado para uma habitação humana em permanência. Vistos de cima, estes morros pareciam mesmo as muralhas de escórias de minas abandonadas por um titã que decidira fazer uma experiência herética: encontrar o ponto de fusão entre o mundo e o submundo, o túnel secreto de Dante e Virgílio, de Odisseu e Pedro Parámo.

Continuou no ângulo do zepelim. O campo de visão lunar só abriu quando olhou para sudeste na direção de Lisboa. Observou a cidade, sobretudo os inevitáveis estádios de futebol. Desceu até ao escritório para roubar papel e lápis, voltou e desenhou o Estádio da Luz vezes sem conta. Os prédios de Lisboa eram visíveis, sim, mas não conseguia captar os seus pormenores, eram entidades tão nevoentas como as brumas de Sintra. Colocando o olhar ainda mais a sul, sentiu a luz azul do oceano. O sul era de facto uma embocadura de luz e cor, uma promessa. Portanto, se é verdade que ele sentiu o desejo de queimar a cidade, o desejo de atirar as trevas da pobreza para cima da capital para que *eles* soubessem como custa viver na miséria, também é verdade que sentiu o impulso inverso: trazer a luz da cidade para a escuridão dos bairros. Neste desejo de reforma e melhoria, entrou no coração do pai, que aprendeu sempre com os doutores aquilo que havia para aprender. Ter brio não era uma cedência social às «mariquices dos doutores», era fazer as coisas bem debaixo de um critério universal de qualidade. A sala das máquinas da cidade estaria sempre no porão, seria sempre uma oficina, sim, mas podia ser uma oficina asseada, organizada, honesta. É por isso que o Seu Romão exportou pontes portuguesas para a Europa a partir do morro — um feito considerado impossível, quer para os piores snobes da capital, quer para os piores chungas do bairro. Nos seus melhores momentos, João Miguel, ou melhor, Lucas Andrade, foi uma versão literária do pai. Através das reportagens e livros sobre esta horda de povos pendurada nos morros, ele deu uma lente nova aos leitores da cidade, uma lente que permitiu ver e compreender a pobreza para lá dos preconceitos do snobe da cidade mas também para lá dos preconceitos do pobre que se automutila com a ideia de que o miserável só pode ser medíocre.

O morro é mesmo uma hidra de muitas nascentes. Um pequeno arroio nasce ali mesmo no Cabeço, passa junto à fábrica e junto à tasca para depois cair sessenta metros lá em baixo no corpo central do Janeirinho. Essa cachoeira não é visível do ponto de vista da fábrica, mas Romão, que nesta tarde subiu à açoteia para emprestar uns binóculos ao filho, garantiu-lhe a sua existência. O nome deste curso de água perdera-se no tempo, chamavam-lhe apenas «regato». A ausência de nome confirmava a bastardia: lá em baixo, o seu percurso fora engolido por oficinas, fabriquetas e por um bairro de barracas que os locais tratavam por «A Mata». Mais à frente, encanado por manilhas e tapado por pontes, voltava a descer para desaguar na ribeira de Frielas já para os lados da Póvoa. Ao longo da descida, era denunciado pelo rasto verde-escuro do canavial que crescia nas suas ocultas margens. Este rasto era uma cicatriz na própria textura do tempo, uma cicatriz já velha, puída e, por isso, camuflada. Nada que se assemelhasse a outra cicatriz mais explícita: colada ao bairro de lata que engolia o regato ficava a escola onde ele iria entrar em breve para fazer o sexto ano.

— Pai, como assim, aquela é a minha escola?

Se era difícil acreditar que uma escola podia estar ao lado de um bairro de lata, era ainda mais difícil acreditar no seguinte: encostada à escola e ao bairro de lata estava ali uma faustosa quinta murada por ciprestes e pinheiros-mansos que protegiam um palacete, um jardim, uma capela e um heliporto. Este heliporto não era do seu zepelim, era de um helicóptero real. Esta quinta não era lenda urbana. Ele estava a vê-la com enorme clareza com ou sem binóculos. Até parecia habitada. Como é que uma quinta luxuosa e habitada podia estar ali num bairro imundo e mesmo ao lado de um regato fétido, de uma escola de desterrados e de um amontoado de barracas? É esta a marca escandalosa e bizarra da pobreza dos arrabaldes das cidades: ao contrário da pobreza rural não é

verosímil, é sempre surpreendente e ilógica, está em permanente mutação. Quando entra numa aldeia castiça, o cidadão vê aquilo que está à espera; quando entra num arrabalde da sua própria cidade, o cidadão é surpreendido por coisas que nunca viu, coisas implausíveis, coisas que não lembram ao Diabo. Aldeias como São Jerónimo são pobres mas estão finalizadas há séculos; têm uma pureza identitária fechada que atrai o turista à procura do pitoresco que afoga a culpa cidadina. Aos quatro anos, os meninos da cidade fazem desenhos de aldeias; aos quarenta, visitam aldeias reais como São Jerónimo e encontram uma realidade muito parecida à dos seus desenhos de menino. Aos quarenta, estes cidadãos não conseguem *ver* quanto mais desenhar a inverosimilhança que é um bairro como o Janeirinho; desviam os olhos da fealdade e da bizzarria, entram em negação. Arrabaldes como o 3 de Janeiro são mutantes, seres disformes e inestéticos que não acalmam a culpa cidadina; pelo contrário, reforçam-na; mostram a ação do bisturi do progresso cidadão, que vai deixando estas cicatrizes no próprio tecido do tempo. Aliás, a realidade de um bairro como o Janeirinho desafia até os próprios habitantes. Ele desenhou nos diários uma quinta com cavalos e uma vacaria aldeã mesmo ao lado da sua rua para lá de uma linha de cedros. Os desenhos são oníricos, têm a marca surrealista do sonho: como é que uma senhora sai de uma quinta rodeada de lixo, esgotos a céu aberto e prédios para vender leite porta a porta? Mas essa vacaria existe mesmo, tal como a escola de equitação, que é muito frequentada pelas elites da cidade, da Linha e até por estrangeiros. Contado não se acredita.

— Pai, alguém usa mesmo um helicóptero ali?

— Passa aí, sim, o helicóptero, ouve-se de vez em quando.

— De quem é?

— Pá, uns dizem que é de um traficante — risos do pai —, outros dizem que é de um gajo que vende armas, outros dizem que é de freiras, que é um convento — risos partilhados entre pai e filho.

— Pai, tem a certeza de que aquela é a minha escola?

— Sim, pá, tenho. Olha, pega aqui nos binóculos e olha mesmo lá pa baixo. Consegues ver a ribeira?

Para lá do grotesco, para lá dos prédios, sim, ele conseguiu ver lá em baixo a ribeira e a sua enorme várzea repleta de hortas que se espreguiçavam ao longo das duas margens.

— Daqui não dá pa ver — continuou Romão —, mas a horta da Ti Judite fica ali naquela direção; não consegues ver, tá tapada por aqueles prédios amarelados.

— Quando é que vamos lá?

— Não sei, parece que tá a cuidar da irmã ali de Loures, que tá com uma coisa na cabeça.

Naquela direção, o levante, para lá da margem direita da ribeira, talvez a meia légua de distância, ergue-se outra correnteza de morros; esta segunda corrente de colinas é muito mais baixa, anda na casa dos cento e cinquenta metros de altitude. No dia do êxodo, eles subiram e desceram aquele cerro entre Sacavém do lado de lá e Frielas do lado de cá. Ou seja, ele percebeu que estava de novo num vale. Um vale diferente, mas um vale. Na aldeia, à beira dos mil metros, as duas vertentes do vale estão perto uma da outra, são angulosas e escarpadas e, em consequência, o vale é apertadíssimo e icónico. Se o vale de São Jerónimo é um V vertiginoso e cinematográfico, este vale à entrada de Lisboa é um U vagaroso. Do outro lado deste extenso vale, a outra correnteza de morros é mais esguia, além de mais baixa, e separava-os do estuário do Tejo. Por vezes apelidada de «serra da Luz» pelos locais, também tem uma ocupação humana diferente: aquela escarpa

inclinadíssima ainda está cheia de barracas e de casas clandestinas, não de prédios. São casas térreas ou moradias com rés-do-chão e primeiro andar de construção rudimentar. Muitas não têm pintura, mostrando a nudez do reboco. Outras nem reboco têm, exibindo o esqueleto vermelho dos tijolos unidos pela quadrícula cinzenta do cimento. Não é difícil perceber porquê: os aviões ainda levantam voo a menos de quinhentos metros. A construção ali só podia ser clandestina.

Os aviões, pois claro: quando se lê os diários gráficos que ele deixou quase selados e ao cuidado de Catarina, não se pode ter dúvidas sobre a importância desta vista panorâmica e destes «seres alados», como ele lhes chamava. Este vale às portas de Lisboa, qual vale de Josafat, não teve apenas impacto intelectual na sua carreira; teve sobretudo um impacto moral na sua alma e na forma como se tornou suicida.

O aeroporto fica do outro lado desta «serra da Luz», atrás da Musgueira, Galinheiras e Camarate. A açoteia por cima da fábrica é tão alta que lhe permitiu ver os aviões a aterrar e a levantar na pista. Parecia magia — só mais um facto inverosímil do morro. Àquela distância, o ruído dos motores era apenas um leve zumbido de inseto. Pôde concentrar-se na beleza geométrica das descolagens que passavam por cima da casa do tio Isaías. Abandonou os desenhos dos milhafres, das formigas e até das cachoeiras do tempo da aldeia e desenhou aviões. O impulso do naturalista que desenha água caindo deu lugar ao impulso do engenheiro que desenha metal subindo.

E foi ali, enquanto desenhava seres alados, que sentiu pela primeira vez o estranho otimismo do suicida.

Não, não pensou em matar-se nesta tardinha, não arquitetou um plano. No entanto, o que sentiu nesta tarde foi sem dúvida uma das emoções que estão a montante do suicídio: a sensação doce que confunde sono e morte, o deixa-te ir, o deixa-te cair, a ideia de que se

pode voar para um sonho quando se salta de um prédio ou de uma ponte. Deitou-se no chão daquele terraço, sentindo o abraço do calor da tijoleira aquecida pelo sol e o abraço da trepidação das máquinas que laboravam debaixo de si. A trepidação subiu pelas paredes e atravessou o seu corpo deitado e adormecido pelo calor. Estar nesta junção da natureza com essa segunda natureza que é a tecnologia sedou-o com pele de galinha no corpo todo. Este coma autoinduzido foi depois alimentado pelos aviões. Cada um daqueles aparelhos foi uma seta de Ártemis que lhe prometia uma morte sem dor. Nesta tangente entre a natureza e o homem, a morte não lhe pareceu má ideia, ou melhor, ele não pensou em morte mas sim em hibernação. Sim, hibernar. Ficou com vontade de perpetuar este enlevo sedado, quis adormecer e acordar seis meses depois ou no Natal, quando o período de adaptação ao bairro e à escola já tivesse passado, quando já estivesse habituado à ideia de viver numa terra que, apesar de devastada, libertara os pais. Desejou hibernar até o pior passar, até ao ponto no futuro em que o João Miguel seria apenas um vulto impreciso, uma memória difusa e por isso indolor.

Na viagem inicial entre a serra e o bairro, ele pensou muitas vezes que o melhor era adormecer para não sofrer. É o desejo da anestesia. Há histórias de pessoas que, nos primórdios da medicina dentária, fingiam ter abscessos para assim serem submetidas à pequena cirurgia: perdiam dentes mas recebiam a libertação do éter durante uma hora. Também não é por acaso que o médico anestesista é um dos grandes suicidas. Mas não é preciso recorrer a estes casos extremos. Esta é uma sensação universal, toda a gente a conhece. Quando passa por um divórcio, por uma dura terapia ou pela morte de alguém querido, uma pessoa sente vontade de acelerar a fita do tempo até um momento menos doloroso no futuro. No mesmo sentido, nem o mais espartano dos chefes é imune àquela sensação de libertação garantida por dois ou três dias de baixa: a

febre liberta o enfermo da realidade, retirando-o do fluxo temporal onde estão as preocupações; sabe bem ficar de pantufas em casa enquanto lá fora outros tomam as decisões. A pulsão do suicida é por vezes a versão radical deste sentimento convalescente; num estranho bluff, o suicida transforma a morte definitiva numa hibernação temporária, num mero teletransporte para o futuro.

Nos aeroportos há cápsulas de sono onde os passageiros podem dormir entre voos. Dormem ali num limbo entre fusos horários, entre dois tempos, o tempo que deixaram no local da partida e o tempo que encontrarão no local da chegada; entre dois eus, o eu real e o avatar da viagem. O suicídio pode ser esta cabine de sono que responde ao desejo de hibernação, um desejo que esconde o paradoxal otimismo do suicida. O suicida pode mesmo pensar que aquele ato final não é o fim mas apenas uma pausa, da mesma forma que um marido acha que não é adultério ter sexo com uma desconhecida no motel do aeroporto. Por momentos, o suicida pode mesmo pensar que aquele ato final é só a sesta do urso que hiberna na gruta num tempo exterior à cronologia do mundo. É uma estranha forma de otimismo. É um otimismo celestial praticado por quem comeu as borras do Inferno. É a esperança de quem conheceu o tal ponto de fusão entre o mundo e o submundo.

É esta ambiguidade, de resto, que torna o bilhete de suicídio num salmo tão desconcertante: parece que foi escrito já do outro lado; é uma voz que chega do outro lado do espelho; é uma verdade que não foi escrita no passado, é uma verdade que está a ser ditada neste preciso momento, aqui e agora. O salmo do suicida não diz «vou-me matar». Quem escreve «vou-me matar» ainda está a pedir ajuda. Quem está a falar a sério escreve «matei-me», «matei-me porque...». O suicida escreve neste libertador pretérito perfeito, porque já se sente morto, a sua cabeça já tomou a decisão. Já está entre os mortos e escreve com a

radical liberdade que só a morte pode dar, já não sente nem o fardo da escolha nem o peso da culpa — já saiu do inferno da divisão. Como Odisseu, os suicidas descem vivos ao mundo dos mortos, mas, ao invés do mais ardiloso dos heróis, não regressam; reportam a partir de lá, criando um túnel clandestino entre o tempo dos naufragos e o tempo dos vivos. Os diários e depois os livros de Lucas são assim, parece que foram escritos por um morto, é por isso que são tão vivos, tão livres, tão desassombrados, são memórias póstumas, memórias do sepulcro.

É costume associar-se o suicídio à descrença, à ideia de que o suicida não acredita na transcendência que o avaliará depois da morte e que, por esse motivo, cai no absurdo do vazio. Claro que há casos assim. É todavia espantoso constatar que muitos suicidas acreditam na eternidade. O estranho e calmo otimismo dos suicidas pode ser um otimismo de crente. Pode cometer-se este ato não na descrença na transcendência mas sim na crença num espaço metafísico não regido pelas leis físicas que sustentam aviões, planetas e cachoeiras. Muitos bilhetes de suicídio de atores, compositores e escritores rezam assim: «vou agora começar a grande aventura, peço ao Senhor que acolha a minha alma, ámen»; «vou agora sair *deste* mundo»; «deixo a vossa companhia na certeza oceânica de que existe uma pós-vida despersonalizada e fora dos limites do espaço, do tempo e da nossa limitada compreensão»; «não posso morrer, contente e sereno como estou, sem me reconciliar com o mundo, e agora adeus!, e que o Céu vos envie uma morte com pelo menos metade da alegria e de total júbilo que a minha está a ter»; «porque agora terei paz/como a paz das árvores/quando a carga da chuva dobra seus ramos». Na sua linguagem mais rudimentar, muitos bilhetes de pedreiros, camionistas ou taberneiros repetem o pensamento: «Esta faca que está no meu corpo é para ser entregue à Natália, mulher que arruinou minha vida. Tenho fé

em Deus»; «esta atitude foi muito bem pensada e achei que era a hora certa, não chorem por mim, Deus é grandioso, eu espero poder ajoelhar-me a seus pés no dia do Juízo Final, pois sei que serei perdoado, tudo será mais belo»; «sei que todos acharão que sou covarde, mas não acho que desaparecerei, tento passar para um outro plano, talvez um local onde não me sinta tão deslocado, não estou louco, fiz isto com consciência, mas não quero deixar marcas em um mundo que nunca me notou». Seja qual for a posição social ou sofisticação intelectual, esta pode ser uma decisão consciente, sem tremores ou fúrias melodramáticas. É uma bandeira branca que se ergue perante a força da cidade dos homens, mas é hasteada na certeza de que existe uma outra cidade onde se entrará. Este otimismo é perigoso mas belo.

Anos mais tarde, ele reportou já como jornalista um caso de um suicida famoso que deixou o seguinte bilhete: «Matei-me, espero-te». Era só isto, «matei-me, espero-te». Na forja da linguagem, este bilhete funde as ligas metálicas do passado, do presente e do futuro com apenas duas palavras. Esta fusão costuma ser apelidada de *eternidade*. Há o presente porque o suicida escreveu o bilhete num dado momento. Há o passado óbvio do «matei-me» e, acima de tudo, há a esperança no futuro, «espero-te». Este bilhete é uma memória do futuro. O círculo fecha-se: o futuro é o novo presente. O suicida em questão já sabe que a promessa do céu é mesmo real e fala para os vivos a partir de lá. O há de vir já é uma realidade, já existe; não será, já é; sabe que a história acaba bem e garante que já está lá, nesse fim da história, no céu, no além, na outra vida, à espera da mulher que ama. É a melhor das notícias transmitida pela mais perigosa das pessoas.

«Matei-me, espero-te».

Perante este salmo, ele sentiu um êxtase moral e estético. É a elipse perfeita. É perfeita na moral, porque nos garante a esperança. É perfeita

na forma, porque diz tudo só com duas palavras. A comoção, porém, não o ilibava por si só. Ao contrário de boa parte dos seus irmãos suicidas, talvez a maioria, ele não tinha a certeza em relação ao seu direito de ingresso na outra cidade. Não sabia se cabia na estreiteza da porta, e tinha medo de morrer antes da verdadeira vida. Sabia que não tinha otimismo para dar; há muito que deixara de ser aquele gaiato inocente que quis hibernar no telhado de uma fábrica numa tarde de verão. Sabia que só tinha honestidade para dar, a dureza da penitência. Sabia que não podia pedir absolvição logo à cabeça, mas também sabia que não podia ser declarado culpado à partida. Não se julgava um anjo impoluto, mas também não se via como um Lúcifer ou Judas; via-se mais como Catão, o suicida que Dante coloca fora do Inferno e dentro de um papel fundamental: é o porteiro do Purgatório. Será assim? Deus e os leitores terão a última palavra.

Naquela tarde, quando finalmente desceu do terraço até ao escritório, há muito que os operários e o tio Isaías tinham saído. O pai estava sozinho a planear o trabalho do dia seguinte, desenhando peças num papel milimetrado que ele nunca tinha visto. Roubou-lhe uma folha e desenhou um avião naquele estranho papel que pedia uma técnica pontilhista. Sentiu-se feliz, amando o pai e desejando a hibernação ao mesmo tempo.

Judite

A FÁBRICA PASSOU A SER O ESCONDERIJO. Lá em cima, o desejo de hibernação desaparecia quando era chamado pelo pai já à tardinha. Nesta sexta-feira em particular, na descida entre a fábrica e o apartamento, pararam nas bermas para juntar lenha. Romão cortou troncos de zambujeiros caídos com o machado; com a enxó, João Miguel converteu os pedaços de tronco em toros, cortando-lhes as farpas e ramos mais agressivos. «Esta lenha era para a Judite», anunciou o pai com ansiedade. O funeral da irmã tinha sido no dia anterior. Depois de meio ano a tratar desta irmã acamada e destruída por um cancro, Judite estava de volta à vida na horta onde há décadas recriava a vida da aldeia com a ajuda do tio Isaías e de toda a família Correia Azul. Romão ouvira centenas de vezes os relatos deste dia a dia comunitário, estava ansioso por entrar finalmente nesta tribo anfíbia, nem urbana, nem aldeã. Quando pararam à porta de casa, David parou o jogo de futebol só para o fulminar com os olhos verdes. João Miguel sentiu-se humilhado por aquele olhar que aumentou de intensidade quando Romão saiu do carro para ir chamar Augusta. Assim que esta saiu do prédio, David soltou um assobio de engate.

— Esta canalha não presta mesmo — resmungou ela quando entrou no carro.

— Não liguês — respondeu Romão.

Não ligues? João Miguel ligava e muito. A sexualização da sua própria mãe humilhava-o ainda mais às mãos daquele gajo.

Desceram o morro. Não, não desceram, deslizaram. A estrada tinha uma inclinação tão pronunciada que até parecia que iam mergulhar de cabeça no Estádio da Luz. Lá em baixo, na velha estrada nacional, viraram à esquerda, passaram rente ao Senhor Roubado, Olival Basto, Odivelas, Póvoa. Entre a Póvoa e Santo António, a estrada abria-se num largo cheio de churrascarias e funerárias, frangos e cadáveres lado a lado. Cem metros à frente deste largo, aparecia à direita o portão verde da horta de Judite, uma das dezenas de hortas que praticavam agricultura clandestina ao longo da várzea da ribeira. Quem passava na estrada não podia adivinhar que estavam ali granjas gigantescas e férteis para lá dos portões. A de Judite tinha quase dois hectares. «Como o pai dizia *horta*, pensava que era um niquinho de terra, não esta quinta», foi este o primeiro e espantado comentário de João Miguel ainda dentro do carro. Ao longe, perto da ribeira, viu os tios na azáfama agrícola, o hábito comunitário que os mantinha unidos e afastados da alienação da grande cidade.

Entre a azia de Eduarda e a gratidão de Isaías, já ouvira falar dela centenas de vezes, mas nunca a tinha visto. Neste primeiro dia, saiu do carro quase agarrado às pernas do pai. Judite estava à direita, à porta da sua casa, esfregando roupa no tanque. Parou de lavar, baixou as mangas da camisa preta e veio até eles. Não demorou dez segundos, mas nestes dez segundos mudou a vida de João Miguel. Cumprimentou Romão e Augusta, ainda nervosos, e baixou-se, colocando-se ao nível dele. Olhou-o nos olhos, passou-lhe a mão pelo rosto: cheirava a sabão azul e branco e a pêssego. No verão, ela cheirava sempre a pêssego; o suco doce deste fruto encardia-lhe as mãos e cobria-lhe as unhas com uma

amarelidão que não saía. Cofiou-lhe os caracóis empedrados com a mão amarelada, deu-lhe um beijo.

— Não dás um beijinho à Judite?

Era como se estivesse à espera dele desde sempre, era como se ele estivesse a regressar à sua casa de sempre. Ele deu-lhe um beijo envergonhado; as rugas e o buço dela fizeram-lhe cócegas. Sim, foi o buço que quebrou o gelo. Ela apertou-o contra o seu enorme peito. O cabelo cheirava ao lume dos assados e a roupa tresandava a naftalina, cheiros que ele associava à honestidade. Foi um amor à primeira vista construído em pouco mais de trinta segundos. Judite passara os últimos meses a cuidar da irmã doente, acabara de a enterrar, tinha ainda a roupa escura do luto, mas ainda quis ter energia emocional para esta criança, um garoto que nunca tinha visto. Agarrou-o pela mão: «Anda, meu amor, não tenhas medo, anda ver a horta da Judite.» Chamou os cães liderados pelo *Max* e pela *Nina*. Rapaz e cães reconheceram-se: eram filhos da *Milu*, a cadela da aldeia; ele havia tratado deles em cachorros há uns dois anos, eram irmãos mais velhos do *Jolly Jumper*, o cachorro que deixara na aldeia. *Nina* e *Max* fizeram um cavalinho: empinaram-se para lambe a cara de João Miguel. Ele abraçou a *Nina*, que, a julgar pela barriga, estava prenhe. Com estes três cicerones, Judite, *Max* e *Nina*, ele andou pela horta pela primeira vez. À esquerda do portão ficava um enorme casão de tijoleira cinzenta e telhado ondulado de zinco. Lá dentro havia uma bancada de cozinha, a lareira e duas longas mesas lado a lado. As tias estavam lá dentro a preparar o jantar, fizeram um adeus frio. À porta do casão, ficavam os cepos onde se matavam os animais e os fogareiros onde a carne era de imediato assada. À direita ficava o que restava de uma fábrica de bolos. Esta fábrica, agora em ruínas, juntara há mais de trinta anos Judite, a encarregada da fábrica, e os tios Isaías e Jacinta, os dois melhores operários. Em funcionamento,

só restava um forno a lenha que Judite usava para cozer pão. O resto estava desativado e servia de arrecadação para rações, sementes, enxadas, forquilhas, sachos, machados, motosserras. Lá dentro também havia uma imensa teia de gaiolas, coelheiras, capoeiras e charcos por onde cirandavam rolas, pombas, faisões, galinhas, patos, coelhos, porquinhos-da-índia. Do lado de fora, encostada à parede da fábrica, ficava a pequena casa de Judite: o casebre típico de adobe caiado. A casa e toda esta ocupação era clandestina; à luz da burocracia e da lei não existiam. Judite e o seu marido, Joaquim, permaneciam ali há décadas num alçapão ilegal devido ao encolher de ombros complacente do ex-patrão, o «menino António».

Judite, João Miguel, *Nina* e *Max* continuaram a andar na direção da ribeira e entraram na horta propriamente dita, primeiro as árvores de fruta, depois os canteiros, sobretudo de tomates de todos os tamanhos. Ele colheu e comeu dezenas de tomates minúsculos, do tamanho de cerejas, que nunca tinha visto; parecia um alimento de fábula, uma baga de elfos ou aliens. À medida que avançava, era cumprimentado pelos tios, que lhe davam apertos de mão duros, castigadores, que magoavam de propósito. Quando chegaram à ribeira, deparou-se com um milagre: a ribeira não estava poluída, nem por esgotos domésticos nem por resíduos industriais. Sentou-se na areia grossa da margem. *Max* desapareceu, mas a *Nina* sentou-se à sua direita. Judite ficou de pé à sua esquerda. Este foi o primeiro momento de paz desde o dia do êxodo. Passados meses voltou a reconhecer-se a si mesmo. Judite continuou a fazer conversa: como era bonita a sua ribeira, não era?, não tinha porqueira nenhuma, garantiu a matriarca. A fartura de insetos e batráquios comprovava a tese de Judite.

— No tempo da castanha, quando chove, é mesmo bonita — disse Judite com um sorriso; a seguir contou-lhe a história da Mãe d'Água:

nas noites de luar, uma sereia emergia daquelas águas e quem ficasse a olhar para ela era transformado em pedra. — Não acreditas na minha história?

Ele riu-se.

— Não te rias. Achas que aqui os teus tios são feitos de quê? São rijos como pedras.

Riram-se os dois. Ela contou a seguir outra história: que toda esta água vinha até ali através de grutas subterreais que começavam lá em cima no Cabeço. Sim, sim, havia um novelo de grutas subterrâneas a ligar o Mosteiro de Odivelas e outras igrejas, quintas e ermidas ao longo do morro; os monges e freiras construíram passadiços subterrâneos ao lado dos sulcos escavados pela água. Eram do tempo da guerra contra os mouros. Judite perguntou a João Miguel se ele já tinha visto a cachoeira do regato lá em cima no Cabeço. «Não» foi a resposta. Pois então que fosse ver, porque era óbvio que a água ia para debaixo do chão; a água que ficava à superfície, no regato propriamente dito, não era nem de perto nem de longe toda a água que caía naquela cachoeira. E na charneca entre a cachoeira e a escola ainda se podiam ver ruínas de poços e noras que extraíam essa água subterrânea. Era isto mentira? Não interessava. O que interessava é que esta história era bela e necessária — um mundo antigo, delicado e escondido da fealdade da superfície. Nos cadernos de desenho, ele deixou dezenas de esboços do morro esventrado por um sistema de grutas escondido; um universo submerso cheio de pormenores e de vida, uma civilização paralela de seres anfíbios, metade mulher, metade cetáceo, sereias com cauda de baleia e não de peixe, freiras de um convento aquático escondido dentro do morro, que era assim um oceanário secreto. Este esforço de imaginação manteve-o ligado à vida durante os piores meses de adaptação ao bairro. Judite salvou-o quando lhe contou esta lenda.

É difícil descrevê-la. Judite tinha a normalidade indistinta da decência. É difícil descrever as pessoas decentes, porque há nelas um traço universal e quase anônimo; elas são o próprio chão que pisamos, são os carris e nós só olhamos para a velocidade da locomotiva, são as raízes e nós só olhamos para os frutos da copa. Fazem o que está certo, são delicadas e prestáveis, não se dá por elas, as coisas aparecem feitas, o ombro delas está sempre disponível e almofadado. Judite fazia da bondade algo tão natural e óbvio como o vento ou as marés. Estava sempre pronta para ajudar ou para ouvir mágoas, nunca respondia torto; quando criticava, falava no tom neutro que corrige sem ferir. Era amável. «O meu menino quer um saco de pão?» Ia acender o forno de propósito para lhe fazer pão. «O meu menino tá doente?» Matava uma galinha para lhe fazer canja. «O meu netinho emprestado tá triste?» Dava-lhe mimo junto à lareira, abraçava-o, tocava-lhe como nunca ninguém o havia tocado ou mimado, dava-lhe colo. Desde a primeira hora, amou-o sem rodeios ou protocolos, mas, apesar desta importância, é difícil descrevê-la para lá de um retrato demasiado vago, mais matrioska do que mulher real: uma boneca redonda, com lenço na cabeça, e é só. Aliás, nos diários gráficos, ele retratou mais vezes Eduarda do que Judite, e retratou a avó que odiava com um detalhe que falta nos retratos desta avó emprestada que amava. Os retratos de Judite feitos por João Miguel revelam pouco mais do que a tal boneca gordinha com lenço na cabeça, são toscos, nem parecem desenhos dele. Já os retratos de Eduarda têm todos os pormenores do seu traço realista: a expressão sarcástica, os olhos grandes e de um verde-aguado quase desumano, as costas direitas apesar do reumatismo, a magreza angulosa, os cotovelos, os ombros, os joelhos e os nós dos dedos aguçados como punhais. De onde vem esta assimetria tão injusta? Porque é que a crueldade tem aqui prioridade sobre a decência? Porque Eduarda era uma personagem e

Judite uma ideia. A bondade não tem feições ou biografia, porque o Paraíso é composto por feixes de luz ou por gases raros que escapam às regras da narração. Já o Inferno é composto por indivíduos particularíssimos que só podem existir na narração. Os retratos de Judite são toscos, o rosto não tem feições, mas sente-se que vem dali uma luz quente e acolhedora. É este o preço a pagar pela elevação aos céus; elevarmo-nos até ao ponto universal partilhado por todos implica um esfumar dos nossos traços individuais.

O marido de Judite, Joaquim, entrava na mesma bruma da decência. Não era magro nem gordo, nem baixo nem alto, nem feio nem bonito. Tinha olhos e cabelo de um banal castanho. Ao contrário dos outros, usava chapéu e tinha sempre as calças de bombazina enfiadas nas galochas. Ou andava descalço ou andava de galochas. Era um homem independente do resto do mundo, e tinha orgulho nisso. Naquele hectare e meio, tinha o que precisava, água, animais, terra. Até os aparelhos ali usados eram dele. No canto mais afastado do casão, para lá das mesas e da lareira com os toros de zambujo, mantinha uma pequena oficina de mecânico onde ressuscitava todos os instrumentos que o mundo exterior abandonava e que os tios, quais recoletores, recolhiam por toda a metrópole. Arranjava e depois reutilizava televisões, rádios, relógios, bicicletas, motas e candeeiros de petróleo, que preferia em relação à lâmpada elétrica. Se Judite cheirava a lume, Joaquim cheirava a petróleo, a «pitróil», como ele dizia. O casão e a casa de Joaquim e Judite tinham sempre a luz aconchegante, avermelhada e calma dos candeeiros a petróleo, não a brutalidade branca e excitada das lâmpadas elétricas do teto. Os olhos piscos de João Miguel agradeciam.

Se já não serviam os seus propósitos originais, os aparelhos eram reutilizados noutros fins. Ali tudo recomeçava. Joaquim reutilizava aparelhos como Augusta reutilizava tecidos: os quadros de bicicletas

eram os corpos dos espantalhos; motores de motas eram reutilizados como bombas que puxavam água dos poços ou mesmo da ribeira. O concerto favorito deste engenhocas adorável era o dos relógios. Joaquim era obcecado por relógios de pé alto e por relógios de cuco, que estavam a cair em desuso e que apareciam abandonados um pouco por todo o lado. Trabalhava noite dentro nestes relógios e até se deixava dormir por ali num sofá velho encostado ao torno. Esta obsessão criava uma desordem no tempo desta comuna às portas de Lisboa: ele consertava o mecanismo dos relógios, mas não acertava os ponteiros. Às cinco e trinta e sete, um relógio de cuco assinalava as três horas; às seis e quarenta e três, um grande relógio de pé alto assinalava as onze. Joaquim moldava o tempo como o oleiro molda o barro. Os relógios eram as suas esculturas; esculturas satíricas, claro. Encostados à parede da bancada, os cucos não estavam ali para medir mas sim para ridicularizar o tempo; eram um manguito ao tempo milimétrico e oficial dos doutores da cidade. O tempo oficial *deles* não mandava ali. Chegaram a ser mais de dez, o seu tic-tac e badaladas aleatórias eram a banda sonora mágica da comuna.

Judite e Joaquim formavam um casal de gente independente. Viviam numa ruína industrial abandonada e clandestina. A água que consumiam era dos dois poços da horta; não havia canalizações e torneiras. A luz vinha de uma puxada ilegal, embora eles pouco ou nenhum uso dessem à eletricidade. Os cheques das reformas iam para a sua morada oficial, a casa de uma das filhas que morava logo ali numa das torres da parte mais baixa de Santo António. Não votavam. Não pagavam impostos. Não iam ao médico. Eram gente independente e rara na sua geração. Joaquim era o único homem daquela geração — a dos avós e dos tios mais velhos — a tratar a mulher com afeto. Apesar da idade, Joaquim e Judite demonstravam um carinho só comum nas gerações mais novas.

Entre eles não havia apenas a ausência de rispidez, havia mesmo amor. Sem nunca caírem no ridículo, davam beijos à vista de todos, os gestos eram ternos, o olhar íntimo. Eram cúmplices. O que definia, por oposição, o casamento dos tios era a completa ausência de cumplicidade; o casamento era só uma parceria para a sobrevivência. Por exemplo, a união de Isaías e Maria Gertrudes, que toda a gente tratava por «Estrudes», ia do pacto de não-agressão até à agressão verbal. Não havia amor ou paixão, exotismos tão grandes como ter um sobrinho doutor. Judite e Joaquim tinham conseguido manter à ilharga a desumanização que a miséria produz ao longo de décadas de fadiga. O seu amor era o pilar que suportava a vida coletiva deste *kibutz* a um quilómetro de Lisboa.

Ao contrário de João Miguel e de toda a família Correia Azul, Judite era tagarela. Eles todos pareciam mimos ao pé da tagarelice incessante da matriarca. Esta abundância de voz humana era uma novidade para João Miguel, até porque ela falava outra linguagem. João Miguel descobriu com a avó emprestada de Lisboa uma oralidade subversiva: a segunda pessoa do singular aplicada à conversa com adultos. Judite tratava toda a gente por tu, velhos e novos, homens e mulheres, mendigos e doutores, e exigia que João Miguel também a tratasse por tu. Esta descodificação verbal aproximou-os. Ele estava habituado à formalidade. Era impossível tratar os pais e avós por tu. João Miguel só conseguiu tratar o pai por tu aos dezoito, e nunca encontrou uma forma natural de dizer «vai descansar, pai»; a tentação do «vá descansar» aparecia sempre, manchando a informalidade com um manto postiço. Com Judite, saloia calejada e habituada a lidar com toda a espécie de gente, nada era artificial ou distante. Na infância, ao lado do pai, Judite

ia de carroça até Lisboa vender leite, manteiga e alfaces aos alfacinhas. A aldeia dela ficava a uma ou duas léguas, na orla norte de Loures. Ajudando a mãe, batia todas as feiras da zona saloia até Mafra, vendendo galinhas, coelhos, patos. Foi esta criatura feirante que forçou João Miguel a desembarcar num planeta linguístico novo: «Ó filho, não me trates por você nem por senhora, que eu não sou rainha nem marquesa, nem me venhas com essa merda do Ti ou Dona Judite como o teu pai.» Com Judite era só:

— Hoje vais fazer pão, Judite? Posso ir contigo?

As diferenças continuavam nos palavrões, que Judite usava com uma naturalidade que o desarmava e fazia rir. Ele nunca ouviu uma asneira da boca dos pais ou avós, nunca. Romão soprava um «foda-se» sumido muito de vez em quando e jamais ao pé das mulheres. No bairro, já se habituara a ouvir os palavrões como sinal de agressão. Quando gritava «foda-se» ou «caralho», David estava a ser belicoso; aqueles eram palavrões que se levavam a sério, eram fundas atirando pedras. Ao invés, quando dizia «foda-se», Judite acolhia com um sorriso e uma travessa de linguça assada. Na voz dela, o vernáculo mais obsceno conseguia ser a linguagem mais acolhedora, dizia «caralhos ma fodam» ou «ca porra» com a graciosidade de uma condessa. Ele ria às gargalhadas destas asneiras castiças e inofensivas, até porque ela acrescentava muitas vezes o sorriso do diminutivo ao palavrão, a puta era putinha, o caralho era o caralhinho. E ele, claro, dobrava o riso. Sorrindo, ela insistia na piada: «Tu tás-te a rir, meu cabrãozinho?» O «tu» e o «cabrãozinho» eram depois servidos numa incrível velocidade. Judite metralhava monólogos. Não eram diálogos, ela falava, os outros ouviam. Não havia tempos mortos: ora eram as galinhas que precisavam de milho; ora era uma ratazana que andava a comer pintos, Ai puta, se a *Nina* te apanha!; ora era uma coelha que ia parir, coitadinha; ora eram as putas das cenouras

que não pegavam em lado nenhum; ora era uma discussão com Isaías, Homessa, não sabes o que dizes!; ora era a filha mais velha que não aparecia com a neta, ora era a filha mais nova que não aparecia de todo, Aquela moça, puta-que-a-pariu-deus-me-perdoe, não quer saber da gente! E a seguir chorava. Esta franqueza emocional sem medo de revelar fraquezas não foi uma surpresa, foi uma epifania para João Miguel. Olhava-o com os olhos humedecidos e tocava-lhe, a mão no ombro ou descendo pelas costas, um afago no cabelo, um pontapé a brincar no rabo, gestos que, sublinhando as lágrimas, autorizavam a entrada deste neto emprestado na sua intimidade. Até o seu olhar era diferente. Judite estava em permanente contacto visual, olhava as pessoas nos olhos, via os outros por dentro e deixava-se ver por dentro, trazendo consigo um espaço interior para a confissão que era desconhecido para João Miguel. Se ele olhasse a avó Eduarda nos olhos, isso seria o mesmo que invadir o quarto dela ao domingo antes da missa, momento da semana em que tomava banho na bacia de latão. Se olhasse a mãe nos olhos durante três segundos, ela, acossada, diria: «Qué? Nunca viste, é?»

Durante muito tempo ele tentou explicar este amor entre um garoto de onze anos e uma velhota nos sessenta através de carências mútuas e de um encaixe lógico: Teresa e Rita, as filhas de Judite, não eram diferentes dos seus primos e primas, ou seja, a horta representava os fedores e as unhas encardidas da ruralidade pobre que queriam ultrapassar a todo o custo; queriam o ambiente higienizado dos centros comerciais, o farandol dos cabeleireiros e o verniz das unhas dos salões de beleza; o que elas viam como grilheta, ele via como um par de asas. Nunca apareciam e Teresa não lhe trazia a neta; era como se tivessem

vergonha da mãe. Aproveitando estas ausências, ele preencheu o vazio. A fome, pensava ele, juntara-se à vontade de comer: Judite era uma cascata de água incessante de ternura sem destino; ele queria ser esse destino. Só que este palavreado lógico não explicava Judite. Era um esforço fútil da razão para tentar desmontar e compreender as peças do amor da mesma forma que Joaquim desmontava e compreendia as peças dos relógios. Judite tê-lo-ia acolhido mesmo que tivesse uma boa relação com as filhas; teria encontrado espaço interior para ele mesmo que visse a neta, porque era essa a sua escolha. O que aconteceu entre João Miguel e Judite tem um nome simples que muitas vezes não usamos por receio de cairmos no melão lamechas: bondade. O que é a bondade? É uma senhora de sessenta e tal anos a perceber logo no primeiro segundo que tem pela frente um menino de onze anos aterrorizado; acolheu-o, não o julgou. Não julgou o seu medo, não disse: «Ó medricas! Ó conas! Ó menina do caralho! Ó mosca-morta!» Não tentou corrigir esse medo. Não disse: «Abre a pestana! Tens de ser homenzinho!» Limitou-se a receber esse medo. Logo no primeiro encontro, naqueles dez segundos entre o tanque da roupa e o afago que lhe fez no rosto, Judite decidiu acolhê-lo como um refugiado, porque era a coisa certa a fazer, e assim continuou a fazê-lo nos anos seguintes. Sempre que ele ali entrava, ela repetia o afago, o beijo, o abraço, fazendo-o reviver o nascimento de um amor.

Analfabeta, ela não compreendia as leituras de João Miguel, mas não as demonizava, aceitava-o tal como ele era. Ao invés, os tios, mandatários urbanos da avó Eduarda, não o largavam: «Larga a porra dos livros, ó mosca morta! O que vai ser deste puto?» Isaías, Crisóstomo, Romeu, Diamantino, marido da tia Maria Antónia, e Isidro, marido da tia Silvina, eram a sarna masculina, a masculinidade como cárcere. Exigiam que ele saísse do casão das mulheres e que fizesse

tarefas à homem no exterior: plantar a horta, consertar ferramentas, motores ou portadas, matar animais, assar carne. Não compreendiam porque é que ele passava a vida em tarefas femininas com Judite. João Miguel passou a odiar dois em particular, Diamantino e Romeu. Na conversa com os outros, Romeu falava das amantes que tinha no Janeirinho como se nada fosse e apesar de a mulher estar apenas a alguns metros de distância. Era um desrespeito total, até porque ele nem percebia que estava a desrespeitá-la. Não sabia ser gajo de outra maneira. Não conhecia qualquer regra da gentileza. Vivia na outra ponta do Janeirinho mas nunca convidou o irmão mais novo para jantar. Num destes dias, atraiu um gato vadio que alegadamente andava a matar pintos, agarrou-o pelo pescoço e, com um único safanão, matou-o; a seguir virou-se para João Miguel e disse: «Tás a ver?, é assim que se faz, puto, não abras a pestana, não.» Matou o bicho como se estivesse a desinfestar uma casa, não tinha noção. Não era cruel, era só burgesso. Não sabia ser homem de outra maneira. Diamantino, sim, tinha prazer na crueldade. Olhava para Augusta de maneira imprópria, olhos porcos que não escondia de João Miguel. Odiava o sobrinho e fazia alarde desse ódio, rosnava coisas como «lá vem o rabeta» ou «lá vem o senhor doutor». O seu filho, o primo Pedro, estava proibido de brincar com ele. Até planeou uma tortura destinada a endireitar o sobrinho maricas. Chamou-o à parte: «Anda cá, chaval! A gente vamos ali ver uma coisa»; levou-o até um bidão cheio de água; encostado ao bidão já tinha um saco de sarapilheira de onde tirou cinco cachorros; atirou-os para dentro do bidão. *Nina*, a mãe da ninhada, observou à distância, andando de um lado para o outro. Como precaução, Diamantino tinha uma chibata à mão. João Miguel abriu a boca de espanto e com uma estúpida ingenuidade ainda perguntou se eles assim não morriam afogados. «É o que a gente queremos saber, não é?», foi a resposta. Metendo a mão na

água, Diamantino afogou um a um, contrariando o instinto de sobrevivência dos bichos. Gostou de sentir a morte nas mãos. Com a calma do cientista ou do robô, foi rodando a cabeça devagar à procura do melhor ângulo para ver o esganar final de cada bicho. Era um interesse científico, havia ali uma perfídia analítica no olhar, um sinal de inteligência superior que chocava com o aspeto rústico e a linguagem analfabeta. João Miguel afastou-se, deixou de ver os bichos, mas ouviu ainda o borbulhar da aflição: de novo, um som universal da agonia.

Não, não queria esta caserna.

João Miguel e Judite tornaram-se assim na dupla inseparável dos finais de tarde e dos fins de semana. Davam farelo aos pintos, recolhiam os ovos, atiravam cascas de fruta ao resto da criação, faziam pão, apanhavam uvas na extensa linha de parreiras que formava um quadrado verde e azul ao longo dos quatro muros do terreno, plantavam morangueiros num ou noutro espaço vazio, matavam e depenavam galinhas, matavam e esfolavam coelhos, arrumavam os toros de zambujo junto à lareira, faziam bolos — ação, ação e mais ação, não paravam quietos, até porque a bondade de Judite era uma forma de esperança, era uma preocupação com os outros que saía do conforto da abstração. A esperança é a bondade enquanto escolha prática; Judite escolhia ser boa. Porque é que tanta gente não faz esta escolha? Porque é uma trabalhadeira. João Miguel deu-lhe muito trabalho. A irmã acamada deu-lhe trabalho. Há trinta anos que recebia aos fins de semana toda a família Correia Azul, mas ela encarava este labor de cuidadora como uma obra de amizade.

Nesta sua obra, o *kibutz* verde no deserto negro, Judite também praticava a caridade. A horta era um banco alimentar: as mulheres dos prédios das redondezas passavam pelo portão verde para levarem sacos de hortaliças, frutas, pão, ovos, batatas e até marmeladas e compotas.

Judite até dava comida aos drogados e delinquentes, o que irritaria muitas vezes João Miguel. «Tamém são filhos de Deus, ouviste!», era a resposta dela. «Se não ajudamos estes, ajudamos quem? Os senhores doutores, é?»

A esperança e a caridade eram privadas e até clandestinas. Já a fé tinha de ser pública: Judite ia ao domingo à igreja manuelina da Póvoa; era o único momento em que saía da horta e o único momento em que censurava João Miguel: ele recusava ir com ela à missa.

— Olha, olha, queres ver que temos aqui um mata-frades?

Ele nunca reagia à provocação. Odiava em silêncio a Igreja, que associava à avó Eduarda.

Graças à esperança, à caridade e à fé, Judite ia ficando a par dos piores infernos dos bairros, histórias terríveis que depois contava a João Miguel. Era isto que Judite fazia: mondava e contava histórias, amassava e contava histórias. Apesar de ser analfabeta, ela estimulou a inteligência de João Miguel como poucas pessoas. Para usar um eufemismo, ele nunca foi um grande falador; mas foi sempre um extraordinário ouvinte. E Judite era uma extraordinária narradora. Era parecida com Américo, o bom pastor da aldeia, embora mais dura. Se Américo era da fábula do lobisomem e dos lobos, Judite era do realismo. Enquanto faziam doce de abóbora, contava-lhe a história do bebé jogado ao lixo na Flamengo ou da menina mantida num galinheiro em Loures. Enquanto faziam pão, contava-lhe a história do casal da Póvoa que entrega a filha à avó porque quer ter dois cães da serra em casa. Enquanto assavam batata-doce embrulhada em papel prata, contava-lhe a história do homem de Santo António que, tendo a mulher acamada com leucemia, traz a amante para casa; a doente levanta-se da cama e perdoa-os, os três vivem durante meses numa inesperada harmonia até à morte inevitável. Enquanto descascavam marmelos para a marmelada, contava-lhe a história de um

velho do Monte Eulália: morre em casa sozinho e o cadáver só é encontrado mais de um ano depois, já mumificado e seco; vivia sozinho, não tinha família, as contas eram pagas automaticamente pelo banco; ninguém deu pela sua falta ou pelo cheiro; como vivia no último andar de uma das torres de quinze andares, o fedor lá foi saindo pela janela da casa de banho aberta, nunca incomodando ninguém.

Judite relatava este cancionero negro como se fosse um ditado, como se esperasse que ele passasse as histórias a limpo. Quando lhe contava uma história, o texto já vinha fechado, com a fluência e as pausas certas. Tinha uma precisão impressionante, não divagava. É caso para dizer que a mente que pratica a esperança, uma bondade prática, é a mente que utiliza a linguagem enxuta, precisa, límpida. Estas histórias eram parábolas, maneiras que ela encontrava para pensar a partir do pó da rua, não a partir da grandiloquência. De que serve uma palestra abstrata sobre o perdão se não passarmos pela mulher à beira da morte que perdoa os gemidos de prazer do marido e da outra no quarto ao lado? De que serve uma palestra sobre solidão e horror sem passarmos pela múmia do décimo quinto andar ou pelo bebé deitado no lixo? De que serve falar das três virtudes teológicas em abstrato sem passarmos por uma personificação dessa tríade, a própria Judite? Esta saloia analfabeta vacinou-o contra o vazio do sublime pseudopoético e contra a desumanidade abstrata dos conceitos sem gente lá dentro. Mas ele nunca lhe dedicou um livro.

Morte e sexo

PODE UMA MORTE SER JUSTA? Foi o que ele pensou quando recebeu a morte do tio Romeu, ataque cardíaco fulminante, e merecido na visão de João Miguel. «Já vais tarde, cabrãozinho! É bem feito, comesses mais devagar, labrego!» Teria preferido a morte do tio Diamantino, mas não se importou com a morte de Romeu. Tinha vergonha deste homem, era boçal e incapaz de sentir empatia por pessoas e animais. O seu pai, Romão, era do povo. Romeu e, já agora, Crisóstomo eram da plebe, o que é muito diferente. Crisóstomo e Romeu, que pareciam gémeos, eram os primeiros a chegar à mesa, começavam a comer antes de toda a gente, eram os últimos a sair, nunca ajudavam, nem as carnes assavam; esganados, mastigavam de boca aberta, inundando a mesa com um ruído ruminante; faziam do arrotto vírgula e da flatulência ponto final. Não se perdia nada com um deles morto.

O cortejo fúnebre saiu da igreja da Póvoa e subiu até ao cemitério do Janeirinho. O caminho implicava que a carreta e os carros passassem pela rua de João Miguel. E a ironia é que ele precisou da morte de um tio para virar pela primeira vez à esquerda no portão da escola nova, ou seja, foi a primeira vez que entrou a sério no bairro. Dentro do carro novo da família, um bólido germânico que enchia o pai de orgulho, observou o Janeirinho ao longo da sua cumeada, uma longa reta cheia de prédios. Tinha Dulce e Judite a seu lado no banco de trás. Os rés-do-chão dos prédios não tinham lojas, oficinas, cafés, mercearias. As

peças passavam mas não paravam em lado nenhum, não tinham onde parar e conversar. Os prédios não formavam uma linha direita em esquadria, o primeiro estava dois metros à frente do segundo, que por sua vez estava recuado três metros em relação ao terceiro, que por sua vez estava adiantado cinco metros em relação ao quarto; os passeios eram assim constantes armadilhas. A partir daqueles incontáveis ângulos mortos, era fácil assustar, atacar, roubar quem passava. Bandos de rapazes e grupos de raparigas andavam de um lado para o outro sem um propósito aparente no meio de homens e mulheres de colarinho azul e branco. Todos tinham um ar furtivo, de gazela alerta, os olhos pareciam radares a varrer o espaço num afã medroso.

A meio do caminho, passaram por um enorme largo. Ao centro, havia uma gigantesca oliveira, a única sobrevivente. Todas as outras oliveiras e zambujos já tinham sido derrubados. Deixaram ficar esta devido ao tamanho e idade colossais, dizia-se que tinha mais de dois mil anos, estava cheia de ramos de flores, cruces, amuletos, pernas, braços e mamas em cera. Judite pediu para Romão parar o carro, saiu e foi depositar flores na oliveira. Era sábado, logo havia ali feira; os tendeiros estavam a desfazer o bazar. Ele sabia que a mãe vinha ali todos os sábados comprar-lhe roupa. A seguir à grande oliveira, a rua entrava noutra parte do bairro: lá à frente, ficava a escola onde João Miguel entraria em breve; à direita da escola, havia uma enorme charneca; à esquerda, havia um extenso e degradado bairro social. À direita, para lá daquela extensa charneca, via-se lá em cima o Cabeço. Romão olhou com vaidade para a fábrica que se erguia como um farol. João Miguel fixou outra parte do cenário: viu pela primeira vez a tal queda d'água do regato. Não era uma cachoeira torrencial, a água escorria devagar como um esgoto.

Chegaram à escola que ficava à beira de uma arriba virada a sudeste; a cumeada acabava ali; a partir da escola, era sempre a descer até Lisboa. A poucos metros do portão da escola, ele viu ao perto o que já tinha visto lá de cima do terraço da fábrica: o bairro de lata, «A Mata», erguido nas margens do regato. Os quatro pavilhões da escola pintados com um irónico cor-de-rosa estavam assim rodeados por um bairro social à esquerda, por uma charneca à direita, por um bairro de lata à frente e por um regato que era a fossa séptica desse bairro. Era mesmo suposto aprender História e conjugações ali?

Depois de galgar o regato através de uma pequena ponte, a estrada descia a pique em direção à zona de armazéns e supermercados na fronteira com a cidade. A meio da descida íngreme encontrava-se o cemitério, onde entraram. João Miguel deixou de vez a infância quando se deparou com este ajuntamento de campas e cruces. Naquela noite infame da ratazana e do pombo, ele esboçou o primeiro pensamento enquanto adulto; aqui tomou a primeira decisão adulta: ficou claro que jamais enterraria os pais neste cemitério onde agora iria ficar o tio Romeu. Era um espaço cercado por prédios, sem uma única árvore que transformasse a morte em vida, sem um único banco, sem um único ângulo morto que resguardasse as pessoas que enterravam os seus mortos. Mesmo que não quisessem, os moradores daqueles prédios em redor eram forçados a ver as campas e os enterros. Não havia intimidade possível para a dor, era impossível fazer ali o luto. Se o espaço onde viviam não era um edifício mas um caixote, este espaço não era um cemitério mas um depósito de animais, uma vala comum de colonos cujas desenraizadas ossadas eram despachadas num ato burocrático. A par da consciência de que jamais enterraria ali os pais, sentiu pela primeira vez o impulso proselitista, para não dizer homicida, aquele latejar que pede destruição, um desejo de aniquilar aquele espaço, aquele

cemitério, aquelas ruas, aqueles prédios, aquelas barracas, aquele regato, a ânsia por algo que anulasse aquela excrescência chamada Bairro 3 de Janeiro. Não, não era o desejo de destruição para o recomeço de Noé ou Lázaro, era o prazer da destruição pela destruição, o deleite que seria afogar o tio Diamantino ou David nas águas fétidas do regato onde mulheres mijavam de pé enquanto as filhas lavavam a roupa dois metros a jusante. «Ide-vos foder a todos!»

Poucos dias antes do início do ano escolar, alguns políticos vieram inaugurar a escola secundária nova que ficava a trinta metros do prédio de João Miguel. Ainda fedia a tinta. A reportagem apareceu à noite no telejornal. O ano escolar começava na segunda-feira; esta cerimónia foi na quinta ou na sexta-feira imediatamente anterior. Neste dia, milhares de adolescentes desaguaram na rua de João Miguel atraídos pela festa. E com eles chegou o ponto final deste verão que durou três meses e três décadas: o sexo. O «ide-vos foder» foi tomado à letra pelos indígenas.

Mesmo defronte às janelas traseiras de João Miguel, o lanço de escadas do beco transformou-se num pouso de namoro. O beco era perfeito. Ali estava um sulco que aparentava estar fora do ângulo de visão de toda a gente; se não se importassem de trocar fluidos e carícias rodeados por cadáveres de pombos e pelo cheiro a pó e a mijo de diversas espécies, os jovens tinham ali a toca ideal. João Miguel conseguiu ver tudo através do seu esconderijo: a pequena e discreta janela da casa de banho que abria na vertical num ângulo de quinze ou vinte graus. Esse pequeno triângulo invertido foi o suficiente para conseguir ver vários casais a namorar; um deles fez sexo ali mesmo em pé, vinte metros à sua frente, no mesmo sítio onde a mãe lhe sorrira há dois meses e duas décadas. Ato reflexo, ele começou a desenhar. O naturalista que dera lugar ao engenheiro aeronáutico dava agora lugar ao pornógrafo. Desenhou pornografia antes de ver pornografia, antes do

primeiro beijo, antes de sentir verdadeiro desejo, o que talvez explique alguma coisa.

Na sua inocência provinciana, ainda pensava que as mulheres não podiam ter prazer sexual; elas estavam cobertas por uma aura que não se profanava, ou seja, não era uma aura, era o mito da mulher-anjo conspurcada pela luxúria masculina; na cama, elas limitar-se-iam ao cumprimento do dever biológico. Empoleirado na banheira e de pescoço esticado, descobriu que elas podem ser tão ou mais ávidas do que eles; percebeu que são elas, e não eles, que têm a soberania sobre o sexo. Até este dia, encarara e desenhara a mulher através da *pietà* sofredora, da virgem afogada ou, no máximo, da ninfa perfeita mas etérea, bela mas assexuada. Este dia mudou o seu traço. Como é que desenhou as raparigas que tinha ali à sua frente? Estes desenhos fazem lembrar Egon Schiele. Não, não têm a dimensão do austríaco, claro, mas têm o mesmo intento: desenhar o movimento erótico da mulher até ao tumulto do orgasmo, a carne a tremer naquele espasmo de prazer; desenhar a bonança depois do sexo e retratar a mulher tal como ela é e não como ela deve ser segundo as caricaturas pornográficas. A mulher tem curvas imperfeitas mas humanas, a mulher tem peso a mais ou a menos, a mulher tem poses desafiantes e eróticas e não submissas e pornográficas.

Este dia não se repetiu. Quando a escola começou, Augusta passou a enxotar os casais com berros de madame indignada. Um dia chegou para que ele enchesse um caderno com esta antropologia sexual, cujo traço foi aprimorado quando chegou a sua vez de fazer o trabalho de campo.

Cadernos com desenhos de animais, árvores e quedas d'água. Cadernos com esboços de aviões, naves e estádios. Cadernos com esboços de pessoas. Cadernos de autorretratos. Cadernos com novelas gráficas apocalípticas e de ficção científica. Cadernos com esboços de pesadelos. Um caderno com desenhos eróticos. Contas feitas, quando

entrou na escola, na terceira semana de setembro, já não era o mesmo. João Miguel Correia Azul já não existia. Entre o dia do êxodo e o primeiro dia de escola, tinham passado três meses, mas na sua cabeça pareciam três décadas. O tempo é um local, uma pista olímpica. À volta dessa pista, que é fixa e fechada, cada um corre de forma diferente. Se tivesse ficado na aldeia, estes três meses teriam sido apenas três meses: ele teria dado uma volta à pista, a cronologia teria correspondência na consciência. O êxodo mudou tudo: deu dezenas de voltas à pista, viveu mais tempo do que os três meses, o tempo da consciência emancipou-se do tempo cronológico. Não é fácil ser cobaia e prova da teoria da relatividade.

II
O livro do Ruço



Leviatã

NO PRIMEIRO DIA DE ESCOLA, tinha o coração a latejar nas frentes quando saiu à rua. Era só a terceira vez que andava sozinho na rua. Tinha pela frente dois quilómetros ao longo da linha de cumeada, um quilómetro entre a sua casa e a milenar oliveira do largo da feira, outro quilómetro entre a grande oliveira e o portão da escola junto ao regato e às barracas. Caminhar assim pelo bairro, sem a proteção do carro, deixou-o ainda mais desarmado. Os seus sonhos com baleias e sereias eram mais verosímeis do que estas ruas. A berma da estrada estava juncada de pombos esmagados: pombos velhos incapazes de voar que acabavam pontapeados por rapazes ou esmagados por carros e borrachos sem penas que caíam dos ninhos; uns tinham sido comidos por criaturas noturnas, outros estavam a ser desmantelados por formigas. O ruído dos tubos de escape era agora mais intenso, cada motor era uma agulha cravada nos tímpanos; tentava protegê-los elevando os ombros até às orelhas num gesto de desconforto. Desconforto esse que aumentava à passagem das camionetas de carreira: as rodas gigantes faziam o chão tremer; o fumo do escape era palpável como grãos de pimenta; a própria carroçaria das camionetas deitava um bafo quente que se sentia a metros de distância. Encostados aos vidros, os passageiros, sobretudo mulheres, sofriam lá dentro: as testas suavam, as manchas de suor marcavam a roupa, os olhares pareciam perdidos. Olhavam-no como se ele fosse uma parte inerte da paisagem como os cantos amarelados pelo mijo, como as

pedras da calçada sempre fora do sítio, como as janelas dos prédios que também pareciam ter olhos. Era como se todas as janelas escondessem pessoas com uma única tarefa: olhá-lo, censurá-lo, insultá-lo: «Lá vai o maluco! Lá vai o serrano! Lá vai o labrego! Lá vai o parolo! Lá vai o azeiteiro! Lá vai o coninhas! Lá vai o maricas! Lá vai o mosquinha morta! Lá vai o filho da maluca! Mari Maluca!»

Antes de sair de casa após o almoço, tentou em desespero o aconchego da mãe. Rondou-a como um gato a roçar-se nas pernas da dona. Ela continuou nos seus afazeres, demonstrando o habitual desconforto com manifestações de carinho ou carência. Quando ele lhe pedia mimo, como neste caso, ela não via uma criança frágil, via uma pessoa maçadora ou intrometida.

— Mãe? — apelou já em súplica.

Ela não rodou a cabeça, não deu sinais de ter ouvido o apelo da cria. Manteve os olhos na agulha da máquina e os pés no pedal. Não o encarou quando lhe deu guia de marcha:

— Vá, vai-te embora senão chegas atrasado. Vá, vá, vai-te embora que eu também tenho que fazer.

Ele ainda ficou ali um pouco folheando revistas cor-de-rosa na secreta esperança de que ela se virasse para lhe afagar o rosto, o cabelo, o ombro, qualquer coisa. Colocou às costas a mochila, pensou em tocar-lhe no ombro. Ela estava na marquise, ele estava em cima do caixilho da porta deslizante que separava a marquise da sala. Estavam separados por um metro, se tanto. Esticar o braço era, porém, o mesmo que atravessar o estuário a nado.

Quando chegou a meio do caminho, o largo da grande oliveira e da feira, já não sentia o coração nas têmporas; as pernas contudo ainda

tremiam, cada passo pesava, era como se estivesse num planeta com uma gravidade mais forte. As pernas tremiam com a ansiedade e com o vento, que se assemelhava a um levantamento bélico, um sopro de uma horda invasora que o esperava do outro lado do campo de batalha, um uivo que levantava poeira e os despojos da feira de sábado, que esvoaçavam e rolavam no chão: etiquetas de cartão das calças, invólucros de plástico transparente das camisas, garrafas de plástico e de vidro verde, um rodízio de papéis e caixas de cartão esfareladas pelo tempo.

À distância de dois ou três gritos do largo da feira, começava a rede da escola, o que significava que ainda faltavam trezentos metros de passeio encostado a essa mesma rede. O portão da escola ficava virado a sudeste, o lado de Lisboa. Através da rede, ele viu miúdos jogando num campo de jogos cujo chão não era de relva, terra, areia ou borracha, era de alcatrão. Era esta a tropa que o esperava: rapazes que limavam alcatrão com os próprios joelhos e cotovelos.

O passeio era apertado. Se abrisse os dois braços, o braço direito tocava na rede e o esquerdo seria levado pelos carros que passavam. Esticou o direito e foi tocando na rede como um serafim dedilhando as cordas da harpa. Fechou os olhos, isolou do caos o som deste dedilhado, lembrou-se do último abraço de Judite, na tardinha de domingo, nem vinte horas antes: «Vais ver que amanhã corre tudo bem lá na escolinha.» A meio do passeio, ficava uma paragem de camioneta mesmo colada à rede. A estrutura de plástico amarelo ocupava o passeio por inteiro, era preciso descer do passeio, dois palmos mais alto do que a estrada, e andar aqueles três ou quatro metros na própria estrada. Naquele ponto, o peão tinha de fazer um cálculo parecido àquele que o condutor faz antes de executar uma ultrapassagem: medir a trajetória dos carros para determinar o momento certo da manobra. Durante anos

morreu ali gente, havia sempre sangue e vidros partidos no pavimento. Durante anos nada se fez. Era como se a colocação da paragem do autocarro naquele local fosse algo tão inevitável como o estio. Aceitava-se os atropelamentos como a avó Eduarda aceitava a pneumonia.

À porta da escola viu imensos rapazes de mota, um sinal do tal progresso que provocara o êxodo; de todos os lados, chegavam grupos de miúdos, grupos de miúdas e grupos mistos. Ele era dos poucos, senão mesmo o único, que caminhava sozinho. À entrada da escola, este imenso fluxo entrou pelo minúsculo portão como vinho a entrar na garrafa por um funil a deitar por fora. Apertado por todos os lados, João Miguel deixou-se ir na corrente. Este efeito de cardume acalmou-o um pouco. Só havia uma coisa a distingui-lo dos outros: a mochila artesanal feita pela mãe.

Já não dava tanto nas vistas. A roupa já era da feira de sábado, calças e blusão de ganga, t-shirt, ténis. Augusta fazia questão que ele tivesse uma aparência urbana e moderna. Ao entrar na escola já disfarçado não pôde deixar de pensar no terror que teria sido entrar ali com as roupas serranas. Ele continuava contudo a não passar despercebido a um segundo olhar: o cabelo indómito permanecia inconcebível, não tinha um penteado, não se sabia pentear com estilo, não usava gel, laca ou cera, também não punha os bonés da moda e como era aloirado o desnorte capilar notava-se ainda mais; a roupa era a correta, sim, mas a forma de vestir não, a camuflagem não funcionava, a t-shirt estava dentro das calças quando devia estar fora das calças, os ténis tinham os atacadores de origem brancos e não atacadores especiais, de várias cores e personalizados. E, acima de tudo, a sua linguagem gestual estava desajustada como um monge num ringue de boxe. Os rapazes moviam-se como se estivessem numa passerelle de desafio. O andar destes rapazes era cadenciado e bélico, as pernas ficavam ligeiramente abertas

como se todos tivessem pernas arqueadas ou testículos de centauro, os braços também ficavam abertos a um palmo do tronco como os braços do cowboy prestes a sacar do revólver. Os olhos procuravam alvos para marcar com o ponto de mira. Os alvos eram rapazes mais fracos para intimidar ou raparigas para galar.

O pátio era delimitado por quatro pavilhões cor-de-rosa; cada pavilhão era um canto deste quadrado que tinha como cobertura uma gigantesca chapa de amianto ondulado que protegia os alunos da chuva e do sol. O pavilhão de João Miguel era o B, ficava perto da rede do lado sudeste. Lá em baixo, um quilómetro em frente e quatrocentos metros para baixo, via-se Lisboa através do xadrez da rede. Neste primeiro dia, ele não se aventurou pelas águas profundas deste pátio, ficou encostado à parede do pavilhão ao pé da porta, não saindo do campo de visão da contínua sentada numa mesa à entrada. Mesmo ali não passou despercebido. Viu olhares e dedos galhofeiros apontados ao seu rosto. Nada de novo, portanto: ser humilhado em silêncio era o seu mester desde que chegara. David passou com raparigas e, claro, gozaram com ele. Podia ter os ténis e as calças de ganga, mas continuava a ter a ingenuidade e a casca grossa da província. O disfarce não colava, era um cómico agente à paisana em quem toda a gente reparava, a começar no Pernas, o monarca absoluto do pátio.

O Pernas estava sentado num banco de cimento, o trono. Atrás dele, a um metro, ficava a rede; do outro lado da rede, o regato e o bairro de lata. À sua frente, ficava toda a extensão do pátio, que observava com bonomia régia. Estava rodeado por um séquito, talvez cinco rapazes de diferentes idades e tamanhos; tinham cicatrizes, tatuagens, facas, capuzes, um deles não tinha uma mão. Quando fixou os olhos em João Miguel, o Pernas inclinou a cabeça para um lado tal como os cães fazem quando reparam em algo novo. Levantou o braço e chamou-o com um

leve sinal de mãos, o rei chamando um pajem. João Miguel podia ter fingido que não tinha visto, podia ter resistido, mas obedeceu de imediato. O medo é como um íman que nos trata como fiapos de ferro; é como se o corpo, preocupado com a sobrevivência da carne, fizesse coisas à revelia da consciência, que, medrosa, acaba por aceitar a movimentação automática do corpo.

Mais do que assustador, o Pernas era grotesco: era alto mas gordo; as suas pernas eram enormes na altura e na espessura, dois toros de jangada. O rosto era disforme, inacabado, um prédio deixado a meio. O olho esquerdo era mais fechado do que o direito. Não, não era zarolho. O Pernas tinha as córneas intactas, mas a pálpebra esquerda era meio morticha, não subia nem descia, estava a meio do olho, parecia um dos milhares de estores avariados do bairro. O nariz era enorme e desfigurado, nariz de pugilista. Não parecia ter pelos no rosto inteiro: o cabelo loiro era ralo, via-se o couro cabeludo cheio de caspa; não tinha pestanas ou sobrancelhas, ou então eram tão loiras que se tornavam translúcidas. Tinha marcas de bexigas tão profundas como cicatrizes. Tresandava a sucessivas camadas de suor. Repetente endémico, o Pernas já tinha quinze ou dezasseis anos. Com uma inesperada gentileza, mandou João Miguel sentar-se ao seu lado no banco de cimento.

Do outro lado da rede, nem a vinte metros, numa das primeiras barracas, um cão preso por uma corda ladrava em agonia devido aos cachos de carraças inchadas que tinha nas orelhas e nos flancos.

Também de forma inesperada, o Pernas tinha uma voz fina e estridente: «Senta aqui um conhê, meu puto!» Assim que João Miguel se sentou, o séquito formou um círculo à sua volta, fechando-o lá dentro. O Pernas olhava para ele como um entomologista olha para uma nova espécie de inseto que acaba de descobrir, ou como um daqueles astrónomos amadores que num acaso descobre um novo planeta ou

cometa. Tocou no cabelo lavado e encaracolado de João Miguel da mesma forma que os indígenas tocavam nos vidros e tecidos dos descobridores portugueses, ou como se estivesse a tocar na crina de um Pégaso. E ria-se, não de escárnio mas de espanto. Tocava-lhe e ria-se. Humilhava-o e ria-se: o corpo de João Miguel, a começar no exótico e lavado cabelo, era dele.

O Pernas perguntou com o seu timbre ridículo de falsete:

— Vens donde, caralho?

— De São Jerónimo.

— São quê?

— É uma aldeia da serra.

— Serra?

Reagiu à palavra «serra» como se tivesse ouvido a palavra «Jericó» ou «Caladan».

— Sim, a serra da Estrela.

O Pernas reconheceu o nome da serra, mas era claro que não fazia a mínima ideia da sua localização geográfica no mapa. Franziu os olhos. João Miguel estava a descrever-lhe um cenário de ficção científica e não o seu próprio país. Sem noção do risco, João Miguel perguntou baixinho se ele não tinha por ali o livro de Geografia. Sentindo uma possível humilhação académica do chefe, um dos membros da corte interrompeu-o: «Volta pa terrinha, ó saloio do caralho!» O Pernas não gostou da indelicadeza. Repreendeu o escudeiro com um gesto: só levantou o indicador esquerdo, que tinha tanto de unto como de autoridade. Bastou para que o outro se calasse. Como é que alguém com uma voz tão esganiçada podia ser tão imponente?

— Tá bem, meu putto. Mas como é que t'chamas mesmo?

— João Miguel.

— Olha lá, como é que vieste aqui parar?

Ao lado, na barraca, o cão continuava a ganir. Depois de ter roído a corda, roçava-se agora na cerca feita de ripas de madeira velha e farpeada para tentar sangrar as carraças.

À medida que a conversa avançava, o Pernas foi descendo a mão. Apalpava o tecido engomado da t-shirt de João Miguel. Ferros de engomar não existiam no seu engelhado mundo. Enquanto ria, aproveitava para tocar no braço da sua presa, que estava tenso como a corda de um arco. Era óbvio que João Miguel estava de novo no interior de uma extraordinária encenação de poder. Enquanto tocava no corpo de João Miguel com a mão direita, tratando-o como uma bola anti-stress, o Pernas manuseava com a mão esquerda uma soqueira com uma ponta espigada que fazia lembrar os capacetes do Kaiser; aquele pedaço de ferro rolava pelos seus dedos de forma tão natural que até parecia um dedo extra. João Miguel tinha este tique com a caneta. E não, a caneta não é mais poderosa do que a soqueira.

Na barraca, vinte metros ao lado, três metros para baixo, o dorso do rafeiro sarnento estava vermelho; algumas carraças explodiam à medida que se coçava na cerca.

O Pernas abanava a cabeça em sinal de espanto, não acreditava que alguém com onze anos pudesse ser tão educado, tão engomado, tão articulado. Já tinham passado dois minutos, João Miguel já tinha relatado por alto o porquê do êxodo, mas ainda não dissera um palavrão. Ao invés, o Pernas e os outros não eram capazes de pronunciar um substantivo sem lhe adicionarem um hífen e a palavra «caralho»: a caneta era o caralho-da-caneta, o cabelo era o caralho-do-cabelo, o puto era puto-do-caralho, os sapatos eram o caralho-dos-sapatos. E, se eles falavam com as mãos e com o corpo, expressando uma agressividade tácita ou explícita, João Miguel tinha as mãos quietas entre as pernas e expressava-se através de frases que mantinham uma relação cordial com

a gramática, o que era talvez o grande motivo de espanto. O dialeto que eles usavam, o calão, fazia questão de manter a gramática à mesma distância que mantinha a boa educação. Sim, João Miguel era um cometa poucas vezes avistado e tinha de ser batizado. O astrónomo foi benevolente. Podia ter escolhido alcunhas como Cromo, Queque, Betinho, Mari'Amélia, Coninhas, Serrano, Parolo, Saloio. Estas teriam sido as alcunhas escolhidas por David e pelo bando da rua. O Pernas selecionou algo que tinha uma ressonância distinta, até exótica, talvez sensual.

— Comé o teu nome mesmo?

— João Miguel.

— Ná, ná. Vais ser o Ruço.

O cão sarnento soltou-se e começou a correr rua abaixo, uma rua com prédios encardidos à esquerda e barracas à direita; mordeu dois meninos que ali brincavam ao pião; não choraram, coçaram as dentadas, pontapearam o cão, retomaram o jogo.

O ritual do batismo ainda não tinha acabado. Susana, a irmã mais nova do Pernas, furou o cerco que o bando montara à volta de João Miguel. Como é que podiam ser irmãos? Ele era um ser seboso, tinha mais pontos negros do que fios de cabelo. Ela era perfeita. Ele tinha uma estrutura paquidérmica, ela era uma gazela elegante. Meses depois João Miguel percebeu porquê: eram só meios-irmãos.

Se o Pernas controlava o pátio através do punho, Susana exercia o seu magistério através do decote, o kamasutra aplicado ao banditismo. Usava saias curtas, blusas apertadas, maquilhava-se como uma cortesã. Qual planeta rodeado por luas, trazia o habitual cortejo de aias feias, anafadas ou escanzeladas, serviçais que andavam atrás dela segurando um véu imaginário. Uma delas era Beta, que João Miguel reconheceu: era da sua turma, acabara de ficar quase ao seu lado na aula, ele na

última carteira da fila do meio, ela na última carteira da fila da direita. Também tinha um aspeto bizarro. Alta e esquelética como um escadote, era mais do que feia, causava repulsa. Tinha o cabelo colado à cabeça como se tivesse sido lambida por um ogre; o rosto era oval e encovado, a pele parecia uma folha de papel vegetal que escondia do mundo um esqueleto vivo, cujas pontas aguçadas ameaçavam rasgar aquela frágil película. Não parecia ser uma mulher. Não parecia ser um homem. O seu olhar, porém, surpreendia pela meiguice, uma meiguice andrógina. Foi esta ternura que salvou João Miguel. Altiva como uma rainha, Susana não escondeu o espanto quando viu João Miguel, era um espanto diferente, o que fora perplexidade no olhar do Pernas há cinco minutos era agora escárnio sexual. A insinuação da força bruta do Pernas humilhou-o menos do que esta sugestão sexual sobre a sua ingenuidade de rapazinho ainda assexuado. Ele não tinha direito a ser um menino ainda sem libido. Foi isso que a irritou: João Miguel não a olhou com tesão, olhou-a apenas com curiosidade, porventura como os eunucos contemplavam Cleópatra saindo nua do banho de leite de burra, sem luxúria, vendo apenas o traço platónico — Beta salvou-o desta humilhação sussurrando algo a Susana, que deixou de o apoucar com a pose de rainha da pornochanchada.

O cão regressou e correu atrás de uma menina que nem cinco anos tinha. Berrou sozinha num mundo sem adultos; pais e mães estavam todos lá em baixo nas galés de Lisboa. Berrou desamparada num mundo que nem sequer ouvia o seu choro ou que tratava o som do choro humano como mais um ruído funcional da natureza, um galho a partir, uma pedra a rolar.

Em dez minutos, o corpo de João Miguel tinha sido expropriado por Marte e Vénus. Agora era a vez da sua carteira. O batismo só acabou com uma frase que iria ouvir milhares de vezes nos anos seguintes:

«Comé, Ruço, não orientas aí uns trocos?» A sua grande alcunha tinha imposto de selo. Não resistiu; abriu a sua velha carteira de cabedal feita pela mãe com uma bolsinha de moedas que se fechava com um pequeno atilho que se enrolava em redor de um botão: desenrolou o atilho, tirou a única moeda, a moeda que tinha sido o único gesto de carinho da mãe antes de sair de casa: «Toma, é pa comprares um bolo pó lanche.» Entregou a moeda, pagou o dízimo. O Pernas fez-lhe sinal com a cabeça para se ir embora. O batismo estava consumado.

O cão voltou à barraca pela mão do dono que lhe dava pontapés. O bicho gania de prazer: os pontapés esborrachavam os gordos carrapatos que o agoniavam há dias.

Neste primeiro dia, depois das aulas, pelas seis e pouco, João Miguel percebeu que a parte mais difícil do seu dia a dia iria ser o regresso a casa ao longo da reta da cumeada, sobretudo entre a grande oliveira e a sua rua. Os prédios, que estavam vazios e silenciosos ao meio-dia, eram agora um novelo interminável de gritos; pelas janelas abertas ou fechadas, ouvia mães a berrar com filhos, homens a berrar com as mulheres, mulheres a berrar com os homens, os filhos a berrar uns com os outros, homens a bater em mulheres, mulheres a bater em crianças, crianças a bater em cães. Todos sofriam com a falta de espaço dos apartamentos exíguos. Não pareciam seres humanos nos seus lares, mas sim bolas de flippers atiradas umas contra as outras em rampas e túneis apertados. Cá fora, na rua, os sucessivos ângulos mortos dos prédios, dos becos e das escadas deixavam-no ansioso, era como se cada esquina tivesse um inimigo em potência. Caminhava como um polícia que entra numa casa cheia de bandidos, olhando e varrendo cada ângulo morto à procura da potencial ameaça. As ameaças eram os bandos que faziam o

percurso inverso, vinham da escola nova em direção aos diferentes pontos do bairro. Neste dia teve sorte. Outros não tiveram. À distância de dois gritos de casa, viu pela primeira vez um assalto: um grupo de três saltou sobre um rapaz que vinha sozinho do outro lado da rua; o primeiro prendeu-lhe os braços, o segundo bateu-lhe no rosto, pequenas chapadas, mais humilhantes do que dolorosas; o terceiro apalpou-lhe os bolsos e vasculhou-lhe a mochila. Levaram uma máquina de calcular e dinheiro, alguns trocos caíram no passeio mas os assaltantes não se dignaram a apanhar as moedas. O rapaz ficou sentado no chão a chorar com a cabeça entre os joelhos. O resto da miudagem passava por ele fingindo que não o via. Ninguém o ajudou. O lábio inferior de João Miguel começou a tremer. Esta comoção devia-se à empatia? Sentiu o choro do rapaz como se fosse seu? Ou foi uma descarga nervosa que antecipava o que era inevitável, mais cedo ou mais tarde também seria assaltado? Caminhou até casa, sacudiu o pó da roupa e cabelo assim que entrou no prédio, entrou em casa, disse olá à mãe que permanecia na marquise a costurar e fechou-se na casa de banho até o peito acalmar. À mesa do jantar, foi ainda mais taciturno do que era costume. A imagem do rapaz assaltado não o largava. Um rapaz sentado no chão, humilhado, roubado, a chorar, os outros rapazes e raparigas a desviarem-se dele como se fossem um rio a passar por um rochedo. É espantosa a capacidade dos homens para se adaptarem ao mal, para transformarem um ultraje em algo tão pouco revoltante como uma pedra no caminho de um curso de água. Nesta noite, teve pela primeira vez um sonho que o vigiou durante anos como um carrasco que não tem a gentileza de deixar cair o machado:

está a descer uma rua, vai encostado aos prédios à sua direita e sabe que tem de virar à direita na esquina; não sabe aquilo que o espera para lá dessa cortada, fica inquieto; a partir do ângulo morto da esquina,

projeta-se uma sombra humana no seu caminho; não sabe quem é, só vê no chão a sombra misteriosa; cruzar-se-á dentro de segundos com esta pessoa, estão em rota de colisão, o medo bloqueia-o, a sombra cresce no chão até ao ponto do contacto.

Este sonho só deixou de o vigiar quando viu a sua representação num livro de história de arte já na faculdade. Um famoso pintor italiano, Chirico, pintara-o vezes sem conta. O seu sonho era afinal um conjunto de quadros famosíssimo: ali estavam pessoas, adultos e crianças, a caminhar em direção à esquina assombrada pela figura invisível que se projeta na tela só através da sombra. Como é que um pintor de outra época, de outra classe e de outro país sentira o mesmo que ele? De onde vinha este chão comum, um chão de medo e melancolia, sem dúvida, mas um chão comum?

Ninja

NAS SEMANAS SEGUINTEs, a gentileza do Pernas manteve-se. Era como se aquela conversa na pia batismal tivesse dado um salvo-conduto a João Miguel, agora conhecido por Ruço. O Pernas e o gangue saudavam-no: «Comé, Ruço?» O seu exotismo continuava a protegê-lo. A grande oliveira não foi abatida porque era demasiado antiga e exótica, parecia uma mandrágora gigante. Passou-se o mesmo com ele nestes primeiros dias, a sua excentricidade fazia com que não fosse um alvo como outro qualquer, mas uma aberração circense colocada em quarentena. O salvo-conduto contudo não podia durar muito. Duas ou três semanas depois, voltou a ouvir a frase bordão do bairro inteiro: «Não orientas aí um pintor?» Dar-lhes uma moeda passou a ser um hábito, um ritual forçado, fazia parte da encenação. Era extorsão pura e dura, mas aqueles que extorquiam colocavam no tom de voz a civilidade de quem pede emprestado a um amigo. Até a expressão usada era amigável: «Não *orientas* aí cinquenta paus?» Aceitando o teatro que poupava chatices, os extorquidos, como ele, fingiam que estavam mesmo a fazer um empréstimo. A encenação mantinha as aparências, era o tributo necessário à ordem. E ele até desenvolveu uma artimanha: tinha sempre no bolso uma moeda de vinte paus para evitar chatices; quando era abordado, dava-lhes logo essa moeda. Era um mal menor: pagava portagem para evitar o saque.

Este teatro também não podia durar para sempre. Já estava escuro quando saiu às seis. Estava a fazer o caminho habitual ao longo da linha da cumeada quando foi parado na paragem de autocarro a meio da rede da escola. Um dos capangas do Pernas, aquele que o mandara calar no primeiro dia, estava sentado na cobertura da paragem a fumar um porro, dois metros e meio acima do chão, pés na rede. Estava a pôr uns atacadores especiais num par de ténis por certo roubado à vítima anterior. Fez-lhe sinal para que subisse: a presa tinha de ir até ao predador. Era a suprema humilhação, aquele gatuno não tinha de correr atrás dele, bastava chamá-lo. Quando chegou ao topo da paragem, subindo através da rede da escola, foi logo agarrado pelo pescoço. O agressor tinha um corpo parecido ao seu, alto, magro, seco. Aquelas mãos no seu pescoço pareciam uma malha de aço. A falta de ar não impediu que sentisse o bafo a vinho. Roubou-lhe o relógio oferecido pelo pai há poucos dias. Homem que é homem anda de relógio, anunciara Romão. Não foi homem. Não foi homenzinho. Quando tentou alegar, a chorar, que tinha sido o pai a oferecer-lhe o relógio, o delinquente ajeitou uma madeixa do cabelo oxigenado e a seguir esbofeteou-o com a parte de fora da mão. Não lhe deu o murro como se dá a um igual ou rival, deu-lhe a chapada que se dá a alguém inferior. João Miguel desceu da paragem a soluçar.

As moedas cravadas eram um assunto que podia evitar em casa. Um relógio desaparecido não podia ser evitado. Recorreu a um ardil. Garantiu aos pais que o tinha esmigalhado a jogar à bola, o que soava a verdade: os visores dos relógios dos rapazes estavam quase todos rachados devido aos tralhos no alcatrão dos campos de jogos. Esta mentira era fundamental. Da mesma forma que não conseguia associar as palavras «maus-tratos» ou «violência» às bofetadas da mãe, ainda não conseguia assumir a palavra «roubo»; mesmo em pensamento não

conseguia formar a frase «fui roubado» sem sentir enjoos. Um pouco mais tarde, quando começou a fazer amigos, percebeu que esta atitude fazia parte de um padrão coletivo: não se contava nada aos pais, que só ficavam a par dos assaltos que deixavam marcas físicas demasiado óbvias ou que implicavam idas ao hospital. Como todas as linguagens que nascem na opressão, o calão das ruas é uma novilíngua que esconde a realidade. A expressão usada não era «fui roubado», mas sim «fui catado» ou «fui cravado», o que retirava carga legal e moral aos assaltos. Porque é que eles, as vítimas, não contavam nada aos pais? Porque é que usavam esta linguagem suave? Tinham vergonha de não serem homenzinhos, de não serem capazes de bater e resistir. Era como se aos dez ou onze anos pudessem competir com rapazes quase homens cuja vida era já um treino profissional para o crime. Tinham vergonha de serem os tais, os coninhas, os moscas mortas. Reportar um roubo ou extorsão era visto como algo próximo da queixinha. Sentiam que a fragilidade era uma falha moral. Sentiam que estavam mesmo a pedi-las por serem delicados e tímidos.

Este código de silêncio tinha ainda outra causa, mais profunda, mais comovente: a vida dos pais já era penosa. A maioria dos pais saía de casa cedo para Lisboa ou para as fábricas à beira Tejo entre Sacavém e Vila Franca, e só voltava à noitinha. A maioria dos colegas quase não via os pais. Porque é que iam perder a única hora que passavam juntos a falar de assaltos, algo que tornaria a vida dos adultos ainda mais aflitiva? Suportarem o medo em silêncio era a chave da relativa paz dos pais. Na época, ele não sabia elaborar este pensamento, mas vivia na emoção que estava a montante do pensamento, *sentia-o*. Sentiu-o ainda com mais intensidade no dia em que regressou a casa em pelota. Desta vez foi assaltado quase à porta de casa junto ao portão da escola nova. Quando se apercebeu do cerco, dois atrás, dois à frente, ainda teve o impulso do

gamo, acelerar e fugir. Não serviu de nada. A malha estava apertada. Agarraram-no, levantaram-no do chão, pegando-lhe nas pernas e braços; arrancaram-lhe os ténis novos, o casaco, as calças e a camisola, roupas de marca que Augusta já lhe comprava às vezes. Não lhe levaram o segundo relógio porque o deixara de propósito em casa. Já tinha ouvido estas histórias, rapazes regressando a casa só em cuecas, mas sempre assumiu que eram mitos. Não eram. Mas o pior ainda estava para vir. O que pode ser pior do que ser roubado e chegar nu a casa? Ser gozado pelo bando da rua que estava na habitual cavaqueira na caixa de eletricidade; não se espantaram quando o viram de cuecas, não vieram ajudar; os outros riram e atiraram piadas; de capuz enterrado na cabeça, David não disse nada, só se viam os olhos verdes a brilhar no escuro. A sua sorte ia mudar? Ia conseguir esconder isto da mãe? Se entrasse em casa e a mãe estivesse na marquise a trabalhar de costas para o hall de entrada, correria para a casa de banho e, se a fortuna ajudasse, ela não daria por nada. O ardil nem levantou voo: Augusta estava a passar no hall, viu-o naqueles preparos, não reagiu, limitou-se a contar o episódio a Romão quando este chegou. Romão, sim, reagiu, fechou-se na casa de banho. Ruço sentiu uma culpa imediata por colocá-lo neste aperto. Percebeu que este perigo atormentava o pai desde o início — como proteger o filho das ruas? Romão gritou, esperneou, o material da barba caiu no lavatório com estrondo. Era o desespero de quem não podia fazer nada, de quem estava num dilema insolúvel. Voltar à miséria da aldeia? Impossível. Colocá-lo num colégio em Lisboa? Ainda não tinham dinheiro para isso e, mesmo que tivessem, tal hipótese não existia no seu mapa mental, era um não-assunto. E se levasse o filho à escola de carro? Mesmo que pudesse ser o primeiro pai-táxi da história, seria irrelevante porque a violência e os roubos continuavam dentro da escola. A escola não era um santuário, era uma reserva de caça. E ele

não passava de uma lebre na hierarquia deste mundo cinagético. Não iria sobreviver por usar couraça, iria sobreviver se passasse despercebido, se se tornasse numa lebre mirrada sem interesse para o caçador.

Contra a opinião de Judite e do tio Isaías, que se ficaram a rir da ingenuidade, Romão quis ir à polícia no dia seguinte. Lá foram à esquadra minúscula que ficava na parte baixa e fronteira do morro. Judite e Isaías diziam que não valia a pena. E não valia mesmo. Vieram de lá enfurecidos: os três guardas do posto disseram que era escusado apresentarem queixa, que os assaltantes eram menores de idade, que não havia provas, que não tinham os meios para tratar da «pequena criminalidade», um eufemismo que sempre o arreliou. Ele cresceu assim: no pressuposto de que a polícia não queria fazer nada no bairro; era como se o morro não fizesse parte do país legal, da democracia e não sei quê; o Estado de direito não subia até ao morro, ficava lá em baixo em Lisboa; era evidente para ele que a polícia tinha ordens só para controlar a violência mais escabrosa e telegénica; no resto, os chungas que se matassem uns aos outros; podiam roubar e até matar desde que não dessem bandeira, desde que esse estrilho não chegasse à cidade. O código penal estava assim ao nível da literatura fantástica; ali era mais fácil ver um anjo a cair aos trambolhões do que ver a polícia, um juiz, um advogado e os papéis da apresentação de uma queixa, coisas dos filmes americanos. Se na aldeia vivera numa bolha anterior à medicina, no bairro vivia numa bolha anterior ao direito. Qual destas bolhas é a pior? Viver num sítio sem acesso a antibióticos mas sem assaltos é pior do que viver num sítio com acesso fácil a medicamentos mas cujas ruas são um perigo? Qual é o lobo mais aterrador? A bactéria sem vigilância médica ou o homem sem vigilância policial?

No jantar do dia seguinte à não-queixa na polícia, Romão, ainda enfurecido, ordenou-lhe: «Vais continuar a usar relógio! O relógio não é

pra tar em casa, não quero que escondas o relógio na rua, ouviste? Homem que é homem usa relógio.» Era o seu ato de resistência e de orgulho: o brio do progenitor que começa por fim a ter dinheiro para comprar coisas de valor ao filho. Era também um ato de amor. Seguindo as regras da caserna, Romão considerava impróprio uma demonstração explícita de mimo, abraçá-lo ou afagá-lo, por exemplo. Oferecer-lhe um relógio era a tradução possível do afeto pelo filho. Não, não era materialismo. Aos olhos do cânone masculino, era a única materialização aceitável do seu amor. Portanto, quando lhe roubavam estes objetos, dos relógios aos ténis, estavam de facto a roubar-lhe o carinho do pai.

Nunca mais falaram dos assaltos lá em casa. Pouco tempo depois, ele e o pai viram um gandulo de cabelo comprido com um enorme chicote na mão mesmo no meio da rua não muito longe de casa — foi na rua que corria paralela à rua de João Miguel, outra rampa de duzentos metros com uma inclinação de dez a quinze por cento; era perigosa, porque estava sempre apinhada de bandos por causa de um salão de jogos. O tal guedelhudo loiro fazia soar o chicote e dirigia-se com ar ameaçador contra um magote de gente que se juntava à porta de uma mercearia, que ficava defronte ao salão de jogos. Passaram por ele de carro, ouviram o chicote estalar a menos de um metro, mas não comentaram a cena, nem olharam um para o outro, seguiram como se nada fosse. Ele desenhou esta cena nos blocos de desenho. Parece um sonho, tem todas as marcas da linguagem onírica. Mas aconteceu mesmo. Este delinquente era conhecido no Janeirinho por Pixote e era frequente ameaçar pessoas ou lojas com o chicote. Além de verdadeira, esta cena simbolizava o drama de Romão: todos os dias enviava o filho para um cenário onde alguém de chicote podia aparecer-lhe à frente e a

única solução era não pensar nisso, ou assumir que o filho naqueles momentos ganhava a força de um ninja.

Era isto mau? Era. Só que este desassossego urbano era menos penoso do que o desassossego serrano. Ou seja, não conseguir proteger um filho da ameaça total da doença é pior do que não conseguir protegê-lo de um gangue. Vivemos numa serra sem assaltos mas marcada pelo medo de não conseguirmos alimentar os nossos filhos e de não conseguirmos defendê-los das doenças é muito pior do que vivermos num bairro inseguro às portas da capital mas que nos permite o acesso à comida, à saúde e à educação; ser o último dos homens é, apesar de tudo, melhor do que ser o primeiro dos bichos. O dilema sentido na serra destroçava Romão; o dilema sentido no bairro só o desgastava. Já Augusta parecia não sentir nada. No dia em que o filho chegou em pelota, não abriu a boca e o seu olhar até deixou transparecer uma certa censura, era como se estivesse a dizer: «Faz-te homenzinho, pá, queres esse corpanzil para quê? Arreia-lhes.» De onde vinha aquele olhar? Augusta não queria interferências no seu sonho de emancipação? A sua nova liberdade social e económica não podia ser beliscada com esta minudência que era ter um filho assaltado dia sim, dia não? Fosse qual fosse a verdade, o silêncio dela separou-os ainda mais.

As leis do afeto são como as leis da física, odeiam vazios. No sábado que se seguiu ao assalto que o deixou nu, ele contou tudo a Judite. Chorou no fim; um choro não de pavor mas de resignação. Ela baixou-se e tirou o lenço da cabeça, como um oficial que levanta o elmo. Tinha o cabelo cinza apanhado com ganchos. Abraçou-o. A sua camisola estava cheia de borbotos, um sinal que ele sempre associou aos honestos. O cheiro a pêssigo nas mãos dera lugar ao cheiro a laranja, que também se entranhava nas mãos e unhas. Manteve o abraço e murmurou:

— O meu rucinho, o meu rucinho.

Ele falou. Passado quase meio ano, manteve a voz no mundo mais do que dez segundos:

— Tenho medo, Judite, percebes?, dizem que os putos têm medo do escuro. Eu não tenho medo do escuro, porra, tenho é medo destas ruas, parece que há sempre um gajo pronto pra me bater ou roubar, percebes?

Ela não disse nada, não deu conselhos; também assumia que a violência das ruas era tão natural como a chuva ou não sabia o que se passava para lá do portão do seu *kibutz*? Ou era mesmo uma santa incapaz de odiar até bandidos e delinquentes que roubavam o seu neto emprestado? Judite não era daquele tempo ou não era mesmo deste mundo?

— E aquele cabrão da minha rua, porra, sempre a gozar comigo, até tenho pesadelos com o gajo. — Descreveu David a Judite, que não conhecia a peça. — E aqui os tios é a mesma coisa, sempre a fazer pouco, que nem um recado sei fazer e não sei quê, andam a dizer coisas como a avó, que o meu pai está bem arranjado!, até já ouvi aquilo que a avó estava sempre a dizer: «O que vai ser deste moço? Queres ver que o putito é maricas!» Antes só tinha uma, agora tenho uma dúzia de Eduardas sempre a chamarem-me de maricas, nabo, borra-botas, choninhas, atado, é só escolher. Sabes, tenho um sonho onde os tios estão todos a andar para uma lagoa lá na serra e morrem todos afogados e eu fico a olhar para eles a rir e a ver como se afogam.

— Deus te perdoe.

— Deus? Deus não existe, Judite.

— Toma tento na língua.

Ele pressentiu nela um impulso familiar, o movimento do ombro de quem vai dar uma estalada, mas ela ficou parada, respirou fundo e sussurrou-lhe uma oração:

— Não tamos sozinhos, filho. Não tamos sozinhos, não senhor.

Entraram na casa dela. Ele deitou-se na cama que ficava encostada à parede que dava para o forno do pão ainda quente. Sentindo o calor nas costas, deixou-se dormir e acordou no domingo no mesmo sítio. Os pais aceitaram que ele passasse a noite ali. Sentiu algo estranho enquanto atiçava as brasas do dia anterior na lareira do casão: cabeça descansada e músculos relaxados. Tinha dormido bem. Não tinha sido dizimado pelos pesadelos. As sombras não passavam pelo umbral de Judite. Ali não sonhava a maldita queda na água.

Maricas

NOS ANOS QUE SE SEGUIRAM, dormiu neste casebre de adobe centenas de vezes, quase sempre à sexta e ao sábado. A porta da rua era protegida pelas fitas das moscas, o pequeno corredor tinha a armaria onde os tios guardavam as armas da caça; à esquerda, ficava uma salinha onde ele podia dormir num sofá cercado por naperons, bibelôs, figuras religiosas, sobretudo Santa Iria, a santa do rito moçárabe que Judite venerava fora do cânone oficial; à direita, o quarto encostado à parede do forno. O cheiro era o mesmo da casa da serra: madeira esfarelada pelo caruncho e petróleo de candeeiro. Sempre que dormia neste refúgio, tinha fins de semana tranquilos que suspendiam o terror da semana. Andava por ali na habitual lide com Judite, ouvindo as suas histórias. Por exemplo, quando o pai, num habitual acidente de trabalho, decepou dois dedos, o indicador e o polegar da mão esquerda, Judite enumerou todas as histórias de todos os dedos perdidos pelos tios. Foi um dia inteiro de dedos decepados: é que nenhum deles tinha os dez dedos. Isaías, por exemplo, só tinha sete. O tio Joel, o falecido marido de Jacinta, afundou-se na cirrose mortal depois de perder um polegar. O que faz um operário destro depois de perder o polegar direito?

A par das histórias de Judite, tinha à sua disposição a natureza. Calçava as galochas e ia ler para o sossego da ribeira longe das vozes humanas. A *Nina*, a cadela, era a sua única companhia. A natureza ali não tinha a majestade da serra, tinha girinos e não lebres, sapos e não

lobos, nenúfares e não souts, libelinhas e não milhafres, salamandras e não grifos, enfim, a natureza era ali de uma humildade extrema, mas podia estudá-la em paz. Contava as bolsas de girinos, desenhava rãs, garças e tritões; registava os sítios onde a beleza quixotesca de um salgueiro tentava furar a banalidade do caniço. Isto era possível, porque a poluição dos esgotos industriais só aparecia do outro lado do cerro do aeroporto, no percurso final do Trancão e no Tejo. Na ribeira havia apenas lixo, sapatos, garrafas, caixas de plástico e colchões de bebé que apareciam a flutuar como jangadas. Sim, o seu Éden tinha estas balsas questionáveis, mas era mesmo o seu Éden. Até era mais paradisíaco do que a serra. Na montanha os adultos também eram contornos vagos, mas Augusta e Eduarda eram ameaças concretas, as bofetadas de uma e as críticas da outra furavam a delicada epiderme do Paraíso. Quando voltava do vale, ele nunca sabia se tinha ou não a violência à sua espera. Na horta não. Quando andava aquele hectare e meio da ribeira até ao casão com a *Nina* a seu lado, sabia que tinha à sua espera ovos com linguça e meiguices.

Os mimos de Judite eram ampliados pela ausência dos homens, que trabalhavam aos sábados (turnos nas fábricas, biscates na construção) e que passavam boa parte dos domingos na caça. Este idílio feminino também era reforçado pelos cuidados de Dulce. Trazia-lhe livros científicos e ensinava-lhe os truques do calão: «Não digas parvo, diz otário», «não digas bebedeira, diz narsa ou bezana». Também lhe dava dicas de estilo: t-shirt fora das calças, camisa arregaçada nas mangas e colarinho levantado, calças a cair como deve ser nos ténis, nem muito curtas à pescador nem muito compridas à saloio. Confessava à prima o medo que sentia, sobretudo o pavor provocado pelo David lá da rua. Ela garantia-lhe que não seria roubado se andasse de cabeça tapada com camisolas de capuz; ele tentou uma vez, mas sentiu-se ridículo naquela

pose à gangster, não voltou a repetir. Nesta recruta estética, Dulce levou-o pela primeira vez a um barbeiro a sério, o Zambana, que lá domou o seu inconcebível arame capilar, cortou-o de forma a que os caracóis caíssem e formassem uma guedelha escadeada. Dulce, no fundo, podou o primo, mas não ao ponto de fazer dele um durão. À saída do barbeiro, cruzaram-se com David e com outros rapazes da rua. Ruço segredou à prima que aquele cabrão era o tal David. Empoleirada nos seus vinte anos, Dulce cresceu para David: «Não te atrevas a tocar no meu primo.» David não pestanejou, esperou alguns segundos e respondeu: «Quando quiseres ser fodida como deve ser, diz qualquer coisa.» Ela tinha vinte, David teria catorze, mas foi ela quem ficou desamparada como uma pita. Ruço puxou a prima para fora da barbearia com vergonha de não a conseguir defender do insulto.

Se tinha Judite e Dulce, não tinha Augusta, que só aparecia na horta para o longo almoço de domingo; Augusta só queria saber da sua nova vida urbana e próspera, ir ao café, ao cabeleireiro, à manicura, à pedicura, à farmácia; tirara a carta de condução e comprara um carro que usava na sua volta: ir às casas das clientes e ir às lojas lisboetas comprar roupa chique. Queria ter contacto com outra gente. Quando ele lhe pedia para ficar na horta, Augusta tinha sempre a mesma resposta:

— Deves pensar que o dinheiro cai da telha.

Nestes primeiros anos de bairro, a ida ao médico é o único grande momento que ele partilha com a mãe. Os processos médicos lá andaram, lá tiveram direito ao médico de família no posto de saúde na fronteira com Belas. Augusta obrigou-o a vestir a nova roupa domingueira, calças de sarja vincadas, blazer de bombazina, camisa. Era assunto sério. As tias iam ao médico como iam à bruxa. Não eram esquisitas. O antibiótico era só uma mezinha aperfeiçoada e embalada pelos doutores. Esta equivalência era inconcebível para Augusta. Foram ao médico

como as beatas da aldeia iam a Fátima. O que explica a desilusão que ela sentiu. A médica, a tão desejada médica, uma das utopias que alimentara o êxodo, recebeu-os com eficácia burocrática sem reparar no olhar luzidio de Augusta, sem perceber que aquele momento era o equivalente a uma primeira comunhão. Viu mãe e filho em menos de vinte minutos: «Uma família saudável, que bom.» Não houve receitas. Não houve medicamentos. Nada. Augusta não percebeu. Não queria sair do consultório sem uma receita da mesma forma que a beata não queria sair do confessionário sem uma penitência, sem um número certo de pai-nossos e ave-marias. Dias depois, desencantou um médico privado do outro lado do morro, em Odivelas. Ir a um consultório privado era um hábito que lhe preenchia duas necessidades: a necessidade litúrgica de acesso à medicina e a necessidade arrivista de mostrar ascensão social. Levava-o a este médico de tempos a tempos. Ele era saudável, mas ela só descansava quando o doutor lá descobria alguma coisa. Parecia uma criadora de cavalos a levar o seu ganhão premiado ao veterinário. Pedia sempre comprimidos que melhorassem a concentração mental dele. Lá em casa, arrumava estes e outros comprimidos num móvel de quatro gavetas no hall, à porta da casa de banho. Era o mais próximo que tinham de um altar. Arrumava-os com rigor de farmacêutica. Sabia de cor o seu nome, não o nome comercial mas o princípio ativo.

Tirando esta paranoia médica, Ruço não teve mãe. Era como viver com uma madrasta distante. Entredentes, as tias, maliciosas, diziam que Augusta até devia ter ciúmes da relação dele com Judite. Era uma suposição de quem não conhecia Augusta. Outras mães, sim, teriam ficado ciumentas com este processo informal de adoção. Até a avó Eduarda, por exemplo, tinha ciúmes há décadas de Judite. Só que esses estados de alma não eram para Augusta. Até ficou aliviada com esta divisão de trabalhos. Judite tratava desse grande tabu que era a ternura e

ela tratava das coisas importantes: ganhar dinheiro para lhe comprar os livros da escola, os outros livros, as sapatilhas, o vídeo, as calças de ganga de marca. Augusta era a cidade. Judite era a Graça. Eduarda, essa, era a natureza. A guerra civil entre as três tem um nome: Lucas Andrade.

A envolver estas três mulheres centrais, encontramos um círculo formado por uma personagem coletiva: as tias. Com os homens tantas vezes fora no trabalho ou na caça, ele ficava sozinho na horta com Judite, com Dulce mas também com a tia Gertrudes, mulher de Isaías, a belíssima tia Silvina, a tia Maria Antónia, as anónimas Maria das Dores e Domitília, mulheres de Romeu e Crisóstomo, e a tia Jacinta, a segunda mais velha dos sete. Apesar de ser a cópia física de Eduarda, Jacinta era a antítese da avó: era mole e derrotada. Eram ambas infelizes, embora a infelicidade tivesse encontrado através delas formas diferentes de entrar no mundo: Eduarda agredia, Jacinta chorava. Jacinta era viúva e comportava-se de acordo com o código. Se demonstrasse um grama de alegria, corria o risco de ser apelidada de viúva alegre e profanadora da memória do falecido marido, o tio Joel. A honra de um homem morto era mais importante do que a felicidade de uma mulher viva.

Antes do êxodo, a relação de Augusta com as cunhadas foi sempre marcada pelo ressentimento. Na horta de Judite, deu-se a aproximação. As tias ajudaram no êxodo, desde a mudança até à angariação de clientes para a costura. A mulher de Isaías, como coproprietária da fábrica, era patroa de Romão. O que Augusta mais desejava — sair de São Jerónimo e viver na cidade — dependia assim de uma certa aliança com as outras. Aproximou-se, embora continuasse a desprezá-las. Irritava-se com a «mania das limpezas» das cunhadas e com a sua falta de aprumo na aparência. As casas estavam sempre um brinco mas elas pareciam camafeus — a escala de prioridades estava, portanto, invertida. Augusta

era a única que não engordava. Sempre fora a única com cabelo comprido e agora era a única que ia ao cabeleireiro, sinal de galderice. As tias tinham um corte à homem, curto, inestético, até a jovem Silvina; cortavam o cabelo umas às outras. Nunca se maquilhavam; vestiam saias castanhas ou cinzentas abaixo do joelho e blusas ou malhas bege. Só eram diferentes das mulheres da aldeia em dois pormenores: não usavam lenço na cabeça e não tinham buço. Não eram mulheres no sentido da dignidade feminista nem mulheres no sentido da fêmea e da sensualidade. Eram criaturas de uma cultura que anulava as mulheres ao ponto de as transformar nestas criaturas híbridas, meio mulher, meio homem, símbolos do mundo que Augusta queria destruir.

Só havia um tema que aproximava a fundo Augusta das cunhadas durante o longo almoço de domingo que se estendia até ao lanche ajantarado: as doenças. Jornada dominical após jornada dominical, as tias jogavam o campeonato da dor. Qual delas tinha a maleita mais dolorosa naquela semana? Quem era a enferma que merecia mais a piedade geral e cuidados feitos de tisanas e torradas? Estar enfermiça era a identidade destas mulheres; se não estavam mesmo doentes, inventavam moléstias e achaques. Augusta, claro, passou a decidir quem era a campeã de cada domingo. Falava como enfermeira, não dizia bicos-de-papagaio, anginas ou dores nas cruces, mas sim espondilose, amigdalite e lombalgia. Augusta ria-se para ele e depois largava a sentença salomónica: «A espondilose aqui da Jacinta é terrível, sim senhora.»

Se os tios viam como sacrílega a sua adoção por Judite e a sua conseqüente fuga às tarefas e conversetas masculinas, as tias viam-no com relativo desprezo. Eles achavam que «o Rucinho» não ia ser um homem a sério; elas pensavam o mesmo, mas, suprema ironia, essa condição pouco máscula diminuía a resistência delas à sua entrada nesta

maçonaria feminina feita de palavras-chave e de gestos subtis que os homens não captavam. O Rucinho era o pequeno eunuco dentro do harém. A sua fama de maricas tinha por fim um propósito. Neste mundo secreto e interdito aos homens, elas envolviam-se em conversas íntimas e muito mais interessantes do que o lero-lero dos homens que não saía do penákti por marcar, do carro novo de beltrano e sicrano, do gajedo lá da fábrica.

As tias formavam uma colmeia com três níveis de profundidade. À superfície, ficava o tal queixume das doenças, era a sua *persona* possível junto dos homens, dos maridos aos filhos, dos irmãos aos chefes. Só conheciam esta forma de validação. Na zona intermédia, já no subsolo, entre o texto e o subtexto, ficava o rol de queixas em relação aos pecados intermédios de filhos e filhas. Esta já era uma conversa que mantinham longe dos homens; continuava a ser uma conversa coletiva mas era só feminina. Queixam-se das estroinices deles: «o meu Carlos não tem juízo nenhum». Tradução: andava outra vez a trair a mulher. Queixam-se da alegada devassidão delas: «a minha Dulce anda a ser falada». Tradução: tinha idade para noivar, mas andava a gozar a vida como qualquer rapariga solteira. O adultério dele era menos grave do que os namoros dela. O tom que usavam para o criticar não passava da reprimenda. O tom que usavam contra ela, sim, vinha carregado de desdém viscoso. Na zona mais profunda, no subtexto, estavam enterradas as verdadeiras ânsias, que só eram sussurradas. Estes sussurros envolviam quase sempre os grandes pecados sexuais dos maridos e sobretudo das filhas. Já não era uma conversa coletiva. Em segredo, cada uma delas falava sozinha com Judite. E *falar* é um exagero. Não eram conversas, não eram diálogos com argumentos e conselhos, eram desabafos cifrados que duravam segundos, elipses que

habitavam a terra de ninguém entre códigos e interditos, vislumbres da verdade.

Um exemplo:

ele e Judite estão sentados a talhar azeitonas junto à lareira. A lareira é do tamanho de uma varanda, quatro ou cinco metros, tem um rebordo bicudo a meia altura onde se pousam chaves e cacarecos; à esquerda há um pequeno fumeiro e à direita a pilha de toros de zambujo. Alguém chama Judite. «Pera aí», responde. «Pera aí, que tou a contar uma história ao meu Rucinho.» É a tia Silvina quem a chama. Pergunta se Judite a pode ajudar, a filha precisa do «telefone da mulher do desmanche». Judite levanta-se, escreve um número num guardanapo. Quando a tia sai cabisbaixa colocando o guardanapo no bolso como se estivesse a esconder dinheiro roubado, ele pergunta a Judite o que é isso do «desmanche». Judite sorri da ingenuidade do seu Rucinho e tem o bom senso de não lhe explicar. Ele percebe que está a ser enganado. O tom soturno de Silvina não se encaixa na jovial e estapafúrdia explicação de Judite, que argumenta que o desmanche é aquilo que é preciso fazer ao vestido da prima Xana. «É preciso desmanchar e recoser com ponto apertado.» Ele conhece de cor o vocabulário da costura: alinhar, pespontar, guarnecer, franzir, embeber, coser o direito sobre o direito, face do direito, face do avesso, pregas, casas, molas, fechos, vincos, cós, contraforte, viés, plissado, bainha, dobra, dobra com pence, forro, lapela, moldes. Nunca ouviu falar em desmanche, nem acredita que o número de telefone que ficou no guardanapo é de uma costureira especial que faz desmanches. Não insiste. Faz-se de parvo, uma arte na qual tem três ou quatro doutoramentos.

Mais tarde ficou a saber que o desmanche foi prática comum entre tias e que continuava a ser prática entre as primas. Elas tinham ali uma liberdade sexual impensável na serra, mas não tinham educação sexual

para se protegerem. Até falar da tabelinha era um embaraço inultrapassável entre Eduarda e as filhas, entre as filhas de Eduarda e as netas de Eduarda. Os amigos lisboetas dele nunca acreditaram, mas a verdade é que as tias engravidavam sem saber por onde saíam os bebês. E continuavam a falar de sexo através de meias palavras. «Nem praquilo tem jeito.» Não demorou muito a perceber que «praquilo» era uma cifra que Maria das Dores usava para não dizer palavras proibidas na hora de parodiar a natureza frígida do marido, o tio Crisóstomo. Isaías era o inverso. Gertrudes bem que se queixava: «O raio do homem tá sempre pronto pra festa.» A história batia certo com os mexericos masculinos junto aos assadores. Para justificar o adultério do filho Carlos, Isaías dizia a rir: «Se calhar a minha nora *também* não gosta de andar de bicicleta.» «Prá festa», «práquilo», «andar de bicicleta», tudo um primor pedagógico, como se vê. Mas o pior é que a inexistência de uma linguagem legítima para o sexo gerava a inexistência de uma linguagem legítima para a violência sexual. Muitas vezes, Maria Antónia aproximava-se de Judite e queixava-se: «Estou farta *disto*.» O «disto» era ser espancada e violada pelo próprio marido, o tio Diamantino. Maria Antónia não tinha palavras para se queixar: «Ele chega-se a mim, e pronto.» Era assim que descrevia os abusos que sofria: «Ele chega-se a mim.» Não conhecia a palavra «violação», que lhe permitiria identificar e julgar os abusos de que era alvo. Desarmada ao nível das palavras, encarava a violação não como uma atrocidade humana mas como um acidente da natureza, uma chuvada; via-se a si mesma como uma ramada de uma árvore que cede e range num determinado momento ao peso da neve. Na época, ele ainda não sabia o que se passava entre Diamantino e Antónia. Quando soube, nada fez. Ao longo da sua carreira, ganhou reputação de corajoso. Foi «o cavaleiro do apocalipse», «a consciência da cidade», «o profeta da dor que ninguém quer ver». Na

verdade, também foi covarde. Andou à procura do mal lá fora, batendo todos os morros em redor de Lisboa como um almocreve de misérias; lutou com um mal quase abstrato, mas nunca denunciou este mal concreto que marcava o seu dia a dia. Fez frente a homens distantes, tão distantes que acabavam por ser figuras imaginárias, personagens-tipo que resumiam um problema nacional ou que simbolizavam um dos círculos do Inferno de Dante, mas nunca teve coragem para enfrentar o tio Diamantino que espancava a tia Antónia todas as semanas, sem falta. Nunca teve coragem para denunciar o vizinho de cima que violava a mulher mesmo por cima de si.

Dulce, sim, tinha coragem. Os sete filhos da avó Eduarda geraram um exército de descendentes, os primos. Quatro de Isaías, três de Jacinta, dois de Romeu, duas de Crisóstomo, dois de Maria Antónia, três de Silvina. Só apareciam em ocasiões especiais. Dulce, uma das filhas do tio Crisóstomo, era a única que aparecia todas as semanas — e não era só para dar mimo a Rucinho. À semelhança da sua irmã, dos primos e das filhas de Judite, Dulce execrava a horta, mas, ao contrário dos outros, queria destruí-la. Ou melhor, queria destruir as suas relações de poder, os seus códigos: a submissão do estudo ao trabalho braçal e a submissão da mulher ao homem; a rapariga devia obediência ao pai e, quando casava, devia essa mesma obediência ao marido. Além de Augusta, Dulce era a única mulher da família com carta e carro, o que continuava a ser mal visto; uma mulher ao volante era antecâmara de devassidões. Dulce pintava o cabelo de roxo, azul, verde, uma paleta que tinha só um fito: irritar a família. Estava sempre a criticar o pai, os tios e primos por não fazerem nada: «Levantem pelo menos a mesa, porra!» Ela tinha gosto nesta guerra e Rucinho foi mais uma frente da batalha — uma réplica urbana das guerras rurais de Augusta. Quando os tios criticavam o apego que ele tinha pelos livros, ela dizia bem alto: «Não

ligues; estuda, sim, Rucinho.» Quando estavam sozinhos, repetia e acrescentava: «Rucinho, estuda e sai do bairro assim que puderes.» Tinha mais dinheiro do que todos os outros, era a única técnica especializada, um estatuto acima da posição de operário dos pais, tios e primos. Queria acabar o décimo segundo ano à noite para subir na empresa, para deixar a bata mascarrada e entrar de tailleur no escritório. Sabia que já não ia a tempo do curso superior, mas puxava por ele. Ela subira dentro dos limites da hierarquia social mas não a subvertera. Queria que ele fosse o grande usurpador: «Vai pa Lisboa estudar, a tua mãe tem razão, não ligues a esta gente.» Tal como Augusta, usava a expressão tnhosa «esta gente» para descrever a família. Nessa ambição, Dulce sabia que o primo precisava de uma certa pose e de modos. Ensinou-o a falar baixo, evitando o escarcéu à sua volta. Os tios falavam muito alto, nem se conseguiam ouvir. «Falar alto é pior do que deixares cair uma caralhada de vez em quando, ouviste?» Também o ensinou a comer. Sim, a comer. Erguer o garfo podia ser tão difícil como erguer Excalibur. Esta família comia com uma navalha na mão e um pedaço de pão na outra. Picava-se da gamela coletiva. A carne vinha em travessas e cada um tirava o seu pedaço para o pão; era como se fizessem parte de uma comunidade nómada ou como se estivessem num permanente estado de alerta que lhes negava o hábito de se sentarem e comerem com calma à mesa. Dulce abanava a cabeça e comia de faca e garfo, fazia alarde desses modos, ouvindo as bocas expectáveis: «Deves ter mania que és doutora», «Também não limpas o cu com as mãos, queres ver?», «Deves achar que és melhor do que eu.» No meio desta hostilidade, ensinou o primo a comer sábado após sábado, domingo após domingo. Ficavam num canto sozinhos, junto à bancada de Joaquim ou lá fora, afastados do alarido boçal daquele almoço de gente com excesso de decibéis e défice de talheres. Romão era do povo mas recusava o

chunguedo na ética de trabalho. Dulce era do povo mas recusava os modos à mesa da plebe.

Três relógios

O QUE É O MEDO? Quantos graus de medo existem? Às tantas, o medo que ele tinha não era do assalto em si, mas do imprevisto. Nunca sabia o onde e o quando dos assaltos. Não saber, não conseguir antecipar era pior do que o puxão, o murro, a navalha na barriga, a humilhação. Era impossível montar uma defesa porque nada era previsível. Podia ser assaltado logo à porta de casa, à porta da escola secundária nova, a caminho da sua escola preparatória, no pátio da escola, dentro da sala de aula e no regresso a casa. Perante um mal tão aleatório, o medo tornou-se omnipresente e onnisciente; o medo passou a pensar por ele como uma máquina espectral dentro da cabeça. E esta condição de indefeso levou-o ironicamente às superstições da avó Eduarda. Nas idas e vindas da escola, rezava baixinho a oração de Judite de forma ininterrupta.

— Não estamos sozinhos, não estamos sozinhos, não estamos sozinhos.

Repetia esta prece sem parar ao longo do caminho como se fosse um manto de invisibilidade, repetia-a durante os quinze minutos de caminho. A credence nestas palavras era tão forte que acabou por formular uma lei do universo: só era assaltado ou agredido naqueles segundos de distração em que deixava de murmurar este salmo de Judite por uma razão ou outra. Esta superstição nasceu no dia em que foi assaltado pela primeira vez por um dos drogados que vagueavam pelas ruas num passo de morto-vivo, ameaçando e roubando crianças e velhos,

roubando as próprias avós e mães. Estes carochos tinham uma técnica de assalto diferente. Eram fracos devido à heroína, não tinham força nem rapidez, e andavam quase sempre sozinhos como lobos tresmalhados; tinham de ser furtivos, saltavam dos ângulos mortos para surpreender a vítima. Pois bem, naquele dia, usando a grande oliveira como esconderijo, um drogado cortou-lhe o caminho de repente. Ele reconheceu-o: era o gajo do chicote, o lendário Pixote; agarrou-o pela mochila e encostou-lhe a seringa à barriga: «Espeto-te com esta merda, cabrão.» A seringa tem um efeito mental superior à navalha; a agulha milimétrica encontra brechas minúsculas e mais profundas na mente da vítima, não traz só a ameaça da ferida provocada por um homem, traz também a ameaça da infeção provocada por um vírus. Ruço deu-lhe a carteira e fugiu.

— Não estamos sozinhos, não estamos sozinhos!

Mas ele estava mesmo sozinho todos os dias naquela reta que une as duas pontas da crista do morro, a escola cor-de-rosa onde ele andava e a escola amarela ao pé de sua casa. Destas duas escolas, saíam milhares de alunos no final de cada turno, à uma da tarde e depois às seis. Destes milhares, dezenas eram assaltados todos os dias e ele era um alvo muito apetecido porque andava sozinho. Num instinto básico de sobrevivência, os miúdos formavam cardumes de dez ou quinze procurando a proteção do número contra os predadores. Era a lei do oceano. Como não tinha amigos, andava sozinho e indefeso, até porque o segundo estratagema para escapar aos assaltos estava ainda mais distante. Só havia uma regra que mantinha o Janeirinho um milímetro acima da linha de água: as miúdas. Não se roubava miúdas, nem sequer se devia bater e roubar rapazes que estivessem com miúdas. Este era o único código moral, a única marca que mostrava que eram crias de homem e não peixes no domínio do leviatã. Era assim que David ia muitas vezes até à escola

cor-de-rosa: era escoltado pelas musas do Café Carminho. Só que ter uma namorada era ainda mais fantasioso do que ter amigos. Restava então a terceira saída: correr, fugir. Se não tinha amizade e amor, tinha pernas. Ele podia batê-los em corrida assim que pressentisse o perigo. O seu corpo forjado na montanha era tão ou mais forte do que qualquer campeão local, era alto, magro e rijo. Na aldeia ele fazia todos os dias as duas léguas do vale, subia sozinho aos cântaros, nadava nas lagoas conhecidas e desconhecidas. Ao contrário do que toda a gente ali pensava, não era um atado, não era o caixa d'óculos desengonçado. Sucede que a pujança atlética era irrelevante nas olimpíadas do Janeirinho, tal como fica comprovado com a história do roubo do segundo relógio, que ele continuava a não usar no pulso. Vivia encurralado entre o orgulho do pai e a inclemência da rua. Em casa usava o relógio. Assim que saía de casa tirava-o do pulso e, ainda nas escadas do prédio, escondia-o entre a barriga e o cóis das calças; ficava ali escondido junto ao cotão do umbigo e às cuecas. Já bem perto do Natal, dois rufias saltaram do topo da paragem de autocarro junto à rede da escola; como não pensou, reagiu: desviou-se, acelerou e aquelas pernas treinadas no grande vale da montanha responderam, fez o caminho até casa num tempo recorde e com uma sensação de triunfo. Triunfo esse que não durou nem vinte horas. No dia seguinte, quando entrou na escola à uma da tarde, lá estavam os dois à sua espera. Atiraram-no contra a rede da escola logo ali à entrada, nas costas da casinha do porteiro, que, como sempre, fingiu não ver. E a vergonha subiu uma oitava: um deles meteu a mão por dentro das calças à procura do relógio. Ele não era o primeiro a usar aquele esconderijo.

Era o segundo relógio roubado num par de meses; o PIB clandestino da nação continuava a crescer à sua conta. O terceiro relógio foi o seu presente de Natal; tinha ponteiros vermelhos num fundo azul e bracelete

de couro que fazia lembrar pele de cobra. Na parte interior da bracelete, escreveu lá o seu novo nome, «Ruço», na esperança de fixá-lo para sempre ao pulso, na esperança de enterrar para sempre a tibieza e a parolice de João Miguel. Este terceiro relógio lá foi sobrevivendo, até porque foi contemporâneo de Januário, o primeiro amigo. Sem Januário, ele não teria chegado à Páscoa. Sedimento após sedimento, o medo estava a sepultá-lo vivo num sepulcro sem espaço e sem tempo. Este túmulo era um dia que se repetia todos os dias. Ele não saía do mesmo dia; era um dia perpétuo que se reiniciava a cada manhã, vinte e quatro horas que se repetiam em fac-símile num presente do indicativo sem pontos finais, sem pausas, sem passado, sem futuro:

sai do prédio, ouve as bocas de David e do resto do bando: «Olhò parolo! Lá vai o coninhas!», vai para a escola com medo, pensa no jeito que a *Nina* lhe dava como guarda-costas canino nestas ruas, está com medo na escola, pode ser agredido ou roubado a qualquer momento, regressa a casa apavorado e, antes de entrar no prédio, ouve de novo as risadas de David sentado na caixa de eletricidade: «Olhò saloio!», entra no prédio e sacode o pó da roupa e do cabelo, é um ritual que o ajuda a sacudir a ansiedade, toma banho assim que chega a casa, está sempre a tomar banho, logo ele!, que só tomava o banho semanal num alguidar, mas agora toma dois duches por dia, a mãe pensa que são as «coisas da idade», mas a banheira é uma câmara de descompressão isobárica, andar nas ruas é como nadar nas profundezas do leviatã debaixo de enorme pressão sobre os pulmões, o duche permite descomprimir e sair para uma atmosfera normal, sai do banho e fica à frente da TV da cozinha enquanto ruma uma sandes de fiambre e um iogurte, relaxa a ler a bula técnica do iogurte, leite semidesnatado pasteurizado (1,18 mg), 9,3% açúcar, leite em pó magro, aroma, fermentos lácteos, corante, ácido carmínico, ali não há pavor ou qualquer sensação humana, apenas o

descanso eterno da matéria inerte, apenas reações e estados químicos desprovidos de drama, observa pela janela as pessoas a chegar a casa, acendem as luzes, vão às suas vidas, fazem o jantar, veem televisão, estes pedaços de vida acalmam-no, é um voyeurismo que acalma em vez de excitar, mesmo os momentos mais violentos, pessoas a gritar, a ralar, a bater, a atirar sacos de lixo pela janela que são logo atacados pelas ratazanas, vai fazer os deveres no quarto, janta em silêncio, pede licença, levanta-se da mesa e vai à casa de banho onde vomita o pouco que comeu, vai para a cama ler, os pais vão para a sala ver a novela, lê um pouco e depois desliga a luz para sentir a luz da sala a entrar na escuridão do quarto, é o carinho possível dos pais: a luz da sala a entrar na escuridão do quarto, adormece sabe lá quando, os pesadelos desfazem-no, a sombra na esquina à Chirico, o leviatã de olhos verdes, a queda, a água a entrar pela janela e a afogá-lo nesta cave, às vezes acorda para vomitar, são vômitos vazios, vomita tensão e medo como se estivesse num exorcismo, acorda de manhã cansado, volta a fazer deveres, lê, rabisca uma banda desenhada para tentar disfarçar a ansiedade que sobe à medida que a hora do almoço se aproxima, sai para a escola com tremores no corpo e tudo recomeça, ouve os insultos de David: «Olhò rabetá!»

Januário salvou-o deste vórtice.

A escola ficava num declive. Na parte de cima, ficavam os quatro pavilhões, a cantina, a sala de convívio, o campo de jogos alcatroado. Descendo duas escadas a pique, entrava-se na parte de baixo virada a oeste, na direção do Cabeço que se erguia nos céus a uma distância de duzentos metros. Neste baixio, ficava um pavilhão extra que era usado sobretudo para aulas de trabalhos manuais e de Educação Física: os professores de Educação Física, liderados pelo omnipresente stor Armindo, tinham improvisado um ginásio na cave onde se fazia salto em

altura e ginástica em dias de chuva com material improvisado: os postes e a fasquia do salto em altura eram canas, o colchão que amparava a queda era uma pilha de colchões de cama velhos recolhidos e unidos com fita adesiva grossa; o banco sueco e o plinto tinham sido feitos por um carpinteiro amador, talvez o próprio stor Armindo, treinador dos juvenis do Benfica, guru espiritual da escola, o único professor idolatrado pelos alunos rapazes. Era o míster. Ao lado deste pavilhão, havia um campo de futebol pelado de onde se via na perfeição a fábrica de Romão e Isaías lá em cima, tal como a cachoeira do regato.

As provas de atletismo das aulas de Educação Física eram feitas à volta deste campo pelado. Numa destas provas, ele e Januário chocaram um contra o outro quando tentavam tomar a dianteira da corrida. Eram de longe os mais resistentes da turma. Januário jogava futebol nos iniciados do Benfica, um dado biográfico comum. Em todas as turmas havia pelo menos um miúdo a jogar nas camadas jovens de equipas da primeira divisão, Benfica, Sporting, Belenenses, Estrela da Amadora. Eram lendas, os únicos com um estatuto próximo dos membros dos bandos; roubar ou bater num destes jogadores não era um ato automático, implicava longa deliberação; havia um certo medo em machucar os pés destes jogadores da mesma forma que noutros meios sociais há o receio de machucar as mãos de um pianista. Januário, apesar de ser só um lateral-esquerdo, era um destes seres míticos. Nesta tarde abençoada, após chocar com esta criatura mitológica, ele protegeu-se num ato reflexo, temeu um soco. A resposta de Januário foi uma surpresa: «Calma, bacano, tá tudo bem.» O olhar de Januário foi ainda mais inesperado: mostrava compaixão. Januário era muito mais baixo, olhou-o de baixo para cima e, até por isso, estava perplexo com o ar desamparado dele.

À saída, às seis, ele saiu da escola e entrou na longa e perigosa reta até casa. Ainda antes de chegar à funesta paragem de autocarro, Januário agarrou-o pelo pulso: «Anda por aqui, Ruço. Vem comigo.» O timbre de Januário sossegou-o, era uma voz serena, não carregava o sarcasmo juvenil que era a língua franca do bairro. Devia ser por causa da pressão de jogar no Benfica, teve de crescer. Era baixo, meio ruivo e cheio de sardas, o que reforçava o seu ar confiável. Apesar de só ter treze ou catorze, já era um homem e não um chavaleco malcriado. «Vá, anda daí, bacano, não tenhas medo.» Cada rapaz adotava duas ou três palavras do calão como bengalas linguísticas. Fixe, baril, beca, meu, coche, tá-se, ganda cenário, ganda pausa, conhê, fatela, narsa, nite, afiambrar, banhada, cortes, bezana, garina, calinas, bué, dred, chavalo, totil, arrochar, man, butes, penantes. As bengalas de Januário eram «meu» e «bacano». Era raro dizer uma frase sem usar uma das duas. «Meu, anda! Quero mostrar-te uma coisa.» Que coisa era essa? Um caminho diferente e mais seguro até casa. Não tinha amigos, não tinha namoradas, não podia batê-los em corrida, mas podia ter um mapa do tesouro, um trilho secreto até casa.

Em frente à escola, do lado leste, havia um bairro social que não convinha atravessar exceto numa parte: um jardim público abandonado que era na prática a sala de chuto e retrete dos drogados. O cheiro era asqueroso e o chão estava juncado de seringas. Eles, os zombies, os carochos, os agarrados, estavam encostados à parede de um dos prédios que murava o jardim, pareciam cadáveres, uma linha de homens fuzilados contra a parede, um amontoado de carne putrefacta decompondo-se em vida. Ele atravessou este cenário de epidemia murmurando baixinho: «Não estamos sozinhos, não estamos sozinhos!» Januário acalmou-o garantindo que os gajos estavam com a moca, nem

os viam. Enquanto desciam este alegado jardim, Januário ia cartografando o bairro:

— Esta zona é da Francesa.

— Quem é a Francesa?

— Tás mesmo à nora, Ruço.

O Janeirinho era disputado por duas famílias. O Pernas era soldado da família do Fanã, grande rival da família da Francesa. Januário explicou esta rivalidade que causava mortes, doença, crime e guerra civil a rir; conviver com os quatro cavaleiros do apocalipse era só segunda de manhã; não era um riso cínico, mas um riso de sobrevivente, o humor enquanto salvação da alma. Acabava sempre as frases com um sorriso ou uma gargalhada contagiante. Ele sempre invejou em Januário esta incapacidade para ser infeliz ou, pelo menos, a capacidade para impedir que o esterco do bairro acamasse dentro dele.

Após atravessarem o jardim juncado de seringas e gente fuzilada pelo ópio, chegaram a uma zona do bairro que ele nunca tinha visto. Estavam no meio do morro, talvez nos trezentos ou duzentos e cinquenta metros de altitude. Ainda se via Lisboa. Devido a uma inclinação atroz do lado esquerdo, esta reta era uma das ruas onde mais se notava o efeito do inverno: o pó dava lugar aos aluimentos. As paredes e os taludes não suportavam a pressão da lama, que invadia o preto do alcatrão em sucessivas ondas castanhas, que por vezes matavam pessoas, sobretudo os moradores de caves como ele. Estes aluimentos no bairro com maior densidade populacional de Portugal à época eram vistos como um fenómeno natural idêntico à própria chuva. Era assim. Os habitantes não se questionavam e não questionavam as autoridades. Vivia-se assim. Quem anda à chuva molha-se! E, de facto, ele preferia o bairro molhado ao bairro empoeirado. Preferia esta lama nos sapatos do que o pó no nariz, cabelo e garganta.

Esta reta que corria paralela à cumeada ia dar a um grande largo cheio de autocarros, que, àquela hora, despejavam centenas de mulheres que chegavam de Lisboa. Eram as mães do bairro, empregadas domésticas ou lojistas que carregavam sacos de plástico e olheiras fundas. Este largo dos autocarros, conhecido por Moinho Velho, que ficava uns cinquenta metros abaixo do largo da grande oliveira, tranquilizou-o; as mulheres tinham um efeito pacificador, reforçavam a única regra não-escrita: ao pé de raparigas e de mulheres não havia violência. Se seguissem este rasto feminino, qual halo, ficavam a salvo. Foi o que fizeram. A seguir à zona dos autocarros, surgia uma estreita rua comercial onde elas paravam em pequenas lojas de roupa, retrosarias, drogarias, casas de congelados, cabeleireiros, churrascarias. O burburinho comercial desta rua também criava um tampão de luz e segurança.

Para lá das lojas, recomeçaram os problemas, já estava perto de casa.

O caminho acabava numa rua que o apavorou de imediato: era a rua paralela à sua, a rua do salão de jogos sempre apinhado de bandos e dominada pelo Pixote. E lá estava ele, o Pixote, o rei dos carochos, com o chicote enrolado e preso às calças como um domador de leões. Reentrou em pânico. Com a serenidade de quem há muito decantara o medo, Januário acalmou-o com uma frase sem uma aresta de pavor: «Calma, Ruço, que não vamos por aí.» Recuou dez a quinze passos, sorriu-lhe e desapareceu através de uma estreitíssima e escura passagem entre prédios onde só cabia um corpo de cada vez. Ele nunca teria entrado ali sozinho.

A passagem dava acesso a uma longa e apertada escadaria emparedada por prédios dos dois lados; no fundo, era um beco com degraus. No topo, a escadaria abria para uma pequena praceta dominada por uma mercearia, O Cantinho, que tinha duas frentes, duas vitrinas,

uma dava para este beco interior e outra dava para a rua principal dominada pelo chicote do Pixote. A partir dali, junto às bancas de laranjas e maçãs reinetas, ele conseguia ver os andares superiores do seu prédio, talvez a duzentos metros em linha reta. Segurou as lágrimas. Este era um dia de glória e recomeço. Nestes duzentos metros finais, restava um único perigo: se atravessasse a rua a descoberto, tornar-se-ia um alvo para os bandos do Pixote que se acumulavam à porta do salão de jogos do outro lado da rua. Januário deu-lhe a solução: esperar que um autocarro parasse na paragem um pouco à frente do salão. E assim foi: com o campo de visão dos bandos bloqueado por um autocarro redentor, atravessaram a rua a correr. Correu a sorrir. Na praceta, quando percebeu que já estavam a salvo, Januário despediu-se: «Tás entregue, Ruço»; sorriu com compaixão e voltou para trás; tinha de voltar até ao largo dos autocarros para apanhar o autocarro que descia até à Póvoa.

Atravessou a praceta, desceu as escadas onde vira sexo, atravessou o beco da ratazana que o destruíra e subiu o túnel das escadas que escavavam o prédio colado ao seu. Foi a primeira vez que entrou neste bizarro túnel. Não teve medo. E, também pela primeira vez, não ligou às bocas de David que estava logo ali à direita na caixa de eletricidade, que nunca mais explodia, que nunca mais eletrocutava ninguém. Virou à esquerda, entrou no prédio, sacudiu o pó com gosto, como um cowboy depois de uma vacada de sucesso. O sorriso deu lugar a um riso aberto. Tal como Judite, Januário ajudou-o porque sentira que era a coisa certa a fazer, só isso; ajudou-o porque se comovera com a sua náusea, com a sua magreza cada vez mais cadavérica. Não gozou com ele, não abusou da sua fraqueza, ajudou-o de forma desinteressada, sem outro motivo senão a decência.

Isto foi nos idos de janeiro. Ele tinha acabado de fazer anos. Nesta noite conseguiu manter uma conversa com os pais ao jantar.

— Hoje fiz um amigo.

— A sério? Como se chama?

— Januário... Nuno, Nuno Januário. Joga no Benfica. É lateral-esquerdo.

— O que é um lateral-esquerdo?

— Ó mãe, não goze comigo.

Riram-se. Riram-se juntos meio ano depois. Aliás, foi porventura a primeira gargalhada a três, a primeira de sempre.

O charme discreto da bondade

A RELAÇÃO COM JANUÁRIO APROXIMOU-O DE OUTROS COLEGAS da turma, sobretudo três miúdas mais velhas e eternas repetentes: Dália, o seu primeiro namorico, Maria João e Beta, que ele já conhecia por alto. Beta salvara-o da humilhação às mãos de Susana logo no primeiro dia de escola. Além de aia e guarda-costas da rainha do pátio, essa tal Susana, Beta era vizinha de cima de Januário na Póvoa, uns duzentos metros mais abaixo na colina. Com o passar das semanas, tornaram-se um trio inseparável: Ruço, Beta, Januário. Ao pé de Beta ele sentia-se protegido, ninguém lhe tocava. Era aquela rara miúda que enturmava com os rapazes por ser feia e por ter enorme destreza nos desportos, nos matraquilhos e na intimidação, que tinha uma utilidade. Além de proteger Ruço, Beta protegia sempre que podia as raparigas. Alguns rapazes eram peritos no abuso sexual. Não estamos a falar do vulgar apalpão nas escadas, uma banalidade por todos praticada. Sempre em alcateia, alguns rapazes encurralavam uma rapariga num sítio recôndito e, num frémito de carne, apalpavam, tiravam o sexo para fora e roçavam-se, rasgavam camisas, ficavam com o soutien como troféu; metiam as mãos por dentro das calças e cuecas da vítima. Ficavam a cheirar os dedos uns dos outros em ritual vencedor. Na escola inteira, só havia duas pessoas capazes de travar esses abusos, David e Beta. David não queria saber. Era Beta quem aparecia. Aquele rosto chupado, cadavérico,

envelhecido, metia respeito. «Sidosa do caralho», zurravam sempre que ela impedia mais um arrastão sexual.

Beta passou a ser a sua colega de carteira. Era evidente que era esperta, mas tinha sempre a cabeça noutro lado: o vício. Era um soldado de Susana e do Pernas porque eles alimentavam-lhe o vício; tinha as línguas de haxixe que quisesse, fumava charros como os homens da taberna fumavam tabaco. Escalou a escadaria habitual: cerveja, cachaça, charro e, em breve, o cavalo. Ou seja, ele teve sorte: ainda a conheceu na forma humana antes da transformação em zombie opiáceo; esta amizade foi vivida no tempo intermédio entre o charro e o cavalo; é como se ele a tivesse apanhado em pleno ar, no salto entre os últimos charros e a primeira injeção de heroína.

Como andavam sempre juntos, ele ia por vezes à casa de Januário, que acabava por ser também a casa de Beta. A Dona Lurdes, mãe de Januário, era a verdadeira mãe de Beta. O prédio deles ficava já na parte baixa da Póvoa numa zona inóspita que fazia fronteira com a Codivel e Odivelas. De um lado, havia armazéns, oficinas e descampados onde algumas hortas eram regadas com a água nauseabunda do regato que desce do Cabeço até ali para logo a seguir se juntar à ribeira. Do outro lado, tinham as traseiras de um gigantesco supermercado que exalava a putrefação cálida dos ares condicionados. Aproveitando os entardeceres, prostitutas escanzeladas alinhavam-se numa fila indiana ao longo da rua. Para entrar no prédio de Januário, ele tinha de atravessar a linha de prostitutas. Nestes segundos, o mínimo que sentia era uma pergunta que escondia o anjo da morte atrás da aparente ingenuidade: «Porque é que ninguém tira estas mulheres daqui?» Mas também podia sentir o máximo, uma vontade de fazer mal a estas mulheres, um desejo de exterminar aquela fealdade, de extirpar do mundo aquela decadência cravada de chagas que eram visíveis a olho nu.

Na escola, mostrava a Beta as cartas de amor que escrevia a Dália. Ela sorria; era o sorriso de uma velha que se comove com a inocência de uma criança. No mundo dela, as cartas de amor não eram ridículas, eram impossíveis. O pai fugira para uma plataforma petrolífera holandesa algures no mar do Norte, a mãe era prostituta e cartomante, já tinha perdido dois irmãos, um para o cemitério, outro para a prisão. Repare-se, pois, no esforço moral que ela tinha de fazer para não gozar ou censurar os bilhetinhos ingénuos que ele escrevia. Até participava na escrita dos mesmos, editava-os: «Foda-se, Ruço, não percebes nada de gajas, dá cá a caneta.» Em troca, ele deixava-a copiar nos pontos. A sua caligrafia era ilegível, mas, no primeiro ponto que fizeram juntos, fez questão de desenhar uma caligrafia redonda e legível. Ela percebeu o artifício e copiou. Nunca falaram do assunto, apenas sorriam desta cumplicidade. Lá fora, no campo de jogos, faziam dupla nas tabelas de basquetebol. Não davam hipóteses, eram ambos altíssimos; ela abafava os lançamentos dos outros. Quando detonava estes abafos, deixava sempre uma farpa nos egos alheios: «Manda mais postais, ó pilinhas.» Os outros não se sentiam humilhados porque não a viam como uma rapariga. Se as tias na horta não o viam como um homem e por isso não o consideravam um intruso no templo da sua maçonaria feminina, os rapazes da escola não viam Beta como uma mulher mas como um dos grandes soldados do pátio.

Dália não era alta como Beta, até se pode dizer que era um pouco atarracada, o que reforçava a concentração explosiva das suas curvas. O longo cabelo preto e aos caracóis emoldurava um corpo que despertava o Neandertal libidinoso que existe até no mais prístino dos arcanjos. Era dois ou três anos mais velha. Foi a namorada possível dos primeiros beijos e amassos, porque o seu verdadeiro desejo chamava-se Maria João, a melhor amiga de Dália. João era a mais desejada da escola, até

porque já era mãe. Era uma mulher estonteante numa escola de crianças. Alta e morena, parecia uma daquelas mulheres fabricadas por design num estúdio de banda desenhada pornográfica, silhueta voluptuosa em ampulheta, lábios carnudos, olhos grandes e de um verde-acinzentado e misterioso, pestanas de metro. Tinha um ar cansado: além de ir à escola, cuidava do filho na casa da mãe e tinha de trabalhar num café ali perto para ajudar nas contas. Queria tirar o nono ano para depois tirar um curso de secretariado, mas não saía do sexto ano. Apesar do cansaço e da frustração, era uma criatura doce e discreta. Desenvolveu uma relação ambígua com ele. O seu lado de mãe adotou-o, tomou-se de amores pela óbvia candura do «Rucinho». Por outro lado, era evidente que já sentia alguma atração pelo exotismo do «Ruço», pelos olhos achinesados, pelo cabelo cada vez mais comprido e aos caracóis, pela elegância magra e alta. Só que essa atração era cortada pela diferença de idades e de experiência: ele tinha doze anos e não podia ser mais virgem; ela tinha dezasseis e já era mãe. Era uma assimetria brutal, que se tornava insuperável quando a mãe dela aparecia à porta da escola com a tal criança, o Ricardinho, à beira dos dois anos. Ele desejava-a em silêncio; quando trocava longos e desajeitados beijos com Dália, abria os olhos para ver Maria João ao longe. Esta incapacidade de chegar a João tornou-se ainda mais insuportável quando ela começou a namorar com David. Quem mais? David era o rapaz mais bonito da escola. Casanova descia à condição de Quasímodo ao pé deste rapaz que compensava a pequena estatura com um rosto perfeito na geometria angulosa, com as esmeraldas que brilhavam no escuro como olhos de gato, com um corpo duro e musculado que ele fazia questão de mostrar despindo as t-shirts no campo de jogos. Ruço era exótico, sim, mas a sua beleza seria sempre um ponto de vista relativo de algumas raparigas. David era universal e objetivamente belo. No pátio, sentia um abalo se visse as mãos dele no

corpo dela. Este ciúme tornou-se o sentimento dominante e, de resto, explica a forma estranha como entrou em Lisboa pela primeira vez.

Nesta época havia inúmeras manifestações de estudantes universitários da cidade, que acabavam por atrair os estudantes das escolas secundárias da cidade e dos arredores. Na mais famosa destas manifestações, um rancho juvenil desceu do morro até à capital e seguiu até ao ministério. Uns foram a pé numa longa peregrinação, outros de autocarro. Ele estava com Dália junto à rede da escola. David chegou de mota com Maria João no lugar do pendura. A mota era roubada, David só tinha uma bicicleta. Ficaram os quatro a comentar a agitação e, de repente, David lançou-lhe o desafio:

— Como é que é, cromo? Vens comigo à manifestação?

Maria João saiu da mota para lhe dar o lugar do pendura. Não era um convite, era uma intimação, que David lançou na perfeita consciência do pavor que essa ideia lhe provocava e da consequente vergonha que estava a sentir perante duas raparigas; David não se queria juntar ao cortejo devido a qualquer reivindicação escolar, mas porque pressentiu o caos e porque antecipou mais uma hipótese de humilhar o cromo parolo da cave direita que recusava tratar por Ruço. Era uma alcunha demasiado fixe para alguém tão nabo.

— Bute lá, meu! Não sejas conas.

Recusar a investida contra Lisboa seria mais uma cavaca para a sua fama de poltrão, que ainda ardia em lume branco. Não podia passar por fraco à frente de Dália e João. E foi assim que entrou em Lisboa pela primeira vez: numa invasão juvenil e montado no lugar do pendura de uma mota roubada. Nunca contou esta história a ninguém. Se contasse isto em Lisboa, sabia qual seria a resposta de amigos e colegas: «Olha, lá está o Lucas a inventar mitos sobre si mesmo.»

Quando atravessou a serra na mota do pai, pensou que ia morrer. Ao entrar em Lisboa nesta mota conduzida por David, pensou em algo parecido: teve medo de ter um acidente, a condução de David era temerária e não tinham capacete; partiram retrovisores, riscaram muita chapa e caíram uma vez. Teve ainda medo de ser espancado por David num recanto qualquer da cidade. Este medo era tão forte que até venceu o fascínio do provinciano perante a beleza geométrica da cidade. Apesar de estar ali debaixo da sua sombra, os prédios alinhados em simetria continuaram a ser uma longa bruma retilínea.

Junto ao ministério, lá se apearam e lá se juntaram à turba juvenil. Quando a manifestação acabou, voltaram ao lugar onde haviam deixado a mota. Só que a mota já tinha desaparecido. David não se incomodou. Sondou o espaço em redor e isolou um rapaz que descansava encostado a uma lambreta. David aproximou-se do tal rapaz e disse: «Empresta aí a mota.» O rufia é mesmo o mestre estilístico do eufemismo. O rapaz rosou um óbvio «não». «Ai é?» David tirou o capacete de cima da lambreta e atirou-o à cabeça do rapaz, que caiu no chão. Ruço não fez nada, ficou aterrorizado, e o pavor aumentou, porque David desapareceu sozinho na lambreta. Gritou: «Espera! Onde é que vais?» David parou um pouco mais à frente e olhou para trás. Ele olhou-o em súplica, mas David respondeu com desprezo e desapareceu montado na segunda mota roubada do dia. Baixou a cabeça para esconder as lágrimas. Ser humilhado todos os dias tinha mesmo de ser a sua vida? E, agora, como é que ia voltar para casa? Andou por ali ao deus-dará no meio da multidão até que viu ao longo uma figura altíssima que reconheceu, era Beta. Aproximou-se dela como a criança que, depois de se perder na praia, reencontra a mãe. Ela deu-lhe a mão de forma discreta e apresentou-o ao grupo com quem estava. Serenou. No regresso a casa, apanharam um autocarro em Entrecampos ou no Campo Grande. Entrou

na carreira como Beta, à socapa pela porta de trás para não pagar bilhete, até porque não tinha dinheiro; paralisou de medo com a possibilidade de ser apanhado e de a mãe descobrir que andava a fazer coisas ilegais com a gandulagem.

David não era só o rapaz que andava com a miúda mais bonita que ele idolatrava em segredo; também era o único *civil* capaz de fazer frente ao gangue. David podia ser um capo como o Pernas mas era demasiado rebelde para receber ordens do Fanã ou da Francesa. Além disso, não tinha paciência para o negócio. O Pernas fazia parte das rodas dentadas de vários circuitos. Vendia preservativos e filmes porno que roubava às farmácias e videoclubes. Vendia bandas desenhadas pornográficas e góticas com vampiros a devorar donzelas de espartilho ou com amazonas a devorar exploradores. Vendia revistas porno quase sempre alemãs, fotonovelas com gigantescas mamas teutónicas amparando Príapos bávaros. Colocava os produtos roubados durante a semana na feira de sábado, ténis, roupa, ouro, pratas, autorrádios, joias, relógios. E, claro, numa barraca mesmo no epicentro do bairro de lata, o Pernas recebia a sua parcela de erva e haxixe que ali dividia em doses individuais — ele sabia que Dália andava com saquinhos de meio conto na mochila, que vendia em Lisboa quando ia ter com a mãe. A venda desta droga leve era um campo de treino: se se revelasse eficaz nesta divisão inferior do crime, o Pernas passaria para o campeonato dos crescidos. Vendo as coisas à distância como se fosse um antropólogo, Ruço até ficava com a ideia de que o tráfico de drogas leves não tinha grande interesse comercial, era só uma escola para os rufias adolescentes ganharem o calo necessário para depois entrarem no tráfico das drogas duras e de seres humanos para prostituição. E o Pernas era

muito eficiente. Até lisboetas apareciam para comprar a «ganza do Pernas», uma das melhores da cidade.

O sucesso do Pernas também se devia a algo que escasseava na cabeça de David: as regras da empatia. Pode um gangster ser um mestre da empatia? Claro, um bom gangster é por inerência um ser empático. Tal como Judite e Januário, o Pernas cheirava as fragilidades das pessoas, mas, em vez de ajudá-las, aproveitava-se delas. O seu gangue era uma congregação de seguidores devotos. O lendário Maneta, o peão mais conhecido da escola, era um bom exemplo. O Maneta tinha uma deficiência: o braço direito terminava numa mão minúscula e malformada, um coto de leproso, os dedos eram pequenas farripas de carne disforme. Era, porém, implacável: com o braço esquerdo, desmesuradamente musculado, distribuía socos todos os dias. O Maneta não era cruel, era só eficaz, batia nos outros com uma obediência canina e quase comovente pelo dono. Ia roubar um relógio como o cão vai buscar a bola do dono e, quando regressava com o produto do saque, fazia um sorriso infantil assim que o Pernas elogiava a sua eficácia. Roubava os outros para ser amado pelo mestre. O Pernas dava a este rapaz desprezado pelo mundo o carinho que nunca teve, e ele retribuía. O segundo grande soldado do bando, sim, era cruel. O Ouriço já era um velho conhecido: implicara com ele logo no primeiro dia e roubara-lhe o primeiro relógio. Ruço descobriu nestes dias que, tal como a meretriz Susana, o Ouriço era meio-irmão do Pernas. Era conhecido por Ouriço devido às espinhas e crostas que lhe cobriam o rosto; cheirava sempre à água oxigenada com que aloirava o cabelo. «O Ouriço é fodido», esta síntese de Januário era correta. A violência do Ouriço era a pior de todas, porque a agressão dava-lhe prazer. O Pernas usava-o não para roubar mas para intimidar um possível rival e para aterrorizar o pátio inteiro e as ruas. Era um sádico preso à trela do dono, mas também

podia explodir por conta própria para bater sem qualquer razão. É por isso que Ruço nunca percebeu o que se passou naquela tarde.

Queria mostrar a si mesmo e ao pai que tinha coragem. Já não era o fraco e saloio João Miguel, era o Ruço, um puto com alcunha fixe e sangue-frio. Neste dia, já depois da Páscoa, usou o relógio na rua e na escola. O Pernas viu o relógio a reluzir no pulso de Ruço e chamou-o com o habitual eufemismo: «Ruço, mostra aí o relógio.» Ele fingiu que não ouviu e continuou. Mais tarde, numa pausa de uma futebolada, foi beber água num chafariz, já eram dias de calor. Quando baixou a cabeça para beber, o Ouriço apareceu à traição por trás, agarrou-o pelo cabelo já meio comprido e atirou-o com toda a força contra a ponta de ferro do chafariz. Partiu o nariz, feriu o olho direito, que permaneceu meses enfaixado, rachou o maxilar e alguns ossos do rosto. Ficou estendido no chão, só voltou a ter consciência já no hospital em Lisboa onde ficou alguns dias. Foi a segunda vez que entrou em Lisboa, e continuava sem ver a cidade. Quando acordou, manteve os olhos semifechados e ficou a observar em silêncio a mãe, que andava de um lado para o outro, estava nervosa, mas, ao mesmo tempo, parecia fascinada com todo o aparato médico, o batalhão de médicos e enfermeiras, as luzes e ruídos das máquinas. Quando ele deu sinal de vida, ela recolocou a pose seca. Entretanto, o pai chegou muito perturbado. Dizia para ele não se preocupar, que ia comprar outro relógio. Chorou. Foi talvez a única vez que o viram a chorar sem travões e foi sem dúvida aqui que perceberam que o João Miguel já não existia. Para evitar chorar, o pai não se calava. O mais silencioso dos homens falava como um papagaio descontrolado. Como não conseguia falar devido às dores excruciantes no maxilar, ele fez sinal ao pai para se calar com o braço que não tinha agulhas e destapou o outro braço que tinha duas coisas: o cateter e o relógio.

Foi coincidência? Foi atirado para o hospital com lesões nos olhos no exato dia em desafiou o Pernas. Não podia ser coincidência. O Pernas mandou o Ouriço castigá-lo porque não prestou vassalagem; nem lhe roubou o relógio para mostrar que não era pelo dinheiro, era pelo respeito, pelo poder. Sim, o poder: dizia-se no pátio que o Pernas pagava ao Ouriço para este abusar de raparigas no sofá da Associação de Estudantes; dizia-se que não gostava de foder, mas sim de ver o meio-irmão em cima das miúdas, que eram escolhidas a dedo: eram tiradas do pote das chamadas gordinhas atrevidas, aquelas que estavam «mesmo a pedi-las» aos olhos de toda a gente. Mas, por outro lado, também podia ser coincidência, porque o Ouriço tinha estas explosões aleatórias. Ou então foi agredido porque era bom aluno e o Ouriço, claro, tinha asco de boas notas. Ou será que o Ouriço correu o risco de lhe furar o olho porque não gostava dos seus ténis, da sua camisa, da sua voz, do seu cabelo? Ou será que gostava muito dos seus ténis, camisa, voz, cabelo? Agrediu-o porque implicava com a sua mochila original feita pela mãe ou porque tinha inveja do interesse que ele, o exótico Ruço, começava a despertar nas miúdas como Dália? Era impossível saber. Com ou sem ordens, a verdade é que o Ouriço agrediu-o daquela maneira porque quis, só isso, porque fazia da violência uma experiência estética desprovida de qualquer limite moral, porque gostava desse prazer interdito que é meter medo a outra pessoa, porque apreciava o êxtase da impunidade, porque sabia que era intocável. Dentro ou fora da escola, ninguém ousaria testemunhar contra o Ouriço, afilhado do Fanã; muitos calavam-se por medo, claro, mas outros tinham orgulho nesse silêncio. Eram leais ao bairro, não à lei. O Ouriço era um cabrão, mas era o nosso cabrão.

A primeira coisa que ele fez quando voltou do hospital foi colocar o relógio em cima do móvel da sala à frente da enciclopédia para que o pai

percebesse: ele ia deixar de usar relógio. Nunca mais usou relógio na vida. Este relógio sobrevivente, o terceiro, passou depois para uma gaveta da escrivaninha. Nos anos que se seguiram, quando o reencontrava por acaso entre papéis e fotos velhas, sentia dor e orgulho ao mesmo tempo; simbolizava a passagem de testemunho entre o João Miguel e o Ruço, até porque as lesões e a estada no hospital deram-lhe uma nova reputação na escola. Tal como a avó Eduarda na serra, ele tinha agora a patente de sargento graças à dor sofrida. Devido à brutal agressão do Ouriço, ele agora era mesmo o Ruço, nunca mais ninguém o chamou Saloio ou Cromo; mais importante ainda, ele próprio sentia-se o Ruço com aquela pala de pirata no olho direito.

Ficou mais umas semanas em casa em repouso absoluto; era preciso cuidar do olho ferido com muita cautela. Só voltou à escola já em cima dos testes finais. No dia do regresso, quando saiu pela porta do prédio, os outros começaram a gozar com ele como de costume, mas David disse qualquer coisa que os calou. Já na escola, achou a turma estranha, soturna. Dália não estava. Tinha desaparecido e não se sabia bem porquê.

— Parece que teve praí uma espiga com o Pernas — adiantou Januário.

—Que espiga?

— Pá, não sei, Ruço. Mas, olha, pelo menos não lhe fizeram o que fizeram à Maria João há uns anos.

— O quê?

Januário arrependeu-se do que disse e tentou enterrar a curiosidade do amigo.

— Esquece, meu. Já foi há bué.

Farejando o tabu, ele não permitiu a fuga.

— O que é que fizeram à João?

Januário baixou o tom de voz mas não a irritação:

— Foda-se, Ruço, queres um desenho ou quê? Violaram-na ali no pavilhão de baixo, caralho. Agora cala-te, fecha a matraca.

O local mais perigoso da escola era a parte de trás do pavilhão de baixo, o perfeito ângulo morto: em frente, o pavilhão tapava a vítima do resto da escola; à esquerda, ficava o campo pelado e vazio; à direita ficavam as barracas, três ou quatro metros abaixo do muro que suportava a rede; atrás, ficava a charneca até ao Cabeço. Mas porque é que tinham violado Maria João? Ela era usada como correio de droga do chefe do Pernas, o Fanã. João andava com a mochila cheia de sabonetes de haxixe de um lado para o outro. Era angelical e bonitinha, o vaporzinho perfeito, até ia a Lisboa. Só que um dia a paixão intrometeu-se. O namorado dela, muito mais velho e com quem ela tinha sexo apesar de só ter treze anos, embrulhou-se num sarilho com as casas de alterne e jogo de um bando da Musgueira. Ou pagava ou sofria as consequências. Maria João deu-lhe uma mochila inteira que pertencia ao Fanã, sabendo de antemão o preço: ia ser mutilada ou violada. E foi. Não quiseram mutilá-la, não quiseram estragar tanta beleza; não quiseram cortar-lhe a pálpebra de um olho. Era um castigo comum. O próprio Pernas tinha essa marca. Mas violaram-na ali mesmo, possuíram a beleza. Foi violada não por um mas por todos os membros do bando quando eles tinham entre os treze e os quinze anos, o Pernas, o Ouriço, o Maneta, que perdeu a virgindade neste estupro coletivo.

— Violaram-na... isso quer dizer que o puto, o filho dela, o Ricardinho...

— Não, pá! Não faças filmes, caralho. O miúdo é do namorado dela, que desapareceu. Dizem que bazou pa Alemanha para ter a certeza que fugia aos cabrões da Musga.

Inefável: esta é a única palavra capaz de descrever a bondade de Maria João. Esta miúda foi violada por rapazes com quem tinha de conviver todos os dias dentro e fora da escola, mas era uma criatura doce, não se deixou consumir pelo ódio; teve e criou um filho de um homem que a abandonou e que foi a causa da violação, mas não era amargurada. É este o charme discreto da bondade. Maria João era a pessoa mais discreta. Além da beleza de Calipso, não tinha nada de específico. Não falava muito. Não se queixava de nada, não era agressiva, não tinha manias, não havia histórias sobre ela. Aos fins de semana e nas manhãs dos dias de semana trabalhava num café para ajudar a criar o filho. Apesar de pouco inteligente, dava tudo para tirar o tal curso de secretária que lhe permitiria dar uma vida melhor à criança. Era uma miúda normal construída sobre um mal absoluto. A sua banalidade era uma façanha.

Judite, Januário, Joaquim, Beta, Maria João — homens e mulheres a tentar manter a decência no meio da merda, no meio de pratos vazios e punhos cerrados; rapazes e raparigas que eram a própria estrutura do mundo. Tudo à volta respirava desalento e desenrascanço no meio da miséria e da violência; tudo em redor funcionava como se o apocalipse estivesse marcado para as seis da tarde, mas eles resistiam. Não se limitavam a sobreviver na amoralidade. Não faziam da miséria uma desculpa. Apesar de tudo indicar o colapso de qualquer organização moral do mundo, continuavam a professar a decência; passavam-na aos filhos e amigos como um fogo sagrado. Talvez seja o maior espetáculo do mundo: ver gente normal a tentar ser decente no Inferno; ver pessoas a dar a resposta certa à pergunta fundamental — como é que se pode ser bom no meio da lama? Como é que se pode ser bom quando as águas

sulfúricas dos rios do Inferno, Estige e Cócito, invadem o mundo através de uma orgia de géisers e fumarolas? Como é que se caminha quando o chão é um paul sulfúrico, quando não existe um palmo de terra sem pelo menos um palmo de água putrefacta em cima, quando tudo indicia a invasão anfíbia do leviatã? Estas pessoas deram a resposta certa: arregaça-se as calças, calça-se as galochas e continua-se; caminha-se na lama onde cada passo exige uma estratégia. Como não escorregar? Como não ficar atascado? Como saber onde estão as areias movediças? Continua-se e salva-se o rapaz que está caído ao lado, levando-o ao colo ou às costas, continua-se mesmo sabendo que a humanidade submersa não tem emenda, mesmo sabendo que o país será sempre pantanoso, mesmo sabendo que caçar o leviatã é impossível. Com recursos limitados ou inexistentes, continua-se a lutar e a sonhar.

O mal está sempre presente nos textos de Lucas Andrade. É, todavia, um mal imperfeito, a cúpula desta catedral escura tem fissuras que permeiam a entrada da luz. Ele queria que o leitor sentisse o caos, o bafo do Inferno, mas também queria que a redenção e a bondade permanecessem possíveis. Sim, a bondade. Não se está a falar de mera civilidade, que é um conjunto de regras e preceitos apreendidos na sociedade. A simpatia cívica é um dever comunitário e tem sempre um lado de interesse próprio. A bondade, genuína e desinteressada, a grande estrutura do mundo, é outra coisa. Judite, Januário e Beta ajudaram-no contra os seus interesses, contra o seu sossego e a sua segurança. Então porque é que o ajudaram? Durante muito tempo, ele pensou que a bondade vinha do desprendimento. Todas estas pessoas estavam, em maior ou menor escala, fora do mundo e do tempo. Os preconceitos da sociedade não lhes tocavam. Beta era insensível a qualquer comentário sobre o seu aspeto ou comportamento. Maria João, apesar de ser olhada como mãe solteira e mulher fácil, foi capaz de filtrar a violação e o

abandono: amava o filho de uma maneira que era desconhecida para a maioria das mães do bairro, aliás, amava Ricardinho com uma ternura que ele nunca viu na própria mãe. Esta fidelidade ao Reino só era possível com um desprezo pelos dialetos do mundo. Na serra, o bondoso Américo era um eremita. Judite e Joaquim eram eremitas às portas de Lisboa. Viviam à margem de Portugal e da história. Eram uma gente independente do mundo e, nesse sentido, uma gente livre da sua hipocrisia. Havia, porém, um problema nesta tese. A independência radical face ao mundo também podia ser o biombo para a crueldade de homens como Romeu e Diamantino. Se Judite fazia da horta um *kibutz* celestial, o tio Diamantino fazia dela uma câmara de tortura física para animais e de sevícia mental para pessoas. Era um sistema de pesos e contrapesos que subiam e desciam na roldana: a horta levantava o peso das normas sociais que oprimiam a bondade de Joaquim, mas, do outro lado, este movimento implicava a descida de um véu que escondia das leis da sociedade a desumanidade de Diamantino.

Então qual é resposta? Qual é, afinal, a fonte da bondade? Ele nunca conseguiu melhor resposta do que esta: algumas pessoas escolhem ser decentes, só isso; vivem dentro ou fora da sociedade, algumas pessoas dão-se a esse trabalho.

O primeiro e o último homem

PASSOU O VERÃO NA HORTA. Entre junho e setembro esteve em casa dois ou três dias. Não queria estar perto de David e das ruas. Mal viu os pais, que não tiraram férias; Romão e Augusta, cada um à sua maneira, estavam a construir a sua impecável reputação profissional. À solta no seu *kibutz*, ele fazia as lides com Judite e com Joaquim e depois ascendia ao seu universo: subia à grande figueira que dominava o pomar para ler e escrever, a *Nina* ficava encostada ao tronco mesmo por baixo dele; descia do seu sicómoro e chapinhava numa piscina que Joaquim improvisara a partir de um plástico grosso preso por seis ou oito estacas em círculo; ao almoço, Judite mudava-lhe o penso do olho; à tardinha, andava pela ribeira a fazer desenho científico, retratava e pintava ao pormenor um sapo ou uma libelinha e ao lado fazia uma pequena crónica sobre o animal retratado, regava ainda o pomar — laranjeiras, tangerineiras, damasqueiros, limoeiros, pessegueiros, nespereiras, pereiras, marmeleiros, macieiras, romãzeiras, diospireiros e, claro, a figueira gigantesca, o seu pouso preferido; quando arrefecia, o mel dos figos perfumava a horta inteira; era um perfume doce que transformava o ar numa substância com textura que se colava à pele. Lá em cima no morro escorria óleo e alcatrão, ali em baixo no *kibutz* escorria leite e mel. Nesta função de auxiliar humano da natureza, não era diferente dos primeiros ou dos últimos homens num tempo fora da história. Naquela

granja a um quilómetro de Lisboa, o tempo parava, ficava suspenso ora no Levítico ora no Apocalipse, um tempo eterno e imutável.

À noite, antes de dormir, desenhava. A amplitude destes desenhos revela a idade da transição: tanto pintava cenas eróticas à Schiele, mulheres de pernas abertas em cima dele e a tremerem com orgasmos pombalinos, como pintava cenas familiares à Sorolla, uma avó de mão dada com um neto debaixo da figueira ou caminhando em direção à ribeira. À parte, num caderno só de cartoons, também esboçou caricaturas grotescas de cada um dos tios, que passou a desafiar à distância. Já não era o João Miguel, era o Ruço da pala à pirata. Com doze anos já era quase da altura de Isidro ou Diamantino, dois minorcas. Quando Diamantino olhava Augusta com tesão, Ruço respondia com um olhar gozão como que a dizer: «Isto não é pro teu dente!»

Não percebia estes homens; ao contrário de Judite e Joaquim, não amavam a natureza, a horta ou os animais, que maltratavam; usavam a horta na intifada contra eles, contra Lisboa, contra os senhores doutores. Só queriam a horta para rasgarem as vestes e gritar: «Nós temos a nossa própria carne, o nosso pão, a nossa fruta, as nossas hortaliças!» Praticavam ali uma agricultura não de subsistência mas de resistência e ódio. A horta dava-lhes uma autonomia quase total. Nos supermercados nunca compravam comida, apenas detergentes, champôs, pastas de dentes. Tinham fruta própria o ano inteiro ao longo do ciclo natural, romãs, dióspiros, tangerinas, laranjas, peras, maçãs, nêspers, pêssegos, damascos, uvas, figos. Tinham sempre feijão, vegetais, ovos e carne de frango, pato e coelho. Não se comia bife de vaca, prato de rico. Só compravam uma coisa lá fora: peixe fresco; as tias compravam o peixe nos mercados de sábado dos respetivos bairros, nunca compravam peixe congelado, o peixe tinha de vir de irmãos, o pescador e a varina, e nunca de um intermediário. Seguiam o mesmo raciocínio para o vinho, azeite,

leite, porco e pão: compravam garrações de vinho, azeite e leite caseiros na serra saloia a pessoas de confiança de Judite. Da serra saloia também traziam a farinha para o pão e os porcos que matavam e desmanchavam ali mesmo na horta. Portanto, o essencial (ovos, pão, legumes, carne, fruta, vinho, leite, azeite) era dali da horta ou de «pessoas de confiança», isto é, outras gentes independentes a viver à margem por convicção. Rejeitavam comida dos supermercados da mesma forma que os avós rejeitavam o médico. Repetiam para a indústria alimentar a teoria da conspiração que o avô aplicava à medicina: era um estratagema para envenenar ou drogar as pessoas, levando-as à dependência.

Eram uma comunidade do sangue e da terra que recusava a sociedade da lei e do mercado, que era vista como ilegítima. Também recusavam a ideia de fruição da vida e dos tempos livres; «tempos livres» até era uma expressão que os fazia rir. «Na comuna não há tempo livre, porque o nosso alimento não está a ser produzido por escravos, temos de ser nós a cavar, degolar e desmanchar.» Por isso não tinham tempo para museus, espetáculos, cinema; nem iam à bola ou à praia, preferiam caçadas e piqueniques em comportas no Ribatejo. As mulheres não faziam jardinagem, algo belo mas inútil, só plantavam a pensar na alimentação de pessoas e bichos. A ideia de contemplação do belo — da tília ao cinema — era uma impossibilidade, uma extravagância burguesa, e daí nascia a repulsa pelo sobrinho amaricado e aburguesado. Eram a quinta coluna das tribos rurais e da palavra de honra dentro do inimigo, a cidade dos indivíduos e dos contratos. Sim, sonhavam em silêncio com uma revolução, mas não aquela dos partidos da cidade: viviam como se o apocalipse fosse uma possibilidade real. Se tudo caísse, se Lisboa fosse de novo varrida pelo maremoto do leviatã, se Portugal fosse engolido pela peste, se o mundo esbarrasse numa pandemia, os tios saberiam plantar, saberiam matar e esfolar carne,

saberiam consertar e improvisar aparelhos; seriam os primeiros colonos do pós-apocalipse, os últimos homens. Ao invés, *eles*, os senhores doutores, ficariam desarmados. Sem mãos ásperas, os doutores de Lisboa e da Linha morreriam à fome e ao frio. Judite e Joaquim eram gente independente por gosto, os tios eram gente independente por raiva. Judite era Eva antes da queda. Isaías e os outros preparavam-se para a segunda queda. Depois da queda do Éden para o mundo, preparavam-se para a queda do mundo para um submundo apocalíptico. Só Romão parecia imune a este ódio apocalíptico. Repetiam uma ladainha todos os dias: «A mim não me enganam *eles*.» Este «eles» eram os donos das cadeias de supermercados que vendiam carne e tomates sem sabor. *Eles* eram os jornalistas e os políticos da televisão que retratavam o país com um palavreado fino que desprezavam. *Eles* eram os polícias; a polícia, de resto, era vista como uma força ilegítima e ineficiente. Ora insultavam ora parodiavam a esquadra que nunca conseguia prender os gatunos e delinquentes que roubavam os gaiatos ao pé das escolas, as ourivesarias, as velhas, as hortas, qualquer casa sem grades nas janelas ou portas blindadas. *Eles* também eram os engenheiros e doutores das fábricas: «Então aquele caralho nem um parafuso sabe apertar e vem-me prali dizer comé que devo fazer o meu trabalho.» *Eles* até eram os trabalhadores de colarinho branco dos serviços, os escravos de dentro que não faziam o verdadeiro trabalho nas roças: «Estão sempre a gozar com quem trabalha, aqueles cabrões.» Este orgulho da tribo braçal contra o saber teórico reforçava a sensação de poder e autonomia. Na horta faziam coisas com as mãos numa época em que a sociedade estava a deixar o trabalho manual devido à imposição da lógica dormente e higiénica do escritório. O artesão e o operário estavam a entrar na mesma categoria mitológica do centauro. Contra a corrente, era esta condição de artífice que lhes dava identidade, sobretudo ali na horta.

Nas fábricas ainda trabalhavam com as mãos, é verdade, mas não viam os produtos finais, os carros, os empilhadores, os pacotes de açúcar, os móveis, as tintas, as pastas de dentes, os telefones. Na horta, sim, eles deixavam de ser uma roda anónima da cadeia de produção e passavam a ter completo controlo criativo: pensavam, faziam e viam o produto final do seu labor. Em pequenas bancadas com tornos, óleos e ferramentas, improvisavam sistemas de rega, espantalhos, divisórias entre animais e hortas, portadas e cancelas, bancos e mesas, fechaduras e trincos, motores que puxavam água; consertavam os seus carros e as próprias ferramentas como berbequins e motosserras.

Mais do que as tias, os tios eram mesmo uma personagem coletiva. Não se viam como o Isaías, o Crisóstomo, o Diamantino, o Isidro. Viam-se como gajos, gajos sérios, gajos à moda antiga, homens de bem, eram um sindicato da honra masculina tal como a entendiam, e entendiam-na enquanto a anulação do indivíduo. Todos tinham o mesmo papel predefinido no trabalho e em casa. Nas fábricas e oficinas, tinham de encontrar um trabalho honesto e braçal; só o trabalho braçal era honesto, por isso odiavam em igual medida os doutores lisboetas do trabalho intelectual e os chungas do bairro que recusavam entrar na classe trabalhadora. Em casa, tinham de mandar com mão de ferro nas mulheres e filhas; nesta escala de valores, recusar um trabalho manual era muito pior do que bater na mulher ou humilhar um sobrinho diferente e visto de imediato como paneleiro só porque gostava de ler. Só pareciam indivíduos quando cantavam, taciturnos, cantigas do tempo da guerra.

Este cisma com os tios aumentou quando o avô Manel morreu no pico do calor. Ruço recusou ir ao funeral, tal como Dulce. Se já eram os párias, então que fossem párias lendários na sua infâmia. Apesar da evidente comoção, Romão não abriu a boca quando o filho lhe disse que

não ia ao funeral. Ao lado, Augusta mostrou um sorriso discreto. O que ia ele fazer à serra? Prestar homenagem a um homem que sempre o tratou como um estranho? Ia lá fazer o quê? Voltar a sintonizar-se com Américo e com o vale para onde não podia voltar? Ia lá aturar a avó? Ia lá só para assistir a uma cerimónia religiosa que lhe dizia tanto como uma repartição de finanças? Ia lá só para ver o desconforto dos pais? Quando saiu de casa pela primeira vez, Isaías demorou anos até voltar. Romão e Augusta queriam fazer o mesmo, queriam tudo menos voltar a ver Eduarda. Não, não e não. Ficou com a prima na casa da verdadeira avó, Judite, naquela que era a sua verdadeira aldeia, a horta.

Foram dias bons: ele, Dulce e Judite sozinhos na horta. Logo no segundo dia, quando percebeu que Romão e Augusta ainda não tinham levado o miúdo à praia, Dulce passou-se. Como é que os tios podiam ser tão parolos? Passado um ano, ele continuava a ser uma caricatura, o menino que veio das serras e dos lobos e que nunca tinha visto o mar. Levou-o logo nesse dia às suas praias preferidas, na zona de Sintra, Adraga, Magoito, Maçãs, Praia Grande, «praias sem povão». Quando chegaram à ribanceira sobre o mar, ele aproximou-se de um miradouro feito de madeira. Parecia um morto-vivo a caminhar de braços caídos, atordoado pelo estrépito sinfónico das ondas, que ouviu aqui ao vivo pela primeira vez. Três passos à frente, viu pela primeira vez a catedral do leviatã. Comoveu-se. É impossível pôr em palavras o choque que o oceano provoca num ser humano já formado. Uma pessoa que vê o mar pela primeira vez aos doze anos recebe um choque só equiparável ao astronauta que vê a Terra a partir do Espaço ou ao indígena que viu pela primeira vez as naus portuguesas. Esta pessoa é abalroada, o mundo suga-a, anula-a. É um arrebatamento estético e moral ao mesmo tempo, a pessoa nunca viu nada tão belo, tão esmagador, tão revelador da sua pequenez. Naquele momento o mar sibilou-lhe ao ouvido uma

mensagem gravada deste o princípio do mundo: «Sim, meu caro, sou belo mas não preciso da tua validação, era belo antes de ti, serei belo depois de ti, e depois da morte de todas as pessoas que ainda se lembrarem de ti, serei belo depois da morte de todas as pessoas que nascerem dos teus filhos e netos, sim, continuarei a ser belo depois do teu rasto emocional e genético ter desaparecido do mundo, continuarei a ser belo quando toda a humanidade tiver desaparecido como os dinossauros, os centauros e os titãs!» Encostou-se aos toros do miradouro, olhou para as ondas a bater lá em baixo. O dia era de sol com nuvens que iam passando; ao passar, as sombras das nuvens criavam na água cores diferentes, o mar ora era branco, verde, azul, cinzento. Chorou, deslumbrado. Dulce aproximou-se e abraçou-o, ficaram ali a ver o sol sobre o mar como os primeiros ou os últimos seres humanos.

À noite sonhou uma variação do sonho da queda: desce a falésia com saltos enormes como se estivesse a fazer triplo salto na vertical, um rapel mágico; apodera-se dele aquela leveza dormente que é parecida à felicidade, aquela confusão entre hibernação e morte, salta e volta a saltar, aproxima-se da rebentação, entra na água, continua a saltar dentro de água, saltar dentro de água é como saltar na Lua, o salto demora mais tempo, fica suspenso neste ralenti, entrega-se ao silêncio da água que é um opiáceo ainda mais forte do que a queda, é o silêncio da apneia que só termina quando chega ao fundo arenoso do idílio onde repousam os cadáveres do hipopótamo e do leviatã. No dia seguinte Dulce leva-o à Costa da Caparica. Quando atravessou a ponte vermelha pela primeira vez ficou de novo enfeitiçado. Percebeu ali que tinha encontrado finalmente o palco do sonho da queda: o texto onírico encontrou o cenário, a peça estava completa. A partir desta noite, o sonho da queda na água passou a ter sempre a ponte como cenário. E nesta noite

aconteceu outra coisa, que também lhe pareceu um sonho: Dulce deitou-se nua ao lado dele, começou a tocar-lhe e a roçar-se; foram só alguns segundos, arrependeu-se e saiu sem dizer nada. Ele gostou, mas no dia seguinte Dulce já não estava.

Colonos e saqueadores

A AMIZADE DE BETA, DE JANUÁRIO E DE MARIA JOÃO diluiu o medo. O Janeirinho não saiu da mitologia; sentia que continuava num quadro de Chirico, mas aprendeu a filtrar o pavor através deste grupo de amigos. Ao conseguir decantar o fluxo ininterrupto de terror, readquiriu espaço mental para a escola. As notas, que tinham descido no sexto ano para desespero da mãe, davam agora sinais de regresso à normalidade. Melhor ainda: não se tratou de um mero regresso à condição de aluno apumado. Não, não foi um regresso, foi um despertar. Foi aqui que a sua inteligência descolou, foi aqui que começou a ter um genuíno prazer em aprender, ler e escrever. A autora desta metamorfose foi uma professora com sentido de missão.

Maria de La Salette, stora de Português do sétimo ano, era famosa na escola. Era das poucas que conseguia controlar estas turmas hostis. Tinha uma dignidade intrínseca devido à idade, já nos sessenta, e devido à condição social: era uma senhora lisboeta de porte fidalgo. Esta altivez era palpável, estava no seu andar, caminhava como se estivesse a fazer ballet; estava nos óculos presos por uma corrente de ouro que balouçava quando se entusiasmava com o ensino da língua portuguesa; estava nos olhos firmes e nos gestos frios; estava na forma como pronunciava cada sílaba e no vocabulário. Não dizia «tá bem» ou «pa isso», nem «atão». Não dizia «ganda lata», dizia «topete». Não dizia «podes vir ca gente», só podia dizer «venha conosco». «Conosco» e «convosco», eis duas

palavras que estavam tão longe do bairro como as luas de Júpiter. Este arsenal aristocrático de La Salette incutia um inesperado respeito nos alunos. Era curioso: as turmas mais pobres e violentas do país respeitavam por instinto a roda do mundo. La Salette, uma patricia de Lisboa, era respeitada por inerência por todos. Nas salas ao lado, professoras mais novas, filhas do povo e da nova ascensão social, eram desrespeitadas e desfeitas por outros filhos da plebe.

Era alta e enxuta, de cabelo ruivo cortado muito curto à garçõete. Vestia-se como as senhoras das revistas cor-de-rosa de Augusta. Nunca gritava. Quando a confusão se instalava, começava a falar ainda mais baixinho como se nada se passasse até todos se calarem. Não precisava deste emprego. Vivia dos rendimentos, casas em Lisboa, herdade no Alentejo. Era como o Doutor Bastos da serra, uma missionária rica que subia todos os dias o morro para tentar pôr remendos na roda do mundo. Porque é que ela deixava o conforto da sua vida lisboeta para subir uma colina empoeirada e pejada de delinquentes e drogados? O que poderia explicar esta pulsão moral? Uma teoria do mal, isto é, La Salette estava em expiação? Eram eles, os alunos do Janeirinho, a penitência de um grande pecado cometido no passado? Ou será que a salvadora académica de Ruço era explicável através de uma teoria do bem, isto é, era só uma pessoa boa?

A turma tinha trinta alunos. Ele já tinha lido mais livros do que todos os outros vinte e nove juntos. No entanto, enalhava nas palavras quando lia em voz alta. A aula de La Salette começava com uma leitura coletiva de um poema ou excerto de romance. Pela ordem das carteiras, cada aluno lia umas linhas. Ele sentava-se na última carteira da fila do meio. À medida que o texto se aproximava dele, sentia a palpitação a subir no peito. Quando chegava à vez de Beta, a colega de carteira, o ataque de pânico tornava-se evidente. Beta tentava acalmá-lo dando-lhe

a mão debaixo da mesa. Não servia de nada: bloqueava na primeira sílaba, parecia gago, treslia. Durante estes instantes, não respirava como alguém que estava a ler, respirava como alguém que se estava a afogar. Logo na segunda semana, após dois ou três destes episódios, La Salette pediu para que ele ficasse depois do toque.

— Porque é que não mostra aquilo que sabe?

Permaneceu calado.

— Você é de longe o melhor aluno. Nem sequer fala como os seus colegas. Porque é que bloqueia assim? Tenha calma. E porque é que não responde ou responde mal às perguntas que lhe faço?

Além do bloqueio inconsciente na leitura coletiva, ele tinha uma estratégia consciente de contrainformação. Sabia sempre as respostas, mas não levantava a mão para responder às perguntas. Quando ela o encurralava, perguntando-lhe diretamente, ele respondia mal de propósito.

— Porquê, stora? — Apontou para o olho direito, já sem gaze, mas ainda frágil e dois ou três milímetros mais fechado. — Está a ver isto? Fiquei assim porque, entre outras coisas, comecei o ano passado a dizer «Senhora Professora» em vez de «Stora». Percebe?

Não, não percebia. O pedigree que lhe garantia uma respeitabilidade imediata junto dos alunos tinha um efeito secundário: impedia que ela compreendesse a fundo esses mesmos alunos. O abismo social pode ser inultrapassável mesmo para um missionário benévolo, porque a bondade não é uma teoria do conhecimento. Para La Salette, o bairro foi sempre um mistério. Porque é que os alunos, sobretudo os rapazes, odiavam os livros? Não percebia a cólera contra a cultura e a repugnância pelo conhecimento, que provocavam este absurdo: um miúdo brilhante a esconder a sua própria inteligência. Não percebia porque é que eles não

estudavam para assim conseguirem melhores empregos. Era ilógico, era contrário ao seu próprio interesse material.

— Stora, eles só querem ter boa nota a Educação Física com o stor Armindo, percebe?

Não, não percebia a lógica subjacente: a inteligência teórica expressa por palavras era imprópria para quem devia demonstrar força bruta e esperteza prática; tal como não percebia porque é que negativas e faltas disciplinares eram medalhas de honra deste combate contra a escola.

— Stora, se quer mesmo que eles leiam, tem de arranjar livros sobre futebol ou corridas de carros! Uma biografia de um piloto de Fórmula 1, percebe?

Não, não percebia.

Maria de La Salette não tinha instrumentos mentais para penetrar os códigos da pobreza, que é um país estrangeiro. Rurais ou urbanos, os pobres associavam os livros à homossexualidade ou à fraqueza. Era como se a leitura fosse mesmo um pó químico que castrasse o desejo másculo por mulheres, é como se as letras estivessem de facto contaminadas pela lepra da sodomia ou, pelo menos, da fraqueza (não saber lutar) ou da aselhice (não saber jogar à bola). Tal como a avó Eduarda, David, o Pernas e até Januário assumiam que o homem pobre só pode ser um ser braçal. Antes de ser uma questão de racionalidade económica, era um ponto de honra, de sobrevivência de uma identidade que dependia da audácia demonstrada em pancadarias várias ou em loucuras vãs como correr dentro do túnel do metropolitano, uma façanha idiota que David repetiu duas ou três vezes. O respeito, para a avó, conquistava-se no trabalho físico. O respeito, para eles, conquistava-se com ações intrépidas. O pobre, rural ou urbano, só se podia expressar através do corpo: ou o risco heroico do corpo ou o martírio laboral do corpo. Corpo, corpo, corpo. Era como se o pobre não tivesse capacidade

ou o direito de se elevar pelo intelecto. Era esta a automutilação do pobre que a boa vontade de La Salette nem sequer conseguia *ver*.

A honra masculina desta rapaziada dependia da seguinte pauta: nota mínima a Português e História, nota máxima a Educação Física. Ser bom aluno a Português ou História era entrar na antecâmara das alcunhas femininas; o maricas, o cromo, o coninhas. Tal como os tios na horta, estes rapazes não se preparavam para a civilização, não estudavam para garantir um lugar alto ou baixo na hierarquia da cidade, nada disso; de aventura em aventura, de tropelia em tropelia, preparavam-se para a possibilidade do apocalipse, embora se preparassem de forma diferente. Isaías e Diamantino saberiam manter uma quinta autónoma capaz de sobreviver sozinha ao colapso da civilização, como se fossem os primeiros colonos num mundo pós-humano. A canalha do Janeirinho saberia sobreviver através do saque nesse mundo pós-apocalíptico. Colonos e saqueadores, eis as duas tribos que asfixiavam Ruço; duas tribos masculinas que odiavam o mundo, a cidade, para onde ele estava a ser treinado pela mãe, por Dulce e agora pela professora Maria de La Salette.

Na sala de aula, Ruço e a stora mantiveram um protocolo secreto: ele só mostrava inteligência nos pontos escritos; não falava na aula. Para lá das aulas, estabeleceram uma relação invisível feita de trabalhos de casa só para ele; falavam no final da aula ou ela deixava-lhe uma folha com as indicações. Pedia-lhe pequenos contos e palavras. Sim, palavras. Aproveitando o velho dicionário de dez volumes que fizera a viagem do êxodo, La Salette semeou naquela mente jovem um hábito diário que se transformou numa forma de respirar a língua.

— Vai fazer o seguinte todos os dias: vai ao dicionário e escolhe três palavras novas de que goste, e vai estudar cada palavra. Que metáforas pode fazer com cada uma, por exemplo.

Ele nunca abandonou estes cadernos de palavras da La Salette; estavam na sua secretária ao lado das novelas gráficas, dos desenhos, dos diários, dos contos por publicar. Representam o momento em que a escrita começou a concorrer com o desenho. Passou a escrever um conto por semana. E começou por adotar o método que tinha na aldeia: o plágio. Na serra escrevia as lendas que Américo lhe contava. Começou por aí, requentou os contos inspirados nas histórias do pastor: as sagas dos mata-lobos, colossos de outros tempos que matavam lobos com arcabuzes e armadilhas chamadas fojos, grandes covas escavadas no chão; as lendas das sereias e santas que, segundo Américo, animavam cada uma das imensas cascatas que, ao longo do vale, transformavam um humilde ribeiro no mais caudaloso rio da nação; as diversas versões do nascimento do lobisomem, o fruto da relação entre a bruxa do covão e uma alcateia de lobos amestrados. Esta mulher, assegurava Américo, foi escorraçada da aldeia e viveu na gruta do covão, no início do vale, cozinhando no caldeirão poções mágicas que eram compradas às escondidas pela mesmíssima aldeia que a tinha escorraçado; com o tempo, transformou-se numa maga que controlava uma alcateia: as fêmeas matavam-lhe a fome, trazendo-lhe coelhos; o macho acalmava-lhe o desejo, possuindo-a todas as noites, a génese do lobisomem. Na serra, as professoras ficavam fascinadas com a imaginação de João Miguel. Claro que nunca disse na escola que a fonte das histórias era Américo; tão-pouco disse a Américo que as suas histórias eram um sucesso na escola. Seja como for, o truque não resultou com Maria de La Salette, que não achou piada ao misticismo serrano. Mudou então de tática: passou a escrever as histórias de Judite; continuou a ser portanto um mero escrivão de analfabetos geniais.

As vinhetas sociais de Judite tiveram bastante sucesso junto de La Salette. Gostou por exemplo do terrível Fininho, o último pastor da

Grande Lisboa que andava com o seu rebanho entre entulho e esgotos, uma aberração para uns, um ato de resistência para outros. Ali na charneca junto à escola, Fininho disparava a pressão de ar contra os drogados e dava uma ou outra navalhada naqueles que não fugiam a tempo; dizia-se que, de vez em quando, cortava uma ou outra orelha, um hábito que trouxera da guerra; atirava ovelhas doentes mas ainda vivas para dois poços ali esquecidos na charneca entre a escola e o Cabeço. La Salette gostou ainda da rapariga que morre ao tentar tirar da barriga o bebé indesejado com a faca da cozinha ou da mulher que mata o marido depois de décadas de violência doméstica. Por vezes, ele também arriscava a lírica e passava a limpo alguns dos seus pesadelos, cada vez mais aquáticos. Ou seja, fazia nova série de plágios:

está a saltar no oceano perseguindo um cachalote arpoado; salta e volta a saltar usando como trampolim o tal cachalote que persegue, são saltos do tamanho de prédios, fica no ar dez segundos de cada vez, é como se estivesse a fazer triplo salto na gravidade de Marte, um Marte aquático e não arenoso, sorri enquanto salta, não tem medo da vertigem quando começa a cair, não teme o momento em que tem de fazer nova chamada para novo salto; a cada chamada tem de aterrar na terra movente que é o leviatã que persegue, o único ponto sólido neste mundo aquático; a calma começa a desaparecer quando pensa que esta liberdade de arcanjo talvez seja imprópria; esta soltura de Ícaro não é para si; começa a ter câibras, atrapalha-se, cai na água manchada de sangue. O leviatã, esventrado por um hipopótamo insolente, afunda-se.

— Tem algum potencial. Mas, oiça lá: onde é que foi buscar o hipopótamo? Anda a ler Machado de Assis?

— Quem, stora?

Ele não sabia quem era Machado de Assis. Ela não conhecia Burroughs, a óbvia inspiração deste sonho: ele está a dar os saltos

gigantescos e marcianos de John Carter mas em Solaris, o planeta aquático, e não em Barsoom.

Hipopótamo

NA SUA VELHINHA MÁQUINA DE ESCREVER, La Salette passou a limpo alguns dos textos, quer a poesia aquática, quer os contos realistas, e perguntou-lhe se podia enviá-los para um suplemento jovem de um jornal de Lisboa. Por instinto, respondeu que não. Assustou-se quando viu os seus textos com um aspeto profissional e com o seu nome oficial no topo, João Miguel Correia Azul. Aquele nome já lhe parecia um heterónimo distante ou mesmo um estranho que não inspirava qualquer emoção. Ela abanou a cabeça, mas respeitou o «não». Guardou as folhas datilografadas na carteira e fez um pedido que o assustou:

— Pode pedir à sua mãe para vir cá falar comigo um dia destes?

A mãe, ainda aldeã, levou um presente à senhora professora. De todas as figuras de autoridade da serra, a única que Augusta respeitava era a «senhora professora»; levava-lhe casacos, curvava-se diante dela. O casaco tricotado que Augusta levou a La Salette seria tolerado na hierarquia explícita da aldeia. Ali não. Salette não estava habituada a esta deferência, e não escondeu o desconforto. Paradoxalmente, este desconforto foi a antecâmara da segunda e vital surpresa. Quando La Salette disse num tom de comando que ele tinha de continuar a estudar, Augusta respondeu de pronto.

— Claro! O meu filho vai ser doutor!

La Salette não estava à espera desta adesão imediata. Já tivera aquela conversa com muitas mães e quase ninguém tinha acedido.

— O seu filho, Dona Augusta, é muito maduro para a idade, escreve como um jovem adulto, compreende? Há gente na faculdade que não escreve assim.

Augusta olhou para ele num transe religioso, era como se se tivesse consumado ali mesmo a sua desejada profecia: «O filho doutor!» Ele deixou de ser um filho e passou a ser um totem, o bezerro dourado a caminho do canudo.

O efeito prático desta conversa foi a entrada de romances lá em casa. «Compre-lhe romances, Dona Augusta», ordenou La Salette. Augusta não sabia o que era um romance. Não deu parte fraca e tratou de se informar na papelaria da praceta; também perguntou ao homem do Círculo de Leitores que vendia porta a porta. A primeira compra foi uma coleção que tinha Cervantes, Balzac, Camus e uma saraivada de americanos, Poe, Twain, Hemingway, Steinbeck, Hawthorne, Fitzgerald, Cooper. A capa dura desta coleção era verde e bordeaux com letras debruadas a dourado. Depois apareceu uma coleção verde com Herculano, Camilo, Ferreira de Castro e Aquilino. Começar a ler os romances sugeridos pela stora foi para a sua inteligência aquilo que o carinho de Judite havia sido para a sua alma: a revolução. Lia-os e depois discutia-os num diálogo de fichas de leitura com La Salette. Os americanos, sobretudo Twain e Poe, começaram logo a ser os favoritos. E lia sobretudo nos fins de semana de chuva. Chegava sexta-feira à tarde e vestia logo o pijama, outro sinal de enriquecimento. Segundo Augusta, entrar no elevador social implicava vestir esta farda: o pijama. Se soubessem que ele usava pijama, os tios atirar-se-iam ao chão a rir às gargalhadas. A sua gente não usava pijama, seria tão inapropriado como usar gravata na rua.

O pijama era um símbolo perfeito: ele era uma criatura doméstica com medo da rua. Nestes fins de semana chuvosos, só o despia segunda-

feira de manhã. Entre as sete de sexta-feira e o meio-dia de segunda-feira, tinha sessenta horas de paz empijamada: via filmes no vídeo, sobretudo ficção científica, lia um romance, escrevia os contos para La Salette. Sábado à noite, na mesa da sala, o pai adiantava trabalho, desenhando no papel milimétrico as plantas das estruturas de ferro que tinha em mãos, um pavilhão gimnodesportivo, viadutos, pontes; na cadeira ao lado, usando o mesmo papel, ele fazia os seus desenhos alados cada vez mais complexos, naves que se assemelhavam a um grifo aportando em cidadelas espaciais. A mãe, no sofá, ria-se das piadas do programa de humor que passava na televisão; quando o riso dela subia à gargalhada, ele e o pai levantavam a cabeça e ela repetia a piada que acabara de ouvir: riam-se os três. Às vezes a televisão também transmitia um jogo do Benfica. Nestes serões futebolísticos, abandonava as naves de planetas imaginários e compunha plantéis imaginários do Benfica, planeava a época, desde as contratações até ao esquema tático do onze; escrevia uma crónica por jogador. O pai ria-se das suas quimeras futebolísticas. Sim, foi feliz nestes sábados e domingos de chuva. Adorava ir para as janelas das traseiras ver a chuva a lavar o bairro. A enxurrada levava o pó e o lixo. Na cama, voltava a ler até às tantas os romances que discutiria na segunda com a stora. Adormecia e voltava ao mundo submerso dos sonhos dominados por baleias e hipopótamos. Não por acaso, ficou fascinado com o romance aquático do Poe: *A Narrativa de Arthur Gordon Pym de Nantucket*, o favorito daquela primeira coleção.

Partindo da evidente obsessão aquática, La Salette começou a organizar as suas leituras para os romances náuticos; emprestou-lhe ou ofereceu-lhe a *Odisseia*, *Billy Budd*, *Lord Jim*, *O Coração das Trevas*, *As Aventuras de Huckleberry Finn*, *O Velho e o Mar*, *A Ilha do Tesouro*, *Robinson Crusóé*, *Vinte Mil Léguas Submarinas*, *As Viagens de*

Gulliver; ofereceu-lhe ainda edições de alfarrabista de *Os Lusíadas*, da *História Trágico-Marítima*, da *Campanha do Argus*, do *Nos Mares do Fim do Mundo*. Claro que o *Moby Dick* foi o rei Neptuno desta literatura. Ismael era um eco amplificado de Arthur Gordon Pym. Antes de encontrar estas duas personagens, Pym e Ismael, lia apenas por dever ou curiosidade intelectual no sentido da engenharia. Depois das personagens de Poe e Melville, sim, passou a ler por total e absoluto prazer literário. Não era interesse, era obsessão. Lia dois ou três livros por semana.

O que determina a importância emocional de um livro na nossa vida? A sua qualidade literária intrínseca e universal que sabemos apreciar enquanto seres racionais? Ou será que o gancho decisivo é aquilo que estávamos a fazer ou a sentir na nossa vida quando lemos um determinado livro? O *Moby Dick* é determinante na vida dele, porque era o livro que estava a ler quando conheceu de verdade David.

À saída do pavilhão, estava a falar com La Salette sobre a fúria do Ahab, e sobre as parecenças entre o Ahab mordido pelo Moby Dick e o Capitão Gancho mordido pelo crocodilo. Ao fundo, começaram a ouvir e a ver as macacadas de David: fazia o pino e depois andava assim vários metros, mãos no chão, pernas para cima, uma demonstração de agilidade e bom humor que fazia rir o enorme cortejo que o acompanhava. Quando passou junto a eles, La Salette levantou a voz: «Você, David, não tem emenda mesmo.» O tom nasalado dela secou as gargalhadas por breves momentos. Na resposta, David fez-lhe uma vénia, meneando a mão num trejeito setecentista. Ela não conseguiu evitar o riso. David seguiu o seu caminho levando consigo o cortejo. Antes mesmo de lhe dizer que aquele rapaz era um dos seus grandes medos, La Salette batizou-o: David Dias, família minhota, já tinha quinze anos, fora aluno de La Salette, que lhe garantia que aquele

estroina tinha uma cabeça brilhante apesar de ser um repetente crónico. À medida que falava dele, o tom da stora caiu do riso para a frustração.

Na caricatura do bairro, o preferido da stora La Salette não podia ser poderoso no mundo atlético do stor Armindo. Quem tinha nota máxima a Português e a História perdia a face e jamais podia recuperá-la junto das balizas e das pistas. Sucede que ele, a par de Januário, era o melhor atleta da turma e um dos melhores da escola. Este seu lado possante desorientava os outros. Então o Ruço afinal não é um Caixa d'Óculos? Era o mais rápido nos sessenta metros, era o mais resistente no cortamato, saltava mais longe na caixa de areia, controlava a bola como ninguém no voleibol e basquete, saltava mais alto no salto em altura na cave que fazia de ginásio. Conseguia ver a fábrica do pai através das grandes janelas sempre abertas desta cave. A sua única falha atlética era o futebol: os seus pés tinham a sensibilidade de uma bigorna. Mas, mesmo aí, teve emenda: era um bom guarda-redes. Januário e o stor Armindo perceberam isso desde o início. Era enorme e tinha reflexos espantadiços, talvez graças aos anos a apanhar bofetadas inesperadas da mãe. Entrou num ápice na equipa de futsal da escola que disputava um campeonato de escolas de toda a região de Lisboa.

Só que havia um problema: David já estava na equipa. Mas, para sua surpresa, cedo percebeu que o jogo acalmava-o mesmo na presença de David. Sentia-se por fim num espaço com regras e arbitrado por adultos. Além disso, adorava a glória do jogo; tinha genuíno prazer quando defendia remates fortes, sobretudo quando tinha de voar para socar uma bola impossível de ser defendida. Impossível o tanas! O possível e o impossível eram determinados por ele. Atirava-se ao ar para ir buscar a tal bola impossível debaixo do bruaá da assistência; seguiam-se os

abraços dos colegas, que celebravam como se ele tivesse marcado um golo. Quando dobra as regras da física para impedir um golo cantado, um guarda-redes marca o golo dos golos.

Nunca esqueceu estas primeiras imersões na glória, um campo inteiro de miúdos a gritar o seu nome quando salvava a equipa com uma defesa no último minuto: «Ruço, Ruço, Ruço.» Ser guarda-redes era uma linguagem gestual que lhe permitia dizer: «Estão a ver? Aqui mando eu! Eu mando nestas quatro linhas onde há regras e onde não há facas e soqueiras!» O futebol foi o seu palco terapêutico contra a timidez e a baliza, a sua terapia da fala. Sim, começou a falar em público através da baliza. A cada estirada, a cada mancha naquele piso de alcatrão que lhe abria feridas, a cada saída para cortar uma jogada, a cada cruzamento desfeito, sentia-se um tribuno que falava por gestos. Sentia-se tão em casa nestes campos que até preferia jogar fora, nos riques de outras escolas. Eram momentos tensos. Ao longo das quatro linhas, os campos estavam rodeados por centenas de miúdos e miúdas aos gritos, tentando intimidar ou distrair; mostravam facas ou mamas, atiravam ameaças: «Vais levar na boca», ou faziam propostas indecentes: «És tão giro, comia-te todo.» As suas defesas calavam estas centenas de gargantas durante segundos. Era uma sensação portentosa e nova. Não era só a suspensão do medo, era a vitória, a imposição da sua vontade. O avançado adversário corria isolado para a baliza, a miudagem começava a comemorar o golo por antecipação, mas ele defendia o remate. Instalava-se o silêncio. Ele trazia o mundo para o seu habitat, o silêncio, em vez de ser ele a ceder ao habitat do mundo, o lero-lero. Na segunda vez que o avançado aparecia isolado em direção à baliza, o silêncio começava mais cedo, antes mesmo da sua defesa. Após esta segunda defesa impossível, o recinto calava-se sempre que o grande Ruço tocava na bola mesmo que só fizesse um passe lateral para Januário ou para

David, que passou a respeitá-lo como colega. Começaram a falar, não como amigos, mas como dois colegas que, apesar da mútua urticária, dão tudo pela mesma equipa, sobretudo quando o jogo era contra um dos colégios de Lisboa, contra eles, os *queques*.

Desta equipa titular foi o único que não seguiu o futebol profissional, o único meio de ascensão social compreendido e aceite por estes rapazes e respetivas famílias. Os pais que recusavam os estudos eram os primeiros a levá-los aos treinos da escola, aos treinos dos clubes locais ou mesmo aos treinos do Benfica, Sporting, Belenenses, Estrela da Amadora. Um filho em chuteiras era uma taluda premiada. Nesta equipa de futsal, jogou com rapazes que chegaram à primeira liga. Januário jogou no Benfica, o Bebé foi um trinco brigão do Leixões, Cardoso foi ponta-de-lança suplente de equipas do Norte, Guimarães, Famalicão, Vizela, Beira-Mar. O treinador, o stor Armindo, seria muito mais tarde treinador-adjunto da equipa principal do Benfica, conseguindo a primeira vitória do clube em Madrid. Armindo quis levá-lo aos treinos de captação do Benfica. Até foi mais humilde do que La Salette: foi lá a casa falar com Augusta.

— Dona Augusta, o seu filho nasceu para isto. Ele já podia disputar jogos com os juvenis.

Augusta demorou na resposta. Até achava graça ao desembaraço futebolístico do filho, via com brio as feridas e dedos deslocados, era um homem a sério e não o maricas que os cunhados insistiam em ver. Até lhe bordara no dorsal do equipamento a palavra «Ruço» com letras vermelhas que recortara de uma ganga encarnada. Mas a resposta foi:

— Isso é quera bom! Nem pense.

Armindo não queria acreditar. Uma mãe a dizer não ao Benfica? Uma mãe do bairro a recusar um futuro futebolístico do filho? Insistiu.

— Escute, Dona Augusta. É o Benfica, não é ali o Ponte de Frielas. E o Benfica paga tudo, paga-lhe o passe e ainda lhe dá um tanto ao final do mês, é quase um salário.

— Nem pense nisso, já lhe disse.

Para Augusta, o futebol federado não cabia no plano que era colocar um estetoscópio à volta do pescoço do filho.

Há que dizer que ele não fez muita força; a ideia de ir sozinho até Benfica todos os dias e de transportes bloqueava-o por completo. A sua vida era um circuito fechado: escola, horta, fábrica. Seja como for, o convite benfiquista encheu-o de garbo. Começou a sentir confiança física, que extravasou para fora das quatro linhas. Numa corrida de corta-mato organizada pelo stor Armindo que juntou várias escolas do morro, ele foi a estrela. Venceu a prova com relativo à vontade, três voltas ao perímetro em declive da escola. Depois de cortar a meta, não resistiu e lançou um sorriso de escárnio ao segundo classificado, o Ouriço, que tentara ultrapassá-lo perto do final. Sentiu-se vingado. Sentiu que agora o Ouriço já não lhe conseguia fazer mal. Sentiu a húbris da glória, até porque colegas e amigos pegaram-lhe ao colo, andou de cavalitas em cavalitas, atiraram-no ao ar em festejo. A glória cega. A felicidade bloqueia as regras da realidade. À saída da escola, o Ouriço, o Maneta e o Pernas fizeram questão de lhe mostrar quem é que mandava. O Ouriço esbracejava, exigindo reparação; arrastou-o até à primeira barraca, a do cão sarnento que continuava repleto de carraças cheias como uvas. As mãos do Ouriço pareciam alicates. Preparava-se para fazer alguma coisa ao rosto de Ruço com a navalha. O Pernas travou-o e afastou-o; levantou Ruço com mãos leves, umas mãos talvez doces e, dois segundos depois, deu-lhe um soco com a soqueira, abrindo-lhe a testa e o sobrolho. Naquela fração de segundo, ainda pensou que o Pernas ia acabar de vez com o seu olho direito, que

continuava debilitado, mas, ora essa, o cavalheiro da soqueira teve a gentileza de lhe desfazer o lado esquerdo do rosto. Eis, portanto, a história da famosa cicatriz que lhe cortava ao meio a sobrancelha esquerda, uma marca transformada em ícone pelos colegas fotógrafos e cartoonistas.

Januário ficou a ver de longe a humilhação do amigo, sabia que não estava no retângulo verde do campo secundário do Estádio da Luz, sabia que não estava na quadra de alcatrão, sabia que ali não havia regras. No mundo dos jogos, uma espécie de Estado de direito dos pobres, Januário e Ruço eram os melhores. Mas ali, na rua, no Estado da natureza do Pernas, não eram nada. Sem regras, sem professores, sem polícia, sem pais, não valiam nada. Ruço saltava quase um metro e meio em altura, cinco ou seis em comprimento, preenchia a baliza como uma aranha, mas não tinha a linguagem corporal que interessava: esmurrar, pontapear, esfaquear, não pensar na hora de aplicar a soqueira nos olhos de outra pessoa. Era atlético mas não era cruel. Levantou-se e caminhou em direção a Januário, que tinha lágrimas de culpa resignada presas aos olhos. Tranquilizou o amigo com um sorriso: «Tranquilo, man!, se tivesses ido lá, tínhamos apanhado os dois, assim só apanhei eu.» Riram-se, abraçaram-se. Januário deu-lhe uma t-shirt velha para estancar o sangue que escorria. Ruço deixou o amigo no largo dos autocarros e seguiu. Foi para casa com duas sensações em conflito, a glória da vitória e a dor física causada pela ferida que seria a sua famosa cicatriz de repórter pirata.

A cicatriz ainda era ferida naquela sexta-feira. Estas sextas de chuva tinham um distinto traço emocional: uma relativa calma e felicidade; a chuva acalmava o bairro, molhava a pólvora. Bandido que se preze não anda à chuva. Tinham acabado o treino e ele, o miúdo responsável, era sempre o escolhido pelo stor Armindo para arrumar o material na cave

que usavam como ginásio e arrecadação. Despediu-se de Januário, que o convidou mais uma vez para ir ver um jogo dele contra o Porto no dia seguinte, sábado. Ele abanou a cabeça. Nem pensar. Ir sozinho a Lisboa? Era o mesmo que ir sozinho até à Nantucket de Poe e Melville. Januário subiu as escadas até à parte de cima da escola e ele afundou-se na cave. Entrou, foi até ao recanto onde guardavam redes, bolas e pinos; quando se virou para sair, foi surpreendido por dois vultos furtivos que haviam bloqueado a porta, o Pernas e o Ouriço. Agarraram-no, quatro mãos quentes a soldarem-lhe o corpo ao solo. De novo, a diferença: as mãos do Ouriço eram garras que deixavam hematomas; as do Pernas acariciavam os ombros. Pelas janelas, viu lá em cima o Cabeço, a fábrica, a luz da janela do escritório do pai, que estava lá dentro a trabalhar naquele preciso momento, preparando o papel milimétrico que utilizaria na noite seguinte na mesa da sala com ele ao seu lado. O Ouriço cumpriu a sua função: desgastou-o, arrastou-o, aguentou as tentativas de fuga, o espernear, tapou-lhe a boca para impedir gritos, embora ali fosse indiferente a gritaria, não havia ali ninguém para ouvir. Ele era forte e alto mas só tinha doze anos, o Pernas e o Ouriço andavam pelos dezasseis e eram pesados; num espaço fechado a chita nada pode contra duas hienas. Ficou sem fôlego, já nem esboçava gritos. Sentindo-o exausto, o Pernas avançou. Com aquela voz melíflua de castrati, repetiu várias vezes a mesma frase: «Quietinho, tá quietinho.» Olhando sempre para o rosto do vilão, foi recuando até embater na pilha de colchões, aqueles que eram o palco dos seus gloriosos saltos em altura. De que serviam agora aquelas proezas atléticas? De que serviam agora os esplendorosos voos de guarda-redes? A crueldade não é disciplina olímpica.

Enquanto *aquilo* durou, nunca perdeu o contacto visual com o pai; Romão estava lá em cima naquela luzinha acesa do escritório. Havia

uma linha reta perfeita entre pai e filho, entre a janela desta cave e a janela do escritório da fábrica: dois pontos unidos por uma linha de teleférico imaginária que avançaria duzentos metros em comprimento e sessenta em altura. Foi talvez o que mais lhe custou: estar tão perto e tão longe ao mesmo tempo do pai.

está a voar montado num hipopótamo ágil como um tapete voador. O animal vai deixando cair as peles duras da couraça à medida que sobe, tal como o foguetão que vai deixando cair peças na ascensão. Agarra-se ao bicho. Ele é uma estranha Lois Lane e o bicho, um inconcebível Clark Kent.

está debaixo de água montado numa baleia que dirige com rédeas feitas de carícias e palavras aquáticas; é um encantador de baleias e quer ficar ali naquele mundo submerso.

O Pequod e o cacilheiro

A VIDA SEGUIU COM OS TEXTOS PARA A STORA e com os jogos da equipa. O futsal permitiu uma nova relação com David, que era o fixo da equipa, o defesa mais próximo do guarda-redes. Começaram a falar através do dialeto da bola, dá no pé, bate na frente, olhò polícia, estica, mete nas costas, onde a coruja dorme, sobe, desce. Faziam uma dupla estranha, um Golias loiro, magro e com um sorriso de fragilidade desenhado em sfumato e um David moreno, musculado e com um sorriso de agressividade desenhado em staccato. Quando jogavam contra *eles*, os colégios, David fazia discursos para toda a equipa, era preciso foder os cabrões dos fisis que andavam por ali em pseudo-exercícios de aquecimento, cagões de merda, era preciso mostrar que *nós*, os rafeiros, é que mandamos nesta merda toda, que eles têm de voltar mazé para os escritórios dos papás. Após a inevitável vitória, o orgulho na cara de David era-lhe familiar, era o orgulho dos tios quando diziam: «*Eles* não sabem apertar um parafuso.» Num torneio disputado em Loures, num pavilhão já construído pelo aço azul de Romão, David, com o habitual desplante, foi espicaçar o orgulho ferido dos betinhos fardados. Ruço ficou a admirá-lo ao longe: David era pequeno mas forte, ágil, frenético nos socos e pontapés, estava sozinho contra três ou quatro mas não se notava. Os outros teriam ficado no chão se os professores não tivessem interrompido a lide.

Na escola e na rua já se cumprimentavam. David ainda não o tratava por «Ruço», mas já não derramava sobre ele o ácido do «Parolo» ou do «Coninhas». E os restantes rapazes da rua seguiram o armistício. Entrar e sair do prédio deixou de ser aquele infalível momento de troça. Na escola, apesar do fim do namoro com Maria João, David passou a estar com a turma de Ruço durante os intervalos. Ele, David, Januário e Beta jogavam matraquilhos na sala de convívio. Juntos, formavam uma coorte de amigos que impunha algum respeito. Ele e David já faziam equipa de matraquilhos, ele atrás, David à frente, contra Beta e Januário. Estavam os quatro agarrados a esta mesa de matraquilhos quando tudo mudou.

É num furo ou intervalo já no final do dia. Ao lado, na outra mesa de matraquilhos, está parte do bando do Pernas. Vindo do nada, aparece um soldado da Francesa, já homem, com um cutelo de talho que crava no ombro do Maneta. Ouve-se o ruído da clavícula a partir, vê-se o jorro de sangue a meia-altura; vê-se a abertura em triângulo que o cutelo deixa na carne, um braço meio decepado; ouve-se o tombo surdo do cadáver no chão. Estala um estrépito de gargantas a gritar, de cadeiras a cair, de pés em debandada. Eram todos calejados mas tinham acabado de testemunhar um bárbaro homicídio; todos perdem a calma, exceto Beta, que recolhe os três amigos como a mãe galinha.

— Venham por aqui!

— Ah? Pra onde?

— Confiem em mim, caralho.

Não correm na direção do portão da escola que vai afunilar e que deve estar artilhado com malta da Francesa à espera; correm em direção à rede da escola no ponto mais distante e virado na direção da grande oliveira. Trepam a rede e separam-se; Beta e Januário descem para os

autocarros, ele e David correm ao longo da grande reta até casa. Sentem o pânico um do outro. Ele vai rezando baixinho a oração de Judite: «Não estamos sozinhos, não estamos sozinhos.» A sua voz está ofegante e impercetível. David assume que ele está a rezar uma prece convencional como a ave-maria e encara-o em sinal de concordância, como se estivesse mesmo a pedir a proteção daquela auréola de fé. Não é todos os dias que se assiste a um homicídio com arma branca. Param de correr à porta do prédio de Ruço. Olham-se em sinal de alívio e David despede-se, não com palavras, mas com um gesto: com o punho cerrado dá-lhe dois leves toques no peito, um sinal de respeito superior ao cordial aperto de mão ou à paternalista palmada nas costas. David desce a rua. Ele descobre que David mora só a dois prédios de distância, só estão separados pelo prédio com o túnel das escadas.

Ganhou um amigo, perdeu outro: foi a última vez que viu Beta.

Tudo mudou a partir do dia do cutelo. A partilha do medo é um ferro de soldar que une duas pessoas como dois pedaços de metal. Estes minutos de terror e fuga uniram um pedaço moldável de cobre, Ruço, a um pedaço inflexível de ferro, David. David nunca mais foi o gnomo insolente dos olhos esmeralda, ele nunca mais foi o parolo serrano dos caracóis loiros. A amizade, porém, piorou antes de melhorar. David resistiu até ao fim, não queria sentir esta união; David era um reflexo de Augusta: quanto mais ele se aproximava, mais David fugia, mais David voltava à tentação de o humilhar.

Um domingo de chuva era o único momento em que podia abrir a janela do quarto para arejar. Só ao domingo havia sossego naquela rua agitada de segunda a sábado. E a chuva era necessária porque só assim não entrava pó através da janela que não se elevava do chão mais do que

um palmo. Abria a janela dois ou três dedos, não mais. Neste domingo em particular, quando voltou ao quarto a partir da casa de banho já vestido, viu uma mão a entrar no curto espaço da abertura e a abrir a janela. Era David, acompanhado por mais dois ou três. Estava de cócoras no passeio, olhando para baixo para o seu quarto, tinha a cabeça encostada à grade exterior. Com o desaforo cénico do costume, abriu a janela toda como se estivesse a ligar a televisão, como se a intimidade de Ruço fosse um espetáculo. Observou e comentou os pormenores, a cama ainda por fazer cheia de livros, cadernos de apontamentos e blocos de desenho, a estante já cheia de romances, o pijama pousado em cima da cama. «Olha, olha, o pijaminha dele.» Este era um quarto de alguém com intimidade, era um quarto de um *eu* interior com tempo e espaço para evoluir à margem do *nós* do bando; um quarto de um betinho, o que era imperdoável. Ele não teve reação. Não soube o que fazer. Sem a veemência necessária, tentou resolver a situação com um pedido, quase uma sugestão.

— David, fecha a janela, por favor.

David não ligou. Continuou a inventariar e a parodiar com os outros cada pormenor do quarto. «Olhem os caderninhos dele, parece um quarto de uma gaja.» Calado e frouxo, ele sofreu o vexame. Foi Augusta quem surgiu para resolver o assunto com vassouradas verbais.

A resistência à amizade não se ficou por aqui. Na tarde em que David voltou a espezinhá-lo, tiveram ambos um furo ao mesmo tempo. Os furos eram constantes: as professoras estavam sempre a faltar, muitas por baixa psiquiátrica emitida pela medicina do trabalho. David fez o pedido: «Bute pa casa da minha dama, que a amiga dela quer curtir contigo.» Era uma prática comum: dois casais na casa de alguém a cumprir as ordens afrodisíacas da natureza. Com pais e mães a trabalhar, as casas estavam quase sempre vazias. Era claro que os três, David e as

duas miúdas, haviam combinado a excursão sexual antes sequer de falarem com ele. Eram mais velhas, já tinham curvas de mulher adulta, e ele só tinha treze anos. O seu corpo crescera, sim, mas continuava a ser o cachopo de São Jerónimo. Aceitou o convite sem pensar, até porque não era bem um convite, era uma ordem. Seria incompreensível aos olhos dos outros que não apanhasse este comboio para comer uma «gaja toda descascada», com «cara de badalhoca» e que «já dava». Caminhou nervoso enquanto o seu par pré-designado lhe ajeitava o cabelo cada vez mais comprido e cheio de canudos. Desceram o jardim das seringas, foram até ao largo dos autocarros e voltaram a descer. Dali mal se via Lisboa. Quando eles entraram no prédio, uma onda de pavor começou a cavar-lhe o peito, parecia que tinha tosse tísica. Virou-lhes costas e desatou a correr. Já o sabia desde a humilhação no Café Carminho: a sexualidade das miúdas podia ser mais assustadora do que a violência dos rapazes, era ainda mais irrespirável para a sua réstia de ingenuidade.

Claro que pagou caro esta honestidade emocional. Um rapaz não podia assumir que não estava pronto. David não perdeu a ocasião para divulgar a sua cobardia sexual. Nos dias seguintes, quando saía do prédio, os outros rapazes da rua gritavam: «Olhò maricas!», «Ganda paneleiro!», «Vai comer na peida», «Porque é que não comeste a gaja? Pegas de empurrão, não é?» A recusa de sexo fácil era uma história demasiado boa para David desperdiçar. Foi a quinta humilhação às mãos de David depois do corredor humano e do abandono na loja de computadores logo no primeiro verão, do abandono em Lisboa aquando da manifestação e da janela aberta à força. Foi, todavia, a última. Poucos dias depois, teve uma surpresa: David estava sentado à entrada do seu prédio para irem juntos até à escola. Surpreendeu-o não só por estar ali mas também pela maneira como o olhou: encarou-o com a fragilidade daquele dia em que até o grande David teve medo do cutelo que matou o

Maneta; estava a dizer com os olhos o que não conseguia dizer por palavras: «Desculpa.»

Passaram a fazer o caminho da escola juntos. Nesta saga diária, ele foi assistindo em primeira mão à lendária bravura do rei David. Era impossível roubá-lo, os bandos sabiam de antemão que roubar David implicava uma operação coletiva e pensada. Já nem era abordado. Deixou de ouvir a frase bordão das ruas: «Não orientas uns trocos?» Quando era abordado por um ou dois rufias imprevidentes, David espancava-os sem que eles dessem conta do que se tinha passado. David era dos poucos que não tinha alcunha, sendo conhecido pelo nome próprio. Era alguém, não um lacaio ou um objeto como todos os outros. Tinha um jeito incrível para tirar facas e seringas das mãos dos assaltantes. Na segunda vez que Ruço sentiu uma seringa encostada à pele, David protegeu-o: fez uma chave ao assaltante, tirou-lhe a seringa da mão para espetá-la logo de seguida no ombro. O infeliz fugiu aos latidos com uma seringa espetada no ombro como uma bandarilha. Esta destreza não tinha limites. Se era capaz destes atos de heroísmo, como salvar o novo amigo das seringas ou resgatar uma moto roubada de uma rapariga gira que queria seduzir, também era capaz de atos de crueldade. No jardim das seringas, por exemplo, se encontrasse um drogado no chão a delirar, David dava-lhe pontapés só pelo gosto de pontapear. Deixava-os inconscientes e a sangrar.

— Já chega.

— Deixa-me, Ruço! Não me voltas a agarrar, caralho! Podia matá-los que ninguém queria saber.

— Já chega!

Era verdade: se alguém quisesse matar estes farrapos humanos, ninguém iria perguntar. Se fossem atirados ao Trancão, ninguém iria perguntar. As famílias já não queriam saber, não tinham amigos ou

relações, a polícia nunca iria investigar se os corpos não aparecessem. Estes seres humanos já estavam mortos na lei e na moral antes de estarem mortos na biologia.

O rapaz que espancava os carochos indefesos era o mesmo que, minutos depois, era capaz de salvar um rapaz encurralado por um bando ou salvar vidas — literalmente. Numa tarde, já no final do caminho até casa, um apartamento começou a arder por cima da mercearia O Cantinho. O inverno era assim no Janeirinho: aluimentos de terras e incêndios provocados por curto-circuitos em quadros que não aguentavam tantos aquecedores ligados e cobertos por roupa molhada a secar. Nesta tarde, o incêndio no primeiro andar por cima da mercearia encontrou a coragem de David. À janela, uma mulher e a filha esbracejavam no meio do fumo. Em baixo, as pessoas olhavam, estavam bloqueadas como Ruço, sem saber o que fazer. David soube: amarinhou por um poste de luz acima, saltou para a varanda, pegou na garota e atirou-a para cima da multidão embasbacada. Faltava a mãe. Agarrou-a pelos braços e fê-la descer com cuidado até uma distância razoável do solo; quando a largou, a senhora caiu em relativa segurança na rede humana feita de vizinhos. David saltou de novo para o candeeiro e deixou-se escorregar como um bombeiro no poste do quartel. Quando os bombeiros verdadeiros chegaram, o herói já não estava lá.

Durante semanas não se falou de outra coisa e desta vez foi ele quem se afastou: ressentia a coragem de David; ao pé do heroísmo de David, a sua cobardia física era ainda mais confrangedora. Porque é que paralisou? Porque é que não ajudou a rapariga e a senhora? Porque é que não foi ele o herói? Esta inveja acabou por se tornar abrasadora, até porque entrou no campo que julgava ser seu: o intelecto. David não era só mais forte e corajoso. Aparentemente, também era mais inteligente.

A amizade com David alterou a sua tutoria com a stora La Salette. Começou a sentir que era a roda suplente. A frustração de La Salette por não conseguir pôr a faculdade no caminho de David parecia ser superior ao orgulho que sentia por ele; David era o original, ele um palimpsesto. Esta insistência de La Salette magoava-o, até porque não a compreendia. Era óbvio que David era inteligente, era todavia impossível relacionar o retrato de David feito por ela, «brilhante», «inteligência fulminante na escrita», com o arruaceiro que fumava ganzas na caixa de eletricidade. Esta dissonância que protegia a sua vanglória durou até ao dia em que ela lhe entregou uma mica com textos de David já com alguns anos. Eram pequenas folhas arrancadas aos cadernos e escritas com uma caligrafia minúscula e frenética embora segura. David compactava a caligrafia ao ponto de colocar várias frases na mesma linha. Sentiu-se como Salieri a olhar para a pauta de Mozart.

David escrevia com as mesmas palavras que ele, mas dava-lhe uma cadência musical; descobrira maneira de transpor para o espartilho da gramática a oralidade musical de Judite e de Américo; David transformava sílabas em colcheias de uma melodia que parecia eterna, anterior e posterior ao próprio David, unindo o vernáculo à sofisticação. Quer na aventura fantástica que imitava Poe, quer no retrato policial do bairro que imitava Simenon, os textos de David não eram textos de um miúdo, eram textos profissionais, cada palavra havia sido pesada numa balança de alta precisão, que também acertava no ritmo. David só escrevia no presente do indicativo, o que lhe dava mais ritmo. Além do cuidado formal, tinha um sopro épico, havia sempre uma aventura (policial ou fantástica) que contrastava com o lado doméstico dos textos de Ruço, mais focados nos pormenores do dia a dia. Na época ele sentiu que este contraste o tornava inferior. O seu Fininho era um pastor que sobrevivía à realidade da Grande Lisboa, o Fininho de David era um

assassino em série que violava e matava mulheres numa Grande Lisboa transformada num baluarte do terror. Ruço fazia aquilo a que La Salette chamava de «arte do inventário», a atenção aos pormenores: o cajado do Fininho, o seu andar símio, os caminhos pastoris debaixo de viadutos infetos, a tristeza das ovelhas por estarem num mundo contranatura, os joaquinzinhos fritos numa sertã nunca lavada, o sexo fortuito com ovelhas e possivelmente com a mula, a *Tieta*, as lagartixas ao sol que matava com a pressão de ar, tal como os passarinhos que depois fritava na tal sertã, as orelhas que cortava aos drogados. David não se detinha nestes pormenores, transformava o Janeirinho, Belas, Alforneiros, À-da-Beja ou Caneças em palcos de mentes criminosas nunca capturadas. A stora ofereceu-lhe estes contos, que ficaram guardados em segredo na sua secretária.

Se La Salette sentia frustração, ele só podia sentir inveja, embora tenha sido uma inveja criadora. Foi aqui que a escrita ultrapassou o desenho. A par dos diários gráficos, passou a ter diários convencionais só com texto, sobretudo confissões e relatos de conversas com outras pessoas. Passou a escrever ficção com mais afinco. De um conto por semana passou a um conto por dia. Queria vencer esta sensação de inferioridade, que nunca o largou. Mesmo quando se tornou evidente que tinha sido ele a vencer o duelo, mesmo durante os picos de fama, sentia sempre a dúvida: «O David teria sido melhor do que eu?» Já adulto, já premiado, já best-seller, acabava um texto e perguntava a si mesmo: «O que acharia o David disto? O que faria ele de diferente? Que alçapão inesperado se esconde neste texto que eu não estou a ver mas que ele identificaria em dois segundos?»

A amizade com David transfigurou ou acabou mesmo com a tutoria que mantinha com La Salette. As conversas com a stora não saíam agora deste padrão:

— Aquele rapaz é uma dor de alma. Você não tem maneira de o ajudar?

— Ajudo como, stora?

— Empréstimo-lhe livros!

— E empresto.

— E porque é que ele não os lê?

Como é que lhe podia explicar a matéria intraduzível do bairro? Ela tinha sessenta anos e era uma senhora de Lisboa. Se um segredo é difícil de vencer entre duas pessoas da mesma geração e do mesmo meio, torna-se intransponível quando a idade e a classe aparecem para construir as suas vedações. Ruço e a stora podiam falar sem restrições de Melville, porque esse mundo literário era uma substância universal que podiam partilhar. Ismael era uma ponte que passava por cima das duas vedações, uma ponte universalista que vencida a diferença de idades e que unia as duas margens sociais. Era a terceira margem. Só que, como todas as terceiras margens, esfumava-se assim que a realidade impunha a sua gravidade. A bordo do *Pequod* somos todos iguais, a bordo do cacilheiro não.

Quando ela insistia sobre o porquê do afastamento de David em relação aos livros, ele mentia. Dizia-lhe que a culpa era dos pais, que, violentos e coléricos, estavam sempre a discutir e a contaminar com essa violência a casa; David não lia e escrevia porque não tinha ambiente familiar para isso. Era uma mentira verosímil, mas era uma mentira. Sim, nos morros não havia privacidade, sobretudo para os rapazes; às meninas ainda era dado um certo direito ao recolhimento, não por razões ligadas à inteligência, mas por recato ginecológico; eles não tinham essa desculpa biológica. E, sem privacidade física, não há a intimidade e a solidão por opção que são a antecâmara da leitura e da escrita. Só que esta explicação habitual não se aplicava a David. A casa

dele era pacífica, estava longe de ser o calvário que eram as casas de outros rapazes. Sim, nos bairros a figura do pai violento era comum, mas não era este o caso de David. Aliás, o Sr. Dias, camionista, quase nunca estava em casa. Quando não andava no vaivém entre Portugal e a Suíça, bebia bastante, mas era um bêbado inofensivo, até com um lado de palhaço terno. Sim, muitas mães não gostavam dos filhos ou tinham esse amor maternal soterrado por décadas de fadiga, de stress enquanto emoção ininterrupta, de maridos ausentes ou de maridos presentes mas agressores, mulheres sem amor e até sem sexo, mulheres que não eram beijadas, abraçadas, tocadas, só penetradas à força e a seco; mulheres que batiam nos filhos que não queriam ter, mulheres cuja utopia eram os desmanches que ficaram por fazer. Mas não era este o caso de David. A mãe, a Dona Hermínia, era uma senhora calma, até porque tinha na azáfama da casa a ajuda da sua própria mãe, a avó de David. Além disso, só tinha uma irmã mais nova e bastante sossegada. David, se assim desejasse, podia ter na sua casa um espaço para ler e escrever. De resto, durante muito tempo, usufruiu desse espaço; os contos que escrevera indiciavam um miúdo com um quarto sossegado. A questão é que David escolheu sair do quarto, não quis seguir a via do estudo e escrita, escolheu a liberdade primordial da rua, a aventura física, a reputação de rebelde do asfalto. E a responsabilidade dessa escolha era dele, não dos pais. Ruço sabia que se dissesse isto à professora ela iria abanar a cabeça para dizer: «Não, não pode ser.» Preferia mentir.

A teoria geral do guarda-redes

AOS ALTOS E BAIXOS, NUM BATIMENTO CARDÍACO COM ARRITMIA, a amizade foi sendo construída na língua franca do bairro: o corpo. Ruço e David dialogavam através das proezas atléticas que faziam para surpreender ou superar o outro. A sua sintaxe era feita de saltos, corridas, sprints, disparos, remates, defesas. Nas hortas entre a rua e os eucaliptos, caçavam pardais com a pressão de ar de Romão. Transformavam os portões das garagens do beco em balizas: David rematava, Ruço defendia. David ensinou-o ainda a lutar, treinavam sequências de boxeur: uma esquerda no estômago, uma direita no queixo; duas esquerdas no rosto, uma direita no estômago. Passavam horas nisto. O diálogo por palavras era raro. A pobreza masculina não é palradora, é aliás um sarcófago.

A amizade com David e a sua fama de guarda-redes acabaram por aproximá-lo dos restantes rapazes da rua, que o aceitaram por puro interesse futebolístico. A baliza era uma pira sacrificial. Ninguém queria ser o bode expiatório de luvas. Se era um sacrifício para os jogadores de campo, a baliza era o único pouso aceitável para o gordo da rua, o Pote. «O badocha quer jogar? Boa! Ó Pote, vai pá baliza! Se deres um frango, levas nos cornos!» Eles achavam estranho que alguém quisesse ir de livre vontade para a linha de golo, que é um precipício pintado no chão, mas aceitaram-no, sem nunca largarem a hostilidade. Ele era um mal necessário. E ele, diga-se, também não queria a amizade deles. Só se

interessava pelo jogo. Além da voz que a baliza lhe dava, jogar com eles significava estar fora do mundo. O campo pelado de futebol de onze que usavam ficava mesmo no meio dos eucaliptos antes da descida abrupta para as torres do Monte Eulália. Hoje este espaço tem uma piscina municipal mas na época era apenas um descampado situado em terra de ninguém onde alguém, alguém ou além da burocracia camarária, colocara duas balizas de futebol de onze. Ruço não queria conversar com eles, só queria este sossego apátrida e surreal: um campo de futebol pelado cercado por arvoredos que por sua vez estava cercado por prédios; círculos concêntricos de surrealismo.

Incómodos mútuos à parte, ele passou a ser o guarda-redes da rua no campeonato informal do bairro. Era a rotina de sábado à tarde: cada rua formava uma equipa e ia para o «pelado dos eucaliptos». Fizesse chuva, nevoeiro ou sol, havia três ou quatro jogos de uma hora cada por tarde. A rua dele, a Rua de Santo Antão ou Rua da Escola Nova, era temível, eram onze indomáveis patifes que lançavam cavalgada atrás de cavalgada sobre as balizas adversárias.

A vitalidade atlética deste onze começava logo na defesa que Ruço tinha à sua frente. Na lateral direita, o Johnny subia e descia pelo flanco como um remador de baleeira. Tinha em campo o empenho que era a marca da sua família. Emigrados na Suíça, os Fonseca tinham regressado a Portugal para aproveitar o novo crescimento económico; prosperavam no negócio das pastelarias. Na lateral esquerda tinham o Dentinho, um dos mais antigos da rua. Tinha um irmão na tropa, outra saída profissional comum. Era «Dentinho» porque tinha os dentes da frente partidos, uma sequela clássica das ruas. Vivia só com o pai, que estava junto com outra mulher. Não via a mãe há anos. Uns diziam que era concierge em Paris, outros garantiam que era prostituta em Paris, outros ainda pensavam que «concierge» era a palavra francesa para

«prostituta». O Dentinho tinha uma irmã com um leve atraso mental que levaria a Segurança Social a declará-la inimputável com direito a pensão de invalidez. Era numa criatura estranha: devido à debilidade neurológica, tinha uma mente lerda ou infantil; só que esta cabeça acriançada controlava um corpo já adulto, curvilíneo e decotado. Ia aos jogos com as outras miúdas. Ninguém a tratava por maluca, era a Rosinha.

No centro da defesa, o primeiro central era o Betoneiras, o mais velho do grupo, já era adulto. A par de Ruço, era o único que não tinha irmãos. Tinha um caso grave de calvície precoce e uma barriga pesada embora fiável. Era fiável em campo tal como era fiável nas obras onde já trabalhava com o pai. Ia e vinha todos os dias numa carrinha branca; começara como servente, já assentava tijolo como um homem. «Não dava para a escola» e, para evitar estroinices, o pai levou-o logo aos quinze para a pequena empresa de construção da família. Ao seu lado, o outro central da equipa era o Americano. Era filho de portugueses emigrados nos EUA que tinham acabado de voltar a Portugal. O Americano cedo conquistou os corações da rua, porque contava façanhas sexuais inacreditáveis. As americanas entre os onze e catorze faziam coisas impensáveis para as portuguesas da mesma idade. Ficavam a ouvi-lo contar as mais diversas façanhas das Kimberly e das Jessicas, sempre loiras, sempre de busto farto, sempre dispostas a satisfazê-lo. Claro que era quase tudo mentira. O resto do grupo sabia disso. Todavia, numa época em que o acesso à pornografia continuava a ser raro, ouvir alguém com aquela imaginação sexual era delirante. O Americano não só sabia de cor o kamasutra como transformava cada posição numa história protagonizada por ele próprio, qual Príapo de New Bedford. Em campo, era tão fantasioso como nas histórias: inventava muito, era fução, o que era problemático para um defesa.

Perdia a bola em zona proibida; perdiam jogos por causa dele. Desculpavam-no sempre. Divertia-se e divertia o bando.

A defesa titular era esta. No banco, tinham um suplente para cobrir lesões, ressacas e breves detenções policiais. Era o Zarolho. Podia jogar em qualquer posição da defesa, até porque era mais jogador de hóquei no gelo do que artista da bola: estava ali para a bordoadada em caso de necessidade. Era gordo ao ponto de não ter pescoço, tinha cabelo comprido que atava em rabo-de-cavalo. Era o Zarolho porque foi submetido ao castigo máximo do bairro: olho ou ouvido furado. Foi apanhado a vender marijuana falsa aos fifis de Lisboa; prensava louro e vendia-o como se fosse marijuana. O descontentamento dos clientes espalhou-se e colocou em causa a qualidade do produto. Um dos traficantes, o Fanã ou a Francesa, não se sabe bem qual, reagiu. Não bastava a cicatriz deixada pela soqueira, não bastava a pálpebra cortada, era preciso cegar: enfiar um x-ato cinco centímetros até ao nervo ótico, até se sentir o osso na base da órbita. O Zarolho tapava a aberração com palas de várias cores. Nunca saiu da vida dos esquemas. Foi durante anos intermediário de autorrádios roubados e agora era uma das lendas do submundo: era um dos mágicos da mecânica que quitava ou desmontava carros roubados numa oficina clandestina mesmo no meio do bairro de lata.

No meio-campo, a ala direita era do Júlio. «Júlio» não era nome. O seu nome era Mário Rui. Era temerário como um artista de circo; os outros diziam que, com tanta maluquice, ainda acabava no Júlio de Matos, o manicómio; repetiram tanto a ideia que Mário Rui passou a ser o Júlio ou Julinho. Era de uma classe social superior, como a vizinha do terceiro andar de Ruço, a Doutora Luísa, isto é, era de uma parte da classe média que estava a ser atirada para os arrabaldes devido à falta de casas em Lisboa. A mãe, técnica superior da Câmara de Lisboa, era

outro dos fetiches da rua. A Doutora Eugénia era morena mas pintava o cabelo de loiro; as raízes escuras na mancha loira davam-lhe um ar de gueixa vulgar e acessível e reforçavam a obsessão do bando pelas suas ancas que ela sublinhava com saias travadas. Já com quinze ou dezasseis, Júlio chegara à rua há pouco tempo, morava nos prédios mais novos e modernos da rua mesmo em frente ao prédio de Ruço. Procurou logo a aceitação através dos tais atos de loucura. Por exemplo, ia para o topo do prédio executar este ritual macabro: atava um pequeno animal, um rato ou hamster, a um pequeno paraquedas feito com um saco de plástico; atava uma bomba de carnaval ao corpo do animal, acendia o rastilho e atirava o bicho, que ficava a cair de paraquedas até explodir no ar. Os corpos estilhaçados destes animais sujavam os carros em baixo com uma pequena chuva de sangue, ossos e carne picada. Matou pelo menos um gato no micro-ondas. Dentro do aparelho, o bicho rodou e rodou até sufocar. A bestialidade com a cadela da família não era uma hipótese espúria. Era o Júlio quem ia alugar filmes porno ao videoclube, que depois passava aos outros. Masturbava-se à frente de qualquer pessoa e em qualquer sítio. Foi expulso um ano da escola porque não se conteve perante uma professora de Físico-Química mais sensual, masturbou-se ali mesmo na mesa da sala de aula. Era em campo o que era na vida: um esteta amoral; encostado à linha direita, fintava três ou quatro com truques divertidos, mas depois não passava, não centrava, não rematava, queimava as jogadas. Fazia rir as miúdas que apareciam para ver os jogos. Por cada tarde de sábado podia haver três ou quatro jogos de uma hora. Isto quer dizer que se juntavam ali cerca de cem jogadores e respetivos cortejos de irmãs, namoradas e pretendentes. Júlio jogava para este público feminino, fazia-lhes vénias, soprava-lhes beijos. Era um arlequim de chuteiras. O facto de andar sempre charrado ajudava à comédia.

Por falar em ganza, o outro médio-ala, o ala-esquerdo, era o Brocas. Se não houvesse erva no bairro, Brocas ia comprá-la ao outro lado do vale, à Musgueira ou Galinheiras. De bicla ou a pé, levava horas nesta demanda. Não tinha pai nem padrasto; foi criado pela avó e mãe. Era o único bom aluno do grupo inteiro, sobretudo a Matemática e a Físico-Química. Lia livros de divulgação científica. Este saber matemático não representava uma morte social como o saber literário de Ruço. Ao contrário da literatura, filosofia ou história, a matemática não era blasfema, era só impenetrável; os números tinham aos olhos deles uma função monetária e utilitária óbvia. O Brocas era alto e espadaúdo, quando acelerava ninguém o podia parar. Se o Júlio era o típico brincana-areia, adornando cada lance com uma reviença ou finta, o Brocas era mesmo uma broca: dava um toque na bola para a frente, batia o defesa em velocidade e depois centrava a bola para a área. Fazia sempre o mesmo movimento, era previsível mas imparável. Só não fazia este movimento se David lhe pedisse a bola. Dentro e fora do campo, o Brocas era o mais servil em relação a David. Se a rua fosse uma máfia, ele seria o dócil contabilista debaixo da asa protetora do *capo*.

No centro do meio-campo, como patrão natural, lá estava então David. Jogava com uma concentração profissional, apesar das fãs e namoradas na linha lateral. Mantinha a cabeça sempre levantada mesmo quando tinha a bola nos pés. Fazia passes de cinquenta metros, o gesto mais bonito do futebol. Ruço conhecia intimamente este arco de cinquenta metros dos seus sonhos: na perseguição que fazia à baleia, dava saltos assim, pulos lunares de cinquenta metros como se fosse uma bola chutada pela força e precisão de um centro-campista pequeno e genial.

Ao lado de David, jogava Manel, que morava dois prédios à esquerda de Ruço, já quase em cima da escola nova. Era o trinco. Já tinha alcunha

de homem crescido, «Manel», derivação de Francisco Manuel. À semelhança do Betoneiras, já trabalhava com o pai na construção civil. Era o favorito de Ruço. David era o seu melhor amigo, sim, mas a amizade deles foi sempre caótica. David era intenso e consumia-o, desassossejava-o, eram rivais. Manel sossegava-o. No aspeto e na decência, era uma versão mais nova de Joaquim. É impossível descrevê-lo porque não tinha nada de específico, nem alto nem baixo, nem magro nem gordo, tinha olhos de um castanho banal tal como o cabelo. Já tinha dezoito anos. Era o pilar da equipa, cobria o espaço deixado aberto pelos outros, recuperava as bolas na briga ou na antecipação, era um alter ego futebolístico dos homens que aguentam o mundo com trabalho e sacrifício para que outros o estilhacem com idealismos ou fúrias de inadaptado. Não era o melhor a dar toques na bola, não era o melhor com as miúdas, mas era a pedra angular da estrutura. Com Manel, ele não podia discutir Poe ou Melville. Manel dizia com orgulho que tinha enchido três placas de cimento num só dia, contava histórias mirabolantes sobre gruas e obras com o orgulho do homem honesto que só conhece o seu trabalho. Não, não era brilhante, mas era e continua a ser o tipo de homem que queremos ao lado quando há sarilho.

O suplente universal do meio-campo era o Sidoso, muito mais velho, vinte e tal anos, já tivera a sua era gloriosa na rua, fizera fama e fortuna vendendo armas roubadas aos paióis do exército. A sua frase bordão era: «Sabem quanto pesa uma G3?» Recuava para esta pergunta quando se sentia fraco ou gozado. Era esquelético e, apesar de ter deixado o vício, as marcas da heroína permaneciam no rosto. Agora vivia de esquemas menores como ser intermediário de ouro roubado às ourivesarias da Lisboa norte, Telheiras, Benfica, Lumiar. O nome civil do Sidoso era Luís. Ruço teve sempre medo dele; medo esse que aumentou quando recomeçou a consumir heroína por esta altura. Recomeçou a roubar

conhecidos e vizinhos. Forçou as grades da janela do quarto de Ruço para tentar entrar. Não teve sucesso. O ferro da grade não cedeu. Enfurecido, derramou a frustração na própria janela: partiu parte do vidro reforçado e amolgou o alumínio do caixilho. Romão e Isaías foram falar com o pai dele: os três deram-lhe uma tareia. Não serviu de nada. Quando recomeçou a roubar a própria mãe, o pai disse que não ia passar por aquilo outra vez, foi buscar a caçadeira. A primeira descarga apanhou-o pelo ombro e peito. Assim que ouviu o tiro, Ruço abriu um pouco a janela, viu e ouviu o que se seguiu: o Sidoso estava a sair do seu prédio, a sangrar e já com a respiração de afogado; o pai, sem pressa, sem aparente tristeza, atirou de novo. É impossível esquecer o som que o chumbo faz ao abrir o tórax humano. Também é impossível não registar o que ele sentiu: alívio, senão mesmo alegria. Não viu um homicídio, viu uma justa remoção de uma ameaça, um drogado a menos.

Na frente de ataque a equipa tinha o rapaz que era em simultâneo a estrela da equipa e o mais miserável. Os outros eram pobres ou remediados, Fred era na prática um pedinte. Quem nunca cheirou o ranço e o sebo da indignância acha que não há diferenças entre o pobre e o miserável. Mas elas existem. O pobre é o último dos homens, o miserável é o primeiro dos bichos; é a diferença entre uma pessoa sentir que é um servo no perímetro da comunidade ou um jumento no perímetro do estábulo. É a diferença entre matar a fome comendo mal e ir para a cama com fome. Fred não comia em casa. Só fazia refeições completas na escola ou no clube onde jogava, o Frielas, que tinha a sede nem a um quilómetro da horta de Judite. Este pequeno complexo desportivo, um rinqe de mármore e um relvado sintético, ficava na interceção da ribeira com o rio de Loures e o Trancão. Ruço ia lá ver os jogos dele aos domingos de manhã quando dormia na horta. Caminhava não pela estrada mas ao longo da ribeira. Calçava galochas e andava

junto à margem, passando quase despercebido dentro de quatro ou cinco hortas. Quando chegava perto da rede do recinto desportivo, descalçava as galochas e calçava os ténis que levava na mochila. Havia sempre um ou mais polícias nestes jogos oficiais. Até ir estudar para a Lisboa, ele só viu polícias com regularidade nestes jogos de Fred. A mera presença das fardas azuis envolviam-no numa certa leveza, talvez até felicidade — o que ilustra o seu estado de espírito destes anos, confundia felicidade com segurança. No final dos jogos, esperava por Fred e voltavam pela estrada, parando na horta para que Judite lhe desse almoço. Enquanto Fred comia, ela preparava-lhe um saco de comida, fruta e biscoitos para o resto da semana.

— Come, meu amor, come.

Sôfrego, Fred devorava os ovos com linguiça, empurrando a comida para o garfo com o naco de pão que engolia no final — não podia desperdiçar um vestígio de calorias. De vez em quando, levantava os olhos assustados do prato como um animal que come a carcaça com medo que cheguem predadores maiores. Para tentar diminuir a consternação desta cena de domingo, Ruço passou a dar-lhe fruta e sandes antes dos jogos de sábado. Na caminhada até ao pelado, Ruço e Fred ficavam para trás. O primeiro tirava a comida da mochila, o segundo devorava-a com uma avidez comovente. Fred perdera o pai para o tráfico de droga, fora esfaqueado ali mesmo nas hortas. O corpo entrou em decomposição sem que ninguém desse por isso. Foi encontrado por acaso — foi a tragédia do ano em que Ruço chegou. Quando pensava em matar drogados de forma impune, David estava a pensar no pai de Fred: ninguém investigou o homicídio, não foi assassinado num Estado de direito, foi abatido no Estado da natureza. «Ruço, chegaste dias depois do meu pai ser enterrado», dizia Fred a sorrir; era como se a aritmética da sua vida tivesse melhorado naquela semana, perdera um pai que

odiava, ganhara um guarda-redes e amigo que lhe dava sandes de fiambre. Manel teria sido amigo íntimo de Ruço se fosse mais inteligente. Fred teria sido amigo íntimo de Ruço caso não estivesse sempre com fome. Era capaz de momentos de sinceridade como estes em que falava do enterro do pai, mas era inconstante, era como se a sua cabeça fizesse curto-circuito; o seu espírito vagueava, falava-se para ele mas ele não ouvia, deixava frases a meio — uma ausência mental provocada pela fome. A fome era para Fred o que a droga era para Beta: a causa dos apagões mentais que destruíam uma pessoa inteligente.

A fome marcava a vida de Fred fora e dentro do campo: no pelado, ele era o típico número nove, tinha uma fome insaciável de golos. Compensava o défice muscular com uma habilidade natural. Não rematava, fazia passes para a baliza. O remate era um gesto brusco, desajeitado, amador, um gesto impróprio para Fred, que passava a bola com delicadeza para a baliza. Poucos anos depois, saltou para o Sporting e jogaria uma temporada na equipa principal; depois entrou nos mercados das ligas europeias, França e Alemanha. Chegou à seleção nacional.

O outro avançado era a fraga humana, o segundo mais forte e carismático, o imediato do capitão David. Era Beto. Era mais velho, já andava na escola secundária nova da rua. Tinha quase um metro e noventa. Era musculado e bonito, moreno de olhos azuis, maxilar angular, ombros de larga envergadura. Os pais tinham uma obsessão: ter a própria moradia na zona saloia. O pai, Casimiro, passava fins de semana e feriados a construir sozinho a tal moradia para lá de Bucelas. A moradia era a desculpa para não estar em casa. Se ficasse em casa, acabava por bater na mulher, que nunca gritava. A Dona Maria apanhava calada, ouvia-se a tormenta dos móveis e as respirações agitadas, mas nunca a voz humana. Se ela gritasse, Ruço ouviria os berros dentro de

casa: moravam no segundo andar do prédio ao lado, o do túnel das escadas. Beto tinha uma irmã mais nova, a melhor amiga da irmã de David. Andava sempre com uma navalha que escondia nas costas numa aljava que ele próprio fizera a partir de pedaços de cabedal. Usava o chino sem pensar, como se fosse uma extensão do seu braço. Se outros grupos estivessem a ocupar o pelado quando eles chegavam pelas duas da tarde, Beto levava a mão até à nuca, tirava a navalha da aljava e espetava-a num dos postes da baliza mais próxima. Era o suficiente para os outros desocuparem o campo. Não, não era coragem. Corajoso era David, porque tinha noção dos perigos. Beto não tinha noção, era inconsciente. Era amoral. Quando se vê envolvido numa cena de pancada, o corpo humano treme e recorre a tiques para lidar com a pressão; David dobrava a língua quando batia, outros gritavam, Ruço mordia o lábio de baixo ao ponto de fazer sangue. Nada se passava com Beto; não sentia tremeliques e a sua cara não era dominada por qualquer trejeito; na sua mente, os corpos que agredia tinham a mesma textura moral e física dos postes das balizas onde espetava o chino. Chino esse que conta outra história, a história decisiva desta hoste futebolística.

Naquela tarde, o bando da rua chegou ao pelado que já estava ocupado; como de costume, Beto expulsou quem lá estava com a habitual encenação da navalha, só que desta vez os outros não se ficaram. Eram do Monte Eulália, terra que fazia da vendetta um mandamento. Era raro alguém do Eulália dar-se ao trabalho de subir a encosta empoeirada para jogar à bola no pelado, mas aconteceu neste dia. O pequeno grupo de dez ou quinze que tinha sido expulso pelo chino de Beto voltou à frente de uma horda de cinquenta que levantou uma nuvem de pó na subida. Quando viu aquela torrente humana emoldurada pela poeira, David ordenou a debandada; todos os jogadores da equipa e demais irmãs e namoradas fugiram num caos. No meio da

confusão, Ruço ficou sozinho atrás de um eucalipto largo como um pneu de caminhão. Esperou. A horda do Eulália passou por si mas não entrou mais do que uns metros nas hortas, voltou para trás para reclamar o pelado. A bola começou a rolar. Ruço esperou mais um pouco para ter a certeza de que não havia um intruso retardatário no labirinto das hortas e reiniciou o caminho de casa. A meio do labirinto, começou a ouvir um barulho estranho que vinha de uma barraca, aquela onde em tempos vira um cão asqueroso. Aproximou-se, eram gemidos ofegantes, soube o que era mesmo antes de ver e confirmar: Rosinha, a irmã meio lerda do Dentinho, estava sentada em cima de David e comandava a transa com evidente gozo. Foi a primeira vez que ouviu um orgasmo feminino, coisa que também não se esquece. Sim, ela teve prazer e foi sexo consensual, só que a questão aqui é outra: ela não tinha livre-arbítrio para dar o consentimento. É verdade que David tinha uma atenuante, o medo. São notáveis as parecências entre o medo e o desejo, o ferrão que se sente no sangue é parecido. É fácil imaginar David e Rosinha a fugirem com medo do gangue, a mão dele começa a tocar-lhe no rabo para ajudá-la a correr, mas, segundos depois, a outra mão já está a tocar-lhe no peito por puro desejo, a confusão e o pavor autorizam a intrusão, aliás, acolhem-na; os corpos orientam-se um para o outro sem pedir licença à cabeça, escondem-se numa barraca. Nada muda, porém, o ponto decisivo: ela não tinha agência moral; ela teve prazer, esteve sempre por cima a controlar, gozou no final de maneira audível, mas não podia dar o consentimento. Clinicamente, ela não tinha livre-arbítrio e David sabia disso. Juridicamente, David tinha cometido violação. Portanto, havia uma hipótese em cima da mesa: David era tão ou mais perverso do que o Pernas. Seria possível? Mas este prurido só lhe passou pela cabeça anos depois. Nesta tarde não se deu a esse luxo moral. Quando chegou a casa nesta tarde, fechou-se pela primeira vez à chave na casa de banho.

Tutora e tia

NUNCA SE ENTROSOU, NUNCA *FOI* DA RUA. As conversas entre os rapazes eram uma forma de pugilato, bocas e contrabocas de um sarcasmo impiedoso e instantâneo sobre as falhas uns dos outros. Se alguém era alvo de uma farpa, tinha de responder em dois ou três segundos. A reputação dentro do grupo era construída através da rapidez e veemência da resposta que perpetuava o sarcasmo infinito, circular e fechado sobre si mesmo, boca, contraboca, boca, contraboca, boca, contraboca, durante horas a fio. Até insinuações sobre as mães eram admitidas. Ele nunca soube entrar nesta algazarra verbal. Não tinha nem o cinismo nem a velocidade de diálogo. Quando era torpedeado, ouvia e calava-se, não sabia responder naquele registo engraçadista sem fim. Aliás, se a velocidade de resposta fosse o grande critério na avaliação da inteligência, ele estaria ao nível da amiba.

Ocorria contudo um fenómeno curioso, que lhe era familiar: quando estavam juntos gozavam com ele, mas confidenciavam-lhe segredos em privado. Este bando de rapazes encenava na rua a peça que as tias encenavam na horta: quando estavam com os tios, elas censuravam-no; sem os homens por perto, não se importavam que ele ouvisse segredos. Os rapazes faziam o mesmo. No caminho para o jogo de sábado, iam todos juntos e, durante essa caminhada, ele era um alvo passivo das piadas: parodiavam o apego aos livros, a escassez de palavrões, o medo que ele tinha em participar nas aventuras de bicicleta até ao aeroporto.

Quando regressavam depois do jogo, o grupo desintegrava-se. Na vitória ou na derrota, cada um atravessava os eucaliptos e as hortas sozinho; aquele ia descalço com as sapatilhas na mão, aqueloutro ia a beber garrafinhas de whisky roubadas nalgum motel, outro fumava um charro. Ele ficava para trás, era o último. Era aqui, no fim da linha, que acontecia o imponderável: quando um deles queria desabafar, deixava-se ficar para trás e contava-lhe o que não contava a mais ninguém. Era assim que ele ficava a saber que Fred precisava de alguém para fazer um desmanche à namorada.

— Acho que te posso ajudar, Fred.

— A sério, Ruço?

— Amanhã, depois do teu jogo, falamos com a Judite na horta.

— A Judite é mesmo aquela base.

Era assim que ficava a saber que Manel deixara a escola porque se fartara de apanhar pancada e de ser roubado. Preferiu começar a trabalhar nas obras aos catorze do que ficar à mercê dos roubos. A história do Betoneiras era igual: preferia estar agarrado à betoneira do que estar sujeito ao caos das ruas. Manel e o Betoneiras preferiam o cansaço físico do trabalho braçal do que o cansaço mental que era andar nas ruas e nas escolas do bairro. O mundo dos adultos nas obras era duro, mas era leal e previsível. Era assim que ficava a saber que Beto só conseguia ter sexo com prostitutas, não conseguia com uma namorada apesar de ser um Adónis. Era incapaz de manter uma relação amorosa; a exposição de afeto e fragilidades era para ele uma atrocidade emocional. «Pago e acabou, que sa foda.» Não tratava do assunto no famoso bordel da Francesa ali do bairro. Com Manel, frequentava uma casa na zona rural, Bucelas, que era conhecida como «A casa dos pneus» devido às dimensões rubensianas do elenco. Era assim que ficava a saber que o Johnny chorava todas as noites com saudades da Suíça. Era assim que

ficava a saber que o Americano, afinal, era virgem e que tinha pesadelos todas as noites, tinha saudades dos amigos da América, sentia falta de falar inglês. Era assim que ficava a saber que os dentes partidos do Dentinho eram obra do pai, que lhe dava com a fivela do cinto onde calhasse.

Estas breves frases representavam segundos de honestidade que eles depositavam em Ruço. Ele era o estranho, o ser exterior que podia funcionar como o aterro onde queimavam o lixo interior. Além de o verem como o pária, consideravam-no um fraco e, nesse sentido, sentiam-se a salvo da inevitável roda de piadas que se seguiria caso contassem aqueles segredos no grupo ou a alguém do grupo. Se a fama de maricas lhe dera acesso ao mundo secreto das tias, o escasso cinismo dava-lhe agora acesso ao mundo secreto dos rapazes. Aquilo que o incapacitava para o pugilato, físico e verbal, era aquilo que o capacitava enquanto confidente de mulheres e rapazes. Com as Jacintas e os Brocas aprendeu, de resto, que não vale a pena falar com pessoas em grupo. A linguagem social, feita de máscaras e alçapões, tem como meta a ocultação. Aprendeu que só vale a pena falar com uma pessoa de cada vez, que as pessoas têm um discurso público que muitas vezes não traduz o seu discurso íntimo. Anos depois, esta certeza protegê-lo-ia da corte lisboeta.

O acesso a estes mundos secretos foi uma bênção ou maldição? É difícil perceber. Em Lisboa, as pessoas repetiram a atitude das tias e da rapaziada da rua: contavam-lhe histórias e segredos muitas vezes a partir do nada. À saída da redação ou até na rua, uma pessoa que mal conhecia ou um leitor anónimo apanhava-o a jeito e desabafava como se ele fosse um confessor onde bastava pôr uma moeda para se ouvir a música da absolvição. Porque é que as pessoas aboliam o sigilo com ele? Porque pressentiam que ele era fraco? Ou porque achavam que ele era decente?

Era covarde ou era bom? É difícil perceber. Terá sido as duas coisas ao mesmo tempo ou em alternado? É difícil dizer. Mas sabe-se de certeza outra coisa: ele nunca tocou no cinismo. A bondade é uma essência que não sabemos se esteve ou não dentro dele, o cinismo é uma droga que sabemos que ele nunca inalou. Esta ausência de cinismo levou-o à condição de suicida? Sim. Mas também o levou à fé. Os amigos de Lisboa, Catarina e Pedro, diziam que ele se devia defender mais nos textos, que não se podia expor tanto. E ele respondia-lhes: «O céu é dos violentos, como diz a O'Connor, porque ter fé implica lutar contra o mundo.» Caminhar no sentido da decência cria um lastro de desassossego, implica um confronto permanente com a imperfeição do mundo. Pedro Castro e Sousa, grande amigo e testemunha da metamorfose que deu origem a Lucas Andrade, era o mais explícito neste reparo. Os médicos, garantia Pedro, acabam por desenvolver uma capa cínica à sua volta, caso contrário não sobreviveriam à profissão; no mesmo sentido, ele não se podia afeiçoar tanto às pessoas e bairros que retratava nos textos, caso contrário iria rebentar. Tinha Pedro razão? Talvez. O médico, o polícia e a prostituta são as três profissões que mais suicídios provocam. Aqui temos a profissão mais respeitada das elites, a ocupação mais baixa e suja de todas e uma profissão intermédia na escadaria social. O suicídio nada tem que ver com classe social, mas com conhecimento íntimo do mal. Para se chegar àquele momento de autoanulação, é preciso um contacto quase diário com o pior do ser humano; cada novo episódio de sofrimento vivido ou testemunhado é mais um degrau que se sobe até à desumanização pelo cansaço, até à rendição perante a força inamovível do mal. Mais do que ninguém, o polícia, o médico e a prostituta confrontam-se todos os dias sem exceção com o pior do ser humano e, em consequência, são aqueles que mais se suicidam. Não por acaso, quais foram sempre as melhores fontes e

personagens de Lucas Andrade? Putas, médicos e polícias, as três grandes zonas de atrito da sociedade.

Ele nunca se arrependeu. Precisava desta angústia no peito, a aflição da linha da frente, porque era isso que o mantinha aceso e à procura do mal, caso a caso, vilão a vilão, como um detetive. Sabia que esta ausência de cinismo ia consumi-lo cedo demais, mas nunca quis abandonar esta franqueza desarmada e desassossegada. Se voltasse atrás, voltaria a enfrentar a vida sem o escudo dos cínicos que amortece os embates. «O cínico tem a mente sedada, anestesiada, percebes?, aplica na cabeça o spray mágico que os jogadores aplicam nas pernas», dizia. Ele nunca quis trocar esta atitude por outra inevitavelmente mais próxima do sossego do cinismo e mais longe do desassossego da fé.

No caminho da confissão, entre o pelado e a rua, os rapazes confessavam-se, recolocavam a máscara e desapareciam mesmo antes de ele abrir a boca. O Ruço ou Rucinho era uma urna secreta. E ele agradecia ser tratado como um objeto, porque o único que lhe interessava era David. Estes vinte minutos entre o pelado e a rua eram o único momento que permitia reconciliar o David real com o génio do thriller e da fantasia que escrevera aqueles contos.

Ruço e David comentavam quase tudo entre os eucaliptos e a rua, livros, miúdas, futebol, as guerras dos americanos, as bandas góticas e nórdicas que David ouvia e sobre as quais só falava com Ruço; os outros iriam achar aquela sonoridade demasiado sinistra. Estas sinfonias góticas não o surpreenderam: alguns contos de David tinham este imaginário gótico, cruces partidas, flores murchas, duendes, bruxas, demónios, vampiros, lobisomens, o submundo dos que se sentem traídos. Os dois amigos também falavam de westerns e de filmes de

ficção científica. Debateram durante mais de um ano o filme e o livro *Dune*, de Frank Herbert, o outro grande livro da sua juventude, o único que leu a meias com David. Leram-no numa versão antiga e em inglês oferecida pela stora. Ele lia um capítulo, ia sublinhando e anotando a lápis na margem de cima da página. David depois lia o mesmo capítulo e, com outro lápis, mais fino e mais esbranquiçado, fazia as suas anotações na margem de baixo. A caligrafia de David, minúscula, frenética e bem desenhada, contrastava com os gatafunhos dele. Este livro, sublinhado e anotado a duas mãos, prova a existência destes meses de amizade perfeita, meses que nunca mais se repetiram. Anos depois, no apartamento de Lisboa, começou por arrumar o *Dune* na prateleira mais alta da estante, mesmo debaixo do chapéu do pai, mas depois guardou-o nas gavetas da secretária; era demasiado íntimo para estar à mostra. Não era um livro, era correspondência entre dois amigos; era um diário escrito a duas mãos.

A reboque de *Dune*, discutiam outros temas como viagens espaciais e viagens no tempo. Ruço argumentava que viajar no tempo só era uma possibilidade se uma força carregasse num botão fast forward de dimensões interplanetárias, isto é, só seria possível viajar no tempo na direção do futuro e através da aceleração da fita do tempo. David rebatia essa ideia: «A cena não é o tempo, caralho!, é o espaço, man», argumentava ele. «Se pegares numa folha de papel e a dobrares em dois, dois pontos antes afastados ficam lado a lado! Tás a ver a cena ou não, foda-se? Se dobrares o mapa-mundo, Lisboa fica ao lado de Nova Iorque; então agora usa esta ideia no universo todo, podes viajar no tempo e até podes viajar para o passado, o passado passa a ser um x no mapa.» Porque é que este rapaz genial de dezasseis anos se escondia? Porque é que só revelava o que pensava e sabia nesta caminhada de vinte minutos entre o campo e a rua, momento em que lhe devolvia o *Dune*

anotado? E o mais espantoso é que David desenvolvia estes pensamentos sem um ar postiço. Não abandonava o calão. A teoria da relatividade era discutida no vernáculo. Tudo lhe saía de forma natural, como se passasse os serões a discutir literatura, filosofia e física com pais asneirentos mas catedráticos. Se não falasse com palavrões, iria sentir-se um desertor. Não por acaso, se aparecesse outro rapaz junto deles, David calava-se de imediato e recolocava a carantonha do energúmeno que só consegue ler as gordas dos jornais desportivos.

Se é difícil convencer os lisboetas em relação à existência de miúdos brilhantes nestes morros, é impossível explicar-lhes que estes miúdos têm muitas vezes vergonha de serem inteligentes e cultos. Mas a verdade é esta: a relação de David com a música gótica ou com o *Moby Dick* era de culpa. Não sentia culpa por entrar no bordel da Francesa e pedir um felácio com dinheiro que andara a roubar aos mais fracos durante o dia, chamava-lhe «o broche ao postigo»; mas já sentia essa culpa se entrasse na biblioteca da escola. A relação dele com conversas intelectuais fazia lembrar a relação das ex-colegas de Augusta com a roupa fina da fábrica: sentia-se ridículo. Se elas sentiam que aqueles casacos finos eram impróprios para operárias, ele sentia que grandes teorias intelectuais eram impróprias para um filho de um camionista; sentia que estava a pavonear uma fantasia. Elas talvez vestissem os tais casacos em casa, olhando-se ao espelho e às escondias dos maridos. Ruço era este espelho secreto de David.

De onde vinha esta vergonha? Tal como a avó Eduarda, David fazia da pobreza um *ethos* sagrado. A pobreza e a rua não eram condições materiais e superáveis, eram um destino, uma saga que se aceitava de peito ufano. A cultura não era então um bem em si mesmo, não era um saber universal aberto a todos; a erudição era a linguagem deles, os betos e doutores. O saber não tinha uma autoridade impessoal e abstrata,

tinha a autoridade da classe social superior; ser bom aluno não era aceder a um conhecimento universal que transcendia classes sociais, era ser o serviçal da professora, que era uma intrusa, uma espiã dos fifis. Era esta a tragédia de David: via a cultura como uma traição e por isso recusava fazer o transbordo entre o cacilheiro e o *Pequod*; não queria ser o «chico-esperto» que «se julga melhor do que os outros», não queria sair das fileiras do seu pelotão, Beto, Manel, Betoneiras, Johnny, Fred, Americano, Brocas, Julinho, Dentinho, Pipas, Sidoso. Ler um livro era abandoná-los. Passar uma tarde a escrever era uma deserção ainda pior. Passava-se o mesmo com os sonhos profissionais. Dizia que gostava de ser piloto da força aérea, ou cientista, ou escritor de policiais e de ficção científica, mas essa projeção não durava mais do que uns minutos. Pensava que só podia sobreviver, assumia que não podia sonhar. À semelhança de Eduarda, via as classes sociais como espécies animais diferentes, um rafeiro como ele era um animal do esgoto, não podia voar como os fifis. Quando olhava para a educação de Ruço, considerava estrambólica a aliança entre a mãe Augusta e a prima Dulce, duas trabalhadoras, e uma tia de Lisboa, La Salette. Zurrava contra elas, que Augusta e Dulce estavam a ser otárias quando apoiavam o caminho dos estudos, que viviam no mundo da lua, que ele parecia um «betinho» quando falava sem asneiras e calão, quando dizia «estava» e não «tava», «estivesse» e não «tivesse», «hás de» e não «hades», que os outros diziam que ele, Ruço, tinha «mazé a mania».

David no fundo não conseguia associar o seu software culto ao seu hardware social. E repare-se que ele, o Ruço, não era imune a este mal-estar. Teve sempre uma espécie de vergonha por ser inteligente; parte dele também assumia que ser inteligente era o mesmo que ser fraco; essa parte, que crescia ou diminuía consoante a sua confiança, também assumia que ser culto e falar bem era o mesmo que usar o dialeto dos

lisboetas, um sinal de snobeira e não de inteligência. Quando evitava dizer certas palavras como «mijar», «aleijar», «sovaco» ou «porrada», sentia-se snobe, sentia-se a trair qualquer coisa. Foi por causa deste instinto que sentiu como desapropriado que a stora enviasse os seus textos para as secções juvenis dos jornais de Lisboa, era como se não tivesse direito a ser publicado num jornal importante, era como se ter nascido num berço iletrado fosse um defeito e não um mero acaso. O seu bloqueio, no entanto, estava a um nível menos profundo. Se tinha vergonha de mostrar inteligência ao pé dos outros, jamais sentiu esse embaraço na solidão da consciência. Pensava e escrevia com gosto usando as linguagens literárias e eruditas. David não. Mesmo no interior da sua consciência, David sentia o seu génio como uma traição. Era mais do que uma traição social, era um pecado ou, pior ainda, uma fratura neurológica ou biológica. Sentia-se em guerra com a sua própria natureza. Se há homens que entram em conflito com o seu desejo homossexual, tentando anulá-lo através de uma vida heterossexual de mentira ou através do celibato, David estava em guerra com a sua inteligência; tentava anulá-la através de um celibato intelectual: recusava dar livros ao seu cérebro contranatura. Cometia suicídio intelectual para assim preservar a sua identidade social — a rua, o bairro — e a sua identidade masculina — o gajo durão, o bad boy. E daqui nasceram as diferenças em relação a La Salette. A stora foi para Ruço uma libertação; fê-lo sair do armário enquanto miúdo pobre mas inteligente e culto. Para David, La Salette simbolizava uma vida degenerada. O *Dune* lido e anotado era para David tão secreto, tão proibido e tão infame como um vibrador. Quando Ruço falava da stora, a resposta de David era sempre a mesma: «Tou-me a cagar pra velha» ou «Não me enchas os cornos com a puta da velha.» Ele já não era da aldeia, já não era serrano, mas também nunca seria do Janeirinho. Não era da serra, não era do

bairro, não era de Lisboa ou da Grande Lisboa. O que lhe faltava em identidade sobrava-lhe em liberdade, que aproveitou. David, ao invés, estava preso neste sentimento de pertença: nascera ali no bairro, tinha sido forjado pelo bairro, só sabia viver de acordo com as leis de ferro do bairro. Esta identidade que lhe cortava a liberdade e a inteligência tornou-se muito clara no dia em que mostrou a sua máquina do mundo a Ruço.

No regresso a casa depois do jogo, David e Ruço ficam para trás, o resto do grupo segue. Têm os equipamentos todos enlameados, sobretudo ele. Choveu durante o jogo. A seguir aos eucaliptos não seguem em frente para as hortas, viram à direita e sobem até ao Cabeço, passam junto à fábrica do pai e, para lá da tasca do careca, atravessam o regato que agora até parece um rio que se ouve e sente; engrossou com a chuva que não parou durante a tarde. Estão agora na minúscula margem direita do regato, que vira de repente para sul para encontrar a tal ribanceira que ainda não se vê; é preciso atravessar uma fileira de zambujeiros sobreviventes, que funciona como biombo que dá resguardo a quem procura aquele espaço isolado que dá para a ribanceira, talvez meio hectare que permanece intocado e escondido. Naquela escarpa, o regato cai cinquenta ou sessenta metros até ao descampado que mais à frente dá lugar à escola e ao bairro de lata. Alguns troncos têm a palavra «David» desenhada com navalha. Há vestígios de uma casa da árvore e de um baloiço. É o seu pedaço do mundo fora do mundo, um espaço isolado do Cabeço pelo regato e pelos zambujeiros; um espaço cortado do Janeirinho lá em baixo pela própria escarpa; um espaço com uma vista incrível sobre Lisboa. David não diz nada. Será que só quer partilhar o único espaço onde deixa cair a máscara? David abeira-se do

precipício, perfura o amigo com olhos tristes e marejados e fica ali mesmo à beira da escarpa, com a ponta da chuteira para lá do abismo. Ele assusta-se e agarra David pelo braço. David aceita o gesto, não o afasta, quer dizer-lhe alguma coisa, mas não arranja maneira. Ele sabe pelos outros que David acabou com a namorada. Será isso? Quer confessar as saudades que tem dessa rapariga? Ou será que ainda gosta de Maria João e quer que o amigo faça de cupido? Ruço resolve comentar o aspeto de Lisboa, que, vista dali, parece mais geométrica e bela, uma utopia. Fixa-se no Estádio da Luz. Dali até se veem partes do interior da bancada.

— Gosto de vir pa aqui ouvir os golos — diz David. — Se o vento tiver daquele lado, ouves os golos aqui. Parece magia, caralho. É melhor à noite, quando é pa Europa. Tá escuro e ouves o grito de cem mil gajos a vir ter contigo. Quem é que acredita nesta merda?

— Eu acredito.

David aponta para Lisboa e profetiza:

— Ruço, aquela malta nunca vai acreditar! *Eles* nunca vão acreditar naquilo que vais escrever.

David é a primeira pessoa a assumir para lá da dúvida que ele vai ter uma carreira de escrita em Lisboa; e é a primeira vez que o trata pelo nome certo, Ruço. Ele fica sem reação perante o duplo elogio do amigo.

David sai do precipício e vai tentar consertar o baloiço, atando as cordas ao pneu. Continua à procura da coragem para tentar fazer uma confissão qualquer. Este momento de exposição silenciosa não dura muito. Os alarmes internos de David começavam a tocar quando se sentia exposto. É o que acontece aqui. Volta para o precipício e começa a falar da mãe de Ruço num tom erótico, que Augusta é bem boa, pá, que é a morena mais tesuda do bairro inteiro. Ele começa a enervar-se e explode quando David se transforma num eco da aldeia: «O teu pai não

tem mãos pra aquilo.» É a primeira vez que lhe bate. Utiliza aquilo que o próprio David lhe ensinou: esquerda no estômago, direita no queixo. David é maciço, não parece feito de carne mas de mármore. Não cai e responde de imediato: faz-lhe uma chave que o deixa imobilizado. Ou se rende ou ele parte-lhe o braço. Rende-se. Ficam sentados a recuperar o fôlego. De novo, David parece disposto a expressar aquilo que o atormenta, precisa desta excitação e deste conflito para chegar lá perto, mas retrai-se de novo e pergunta por Dália. Não se lembra de que Ruço não a vê há um ano. Pergunta-lhe se gostava dela e se a tinha fodido. Não, não tinham chegado a esse ponto. Pensando que está em terreno amigável, Ruço confessa que tem vergonha na hora de avançar. «Tenho medo de abusar.» David aproveita e dispara, que ele é totó, que só tem de lhes pôr a piça nas mãos que elas até tremem de tesão. Ruço cai num silêncio embaraçado, David percebe o seu incómodo de virgem e ataca de novo: «Ainda não perdeste os três, pois não?» Ele cora, mente, inventa uma peripécia porno para esconder a virgindade. David não acredita e diz que o leva à Francesa. Ruço abana a cabeça: é um «não» envergonhado e convicto ao mesmo tempo. É envergonhado porque é a confirmação da virgindade, mas é convicto porque deixa claro que nunca irá às meninas. Vitorioso, David abana a cabeça e solta uma risada sarcástica.

Descem o Cabeço por um atalho de caniços que vai ter à rede traseira da escola nova. David quer pulá-la.

— Para quê isso, David? É melhor dar a volta!

— És mesmo um conas.

David pula a rede e desaparece no meio dos pavilhões amarelos. Ele ouve ao longe os gritos de aviso e protesto do anafado segurança. Dá a volta à escola, reencontra o caminho das hortas e vai até casa. Quando chega à rua, David está à sua espera, desafiante, sentado na caixa de

eletricidade com os pés a dar a dar. Acabou de vencer uma corrida que só existe na sua cabeça. Esta diabrura é a forma de apagar o rasto da intimidade que partilharam nem há meia hora.

Em sessenta minutos, David era capaz de encarnar diversas personagens. O rapaz que mostrara a sua fragilidade silenciosa no seu refúgio há meia hora era agora o arruaceiro que queria transgredir por transgredir. O miúdo brilhante que discutira música gótica e ficção científica há uma hora era agora o gajo que queria gozar com o segurança da escola que fazia as rondas ao sábado. Portanto, aquilo que os dividia não era só a instrução, também era a educação. O decoro, o respeito pelos avós, pais, professoras, padres, médicos, a deferência pelas regras, enfim, os pilares da educação de Ruço eram vistos por David como um conjunto de idiotices que os desarmava, que os tornava moles e incapazes de enfrentar a dureza da vida que tinham pela frente. Seriam da mitra, da estiva ou da tropa. A boa educação não era a defesa de um valor universal, o respeito, mas uma concessão suicida ao mundo delicado da cidade. Se Ruço até percebia em parte o embaraço pela erudição, já não percebia esta má-criação, que era só uma desculpa para a imposição do capricho e da força bruta. David passava na banca das mercearias e roubava fruta; nos supermercados roubava pilhas ou bolos só porque sim, só para mostrar que não havia regras acima da sua força e inteligência.

David era filho da anarquia, Ruço era filho da pobreza, o que é muito diferente. E ser filho da anarquia é pior do que ser filho da pobreza. A pobreza rural e operária da infância de Ruço podia ser sufocante e demasiado castradora, mas tinha uma noção de respeito por valores acima do ego de cada um: a aldeia, a família, a igreja, o padre, Deus, a

fábrica, a comissão de trabalhadores, o sindicato, o patrão, a comuna da horta. David não tinha nada para respeitar, era um perfeito filho da anarquia. Ao invés, Ruço era filho de um *ethos* austero; recebeu essa educação espartana dos pais e sobretudo da avó Eduarda. O que nos leva a uma suprema ironia que ele nunca foi capaz de descortinar: a sua ascensão social e intelectual deve muito a Eduarda, a grande inimiga do elevador social. Esta educação não lhe permitia usar a expressão «a puta da velha» para descrever La Salette. Respeitava-a e por isso estava sempre disponível para aprender com ela. Ao contrário de David, não achava que ela fosse uma tia de Lisboa a procurar a submissão da plebe; encarava-a como uma tutora.

Três cabeças

OS RAPAZES DA RUA DEIXARAM DE LHE CONFIDENCIAR SEGREDOS quando passaram a respeitá-lo. Como é que isso aconteceu? Quando é que o seu estado químico mudou dentro do grupo? As defesas na baliza e as proezas atléticas não eram suficientes para os convencer. Se para a avó nadar nas lagoas e subir sozinho aos cântaros não chegava porque o que interessava era o labor nas fábricas ou campos, para Júlio ou Beto os voos na baliza não chegavam porque o que interessava era a violência. Esse batismo de fogo ocorreu num torneio lá em cima em Monsanto num rinque improvisado pela câmara.

A área metropolitana estava ali representada por inteiro, desde os colégios da cidade até às escolas dos morros. A diferença era brutal, quase risível. Eles, os fisis da cidade, tinham equipamentos oficiais dos colégios, estavam fardados. A canalha dos morros tinha um sortido de fatos de treino das feiras. Os colegiais tinham o nome e o apelido bordados ou estampados no peito. Os miúdos dos arrabaldes nem nome tinham, *eram* as alcunhas, o Ruço, o Macaco, o Tretas, o Puto. Claro que estas milícias venceram de novo o exército de linha da cidade. A campeã foi uma escola da Ramada, o Janeirinho ficou em terceiro. Ruço, o puto atinado, era agora o capitão. Quando o chamaram ao pódio para receber a medalha da equipa, achou estranho o seu nome civil, aliás, nem deu sinal de vida quando essas sílabas, João Miguel Correia Azul, soaram no altifalante.

— Ruço, és tu! — alguém gritou. — Vai lá receber a medalha.

Após a cerimónia de entrega das medalhas, quando regressa ao grupo com o bronze ao peito, não vê David. Não liga, até que alguém começa a gritar: «Vão fazer a folha ao David!» Vê rapazes a correr na sua direção, estão a olhar para trás com medo; estão a fugir de uma zona que parece um anfiteatro grego. Corre para lá. Dentro da tal ágora, que agora parece uma masmorra, vê o amigo ensanguentado e esfarrapado aos pés de um magote de colegas armados em comandos. Não pensa, reage apenas. É um grupo de dez ou mais, mas ele começa a desbastá-los. Usa a primeira combinação ensinada por David para derrubar o primeiro pino humano: esquerda na barriga, direita no queixo. O rapaz desmaia, o branco dos olhos revirados reluz. Um pouco mais à frente, os três que estão mais próximos viram-se e caminham para ele com a presunção da superioridade numérica. Não sabem contar, coitados. Corre e salta para cima deles; no chão, pontapeia, morde, esmurra — um tumulto desajeitado e pouco profissional, mas eficaz. Levanta-se e pontapeia-os até ver sangue e rendição. Deixa estes três no chão. Vê em frente quatro ou cinco de volta de David, que tenta esconder o rosto encaracolando o corpo como o bicho-de-conta. Aproximam-se mais dois. Agora não corre. Está sereno, consciente da sua superioridade bélica. Já deixou quatro pelo caminho. Com rigor profissional, espera que eles cheguem, deixa-os no chão com uma parálitica e a segunda combinação de pugilista que David lhe ensinou: duas esquerdas no rosto como distração, uma direita explosiva no estômago. Seis estão no chão. É metade do grupo. Os restantes viram-se por fim e ficam assustados: mas de onde veio este ninja loiro? De onde é que veio este fantasma aos caracóis e porque é que já derrubou metade do grupo? Restam cinco ou

seis. Afastam-se para os dois lados, criando um túnel que lhe permite chegar a David. Ele é mais alto do que qualquer um deles e, pela primeira vez, sente o pavor que o seu corpo pode provocar noutras pessoas. Pode aproveitar para continuar a espancar os alvos assustados, mas a habitual candura regressa. Levanta o amigo. David olha-o de uma maneira inesquecível, é um olhar grato e surpreso, um olhar de alívio, claro, mas também de orgulho. Encara-o como se ele fosse um herói e, neste dia, sim, é um semideus. Recompuesto, David quer voltar à luta para acabarem com os que continuam de pé. Ele agarra-o e ordena: «Já chega, David. Deixa-os ir.» Os olhos de David, que há segundos eram de franca gratidão, são agora de desprezo. À sua frente, Ruço vê pessoas apavoradas. Estes miúdos olham para ele como ele olha para o Pernas. Sim, são privilegiados com apelidos pomposos que não consegue pronunciar, Bettencourt?, Goulart?, sim, têm esses apelidos bordados em equipamentos impecáveis de colégio solene, sim, os apelidos e até as roupas deles transpiram soberba e desprezo pela escumalha das barracas dos arrabaldes, sim, é verdade, mas não deixam de ser miúdos aterrorizados. David, ao invés, não vê pessoas, vê uma massa indistinta, um clarão abstrato e espezinável, os betinhos, os queques, os fifis.

Os outros fogem, David desaparece, ele fica ali no alto a olhar lá para baixo para o rio, para a ponte, para o Cristo Rei, para os Janeirinhos que vê da outra banda. Fica a pensar que isto não é uma cidade, é uma cidadela montada como uma muralha para a defesa dos interesses e do olhar delicado dos privilegiados, que mantêm a escumalha nas margens.

David não sabia voltar destas descidas ao mal. Mas quem é que pode julgá-lo? Sobreviver ao Inferno implica um certo nível de violência. Em bairros como o Janeirinho a pergunta não é se vou ser cruel, mas sim

quão cruel preciso ser. Mesmo que seja feita em nome da bondade, a sobrevivência implica um mergulho no sangue. Não se degola Holofernes sem um pouco de crueldade. A questão está na forma como se crava a faca. Cravamos a faca com prazer sádico, demonstrando satisfação? Ou cravamos a faca por dever, demonstrando *secura* e até algum pesar? É difícil, senão impossível, encontrar aqui o equilíbrio certo, o equilíbrio do cão pastor. Como é que se treina um cão pastor sem deixar que ele regresse à condição de lobo, o excesso selvagem, mas sem fazer dele um inútil caniche, o excesso de domesticação? No fundo, como é que se forja a decência, que é a versão inteligente e armada da bondade, uma bondade consciente da imperfeição do mundo, uma bondade que sabe que é imperioso mergulhar no sangue para assegurar a sua defesa? Como é que se mede esse mergulho? Se descemos sem parar, se a apneia vai demasiado fundo, corremos o risco de ficar lá; a fera vicia, desenvolvemos as guelras da crueldade, tornamo-nos numa cria do leviatã. O poder que o corpo de Ruço emanou neste dia tinha tudo para ser uma droga viciante: aqueles rapazes recuaram pé ante pé à sua passagem; sentiam uma radiação a sair do seu corpo. É preciso uma certa força mental para resistir a este encanto negro e voltar à superfície. E, neste esforço, uma dose de medo é necessária. A liga metálica da decência precisa do medo da mesma forma que o ferro precisa de carbono para ser aço. Ruço tinha esse medo, David não. David parecia ser imune ao medo, o que o tornava imune ao cálculo da decência.

O minuto de heroísmo de Ruço ecoou durante anos e anos na rua e no bairro. O seu dorsal foi erguido bem alto: «O Ruço» era agora uma alcunha exclusiva, só ele tinha o privilégio de ser «O Ruço», os outros ruços do passado, presente e futuro desapareceram. Era um herói, ainda

por cima um herói da guerra entre *nós* e *eles*. O próprio David foi o cronista e divulgador da lenda. Contou-a dezenas de vezes no ponto de encontro da rua, a caixa de eletricidade.

Após aquele heroísmo de sessenta segundos, ele deixou de ser a conta secreta onde os rapazes da rua depositavam as suas indulgências; afinal não era um fraco, logo, não podia ser o confessor. Ruço ganhou, porém, outra coisa: acesso total ao David. Passaram a estar sozinhos em casa. Assim que Augusta saía de carro para fazer a sua volta pelas clientes, lojas, cabeleireiro e farmácia, chamava David. Ela não gostava que eles estivessem juntos: Augusta execrava David, tratava-o por «gandulo»; na resposta, David erotizava-a. O seu incómodo, porém, não vinha deste fogo cruzado. Quando estavam lado a lado, eram ainda mais evidentes as parecenças entre Augusta e David. David é que parecia ser filho de Augusta no feitio, até no olhar que fulminava. Tinham o mesmo olhar beligerante; os olhos deles não eram portas de entrada para duas consciências, eram as portinholas dos canhões da mesma nau; tinha a impressão de que a mãe e o amigo eram a mesma entidade que o olhava a partir de quatro olhos.

Dois rapazes sozinhos em casa era uma violação grosseira do código. Não era só a sombra da homossexualidade e das inevitáveis piadolas dos outros: «Então, David, agora também pegas de empurrão, é?» Era algo mais profundo e amargo: os outros não suportavam a intimidade necessária para uma conversa a dois, fosse essa conversa sobre um livro ou sobre um sentimento. As conversas só podiam ser grupais, com três ou mais indivíduos. Desafiando esse código, David sentava-se sempre na velha cadeira azul e vermelha: virava-a ao contrário, sentava-se abrindo as pernas e apoiando os cotovelos no respaldo. Ouviam as bandas góticas, dissecavam as letras como se fossem poemas de um livro, viam filmes, partilhavam histórias de namoradas, David dava-lhe conselhos de

galã para superar o nervosismo da primeira vez; garantia-lhe ainda que tentava ensinar coisas da escola à irmã, queria que ela estudasse. Ou seja, projetava na irmã a vida intelectual que ele próprio deveria ter tido. Falava-lhe dos jornais que a avó trazia quando vinha da igreja. Ele não conteve o espanto na primeira vez que David mencionou o hábito dos jornais:

— Tu lês jornais?

— Leio — foi a resposta envergonhada; era como se estivesse a confessar um pecado. — Tu não lês?

— Não, David! Mas lês como?

— A minha avó traz todos os dias quando vem da missa. Lá em cima, em Viana, ela lia sempre o jornal ao meu avô, que era analfabeto. Eu lia-lhe o jornal nas férias, jornais do Norte, carago, o *Comércio do Porto* ou o *Jornal de Notícias*, e também lhe passava a limpo poemas que ele tinha na cabeça. Vê só: o gajo fazia os poemas na cabeça, decorava-os, dez de cada vez ou assim, chamava-me quando eu estava lá de férias, e, pum!, deitava aquilo cá pa fora; ainda enchi um caderno com os poemas do velho, acreditas nesta merda? — A prosápia em relação ao intelecto do avô demonstrava um raro, senão único, apego emocional. Foi a única vez que Ruço sentiu afeto genuíno do amigo por alguém, o avô Arménio, açoriano que a maré levou até ao porto de Viana. É por isso que David usava calão açoriano, que, na opinião de Lucas, era o melhor do país: fífis (betos), rafeiros (chungas), ilhó (cu).

David continuou a explicação.

— A velha ficou com esse hábito. Lê o jornal todo de uma ponta à outra. Até a página dos mortos. Eu vou lendo.

— Todos os dias?

— Mais ou menos, sim. Gosto da parte dos livros, discos, filmes e das notícias de ciência, tás a ver?, e do crime também. — Fez uma

pausa; terá sido a única vez na vida que reconheceu este gosto. — Ela também lhe lia a Bíblia. Quando a velha não podia, era eu quem lia a Bíblia ao vô Arménio.

— Tu lêes a Bíblia, David? — Um mistério permanente e com fascículo novo a cada semana, era assim David.

— Lia. — David usou o passado; mentiu. Arrependeu-se e assumiu o hábito. — Pá, sim, leio a Bíblia. Gosto das histórias do Antigo Testamento, guerras, invasões, massacres e o caralho. Gosto do estilo Sansão e Dalila, tás a ver ou não?

— Não, não estou a ver. Não gosto, nem quando tinha de ir à catequese. Fiquei cá com um pó à igreja que nem te digo nada por causa da minha avó Eduarda. Se ela é a igreja, pá, eu não quero ser a igreja, percebes? Os meus cotas também são desligados. Na aldeia iam por ir, o meu velho nem entrava. Desde que aqui estamos, acho que nem uma vez foram à missa, nem uma. Nem se lembram. A Judite bem que tenta, mas nós não vamos nessa.

— Ouve: não sinto falta da puta da missa, nem aqui na Póvoa nem lá em cima em Viana, mas tenho saudades do meu avô Arménio, ainda morou aqui ca gente antes de quinar.

David comoveu-se e, por fim, chorou. Tinha evidentes saudades deste avô que fora em tempos a sua âncora. Se tivesse este avô Arménio à sua ilharga como ele tinha Judite, a vida de David teria sido diferente?

Um homem forte a quebrar é uma visão tremenda. Ver o colapso do pai aquando do relógio roubado incomodou-o mas não o surpreendeu. Romão era um homem forte mas terno, de uma ternura suscetível de quebrar. David parecia indestrutível, mas afinal esta bota da tropa ainda tinha lá dentro uma peúga de menino. Vê-lo de rastos impressionou-o, entristeceu-o, mas também lhe deu um certo conforto. O grande David chorava como ele. Era fraco como ele. Pensou em feri-lo de morte,

parodiá-lo, insultá-lo, decepar a cabeça da sua *persona* e mostrá-la na rua e no bairro, tal como David lhe fizera meia dúzia de vezes. Teve vontade de desafiá-lo e reclamar o trono da rua como o príncipe bastardo que, pressentindo o sangue do herdeiro legítimo, monta o golpe; como o jovem lobo que pressente a gangrena na pata do velho lobo. Manteve, todavia, a paz.

A fragilidade de David exposta sem defesas à sua frente foi a gestação de algo novo: a confissão. Foi a partir desta altura que começou a organizar a sua intimidade em conversa com outro ser humano. Foi com este novo e frágil David que começou a compreender-se, tornando-se uno e indiviso. Até àquele momento ele tinha sido uma torre de babel, a fragmentação em pessoa, uma balbúrdia polifónica, era o filho de Augusta, o «neto» de Judite, o aprendiz de Américo, o neto de Eduarda, o aluno de La Salette, o primo de Dulce, o filho de Romão, o sobrinho de Isaiás e Jacinta, o menino da serra, o fedelho do Janeirinho. Tinha várias existências sem comunicação entre si. Ao confessar-se com David, passou a ser uma unidade. David foi o seu Pentecostes. Aliás, foi a partir daqui que os seus diários escritos começam a fazer flashbacks que explicam parte dos diários gráficos; é como se os diários gráficos do passado fossem dezenas de ribeiros visuais em direção a este Amazonas escrito e, por vezes, vemos a letra de David a editar o texto. Ele dava os textos originais para que o amigo rasurasse e reescrevesse por cima. Quer isto dizer que confiava a cem por cento em David? Não sabemos, estamos a falar do ardiloso Lucas Andrade. Será que ele estava mesmo a confessar o que sentia de verdade ou queria apenas assimilar as técnicas de escrita do amigo que considerava superior? Estes diários são mesmo diários ou são textos ficcionais? A dúvida é legítima porque há coisas que não batem certo. Escreve, por exemplo, que era distante de Mariana, irmã de leite, e do pastor Américo. Será que teve vergonha de dizer a

David que passava dias inteiros sozinho com um homem no meio dos montes? Será que teve receio da inevitável piada sexual? É por isso que os diários dele são um tesouro armadilhado que nos pode conduzir no sentido errado; cada página é uma bomba que, para ser usada em segurança, tem de ser desarmadilhada. Mas muitas explodem, ficando sem uso e deixando o biógrafo confundido.

Para reforçar este ponto, é preciso dizer que, em relação à vida no bairro, a confissão tinha muitos limites: só lhe falava dos namoros e dos momentos em que foi o agressor e não a vítima, ou seja, confessava culpa e não dor. Nunca lhe falou do medo que continuava a sentir só por estar ali a viver no bairro. Nunca chegou sequer perto *daquilo* da cave da escola, que seria a definitiva morte social. O sofrimento permaneceu inconfessável nesta amizade. Tal como o amor e a bondade. Se amasse uma rapariga nesta altura, não teria revelado essa paixão a David. Também foi por isso que a sua relação com Judite permaneceu escondida. David foi só uma única vez à horta, na única semana em que a cronologia histórica e portuguesa furou o escudo ahistórico do *kibutz* de Judite: a semana do caso das três cabeças cortadas. Durante aqueles dias, a ribeira e o Trancão foram o centro da agenda noticiosa do país. Lisboa só olhava para os morros quando a violência subia até ao nível psicopata; abaixo desse patamar cinematográfico, eles não existiam. Alguém decepara as cabeças de três polícias de Sacavém no alto do cerro do aeroporto, num silvado na encosta de Unhos; o assassino abandonou os corpos na mata da prostituição da Apelação, desceu o cerro e, na ponte de Frielas, atirou as cabeças à ribeira. Para resolver o puzzle macabro, o aparato do Estado de direito foi até à ribeira: um inspetor que parecia saído de um policial antigo, colete, bigode aparado, careca luzidia, porte oitocentista; mergulhadores, barcos de borracha com holofotes, polícias e jornalistas questionando os locais como Judite,

que ficou apavorada não com o horror mas com a possibilidade de tanta atenção despertar a curiosidade da câmara municipal: a horta e a casa eram clandestinas. David dormiu ali na noite do sábado desta semana. Estavam dentro de um policial e passaram a noite a espiar a polícia e a conjeturar hipóteses. Quem cortara as cabeças? O Pernas? O Ouriço? O soldado da Francesa que matou o Maneta? O Fanã? A Francesa? O Fininho, o pastor talhante que cortava orelhas humanas? Três cabeças decepadas deram-lhes o dia mais feliz desta amizade.

O monólito e o desmanche

TENDO COMO BANDA SONORA OS FILMES DE FICÇÃO CIENTÍFICA que passavam no vídeo ou as bandas góticas que tocavam na aparelhagem, as conversas entre os dois tinham três camadas, solo, subsolo e rocha-mãe, uma fundura que os outros consideravam feminina. E ele, de facto, só conhecia este nível de intimidade junto das tias e de Judite. A profundidade a que chegavam dependia da quantidade de haxixe que David fumava à janela para que o cheiro não ficasse à mercê das narinas policiais de Augusta. A intimidade entre mulheres era natural, a intimidade entre homens tinha de ser escavada com álcool e droga.

A primeira camada, o solo, era intelectual. Ele nunca compreendeu porquê, mas a verdade é que David já não se sentia embaraçado se discutissem filmes em vez de livros. Viram, reviram e discutiram os clássicos de ficção científica, que eram versões espaciais da literatura náutica, naves no lugar dos navios. Claro que viram o *Dune* inúmeras vezes, era um separador: entre dois filmes novos tinham de rever o *Dune*. A plasticidade da ficção científica era o seu ponto de encontro, embora existisse uma grande diferença. Ele fascinava-se com a plasticidade do tempo. Há muito que sentia que o mundo dos mortos comunica com o mundo dos vivos por canais e túneis clandestinos. Só que tinha vergonha de falar deste tema. Sentia-se infantil, místico e atrasado, como se estivesse numa lenda rural de Américo. Para compensar, explorava a plasticidade do tempo assumida pelos filmes de

Tarkovski, Cameron, Kubrick. O *2001* foi o filme que mais vezes viram depois do *Dune*. Diziam a brincar que o monólito negro parecia a caixa de eletricidade que usavam como banco na rua — pintaram-na de preto com uma lata roubada nas obras. Ele vivia fascinado com a ideia de que o tempo pode ser uma dimensão física, espacial, palpável, um século pode ser um pedaço de cerejeira nas mãos de um carpinteiro celestial cujo poder nos transcende; um sonho durante uma noite pode conter uma vida ou até séculos de civilização; uma viagem espacial de um ano pelas estrelas pode representar uma vida na Terra. Quando falava assim do tempo, sentia-se erudito e científico. Mas David não estava para isso; a sua obsessão era outra: a plasticidade do corpo, da carne humana, de qualquer carne, diga-se, que via nos mundos desfigurados de Lynch, Cronenberg, Verhoeven, Scott. No *Dune*, por exemplo, delirava com as deformações e mutações provocadas pela especiaria melange, a substância que é ao mesmo tempo cocaína e combustível; adorava as cenas em que o médico Harkonnen confessa a sua predileção pelas pústulas e furúnculos do barão. Noutros filmes, o gore deixava-o num êxtase, saltava da cadeira e plantava-se a um palmo do ecrã para ver corpos bizarros ou destruídos. Aquela cabeça faiscava com o imaginário animalesco da fusão entre espécies ou com o cenário cyborg de fusão entre carne e metal ou com um futuro em que a humanidade conseguiria produzir clones perfeitos ou réplicas robóticas idênticas ao homem. A destruição apocalíptica da carne ou a criação desta nova carne robótica, qual novo génesis, era a sua paixão. Não tinha travões morais, via na carne uma argamassa à mercê da criação artística e tecnológica. Andava sempre com bandas desenhadas gore com vampiros e monstros a violar e a mutilar mulheres, com cirurgiões plásticos demoníacos que enxertavam as mamas de uma mulher no peito de outra para depois as sodomizarem com pénis envoltos em picos. Esta plasticidade negra da

carne, de resto, começava a ser visível no seu próprio corpo. Às velhas cicatrizes provocadas pelas naifadas das ruas, foi juntando brincos e tatuagens à presidiário. Esta estética negra inquietava Ruço: «Para quê isso, man?», perguntava ele quando via David a devorar aquele porno gore. «Não me ouves, David? Não tens de ler esse lixo, pá, e fazer isso nos braços para seres diferente, man, tu já és diferente.» David não ligava e fazia mais uma tatuagem, punha mais um brinco. Parecia o arpoador pagão de *Moby Dick*, Queequeg.

A segunda camada das conversas, o subsolo, era mais uma atividade do que uma conversa. Ele era *de jure* um cidadão português, mas vivia em Caladan, planeta aquático e pátria de Paul Atreides, ou em Nantucket, esse ducado açoriano em solo americano, ou nos sonhos de Chirico. A geografia que o rodeava, a Grande Lisboa, não tinha uma dimensão real. Sabia de cor o mapa de Arrakis, mas não conhecia ao vivo os sítios da área metropolitana de Lisboa. A sua visão da Grande Lisboa era onírica, fruto das tardes passadas no telhado da fábrica. Conhecia as rotas dos navios baleeiros do século XIX, mas não sabia ir de autocarro até ao centro de Lisboa. Queluz ou Oeiras é que eram terras exóticas e não Arrakeen ou Giedi Prime. Isto mudou com David. Passou a acompanhar o amigo nas expedições de bicicleta até ao aeroporto, até às fábricas junto ao Tejo, até ao início do Aqueduto em Belas. David conhecia os caminhos clandestinos do Fininho, o pastor que disparava sobre eles chumbinhos de pressão de ar quando David, na traquinice, lhe espantava o rebanho com a buzina da bicicleta ou com um tiro de pistola de alarme que trazia de propósito para este efeito.

Vencendo a sua resistência, David levou-o ainda a Lisboa duas ou três vezes, à bola e ao cinema. As pessoas em São Jerónimo diziam que os Correia Azul moravam em Lisboa. Nada podia estar mais longe da verdade. Antes da muralha mental e social que os separava dos lisboetas,

havia uma muralha física: toda a Lisboa Norte, Benfica, Lumiar, Telheiras, era um cordão de segurança que protegia o coração da cidade dos arredores. A Lisboa das Avenidas Novas da stora La Salette continuava a ser uma entidade abstrata. A Segunda Circular era mesmo uma trincheira de areia negra, que só ultrapassou uma ou duas vezes antes da faculdade. Contado não se acredita.

Ir ao Estádio da Luz ou ao Monumental um par de vezes não fazia dele um lisboeta, mas, graças a David, Lisboa já existia na sua cabeça para lá do mito. O mesmo se passava com o bairro. Antes de David, a geografia física e humana do bairro ficava numa alegoria que flutuava acima da história real. Depois de David, os sítios, os acontecimentos e as personagens passaram a ser mediados, conversados no imediato e no concreto, não subiam às neblinas. Por exemplo, quando o Johnny defenestrou a mãe, ele falou logo do caso com David, não permitiu que este assassínio se transformasse num espectro como os assaltos, como o rapazote do chicote, como a ratazana e o pombo, como a vizinha de cima, como a crueldade do tio Diamantino, como as miúdas do café, como o Pernas e *aquilo* na cave da escola, como o próprio David que foi durante muito tempo o gnomo dos olhos verdes. E, ao falar dos outros, também falava de si.

— Já viste, man? O Johnny? Parecia que não partia um prato, e catrapum, a mulher ali esborrachada no beco. Se fosse o Dentinho a fazer mal ao pai ainda vá, agora o Johnny?

— Nunca se sabe.

Pensa muito antes de avançar.

— Sabes, nunca pensei em fazer aquilo, até porque uma queda da minha varanda não é uma grande queda — tenta rir, sem sucesso. —

Mas a verdade é que já pensei em fazer mal à minha mãe.

David desata a rir:

— Tu? O coninhas? O menino exemplar? — Este é o exemplo, talvez o exemplo máximo, das conversas do terceiro e último nível desta amizade, a rocha matriz das confissões relativas aos momentos em que são agressores. Os momentos em que são vítimas não existem.

— Meu, deixas-me falar? Ou achas que é fácil? Lembras-te da Dulce, certo?

— É bem boa a tua prima. — David é incapaz de dar descanso à brejeirice porno; sempre que pode, tenta destruir as conversas com estes apartes de cabaré.

— Queres ouvir ou não? Há dias na horta fui com a Judite apanhar alfaces, acho, lá ao fundo ao pé da ribeira. O meu velho e alguns tios tinham ido à caça, outros fingiam que não estavam a ouvir.

David franze o olhar:

— Ouvir o quê?

— Espera. Quando voltámos ao casão, elas todas, as minhas tias e até a minha mãe, a minha mãe!, que nunca aparece!, estavam todas de roda da Dulce a bater-lhe, tinham chinelos, cintos, sapatos, paus, vassouras, chamavam-lhe puta.

David volta à paródia:

— Pára aí, puto. Achas que essa cena só aconteceu com a tua prima? Deixa-me adivinhar? Emprenhou e queria tirá-lo fora? — Encolhe os ombros a rir.

— Sim, mas espera, deixa-me acabar. E queres parar de rir, man? Ouve! Ouve-me! Não faças como toda a gente, está calado trinta segundos e ouve-me. Quando entramos no casão, a Judite dá um berro, mas elas não param. Eu não me fiquei.

— Foste aos cornos às tuas tias? — Esboça um sorriso maldoso; David adora violência, seja ela qual for, quanto mais escabrosa melhor.

— Não foi bem bater, foi mais afastar, tás a ver?, uma a uma, puxei-as, empurrei-as. Man, até voavam. Só ouvia a Judite a gritar: «Calma, filho, calma!» Quando cheguei à minha mãe...

A fluidez do discurso trava aqui, os gestos, a cabeça e a boca começam a retirar para o sepulcro habitual. David intervém, deixa o tom de desvalorização satírica que manteve até aqui e coloca um timbre de ferro na voz, como se não fosse amigo mas sim psiquiatra:

— Continua.

Ele respira fundo e continua:

— Pá, quando chego à minha mãe — respira fundo de novo e fecha os olhos —, pego-lhe no colarinho da camisa e atiro-a contra a esquina da lareira. Foi só um segundo, tás a ver?, foi só um segundo ou nem isso, mas quando a atiro eu quero que a cabeça dela acerte no bico da lareira, naquele parapeito a meia altura onde se pousam as chaves. — Cala-se para controlar a voz; retoma segundos depois. — Ela saiu disparada. Man, ela é uma pena, mas não bateu lá com a cabeça, nem por sombras, ninguém percebeu, não pareceu diferente do que fiz às outras. — Olha para o chão, passa a mão pelos caracóis, um tique que o acalma. — Mas a verdade é que atirei as minhas tias ao calhas para onde estavam viradas; com a minha mãe não, atirei-a para... para aquele sítio. Se calhar o Johnny também só sentiu aquilo durante um segundo, mas teve azar no sítio onde sentiu esse segundo: a janela do terceiro andar. Tás a perceber?

Como em tantas outras ocasiões, anotou esta conversa nos diários. Dava tanta importância à inteligência de David que parecia que as coisas funcionavam da seguinte forma: assim que David saía, ele ia para a secretária fazer a ata da conversa para não perder pitada do que

considerava ser o génio superior do amigo. David não era um rapaz, era um oráculo. De resto, a sua memória prodigiosa permitia-lhe fazer isto com quase toda a gente; os seus diários estão cheios de descrições ao pormenor de cenas ou conversas, era um gravador humano. Além disso, recolhia pequenos papéis relativos a cada momento, guardanapos rabiscados, capas de discos, atas, pacotes de açúcar de café, ementas, cartas recebidas ou por enviar, que deixava dentro dos diários como folhas e pétalas a secar.

Ele anotou esta conversa, sim. Mas aqui é preciso ter a clareza moral que ele não teve no que deixou escrito. Esta hora do lobo teve só um segundo, sim, mas não foi um pensamento, foi mesmo uma ação. Ele tentou mesmo atirar a cabeça da mãe à esquina da lareira. Não tem defesa possível ou atenuantes.

Com ou sem defesa, ele lá continuou a contar a David a história do dia que mudou para sempre a sua relação com a família:

— Quando os meus tios tentam reagir, man, não deixo, grito: «Saíam da frente! Ninguém toca na Dulce!» Agarro-a pelo braço, levanto-a e levo-a até ao carro dela. — Percebe pela primeira vez que já mete medo a um adulto, os tios não se afastam como os betinhos do colégio, mas não avançam, Diamantino tem um atizador na mão, agita-o no ar, mas não avança. — Entramos no carro, eu e a Dulce, ela conduz a chorar até à velha do desmanche, a sorte é que nem um minuto é, a velha também mora numa casa na ribeira, um bocadinho mais à frente, quase no campo do Fred, estás a ver ou não?, man!, assim que a velha abre a porta, pá, que pivete a lixívia que vem do chão e a desinfetante, éter ou lá o que é aquilo, e a gaja armada em parva pergunta logo se eu não sou muito novo para andar metido nestas merdas, pá!, digo que não sou o pai, que a Dulce, que já não consegue falar tal é a camada de nervos, é minha prima, que está tudo combinado, só nos atrasámos um bocado.

Com uma cara de cabra que nem te conto, a velha lá nos leva para um quarto que parece mesmo um quarto de hospital, estás a ver?; põe umas luvas azuis transparentes e dá ordens à Dulce: «Despe-te! Deita-te na marquesa! Põe as pernas nestes apoios!», também quer prender-lhe as mãos em duas correias, eu aqui não deixo, digo que não, que fico com ela, que lhe seguro as mãos. Sabes o que ela diz? «Esta é nova: um papá que quer ajudar na merda que fez!» Pá, que vontade de lhe ir à tromba!, e, pronto, a gaja lá começa aquilo.

Faz uma pausa; está espantado e feliz ao mesmo tempo com esta novidade, ter alguém com quem desabafar. Continua:

— Seguro as mãos da Dulce, e depois o corpo todo, ela treme por todo o lado enquanto a outra raspa. — Faz o gesto da raspagem com um esgar de repulsa. — Aqueles tremores todos passam para mim, como se eu fosse um amortecedor, acreditas que ainda os sinto agora?

Faz nova pausa para medir o que acabou de dizer; não quer acreditar que passou por isto.

— Passado um bocado, começo a ficar aflito, começo a perder a força, tás a ver?, não sei se consigo segurá-la muito mais, pergunto à velha se não lhe pode dar nada para as dores, a gaja responde que já deu, que não pode dar mais, é aguentar, a Dulce lá acaba por desmaiar, foi remédio santo. — Respira. — A boiar dentro de um saco de plástico cheio de sangue meio branco, tás a ver?, vejo aquilo, é do tamanho de um pássaro. A velha começa a ralhar comigo, vê só a lata!, que é preciso vir mais cedo, que aquilo já tinha quatro ou cinco meses, que àquilo só tinha faltado gemer quando o puxou para fora, que cabra!, peço-lhe para esconder aquilo antes que a Dulce acorde, diz que já trata do assunto, que já atira aquilo à ribeira.

Pára de falar, ainda não consegue verbalizar o nojo que sente, o sangue do seu sangue está a ser sugado por sapos, girinos, cobras,

moscas e pássaros da sua ribeira. O horror está a infetar para sempre o seu *kibutz*, o que restava da sua inocência. Recupera o fôlego e continua perante um David silencioso e atento.

— A gaja pede-me dinheiro, dinheiro?, a Dulce ainda não acordou, procuro na carteira dela e encontro um envelope, a velha tira-me o envelope das mãos e desaparece, leva o saco que vai despejar na ribeira. Man, sei que te vais rir, mas chorei quando percebi que a minha ribeira é usada para isto.

— Não, não me vou rir, puto. Só estou aqui a pensar numa merda: o teu pai sabe? Sabe que fizeste aquilo às tuas tias e à tua mãe?

— Não. O meu pai não vai descobrir. A minha mãe não lhe contou, nunca vai contar; ninguém se vai chibar. Nem as minhas tias, nem os meus tios, muito menos a Judite. Não se vai falar disto. É como se não tivesse acontecido. Mas aconteceu, não é? As minhas tias já não confiam em mim. Antes falavam na boa ao pé aqui do Rucinho; agora népia, quando querem falar com a Judite, chamam-na à parte. E os meus tios, man, deixaram de me gozar, olham com olhos de mau, tás a ver?, assim à distância, às vezes até penso que vai dar molho, mas não dá nada. Calam-se, ainda bem, já não me lixam o juízo. Mas sabes o que é mais estranho? A minha mãe ficou mais apegada a mim. Não sei porquê.

— O gajedo gosta de apanhar, puto.

— Ouve: pára lá com isso. Podemos falar a sério?

— Eu tou a falar a sério.

— O que é que eu vou fazer contigo?

David vira a cadeira e senta-se de maneira convencional, cruza as pernas, sinais de normalidade e de alguma sinceridade no que vai dizer:

— Puto, a tua mãe está mais mansa, pá, porque mostraste que afinal não és o maricas que eles diziam que eras. Olha lá, eu também pensava que eras um coninhas do caralho, não é?

Riem-se. A seguir, Ruço tenta outra hipótese para o mistério que é Augusta.

— Não, não acho que é isso. Ela tem é vergonha de ter estado ao lado das cunhadas a bater na Dulce, não foi diferente das cunhadas parolas, bateu numa rapariga só porque anda a foder.

David coloca uma pose de visconde e brinca num sotaque queque:

— O menino disse *foder*? Podem parar as máquinas.

Riem-se às gargalhadas.

O certo é que Augusta era mesmo um mistério. Passou a ser mais terna e atenta com o filho logo após o momento em que ele foi agressivo como nunca com ela. Foi preciso aquele segundo em que ele a tentou matar em segredo para que ela passasse mais tempo na horta, para que perguntasse mais vezes como é que ele se sentia; até lhe tocou algumas vezes, um afago nos caracóis, um abraço furtivo aqui e ali.

Se tivesse nascido noutro meio, David teria sido um formidável psiquiatra; dirigiu esta conversa com graça e precisão, ouviu tudo e no final não fez juízos de valor. Perguntou apenas se ele já tinha pensado de novo em fazer aquilo à mãe. Não, não tinha voltado a sentir aquele momento matricida. David refez a questão e perguntou se ele tinha sonhos estranhos sobre a morte da mãe. Ele disse que não. Mentiu. Ele sonhava com a mãe a morrer de várias maneiras. Se na infância desenhou muitas mortes da avó Eduarda, agora na adolescência arquivou os sonhos da mãe morta: Augusta de cabeça aberta junto à lareira e assassinada pelo próprio filho, Augusta atirando-se da ponte, Augusta atropelada, Augusta afogada na ribeira.

O degelo de Dante

SE TIVESSE TIDO A CORAGEM PARA CONTAR A DAVID os sonhos da mãe morta, talvez tivesse encontrado a salvação a tempo, talvez. O problema é que a intimidade era aqui um país pequeno, a rua invadia este espaço íntimo partilhado pelos dois; esta amizade era uma casa com demasiadas janelas, era demasiado transparente em relação à rua, sempre a rua, essa *alma mater* que pensava por eles. Além do futebol, esta loba, a rua, impunha aos seus lobatos três grandes divertimentos: a guerra dos canudos, os corredores humanos e as festas das garagens. Ruço falhou nos três.

Aproveitando as hortas do descampado entre a rua e os eucaliptos, o bando andava sempre nas campanhas dos canudos. O que eram estas guerras dos canudos? Tratava-se de uma imitação urbana das guerras dos indígenas da Amazónia. Qual era a arma dos índios? Uma cana oca onde era colocado um dardo venenoso que depois era soprado na direção do alvo. Pois muito bem: as canas de David e companhia eram os restos dos canos brancos de PVC que ficavam esquecidos nos estaleiros das obras. Os dardos eram folhas de revistas cor-de-rosa enroladas em forma de cartuchos bicudos que entravam nos canos como se fossem balas; depois sopravam os cartuchos uns contra os outros. Ele só jogou uma vez. Foi numa tarde em que o Benfica conseguiu uma rara vitória no Porto por 2-1; lembrava-se de estar a brincar às guerras nas hortas e a ouvir o relato que vinha dos carros que os pais de família

estavam a limpar nas garagens. Fez equipa com Beto, que tinha este hábito: colocar um alfinete ou uma agulha na ponta de cada cartucho. Fez-lhe a pergunta retórica óbvia: «Man, estás maluco? Não vês que ainda furas a vista a alguém?» Beto olhou para ele como se não tivesse percebido a pergunta, como se fosse incapaz de fazer um cálculo moral. A empatia é uma emoção que requer uma espécie de teoria da mente: o *homo sapiens* número um tem de assumir à partida que o *homo sapiens* número dois também tem uma mente, isto é, uma caixa de ressonância de emoções, sensibilidades, sentimentos, valores. Beto desafiava esta teoria. Volta e meia, claro que alguém do bairro ia parar ao hospital com um olho ferido. Mas isso não os afastava do jogo, só aumentava a adrenalina e as medalhas invisíveis que carregavam ao peito. Eram pilotos de corrida à espera da chicane mortal. Beta já injetava heroína com seringas. Eles injetavam adrenalina com estes jogos. A adrenalina era o seu sistema de valores. Ruço só jogou neste dia. Não quis pactuar com o absurdo.

Sair do jogo pela desistência e inação não é, contudo, o mesmo que acabar com o jogo através de uma ação. Mas como é que ele podia mudar a moral da canalha?

A equipa de futebol da rua era formada pelos mais fortes, que castigavam os mais fracos em sucessivos rituais de vexação. Formavam corredores por onde os mais frágeis, o Chaladinho, o Caixa d'Óculos e o Pote, eram forçados a passar. Ele só passou uma vez neste corredor logo no primeiro verão. Estes três rapazes passaram dezenas de vezes cada um. Já estavam destruídos. Ao longe, pareciam drogados ressacados: caminhavam pé ante pé, braços colados ao corpo, cabeça em baixo; cabisbaixos, apanhavam pancada sem reclamar. Ele não tinha coragem para desfazer o corredor. Não participava, não batia, mas era uma peça silenciosa e cúmplice entre os carrascos e as vítimas. Era a minoria

silenciosa, uma minoria de um, um só. Ser o Ruço e não o Saloio ou Serrano implicava secar a indignação. Deixou-se corromper, porque permanecer irreduzível na decência era o mesmo que perder todos os dias. Não, não tinha a coragem da mãe. Augusta esteve sempre em guerra civil com os códigos de São Jerónimo, recusou sempre normalizar e aceitar a moral aldeã que humilhava as mulheres e os filhos dos pobres, nunca aceitou o intolerável como normal, nunca se adaptou e também por isso Romão pressentia que ela não aguentaria muito mais tempo. Ele aguentou tudo o que o bairro lhe atirou, morar debaixo do chão e viver debaixo do medo, porque aceitou o horror como a nova e fleumática normalidade. Só se revoltou mais tarde, já adulto, já a partir do estatuto confortável de jornalista lisboeta. Aqui e agora, aos doze ou treze anos, se tivesse mostrado no bairro a coragem que a mãe mostrara na serra, não teria durado um ano, tê-lo-iam quebrado física e mentalmente, como aconteceu com Zé (o Chaladinho) e Rui (o Caixa d'Óculos), miúdos bons, incapazes de qualquer agressão ou cedência. Só que o resultado dessa pureza foi a sua aniquilação enquanto seres humanos.

Se o Chaladinho e o Caixa d'Óculos evitavam o contacto com o bando, o terceiro elo mais fraco, o Pote, desejava esse contacto. Era uma criatura agónica. Chamava-se Filipe. Ele só mais tarde percebeu porque é que o Pote sorria a quem lhe batia: antes ser humilhado por alguém do que estar sozinho; era existir assim ou não existir. Se o tio Diamantino só sabia tocar nas outras pessoas através da maldade que praticava, Filipe só sabia ser tocado pela maldade que sofria, como o cão espancado que lambe o dono; só conhecia a humilhação como forma de interação humana. Era filho único, a mãe vivia enterrada no sofá, o pai era deficiente das forças armadas, uma bala angolana levava-lhe uma porção do cérebro. Era isso que balbuciava à janela, babando-se, «bala

turra, bala turra». Filipe não suportava o silêncio demencial daquela casa, precisava de contacto humano, fosse ele qual fosse. Só queria fazer parte da equipa. Ia à baliza quando estavam a ganhar por muitos. Ele saía da baliza e emprestava-lhe as luvas. O Pote, submisso, dizia: «Não as estrago, Ruço, não as estrago, prometo.» Na rua, nos tais corredores humanos, com a utopia azul de Lisboa lá em baixo, o grupo rodeava-o: não se percebia se era violência sobre um rapaz fraco ou um abuso coletivo sobre uma carne obesa que, com a devida imaginação, poderia ter textura de fêmea. Até Manel, o honesto Manel, participava na tortura. Manel, o bom Manel, acreditava que estava a ensiná-lo a ser homenzinho, batia-lhe enquanto dizia: «Acorda pa vida, Pote.» O bom Manel era como os homens lá de cima da tasca: estava errado, mas era honesto. Já David batia porque gostava. Se para Manel esta violência era uma ética, para David era uma estética. David, o seu melhor amigo, fazia da violência uma escultura em movimento, dobrava e pontapeava o corpo do Pote como se estivesse a moldar barro nas aulas de trabalhos manuais; as nádegas e as mamas gigantescas e quase femininas do Pote eram nacos de argila. O miúdo sensível que sofria com a morte do avô Arménio, o rapaz inteligente que escutava segredos com o bom senso do psiquiatra era o mesmo que espezinhava os mais fracos e tímidos.

As festas de anos eram feitas nas garagens do beco aos sábados depois do jogo. Abria-se o portão, tirava-se o carro, montavam-se mesas de plástico com sandes, rissóis, cervejas e sumos; o carro, cá fora, funcionava como aparelhagem de som. Esta festa foi em junho, logo a seguir a um dos jantares mais felizes da sua vida: o jantar que celebrou a entrada do pai nas quotas da fábrica. Para esta festa de anos, veio toda a gente: Manel fazia anos e queria apresentar à malta a sua futura mulher. Manel até convidou o Chaladinho e o Pote. Também ali estavam as miúdas da rua de baixo, aquelas que o tinham humilhado há dois anos e

duas décadas no Café Carminho. Anotou a diferença: passaram do gozo ao interesse; a sua pele trigueira desaparecera devido ao fim da exposição ao gelo e ao estio; não era bonito, mas era magro, alto e exótico; o seu cabelo era comprido e ondulado, o loiro da trunfa contrastava com a tez morena, os olhos chineses ajudavam, tal como a timidez que elas assumiam que era propositada, como se estivesse de propósito a criar um estilo misterioso. Não, não era estilo, era mesmo pavor, ficava gelado quando uma delas tentava meter conversa. Fechava-se. Passou a festa a ouvir música horrenda e a evitar a bebida, o tabaco, os charros e o bate-pé, o jogo erótico que colocava rapazes de um lado e raparigas do outro. Faziam-se pedidos do um ao sete, sendo que o um era um beijo sem língua e o sete uma ida para um local privado; neste caso, o cubículo secreto era a casa de banho da garagem que ficava num canto recôndito. Na escola, quando este ritual de iniciação começava, Maria João puxava-o logo. Era obrigatório participar, era como se a sexualidade fosse uma pulsão coletiva e não uma escolha pessoal, como se a eletricidade da libido estivesse sempre ligada e cada pessoa fosse apenas um mero fio condutor dessa corrente elétrica. A sua timidez lá arranjava desculpa para não participar: «Tenho de ir falar com o stor Armindo», «Tenho de ir levar uma encomenda da minha mãe a uma cliente.» Ali na garagem de Manel fez o mesmo: saiu de mansinho, dizendo que tinha de ajudar o pai, que, dois prédios mais abaixo, lavava o carro na garagem debaixo do olhar orgulhoso da mãe, que agora era esposa de um «empresário».

Uma ou duas horas depois, já depois do jantar, voltou para encontrar alguns casalinhos espalhados pelos recantos do beco. Os desafortunados no amor já tinham ido embora. O carro continuava a funcionar como aparelhagem. Entrou na garagem vazia, abriu uma lata de cerveja, talvez a sua primeira. Sentou-se sozinho à procura das melhores cassetes de

música. Ao fundo, da casa de banho da garagem, começou a ouvir sussurros. O que o levou até lá? A curiosidade mórbida que faria dele um repórter famoso? Um desejo imparável de saber a verdade? A futilidade do voyeur? Era preciso ir até ao fundo da garagem e virar à direita para entrar na casa de banho, que ficava no final de um pequeno corredor. Era o ângulo cego perfeito. Cheirava a mofo. Através da porta entreaberta, viu o que ninguém devia ver. Pela frente, Beto segurava à força nos braços do Pote, que, de calças e cuecas em baixo, chorava em surdina. Por trás, David, o seu melhor amigo, também tinha as calças em baixo e as cuecas pelos joelhos, estava a violar um rapaz fraco, tímido e incapaz de se defender; David, pequeno como era, parecia um cão minúsculo roçando-se num mamute gordo e rosado. David, o rapaz com quem ele desabafava, estava a rir-se de boca aberta, um riso boçal. Demorou segundos mas reconheceu-o: era um riso igual ao do Pernas, o sorriso universal e desfigurado daqueles que se embebedam com o cálice da impunidade. O sorriso não era de luxúria. David tinha as miúdas que queria, mas aquele poder absoluto só podia gozá-lo no corpo indefeso de Filipe, o Pote. Só assim podia dizer ao mundo que era ele, David Dias, quem mandava naquela galé de remadores de Ben-Hur chamada Rua de Santo Antão do Bairro 3 de Janeiro. Ali era invisível, intocável, estava fora do alcance de qualquer lei terrena ou celeste. A droga mais poderosa não era nem a heroína de Beta, nem o haxixe do Brocas, nem a adrenalina de Beto, nem o álcool do Fininho e Diamantino, era esta impunidade. Beto segurava no rapaz como se estivesse a segurar na vaca que vai ser marcada a ferro quente, tinha olhos funcionais, amorais. O riso e os olhos de David, sim, eram imorais, sabia o que estava a fazer: estava a destruir com gosto outro ser humano e tinha sobretudo prazer em não pagar um preço por esta monstruosidade.

Não fez nada. Saiu da garagem e foi encostar-se ao prédio ainda embargado que segurava as escadas do beco. Olhou para cima e viu a luz da televisão dos pais, que, àquela hora, se preparavam para ver o programa de humor do serão de sábado enquanto discutiam outra novidade possibilitada pela condição de empresário do pai — saírem da cave alugada e comprarem o terceiro andar da Doutora Luísa, que se preparava para regressar a Lisboa. Ele devia estar ali, na sala, a fazer desenhos no papel milimetrado do pai. Teve saudades do miúdo da aldeia. João Miguel era um miúdo melancólico, sim, mas ainda desconhecia esta crueldade. Saiu dali, andou sozinho pela primeira vez no bairro à noite. Desceu o beco, passou junto ao Café Carminho, desceu outra vez, subiu a outra rua rente ao salão de jogos, que estava apinhado, não teve medo do Pixote, parou na mercearia O Cantinho. Virou ao contrário um caixote de fruta vazio e sentou-se mesmo debaixo da parede ainda tisonada por aquele incêndio que teve David como herói. Sentiu-se cercado: o sexo era uma arma usada de igual forma pelo Pernas, por David, pelo vizinho de cima, pelo tio Diamantino. E só tinha conhecimento de uma fração da realidade. Em todas estas centenas de andares, quantas violações e abusos não ocorriam por dia? Quantas não estavam a decorrer naquele preciso momento? Esta consciência do cerco do mal nunca mais o largou: a sensação de estar já de escafandro num mundo totalmente submerso, um mundo que funde Lem com Dante e onde o degelo do Inferno alaga a Terra e afoga toda a gente, um mundo onde as águas derretidas do Cócito, outrora o glaciar do nono círculo do Inferno, sobem para formar este oceano todo-poderoso.

Ainda pensou várias vezes: não terá sido a cena da garagem um sonho? Não terá sido só mais uma das pegadas que a inconsciência lhe deixava na consciência durante o sono? Não. David cometeu mesmo aquela atrocidade. O que nos leva à pergunta que o atazanou a partir

deste dia: como é que escolheu para melhor amigo um rapaz tão perverso?

Ao longo dos anos seguintes, até encontrar a amizade de Pedro Castro e Sousa em Lisboa, voltou incontáveis vezes a esta noite. Quem era o verdadeiro David? Era o rapaz que cultivava a mente através da leitura de alguns dos melhores livros de sempre, da Bíblia à ficção científica? Ou era o canalha que cultivava a cabeça com os códigos chungas do gangster? Era o miúdo delicado que tinha um miradouro secreto sobre Lisboa e que ouvia as confissões do amigo ou era aquele canídeo entesado que violava pessoas? Não sabia e, na verdade, esta pergunta sobre a ambiguidade do ser humano é aqui irrelevante, porque a questão é só uma: como é que ele podia ser amigo de alguém que violava pessoas? Na época não conseguia responder com clareza. David tinha uma coragem física que criava um élan irresistível. É impossível ficarmos indiferentes à bravura, ela molda a nossa admiração. Só que a valentia não é uma virtude moral, é só um meio, um instrumento ao serviço de uma moral. E o problema de David é que não tinha esse centro moral: só se interessava pela coragem física que tanto podia alimentar atos hediondos como atos heroicos. Quando salvou as duas mulheres do tal incêndio, não parecia feliz ou reconfortado, não sentia que tivesse feito uma boa ação, porque só se interessava pelo desafio físico. Foi feliz *enquanto* esteve na varanda do apartamento em chamas. Depois não sentiu nada.

Ainda não conseguia dar uma resposta clara a esta pergunta, porque era penoso pensar e dizer a verdade: sob qualquer ponto de vista, David era cruel, escolheu ser cruel, escolheu a autoestima dada pela reputação de bad boy, de rebelde arruaceiro; escolheu. E a pobreza não é desculpa. Não podemos amnistiá-lo através da miséria. A pobreza não é indulto. Quem usa a pobreza como álibi moral para a crueldade está a patrocinar

um esquecimento imperdoável e uma confusão moral. O esquecimento é este: se David escolheu ser cruel, Judite, Joaquim, Januário, Fred e Maria João escolheram ser bondosos no mesmo contexto. Já a confusão moral está na incapacidade para traçar uma distinção entre a crueldade, que é uma escolha, e a brutalidade, que é o caldo coletivo e quase inconsciente da miséria — o que nos leva de novo a Dante. Lucas dizia que o Inferno da *Divina Comédia* era o morro virado ao contrário, um cone invertido com os seus nove círculos de pecado a perfurar o mundo até ao gelo. Nos círculos superiores encontramos os pecados menos graves e mais quentes, pecados não premeditados, são vícios ou reações animais. A miséria é um palco privilegiado destes primeiros círculos. A indignação cria um manto de brutalidade verbal e física, dado que mantém as pessoas num nível constante de fadiga animal. Os privilegiados só conhecem este nível cavernoso de exaustão quando têm filhos pequenos e, mesmo assim, é duvidoso fazermos a comparação porque têm dinheiro para criadas e famílias sólidas que apoiam. Na cidade, as pessoas *ficam* cansadas em alguns momentos da vida. Nos morros, as pessoas *estão* cansadas, *são* o próprio cansaço. É um quebranto que limita a centelha que nos torna diferentes dos animais: o livre-arbítrio. Ano após ano de míngua e aflição, a pobreza soterra o livre-arbítrio, entregando as pessoas aos instintos animais: gula, luxúria, ganância, ira, violência; é um manto de fadiga, stress, ansia e agressão que passa de pai para filho como uma doença mental que embrutece e que provoca decisão precipitada atrás de decisão precipitada. O juízo moral fica comprometido. Os níveis de ansiedade e fadiga são tão altos que podemos fazer esta pergunta: durante aqueles segundos de desespero e fúria, as mães derreadas que espancam os filhos têm o livre-arbítrio ligado? Sim e não, está ligado mas em curto-circuito, o que impede o seu uso correto. Elas acabam por cometer um ato de violência

impulsivo e não pensado, nasce num segundo, aquele segundo em que não se aguenta mais a fadiga, mais um choro, mais uma pergunta, mais um movimento, mais um problema.

Esta brutalidade quente é diferente da crueldade fria. É por isso que os últimos círculos do Inferno são calotes polares e glaciares e não chamas flamejantes. No sétimo círculo, temos a heresia, o uso mentiroso das palavras. No oitavo, temos a fraude dos cínicos que aceitam a maldade humana como se fosse um desastre natural. E no nono círculo temos a traição da condição humana: fazer mal a outra pessoa por prazer, um prazer pensado e pausado como uma sobremesa. David cumpria os três requisitos da ponta gelada do cone infernal: como todos os rufias, mascarava a crueldade através da heresia do calão, a novilíngua que retirava a carga imoral ao que faziam, «roubar» era «cravar» ou «orientar uns trocos», «violar uma mulher» era «encavar a gaja»; David era o cínico dos cínicos, usava o sarcasmo enquanto ética de desistência que recusa encontrar a verdade acima do poder; humilhava pessoas por gosto através de uma crueldade enquanto escolha de um livre-arbítrio livre e desimpedido. De igual modo, o livre-arbítrio foi usado em todo o seu esplendor pelo Pernas e pelo Ouriço, que estavam tudo menos cansados; eles escolheram fazer-lhe *aquilo* na cave da escola, teriam feito *aquilo* mesmo que fossem ricos e vivessem na placidez sem canseiras da baía de Cascais. A crueldade é igualitária, não é de uma única classe social.

Ouve-se imensas vezes a expressão: «Tem o pavio curto.» É a metáfora certa. Ricos ou pobres, todos nós somos bombas pousadas na mesa. Só que a miséria muda essa igualdade original. De que forma? A miséria não atua sobre a bomba, que é igualitária e partilhada por ricos e pobres; todos temos problemas irresolúveis. A miséria também não atua na ignição do pavio, que também é igualitária; na cidadela rica ou na

cercania pobre, há sempre momentos traumáticos que ateiam o rastilho. A miséria corta, isso sim, o pavio até este não passar de uma farripa milimétrica. Quando este micropavio é ateadado, não há tempo para o apagar, aliás, a explosão é quase imediata. Ao invés, os da cidade têm tempo para pensar e apagar o rastilho. Ou seja, a pobreza explicava a boçalidade dos modos do Fininho e de Diamantino, mas já não explicava o gosto que ambos tinham em mutilar animais e pessoas. O Pernas podia controlar o pátio e as ruas sem os excessos de crueldade praticados às escondidas na cave da escola. Manel era bruto, embrutecera nos baldes de massa, mas não era cruel. David, sim, era cruel. O seu pavio era longo. Para violar o Pote, ele teve de falar com Beto para traçar o plano daquela violência fria e minuciosa. A brutalidade gerada no cansaço é um esbracejar de quem se afoga, é mais um reflexo do que uma intenção. Não tem comparação com esta frieza ponderada de David, que violaria o gordo da rua mesmo que morasse num bairro rico, ou do tio Diamantino, que bateria na mulher mesmo que fosse milionário sem nunca ter conhecido um minuto de prostração na vida. Não, David, o Pernas e Diamantino não eram cruéis por causa do cansaço da miséria. A sua crueldade não era causada por traumas sofridos na sua biografia. É fácil pensar que a crueldade do Pernas e do Ouriço advinha da sua família quebradiça de meios-irmãos. No entanto, as maiores personificações de amor do bairro, Januário, Beta e Fred, vinham todas de famílias desfeitas ou violentas. Depois de ter sido abandonado pelo pai, Januário ia no terceiro padrasto, Silvestre. Fred vinha de uma família de criminosos, até de assassinos, mas era terno. O Johnny, filho de uma família estável e de sucesso, atirou a mãe pela janela. David, com uma família calmíssima para os padrões do Janeirinho, escolheu ser cruel. Não há fluxo causal e sociológico que

resista. O mal é uma escolha fria e consciente, e não uma consequência social do contexto da pessoa em causa.

Então qual é a resposta? Porque é que não escolheu Januário, um miúdo decente, para melhor amigo? Porque é que não fez esta escolha racional, optando pela irracional ligação a David? A verdade é porventura esta: ao contrário das amizades adultas, os amigos da juventude não se escolhem, são impostos pela vida e por isso têm um fundo que escapa à razão, são mais irmãos do que amigos. Quem quiser ou puder compreender que compreenda. E é possível dizer que ele próprio nunca conseguiu compreender.

Melville e Mahler

FECHOU O SÉTIMO ANO COMO O MELHOR ALUNO DA ESCOLA. Com a passagem para o oitavo ano, foi transferido para a escola amarela a trinta metros de casa. Já tinha perdido de vista Beta. Januário e Maria João não passaram de novo. David, sim, veio com ele para a escola nova. A presença do amigo serenou-o neste novo e vastíssimo oceano. O Pernas não estava, mas havia ali criminosos mais velhos e ainda mais violentos; dividiam o pátio e o tráfico que se fazia à porta da escola e nas hortas e caminhos de terra até ao Monte Eulália, os caminhos que ele percorria ao sábado até ao campo de futebol. A partir do alto dos pavilhões, tinha outro ângulo sobre estes trilhos: os ex-humanos, os drogados, andavam de um lado para o outro, roubando ou aliciando os alunos. O tráfico crescia de ano para ano: o consumo da cidade assim o exigia. Um destes drogados já era o Americano, o defesa-central brinca-na-areia. Não era raro vê-lo no seguinte trajeto: saía do prédio com o autorrádio roubado no dia anterior, vendia-o a um carro que passava, ficava com notas, andava um pouco pela estrada de terra junto à rede da escola, comprava uma dose, ia injetar-se no bosque escuro dos eucaliptos, a floresta negra da heroína.

A violência era absoluta. Já estava na prática entre adultos, esta era uma escola que ia do oitavo ao décimo segundo ano. Entre os milhares de alunos, havia alguns perto dos vinte. Aqui não se fingia que se pedia emprestado, roubava-se sem encenações. As navalhas, que na escola

antiga eram um monopólio do gangue do Pernas, eram aqui comuns como palitos na taberna. Havia a faca da cozinha quitada para outros fins. Havia a ponta e mola. Havia a navalha de barbeiro. Havia a borboleta. Pelos cantos, treinavam o manejo de pulso necessário para abrir a lâmina da borboleta; treinavam e treinavam como um trompetista treina as notas da pauta, vez após vez. Apesar desta escalada de violência, não ficou inquieto. Tinha David a seu lado; não estavam na mesma turma, mas juntavam-se no pátio. Faziam uma dupla imponente, o gnomo lindíssimo e o escadote exótico. Poucos se metiam com eles, nem César, o grande rufia da turma de Ruço e um dos donos do pátio que estava dividido entre potências como um mapa de Tordesilhas. Este César era um ser bojudo, de pescoço bovino e mãos grosseiras, mas não deixava de ser bonito: tinha cabelo à Aramis, traços delicados, olhos recortados como uma folha de tília. Através do seu pequeno exército de servos, controlava a turma com as habituais táticas, espancamento, roubo, atar miúdos aos postes das balizas, forçá-los a beber água das poças, atirá-los de uma ribanceira que dava para os eucaliptos, uma queda equivalente a um primeiro andar — caíam num sapal. Mas ele já sabia evitar emboscadas. Além disso, o corpo altíssimo, a cicatriz no lado esquerdo do rosto e a aura do «Ruço da baliza» filtravam algumas das ameaças. Foi roubado, claro, mas encarou cada um destes assaltos com frieza, quase indiferença, sentia-se bem. Em adulto, ainda se lembrava de momentos de felicidade pura capturados nestes primeiros meses na escola dos crescidos:

quando percebe que tem um furo, desata a correr de alegria ao lado dos colegas de turma, porque podem ir jogar futebol uma hora inteira sem interrupções, vão estar sozinhos no campo uma hora inteira — uma alegria de menino que se cruza com a alegria do homem a despontar, toca a sério pela primeira vez no corpo feminino, um puzzle anatómico:

o peito de Cláudia, que lhe oferece o soutien depois de lhe afundar a boca nos seus mamilos, grandes e rugosos; o rabo de Sílvia, que se roça nele como uma dançarina; o sexo de São, que se vem na mão dele enquanto lhe diz coisas inesquecíveis e impublicáveis atrás dos caniços; este arquipélago de felicidade completa-se com o prazer intelectual de algumas aulas: é sexta-feira, já é de noite, está a desenhar uma capa de um disco ou de um filme na aula de educação visual e o professor elogia o seu traço, sente o cheiro a terra molhada que vem da janela, está feliz. Não, não está feliz porque esta é a última aula da semana e tem pela frente quarenta e oito horas de segurança. Não, não. Está feliz porque está mesmo feliz, só isso, porque se sente bem.

Esta felicidade foi reforçada por um novo amigo, que simboliza aqui uma espécie de amizade que só gozaria por completo na cidade. Este amigo era Carvalhas, de seu nome Pedro Carvalho. Era bom aluno embora desinteressado. Só se interessava por uma coisa: tocar piano. Tinha aulas em Lisboa e tinha um piano em casa, logo ali na praceta, ou seja, as traseiras do segundo andar de Carvalhas também davam para o beco. Se combinassem a hora e se abrissem as janelas ao mesmo tempo, ele conseguia ouvi-lo tocar; aquele piano era uma herança de uma avó, a parte da família do «dinheiro antigo», dizia. Passava muito tempo na casa do Carvalhas. Fazia os trabalhos de grupo sozinho enquanto o amigo tocava música clássica num espaço sem cultura, sem história humana consolidada, um espaço que era uma cicatriz entre a civilização humana e a natureza — um piano a ecoar Haydn e Rachmaninov entre o ruído dos andaimes e betoneiras. Ruço sentia inveja e orgulho. Inveja, porque estava ali uma beleza sublime que jamais atingiria. Orgulho, porque ali estava um garoto do bairro a tocar uma linguagem universal e reconhecível por pessoas de outras classes sociais e de outros países. Carvalhas era o anti-David. Um grã-fino de Cascais, Manhattan ou Paris

reconheceria aquela música. Não, não estavam condenados, podiam subir até Melville e Mahler.

Sem a presença da stora La Salette, as matérias escolares deixaram de lhe interessar. Até porque a presença do bando de César tornava as aulas um matadouro de professoras. A professora de Geografia desistiu antes do Natal, meteu baixa depois de ter sido abusada. À tardinha, após a última aula, já no escuro, dois tipos esperaram-na à saída do pavilhão, encostaram-na a um pilar mais escondido, com a navalha cortaram os botões da camisa e as alças do soutien, apalparam-na e masturbaram-se em cima dela. Esta jovem mulher não tinha nem trinta anos, nunca mais a viram. Não apresentou queixa. Estava escuro, era impossível identificá-los, nem eram da escola. Tinham pulado a rede do lado dos eucaliptos. Ele sabia quem era um deles: era o irmão mais velho de César, que já trabalhava nas barbearias do pai.

A escola era este calvário para as professoras, sobretudo as mais ternas. A canalha pressentia a fragilidade emocional das professoras que não eram capazes de ser duras. Eram, por norma, raparigas das classes médias de cidades ou vilas pacíficas como Viseu ou Tondela e muito simplesmente não sabiam lidar com o caldo de má-criação e violência de bairros como o Janeirinho. A stora de Inglês, Isabel Almeida, era um bom exemplo. Tinha uma beleza discreta e delicada. Foi destruída como pessoa. A aula não existia na prática, tal era a confusão. Sentavam-se à balda, formavam grupos, jogavam às cartas de costas viradas para o quadro. Ela acabou por meter várias baixas psiquiátricas ao longo de quatro ou cinco anos. Muitos anos depois, no início da carreira, ele encontrou-a num centro comercial de Lisboa. Aproximou-se.

— Então, stora, como está?

Ela fingiu que não o conhecia.

— Então, não se lembra de mim? Da escola amarela do Janeirinho.

— Desculpe, mas não sei do que está a falar. — Com a boca disse que ele estava a confundi-la com alguém, mas com os olhos matou-o em lume brando, como se nunca tivesse deixado de pensar nele e naquela turma. Ele quis pedir-lhe desculpa, mas não foi capaz. Foi covarde, tal como era covarde nas aulas. Não participava na rebaldaria; porém, nada fazia para a impedir. Nunca protegeu esta professora de Inglês ao longo de quatro anos. Não protegeu a professora de Francês, uma menina do Porto, quando um gunga se levantou já com o pénis a sair pela braguilha para se roçar nela. Foi expulso; aliás, era isso que o agressor queria: ser expulso da escola com um episódio infame e famoso.

Ruço não foi expulso, mas começou a ter faltas por causa de uma mota. Tinha agora uma lambreta oferecida pelos pais, o presente de passagem para a escola dos crescidos. Ainda não tinha dezasseis anos mas ninguém ligava, andava-se de mota logo aos treze ou catorze. Bendita mota: sem esta lambreta teria permanecido virgem até à faculdade. Com a mãe a trabalhar em casa, os encontros com as namoradas não podiam ocorrer no seu quarto. Tinham de ser na casa delas. Só que andar a pé pelo bairro ainda lhe causava medo. O medo vencia o desejo. A lambreta e o respetivo capacete, que funcionava como máscara, deram-lhe uma liberdade nova de movimentos que lhe permitiu, entre outras coisas, fazer amor com São, diminutivo de Conceição, uma miúda que já era mãe. Dos toques íntimos nos caniços da escola, passaram à cama. Se tivessem um furo, iam para casa dela na lambreta. Começou a ter faltas injustificadas, que tiveram esta lacónica e sábia reação de Augusta: «Podes andar ao laréu se as notas não descerem.»

E não desceram. Às cinco ou seis da tarde, ele e São iam buscar o filho dela, André, à creche. Os olhares que as funcionárias lhe dirigiam eram raspanetes, ou o viam como o pai da criança ou como o futuro pai

do irmão desta criança. São já tinha dezasseis ou dezassete; não tinha a silhueta explosiva de Dália, mas sabia-la toda. São foi um esboço de amor, sem dúvida, mas também impôs o regresso da tensão à amizade com David. Ambos a queriam: sendo ela mãe, era óbvio que qualquer namorico daria lugar a sexo e não apenas aos amassos juvenis do costume. E Ruço venceu David. Venceu-o não apenas por ela o ter escolhido. Não foi só uma vitória amorosa, também foi uma vitória moral ou até literária. E qual foi a razão da vitória? David não tinha coragem para permanecer no mal à espera que a luz aparecesse; resumia a história de São a um adágio do bairro, «é tudo um putedo, senhor Alfredo». Só que havia várias camadas atrás do «putedo»: São engravidou porque o cunhado abusava dela; ela tinha treze, ele, vinte e três; a irmã mais velha de São e mulher do abusador, Lena, não se apercebia de nada, passava a vida a trabalhar numa engomadoria em Odivelas; São só conseguiu contar quando a barriga matou a possibilidade do silêncio, o bebé nasceu, sendo filho e sobrinho ao mesmo tempo de São. Mas o elemento mais espantoso desta vinheta até era a irmã: depois de entregar o marido à polícia, Lena fez de mãe dos dois, de São e do bebé, não cedeu ao rancor, não culpou a irmã. Amou-a, tal como amou o catraio. Esta lenta decantação do mal à procura do bem não interessava ao cinismo de David.

São não foi a única vitória de Ruço sobre David.

Foi um março diluviano. Uma nova chuvada tinha acabado há minutos. Ele e David estavam na caixa de eletricidade a combinar uma ida ao Estádio da Luz para um jogo contra a Juventus, que teria lugar na semana seguinte. Estavam a contar o dinheiro para os bilhetes quando ouviram um estrondo seguido por um crescente zumbido de gritos. Uma das altíssimas paredes de cimento que escorava o morro atrás dos prédios cedera à pressão, causando um aluimento. Pelo som, era para os

lados da grande oliveira. Começaram a correr naquela direção. Quando chegaram lá, já um cadáver estava no meio da estrada, era uma garota, a mãe chorava agarrada ao corpo sem vida. Ele continuou a correr até perceber que estava sozinho, David ficara para trás, estacara no meio da rua. Virou-se, abriu os braços em sinal de espanto e censura: «Atão, David! Bora, man!» David não disse nada. Sentou-se no lancil, apático; perdera a capa cínica, tinha só um ar desalentado. Ele continuou sozinho. No meio dos detritos, foi buscar um cobertor enlameado para tapar o cadáver da garota, que ainda tinha os óculos. A par de outros populares, foi avançando. Não conseguiram passar dos rés-do-chão. Era preciso bombear a água enlameada das caves, algo que só foi possível com a chegada dos bombeiros. A enxurrada atingiu os três prédios mais próximos da grande oliveira, que ficou meio torta tal foi a força da água. Das seis caves afetadas, foram retirados mais quatro cadáveres, também tapados com os cobertores que ele juntara. Várias mulheres fizeram um círculo à volta da oliveira milenar para rezar.

Desta vez, foi a coragem dele que humilhou David, que saberia o que fazer antes da consumação do horror, saberia o que fazer para salvar a vida daquela rapariga, sim, ele lá arranjaría maneira de entrar na cave alagada para salvá-la, mas não sabia o que fazer perante o horror já consumado. Não estavam à superfície, já estavam submersos. O que se pedia ali não era coragem física mas sim coragem mental. Ali era preciso ter a força moral para tapar os mortos e amparar a dor dos vivos; tinham de ser amortecedores do sofrimento alheio e não aríetes. Ele tinha esta resistência, David não.

A faca

APÓS O GRANDE ALUIMENTO, DAVID AFASTOU-SE, tal como ele se havia afastado depois do dia do incêndio em que o heroísmo pertenceu a David. Saboreou cada dia desta nova supremacia. O resto do bando ficou a par do sucedido e, apesar do silêncio sobre o assunto, sentiu-se uma variação de poder no sentido de Ruço. As bocas desapareceram de vez e a rapaziada voltou a falar com ele em privado. Agora já não era a urna passiva dos seus segredos. Pediam-lhe conselhos. Ele agora era uma figura luciférica, alguém capaz de resgatar cadáveres de uma hecatombe de lama. Pediam-lhe recomendações sexuais, familiares e profissionais. Parecia então que estava a dominar as leis do amor e do horror, parecia que passados três anos estava por fim ambientado e a caminho do triunfo. Rebelara-se contra a família, emancipara-se de David, já fazia amor como um homem. Só que a vida no Inferno não segue uma linha lógica. Apenas três semanas depois da enxurrada, estava a tentar matar-se pela primeira vez.

Tudo mudou nos quinze dias entre as duas mãos de uns quartos de final entre o Benfica e a Juventus de Turim. No exato momento da enxurrada, ele e David estavam a contar trocos para comprarem os bilhetes do jogo em casa. Na noite dessa primeira mão, uma semana após a enxurrada, ele acabou por não ir ao jogo. David amuara, não queria lidar com a nova primazia que ele conquistara na rua. David deu o bilhete a Beto, ele ofereceu o seu a Manel. Nessa noite, antes, durante

e depois do jogo, esteve com São. Foi buscá-la na lambreta e levou-a até lá acima ao refúgio de David, que era cada vez mais o seu miradouro secreto sobre Lisboa. Depois de fazerem amor, sentaram-se no precipício junto à cachoeira do regato com os pés a dar a dar. Estava feliz. São era adorável, cabelo curtinho, rugas de mãe ao lado das covinhas de menina; era viciado no cheiro que ela tinha depois do sexo, farejava-a rente à pele como se estivesse a snifar linhas de cocaína. Lá em baixo, a Lisboa estrelada parecia um mar de algas fluorescentes, sendo a maior delas o estádio onde o Benfica ganhou por 2-1. Ouvia os dois golos — David tinha razão, o vento e a acústica levavam o som do estádio até ali. As luzes diminuía à medida que o olhar subia até aos morros. Lá em cima, o morro era uma torre negra, uma distopia flutuando quatrocentos metros acima de Lisboa. Quando regressou a casa, Manel e Beto estavam na caixa de eletricidade a contar os pormenores do jogo ao resto da matilha.

O mundo mudou no dia seguinte.

Foi na aula da professora de Inglês, Isabel Almeida. Nesta tarde, já a escurecer, César resolveu implicar com ele. Não houve antecedentes ou causas. César mal aparecia e chumbaria por faltas em breve. Ruço nunca o desafiou. Foi neste dia. Podia ter sido noutro dia. Podia não ter acontecido.

No caos habitual desta aula, ele não estava no lugar de sempre: última carteira da fila do meio. Estava a meio da sala com as costas desprotegidas. César veio sentar-se atrás dele e começou por soprar para o seu longo cabelo, passou à cuspidela seguida de um caldo. Quando ele se virou, César já estava à espera com um olhar que o rachou ao meio; a seguir, abriu a navalha com calma, uma navalha de barbeiro, que fez questão de exercitar com elegância à sua frente. Não desenhou gestos repentinos e furiosos à talhante. Parecia um maestro meneando a batuta

durante um adágio, rodava e elevava a navalha com uma lentidão fria, desenhando círculos imaginários no ar. Se a mão dançava devagar, os olhos tinham somente um rasgo cínico; não se ria à gargalhada, tinha apenas o leve sorriso de prepotência. Toda aquela encenação queria mostrar-lhe uma coisa: ele era impotente, o poder era de César, que lhe podia dar uma navalhada quando e como quisesse. E como foi perfeito nesta encenação: abriu os braços e subjugou-o, sem lhe tocar, sem dizer uma palavra. Sim, foi perfeito na sua crueldade metódica, uma crueldade enquanto escolha livre, consciente e desprovida de qualquer interesse material ou imaterial. Não lhe roubou nada, não precisava de dinheiro para matar a fome ou o vício; o pai tinha duas barbearias, o que fazia dele um membro da realeza local. Além disso, não fazia parte de uma família ligada ao crime como o Pernas, não houve aqui a representação de uma identidade pessoal ou familiar. Nem miséria, nem vício, nem ritual de família. Nada. Encenou a perfeita epifania do mal com a mais livre, solta e narcísica das consciências: ele foi o espelho onde César projetou o seu poder, a sua inteligência, a sua impunidade.

Gelou; sentiu qualquer coisa a quebrar lá dentro, uma sensação física e não apenas emocional, um bloco de gelo que encontra o picador.

Porque é que quebrou aqui? Viu e sofreu coisas muitíssimo piores. Sentiu a brutalidade do êxodo, sofreu *aquilo* na cave da escola cor-de-rosa, foi assaltado dezenas de vezes, esteve hospitalizado com o rosto desfeito, tinha uma cicatriz no rosto, viu violações ao vivo, viu um cutelo a abrir as costas de um ser humano, assistiu a um aborto. Perante este extenso currículo, porque é que esta cena não física chegou tão fundo? Porque é que só caiu aqui, passados quase três anos, e numa cena em que não sofreu nem um arranhão? Já estava demasiado confiante e de guarda em baixo? Nos primeiros anos estava tão preocupado em sobreviver numa base diária que não tinha tempo para pensar neste mal?

Como é que alguém com tantos traumas no passado caiu com uma mera encenação? A ignição é sempre um gesto leve e silencioso, o simples rodar da chave. Tudo o que vivera até ali estava à espera desta ignição; todas as agressões haviam criado um mostrengo de diferentes peças que se encaixavam umas nas noutras como um robô, mas ainda era um robô inanimado, precisava da centelha do mal. A faca de César foi esta faísca. Quando despertou, este robô sugou toda a esperança do seu mundo.

Entrou em casa de braços caídos em direção à casa de banho. Sentiu o abraço da hera que asfixia a árvore. Deixou de comunicar. Nem por gestos ou olhares era capaz de comunicar com Judite, David ou São. Muitas vezes pergunta-se porque é que os suicidas ou melancólicos não falam mais. Mas ele ia dizer o quê? Como é que podia explicar este absurdo? O mal tem caminhos intraduzíveis. Ia dizer o quê, que se sentia sem energia até para atar os ténis porque um gajo fez uma navalha dançar à sua frente sem lhe tocar? Deixou de atender telefonemas de São, deixou de falar com David, deixou de ir à horta. Não dormia. Não conseguia esquecer. Revivia vezes sem conta a faca a dançar à sua frente. Era um alívio se deixasse de pensar naquilo durante cinco minutos. Cinco minutos em que pensava num filme que estava a ver. E ver filmes passou a ser mesmo a única coisa que era capaz de fazer. Deixou de ler. Deixou de escrever. Deixou de namorar. Também deixou de jogar futebol.

Na semana seguinte, sofreu uma agressão normal: foi empurrado contra a parede por dois estouvados que se ficaram a rir com uma impunidade traçada com álcool. Foi o golpe final. Caminhou até casa com os braços colados ao corpo. Ao atravessar o hall de entrada em direção à casa de banho, pensou pela primeira vez na lógica do suicídio. Se viver era isto, então mais valia morrer. Se viver era esta humilhação mental e física, se a tristeza era a sua própria biologia, se viver era

reviver a cena da navalha a cada minuto numa espiral que o sufocava, se viver era celebrar aqueles cinco minutos em que conseguia não pensar nos olhos de César, se viver era sentir dores quando levantava a colher da sopa ou quando calçava os sapatos ou quando a água do chuveiro batia nas costas como agulhas, se viver era não conseguir usar a inteligência para pensar, ler, escrever e desenhar, se viver era ficar imune à fome, ao sexo e à glória, então, sim, o suicídio fazia sentido.

Dias depois, tentou matar-se pela primeira vez. Foi no dia da segunda mão dos quartos de final entre o Benfica e a Juventus, três semanas depois da enxurrada, duas depois da faca. Os pais foram ver o jogo com os tios à horta. Ele ficou. Não estranharam. São coisas da idade, diziam. Começou a ver o jogo deitado no sofá. Passados alguns minutos, levantou-se mas deixou a televisão ligada. Com o som do jogo ecoando pela casa silenciosa, foi até à casa de banho, encheu a banheira com água quente, foi buscar a lâmina da barba do pai, deixou que o vapor o envolvesse e o elevasse nos céus, e começou. Não sabia o que estava a fazer, cometeu o erro clássico dos principiantes: cortou o pulso esquerdo na horizontal, ferindo a veia só com um corte quando devia ter aberto a veia toda na vertical. Fez o mesmo ao pulso direito. Com a cabeça pousada no vapor, mergulhou os braços na água tépida, sentiu prazer, mas cometeu novo erro: pensar nos pais, que chegariam dali a uma ou duas horas. Pensou no pai que naquele momento estava rodeado pelos irmãos. Irmãos, esses, que não lhe dariam um minuto de descanso caso ele se matasse. Eles criticavam Romão pela educação amaricada que dava ao filho. Se ele se matasse, essa seria a prova de que eles estavam certos: «Não te dizia que o puto era fraco», «A culpa é do Romão que nunca apertou com ele», «Menina do caralho», «Maricas de merda». Um certo orgulho masculino e, sim, de classe operária tomou conta dele. Esta cultura braçal esmagara-o durante toda a vida, era até

uma das razões pelas quais ele estava naquela banheira tisonada por tiaras de vermelho pairando na água como medusas. Mas agora estava a ser salvo por essa mesma cultura, não ia permitir que se rissem dele, não ia permitir que o vissem como um fraco e, acima de tudo, não ia permitir que criticassem o pai. Ergueu-se rangendo os maxilares, envolveu os pulsos em gaze que tirou do armário. Lavou a banheira, jogou a lâmina fora, deitou-se com os pulsos entapados. Quando eles chegaram não deram por nada. Foi tapando as leves feridas com as mangas das camisas.

Quando se tenta matar, uma pessoa cria um amigo imaginário que nunca mais a larga, acompanha-a como um holograma a dez passos de distância. Cada tentativa de suicídio é um desses amigos, um avatar, um eu. Este eu (molhado, nu e com os pulsos entapados) nunca mais o deixou. Seguiram-se outros. Estes amigos imaginários construíram uma funesta sege que deslizava numa via paralela. Passou a ter duas vidas, duas estradas; uma era a sua vida propriamente dita onde não tinha poder, outra era a vida imaginária por onde circulava esta carruagem emparelhada pelos momentos em que assumia o controlo. Imaginar suicídios passou a ser uma pulsão insuperável, quase erótica, dava-lhe uma sensação de controlo que não tinha em mais lado nenhum. Pensar a sua própria morte era o único ato de liberdade que lhe restava. Na vida real, era um figurante. No suicídio, era um narrador onisciente e viciado na vitimização. Sentirmo-nos vítimas é uma sensação que nos dá um lugar de destaque no mundo. As tias cavavam o seu lugar de vítima através da dor física. Ele estava a cavar esse lugar através da dor mental. Com os pensamentos suicidários, projetava a sua morte para atingir os outros com o ferro quente da culpa, pensava em matar-se para que os outros sentissem remorsos, os tios, a avó, a mãe, David, todos.

Talvez uma semana após a banheira, criou o segundo amigo imaginário. Foi num sábado. De manhã, em jeito de bilhete de despedida, escreveu um conto que é uma história de um suicida, um arquiteto que constrói a torre mais alta do mundo só para se atirar lá de cima no dia da inauguração. Deixou-o em cima da escrivaninha. Viu o *Solaris* no vídeo e escreveu no diário: «Solaris: um planeta todo coberto por água, um planeta que é um oceano, ainda por cima um oceano consciente, que pensa e sente, uma Gaia aquática. Não é isso a minha casa?» Arrumou a papelada, dos contos às crónicas do Benfica, passando pelas novelas gráficas e desenhos, foi a casa de David devolver-lhe as cassetes das bandas góticas e ofereceu-lhe o *Dune* que haviam anotado a meias: «Quero que fiques com ele, é mais teu do que meu.» Ligou a São. Mentiu-lhe através de um timbre de voz carregado de otimismo falso. Não viu Augusta, que estava na casa de clientes. Desceu à garagem, ligou a lambreta, foi até à fábrica onde estava o pai, deu-lhe um abraço, disse-lhe que tinha de ir desenhar lá em cima no terraço para um trabalho de educação visual. Nada de estranho. Subiu ao terraço da fábrica e desenhou uma Lisboa apocalíptica com as casas e prédios dos morros a caírem em enxurrada sobre a cidade — uma das suas obsessões. Pousou o desenho em cima da secretária do pai. Voltou a casa para fazer a mochila que levava aos sábados para a horta (roupa, livros, cadernos) e juntou um acrescento, que prendeu à mota com uma corda: a sua velha cadeira azul e vermelha. Desceu até à horta como de costume, deu um beijo a Judite. Abraçou-a. Deixou-a com Joaquim a depenar patos à entrada do casão, foi até à casa dela, abriu a armaria, tirou uma caçadeira, era a de Isaías, meteu dois cartuchos como vira o tio fazer dezenas de vezes e caminhou até à ribeira empunhando a arma e a cadeira. Sempre a seu lado, *Nina*, a cadela, parecia que estava a sentir a sua decisão na linguagem escondida do mundo, os gestos, o

olhar, o tom de voz. Mesmo junto à ribeira, perto do bidão onde Diamantino matara os cachorros de *Nina*, pousou a cadeira e sentou-se. Descalçou-se, virou a caçadeira para si, o cabo ficou assente no chão. A *Nina* deitou-se a uma distância de segurança, ganindo baixinho. Colocou o cano na boca e o dedão do pé no gatilho. Aquilo que o movia agora era talvez o oposto da tentativa da banheira, o oposto da vitimização. Não se sentia vítima, sentia-se heroico. Para quem se sente fraco e humilhado, para quem se sente covarde ou com fama de covarde, o suicídio é um ato final de bravura que redime e que cria uma lenda. Com os pés descalços quase a tocar na ribeira, manteve um monólogo para um público imaginário: «Então ainda acham que sou maricas, é? Então tenham lá tomates pra fazer o que eu tou a fazer! Quero ver isso! Podem ir para o meu funeral dizer que sou um conas, mas, na vossa cabecinha, sabem muito bem que sou o mais forte de vocês todos! É preciso tê-los no sítio para fazer esta merda!» Meteu a boca no cano. Com o dedão, premiu o gatilho um milímetro; mais meio milímetro e morria, mas desatou a rir. O dedo no gatilho era neste caso o dedão do pé. Ia matar-se com o dedão do pé? Como não rir disto? Ia matar-se com o dedão que tem a unha cheia de algodão das meias? O sentido de lealdade ao pai salvara-o na primeira vez, agora o salvador foi o sentido de humor. Voltou para casa com a cadeira.

Gastou as últimas energias neste riso derradeiro. Nunca mais riu ou sorriu nos quatro anos que se seguiram. A partir daqui ficou num quarto escuro sem interruptor ou janela. Quatro anos resumem-se a isto: nada. Nos três primeiros anos no bairro, acumulou décadas de vida. Nos quatro seguintes, não sentiu nada, não registou nada ou quase nada. Estes anos, vistos à distância, são uma pasta indistinta, sem memórias, sem certezas. Na vida adulta, não se lembrava de quase nada deste período. E o que registou no diário é escasso, não tem uma ordem

cronológica e, acima de tudo, não se percebe se são memórias, sonhos ou ficções, até porque está tudo escrito no presente do indicativo. Há pormenores que são verdadeiros, como a mudança de casa ou David a iniciar a vida de camionista, mas é só isso. No resto, a única coisa cuja veracidade é certa é a pequena coleção de bilhetes de suicídio que está guardada no diário.

Vale a pena citar esses bilhetes e todas as entradas do diário destes anos.

«Não fiquem tristes. Sempre me senti pouco à vontade com isto de estar vivo. Custa-me falar, custa-me fisicamente falar, como se cada palavra pesasse uma arroba. A ideia de morrer, de estar morto, dá-me paz; mais do que paz, dá-me clareza, consigo pensar melhor se pensar que estou morto. Adeus.»

«O pai, a mãe e eu estamos na praia junto às ondinhas que chegam na maré baixa; o pai nem calções tem, está de calças arregaçadas. Andamos pela praia semideserta e chegamos a um ponto em que uma pequena nascente de água doce desagua no mar vinda de uma ribanceira. Que praia é esta? Juntos e sem dizermos uma palavra, desatamos a brincar com a areia. Tentamos fazer uma represa que isole a água doce da água salgada. É um esforço inglório e belo, são cinco minutos de felicidade. Durante estes minutos, não somos pai, mãe e filho com um passado, somos três crianças a brincar. É a primeira vez que fazemos férias, não é?»

«O Carvalhas tenta falar comigo, é sobre o César, também lhe fez mal. Conta-me isto porque pressente que a minha tristeza também foi provocada pelo César. Diz que até deixou de tocar piano. Abre-se

comigo mas não sinto nada. É a pessoa mais parecida comigo no universo inteiro, sofreu às mãos do mesmo gajo, eu, porém, não sinto nada, não dou conversa.»

«Deixámos a cave. Comprámos o terceiro esquerdo. Pelas janelas da frente, vejo a escola e o tráfico nas barracas das hortas. Sinto desejo de matar estes drogados. Era tão fácil matá-los e enterrá-los logo ali nas hortas. São fracos, e ninguém ia saber. Pelas janelas da frente penso em matar, pelas janelas das traseiras penso em matar-me; têm a altura de um quinto andar. Estou sozinho. Levo a minha cadeira até à marquise das traseiras. Subo para esta velha amiga, a tinta vermelha que lhe dei antes de sair da aldeia está a escamar. Abro a janela. Basta saltar. Antecipo a beleza da queda. É uma trajetória bela num sítio feio. O suicídio através do salto é belíssimo. Imagino as pessoas a ver o meu corpo a cair durante um segundo de beleza, um segundo que se multiplicaria milhares de vezes nas suas cabeças, nunca iriam esquecer o meu último ato no mundo. Não tenho energia para nada, subir para esta cadeira é como subir uma escadaria; levei horas, esta tarde toda, para escrever estas frases, mas consigo vencer o cansaço, subo para a cadeira, mas algo me trava no fim: o amor pelo meu pai, não a lealdade, como da outra vez, mas o amor. É indiferente saber se ele é ou não massacrado pelos tios. Só não quero que ele sofra, não merece que lhe faça isto. Ou foi só a cadeira que se partiu com o meu peso? É que está ali aos bocados.»

«Há mais bilhetes de suicídio do que suicídios. Não só porque cada suicida escreve vários, cada um é um degrau da torre que é preciso subir, mas também porque todos os outros seres humanos escrevem pelo

menos um na vida, nem que seja apenas em pensamento. A questão é se o cumpres ou não. O Ruço cumpre. Adeus.»

«Estarei à tua espera, querida São, beijo.»

«Não me matarei hoje se alguém me sorrir na escola.»

«Estou à janela. Há um acidente de mota na rua, mais um. O gajo, que não tem capacete, porque o “capacete é pa maricas”, bate com a cabeça no lancil ao pé da caixa de eletricidade onde está a malta. O vermelho do sangue e o branco dos miolos espalham-se no passeio. O Beto, sem nunca deixar de comer o pacote de batatas fritas, observa o cenário sem qualquer emoção.»

«Não creio que este mundo seja real, este mundo é que é imaginário, vou à procura da realidade que sinto escondida, beijos e abraços.»

«Uma professora de Filosofia, cabelo à rapaz, baixa, óculos, está a ler em voz alta para a turma um texto meu. O tema é: podemos considerar como obra de arte uma pedra bonita que encontramos na natureza? Respondo que não. Gosto de ouvir as minhas palavras noutra VOZ.»

«Sexta-feira. Saio da escola, chego a casa, almoço, visto logo o pijama, baixo os estores da sala para fazer escuro, e enterro-me no sofá a ver jogos do campeonato alemão com uma semana de atraso.»

«À saída da escola, um homem é apunhalado. No meio do alvoroço, há um corpo dissonante, move-se devagarinho, mãos nos bolsos: sou eu.

Não sinto nada, mesmo quando observo o estertor do homem.»

«Enorme chuvada. O caudal da ribeira sobe e rugue. Esta aluvião de prata é uma liturgia para os meus tios. Melville tem razão: é de facto espantoso como todos os seres humanos caminham no sentido da água. Quando estamos perdidos num bosque, caminhamos no sentido do som distante do ribeiro. Os tios chegam e encaminham-se para a margem. Sentados em toros de zambujeiro, ficam ali a ver a monção prateada a passar. Quase que gosto deles neste momento. Se os visse, a avó Eduarda diria que este é o momento de contrição em relação ao abandono da aldeia e da montanha. Não, não, senhora minha avó. Não é nostalgia da montanha, é nostalgia do absoluto.»

«O David senta-se ao volante do camião do pai. Levanta voo no meu hipopótamo.»

«Acordo quase sempre às seis e cinquenta e nove, um minuto antes do despertador. Acontece-me dezenas de vezes. É como se no meu cérebro existisse uma divisão inteira de neurónios só para contar o tempo com uma precisão doentia.»

É tudo o que há sobre estes quatro anos, pedaços reais ou virtuais suspensos no ar, sem passado, sem futuro, sem ligação entre si, sem cronologia, sem uma consciência a ligá-los. Não, não formam aquele dia perpétuo que ele viveu antes de conhecer Januário, aquelas vinte e quatro horas terríveis que se repetiam em círculo fechado dia após dia. Isso era um vórtice. Isto é diferente, é um vácuo, é o nada. Como é que ele saiu deste vazio? Essa é a história da sua conversão que vai dar à sua

filha Rute, uma história que mostra como o caminho da fé nem sempre é óbvio, e que até pode ser parecido com o caminho do suicídio. A autópsia deste suicida também é uma biópsia da fé. É por isso que ele merece que as alturas suspendam o Juízo Supremo até à sua última palavra.

III

O livro de Lucas Andrade



Nós, os suicidas

COMO É QUE SAIU DA HIBERNAÇÃO? Aqui há que apresentar duas novas personagens, Joana e Cajó, os elétrodos que o despertaram. Ela, Joana, o polo negativo, foi colocada na têmpera esquerda. Ele, Cajó, o polo positivo, foi colocado na têmpera direita. A descarga foi tremenda, o suficiente para matar ou ressuscitar alguém. Ressuscitou. Ao sair da caverna submersa onde hibernara quatro anos, Ruço começou a ser consumido por um ser novo e ainda sem nome. Não podia ter ali essa consciência, mas o momento da concepção de Lucas Andrade foi este:

— Comé, bacano! Anda ali comigo.

Foi assim que regressou à fita do tempo. Durante a hibernação, entre o oitavo e o décimo segundo ano, foi um submarino perdido nas profundezas, um cetáceo mecânico à deriva, sem locomoção, sem rumo, sem diário de bordo. Apesar de Cajó estar na turma há um ou dois anos, ainda não o tinha visto. Não o *via*. Os seus olhos mortos, olhos de tubarão, olhos desprovidos de consciência e que reduziam o mundo a feixes de luz, atravessavam-no como se ele fosse uma vitrina. Se por acaso reparasse nele, não o iria ver como um ser humano, mas como um objeto inerte. O seu mundo não era um filme com movimento, era uma pintura imóvel e sem pessoas; via os outros seres humanos como maçãs ou terrinas de uma natureza-morta. Saiu desta prisão pictórica sem movimento e sem empatia quando ouviu a gentileza musculada de Cajó.

— Anda ali só uma beca. É ali na garagem do Júlio. Bebemos umas jolas, ouves a nossa música. Vá, bora lá, é mesmo em frente à tua casa.

Cajó era mais velho. Ruço já estava perto dos dezoito, Cajó andaria pelos vinte. Tinha uma biografia clássica, droga, delinquência, delito. Deixara o vício e as seringas por causa da peste. O medo da sida vergara o prazer da heroína. Só que as pegadas da droga eram eternas. A heroína era conhecida por «cavalo», a metáfora perfeita: parecia que cascos incandescentes tinham de facto espezinhado o seu rosto, a pele parecia cauterizada. No desmame, trocara o cavalo por bagaço. Bebia como um cossaco; ia para as aulas bêbado, embora não se notasse; disfarçar uma bebedeira talvez fosse fácil para quem passara a adolescência na alucinação dos opiáceos. Queria acabar o liceu por orgulho, queria mostrar à mãe que não era um gabiru. Este brio explicava o acaso estatístico que era a sua vida. Conseguira deixar a heroína sozinho: «Fechei-me num armazém, bacano»; conseguira evitar a prisão: «Só és apanhado se fores atrasado mental ou cagão»; conseguira manter acesa a sua centelha, que agora ganhava contornos através de um sonho: formar uma banda gótica chamada Moloch. Usava sempre a mesma roupa, a farda metaleira, que Ruço acabaria por emular: calças de ganga justas e pretas, botas da tropa, camisas e camisolas pretas. A este libré de arcanjo gótico, juntava-se o cabelo comprido que lhe ocultava boa parte do rosto ossudo e chupado. Os olhos, azuis e grandes, cintilavam com o sonho da música. Erguer a banda era a sua insígnia; frequentava as lojas especializadas de Lisboa e passava tardes inteiras na Amadora junto de bandas metaleiras já com uma carreira. O metal era o som da juventude dos arrabaldes suspensos sobre Lisboa, o som da invasão. De Lisboa e dos morros da Amadora, Cajó trazia álbuns alemães e nórdicos, preciosidades que ouviam em sessões espíritas que invocavam espíritos suecos de Valhalla e druidas teutónicos da Floresta Negra; também

trazia maquetes e cassetes das bandas dos miúdos de Alfoanelos. Cajó queria gravar a sua maquete, o seu primeiro álbum, até ao Natal.

— Não sejas cortes, man. Quero que oiças a minha música.

— Ok.

Desceram as escadas da escola e entraram na rua, que não tinha ninguém. Ele sabia que David andava a trabalhar com o pai como camionista. Era das poucas imagens que fixara nos anos de hibernação: David a entrar no camião para iniciar aquilo que estava escrito nas leis de ferro do bairro, ser camionista como o pai. Sem o líder, o bando dispersara. A caixa de eletricidade, o trono que ele podia ter disputado, estava vazio.

No curto trajeto entre o pátio da escola e o portão da garagem de Júlio, sentiu-se bem ao lado de Cajó. Sentiu-se seguro. Cajó inspirava temor até em homens feitos. Aos olhos da mitologia indígena, era o jagunço bom; alguém que usava a aura negra do crime para proteger os civis. Não há muito tempo, resgatara uma mota roubada ali mesmo à porta da escola. Segundos depois de o gatuno ter fugido já ao comando da mota, Cajó desatou a correr, atalhou caminho pelo beco e pela praceta, e foi apanhá-lo junto à mercearia O Cantinho, que ainda tinha as marcas do incêndio; derrubou-o com um calhau certo, cobriu-o de biqueiradas, levou a mota até à porta da escola onde uma multidão o elevou a herói: tudo em menos de cinco minutos. Ele não conhecia a dona da mota, não queria nada dela, não a queria seduzir, só quis cerzir este rasgão no mundo. Era assim o primeiro exorcista de Ruço.

A garagem onde a banda ensaiava ficava do outro lado da rua. Se a linha de prédios de Ruço tinha as garagens viradas para a imundice do beco, esta linha de prédios tinha as garagens viradas para a desolação do descampado. Cada prédio tinha três garagens, a da esquerda e a da direita eram coletivas; a do meio era unipessoal e costumava indicar a

família mais abonada. Esta enorme garagem era assim, unipessoal e simbólica: simbolizava o estatuto superior dos pais de Júlio, o enlouquecido médio direito de uma equipa que já não existia, e que o recebeu com a sua simpatia melada e postiça. Não se viam a sério há quatro anos, mas acolheu-o como se fossem os melhores amigos.

— Ruço, és o maior! Anda ver a minha bateria nova.

Júlio engordara e era agora o obeso baterista da banda. Nas pausas dos ensaios e da boa-vai-ela, andava pela faculdade a fingir que estudava. Ao lado de Júlio, deparou-se com uma surpresa: Carvalhas, o amigo pianista, que estava a tocar num pequeno teclado eletrónico.

Sem nunca levantar os olhos das teclas, Carvalhas recebeu-o com ironia despeitada.

— Quem é vivo sempre aparece.

Afastara-se dele, aliás, afastara-se de qualquer contacto humano, até de Judite e Joaquim, que agora apodrecia na demência. Na sala de aula não falava com Carvalhas. No pátio refugiava-se num canto a fingir que estava a ler. Não tinha energia para ler mais do que um parágrafo; fingia porque cada livro era um espigão da armadura. Não houve apertos de mão, sorrisos ou palmadas nas costas. Houve apenas culpa da parte dele e azedume da parte de Carvalhas.

Cajó, cicerone, voz e guitarra, apresentou-o a seguir aos restantes membros da banda: Vítor, um viola-baixo quase profissional e que entraria mais tarde numa banda já lançada, e Joana, a segunda voz. Terminadas as apresentações, começaram a tocar aqueles acordes de intifada pagã. O barulho não incomodava ninguém, o prédio estava vazio àquela hora da tarde, e o som saía para o descampado, para as hortas que agora lhe pareciam abandonadas e para a heroica linha de cedros que ainda resistia, apesar do avanço das mimosas. Só passava por

ali um ou outro carro a entrar ou sair daquela longa ruela de garagens que unia as traseiras de sete ou oito prédios.

Passados alguns minutos, num intervalo entre duas músicas, ouviram um ruído lá fora. De lá para cá, alguém estava a atravessar os caniços que separavam o descampado das garagens. Entraram todos num estado de pânico controlado como paraquedistas antes do salto. Cada um pegou na sua arma, o taco de basebol encostado à parede, o pé-de-cabra retirado do montão de ferramentas, uma pá das obras sabiamente encostada ao portão. Liderados por Cajó, saíram para intercetar a ameaça: «Carocho do caralho, baza daqui», «Se voltas aqui mato-te, cabrão.» A expressão «mato-te, cabrão» era só uma vírgula no dialeto do bairro. Podia não significar nada. Era o equivalente ao «bolas» ou «caramba» dos lisboetas. Na voz cava de Cajó, porém, aquele «mato-te» soou mesmo a intimação verdadeira. Quando voltaram, explicaram-lhe o sucedido: era mais um drogado a tentar a sorte no desespero; havia ali material de valor, uma guitarra, um baixo, dois micros, um amplificador, uma bateria. Uma vez, apanharam Joana sozinha e roubaram um amplificador. Na resposta, Cajó organizou a milícia, bateram as hortas e espancaram quem era e não era culpado. Sim, o risco era grande, mas ou se tocava ali ou não se tocava.

Ainda amedrontado, Vítor piava:

— Mas o gajo podia ter uma seringa, Cajó, podia ter uma seringa!

O medo tinha razão de ser. O tráfico crescera nestes anos, tal como a peste. Durante a hibernação de Ruço, as hortas tinham sido abandonadas porque aquele espaço foi subjugado pelo tráfico. A Grande Lisboa era palco de uma das maiores epidemias de heroína e sida da Europa, e eles tinham agora a noção clara de que as seringas dos drogados eram um dos grandes focos de infeção. Se no passado tinham sido um perigo entre outros perigos, as seringas eram agora a grande ameaça. Estavam

espalhadas como minas. Entre a rua e o campo de futebol pelado, por exemplo, não era possível dar dez passos sem se ver uma seringa, ou uma colher, ou um elástico, ou limões espremidos, ou isqueiros, ou bolas de algodão pousadas nas silvas como flocos de neve no deserto. Se se descuidassem, corriam o risco de espetar uma seringa sem querer, o que era sentido como uma certidão de óbito. E, naquele que era o grande pesadelo, ter uma seringa espetada no braço podia ser um ato intencional e não apenas um descuido: os recém-infetados roubavam pelas ruas empunhando as seringas como navalhas; ele estremeceu ao lembrar-se da seringa que o Pixote lhe encostou à barriga. Os infetados tardios, por sua vez, passeavam um nível inédito de ruína humana; consumidos vivos pelas doenças que entravam nos corpos desarmados pela epidemia, estes moribundos eram só pele, catarro e chagas. O Janeirinho continuava a ser cenário das piores partes da Bíblia.

Passado o alvoroço, voltaram à música. Ele reapaixonou-se por este som metálico e nórdico. Anos antes, tinha ouvido com David as bandas que eles tentavam imitar, bandas que cantavam Milton e Poe. As letras literatas sem a preguiça do refrão atraíam-no, tal como os álbuns construídos como romances ou óperas. E, acima de tudo, a acústica violenta do metal era a sua frequência, era o som do bairro. O pop e o rock eram demasiado festivos e urbanos, ou então eram demasiado depressivos e centrados no tédio citadino. E tédio era coisa que eles não tinham. Na anarquia não há enfado. O punk era um som que poderia agradar, também tinha a cadência da barragem de artilharia. Só que era um som da cidade, falava a linguagem de quem lia jornais e de quem contestava as políticas. O punk era o som do cidadão irado e à beira da revolução, à beira de queimar Lisboa. Ele e os outros não eram cidadãos, eram mujiques e sicários; não queriam queimar Lisboa com uma revolução política, queriam flutuar por cima de Lisboa numa

revolução estética, tinham outra linguagem que remetia para um mundo quimérico, não tinham ideologias, petições e partidos, tinham leviatãs, lobos e luas. Não liam os jornais de Lisboa, liam os contos de Poe e folhas arrancadas da Bíblia. A Floresta Negra era mais real do que Lisboa. Por outro lado, o punk era ateu e materialista, ele e os outros eram espirituais; não tinham a espiritualidade cristã, com certeza, mas acreditavam na existência de outros mundos, talvez porque conheciam o melhor e o pior do ser humano; viviam na vastidão submersa do leviatã e ansiavam por uma cidadela suspensa que os resgatasse das águas negras.

Este choque filosófico entre a treva e a luz era representado pelo contraste entre a voz gutural de Cajó e a voz celestial de Joana. Ela era uma miúda normal, nem feia nem bonita, altura mediana, um cabelo liso castanho sem volume, algumas sardas, um nariz demasiado longo; não usava maquilhagem ou roupa insinuante, até se vestia com roupas arrapazadas, camisolas e calças de ganga largas, sapatilhas brancas. Passava despercebida até abrir a boca. Era um talento natural daqueles que já enxameavam os programas de talentos das televisões. Ele desafiou-a muitas vezes a concorrer. Recusou sempre, tal como ele recusara o desafio de La Salette. Joana sentir-se-ia sem pé na televisão, não saberia que roupa usar, não saberia como falar com o apresentador e, acima de tudo, não sentia que tinha o direito ao sonho. Da mesma forma que a publicação dos contos nos jornais de Lisboa era uma ambição que o deixava sem ar, a ideia de triunfar na TV deixava Joana desconfortável. A sua voz era aguda sem ser estridente, subia até onde queria sem perfurar o ouvido da audiência, mas, quando baixava, sabia manter graves quentes. Assim que acabava de cantar, mantinha um ar de diva; era uma luz interior que só se revelava no final de cada canção; até

os olhos mudavam de cor, do castanho para o pérola. Passados nem dez segundos, a chama apagava-se e voltava o ar da Joana envergonhada.

— Como é mesmo o nome dela?

— Joana. Juízo, ah? É a neta da Francesa.

— A sério? É mesmo neta da Francesa, *a Francesa*?

— Sim! bolinha baixa, Ruço, bolinha muito baixa. Axandra-te.

Depois deste primeiro ensaio, ficaram a beber uns copos, cervejas mantidas num frigorífico minúsculo e pequenas garrafas de whisky e vodka. Já pelas seis ou sete, começaram a chegar amigos e namoradas. A garagem era uma gruta feita pelo homem que funcionava como tasca e toca. Os casais tinham sexo ali na casa de banho da garagem que ficava no canto à direita ou então num colchão de campismo no canto à esquerda. O colchão ficava atrás de uma enorme prateleira fixa ao chão e ao teto; cheia de material de bricolage e demais bugigangas domésticas; esta prateleira era no fundo uma parede falsa atrás da qual se escondia a tal alcova.

Joana não ficou para os copos. Tinha de ir trabalhar num salão de jogos do outro lado do bairro, uma das propriedades da sua avó, a tal Francesa, figura dos negócios da noite. Acanhada, levantou o braço, disse adeus e foi-se embora. Ele ficou a observá-la. O ar frágil não ligava com o estatuto de neta da Francesa. Não, não houve amor à primeira vista. Antes de se apaixonar, tinha de sair do Inferno para conseguir sentir fosse o que fosse. E ele, há que dizê-lo, só conseguiu sair através da vodka e da devassidão, dois excessos praticados ali mesmo na garagem, que funcionou como portal entre a escuridão e a realidade. Passara os últimos quatro anos num poço; não podia sair logo para a luz, precisava deste covil intermédio a meia-luz.

Ele, Cajó e Carvalhas eram da mesma turma. Joana era da turma ao lado. Era fácil organizarem as gazetas para irem até à garagem. Já do lado das traseiras, assobiavam e havia sempre alguém para abrir o portão: Júlio, que, apesar de ter aulas em Lisboa, estava quase sempre em casa; Carla, irmã de Júlio, que já estava na vida de acédia que a levaria à droga e à prostituição; a mãe, a indolente Doutora Eugénia, também muitas vezes em casa devido às constantes baixas médicas fraudulentas que sacava a um médico com quem, dizia-se, tinha um caso. Este foi o período em que ele esteve mais perto de sair do caminho dos estudos. As garrafinhas de vodka e whisky que ali apareciam era uma gentileza da mãe de Vítor, que trabalhava na limpeza de hotéis da cidade. Claro que a senhora roubava estas garrafinhas dos minifrigoríficos dos quartos e claro que não via nessa ação um roubo: era como ir à chinchada não de laranjas mas de garrafas de vodka. Sentado no chão, bebi-as enquanto ouvia os ensaios. Não gostava de ficar bêbado, nem a mãe permitiria essa vida caso as suas narinas captassem o mais leve bafo a betesga. Mas bebia até àquela doce suspensão da realidade, que, no seu caso, era a suspensão da timidez. Um avatar palrador tomava conta dele, era um alter ego alcoólico que não tinha receio de meter conversa. Sabia qual era a fronteira entre esta libertação e a bebedeira, a terceira garrafinha. Muitas vezes, nem precisava de beber para sentir este influxo de vida, bastava o ritual de desenroscar a tampa, bastava andar com a garrafa ou o copo na mão. Experimentava este à-vontade até com a mãe de Júlio, a insinuante Eugénia, que descia vezes sem conta para lhes dar lanchinhos, era a desculpa de que a sua vaidade precisava para pavonear coxas e quadris; muitas vezes aparecia de robe, bebia com eles e entrava no jogo da sedução: «Esses caracóis matam-me, ó Rucinho.» A presença desta balzaquiana mergulhava-o ainda mais na atmosfera de sonho acordado,

como aquele que Paul Atreides do *Dune* atravessa depois de consumir a ambrósia do seu mundo, a especiaria melange. A ambrósia de Ruço era uma vodka pelintra, mas o efeito psicadélico era o mesmo.

Joana coloca o cabelo atrás da orelha, um gesto que faz lembrar São; ele começa a chorar, sai para o descampado, para lá dos caniços, para que ninguém o veja, senta-se, incómodos grãos de terra entram entre as meias e os sapatos, levanta-se, atravessa as mimosas, encosta-se ao primeiro cedro daquela ancestral linha de cedros-do-líbano, talvez estejam ali desde o tempo dos fenícios. Quando levanta a cabeça, vê um cavalo a dois metros de si, só lhe vê a cabeça, é lindíssimo, de um preto imaculado e lustroso, como se tivesse sido escovado por pajens élficos, como é que ele pode estar triste num mundo onde existe uma beleza assim?, volta para a garagem; Joana, assim que o vê, passa um dedo pela cicatriz que lhe corta a pálpebra esquerda, afaga-lhe o rosto e diz: «Já passou.»

A música deles era ótima. Cajó tinha ouvidos geniais. Sem saber ler uma pauta, inventava os arranjos e sussurrava-os a Vítor e a Carvalhas. No entanto, as letras eram vulgares. Ele tentou preencher esse vazio, tentou readaptar as letras respeitando os arranjos e a métrica. A banda estava mesmo a juntar dinheiro para alugar um estúdio com o propósito de gravar a maqueta com pelo menos seis músicas, seis árias de uma ópera gótica sobre anjos, a obsessão de Cajó. Não eram anjos caídos como o Lúcifer de Milton, mas sim anjos salvadores da Bíblia como Gabriel. Cajó queria depená-los como míseros galináceos numa fúria iconoclasta à Nietzsche, o autor que estavam a estudar na aula de

Filosofia com a professora Ana Paula. Para o ajudar na tarefa de afinar as letras, Cajó deu-lhe um monte de páginas arrancadas da Bíblia. Sim, ele começou a ler a Bíblia a sério em páginas arrancadas. Estas folhas soltas, que continham todas as passagens da Bíblia com anjos, suportavam a tese do seu exorcista: os anjos, garantia Cajó, são do piorio. E há um fundo de verdade bíblico nesta ideia. Isto ficou claro para Ruço numa passagem do Evangelho de São Lucas: quando vê Gabriel, que vem fazer o anúncio dos anúncios, Maria fica petrificada com o aspeto hediondo do anjo; a melhor das notícias é transmitida por uma criatura hedionda. Antes de lançar este medo sobre Maria, Gabriel é um desastre de comunicação quando anuncia João Baptista a Zacarias. Causa-lhe medo e desconfiança. Quando Zacarias questiona o anúncio daquele bebé (ele já é velho e Isabel é estéril), Gabriel reage com orgulho de rei ofendido: «Eu sou Gabriel!» Os anjos são caprichosos, indisciplinados e caóticos, não são os seres domesticados e previsíveis dos filmes e dos desenhos animados. Tendo esta ideia como molde, ele lá limou as seis letras originais e, acima de tudo, escreveu duas novas, trazendo o imaginário do álbum para o seu segredo: transformou anjos em suicidas. Neste conjunto de poemas, que pode ser visto como o primeiro livro de Lucas Andrade, *anjo* e *suicida* são sinónimos; uma pessoa transforma-se num anjo depois de se matar; o exército eterno de anjos é composto pelas pessoas que se suicidaram ao longo das eras; o seu castigo é ficarem para sempre presos entre as duas dimensões; são párias, não sobem à eternidade, são eternos tradutores do céu na terra.

Ninguém achou estranho a insistência no suicídio. No imaginário gótico, o belo cadáver do suicida é objeto de culto, tão ou mais importante do que o lobisomem, o exorcista, as rosas mortas, os espinhos ensanguentados, as mandrágoras, as penumbras. Podia colocar Gabriel a cortar o pulso num lago narcísico que ninguém ia pensar que

aquela letra era a catarse da sua primeira tentativa de suicídio. Podia colocar Miguel com um mosquete à beira do Estige que ninguém ia assumir que aquela letra era uma ilustração da sua segunda tentativa. Podia sugerir o título «Nós, os Suicidas» para o álbum que ninguém ia assumir que estava a falar da sua experiência. Reescreveu e escreveu as letras com Joana, que o ajudava a manter as palavras dentro da métrica. Ele escrevia, ela cantava de imediato para perceberem se funcionava; ele reescrevia, ela recantava. Escreviam na garagem ou na casa dele debaixo do olhar vigilante de Augusta, que ainda pensava que ele era virgem. Augusta queria guardá-lo para a rapariga certa, uma doutora de Lisboa. A vigilância era desnecessária. O desejo dele permanecia submerso.

Durante quatro anos viveu uma morte em vida enterrado numa areia movediça e sulfúrica que o afogava e dissolvia ao mesmo tempo. Cajó, a banda e a vodka entrelaçaram-se como filamentos de uma corda que usou para começar a sair. A corda, porém, era curta, só deu para o libertar até à cintura. Para completar a libertação, precisava da força motriz do sexo, que não poderia reaparecer através da doçura de Joana. O sexo enquanto expressão de amor não o arrancaria de vez ao atoleiro.

Ele e Joana estavam muitas vezes sozinhos na garagem a compor as letras. Nesta tarde, ela saiu mais cedo. A mãe de Júlio, Eugénia, desceu como sempre para lhes dar o lanchinho da praxe e fazer piadas sobre o «casalinho de escritores». Quando viu que ele estava sozinho, instalou-se um silêncio carregado e o corpo dele percebeu aquilo que se ia passar antes da sua consciência. O que aconteceu não foi um acidente, mas tinha de parecer um acidente e ambos, sem falarem, encenaram-no. Ela começou por entrar na casa de banho. Não era o cenário certo: era um espaço exposto e ele teria de abrir a porta, seria demasiado explícito. Quando saiu da casa de banho, ela atravessou a garagem e começou a fingir que andava à procura de alguma coisa na grande prateleira, e

passou para o lado de lá, para o espaço escondido onde estava o colchão. Ele sentiu uma ferroadada no coração, um reinício. Levantou-se e foi até à prateleira buscar umas folhas de papel de rascunho, entrou naquele espaço exíguo ainda a fingir que estava à procura de mais folhas, deixaram que os corpos se tocassem. O resto é biologia. Não falaram, não havia nada para falar; aliás, nas primeiras semanas não falaram de todo; faziam o que tinham a fazer, recuperavam, voltavam ao colchão; era como se a sobrevivência biológica da espécie dependesse do sexo entre um rapaz de dezassete e uma mulher madura, que, ainda por cima, era mãe de um amigo do rapaz. Só este duplo tabu tinha a força para o arrancar de vez ao lodaçal.

Quando entraram na rotina, Eugénia começou a desabafar entre cigarros, o marido quase não vinha a casa, recusava morar junto da chungaria; de Lisboa, onde dava aulas numa faculdade, esse tal consorte ia para uma zona de classe média na outra banda onde tinham uma vivenda; estavam separados *de facto* embora se mantivessem casados *de jure*. Eugénia era uma mulher bonita, solitária e triste que dava tudo por contacto humano. Não era diferente do Pote, o gordinho da rua: humilhava-se só para sentir o toque humano, fosse ele qual fosse. Era por isso que mantinha com eles aquele joguinho de sedução impróprio: não era lascívia, era carência. Tinha uma fragilidade descomunal que ele usou sem piedade: dominar e dar prazer a uma mulher como Eugénia era uma injeção de glória e ego, uma sensação de triunfo só comparável ao dia em que salvou David através da tarefa que deu a meia equipa de betinhos. O poder magnético que tinha sobre Eugénia era mesmo o espelho sexual do medo quase radiativo que lançara há anos sobre aqueles colegiais. Na verdade, o corpo que se subjuga na luxúria transmite uma sensação parecida ao corpo que se abate em combate: é um poder absoluto e embrutecedor que nos reduz à biologia, destruir o

rival, foder a fêmea. Ao final de algumas semanas, o corpo de Eugénia deixou de o excitar. Aquilo que o excitava era o poder que tinha sobre ela, uma espécie de húbris porno. Ele teria sido um homem mais decente se tivesse usado o bordel da Francesa, até porque passou a impor-lhe coisas que ela não queria fazer, tabus que tinha feito com o marido; ela cedia porque preferia a submissão à solidão. As robôs humanoides dos filmes de ficção científica que ele via, desenhadas para serem escravas sexuais, tinham mais livre-arbítrio do que esta mulher. O corpo dela era o mundo enquanto representação da sua vontade.

Nesta história porno, a ilegalidade era dela, mas a canalhice era toda dele. E ele sabia o que tinha feito com Eugénia: foi um calhorda, mas nunca se arrependeu. Ou pecava assim e saía do Inferno, ou não pecava e permanecia dormente em relação a qualquer sentimento. Escolheu sair e lutar. Se não tivesse sido este Tarzan de ego insuflado pela fossanga pornográfica, não teria despertado da hibernação, não teria sido o escritor que foi, não teria conhecido o amor com Joana, não teria sido pai de Rute, não teria encontrado a fé. Não se sai do Inferno a fazer amor.

Cabaré

O BANDO JÁ NÃO EXISTIA. Uns estavam na vidinha: o Betoneiras morava com mulher e filha na Buraca; Fred já jogava na liga de futebol alemã; o Brocas estava casado com uma francesa basca e vivia um idílio surfista no País Basco, não avisou ninguém, um dia saiu de casa e nunca mais voltou, mãe e avó choramingavam nos cafés a ingratidão do fedelho. Outros tinham morrido, fugido ou estavam presos: não se sabia nada do Pote, o Sidoso estava no cemitério, o Johnny na cadeia e o Dentinho na Suíça, para onde fugiu depois de engravidar uma rapariga. Além de Júlio, sobravam Manel, que tinha voltado para casa dos pais depois do divórcio, e Beto que, apesar de já ser sargento da marinha, continuava a viver com os pais; o Zarolho, o mecânico dos carros roubados; e o Americano, contaminado pela epidemia. Na garagem, ele só via muito de vez em quando Beto e Manel; eles trabalhavam, não tinham vida para as tardes de boémia e, ao fim de semana, não ensaiavam. Aos sábados e domingos, as garagens eram dominadas pelos homens na sua azáfama de bricolage e higiene automobilística. Enquanto ouviam os relatos dos jogos de futebol, como aquele em que Januário marcou de livre o golo da vitória do Benfica sobre o Porto, aspiravam, limpavam e poliam os carros como se fossem peças de museu. Ele só conseguia ver Beto e Manel no vazio dos feriados. Não tocavam, o silêncio dos feriados era opressivo. Ficavam por ali a matar o tempo, bebendo, fumando, namorando. Manel continuava a ser o bom rapaz de sempre, trabalhava

como capataz nas obras, quase não via o filho que vivia com a ex-mulher e, ao contrário da maioria, sofria com a ausência do putro. Beto era chefe de máquinas na marinha. Um sociopata era agora responsável pela segurança de dezenas de marinheiros. Continuava o mesmo, só tinha sexo com prostitutas em casas escondidas na serra saloia que também pertenciam à Francesa, avó de Joana e magnata emérita do lenocínio. Só denotava uma pequena mudança, um inédito sintoma de moralidade: Beto queixava-se da violência do pai sobre a mãe, embora fosse mais uma queixa sonora do que moral, o barulho não o deixava ver um filme em paz. E David? Ele sabia que David andava com o pai de um lado para o outro da Europa, mas, na primeira vez que viu Manel, este disse-lhe que David tinha estado na rua há poucos dias. Ficou sentido. David sabia que a garagem tinha substituído a caixa de eletricidade como ponto de encontro, sabia que ele estava de regresso, mas não apareceu. Estaria ressentido como Carvalhas? Não, não era criatura para rancores.

David trabalhava na economia da saudade, levando cargas de bacalhau, pastéis de nata, licores e azeite à diáspora espalhada pela Europa; nos primeiros tempos trabalhou só como ajudante informal do pai, mas agora já faziam dupla ao volante. Passavam uma semana na estrada e uma semana em casa. Numa destas pausas, lá apareceu na garagem. Foi no verão de São Martinho. Quando ele chegou, David já estava no meio do magusto à porta da garagem a tocar uma guitarra ainda não ligada ao amplificador. Tinham passado talvez três anos desde que David subira pela última vez ao quarto de Ruço, mas ligaram-se de imediato, sem explicações, sem despeito, sem adendas, um encaixe perfeito como o jack da guitarra a encaixar no amplificador. E foi isso mesmo o que ele fez: ligou a guitarra que David dedilhava ao amplificador.

— Sabes tocar... Desde quando? — perguntou, admirado.

— Sempre com a merda das perguntas — o sorriso de David não correspondia à agressividade da frase. — Quem é que achas que ensinou aqui o Cajó, caralho?

Era exagero. Cajó aprendera sozinho.

— Foda-se, Cajó, já posso levar os discos? — perguntou David.

Como é que ele ainda não tinha visto o óbvio? David não tinha sido um mero professor de guitarra, tinha sido o tutor melómano, o âmago escondido da banda; emprestara a Cajó os seus primeiros discos góticos. Reconheceu as capas. Tinham estado em sua casa há anos, *Paradise Lost*, *Theatre of Tragedy*, *Tiamat* e, claro, *Moonspell*. Foi a casa de David devolvê-los no dia em que se tentou matar pela segunda vez. Quando ele pensava que já tinha conquistado a independência, David apareceu para lhe mostrar que nunca saíra da sua suserania.

— Ruço, deixa aí ver as letras — pediu David em tom de ordem.

Deu-lhe o caderno com as letras das músicas. Era visível o processo de escrita das mesmas: à frente ou debaixo da sua letra caótica, que riscava e reescrevia, aparecia a caligrafia redonda de Joana, que passava tudo a limpo. David abanou a cabeça. Ele não percebeu porquê. Sinal de reprovação? Os poemas não eram bons? Ou estava a reprovar a presença da letra feminina? David não era propriamente um feminista. Ou será que era aquele abanar de cabeça que fazemos quando nos confrontamos com algo tão bom que nos deixa incrédulos? Não o questionou. Não queria voltar à guerra civil silenciosa com o amigo. Em voz alta, Ruço cantou uma das suas partes favoritas:

Tua boca de anjo

Recita suplícios

Lábios sem sexo

Rimam sacrifícios

Solta, a lâmina percorre-me a pele
Em nome da morte
Sempre fiel — conto a minha história
Nas cicatrizes de Gabriel.

David manteve-se silencioso, até que sugeriu:
— Isso ficava melhor em inglês — e, de imediato, cantou em inglês
aquele verso:

The mouth of the angel
Reciting the pacts
Bloodless lips
Whisper sacrifices
A blade runs free
Leaving marks on my skin
Through the circles of hell
The signs era cut deep
in the scars of Gabriel.

David continuava a ser o génio com acesso a musas e oráculos. Ele continuava a ser um amanuense.

— Ruço, vens comigo daqui a nada? — perguntou David. — Tenho de levar a miúda ao médico.

— Miúda... tens uma filha?

No início da letargia, David ainda foi algumas vezes à casa de Ruço. Foi um bom amigo, tentou furar a armadura da melancolia, tentou chegar ao verdadeiro Ruço que mirrava lá dentro, mas, após um ano, desistiu; fartou-se de manter monólogos à frente de um morto-vivo que não dava respostas racionais ou emocionais. Num desses monólogos,

David deu-lhe a novidade, mas ele não a fixou, não a assimilou, era um eco distante e desprovido de sentido moral. Sem um sentimento, a informação factual desaparece. Não se podia lembrar desta menina da mesma forma que não se podia lembrar do boletim meteorológico desse mesmo dia. Agora, de volta à consciência, ficou a pensar: porque é que David assumira a paternidade? Porque é que esta garota escapara ao destino das outras, a não existência pelo aborto? David e Sílvia, a rapariga com quem se juntara, viviam numa garagem do prédio. Não era uma solução rara. Viver como habitualmente também era ocupar garagens, talhos ou cafés. O Talho do Armando, à procura de trespasse e entaipado do lado de fora, podia ser no interior uma casa alugada à margem da lei.

— Como se chama?

— Mónica.

O magusto e a conversa seguiram e só foram interrompidos por um vizinho novo. Parou o carro mesmo à frente deles, saiu com um ar paternalista e exigiu pouco barulho. Depois foi estacionar o seu novo e berrante bólido na garagem ao lado. As jantes reluzentes tinham ao centro um parafuso vermelho quase fluorescente. Cajó e David trocaram um olhar de conivência que ele não entendeu, até porque David não perdeu tempo.

— Sempre vens comigo, puto? Só preciso de ir buscar as chaves do carro.

— Vou, vou.

Atravessaram a rua vazia. Os mais novos já não brincavam na rua, e a causa não era só o aumento do número de carros. Dizia-se que a epidemia se espalhava pelo sangue. A sida transformara um joelho esfolado, outrora uma normalidade, numa arma bioquímica; tocar em sangue era como tocar em veneno. Junto à caixa de eletricidade, que

tocaram com nostalgia com a ponta dos dedos, desceram o túnel das escadas que ia dar ao beco. David perguntou-lhe se não tinha saudades de morar ali e, ato contínuo, bateu com toda a força na parede que dava para o velho quarto da cave.

— Não faças isso! — foi a reação indignada de Ruço. — Quem estiver no quarto assusta-se.

David riu-se. Continuou a descer as escadas, entrou no beco, que, apesar de alcatroado, continuava repugnante, preservativos, garrafas e, claro, seringas espalhadas como priscas. Virou à esquerda, abriu o portão da garagem e entrou noutra dimensão: a garagem parecia um cabaré. Mobilara a sua *casa* como um estúdio porno: luzes fracas, amarelas e vermelhas, a meia altura; um imenso bar dominava o espaço; os sofás pareciam camas convidativas; no sofá mais distante, a voluptuosa e destapada Sílvia estava a ver um filme. Resmungou. Tinham duas televisões enormes, aparelhagens de som, dois vídeos, uma banheira redonda e descomunal, qual piscina interior. Duas bonecas no chão destoavam, eram rastos de uma criança que passava ali pouco tempo; Mónica vivia lá em cima no primeiro andar com a avó, a bisavó e a tia. Sílvia resmungou de novo. Não havia um traço de cumplicidade neste casamento. Ao terceiro resmungo, David sussurrou-lhe:

— É uma cabra, mas é tão boa, faz com cada bico, puto. — Tratava a própria mulher como uma concubina em regime de exclusividade. Dar-lhe casa, comida e luxos raríssimos no bairro era a avença pela felação tântrica. Saíram sem a menina.

— Então não íamos com a tua filha ao médico?

— Caga nisso, puto. A minha irmã trata disso.

Entraram no carro, um chaço quase arqueológico, e quando deu por si já estavam no meio da Musgueira, ilustre bazar de droga, no flanco do aeroporto. Jogaram ali uma vez pela equipa da escola e tiveram de sair a

correr com calhaus esvoaçando a centímetros das cabeças. O chaço de David foi travado por dois homens. Quando o reconheceram, fizeram soar dois assobios. Avançaram devagar quase em ponto-morto, pararam à beira de um prédio que parecia uma ruína romana, alguém enfiou a cabeça pela janela de Ruço como se ele fosse transparente; David entregou um envelope a este vulto, recebeu outro. À porta do prédio, o chefe, ladeado por duas odaliscas, olhava com suspeição. Com um gesto patricio, chamou David, que saiu do carro para falarem sobre o elefante no carro: Ruço. David abanou a cabeça para dizer que não havia problema e levou a mão direita ao peito. Ruço emocionou-se. Aquele gesto queria dizer que ele era como um irmão para David, que estava a arriscar tudo o que tinha, a sua reputação no submundo — o cartão do sindicato de camionistas era só disfarce. A comoção pela amizade misturou-se com a raiva. Porque é que David o levou até ali? Voltou a sentir a velha náusea dos vômitos. Cerrou os punhos, prensou os maxilares. Quando voltaram ao Janeirinho, David estacionou junto a um novo salão de jogos. Assim que saiu do carro, Ruço deu-lhe um soco. David riu-se de novo.

— Ainda sabes partir o focinho a um gajo; tá tudo bem, meu puto. — E abraçou-o. Ruço não teve tempo para pensar. Entraram no tal salão de jogos que afinal era a fachada de uma casa de alterne com striptease. Atrás da secretária onde um velhote trocava notas por moedas, uma porta escondida dava acesso a outro hemisfério. Passando entre seguranças e mulheres semi-nuas, David foi andando com enorme à-vontade. Eles e elas tratavam-no como alguém da casa. Ruço voltou a sentir vontade de lhe bater: um génio, que aos doze anos sabia imitar Simenon e Poe, era jagunço do bafon por vontade própria. Deram-lhe uma mesa mesmo junto ao palco onde uma mulher escanzelada dançava agarrada ao varão. Estas mulheres não eram deusas de cabaré, eram

desgraçadas das bermas da estrada, que, sem acesso à cocaína dos ricos, não podiam fingir que estavam a gostar. Com caras de enterro, levavam homens barrigudos para cubículos privados feitos de contraplacado. Ouviam-se os gemidos precipitados destes homens sozinhos e tristes, cansados e derrotados, versões masculinas de Eugénia.

— O que é que se passa, David? Trabalhas aqui, é?

Ele explicou tudo com uma pergunta retórica.

— Achavas mesmo que eu ia ser camionista como o meu velho?

Fazia dupla com o pai no circuito da camionagem, sim, mas era agora óbvio que usava o camião para transportar cargas ilegais. Era também claro que, quando estava em casa, era capanga em sítios como este. A julgar pelos gestos e olhares, ter sexo gratuito com estas mulheres era uma das parcelas do salário.

— Quando é que começaste a usar o camião para trazer droga para o Pernas?

David ficou boquiaberto. Não estava à espera que ele tivesse esta esperteza de rua. Mas não perdeu a liderança da conversa. O Pernas? O Pernas não mandava nele! Não, não era de ninguém, sim, trabalhava pro Fanã, mas não era dele, o Pernas?, o Pernas era um otário do caralho, já tinha estado de saco porque era um cagão de merda, sempre com brutas carros, deu nas vistas, fodeu-se; só ia de saco quem era burro ou cagão. Ele, o rei David, podia ter a casa que quisesse mas vivia na garagem. Podia ter o carro que quisesse, mas andava naquele chaço.

— Fanã?

— Já não te lembras da fauna do bairro, meu puto? Matou um gajo à porta da escola há uns anos, não te lembras? É o boss do Pernas! É tio dele, ou primo, ou o caralho, não percebo nada daquela gente. De quem é que achas que é este pardieiro? Mas a minha cena é essa, puto, não sou

dele nem da Francesa, a avó da tua amiguinha. Andas a pinar a gaja, não andas?

— Não. A Joana é só minha amiga.

— Tá bem, abelha! A gaja é boa na cama ou não? Olha que as tímidas são como as gordas, dão tudo, fazem tudo, deixam fazer tudo, cada foda é como se fosse a última.

— Sempre o mesmo cavalheiro.

Mandou-o pro caralho e, antes que ele começasse com merdas, deixou um aviso: não, não passava cavalo, nem coca, nem erva, nem um saquinho, nem uma grama, caralho!, o seu business era o contrabando, tinha menos riscos, passava entre fronteiras bebidas brancas, tabaco, roupa contrafeita e algumas armas que vinham por vezes dos confins do velho império austríaco, comentava as proezas sexuais de húngaras, romanas, búlgaras como todos os homens deste ramo, mas, ao contrário da maioria, conhecia e falava a linguagem jurídica.

— Ma man, a moldura penal é baixa, se for de saco é por pouco tempo. Mas se és apanhado com cavalo, esquece, ficas lá até perderes a tusa.

Ruço perguntou se o pai dele sabia.

— Nem sonha, caralho! — O cabrão do velho estava sempre com a piela, foda-se, bebia e ficava na cabine a rressonar como um porco! A linguagem de David estava ainda mais corrompida pelo vernáculo; cada frase era um campo minado com dois ou três palavrões. Mas, apesar da rrazia linguística, continuava brilhante. Falava com frieza empresarial. Com a pátina gélida que Ruço encontraria mais tarde em gestores e advogados, David explicou-lhe que sabia muito bem onde estava outro risco: nunca *apagara* ninguém e recusava trabalhos que pudessem dar molho. Era um cálculo moral? Tinha David a consciência de que o contrabando era um mal aceitável e que matar era um pecado

inaceitável? Não conseguia perceber. Poderia ser apenas um instinto de autopreservação. O homicídio dava a pena máxima. Quando o conheceu, David era imune às leis divinas e às leis terrenas. Agora parecia ter medo das leis terrenas. Era um avanço.

David continuou o argumentário que parecia ensaiado, garantiu que estava bem, tinha dinheiro escondido em três países diferentes, não andava a brincar, caralho!, sabia onde vivia o Brocas na costa francesa e já tinha lá terrenos e casas em nome da dama do Brocas, foda-se!, só precisava de mais uns anos para se reformar, que de quinze em quinze dias ganhava o salário anual do pai, que não percebia porque é que tinha de ter um «trabalho honesto» como o pai, honesto para quem, foda-se?, para os cabrões da transportadora que lhe pagavam uma miséria, para os cabrões dos supermercados que esmifravam a transportadora? Porque é que não podia ter o mesmo que o filho do patrão *oficial*, o dono da transportadora, casa com piscina na Linha, grandes bombas na garagem, duas gajas em dois apartamentos diferentes, que é pa não enjoar?, porque é que esses cabrões, que chulavam o pai e milhares de outros desgraçados, podiam e ele não podia?

A ambição dele fez-lhe lembrar a ambição da mãe, que o comparava com os herdeiros dos doutores e não com os filhos dos operários. A diferença estava no método: Augusta defendia a via do estudo, adotando uma linguagem universal, uma linguagem dominada pelos filhos dos doutores, sem dúvida, mas aberta a todos; David queria estar à parte dos senhores doutores, queria enganá-los, tinha outra linguagem, um código exclusivo dos nativos do bairro, um idioma subversivo e saqueador. O ódio aos betos crescera com os anos, até porque passara a conhecê-los por dentro.

— Conheço-os de ginjeira, caralho.

Tinha levado há poucos dias dez prostitutas a uma despedida de solteiro de um menino-família do Estoril.

David mandou vir a garrafa de whisky mais cara e a única rapariga estonteante. Enquanto falava com o amigo, David tocava no peito e nas pernas desta rapariga; ela parecia gostar, até porque David fez duas linhas de coca que ela, sôfrega, aspirou. O charme de David, que nunca foi pequeno, crescera com os anos. Tinha vinte anos e era um príncipe do seu mundo. Sussurrou algo ao ouvido da rapariga. Era uma ordem. Ela levantou-se e tentou levar Ruço para um dos cubículos. Ele disse que não.

— A mãe do Júlio trata-te bem. Tens a barriga cheia, meu cabrão. Comer uma cota por trás é a melhor coisa que há, é ou não é, cabrão?, vêm-se logo todas, até dá pra contar as vezes que se vêm, é ou não, cabrãozinho?

Agora foi ele que ficou boquiaberto.

— Ruço, Rucinho, achavas mesmo que eu não ia saber?

Continuou calado, bebeu um copo. David aproveitou para dar a estocada.

— Tavas aí a pensar que és melhor do que eu, não é, cabrão? Mas eu não ando a dar pirafos na mãe dum amigo. Cavalheiro o caralho!

Levou-o a casa. Não falaram no carro.

A teoria geral dos anjos

O MERGULHO EM APNEIA NO MUNDO DE DAVID não tinha ainda terminado. Duas ou três noites depois da noite do cabaré, a rua foi acordada pelos gritos do tal vizinho que os mandara calar na garagem. Cometera o erro de deixar o carro na rua: as jantes cromadas tinham sido roubadas; o carro estava suspenso em quatro tijolos. Ele assumiu que tinha sido David. Poucos dias depois, na garagem, antes de mais um ensaio, reparou num monte coberto por lençóis velhos. Espreitou: ali estavam as inconfundíveis jantes. Cajó tinha tratado do assunto com a autorização de David. Ele pensava que o dinheiro para a banda vinha da mesada abonada de Júlio. Estava enganado. Brotava dos biscates que Cajó continuava a fazer. Não ficou desiludido, porventura até ficou orgulhoso do amigo. Cajó usava o crime para um fim luminoso: tirar cinco rapazes e uma rapariga da indigência intelectual do bairro através da música. Quando vendesse aquelas jantes, o mealheiro da banda ficaria com o suficiente para alugarem uns dias de estúdio.

Gravaram na semana mais barata, entre o Natal e o Ano Novo. O estúdio ficava na Lisboa possível, a Lisboa para cá da cerca sanitária, a Segunda Circular. Foi no Lumiar ou em Benfica. Foram dias felizes. Eles entravam no aquário do som, ele ficava do lado de fora junto ao técnico, abanando a trunfa ao som da música, dando conselhos através de gestos. A imensa alegria do grupo contrastava com a pose burocrática do técnico, que via este espetáculo de felicidade todas as semanas,

passavam por ali dezenas de bandas de garagem por ano à procura do sonho e nem um por cento chegava ao circuito profissional. Jamais a felicidade deles quis saber desta probabilidade estatística. Ao fim de uns dias, o sorumbático sonoplasta lá lhes deu a maquete profissional e dez cassetes para uso pessoal, que espalharam pelos amigos. Na garagem ou em casa, riam e choravam quando ouviam a sua música a sair dos rádios e walkman como se fossem uma banda verdadeira.

Mas tinha ele o sonho de Cajó? Achava mesmo que iam ser uma banda a sério? Não sabia. Passava os dias naquela leve antecâmara da bebedeira. Mas sabia outra coisa: foi aqui que percebeu pela primeira vez que Maria de La Salette tinha razão, ele podia sonhar, podia e devia ter enviado os contos para os jornais de Lisboa, já devia ter sentido este gáudio absoluto há mais tempo. Deixou de ter vergonha. Foi o otimismo de Cajó que o levou a furar a lógica medíocre e autoimposta do pobre. Vista de fora, a ambição de Cajó, «Vamos ser uma banda do caralho», era demencial. Vista por dentro, esta ambição de anjo que anuncia o impossível foi mesmo a porta de entrada da carreira de Ruço, isto é, de Lucas Andrade.

Neste contexto de júbilo e renovada confiança, abraçou Joana, sentindo-a pela primeira vez para lá da amizade. Estava feliz, pronto para amar, logo, tentou matar-se de novo. Muitos suicidas matam-se quando recuperam a alegria; a felicidade dá-lhes a energia que não têm quando estão na escuridão submersa; é por isso que é tão difícil antecipar o seu comportamento; dão o passo final quando tudo parece tranquilo e feliz. A felicidade traz imensa energia e, por inerência, o desequilíbrio; a felicidade é um arado que vem remexer uma terra que estava seca mas estável, traz ao de cima sementes que estavam enterradas ou congeladas por uma razão. Quando se fala de suicídio, a verdadeira tempestade pode ser a bonança.

Escolheu a noite de Passagem de Ano. Mais tarde, descobriria no seu trabalho de repórter que o Réveillon e a Consoada são dos dias com mais casos de suicídio. Neste mesmo dia, sete pessoas suicidaram-se só na Grande Lisboa. Ele poderia ter sido a oitava. Foram comemorar a Passagem de Ano e o disco da banda ao Bairro Alto. Foi talvez a primeira vez que entrou na verdadeira Lisboa. Jantaram num tasco, cheios de alegria e rodeados pela folia desaçaimada da multidão. Chamou Cajó à parte e ofereceu-lhe um presente, um exemplar do *Dune* que encomendara ao homem do Círculo de Leitores que andava de porta em porta.

— Obrigado por tudo.

Cajó nunca tinha recebido um presente. Abraçaram-se. Fizeram uma libação de amêndoa amarga. Regressaram ao grupo em alvoroço. Enquanto absorvia esta alegria, enquanto recebia a energia dos planos de Cajó que passavam por entregar a maquete a outras bandas e editoras, enquanto começava a reparar na beleza discreta e frágil de Joana, ele não parava de pensar nos passos da terceira tentativa de suicídio, a primeira após o regresso. Sentia as duas emoções ao mesmo tempo, o amor por Joana a nascer e o desejo inapagável de se matar; sentia os dois impulsos sem qualquer contradição entre si.

Quando chegou a casa, não estava ninguém, como esperado. Os pais iam dormir na horta depois da habitual Passagem de Ano em redor do madeiro. No móvel dos medicamentos, o mausoléu do deus químico da mãe, pegou em três ou quatro caixas e atirou comprimidos para o tapete ao lado da banheira. Desta vez não ia usar a lâmina amadora, mas sim a química dos profissionais. Encheu a banheira como da outra vez, queria sentir de novo o vapor espesso da quimera. Despiu-se, deitou-se na água quente; com a ponta dos dedos da mão esquerda ia tocando nos comprimidos que cobriam o tapete, engoliu um a um. Depois de engolir

a dose que lhe parecia mortal, deixou a cabeça escorregar e afundou-se por completo. Sentiu paz debaixo de água, uma paz de princípio e de fim, de útero e de túmulo. Quando voltou à tona para aquilo que devia ser o desejado estertor, o corpo salvou-o como se tivesse vontade própria. Começou a sentir vômitos, segurou os primeiros; o derradeiro, demasiado forte, esvaziou-lhe o estômago.

É este o terceiro amigo imaginário, o terceiro avatar: depois do avatar com o braço cortado e a pingar água no chão, depois do avatar com um pé na ribeira e outro no gatilho da caçadeira, tinha agora um avatar de novo molhado e com uma baba branca e pestilenta a sair pelos cantos da boca. Três incompetentes.

Quando se tenta matar sem sucesso, o suicida acede a um realismo impiedoso sobre si mesmo e sobre os outros; este realismo de autópsia é imune aos códigos sociais. É esta crueza que explica o que se passou a seguir.

Ele não foi a única baixa da festa de Ano Novo. Na horta, no meio da algazarra, o pai esmagou o pé direito. Ao moverem o segundo madeiro da camioneta para o chão, o pesado tronco caiu-lhe sobre o pé. Esmigalhou ossos, destruiu tendões e articulações. Ficou dias e dias no hospital, ponderou-se a amputação. Se a amputação é grave em qualquer pessoa, é o inimigo existencial num trabalhador braçal. A consternação instalou-se na família e amigos. E eram tantos os amigos do Sor Romão, o Bom Gigante. Quando teve alta, foi recebendo visitas atrás de visitas, sobretudo lá em baixo na horta. O Bom Gigante tornara-se uma personalidade de respeito. A empresa expandira-se debaixo da sua liderança, tinha mais de cinquenta empregados, já exportava estruturas metálicas. E não era só um caso de sucesso económico. Tal como

Mendes na serra, Romão dava emprego a quem pedia e fundara quase sozinho um clube de futsal, o «Janeirinho», no grande largo da oliveira. O símbolo do clube era precisamente a milenar oliveira, que era agora uma preciosidade nacional. O Museu de História Natural e a Faculdade de Ciências dataram com precisão a idade da árvore: 2850 anos, era provavelmente o ser vivo mais velho da Europa. Esta descoberta deu uma certa dignidade ao largo e ao bairro. Foi a natureza, e não Lisboa, que deu uma certa respeitabilidade ao morro. Com o desenho da árvore em todos os equipamentos, todas as equipas do clube, dos infantis aos seniores, andavam de um lado para o outro nas carrinhas da empresa de Romão, que também financiou a construção da primeira igreja do bairro ali no largo. No centro paroquial desta nova igreja, mães solteiras e idosos encontravam um apoio inédito. O apocalipse, a epidemia, aportara no bairro durante a sua hibernação, mas também era verdade que a esperança aterrara no Janeirinho e essa prodigiosa aterragem devia-se aos sinais de luzes de Romão. O largo da oliveira, com a igreja nova, o centro paroquial e o clube de futsal, emitia uma paz sem interrupções. Outrora um sentimento exclusivo dos sábados de feira, o sentimento de segurança era agora de todos os dias. Este largo era a testa de ponte da ordem pública, a refundação da comunidade. Romão fizera nada menos do que o impossível: estacara o ciclo vicioso da violência e iniciara um ciclo virtuoso da ordem. Ao lado do clube e do centro paroquial, apareceram muitas lojas, uma escola de ballet, um centro de explicações, um ringue de boxe.

A convalescença do Sor Romão, o mecenas deste recomeço, só podia causar um sobressalto nesta emergente comunidade. Toda a gente apareceu: o padre, um moço novo das berças que beijava o chão que Romão pisava; outros pequenos empresários, fornecedores e clientes; as catequistas e as mães solteiras com os bebês; os operários da fábrica e

respetivas famílias; os miúdos da tal equipa de futsal e os velhotes que apareciam para agradecer ao Sor Romão: «O seu pai é um grande homem», «O seu pai é mesmo o Bom Gigante», «O teu pai é a salvação da gente».

Duas semanas depois, já perto do seu dia de anos, a família deu uma festa para celebrar a recuperação de Romão: andaria de muleta o resto da vida, mas a amputação passara ao lado. À partida, a festa seria apenas um almoço de domingo mais abastado. Chegou sozinho na lambreta em cima da hora. Assim que atravessou o portão verde, captou uma vibração estranha, alguns rostos mais tensos, algumas vozes a falar mais do que habitual. Essa tensão estava no rosto da mãe.

— Vai falar à tua avó.

Então era isso. A majestade tóxica de Eduarda sentia-se no ar. Augusta, preocupada com as aparências, não quis correr riscos. Todos sabiam do seu corte com a avó, pelo menos desde o funeral do avô Manel. Não a via desde o dia do êxodo, Romão e Augusta não a viam desde o enterro do avô. Ele e Augusta eram pessoas malditas para Eduarda, que dizia a toda a gente que não os queria lá. No entanto, naquele momento, era preciso manter a hipocrisia em nome de Romão.

— Ouviste? Tá ali no casão.

Aproximou-se do pai, que estava sentado no sofá velho junto à bancada dos relógios de cuco que já não tocavam. A demência estava há dois ou três anos a diminuir o relojoeiro, Joaquim. Estavam ali sentados: à esquerda, o pai com a perna pousada num banco; à direita, Joaquim com a mente pousada na demência; no meio, representando o papel de enfermeira austera, a avó Eduarda. Era óbvio que o pai estivera a chorar, os sulcos molhados das lágrimas ainda reluziam no rosto. Não se falaram no enterro de Manuel, ela continuava despeitada, portanto tinham acabado de falar pela primeira vez em oito anos. A sua chegada

precipitou o fim desta conversa de reconciliação. Eduarda levantou-se e olhou-o nos olhos, qual sargento a encarar o desertor. Não mudara um milímetro no aspeto seco e na atitude angulosa. À distância, ele fez a vénia expectável.

— Seja bem-vinda. Como está?

— Bem. Não se vê?

Este «não se vê» trazia a mangação de sempre. Nas entrelinhas queria dizer: «Ainda não morri como tu bem querias.» Ao longe, Judite já estava nervosa com esta troca de salvas, que continuou do lado de Eduarda.

— Já sei que não vais ser doutor.

A alfinetada não o surpreendeu. Ao longo dos anos, tinha ficado claro que não ia ser médico, a sua vocação estava nas letras. Com o tempo, Augusta deixou o inalcançável sonho da Faculdade de Medicina e abraçou o alcançável e exigível sonho da Faculdade de Direito. Ele retorquiu com um chiste inesperado para todos.

— Julgo que a avó está um pouco confusa, pode ser da idade. Não vou ser médico mas vou ser doutor na mesma, os advogados também são doutores.

— Doutores de letras — rebateu Eduarda com desprezo.

— E então?

Na ressaca da terceira tentativa de suicídio, estava indisponível para códigos como o respeito solene pelos avós. Pressentindo a escalada, Judite interrompeu-os, alegando que precisava da ajuda do seu Rucinho. Agarrou-o pelo braço, levou-o para a bancada da cozinha, pediu-lhe para ter juízo. Ficaram a descascar qualquer coisa para fazerem o bolo, talvez cenouras, Romão adorava bolo de cenoura malcozido. Judite lá fez a queixa destes anos, que ele andava arredio, que tinha saudades dele, que

ele já não ia à horta como dantes. Mas ele só tinha olhos e ouvidos para a pose autoritária de Eduarda.

— Que bicho te mordeu, não estragues a festa ao teu pai — miou Judite. — Não aprontes outra como da outra vez.

Quando disse «outra vez», Judite apontou com o queixo para a prima Dulce, que acabara de entrar no casão debaixo do desdém silencioso da família. Não a via desde essa outra vez, o dia da surra e do aborto. Estava uma mulher soberana, parecia ser de outra classe social. Aprendera a coar a sensualidade através da elegância. Aproximou-se, tocou-lhe no ombro, ela virou-se, ficaram uns segundos a olhar um para o outro, fazendo os possíveis para não chorarem ao pé de tanta gente que os desprezava. Dulce não podia faltar à festa do tio preferido, que debruou com um cento de beijos e um presente: uma bengala chique com cabo de madrepérola.

Ruço e Dulce foram passear pela horta. Conversaram enquanto descascavam e comiam tangerinas às pazadas. Ou melhor, Dulce falou, ele escutou: que ele estava um homem bonito, que até a cicatriz lhe dava um ar ainda mais exótico, que ela tinha mudado de vida, juntara-se com um engenheiro da fábrica; viviam no estranho mundo da classe média, algures em Oeiras, era um homem bom, Jorge, não o queria ao pé desta gente. Assim que disse «homem bom», Dulce emocionou-se.

— Então, que se passa?

— O Jorge pensa que vou engravidar, dizemos às pessoas que estamos a tentar ter um filho. Mas não vai dar. *Aquilo* naquele dia, lembras-te, puto?, foda-se, foste muito homem naquele dia, puto, muito mesmo, pronto, aquela merda fez com que não possa ter filhos.

— Tens a certeza?

— Tenho. Já fui a dois médicos diferentes. — Abraçou-o com força e chorou ainda mais.

Ao longe, os tios cantavam as suas canções da guerra. Isaías, já muito velho, cedera a liderança dos cânticos ao irmão Crisóstomo, o pai de Dulce, e sobretudo ao cunhado Diamantino. Ele odiava os dois, mas, quando cantavam, abria-se um túnel que suspendia o ódio e que lhe permitia ver dois seres humanos mutilados pela guerra. Todos sabiam que a última das guerras imperiais tinha deixado marcas, contudo ninguém perguntava nada. Quando paravam de cantar, o túnel esfumava-se, o tempo voltava ao seu curso, tal como o ódio, até porque eles não perdiam uma chance para humilhar as mulheres: «Cala-te, mulher! O vinho, mulher!» Estes vexames eram o compasso dos almoços. Este não foi exceção. A presença da avó até reforçava o acinte: «Caluda! Passa-me a cerveja. A cerveja, mulher!» A cada «cala-te, mulher», Dulce comprimia-se ao lado do primo. «Cala-te, mulher! O pão, mulher!» As mulheres sentavam-se e levantavam-se a cada momento, obedecendo às ordens. A única que não se levantava, a única que era servida sem servir era a avó, a mãe dos homens que estavam a ser servidos. «A chouriça, mulher!» Dulce abanava a cabeça. Debaixo da mesa, ele tentava acalmá-la dando-lhe a mão. Não serviu de nada quando o tio Diamantino berrou: «Cala-te, mulher, ou ainda levas!» Todos sabiam que a tia era agredida, mas jamais se ouvira uma confissão tão clara. Ninguém disse nada. Dulce explodiu de vez.

— Que cambada, pá! Ninguém vai defender a tia, porra? — Olhou para cada um dos tios, Romão, Isaías e Isidro, olhou para o seu próprio pai, Crisóstomo. Eles não levantaram os olhos, não defenderam a irmã Mari'Antónia. A lealdade entre homens era superior aos laços de sangue. — Que homens tão valentes.

— Tá calada, não metas o bedelho onde não és chamada! — ordenou Diamantino.

— Não me meto, não. — Levantou-se e saiu em direção ao carro.

Ele foi atrás dela, agarrou-a pela mão, levou-a até à ribeira. Ela continuou a desabafar.

— Vai-te embora daqui, puto. Deixa esta gente. São uns merdas, todos, nem a irmã defendem, porra! E a tua mãe, francamente, toda moderna, toda respondona, mas fica prali calada também.

Ruço encolheu os ombros e disse que a mãe também não queria saber «desta gente» e que, às vezes, nem queria saber dele.

— Eu gostava tanto da tua mãe, puto, tanto mas tanto! Sabes, naquele dia, o que me custou mais não foram elas todas de volta de mim, foi a tua mãe a ajudar à festa, logo a tua mãe, que tem a história que tem.

— Que queres dizer com isso?

— És tão tenrinho. Não sabes nada de nada, pois não?

Parou. Estava a decidir se tinha o direito de reescrever o passado do primo. Achou que sim.

— O que sabes da tua mãe?

— Estás a falar do quê, Dulce?

— Sabes o que aconteceu com o Mendes?

— Claro que sei, ela fazia roupas demasiado finas e ousadas para aquela parvónia.

Dulce abanou a cabeça e levantou a voz:

— O Mendes abusava das mulheres, puto!, das trabalhadoras!, toda a gente sabia, toda a gente sabe que há um monte de bastardos do Mendes, mas aquela gente comia e calava-se, menos a tua mãe. — Parou, tinha os olhos a arder. — Há um dia em que ele, pronto, apanha a tua mãe num sítio mais escondido e tenta. A tua mãe, como é a tua mãe, não teve com modas, deu-lhe uma joelhada no dito cujo e um soco nas trombas. — Fez o gesto do murro no ar. — Foi despedida e claro que o boato que apareceu não toca no Mendes, ui, ui, o Engenheiro Mendes, a tua mãe é que passou a puta e o teu pai a Florzinha. A minha mãe, as tias e, claro,

aquela personagem que é a avó queriam que a tua mãe aceitasse aquilo como as outras. Achas isto normal? Ele abusava delas, e elas tinham que tar caladas! Esta merda não te ferve o sangue?

Ele estava demasiado abismado para sentir fosse o que fosse. Um fantasma que tinha vivido a milímetros de si toda a sua vida estava agora a materializar-se. Começou a sentir náuseas, não pelas cenas em si, que faziam todo o sentido; via a mãe a esmurrar Mendes, via a avó a preferir uma nora abusada a uma nora falada. Dulce não estava a mentir. A raiz do engulho era o tempo que ia da entrada da mãe na fábrica até à sua saída, quase dez anos. Durante este tempo, foi suportando como as outras o que era insuportável em nome do sonho do filho doutor? Deu-lhe um murro na primeira ou na última vez? Na noite em que viu David em cima do Pote, sentiu um cerco sufocante. Era, todavia, um cerco urbano. No fundo da sua cabeça, a aldeia, com todos os seus defeitos, permanecia uma terra ingénua, sem perversão sexual; a sua gente era rude mas cândida. Esta ilusão, a que restava, morreu aqui.

Dulce continuou. Parecia que estava a fazer a primeira sessão de terapia enquanto adulta autónoma e de classe média; vivia agora num mundo onde as pessoas falavam muito sobre si próprias. Quando ouvia a história da tia Augusta, pensava que eram todos malucos: «Atão a tia Augusta é que era a culpada? Então o outro queria montar-se nela e ele é que era o coitadinho? Foda-se, era sempre a mesma merda!» A mãe estava sempre a dizer que ela, Dulce, era falada, porque tinha namorados. Que escândalo! Quando começou a trabalhar na fábrica já era mulher; tinha só catorze, mas já tinha aquele corpanzil. Tinha de passar numa rua de oficinas no caminho. Ele não imaginava as coisas que ela ouvia dos homens, homens feitos a tratar uma criança como uma puta. E o que dizia a avó quando ouvia isto? Que mulher honrada faz orelhas moucas. Então a culpa era dela? E se lhe tivessem tocado? Se

tivessem abusado dela como aconteceu a outras? Como é que ela ia contar aquilo em casa?

Sentaram-se no chão. A ribeira ainda corria forte. Ela podia ter parado aqui. Escolheu continuar. Continuou não por amor à verdade mas por despeito pela família, sobretudo pela tia Augusta. Ainda bem que o fez. É verdade que todas as famílias são infelizes à sua maneira. É verdade que a sobrevivência enquanto família implica a transformação de factos em tabus de maneira a colocar a infelicidade em níveis toleráveis de dor. Há no entanto limites no domínio do sigilo.

Antes do gancho de direita, preparou-o com dois ou três diretos de esquerda.

— Esta gente é só segredos, caralho. Toda a gente sabe que o cabrão do Diamantino bate na tia, mas não se passa nada. Toda a gente sabe que o avô era bastardo, mas não se passa nada.

— O quê?

Como é que tudo muda em alguns segundos de uma tarde como tantas outras?

— Sim, sim, lembras-te de alguma família da parte do avô Manel? Nada. Zero. Nicles batatoides. Os nossos pais não têm avós ou tios daquele lado. Só do lado da avó Eduarda, aqueles Correia de Bragança ou o caralho. Há uns anos perguntei e perguntei e ninguém quis saber. Já viste como é estranho o nosso apelido, Azul? Azul, caralho! Isto vem donde? Perguntei-lhes. Eles só encolhiam os ombros. O Jorge diz que só pode ser um apelido alentejano, que os alentejanos é que costumam ter apelidos estranhos assim.

Ainda estava ele a olhar pela primeira vez para esse ângulo morto, o passado desconhecido do avô Manel, quando ela deixou cair a granada que trazia na cabeça desde que entrara na horta há duas horas.

— Mas, ouve lá, achas que é caso único? Nunca te fez impressão não saberes nada da tua mãe?

— Como assim?

— Quem são os teus avós do outro lado? Não conheces, pois não? Ninguém conhece, ninguém sabe quem são.

Nos anos que se seguiram, explicar a ignorância em relação ao passado da mãe foi difícil, tal como foi complicado explicar a ignorância em relação ao passado do avô Manel. A verdade, porém, é que nunca tinha pensado no assunto. As coisas eram assim. Não se tratava de um tabu, como a guerra ou o olho negro da tia; era um não-tema, um zero, estava no ângulo cego. Anos depois, Pedro Castro e Sousa e outros amigos da cidade perguntariam incrédulos se nunca lhe tinha ocorrido perguntar pela família da mãe antes desta conversa com Dulce. Não, não tinha. Nunca pensou no assunto antes da granada de Dulce. Isto era tão estranho para Pedro como o facto de ele ter tido uma irmã de leite, um laço normal na pobreza rural de então. A verdade nunca é relativa, mas a normalidade familiar é sempre relativa. Pedro vinha de uma família industrial do Norte com uma árvore genealógica estabelecida desde o século XIX. O seu estatuto advinha dessa publicidade. Ele vinha de uma família miserável cuja sobrevivência moral dependia da ausência de publicidade; quanto menos se falasse sobre o passado, mais fácil seria a vida. Se a família de Pedro, os Castro e Sousa, contratava detetives genealógicos que descobriam antepassados luminosos, a família de Ruço contrataria exterminadores de passados, caso essa gloriosa profissão existisse. Perante o mistério do avô, sentiu apenas curiosidade intelectual. Azul? Que apelido era este? Vinha de onde? Alentejo, como dizia o marido da Dulce? Foi dos arrozais do Sado para os arrozais do Mondego? Fez o quê além de enterrar a sua primeira mulher no arrozal? Perante o mistério da mãe, sentiu outra coisa: medo. Quem era a sua

mãe? O medo cresceu porque Dulce não parou. Era uma criatura incandescente na sua raiva que se julgava justiceira e reparadora da verdade.

— Queres saber outra coisa: a minha mãe dizia entredentes que a tua mãe apareceu em São Jerónimo grávida.

— Isso é mentira. Eu nasci algum tempo depois de ela ter chegado.

— Na, na, não eras tu, meu menino.

Ele levantou-se. Olhou-a, rancoroso. Deixou-a. Chegou sozinho ao casão. Esperou à lareira até à tardinha. A turba familiar foi saindo. A avó Eduarda foi a primeira a sair. Ia ficar na casa de Isaías. Quando ela saiu, amparando o filho mais velho, ele não escondeu a frieza: permaneceu na lareira, fez-lhe adeus sem desviar os olhos do lume, causando embaraço no pai e orgulho na mãe. Repetiu a distância com Dulce, que saiu com ar de dever cumprido, ar de terrorista balcânico na corte austríaca. Esperou até restar apenas o círculo mais próximo, Joaquim, Judite e os pais. Esperou que a mãe começasse a levar a loiça para um armário mais afastado. Aproximou-se, fez a pergunta que tinha um único propósito: magoá-la.

— Olhe, mãe, diga-me lá uma coisa, como se chama o meu irmão? Ou irmã, não sei. — Augusta deixou cair a loiça. — E, já agora, quem são os meus avós?

Falou alto para que todos ouvissem. Ela fixou os olhos na cicatriz do filho, por cima do olho esquerdo, e tentou dar-lhe uma bofetada. Já não era possível. Ele travou-lhe a mão direita, encarando-a de cima para baixo. Ela tentou com a esquerda. Travou-a de novo. Sentindo-se humilhada, saiu, meteu-se no carro e desapareceu. Judite tentou apaziguar, agarrou-o pela mão.

— Filho, deixa tar, não queiras saber tudo, há coisas que não são pa saber!

— Deixa-me em paz!

Foi a primeira vez que foi agressivo com Judite, que deu um passo atrás. Romão deu um passo à frente; talvez o grande passo da sua vida.

— Anda comigo. — Foi até ao carro; usando a muleta para proteger o pé esmagado, sentou-se no lugar do pendura. — Anda, leva-me até lá acima.

— E a bófia?

— Qual bófia, filho? — Era um ritual de passagem: os rapazes pegavam nos carros antes de serem legalmente adultos, antes de terem a carta de condução; era um dos efeitos de sentirem que viviam num zepelim distópico que planava bem acima da lei. Lá pegou no carro pela primeira vez. Conduziu aos repelões até ao Cabeço, passaram junto à fábrica, pararam na taberna do careca. Indiferente ao drama familiar, Lisboa lá em baixo irradiava luz, tal como o aeroporto onde uma desinquieta coreografia de pirilampos metálicos agitava o ar. O pai mandou vir duas cervejas e um bagaço. Ele corrigiu o pedido: «São dois bagaços, Seu Aníbal.» Beberam os bagaços e bateram com os copos no tampo de fórmica da mesa, uma libação sonora que abriu a confissão.

— Filho... tens de me prometer que não vais contar nada à tua mãe.

— Isso adianta o quê, pai?

— Promete-me. Jura aqui que não contas à mãe.

— Sim, prometo.

— Tenho a tua palavra?

— Dou-lhe a minha palavra.

A seguir, o ser humano mais silencioso, ainda mais silencioso do que ele, manteve a sua voz ligada ao mundo durante minutos a fio. É como se tivesse preparado este monólogo ao longo da vida, estando apenas à espera do momento certo para soltá-lo.

— Conheci a tua mãe num bailarico da vila, era mais velha, três anos, o que é muito naquelas idades, parecia de outro mundo, a tua mãe, sei lá, parecia que vinha da televisão, tás a ver?, vi logo que era ela, *era ela*, tás a ver ou não?, acho que ela sentiu o mesmo e, pronto, aconteceu logo ali na parte de trás da casa do povo, voltei na semana seguinte e, olha, aconteceu de novo. — Respirou fundo. — Estávamos deitados numa manta que levei de casa e ela diz: «Estou grávida, não é teu como está bom de ver, não perguntes nada, se me queres, não perguntes nada!» E não perguntei. Sei que ela trabalhava na vila, não sei a fazer o quê, nunca mo disse, nunca perguntei. — Romão pediu mais dois bagaços erguendo dois dedos da mão que só tinha três; parecia uma mão alienígena. — E, pronto, foi assim. Avisei a avó de que ia casar com uma moça da vila e que ela ia ficar uns tempos lá em casa. Não admitia um «não», já ganhava mais do que o avô. Tinham-me prometido que fazíamos uma casa lá no terreno assim que me casasse. Andava a juntar dinheiro pa isso mesmo. Arrancámos com as obras... — Nova pausa, algum embaraço. — Pá, ao fim de pouco tempo, a tua avó fez as contas e percebeu que o bebé não podia ser meu.

Aníbal abeirou-se com a garrafa e reencheu os dois copos; enquanto o pai emborcava o seu copo, ele pensou numa coisa: agora não era difícil perceber a sanha que Eduarda tinha contra Augusta. Fixou-se nos aviões na pista do aeroporto. Invejou a tranquilidade daquelas vidas lisboetas pousando e levantando o seu tédio. *Eles* eram felizes e não sabiam. Reiniciou a conversa num tom moralista e ainda despeitado com a mãe. Fez, portanto, uma aliança *a posteriori* com o rancor de Eduarda.

— Aceitaste viver com uma mulher que vinha grávida de outro gajo?

— Se a tua mãe se atirasse a um poço, eu ia atrás. Se ela queria que eu não perguntasse nada, se tinha de criar um gaiato que não era meu, queria lá saber.

Tinha acabado de tratar o pai por «tu» pela primeira vez. Esta conversa íntima, tão rara entre pais e filhos, não admitia a formalidade de sempre.

— Mas nunca perguntaste?

— Não, pá! Nunca perguntei de quem era a criança e o que ela fazia na vila. Não interessava, só a queria ao pé de mim, queria lá saber do resto. Sim, pá, criava aquela criança, até porque na aldeia era isso que as pessoas diziam: que eu a tinha emprenhado lá nos bailaricos e que tivemos de casar à pressa, que a Ti Eduarda gosta das coisas direitas.

Um fantasma formou-se na cabeça de Ruço: a mãe estava a fugir de quem? Augusta na verdade não amava Romão e apenas o usou para fugir? Emborcou a água-ardente, gasolina para continuar.

— Mas então onde é que está esse meu irmão?

— Morreu... morreu ao terceiro dia. — Romão esteve sempre a falar com os olhos em baixo; aqui levantou a cabeça e olhou o filho nos olhos. — Eu tava a trabalhar na nossa casa, a tua mãe sai da casa dos avós com a criança já morta enrolada num xaile branco... queimei esse xaile depois... ela ajoelha-se e começa a escavar o chão duro como cornos com as unhas, pá, tinha perdido o juízo, tás a ver ou não? As crianças ainda morriam assim de frio, de doenças. Vocês, malta nova, não fazem ideia. Foi a tua avó que a levou pa casa, foi a tua avó que levou o corpo pro meio dos montes; às vezes, pa me ferrar o dente, dizia que os lobos o tinham levado, mas sei que o enterrou.

Ruço levantou as mãos para lidar com o que acabara de ouvir, para calar o pai, para parar o mundo que escolhera este dia para desarrumá-lo de novo.

— Espera aí: vocês enterraram o bebé nos montes?

— A avó enterrou.

— Mas toda a gente na aldeia sabia. Ninguém disse nada, ninguém fez queixa?

Com um leve sorriso, Romão abanou a cabeça perante a inocência do filho.

— Ó filho, quantos e quantos não foram enterrados assim! Vocês, malta nova, não fazem ideia do que era a vida. Era assim que se fazia. — Abriu os braços para sublinhar a normalidade do que estava a reportar. — Era por isso que as pessoas não registavam os gaiatos assim que nasciam. No meu bilhete de identidade faço anos a três de junho, não é?, mas eu sei que nasci em abril. Tás a ver ou não? Não sabes que eu devia ter nove e não seis irmãos? Por isso dava-se uns mesitos de intervalo pra se ver se os gaiatos aguentavam.

Enquanto o pai falava, Ruço andava à volta de uma pergunta: como é que tudo isto, absolutamente lógico, real e verosímil, lhe tinha escapado até agora.

— E, filho, não eram só os gaiatos, não penses. Lês tanta coisa e nunca ouviste falar do Abafador dos velhos que já não podiam mais? Não te passa pela cabeça! Aquela malta ali em baixo — aponta para Lisboa — nem sonha! Quando lhes contares esta e outras coisas, vão dizer que é mentira tua.

Mesmo mais tarde, ele nunca conseguiu isolar a emoção dominante deste momento: se o assombro perante a dureza antiga da aldeia, se a comoção perante a certeza do pai, que dava como certo o seu triunfo em Lisboa.

— Como é que se chamava esse meu irmão?

— Teve no mundo três dias sem nome, foi enterrado como um bicho, não foi ao registo, não foi ao padre. — Romão parou à beira do choro.

— Era menino ou menina?

— Não sei. Nunca vi, só elas viram, a mãe e a avó, que teve ao lado da tua mãe no parto. Só elas viram e nunca falaram disso, nem uma nem outra. Sempre achei que a criança nasceu com alguma coisa, alguma deficiência, tás a ver ou não?

Ruço fixou os ouvidos no regato, que, do outro lado da rua, escorria em direção à cachoeira. Invejou a natureza amoral. Aquela água limitava-se a cair em paz, sem dor, sem exaltação, sem perguntas.

O Sor Romão nunca disse «amo-te». Essa é uma daquelas palavras que ele só começou a ouvir ao vivo em Lisboa, tal como «mamã» e «papá». Até à ida para a faculdade, era uma expressão dos filmes americanos: o «Amo-te», e não o «I love you», é que soava a linguagem forasteira. O pai sentir-se-ia ridículo se dissesse «eu amo a tua mãe». Mas «amor» é a única palavra que descreve este homem mutilado, coxo, sem dois dedos da mão esquerda, e sempre com um fedor a óleo e a ferrugem. O Sor Romão estava emocionado por causa de uma criança que não era dele e que até o deixava numa situação humilhante. Só que era um filho da mulher que amava. Tudo o que ele estava a ouvir era chocante, sim, mas também era verosímil, enquadrava-se no mistério violento da mãe e na resiliência do pai. Romão suportara todas as humilhações, suportara o gozo da aldeia, suportara o rancor da avó, aguentava há anos as farpas dos irmãos atiradas à educação do filho, sabia que os irmãos lançavam olhares obscenos à sua mulher, suportava o ódio que o filho e a mulher tinham pela sua mãe, mas aguentava tudo em nome dessa mulher e desse filho. Na extensa lista de humilhações que sofrera e sofria, criar uma criança que não era dele nem era a pior.

Ele queria continuar. Não sabia como, só pensava no abuso de Mendes, mas não quis humilhar o pai ainda mais através do corpo de Augusta, alvo da cobiça universal. O gelo foi quebrado por Romão, que, de comporta aberta, deixou a água sair.

— A tua mãe, antes de ti e depois de ti, perdeu bebês, tás a ver ou não?, depois daquele primeiro bebé e antes de ti, teve dois desmanches, como é que eles dizem?, abortos espontâneos. Perdemos a esperança, até que apareceste tu. Quando nasceste, ela disse que tinha sido um milagre. — Os olhos de Romão brilhavam. — Depois apareceu a Mariana; a Amélia, coitada, ali sozinha, o leite seca-lhe, começa também a perder o tino. A menina ficava ca gente, dormia contigo no berço, e íamos à da Amélia ajudá-la. Tu achas que a tua mãe foi seca com a Mariana, não é? Tás enganado, deu-lhe mimo, vocês os dois eram o casalinho dela, dois rucinhos aos caracóis. Depois os desmanches vieram outra vez. — Resignado, encolheu os ombros ao destino; neste caso, encolheu os ombros à fragilidade biológica da mulher. — Ela queria mesmo o casalinho, mas não deu. Teve mais dois abortos. Houve ali uma altura em que deixámos de ter relações. Quando nos mudámos praqui, ela disse que tratava do assunto.

Foi a única conversa íntima que teve com o pai na sua vida inteira. Romão estava extenuado. Mas ele não resistiu a fazer de novo a pergunta.

— Nunca perguntaste nada à mãe sobre a família dela? Nunca quiseste saber?

— Não. Só sei que a tua mãe é Andrade, é esse o apelido dela: Andrade.

— Andrade?

— Sim, Augusta Andrade. Na papelada, quando não chateiam, assina Correia Azul. Quando preciso de uma assinatura dela nos papéis da fábrica, assina Augusta Correia Azul, só. Nos teus papéis da escola, também é só Correia Azul. Só tem Augusta Andrade Correia Azul no bilhete de identidade d'agora, que tem sempre escondido no quarto, nas gavetas dela. Num bilhete de identidade já muito antigo tem só Augusta

Andrade, mai nada. — Reparando na curiosidade do filho, Romão foi claro: — Mas, olha, não vais lá mexer nas gavetas dela, que ela passa-se dos carros! Deixa tar isto em paz. — Passou do aviso ao ralhete: — Tou a falar a sério! Não vais lá mexer.

— Está bem, está bem. Mas esse bilhete de identidade não tem lá o nome dos pais?

— Não. Tem pais, como se diz?...

— Incógnitos.

— Isso mesmo.

Ele estava tão atordoado que repetiu a pergunta.

— Mas, caramba, como é que se vive assim ao lado de uma pessoa tantos anos?

— Eu fazia o que a tua mãe quisesse, fazia e faço. A tua mãe vinha grávida e sem pais ou irmãos e disse-me: «Se me queres, não perguntes nada!» Aceitei, ponto final. Não quero saber. Há coisas que não são pra saber. Nem tens de saber tudo sobre uma pessoa pra gostares dela. Lê tanto e não sabes isso?

Levantaram-se da mesa. Apesar da muleta, Romão caminhou amparado no filho. Sem a desculpa do pé partido, não se teriam abraçado assim. Desceram até casa. Romão tinha um largo sorriso de alívio. Ela estava a dormir no sofá. Adormecera a ver televisão. Era hábito Romão levá-la ao colo para a cama. Aproveitando mais uma vez a incapacidade física do pai, ele pegou-a ao colo. Ela despertou quando a pousou na cama. Percebeu que era ele, mas manteve o teatro:

— Romão, vai ser se o gaiato já chegou.

São mães assim que criam escritores, sobretudo aqueles que não cumprem a palavra dada. Claro que ele procurou os bilhetes de identidade. No fim de semana seguinte, não foi à horta com eles e varreu o quarto dos pais como um polícia à procura de provas. Começou pelas

gavetas da cómoda, nada. Passou ao tocador, nada. Passou às gavetas da mesinha de cabeceira. Na última gaveta, que parecia uma caixa de memórias, encontrou agendas dos últimos anos com a calendarização precisa dos trabalhos de costura, algumas fotos perdidas, papel de carta muito velho por usar, blocos com esboços de vestidos e casacos, sonhos por realizar. E, lá pelo meio, como se fossem mais fotos perdidas, encontrou os dois bilhetes de identidade. O vigente e o antigo. Ao ver a parte da frente deste documento mais antigo, sentiu uma inexplicável felicidade perante um nome magnífico: Augusta Andrade. E, na parte de trás, o temor não se confirmou: os pais de Augusta, os seus avós desconhecidos, não eram incógnitos. Romão estava enganado, o que provava que nunca tinha violado a confiança de Augusta, nunca tinha espiado este bilhete de identidade. Os seus avós maternos chamavam-se Francisco e Madalena Andrade.

O namoro com Joana começou no primeiro (e único) concerto da banda. O pai de Vítor, o viola-baixo, era de uma vila perto de Coimbra e, através de compadrios vários, desencantou um concerto num comício de um partido político em campanha eleitoral. Os locais estavam à espera do bailarico aldeão. Em vez disso, viram chegar um esquadrão de arcanjos negros e guedelhudos que tocava a banda sonora do armagedão. Conseguiram tocar uma música; a meio da segunda começaram a chover garrafas. Tiveram de sair escoltados por um desprevenido polícia, que, coitado, miava um foda-se muito aflito. Ficaram desiludidos, claro, mas também não conseguiam parar de rir: quem é que pensou que era boa ideia tocar uma ópera gótica numa vila campónia? Acabaram a noite numa discoteca local e foi ali que aconteceu. Foi talvez da adrenalina da fuga, foi porventura por estarem fora da claustrofobia do bairro. O certo

é que deram o primeiro beijo debaixo daquela pavorosa música de dança.

De regresso ao bairro, continuaram a ensaiar na esperança de que outra banda gostasse da maquete e os convidasse para a primeira parte de um concerto. Continuaram a tocar até ao dia em que o Americano apareceu na garagem amparado pelo pai. Ele já sabia que o Americano tinha sida, já tinha visto inúmeros infetados a certa distância, o medo das seringas e de qualquer gota de sangue era universal, mas nunca tinha cheirado aquele fedor a decomposição num espaço fechado. Um pânico silencioso assentou em todos. Abriram caminho para o deixar passar da mesma forma que teriam deixado passar um cadáver na carreta. E o Americano não estava longe disso: o cheiro putrefacto brotava de pústulas nos braços e de uma gangrena azulada que lhe trepava pelo pescoço. Sentou-se numa cadeira velha, a madeira não rangeu, era leve como um gato. Tentaram manter a conversa de circunstância, mas o Americano levantou-se. Ficaram a ver um espetáculo macabro: um defunto a andar e a pegar no microfone de Joana. Num impulso enojado, ele correu para lhe tirar o micro das mãos, mas, já em cima do enfermo, controlou a repulsa. Num gesto final de humor, o Americano levou o micro à boca, fingiu que cantava como uma diva. Apesar da peste que o comia vivo, continuava a ser a mesma pessoa: queria fazer rir os outros tal como nos tempos das futeboladas. Se tivesse sobrevivido, teria sido um pai maravilhoso.

De repente, atrás deles, estalou a confusão, o pai do Americano começou a gritar em negação: «Na, na, o meu filho não tem isso, o meu filho não é paneleiro!» O Cajó e os outros acalmaram-no e levaram-no a casa. Ele e Joana ficaram com o Americano, levaram-no a casa no seu passo lento. De sorriso lerdo, dizia coisas espaçadas no tempo como: «Tás bonito, Ruço», «A tua namorada é bonita». Quando chegaram à

casa do Americano, um primeiro andar no prédio de David, Cajó e Júlio já tinham deixado o senhor no sofá a chorar. Ele e Joana, seguindo as indicações da mãe e da irmã, deitaram-no na cama ladeada por uma mesa de cabeceira que parecia uma farmácia. Desceram as escadas a correr, correram até à garagem, desinfetaram as mãos com lixívia. Cajó pegou na cadeira onde o Americano se tinha sentado, levou-a para o descampado e pegou-lhe fogo. Ele pegou num saco de plástico, usou-o como luva para apanhar o micro que o Americano usara no seu último número de humor, e atirou-o às chamas que consumiam a cadeira. Assustada com o fumo, Eugénia desceu e viu-o de mão dada com Joana.

Este dia marcou o fim do sonho da banda. Deixaram de se sentir confortáveis na garagem, sobretudo ele. Assustou-se com o olhar que Eugénia derramou sobre Joana, um olhar que prometia homicídios de tabloide. Tinha de sair deste covil. Ademais, as outras bandas não diziam nada, tal como as editoras. Cajó acabou por perder a ilusão. Ainda acabou o décimo segundo ano. Depois desapareceu. Uns diziam que tinha morrido de overdose depois de ter sido arrumador de carros, outros diziam que tinha emigrado para o Luxemburgo. Embora plausíveis, as duas hipóteses estavam erradas. Anos depois, ele descobriu a verdade quando foi almoçar ao restaurante do Estádio da Luz. Quem era o empregado responsável pela sua mesa? Cajó. Abraçaram-se. Cajó contou-lhe que seguia as suas proezas à distância. Quando lhe disse que a pessoa que trazia consigo era o seu diretor, Cajó lançou esta tirada memorável: «Olhe, fui eu quem o descobriu.» Era verdade.

Sem a garagem, o ponto de encontro com Joana passou a ser o salão de jogos onde ela trabalhava. Ficava do outro lado do bairro, mais ou

menos entre o cemitério e as barracas, uma zona de armazéns e casas clandestinas. Joana trabalhava ali desde sempre, trocando notas por moedas, tirando cafés, aturando bêbados. Só que, como tantos salões de jogos, este não era só um salão de jogos.

Antes de entrarem ali pela primeira vez, Joana disse-lhe algo parecido àquilo que a mãe dissera ao pai há mais de vinte anos.

— Não faças perguntas! A Vó não gosta de perguntas.

Este salão de jogos era um enorme armazém do tamanho de um campo de futsal; no espaço amplo do rés-do-chão, havia matraquilhos, snooker, arcade, ping-pong, o escritório; o primeiro andar estava dividido numa meia dúzia de pequenos quatinhos. Nunca pensou que o salão de Joana pudesse ser o lendário bordel. Aliás, pensava que o «putedo da Francesa» era uma faustosa e decadente boíte com música de cabaré; afinal era só a parte de cima de um mísero salão de jogos e a única música que se ouvia era a cacofonia das máquinas de flippers. No primeiro andar, quando passaram no corredor dos quartos, ouviu admirado o labor das alternadeiras. Joana segredou-lhe a sorrir que conhecia as raparigas pelos gemidos, que Dina balia, que Marlene miava, que se ouvisse só as molas do divã era a silenciosa Josefina que tinha a mania que era fina, que Odete, a mais velha e mais requisitada, gania tanto que eles ficavam a pensar que lhe davam prazer. Quando chegaram ao fim deste corredor, encontraram o quarto de Zé Alemão, sargento dos capangas, motorista e valido da Francesa. Era o único funcionário legal do salão. Era seco como um pescador. Tratou Joana como uma filha, deu-lhe uma marmita com comida quente; olhou para Ruço com um ar entre o ameaçador e o intrigado. A seguir ao quarto de Zé, subiram um segundo lanço de escadas muito apertado e inclinado até ao quarto de Joana.

— Tu moras aqui? — perguntou pasmado.

— Não faças perguntas.

Nestas águas-furtadas, o quarto tinha bancada de cozinha e uma pequena casa de banho. Era na prática a casa de Joana, que vivia ali debaixo da proteção da Vó, e longe dos odiados pais. A casa dos pais ficava um pouco mais acima na fronteira entre a construção clandestina de tijolo e a construção de madeira ainda mais clandestina das barracas. Estavam sempre a descobrir no quintal túneis de ratazanas; o quarto de Joana nessa casa ficava paredes-meias com as barracas, ouvia do outro lado os gritos, as ressacas, os bebês a chorar de fome e medo. A mãe vivia lá sozinha, o pai estava em Inglaterra.

Foram felizes neste sótão. Estavam sempre nus na cama a fazer amor ou a falar sem reservas sobre o passado de cada um. Com David, ele só conseguia falar da culpa que sentia como agressor, nunca da dor como vítima. Com Joana, este véu desapareceu, conversa após conversa, choro após choro. Com Judite, conseguia chorar, mas falava pouco, não se organizava, não se explicava. Judite era uma barca temporária que o roubava quarenta e oito horas à soberania aquática do Estige. Com Joana, chorava e falava. Pela primeira vez, tinha direito a ser vulnerável até ao fim. Joana não era um mero salva-vidas, era um curso de água novo que o levaria para fora do Estige em direção aos rios do Purgatório: falava da relação difícil com a família, da difícil adaptação ao bairro, da *secura* da mãe.

O bordel da Francesa era para Joana aquilo que a horta de Judite tinha sido para ele: o santuário possível. E este santuário sem reboco e alimentado por puxadas ilegais era um dos cérebros que organizavam a vida do bairro. À medida que se aproximava daquele ponto, uma pessoa sentia que a violência se esvaziava. O mal aleatório que ele sofrera vezes sem conta desaparecia na presença da Vó, a Francesa, Anabela Matos de nome civil. À volta, todos os prédios eram clandestinos, mas, apesar da

habitual balbúrdia arquitetónica, o asseio era a norma; não havia lixo no chão, os contentores não estavam partidos, os almeidas sabiam que podiam passar sem problemas. Nos telhados, uma corrente de rapazes funcionava como sistema de comunicação; tinham um código de assobios que escapava à polícia ou a qualquer pessoa estranha: quando chegava um carro com mercadoria, mulheres ou droga, eles davam dois longos e pausados assobios de uma indolência teatral, a indolência do vencedor. Quando aparecia a polícia, os assobios eram curtos e frenéticos, uma contra-sirene. Era impossível um carro da polícia surpreender a Francesa. Quando aparecia alguém inofensivo, como ele ou a assistente social, ouvia-se um único e pausado assobio.

Era raro entrar ali sozinho; Joana vinha sempre com ele na mota. Ela era o seu arrimo. Podia pensar-se que ele se sentia seguro porque ela era a neta da madame. Ele também pensava assim, mas o dia do tiroteio mudou tudo. O bando rival, o do Pernas, de David e do Fanã, rompera o círculo de segurança. Quatro homens num carro finório à lisboeta conseguiram chegar à porta do salão. Despejaram quatro caçadeiras. Um rapaz morreu logo ali, outro ficou ferido na cabeça. Quando começaram a ouvir os tiros, ele e Joana abraçaram-se debaixo das mantas e ele esboçou um sorriso calmo, um sorriso de alguém tranquilo no meio do caos. Não se sentia seguro devido ao estatuto de infanta que Joana tinha neste submundo, sentia-se seguro porque a amava. Entre outras coisas, o amor cria esta luz insensata. O amor não é a suspensão da descrença, é a suspensão da crença de que existe uma lógica nas coisas: ele encontrou o amor no sótão de um bordel; encontrou-o na neta de uma poderosa madame, e teve a certeza de que a amava durante um tiroteio. O amor é implausível, e também é indescritível. Ou melhor, só podemos descrevê-lo em duas ou três linhas: chegavam ao salão, subiam o primeiro lanço de escadas aos beijos, cravavam comida a Zé Alemão, subiam o segundo

lanço de escadas, passavam horas a foder e a conversar, desciam para cravarem bebida a Odete, a madre superiora. E o tempo *desaparecia*. Não sabia que se podia ser feliz assim, ou seja, não sabia que se podia ter esta soberania sobre o tempo. O amor, ao contrário do horror, não é narrativo, não dá boas histórias porque suspende o próprio tempo e a narração. Era só isto: tinham sexo, dormiam agarrados, conversavam sobre os cantores preferidos dela, Nick Cave, Johnny Cash, Patti Smith, Bruce Springsteen; discutiam os livros favoritos dela, as biografias e autobiografias destes cantores, ele ficava a pensar que ela era uma inteligência por explorar, que só precisava de mais autoconfiança; riam, bebiam cerveja, cantavam as músicas do Cave, sobretudo «Into my Arms», «a música mais bonita sobre amor», dizia Joana; cravavam o jantar a Zé Alemão ou a Odete, conversavam sobre as aulas de Filosofia da professora Ana Paula, Nietzsche e Leibniz, bebiam vodka limão, voltavam à cama, compreendiam o corpo um do outro por instinto e sem esforço, sem a fossanga contabilística dos orgasmos dados e recebidos; com Eugénia, sentia que estava a dar um show para terceiros pontuarem a sua performance, impunha a si mesmo um júri imaginário que vigiava a sua virilidade; com Joana, ao invés, sentia que estavam mesmo sozinhos no mundo, as falhas na tal performance até eram oportunidades para mais intimidade e não um embaraço; os orgasmos de Eugénia eram uma trupe de desassossego que exigia mais e mais e mais; ao orgasmo de Joana, seguia-se sossego e segurança. Era só isto.

Joana foi descascando o pandemónio que era a sua relação com os pais. Uma vez mesmo à porta da escola cor-de-rosa a mãe espetou-lhe o salto alto de um sapato nas costas; estava furiosa porque Joana deixara o leite subir no fogão. Esta mulher, que permaneceu anónima pois Joana jamais pronunciou o seu nome, espetou um salto-agulha nas costas da filha por causa de leite derramado.

— Quando a Vó soube, foi lá a casa e partiu-lhe a mão e trouxe-me pra'qui.

— A Francesa partiu a mão à tua mãe? É filha ou nora?

— Nora.

— E o teu pai?

— Já tava na Inglaterra, nem queria saber. Trabalha lá para a Vó. Ela adora-o. É o único filho. É o meu Carlinhos pra'li, Carlinhos pra'qui.

Foi esta lenda, a Francesa, quem o chamou à parte para aquela conversa clássica que os pais têm com os namorados das filhas. Só que, sendo esta uma história do Janeirinho, o pai era uma das madames mais poderosas da Grande Lisboa, com prostíbulos a oeste em todos os morros, a norte em toda a zona saloia e a sul em Telheiras e Benfica, onde mantinha prostitutas de luxo em dois ou três apartamentos. Falava com um sotaque estranho devido aos anos passados na Suíça, usava muitas expressões em francês como «putain», «arrête», «tu fais chier», «enculé». Pintava o cabelo com um amarelo ordinário e repelente; tinha as rugas expectáveis que não condiziam com um estilo de roupa demasiado jovem e sensual, que também não encaixava num corpo deformado pela idade e o tabaco. Fumava com um estilo peculiar: acendia o cigarro, dava duas passas, apagava-o, fazia a prisca esvoaçar, acendia novo cigarro, duas passas, apagava-o, prisca esvoaçando, e repetia. Andava com três ou quatro maços nas algibeiras.

Não perdeu tempo.

— Olha, Senhor Doutor, eu faço tudo pela minha Joaninha. Há uns tempos, uma coleguinha partiu-lhe uma garrafa na cabeça e espetou-a no braço. Ninguém da escola fez nada. Ah, putain, fui lá sozinha, nem levei nenhum dos meus sócios.

Era assim que tratava os seus soldados: «sócios».

— E fez o quê?

— Parti-lhe todos os dedos da mão.

O bando do Pernas e do tal Fanã tinha um fascínio por furar olhos. O fetiche da Francesa era só partir mãos, o que parecia um avanço civilizacional.

— Tamos entendidos?

— Estamos.

Ele estava avisado. A conversa seria todavia retomada semanas depois, após um incidente mais ou menos inevitável. Já era de noite, Joana estava a levá-lo até à mota. Ouviu aquela voz esganiçada inconfundível:

— Comé, Ruço?

Era o Pernas. Depois do tiroteio, o Fanã enviou-o ao território da Francesa. Sem paz, não havia negócio. O Pernas subira na vida, acabara de sair da prisão onde cumprira pena leve. Era agora emissário diplomático do jogo dos crescidos. Já não era um mero cabo do chamon, era coronel do cavalo e da coca. Aproximou-se. Eram agora da mesma altura. Olhou-o nos olhos, até para mostrar uma coragem artificial ao pé de Joana. O Pernas não ligou. Aproximou-se demasiado, como se fosse íntimo, entrou no seu espaço como se estivesse prestes a beijá-lo ou a sussurrar-lhe inconfidências ao ouvido, tocou-lhe no braço com esta intimidade forçada. Ele desviou o braço num gesto brusco.

— Atão, Ruço, é assim que se trata os velhos amigos? — perguntou o Pernas na reinação.

Ele pegou no braço de Joana e despediu-se com a cordialidade seca que o estatuto do outro exigia:

— Passa bem.

Joana assumiu que esta tensão resultava dos assaltos e socos que ele apanhara do Pernas. Ela sabia que o Pernas era o pai da cicatriz que ele tinha no rosto; desconhecia, porém, o segredo da cave da escola. Vivaça,

a Francesa pressentiu a verdade. Não descobriu a causa secreta, mas percebeu que havia uma ligação estranha entre ele e o Pernas. Chamou-o de novo no dia seguinte.

— Olha, Senhor Doutor, a Joanhinha diz-me que és um puto porreiro, que não te metes em merdas. Mas diz-me lá uma coisa: porque é que és tão amiguinho daquele cabrão?

— Não é meu amigo, andámos só na mesma escola.

— Tens a certeza?

Apontou para a cicatriz acima do olho.

— Ele fez-me isto. Não fiquei cego porque não calhou. Não é meu amigo. Tem a minha palavra.

— Tenho *a tua palavra*? Tu fais chier ou quê! De onde é que tu vieste, ó Senhor Doutor?

— Não me trate por Senhor Doutor.

— Eu trato-te como eu bem quiser. E ouve bem, se te metes em merdas podes ter a certeza que não vês mais a Joana. Tamos entendidos?

Depois deste tira-teimas sobre o Pernas, a Francesa mudou de atitude. Ele passou a ver a Anabela que se escondia atrás do mito da Francesa. Será que, tal como os rapazes da rua, ela considerava-o um senhor doutor inofensivo, um padre civil passível de receber confissões? Ou será que tinha um genuíno carinho por ele, vendo-o já como futuro membro da família? Talvez a verdade estivesse mais próxima da segunda hipótese. A Vó disse-lhe várias vezes que queria Joana fora daquela vida, que queria a neta numa vida normal com um marido normal que não se metesse em «merdas», em «esquemas», em Lisboa de preferência, longe da merda do bairro, que era uma doença que passava de pai para filho. Como todos os bons gangsters, reais e ficcionais, Francesa queria a descendência na legalidade. E ele, o Senhor Doutor, era a melhor garantia dessa normalidade pachorrenta e legal para Joana.

Poucos dias depois daquela acesa conversa sobre o Pernas, agarrou-o pelo braço e ordenou:

— Anda comigo, vamos fazer a volta do pão.

Entraram numa velha carrinha cheia de pão e mercearias conduzida por Zé Alemão. Percorreram caminhos antiquíssimos, as veredas do rebanho do Fininho que passavam debaixo dos viadutos do progresso. Pararam à saída de Loures numa zona escondida entre armazéns e o rio de Loures. Ela apontou para uma grande e antiga casa saloia entre dois prédios novos e clandestinos; pegou num saco de mercearia e mandou-o pegar num gigantesco saco de pão. Zé tratou do resto. A Vó entrou ali como se fosse dona da casa. À entrada não havia qualquer indicação ou número de porta. Ele entrou e, antes de os ver, já os tinha cheirado: dezenas de velhos. Era um lar de idosos. Quando pousou o saco do pão numa mesa de plástico, os velhotes já estavam de roda da Francesa, que aqui era tratada por anjo.

— Olha, o meu anjo.

— Esta mulher é um anjo.

Ela distribuiu beijos, trocou brejeirices com os mais atrevidos, fingiu dar conselhos de tricô a duas senhoras, levou uma para a casa de banho onde lhe cortou o cabelo, ajudou as funcionárias a fazer o jantar. Estas funcionárias eram ex-prostitutas, que, depois de pendurarem as chuteiras do amor, vestiam o avental e continuavam a trabalhar para a Vó, agora como cuidadoras de velhos; por vezes, ainda tiravam a maior a um ou outro velho mais aceso. Antes de saírem, a Vó chamou à parte a chefe e deu-lhe um maço de notas. Enquanto ali estiveram, limitou-se a apresentá-lo como namorado da neta, uma espécie de herdeiro, e depois nunca lhe explicou nada. A caridade é como o sexo: é para fazer, não é para comentar.

Este não era o único lar da Francesa. Tinha mais dois nos cerros saloios. À luz das leis de Lisboa, estes lares não tinham condições, até podiam ser catalogados de crime organizado. Só que eram a única possibilidade: estas famílias não tinham dinheiro para a legalidade das «residências seniores». Os velhos ou ficavam nestes albergues clandestinos ou ficavam ao abandono. Por outro lado, as famílias sabiam que os velhotes não eram maltratados. A Francesa nunca o permitiria. Era uma das lendas que construía a sua autoridade: quando dois assaltantes passaram uma semana a roubar e a torturar casais de idosos nas casas saloias a norte de Loures, ela tratou do assunto antes da polícia. A Francesa aceitava assaltos, não tolerava crueldade. As famílias também sabiam que a Francesa não era usurária: falava com um familiar, quase sempre uma filha desesperada, e decidia na hora o valor da mensalidade. Fazia um preço justo, ou seja, perdia dinheiro com os lares. Eis de novo o rosto improvável do bem: uma enorme fatia do dinheiro sujo da Francesa servia para manter esta filantropia. Há quem lave dinheiro no sistema bancário. A Francesa lavava dinheiro na decência. Porque é que a Francesa ajudava assim dezenas de famílias? Estaria a expiar os seus pecados conhecidos? Cuidava dos homens na velhice depois de os ter explorado na juventude? Ou estaria a expiar um pecado secreto? Ou seria genuinamente boa, a freira possível, uma freira-madame? Ela não saberia gerir um convento, não dominava o abecedário do Paraíso. Só sabia escrever com o alfabeto do Inferno, mas usava-o na construção na decência. Não é a vacina o vírus virado ao contrário? Os seus bordéis davam segurança e saúde às mulheres e seus filhos; geravam dinheiro sujo, com certeza, mas ela gastava parte desse dinheiro na ajuda direta a dezenas ou centenas de pessoas. Tentar a utopia seria um esforço fútil no Janeirinho e noutros bairros, mas filtrar a anarquia era possível. O bairro nunca seria uma cidadela perfeita, mas

não tinha de ser uma chaga inabitável; haveria sempre brutalidade, mas era possível diminuir a violência mais cruel; haveria sempre pobreza, mas era possível limar as arestas mais aguçadas da miséria.

Se Romão não era capaz de dizer «amo-te», a Francesa também não era capaz de dizer coisas como «eu amo os meus velhinhos»; era incapaz dessa autoindulgência. Escondia, aliás, este ato de caridade atrás de uma expressão fria: «A volta do pão.» Nunca falava desta caridade secreta. Na carrinha ou no bar do salão, ela falava apenas do bairro, das alternadeiras, do salão e das boîtes.

— Olha, Senhor Doutor, sem mim elas tavam na rua, sei que é difícil, também já fui puta no meu tempo, sei, sim senhor, as garrafas que vês lá em cima no parapeito das janelas são elas que bebem para aguentar os gajos, velhos, gordos, tresandam, suam em cima delas, mas é o que lhes digo: «Não é fácil, mas queres tar na rua, minha menina?», tenho uma enfermeira que as vem ver se tão bem, fazem análises, têm casa de banho, dou-lhes casa, os filhos são como se fossem meus netos, até lhes passo recibo, se quiserem!

E tinha mesmo livro de recibos. Tecnicamente, as raparigas não eram da Francesa, eram apenas mulheres que queriam ter sexo com homens de livre e espontânea vontade e que alugavam os quartos como se o bordel fosse uma residencial de estudantes. Lenocínio o caralho! Eles que viessem provar que ali havia putedo! Eles que viessem! Já tinham vindo e não provaram nada. Todas elas sabiam a história que tinham de contar. Ria-se às gargalhadas da esperteza que usava para flanquear a lei. Depois voltava a um tom mais pesaroso quando garantia que elas ali sentiam-se seguras, estavam fora da rua, não aturavam carochos, estavam ali protegidas dos maridos que batiam.

Esta mulher era traficante, proxeneta e já assassinara gente, mas era parecida com Judite. Enquanto senhora da noite, a Francesa também

estava para lá das normas da sociedade, o que lhe garantia uma ferocidade temível e uma bondade inexplicável. Esta ideia pode parecer estapafúrdia para quem nunca esteve atolado no Inferno, mas a verdade é que, quando temos ácido e esterco pela cintura, não existem boas escolhas, não existe um dilema entre uma escolha boa e uma tentação má, existe um dilema entre dois males. É como naquele momento no xadrez em que percebemos que não podemos salvar uma determinada peça, só podemos escolher a forma como a peça vai morrer. Judite e a Francesa estavam nos dois extremos do xadrez moral mais comum das raparigas do Janeirinho, como São, Odete, Dália, João, Dulce. Quando engravidavam, a pressão dos pais, dos namorados e da rua ia toda para o aborto. Judite ajudava nesta primeira opção, servindo de intermediária entre as miúdas e a velha do desmanche. Mas, quando não abortavam, assumindo o bebé, eram rotuladas de mãe solteira ou puta. A má-fama tornava ainda mais complicado o acesso aos empregos das fábricas, lojas e cafés; por outro lado, a presença do bebé retirava-lhes o tempo e a cabeça para os cursos profissionais que permitiam o acesso aos escritórios como secretárias e aos consultórios como técnicas. Neste quadro trágico onde perdiam sempre, fosse qual fosse a sua escolha, sobrava uma única saída para conseguirem uma vida acima da miséria mais humilhante: a prostituição nas casas da Francesa. Vender o corpo podia ser menos aviltante do que depender da caridade despeitada de terceiros ou de um patrão sovina e abusador num trabalho normal. Até podem ser criticadas pela lei e pelas alturas, mas Judite e a Francesa funcionavam como um sistema de barcaças que mantinha parte do povo de Ruço um palmo acima do lodo.

Depois da bênção da Vó ao namoro, Joana foi subindo o calibre da intimidade, quer na cama quer na conversa. Por cada tabu sexual quebrado, porque praticado, quebrava um tabu emocional. No bairro, ele sentiu sempre uma relação muito próxima entre o medo e o sexo. A pontada do medo antes do assalto, o clarão antes do trovão, é parecida à pontada do desejo antes do primeiro beijo. O corpo sabe antes da cabeça. Por outro lado, todos usavam o sexo como técnica de contra-fogo: combatiam o fogo do medo com o fogo do sexo; com o corpo e a cabeça ocupados com o desejo, não sentiam medo dos gangues. Joana dava um novo significado a este uso terapêutico da alcova. Usava-a como combustível para revelações, quase sempre sobre os pais.

Os pais dela, de resto, são o cenário do dia que definiu a relação. Estava tensa, parecia Eugénia, usou o sexo como aríete da raiva, não fez amor, fodeu para queimar o medo. Começou por dizer que o pai chegava naquele dia, que vinha passar uns dias de férias, que odiava aquele cabrão, começava logo a gritar e a bater na mãe, que não se sentia bem quando ele estava no bairro, pediu-lhe para passar ali a noite. Era impossível, Augusta não ia deixar. Para forçar a mão, Joana avançou para a revelação total: o pai fazia-lhe «mal». Mal? Abusava dos «toques» e muitas vezes ia «mesmo até ao fim». Joana não conseguia formar a frase «O meu pai violava-me.» Ao contrário das tias na horta, conhecia as palavras, «violação», «abuso»; não ousava, porém, pronunciá-las. As memórias dos abusos conviviam e diluíam-se nas memórias afetuosas mais antigas. Só que a verdade era só esta: o pai violou-a por sistema entre os oito e os treze, altura em que foi acolhida pela Francesa. Ele perguntou-lhe se já tinha contado à Francesa. Que não! Como é que ia falar daquilo?

— Como é que ia dizer isto? Olha, Vó, o teu filho é um cabrão de merda e anda a enfiar a peça na própria filha, a tua neta! Que bonito!

Como é que se diz esta merda? — Além disso, o pai era todo melado com as outras pessoas, parecia outro fora de casa. Não, ele era a primeira pessoa a saber. Joana encostou-se ao peito dele, e chorou aos repelões, como se estivesse a esconjurando cada abuso, dezenas deles.

Ele sentiu uma embaraçosa vergonha: como é que ele, Ruço, se atreveu a pensar que tinha sofrido muito? Ao pé do sofrimento oceânico de Joana, o seu sofrimento era um pequeno arroio. E como é que se atreveu a pensar no suicídio? Joana nunca pensou no suicídio apesar de ter sofrido muitíssimo mais. O ego do suicida tem qualquer coisa de ego de diva. Ele pensou em esconjurando quem o amava com a maldição do «se» só porque sofrera uma pequena parcela da dor de Joana. Sim, o suicídio deixa uma maldição nos vivos: «E se?». O pai pensa: «Se tivesse falado com ele mais vezes, talvez ele não se tivesse matado.» A mulher pensa: «Se tivesse feito amor com ele mais vezes, talvez ele não se tivesse matado.» O filho pensa: «Se não tivesse discutido com ele, talvez ele não se tivesse matado.» Esta assombração fica para sempre. Os suicidas não permitem que os vivos fechem o luto; é por isso que esta pode ser a morte mais egoísta. Perante a dor de Joana, ele sentiu-se patético, fraco e arrogante ao mesmo tempo; sentiu culpa por ter ficado perto várias vezes de ter assombrado o pai e Judite com este luto perpétuo determinado pelo «E se?».

Quando parou de chorar, ela sentou-se nas costas da cama e continuou. A Vó achava que ela tinha vindo para ali por causa da mãe, mas a razão era ele. O stiletto que a mãe lhe espetou nas costas foi uma abençoada desculpa. Quando se mudou, o pai já estava em Inglaterra, onde era o homem de mão da Francesa junto da diáspora. Agora, sempre que ele vinha de férias, era ainda pior. Quando estava em casa, podia ser a qualquer momento, não havia espera. Agora sofria naquela antecipação pela chegada do mal.

Perguntou-lhe se ela tinha contado à mãe. Que não, que ele só fazia aquela pergunta porque não conhecia a peça. Não voltou a chorar. Serenou, mostrando uma confiança comovente. Assumia que iam ficar juntos para sempre. Ele pensou em retribuir, pensou em expor os segredos ainda por revelar, o porquê da estranha intimidade com o Pernas, a cena da faca e o inferno gelado que se seguiu, as tentativas de suicídio, o passado desconhecido da mãe. Recuou. Não confiou. Ficou a um milímetro de selar aquele amor. Nós não criamos o amor, descobrimo-lo como um biólogo descobre uma nova espécie de orquídea. O amor vem ter connosco, nós só decidimos se lhe abrimos a porta ou não. Ele decidiu não abrir. Se tivesse contado tudo a Joana neste dia, teria ficado para sempre fechado no Ruço do Janeirinho e o Lucas Andrade não teria nascido em Lisboa.

— Sabes como é que eu fazia às vezes? — continuou ela. — Vestia dois pares de calças, umas justas e outras de ganga por cima; quando ele chegava bêbado às vezes desistia, não queria ter trabalho, o cabrão! — Esta última frase foi o estertor do demónio. Esboçou um leve sorriso. Era um sorriso novo, tranquilo e firme. Não desapareceu ao fim de uns segundos. Era o sorriso de quem estava a deixar o Inferno com uma pirueta ascendente. Não conseguia nomear a dor, mas ria-se dela, o que é ainda melhor. Acabara de salvá-la, porque deixou que ela contasse o segredo que lhe gangrenava a alma. Ela adormeceu em paz aninhada nele. Ele saiu.

As noites de segunda a quinta eram passadas com Joana. Chegava a casa depois das dez, às vezes depois da meia-noite. Os pais protestavam; nunca proibiram nada, todavia. As notas não baixavam. Pelo contrário, passou a ter notas máximas, a Filosofia, História, Português, Latim,

Inglês. Provocando achaques de orgulho na mãe, os professores, sobretudo a Ana Paula de Filosofia, diziam que ele já tinha nível universitário. As noites de sexta e sábado eram ainda mais intensas. Dormia o primeiro sono com Joana e voltava a casa de madrugada. Gostava de andar na lambreta aos ziguezagues pelas ruas e estradas desertas. Quando David estava no bairro, saíam à noite ao sábado como dois amigos normais. David fazia vida de solteiro apesar da mulher e filha; naquela cabeça, ser fiel a uma namorada ou mulher era quase uma confissão de homossexualidade.

Passavam as noites de sábado numa discoteca nova que abrira junto ao striptease. A violência inevitável aparecia na pista de dança. Numa noite qualquer, David dançou um belo tarraxo com uma miúda de um grupo vigiado por um mitra demasiado cioso da sua propriedade. Este sujeito, um trintão tatuado, seguiu Ruço até à casa de banho. Ainda estava no urinol quando o outro o abordou: mostrou-lhe uma pistola escondida no cós das calças antes de deixar o aviso: «O teu amigo que tenha juízo, caralho.» A reação de Ruço foi desconcertante: uma enorme gargalhada, meio alucinada. O outro ficou desorientado e desapareceu. Não, ele, Ruço, não estava bêbado. Da mesma forma que se sentia protegido pelo amor de Joana, sentia-se invencível através da amizade de David. Umas semanas depois, este mitra, ao comando de um grupo, atacou Ruço e David à saída da discoteca. Os quatro ou cinco atacantes ficaram no chão. Ele, porém, ficou com um corte profundo no antebraço esquerdo, a sua segunda cicatriz. David levou-o ao Doutor, um enfermeiro que vivia no décimo quinto andar de uma torre do Monte Eulália. O Doutor resolvia todo o tipo de mazelas; cosia e prescrevia medicação que só um médico podia prescrever no mundo legal. Tinha uma farmácia ilegal nos armários da cozinha. Levou dez pontos. O Doutor injetou a anestesia, coseu-o na mesa da cozinha minúscula. Não

foi difícil tirar os olhos da agulha, a vista sobre Lisboa era atterradoramente bela; era bela ao ponto de o fazer chorar. Estavam numa estreita montanha feita pelo homem, uma torre de quinze andares que parecia abanar ao vento como um caníçal de betão e vidro. Foi talvez o nascer do Sol mais bonito que ele viu: estava nevoeiro, a luz era coada por essa película cinza que tapava tudo lá em baixo; só as torres mais altas ficavam por cima do nevoeiro, aliás, só metade desta e de outras torres estavam à vista, pareciam naves pousadas em nuvens.

Quando desceram até ao carro, assumiu que iam para casa, mas, mais uma vez, David resolveu mostrar-lhe parte dos seus afazeres. Passou por dois cafés que eram casas de batota noturna. Nas duas vezes, veio de lá com um saco do lixo cheio de dinheiro. Já podiam ir para casa? Não; faltava uma paragem. «Esta cabra não pagou», disse David enquanto apontava para o Café Carminho. A doce Dona Carmo, que o salvara um dia no verão do êxodo, tinha vida dupla: o seu café também era sala de jogo clandestino à noite. David deu a volta e entrou pelas traseiras. Passados alguns minutos, regressou com ar carregado: «O Fanã não vai gostar.» Na noite seguinte, o Café Carminho pegou fogo, tal como uma loja de roupa que ela tinha no Olival Basto. Apesar de ocuparem o rés-do-chão de prédios de habitação, David incendiou o café e a loja. Só o censurou em silêncio, manteve a amizade. David era um vício, tinha o mistério do mal. Porque é que violara o Pote? Porque é que incendiara o café e a loja colocando em risco dezenas de famílias? O herói que salvara duas pessoas de um incêndio era o criminoso que provocava incêndios. O mistério do mal transformava-se na sedução do mal devido à inteligência. Era até hilariante assistir à forma como o génio de David alterava a realidade. Aliás, era isto que o atraía no crime: os efeitos instantâneos que o seu cérebro provocava na realidade. Não suportava a ideia de colocar a inteligência dentro de um texto que podia

ou não ser lido; tinha a imaginação de um escritor de policiais, só que tinha de aplicar essa imaginação na prática. São inúmeros os exemplos desta consubstanciação do génio. O preferido de Ruço era a história do cemitério; contou-a aos amigos da cidade num tom cómico: a polícia estava a perturbar o tráfico junto aos pontos habituais; sozinho, David solucionou o problema, pois passou a vender droga no cemitério em duas portas laterais, uma de cada lado. Duas portas, duas filas: a da branquinha, a do cocainómano lisboeta que tinha de regressar às redações, ao parlamento, aos escritórios, à bolsa, aos tribunais, artérias públicas que precisavam desta veia secreta e providenciada pelo génio de David; a outra fila era a da castanha, a heroína cortada que parecia açúcar mascavado. Era a fila dos zombies dos morros. Ninguém, a não ser David, teria ousado vender droga num local tão negro, tão sagrado, tão eficaz.

Mas havia outra história mais reveladora do génio omnipresente de David, e esta nem nos diários entrou. Numa dada noite, David levou-o mesmo ao centro da «Mata», o bairro de lata que servia de camuflagem à oficina onde o Zarolho modificava ou desmantelava carros roubados; viaturas furtadas na Grande Lisboa ou até na diáspora, na Suíça ou Alemanha, acabavam ali nas mãos daquele curandeiro de válvulas e chapa. Nesta noite, David levou Ruço até esta garagem. Ele estava com medo, nunca tinha estado ali.

— Calma, Ruço, não tenhas medo, que até tenho uma prenda pra ti — disse David.

— Uma prenda?

Assim que passou pelo portão, David, com voz de patrão, mandou o Zarolho dar um abraço a Ruço. A oficina era enorme e tinha peças espalhadas por todo o lado, parecia um museu da indústria automóvel.

— Ouve lá, Zanolho, a prenda aqui do menino já está pronta ou quê, caralho?

— Tá pois.

O Zanolho conduziu-os até um canto onde estava um carro coberto por um oleado; destapou-o: Ruço não queria acreditar, era o velho chaço azul que abre esta saga, o primeiro carro do pai que tinha sido roubado há anos. David, a rir, perguntou:

— Reconheces a bomba?

Ele não respondeu nem fechou a boca escancarada perante a surpresa, claro, mas também perante a omnipresença de David. Como é que David conseguira desencantar um carro velho roubado há anos? Como? Terá sido ele próprio a roubá-lo? O Zanolho já fizera a sua alquimia. O carro estava como novo: a pintura azul restaurada; a caixa de velocidades nova, tal como muitas peças da mecânica; o que fora em tempos um chaço era agora um carro vintage que valia bastante dinheiro. Entrou no banco de trás para ter a certeza: levantou o banco e, sim, lá estavam as suas bandas desenhadas escondidas, os livros que usava para se esconder quando passava rente a David. Zanolho sentou-se no banco da frente e ligou-o através de uma ligação direta, o ronco era maravilhoso.

— Tem de ser assim, bacano — avisou o mecânico. — Sabes fazer ligação direta?

— Acho que sim.

— O teu velho ainda há de ter lá as chaves — disse David piscando-lhe o olho.

— É capaz. Como é que conseguiste isto, David?

— Ossos do ofício. — E riu-se. Um riso que não lhe desfez as dúvidas: David roubara-lhe o carro há anos quando o odiava e agora estava a devolvê-lo porque gostava dele como amigo? Era improvável

mas não impossível. Fosse como fosse, este era um presente que não podia usar na legalidade. Como é que ele ia trazer este carro de volta para casa? Como é que ia explicar aquilo aos pais? David só se ria, «Isso é problema teu, o carro é teu, faz o quiseres com ele». Ruço lá fez um acordo com o Zanolho: deixava o carro nesta garagem, tinha agora salvo-conduto para levar a mota até ali. Mas só pegou no carro algumas vezes nas voltas com Joana ali pela zona, até que acabou por vendê-lo ao próprio Zanolho.

Esta história mostra David no apogeu; foi nesta altura que subiu na hierarquia do Fanã, chegando ao estatuto de válido, o mesmo que Zé Alemão tinha junto da Francesa. Passou a lidar com droga e não apenas com contrabando, jogo e carros. Quando o confrontou com o discurso que lhe dera há uns tempos sobre a diferença entre contrabando e droga, David limitou-se a encolher os ombros e a dizer: «O contrabando é coisa de puto.»

Judite e a Francesa contavam-lhe histórias com um potencial literário óbvio, mas não sabiam que tinham pela frente um futuro repórter e escritor. David sabia. E o que David estava a fazer era simples: estava a escrever através dele; estava a *escrever-lhe* um livro na realidade e não no papel, dando-lhe uma personagem principal, o próprio David, uma narrativa, as viagens dele pelo bairro enquanto cérebro do crime, e personagens secundárias, uma imensa galeria que completava o elenco de Judite e da Francesa. Se Judite falava da rapariga que abortava para não cair na prostituição, se a Francesa falava da rapariga que não abortava e que, por isso, caía na prostituição, David mostrava-lhe o pequeno trafulha, o mecânico que falsificava carros, o capanga, o cota viciado na batota, o cota viciado no sexo, o carocho escravizado pelo vício, a prostituta miserável, a stripper que se julgava superior à prostituta porque só *ia* com quem gostava.

Nestas voltas com David, ele acabava por encontrar a velha fauna. Claro que se confrontava com o Pernas e o Ouriço, que olhavam desafiantes ao longe, mas também reencontrava amigos como Januário. Reencontravam-se no striptease, ponto de passagem obrigatório de sábado à noite. Januário estava de folga, vinha com o Bebé, velho colega de escola de ambos e também jogador profissional. Ou melhor, ex-jogador. Num escândalo que abalara o mundo da bola, Bebé fora apanhado com armas na bagagem do carro. Alegou que estava só a quebrar o galho a um amigo. Quando voltava ao bairro, era sugado pelo vórtice da honra masculina feita de esquemas e aventuras à margem da lei. Foi abandonado pelo empresário e clube. Pendurou as chuteiras aos vinte e poucos. E não parecia incomodado, parecia até pacificado. Precisava «desta adrenalina», disse. «Ir buscar um saco de branca, ir foder a boca a um gajo» eram ações que lhe davam uma adrenalina que não tinha no futebol. Adrenalina e poder. No estádio, era um palhaço performativo que divertia os lisboetas. Nos esquemas do bairro, tinha poder efetivo sobre os lisboetas, espancava-os quando era preciso, levava-lhes droga e prostitutas. Podia ter sido o melhor médio-defensivo da sua geração, mas preferiu ser o Bebé do Janeirinho. Depois de ouvir a saga do Bebé pela décima vez, Januário, o melhor lateral-esquerdo da sua geração, encolheu os ombros e tomou conta da noite. O salário de jogador profissional ficou à vista. Mandou vir vodka, whisky e as melhores gajas, pá! Tendo em conta a época que estava a fazer, pá, já se falava de uma transferência para os grandes clubes da Europa; se isso fosse mesmo pra frente, pá, ia comprar casa aos pais em Lisboa. Cochichou à stripper loira que tinha pelo braço que já não a queria, que não era dia de loiras, que fosse buscar aquela amiga morena e de caracóis!

O Bebé foi atrás da loira. Ele ficou à conversa com Januário:

— Tens falado com o Fred?, ele está bem na Alemanha?, não tem marcado muitos golos, pois não?, vai para a França?, sabes se a Dália continua desaparecida?, e a Maria João?, continua no mesmo café?, nunca chegou a fazer o curso de secretariado, pois não?, como está o filho dela, é Ricardinho, não é?

Até que perguntou por Beta. Januário emudeceu.

— Não sabes?

— Não sei o quê?

— Ruço, tás a reinar ou quê?

Beta estava morta. Beta fora assassinada. E o ponto central da história nem sequer era esse, mas sim o nome do assassino. Januário baixou o tom de voz e perguntou se ele não me lembrava do Estripador de Lisboa. Ele fez que não com a cabeça e franziu os olhos.

— Tou fodido contigo, Ruço.

Januário recostou-se, bebeu, enxotou a morena dos caracóis e recomeçou. Há uns anos, pá, um gajo andara pela Póvoa, bem perto da casa dele e de Beta, a matar putas de rua, matava-as e depois cortava-as aos pedaços, pá, e Beta foi uma delas, uma de três, polícia e jornais diziam que o gajo só podia ser da Póvoa, ou do Janeirinho, ou do Eulália, nunca o apanharam. De boca aberta e sentado na pontinha da cadeira, ele tentou continuar a conversa. A história ateara-lhe a imaginação. Januário, contudo, não estava para mais necrologias. Beta era como uma irmã. Mudou de conversa à força.

Afinal, não era metáfora literária, era uma realidade criminal: o holocausto passara de facto pelo bairro durante a sua hibernação.

Esta noite, que estava a ser sísmica, não ia acabar tão cedo. Assim que chegou a casa, ainda atordoado com a história do Estripador, a mãe, furiosa, levantou-se do sofá onde dormitava e berrou.

— Olha, meu menino, isto não volta a acontecer!

— Está a falar do quê, mãe?

— Diz lá às tuas amigas que não se liga pa casa das pessoas às tantas da noite.

— Mas está a falar do quê, mãe?

— Ligou pra'qui uma tal de Joana, muito aflita, coitadinha da menina!, a dizer que tinhas de ir com urgência à casa dela.

— Tem a certeza que ela disse a «casa dela»?

— Sim, a casa dela.

Saiu a correr. Nunca aquela lambreta andou tão depressa. Joana estava à porta da casa da mãe. Não havia sinais do pai. Acalmou-se.

— Que se passa?

A mãe ligara-lhe aflita. O casal de drogados que vivia na barraca colada à casa tinha sido levado pela polícia nessa tarde. Tinham um bebé que estava sempre a chorar. A mãe de Joana não vira a rapariga com o bebé no carro da polícia. E agora o bebé não se ouvia. Ficara sozinho? Alguém o levava? Estavam as duas atarantadas. Ele pegou na mão de Joana, entraram no bairro de lata, passaram por cima do fio de esgoto a céu aberto que saía desta primeira barraca paredes-meias com a casa de Joana; ele colocou o ouvido na porta, ouviu um zumbido estranho, abriu a porta e viu aquilo que o deixaria para sempre sem verbos à altura. Joana deu um berro, ele vomitou. Agarrou no bebé e, sem dizerem nada um ao outro, seguiram o mesmo impulso como se estivessem dentro da cabeça um do outro: ligou a mota, Joana agarrou-se a ele com uma mão enquanto agarrava no bebé com a outra, e foram até à horta, só Judite os podia ajudar. E, de facto, Judite organizou a resposta. Mandou-o à farmácia de serviço comprar biberões e latas de leite em pó. Quando chegou, o bebé já tinha pensos e ligaduras feitas de pano. Mamou e acalmou no colo de Judite.

— Podem ir pa casa — ciciou Judite —, a criança fica aqui, amanhã vamos à polícia.

Este bebé ia morrer, estava a passar por uma morte indizível. Ele salvou-o. Salvaram-no. Judite, ao passar por ele, depositou o bebé no seu colo. Ele estava sentado no velho sofá de Joaquim, que, consumido pelos comprimidos da demência, dormia ali ao lado como um bebé gigante. Judite reparou na nova cicatriz de Rucinho, que reluzia no braço, ainda nova, ainda repelente.

— Isso está feio. Deixa-me ver. O que andas a fazer à tua vida? Deixa esse David da mão! Não te chegava a marca que tens na cara?

Com o bebé ao colo, ele reparou que não tinha só as duas cicatrizes mais visíveis no braço e na testa. Se olhasse com atenção para os pulsos, via as leves cicatrizes da primeira tentativa de suicídio.

— Deixa esse David da mão.

— Outra vez essa conversa! — Olhou para o bebé e perguntou: — Olha, diz-me lá, é menino ou menina?

— Menina.

Sentiu uma comoção indizível. O horror intraduzível que aquela bebé sofrera tinha agora correspondência numa ternura também indescritível da sua parte. Joana sentou-se no braço do sofá a sorrir, pareciam um casal normal com a sua filha. No dia seguinte, ele foi à polícia e levou dois agentes à horta. Explicaram a situação. Eles ligaram à Segurança Social, que apareceu para levar a bebé. Quando a entregou à assistente social, sentiu que estava a dar uma parte de si. Sentiu que a coisa certa a fazer era ilegal, que deviam criá-la às escondidas ou fingindo que era filha deles. A bebé se calhar nem sequer estava registada. Joana deu a entender que isso era possível; mas o seu quadro mental de menino certinho levou a melhor. Entregou-a. Judite aproveitou para lhe dar a mão.

— Ó filho, andas tão arredio! Ando tão esquecida das coisas, vem cá mais vezes ajudar a tua velha.

Judite continuava a pensar que a sua ausência da horta estava relacionada com a descoberta do sexo ou com o desconforto em relação à demência de Joaquim. Não podia adivinhar a verdadeira causa: a horta era uma linha de montagem de potenciais suicídios, as caçadeiras, os pesticidas, os venenos dos ratos, as cordas, os dois poços. Era como levar um alcoólico anónimo a uma despedida de solteiro.

Pandemia

OS ESTILHAÇOS DAQUELA NOITE MARCARAM A SUA CARREIRA. Uma das suas crónicas mais famosas foi a história da «bebé salva do indizível». O jornal foi inundado de cartas de leitores a perguntar: «A bebé estava a sofrer o quê?, Você viu o quê de volta da bebé?» Mas claro que o estilhaço mais importante foi Beta. Nunca contou isto em Lisboa porque seria a mãe de todas as inverosimilhanças que rodeiam Lucas Andrade: ele, o repórter da violência e escritor do mal, não deu por nada quando o maior assassino da história recente do país matou e estripou prostitutas nos seus morros, sendo uma delas sua amiga. As pessoas assumiram sempre que ele acompanhou o caso do Estripador desde o início, como um pequenino e precoce repórter de guerra. Nunca corrigiu o erro.

Tinha a cabeça a explodir. Precisava de conselhos e foi à procura da sua velha tutora, Maria de La Salette. Esperou-a à saída da escola cor-de-rosa. Ao sair pelo portão, a stora fez-lhe uma enorme festa; abraçaram-se; entraram na escola e sentaram-se na sala de professores já quase vazia. Perguntou pelo professor Armindo; já não dava aulas, já era treinador de futebol profissional. Bebeu um café e contou tudo à stora. Ela aconselhou-o a consultar os jornais do ano dos assassinatos na Biblioteca Nacional. Reagiu na defensiva. Ir a Lisboa? Consultar jornais na Biblioteca Nacional? Parecia-lhe demasiado complicado. Ela percebeu, pediu-lhe que não fizesse daquilo um bicho de sete cabeças, que ia lá com ele, era fácil, o autocarro que ia dali para Lisboa parava

em Entrecampos, muito perto da Biblioteca Nacional. Dias depois, no Salão Nobre da Biblioteca Nacional, ele sentiu mais do que nunca o embaraço do parolo. Não sabia como se comportar, não sabia onde pôr as mãos e os olhos. Maria de La Salette sentou-o numa mesa e foi requisitar os jornais às arquivistas. Depois deixou-o.

— Está entregue. Ligue-me se precisar de mais ajuda. — Deu-lhe um papel com o número.

Ele esqueceu o embaraço assim que chegou a matéria-prima. Olhando para estes jornais que lhe iam aparecendo à frente, transportados em carrinhos empurrados por senhoras admiradas com a presença daquele gadelhudo gótico, o seu primeiro impacto foi visual: reconheceu o rosto do inspetor responsável pela investigação ao caso do Estripador; vira-o há anos na horta durante a investigação ao caso das três cabeças de Sacavém. Era a mesma pessoa, a mesma careca reluzente, o mesmo bigode aparado, o mesmo ar de ourives meticuloso.

Começou a montar um friso cronológico que lhe mostrou não três mas cinco vítimas. A sua Beta foi a primeira, num sábado de julho, na fronteira entre a Póvoa e a Codivel, junto à rua de Januário, num barracão do descampado por onde passava o seu regato, a poucos metros das traseiras do supermercado. Num sábado de novembro, a segunda prostituta, Paula, foi assassinada e deixada numa lixeira na Trafaria, na outra margem do Tejo. No início de janeiro, a terceira vítima, Vanda, a única que deixou dois filhos órfãos, foi assassinada ali em Entrecampos junto ao estaleiro das obras de um «futuro nó ferroviário». Sentiu um calafrio: estivera há meia hora naquele local, o autocarro parava junto à já construída ponte ferroviária; era na época a última paragem dos autocarros que vinham do morro. Era óbvio que o assassino era um vizinho familiarizado com aquela carreira. No final de fevereiro, no dia vinte e quatro, o Estripador voltou a matar na outra banda, na mata de

Belverde; esta quarta vítima chamava-se Júlia. Terminou a quinze de março de novo na Póvoa. Acabou onde começara. No mesmíssimo local onde matara Beta, matou a quinta e última vítima, chamada Rita, a qual, diziam os jornais, era amiga de Beta. Eram ambas prostitutas e seropositivas, tal como Vanda, a terceira vítima. Esta Rita vivia com cinco gatos numa das torres do Monte Eulália com outra prostituta também amiga de Rita e Beta. Esta terceira e anónima personagem não era identificada como medida de proteção. Mas porque é que esta rapariga, Rita, amiga íntima da primeira vítima, não deixou aquele descampado tendo em conta o perigo já conhecido? Lendo os relatos de testemunhas, como as lojistas do supermercado, foi fácil perceber porquê: já não eram pessoas dotadas de livre-arbítrio; a droga levaria-lhes tudo, até o instinto de sobrevivência. Precisavam de clientes para conseguir as doses necessárias. O medo da ressaca era mais aterrorizador do que o medo da morte às mãos do Estripador.

A doutrina dividia-se, uns diziam que um homem tinha matado as cinco; outros garantiam que as vítimas da margem sul não podiam ter sido assassinadas pelo mesmo homem, visto que não tinham sido estripadas e talvez não tivessem sida. Ele estava com a segunda hipótese, porque o *modus operandi* aplicado às três vítimas da Póvoa e de Entrecampos era muito específico. Atraía-as para locais esconsos depois de acordar sexo oral; quando elas se ajoelhavam, batia-lhes na cabeça com um objeto contundente, uma pedra, um martelo; estando elas inconscientes, não praticava qualquer ato sexual e cortava-as desde a vagina até ao pescoço. Seguia-se a fase da retirada dos órgãos e dos seios, um horror orquestrado em crescendo: de Beta, levou uma parte do fígado; da segunda vítima, Vanda, levou o fígado por inteiro, o coração, uma mama completa que cortou rente, partes do intestino; da terceira

vítima, Rita, levou quase tudo, deixando-a uma múmia sem órgãos e sem as duas mamas.

A doutrina também se dividia sobre o porquê do ritual macabro. Magia negra ou obsessão com a sida? Esta segunda hipótese era para ele autoevidente: o medo da epidemia era algo partilhado por todos os indígenas do bairro. Tinha bem presente a repulsa que ele próprio sentira pelo Americano e pelas prostitutas que batiam precisamente a rua de Januário. E sabia bem o que toda a gente sentia quando morria mais um drogado infetado como o Sidoso: uma inconfessável sensação de segurança e reparação. Até Fred sentira alívio quando lhe mataram o pai. Sim, o Estripador era um nativo do morro, não tinha dúvidas. Os cortes até sugeriam a fúria de um hipocondríaco enojado: não cortava as mulheres com um único e preciso corte usando faca ou bisturi, rasgava-as aos safanões usando uma garrafa partida ou outro instrumento grosseiro; estava a puni-las por estarem infetadas, por serem a personificação da infeção que o aterrava, que os aterrava a todos no morro, que o aterrava a ele, Ruço.

Ficou enfeitado pela personagem do Estripador, tal como vivia fascinado por David. Era o fascínio pela inteligência sem limites do mal. Só a crueldade permite uma inteligência sem freios, sem liames morais ou materiais. Aqui estava um homem, um vizinho, que matara três mulheres na mais absoluta impunidade. Enganara vizinhos, prostitutas, polícias, jornalistas, até o FBI americano, que passara por Lisboa na tentativa de ajudar a Polícia Judiciária. Levantou-se, foi à casa de banho. Uma parte da amiga tinha sido comida num ritual canibal? Um vizinho decidira cortar às postas o fígado da amiga e de outras mulheres e ele não dera por nada? Como é que isto era possível? Como é que a sua cabeça, por mais atordoada que estivesse, não reparou?

O pior, porém, ainda estava por vir.

Quando voltou da casa de banho, começou a reparar na linguagem usada pelos jornalistas. «Elisabete Ferreira era feia, tinha cara de cavalo!, declarou a lojista que quis permanecer anónima.» O jornalista tinha mesmo de colocar esta expressão no texto? Tinha mesmo de espezinhar Beta? Também ficou melindrado com o tom distante que os jornalistas de Lisboa usavam para descrever os seus bairros: «Uma das hipóteses levantadas pela PJ é a de que o assassino, ainda desconhecido, é um homem entre os vinte e cinco e os cinquenta, solteiro ou divorciado, que mora na Póvoa de Santo Adrião ou nos bairros vizinhos e que conhecia as suas vítimas. Mas é impossível fazer o cadastro das pessoas separadas, divorciadas ou solteiras do universo da solidão existente naquela periferia lisboeta.» Era como se estivessem a descrever guetos americanos ou morros brasileiros e não uma comunidade de compatriotas que ficava a menos de uma légua das suas redações. Começou a folhear os jornais à toa, tentando distrair-se com outras coisas, críticas de cinema, as páginas desportivas, os jogos do Benfica, até que a circunferência do mal se fechou à sua volta. A sua voz fez eco naquela enorme sala.

— Não é possível!

Levantou-se da cadeira e ficou a olhar para as fotos do *seu* Benfica-Juventus. As páginas dos jornais com reportagens sobre o Estripador estavam cheias de fotos daqueles quartos de final do Benfica. Tudo isto não tinha ocorrido já durante a sua hibernação, mas imediatamente *antes*, durante as semanas fatais das primeiras tentativas de suicídio. A última vítima foi assassinada a quinze de março, dois dias antes do Juventus-Benfica, dezassete de março, dia em que se tentou matar pela primeira vez, o que coloca a cena da navalha e de César nos primeiros dias de março, só alguns dias depois da quarta vítima. Começou a tremer. Os quinze dias que o afundaram, entre a faca e as primeiras

tentativas de suicídio, foram marcados pelo maior assassino da história recente do país. Assassino esse que ele ignorava na época devido à permanente fuga do mundo, não via telejornais, não lia jornais, não mantinha grandes conversas, não tinha vida social. A sua capital era Nantucket ou Asgard, não Lisboa. Mas esta bendita ignorância não se podia explicar apenas pelo seu exílio mental. Os códigos de silêncio coletivos também ajudaram: não se lembrava de ninguém a comentar o caso na escola, na horta, na fábrica, em casa. Ninguém. Fosse como fosse, como é que isto era possível? Como? César, quando o aterrorizou com a navalha, fê-lo no contexto em que um assassino em série estava a esventrar mulheres ali ao lado, e César, ao contrário dele, estaria com certeza a par do caso. César fez aquela encenação do mal assumindo que ele sabia do Estripador, o que torna a cena ainda mais aterradora. Sentiu-se de novo sitiado: o mal tinha mesmo uma substância física no mundo, era um lodo tóxico palpável, um nevoeiro viscoso e contagioso que alastrava, e alastrava, e alastrava.

Os jornais diziam que corpos mutilados daquela maneira foram depois encontrados junto a autoestradas da Holanda, Bélgica, Dinamarca e República Checa, surgindo assim a hipótese de que o assassino era um camionista português. Não, ele nunca pensou em David. David não era camionista na época e a força dos golpes só estava ao alcance de um homem na flor da idade. Desconfiou, isso sim, do pai do Americano, porque surgiu uma pista americana que conduziu à tal vinda do FBI a Lisboa. Os agentes americanos confirmaram que, antes das mortes portuguesas, alguém matara mulheres usando aquele *modus operandi* numa região de emigração portuguesa, New Bedford, a zona de onde tinha vindo a família do Americano. A hipótese não sobrevivia contudo a dois segundos de observação empírica: era impossível

conciliar aquele homem tristonho e medíocre, o pai do Americano, com o portento de força e inteligência que estava por detrás dos crimes.

Ligou à professora afogeuado. Disse-lhe que queria fazer um texto sobre o assunto para enviarem aos jornais de Lisboa, como ela sempre quis. Sim, já não estava a pensar na morte horrenda da amiga, estava a pensar em usá-la como gancho narrativo. Maria de La Salette pensou e disse que era má ideia, argumentando que ele ia fazer um texto medíocre, um argumento de filme de sábado à noite, uma cópia dos filmes americanos sobre assassinos em série apimentado com pitorescas declarações de lojistas da Póvoa. Ele contra-argumentou com uma evidência: o Assassino do Zodíaco matou cinco pessoas na zona de São Francisco, que na época devia ter cinco milhões de pessoas, e, com isso, prendeu a imaginação da costa oeste, senão mesmo da América inteira, e agora ele não podia ficar com a imaginação resgatada por um vizinho que matou três ou cinco mulheres numa cidade e num país incrivelmente mais pequenos, sendo que uma delas era sua amiga, sendo que o palco principal do horror nem sequer era Lisboa mas um dos seus bairros? Ela concedeu que ele tinha direito a estar espantado ou indignado, mas que isso não lhe dava uma história. Não lhe deu resposta e acabou por lhe dar razão, até porque quase ninguém quis falar. Com meia década de atraso, começou a questionar familiares e amigos. O silêncio foi geral, embora por razões diferentes. Em casa, na escola, na rua e na horta, este era um não-assunto desprovido de interesse ou emoção. No salão, ao invés, o assunto causava demasiada emoção: Joana, incomodada, só adiantou que as raparigas tratavam o Estripador por «vampiro» ou «Drácula», e nenhuma quis falar. Quando abordou Odete, a reação foi elucidativa: «Senhor Doutor, se voltas a falar-me dessa merda, enfio-te este alicate pelo cu acima.» A Francesa olhou para ele com uma frieza impávida. A negação é a única via de sobrevivência quando se tem um

vizinho a matar e esfolar mulheres. Até o termo errado que as redações de Lisboa inventaram dava jeito. Era de facto o Estripador da Póvoa ou do Janeirinho, mas a prevalência do termo Estripador de Lisboa foi uma bênção, porque permitia fingir que este homem era uma personagem de um filme americano ou um anjo luciférico, um mal abstrato e não uma pessoa que morava ali no morro.

Dos seus conhecidos, só três pessoas falaram. A primeira foi Judite. «Ai credo! Isso até parece coisa do Borrego», foi a reação dela. A seguir, qual historiadora, estabeleceu a comparação entre o primeiro e o segundo êxodo: o Estripador era parecido com o Borrego, o assassino em série de há trinta anos. Nessa época, o morro e o vale da ribeira formavam um gigantesco bairro de lata que se encostava aos cursos de água por razões óbvias. Às portas da capital, esta colmeia de barracos clandestinos foi a montaria ideal para um predador. «O cabrão matava os desgraçados nas barracas, cortava os corpos aos pedaços e depois espalhava, a cabeça no Tejo, os braços aqui na ribeira, o corpo no Trancão.» Aquando dos assassínios, Isaías já morava nas barracas que o assassino via como coutada. Morava numa barraca em Frielas e trabalhava na fábrica de bolos que ficava ali na horta e que tinha como encarregados Judite e Joaquim. Judite teve pena de Isaías, coitadinho, que era de longe o seu operário favorito; além de trabalhar bem durante o seu turno, ajudava na horta à tardinha. Isaías começou por dormir na casa da própria Judite e, um pouco mais tarde, ela lá convenceu o patrão, o menino António, a construir uma camarata condigna para os operários que vivessem em barracas. Claro que ela estava sobretudo a pensar em Isaías e Jacinta, que tinha chegado entretanto da serra, tenrinha como só uma serrana podia ser. Quando a camarata foi feita, Jacinta passou a dormir com outro colega, Joel, que fizera a tropa e a guerra com Isaías.

— Sabes onde é que era essa camarata? — perguntou Judite.

— Não.

— Era aqui, ó bijagós! Era isto, o nosso casão.

Quando a fábrica de bolos fechou, Isaías, Jacinta e Joel foram à sua vida, mas voltavam sempre ao fim de semana. Aos poucos, Jacinta, Joel, Isaías, Joaquim e Judite foram transformando aquele espaço no *kibutz* que o acolheria trinta anos depois. Ele quase que ficou a gostar dos tios no final desta história de Judite. Quase. Precisou de descobrir um assassino em série para quase respeitar a sua família. Quase.

A segunda pessoa a falar foi David, que lhe deu uma resposta oblíqua. Contou-lhe a história da Maria Marreca e do marido. Uma história com vinte anos, época em que o bairro estava a amarinhar pelo morro acima deixando as barracas junto à ribeira. A tal Marreca morava com o marido num casebre, uma casa de caseiros do antigamente mesmo no cume da rua, no espaço onde estava agora a escola amarela. Era a verdadeira casa assombrada: a Marreca e o marido adotavam crianças, meninas e meninos, que depois eram vendidas como prostitutas. Conseguiram assim transformar o orfanato num mercado de escravos sexuais. É difícil imaginar uma crueldade mais tihosa: não é só um adulto a violar uma criança, é também o aproveitamento de um bem absoluto, a adoção de órfãos, pelo mal absoluto; é o mal a parodiar a ingenuidade. Quando os rumores começaram a circular, a indignação da população começou a verter como leite a ferver, mas nunca chegou aos jornais ou à polícia. Num momento fundador do seu poder, a Francesa tratou do assunto. Ela estava há poucos anos no bairro, tinha acabado de chegar da Suíça e estava a começar a fazer dinheiro com a libido e o alcoolismo do exército de trabalhadores da construção civil que enxameavam o morro. A Marreca e o marido desapareceram. Os homicídios da Francesa nunca apareciam nas estatísticas, dissolviam-se no Trancão ou nas pocilgas da serra saloia. Esta justiça marcial desejada

pelo povo dava à Francesa uma autoridade moral acima do mero poder, uma subtileza política que o rival, o Fanã, nunca compreendeu. A Francesa depurava o tráfico e o lenocínio com esta magistratura célere de juíza-executora do Antigo Testamento; oferecia uma justiça visceral a uma população esquecida, injustiçada e sem acesso ao Estado de direito.

Ruço tentou resumir o estado da arte:

— David, estás a tentar dizer que a Francesa encontrou e despachou o Estripador?

— Não sei. Mas sei que ela pôs os gajos dela atrás desse filho da puta, bateram os morros, apertaram os calos a muita gente. Se alguém o podia apanhar era ela. Mas, se apanhou, nunca vais saber. Tá no fundo do Trancão. E, se não apanhou, também nunca vais saber. Não pode admitir nem uma coisa nem outra. Esquece essa merda.

David tinha razão. Ele voltou a confrontar a Vó com o assunto. Ela fingiu que não ouviu. O Estripador conseguira enganar a Francesa da mesma forma que enganara a polícia e o FBI? Ou estava a dormir no melhor lixo tóxico da Europa, o Trancão? Era impossível ler a cara da Francesa. E pensou aqui pela primeira vez num pormenor: o Estripador, ao matar as prostitutas, reforçou o poder dos bordéis, logo, era do interesse dela manter esse misógino assassino à solta nas ruas. Só que este argumento não o convenceu; esta amoralidade seria possível em David e no Fanã, não na Vó.

A terceira pessoa com quem falou foi a Dona Lurdes, mãe de Januário, vizinha de baixo de Beta. Recebeu-o com um abraço, fez-lhe bolinhos no forno para o lanche, enquanto se queixava da intenção do filho: Januário queria levá-la para Lisboa.

— Ó filho, eu lá sei viver em Lisboa.

Esperou uma boa meia hora e por fim abordou o tema.

— Queria falar consigo sobre a Beta.

Lurdes disse que não com a cabeça. Perante a insistência dele, Lurdes limitou-se a dizer:

— Se quiseres, vai falar com a mãe dela, é só subires as escadas.

— Venha comigo, por favor.

Subiram as escadas cravadas de humidade. A senhora era igual a Beta, alta, feia, de um género indefinido, meio homem, meio mulher. Ganhava a vida como cartomante e mãe-de-santo. Tinha uma criação de galinhas ali mesmo na varanda que usava em sacrifícios, dizia que via o futuro nas vísceras das aves. Dos seus gestos escorria uma pujança tresloucada e manteve-se evasiva em tudo, exceto no melindre que era a epidemia.

— Na, na, a minha filha não tinha essa merda dos rabetas!

Estava mergulhada na negação que ele já tinha observado no pai do Americano. Era como se a sida não fosse a consequência de um vírus neutral e objetivo que podia destruir os anticorpos de qualquer ser humano; era como se esta peste fosse um castigo para um grupo de pessoas, os rabetas, uma feitiçaria subjetiva que punia um defeito de carácter, a paneleirice. Nada é tão literal e tão pouco metaforizável como a doença, mas nada é tão metaforizado pela imaginação humana. As pessoas procuram significados moralistas ocultos onde só existe a frieza da foice.

Ruço perguntou pela terceira amiga. Os jornais diziam que Beta e a tal Rita, a primeira e a última vítimas, viviam com uma terceira prostituta no Monte Eulália.

— É a Sara, disse isso à polícia.

— Sabe dizer-me onde é que ela mora?

Foi pronta na resposta: morava num sexto andar de uma das torres do Eulália; a julgar pela conversa dela, era a torre do Doutor, o enfermeiro que lhe cosera o braço.

— Sei onde é. Obrigado. A Beta não teria por aí o número de telefone dessa casa, dessa amiga?

— Porra! Tás a fazer as mesmas perguntas da PJ. Tás a treinar para bófia ou quê? Vê ali naquela agenda, é o número da Casa dos Gatos. Era assim que a minha Betinha chamava àquilo.

Anotou o número. Perguntou se Beta nunca quis deixar a rua. Oh, ela bem que queria que a filha fosse para as casas finas que a Francesa tinha em Telheiras, casas onde só iam jogadores da bola, juízes, atores de novela, empresários, ainda pediu à Francesa, mas a Betinha era muito feia, coitadinha, para aquelas casas só iam as estampas, ela nem pro salão do Janeirinho servia! Ele não se lembrava de ilustração mais poderosa da desesperança destes morros. Esta mulher, mãe de uma das vítimas do maior crime do século, não queria que a filha deixasse a prostituição, só queria que essa filha subisse na indústria do lenocínio, só sonhava com o dia em que ela fosse acompanhante de magnatas e pontas-de-lança. Deixaram-na, desceram. Ficou mais um pouco na casa de Lurdes. Quando se preparava para sair, Lurdes agarrou-o pelo braço.

— Come mais um bolinho.

— Está bem.

Lurdes respirou fundo e avançou:

— Foi a última vez que a vi. Teve aqui em casa, como de costume, descia e tava aqui sentada comigo na cozinha. Perguntei-lhe nesse dia: «Voltaste à pica?», e ela respondeu: «Sim, quer o quê, sou puta e drogada!» E falei *daquilo*: «Mas tu tens sida, Beta!» Sabes qual foi a resposta dela? Disse assim, lembro-me como se fosse hoje: «Se tenho sida? Tenho sim. Mas eu quero fodê-los a todos, quero levar comigo todos estes cabrões. Aquele que me fez isto já deve tar do outro lado, agora vão os outros.»

Lurdes não disse mais nada. Ele também não. Deu-lhe um beijo e saiu.

Fazemos o quê depois de tanto mal? Fazemos, pensamos e escrevemos o quê depois de registarmos um mal tão absoluto e tão espalhado por tantas pessoas? Ele fez aqui o que seria depois a base da sua carreira: tapou o nariz, calçou galochas e atravessou o lodo. Ligou à tal Sara e foi ter com ela ao Monte Eulália. Virou a cara para o lado quando ela lhe abriu a porta: tresandava a mijó de gato. Não eram cinco, como dizia o jornal, eram vinte, ou trinta, eram todos aqueles que apanhava na rua. Recebeu-o de robe com um ar de enfado, sentou-se logo no sofá para ser de imediato submergida por gatos. Ele tentou sentar-se neste orfanato felino mas não havia uma cadeira livre, estava tudo ocupado pela gataria. Ela não esperou: que só aceitara falar porque Beta gostava muito dele, falava muito do Ruço. Mas queria ele o quê? Achava ele que ia resolver o crime, era? Ele perguntou-lhe se nunca desconfiara de ninguém, os jornais diziam que as vítimas deviam conhecer o agressor. Ele só podia estar maluco!, vociferou ela. Tinha ele noção de quantas peças conhecia ela de cor e salteado? Ela atendia quase sempre os mesmos clientes. Quando eles se fixam numa gaja, foda-se, tem de ser aquela e acabou! Ele insistiu. Não haveria uma única pista?

— Pá, puto, eu já disse à Francesa tudo o que sei, que o gajo andava com uma carrinha branca das obras. É só isso.

— A Francesa esteve aqui?

— Se teve aqui? Teve aqui mais do que a bófia. Até me bateu, aquela puta, ela é que é puta! Dizia-me: «Carrinha branca não é pista, foda-se», gritava-me ao ouvido: «Sabes quantas carrinhas brancas há, caralho?», mas, foda-se, eu só sei isso, que o cabrão do vampiro andava com uma carrinha branca.

Sara levantou-se para acender um cigarro. A luz do candeeiro iluminou as manchas da epidemia no pescoço e testa e as marcas das seringas nos braços.

— Achas que a Francesa o apanhou? — perguntou ele.

— Não sei, foda-se. Só sei uma coisa, puto. Escreve o que te vou dizer, aprende comigo que eu não vou viver pra sempre. — Olhou para as manchas nos braços, deu uma leve risada e deixou um aparte: — Como tá bom de ver, não vou viver pra sempre, não é? — Ele respondeu com um sorriso sincero, aquele humor negro da Sara fazia-lhe lembrar a frieza realista de Beta, as coisas são o que são; ela continuou: — Como eu estava a dizer, caralho: um gajo daqueles não pára, tem de ser parado. Se a bófia não o apanhou, alguém teve de ser. E vai haver mais, ou o que é que pensas! Eu vejo nos olhos de muito gajo aquele mal, foda-se!, têm os olhos a explodir, querem fazer mal; combinam só um broche mas depois, foda-se!, caralhos os fodam, arrebetam-me toda por trás, fico toda a sangrar, e eu a dizer: «Pára, pára, olha que tenho sida!» Nem ouvem, não querem saber. Há muito cabrão a uma unha negra de cair nisso de matar.

E depois do mal? Fazemos o quê depois do mal?

Com cinco conversas reveladoras no caderno, voltou a sugerir o tema à professora Maria de La Salette. Ela disse que não, que era má ideia, que ele devia ter a cabeça focada num concurso literário para jovens lançado por um jornal. Ele voltou a ceder. Escreveu e enviou um conto intitulado «O Homem em Queda» que tentava fundir a saga marítima do Poe, a ficção científica e a obsessão com o suicídio:

o estuário do Tejo está seco, a ponte caiu, o mar recuou até deixar de ser visto, uma nova entidade política de nome desconhecido está no lugar de Portugal. Uma nova e heterodoxa tribo começa a desafiar a velha norma que proíbe o cultivo e a construção humana neste deserto,

outrora o grande estuário. Já ninguém se lembra do porquê da proibição nem quando começou, mas o hábito é mantido até ao desafio lançado por esta nova tribo. Também ninguém sabe o que é aquela enorme estrutura metálica, outrora vermelha, que tombou sobre o estuário; já pouco resta dela, foi comida pela ferrugem. As pessoas não sabem o que é uma ponte, uma ideia sacrílega. Neste mundo desértico onde o Atlântico recuou para lá do horizonte, uma equipa de três navegadores vai tentar restabelecer contacto com os humanos do outro lado do debilitado oceano. Saem desta Nova Olisipo numa caravana de mulas e camelos, encontram a nova linha de costa, embarcam num pequeno barco. Ao segundo dia, uma tempestade afoga o motor, destrói o mastro e os mantimentos. Cinco dias depois, os três navegantes começam a adoecer devido à escassez de comida. Aquele que está mais débil, curiosamente o mais novo, oferece-se para ser comido pelos outros dois. «Peguem na pistola e matem-me!» O do meio pega na arma, mas não consegue matar o amigo, prefere matar-se: engole o cano e mata-se; o corpo tomba e afunda-se nas águas. Um dia depois o adoentado morre. É comido em parte pelo sobrevivente, o silencioso e anónimo protagonista. É um sacrilégio em vão: a reserva de água acaba. Agora ele tem de escolher: ou se sujeita à lenta agonia que é morrer à sede ou atira-se à água; escolhe atirar-se às profundezas; desce calmo e livre, braços colados ao tronco; afoga-se com dignidade, escolhe morrer nos seus termos e não nos termos impostos pelo destino; foi vencido mas não derrotado. Não há maior inferno do que este: ter tempo, uma hora, duas horas, um dia, dez segundos, para escolher a maneira como vamos morrer, visto que a morte é em si mesmo inevitável; talvez por isso ele desce até às profundezas tão calmo: o pior, tomar a decisão, já ficou para trás.

Este conto foi uma forma que ele encontrou para dar mais camadas ao debate moral sobre o suicídio, o seu passatempo secreto. Há quem diga que o suicida é covarde e há quem diga que é corajoso. Com este «O Homem em Queda», claramente um dos primeiros textos de Lucas Andrade, ele tentou ver o tema fora destes dois absolutos. O suicídio do primeiro navegante, o da pistola, tem uma enorme dignidade, porque entre dois males, canibalismo e o suicídio, ele escolhe o segundo, que parece ser mais digno. Não se pode colocar esta decisão nos termos de uma dicotomia fácil, cobardia *versus* coragem, porque ter coragem aqui implica matar um amigo; não se pode colocar esta decisão na lógica morte *versus* vida, porque a vida aqui implica comer um amigo com a sofreguidão do naufrago. Se a alternativa é o canibalismo, o suicídio deixa de ser um mal e até passa a ser um ato de humanidade. E o que dizer do segundo suicídio através do afogamento? Será que é mesmo um suicídio? É e não é. O suicídio é entre vida e morte, aqui trata-se de uma escolha entre duas mortes. Tecnicamente é um suicídio, porque ele atira-se à água para morrer, mas moralmente não é; ia morrer de qualquer maneira e, neste sentido, o suicídio torna-se digno, quase belo.

Mais tarde, quando foi publicado numa coletânea, este conto causou polémica, até porque não agradou nem aos fariseus que o odiavam nem aos saduceus que o glorificavam. É de facto incrível a forma como as pessoas em geral se dividem nestas duas categorias erradas e precipitadas: uns dizem que o suicídio é um ato de uma imensa maldade ou covardia que é preciso demonizar, outros garantem que é um ato de liberdade ou de coragem que temos de respeitar ou até elogiar. De um lado, temos então os moralistas que dizem que o suicídio não pode ser opção válida. Claro que o suicídio é um mal, e ele próprio nunca negou isso. Mas nós não vivemos num vácuo ahistórico, a vida não é vivida no Paraíso. Há muito nevoeiro da guerra na mente de quem está a sofrer; há

muito pó no ar que torna difícil fazer a destrição moral das opções. Estes moralistas tendem a ser os beatos farisaicos a quem falta aquilo que faltava à avó Eduarda: empatia com o pecador, a misericórdia que permite entrar na pele do outro a fim de sentir os dilemas interiores que levam alguém a cometer um ato tão radical. Querem tanto amar as portas do Céu que se esquecem de amar o vizinho, o amigo, o familiar. Pior ainda: acham que amar as alturas implica odiar as imperfeições de quem vive a seu lado.

Do outro lado, o lado ateu e libertário, temos um excesso de empatia que acaba por ser um atestado de desresponsabilização do suicida. No afã de parecerem modernos e sofisticados, estes saduceus modernos acabam por destruir a própria ideia de homem enquanto agente moral e livre que faz escolhas trágicas. Dizem que não podemos julgar, que temos de perceber e contextualizar, que temos de respeitar a liberdade do suicida. Será que é mesmo assim? Então se o vizinho do sexto andar subir para o terraço do prédio para se atirar lá para baixo, os outros vizinhos têm de respeitar a sua liberdade ou têm de fazer tudo para a travar? No fundo, estas pessoas querem dizer que o suicídio não é um mal, porque não existe mal ou bem. Não, não e não. O suicídio é um mal e, como tal, tem de ser julgado. A questão é que esse julgamento não tem uma sentença óbvia e imediata. Ao contrário do que pretendem os fariseus, o julgamento do suicida não determina à partida a condenação. Por outras palavras, se os libertários querem abolir a própria ideia de julgamento, a fraude amoral dos modernos, os beatos querem impor um julgamento impiedoso, instantâneo e de sentido único, a fraude moralista dos antigos.

Jonas II

O CONTO «O HOMEM EM QUEDA» DEU-LHE O SEGUNDO LUGAR naquele concurso literário à escala nacional. O texto foi publicado nas páginas da revista de sábado do jornal organizador e recebeu uma coleção de cinquenta livros. A stora sorria como que a dizer: «Está a ver! Faça o que eu lhe digo!» No entanto, o sucesso deu-lhe nova confiança para enfrentar o texto do Estripador. Encontrou de novo a resistência da stora. La Salette argumentou que, em vez das historietas sobre assassinos, ele podia fazer um trabalho sério e publicável nas páginas normais da imprensa e não apenas nas secções juvenis, visto que o conto «O Homem em Queda» já era um texto profissional. Ele devia tentar «dar já o salto»; ela conhecia pessoas numa ou noutra revista que poderiam estar interessadas num texto sobre as Cheias de 67 escrito por um local; se não conseguisse publicar, não perdia nada, podia guardar o texto para outro concurso ou para os jornais das faculdades, que ainda tinham prestígio. O Estripador era material para tabloides e folhetins, as Cheias de 67, sim, eram um material sério.

— Cheias de 67, stora?

— Vocês não sabem nada de nada, pois não? Mas a culpa não é vossa. É deste sistema de ensino... Oiça, estas colinas e ribeiras até ao Tejo foram o vale da morte das Cheias de 67, o maior desastre natural desde o Terramoto de 1755. Morreram afogadas aqui setecentas ou mais

peessoas, ninguém sabe ao certo. Você não tinha aqui família na altura? Uns tios? Então pergunte-lhes, comece por aí e depois ligue-me.

Ele entrou num estado de negação cómica, abanava a cabeça a rir, só podia ser um exagero da stora, setecentos afogados?, não devia ser bem assim e, num jeito displicente, lá fez as perguntas à família. Aquando do mistério do Estripador, deparou-se com indiferença. Agora encontrou resistência agressiva: as Cheias de 67 eram um tabu, ou seja, a stora não estava a exagerar, o grito de setecentos afogados ainda ressoava. O primeiro inquirido, o tio Isaías, emudeceu e mandou-o estar calado. Os outros tios abanaram a cabeça. As tias reagiram com clamor: «Tá mazé quieto.» E, por fim, chegou à novidade: o silêncio evasivo de Judite: «Há coisas que não são pa saber, meu menino.» Reportou estes silêncios à stora, que o voltou a orientar: devia ir à Biblioteca Nacional consultar jornais, não os jornais censurados da época, mas os jornais do décimo, do vigésimo e do recente trigésimo aniversário da calamidade. Voltou então à Biblioteca Nacional, agora sozinho, para fazer a história do sítio onde vivia, uma história encoberta que não era contada na escola ou em casa, uma saga que não aparecia em filmes, novelas, séries ou livros, uma gesta sobre uma interminável epidemia de doenças e violência.

Ele sabia que o primeiro êxodo, o dos tios, originara um manto de barracas junto aos ribeiros e rios, a coutada do Borrego, o primeiro assassino em série da Lisboa moderna. Não sabia é que o vale composto pelo seu tripé aquático, a ribeira de Frielas, o rio de Loures e o Trancão, foi mesmo o vale da morte. Numa noite de sábado de novembro de 1967, um dilúvio fez pelo menos setecentos mortos. As pessoas foram levadas por correntes espessas de água, lama, detritos, árvores, barracas e animais. Muitos corpos nunca foram encontrados. Nos dias que se seguiram, ao longo da várzea onde ficava a horta, bombeiros e populares foram encontrando os corpos dos mortos e dos feridos sem grande apoio

médico ou policial. O regime de então fingia que nada se tinha passado. Aquele povo clandestino, o seu povo, teve uma tragédia clandestina. Foi vendo e lendo o horror: «ao longo da ribeira de Frielas, também conhecida por rio da Costa, os bombeiros foram montando pequenos pontos de contagem de cadáveres empilhados», morreram famílias inteiras, avós, pais, mães, crianças, bebês. Judite passara por isto? Vira as pilhas de mortos? Empilhara ela mesmo os corpos? Perdera alguém? A casa dela, o verdadeiro lar que ele tinha há anos, aguentara a inundação? Viu fotos, quase todas censuradas na época: ali estava a margem esquerda da sua ribeira juncada de cadáveres. Um jornal garantia que uma família inteira de sete morreu no mesmo segundo, o caso mais grave de toda a tragédia: família Garrido, Adelino, pai, Amélia, mãe, e cinco filhos, Carlos, Filomena, António, Fátima, Adelino. O local onde tinham morrido ficava na Quinta da Quintinha, junto a «um pequeno afluente da ribeira de Frielas». A sua voz ecoou de novo no grande salão da Biblioteca Nacional.

— Não é possível!

Esta Quinta da Quintinha era o nome ancestral de uma das quintas aristocráticas que ocupavam aquelas colinas em redor de Lisboa; estas propriedades de grandes famílias começaram a ser vendidas para construção de prédios precisamente após as Cheias de 67. Pois bem: a Quinta da Quintinha era na prática a rua de Januário, entre a Póvoa e a Codivel, isto é, a zona de predação do Estripador.

— Pá, não é possível.

A família Garrido morrerá afogada no descampado que trinta anos depois seria usado pelo Estripador para esfolar seres humanos. Aquele descampado, atravessado pelo regato do seu Cabeço, o tal «afluente da ribeira de Frielas», fora usado pelo horror humano e pelo horror natural. Bateu no tampo da mesa.

— Como é que isto é possível, pá?

Sentiu o desamparo perplexo de Job aplicado ao bairro inteiro e não apenas a si. Era demais, era coincidência a mais, azar a mais. Na história recente do país, o maior símbolo do mal humano, o Estripador, e o maior símbolo do mal natural, as Cheias de 67, partilhavam o mesmo sítio, um mísero descampado atravessado por um regato sem nome, que agora podia batizar de Cócito, o *seu* regato do *seu* miradouro secreto sobre Lisboa. Escondido por canas, pontes, manilhas, cimento, alcatrão, armazéns, oficinas e barracas, o seu regato era uma fístula no mundo; vindo sabe-se lá de onde, o mal escorria por ali como um esgoto teológico entre o Cabeço, o Janeirinho, a Codivel, a Póvoa. De todos os sítios do país, porque é que a encosta sudeste do seu morro ficara com o monopólio dos paroxismos do mal, o pior do homem e o pior da natureza?

Começava a ser uma tradição: regressar assombrado da Biblioteca Nacional. Foi direto à horta. Informou Judite de que estava a par de tudo, que não valia a pena fingirem, que não ia descansar enquanto ela não lhe contasse, que ia descobrir a verdade com ou sem a ajuda dela. Eram seis ou sete da tarde. Ela estacou e deu a ordem:

— Jantas cá hoje, dormes cá hoje. Não dormes cá há muito tempo. Agora, se faz favor, fica aqui a tomar conta do Joaquim que depois a gente fala.

Saiu já a chorar. Foi matar uma galinha. Fez-lhe canja com miúdos. Jantaram, deitaram Joaquim, saíram para a horta. Já fazia calor, o cheiro das nêspers estava no ar. Sentaram-se debaixo de uma nespereira com os cães à sua volta. A *Nina* estava quase no colo dele.

— Já acarditas em Deus?

— Não sei, Judite.

— Não sabes? Mas, olha, meu menino, devias acarditar pelo menos em milagres porque eles acontecem. Vou contar-te a história dum, que eu vi, que eu vivi. — E bateu no peito para não chorar de novo.

Ele começou a apanhar e a comer nêspersas, fruto que já tinha tisonado por completo as unhas de Judite.

— Ali ao lado havia barracas, né, tavam apegadas à gente, do outro lado do muro, a gente dava-se bem com toda a gente, ajudávamos as pessoas, tu sabes como é. Memo, memo apegadinha à gente, morava ali a Bárbara com os filhos, eram quatro. O marido tava na estranja. Quando vem a água, ai filho, ninguém acardita, não era água, era um moitão de barro a vir contra a gente, o Joaquim pega em mim e vamos ali pra parte de cima da fábrica, onde era o escritório, ficámos lá agachados, ouvíamos a água a partir as nossas coisinhas ali em casa, filha da puta da água. E a fábrica nunca mais abriu, ficou tudo de pantanas. Ao longe ouvia-se barulhos que pareciam tiros, tra, tra, tra, eram as barracas a partir e a serem levadas, gente aos gritos: «Acudam, acudam!» Depois dos gritos vinham os gemidos. Ficavam cada vez mais sumidos, até não se ouvirem mais. — Calou-se, limpou as lágrimas com as costas da mão. — Havia uma senhora acamada, a Dona Celeste, que gritava e gritava e a gente sem poder fazer nada, não imaginas a aflição.

Calou-se. Comeram nêspersas em silêncio. Os cães levantaram-se e desapareceram, exceto a *Nina*, que parecia ter compreensão humana.

— Mas qual é o milagre?

—Pera, pera aí. Aqui ao lado, mesmo aqui ao lado, a Bárbara, quando sobe para o telhado do barraco, já só tem dois filhos. Tinha o bebé ao colo e a filha já grande pela mão. Os dois gaiatos do meio já tinham ido. Ali da fábrica nós víamos tudo, e gritávamos: «Agarra-te, mulher!» Que danação, não imaginas, não imaginas a danação. O meu Joaquim, coitadinho, à procura de alguma coisa para lhe atirar, uma

corda, mas nada, e foi atão que ela escorrega e deixa cair o bebé na água, ela ainda se quer atirar mas a gaiata agarra-a, foi a sorte dela. Fica a gritar, parece que ainda a tou a ouvir. — Voltou a lacrimejar; o tempo relativiza mas não apaga o horror; a foto fica cheia de grão e desfocada, mas continua a ser uma foto. — Os dias lá passaram, um, dois, três, não te passa pela cabeça os mortos que eu tapei, tapei aquela gente com lençóis, toalhas de mesa, mantas, o que calhasse. — Fez nova pausa; comeu uma nêspira gigantesca, cuspiu um caroço que embateu com piada no focinho de *Nina*. — Depois aconteceu. Deus nosso senhor não dorme. Um jornal tinha a fotografia do bebé da Bárbara que tinha sido apanhado pelos bombeiros. Tava vivo!

— O quê? — Ele engasgou-se e engoliu um caroço de nêspira.

— Não te engasgues! Sim, demos a volta à cabeça um cento de vezes, só pode ter sido isto: a criança caiu em cima de uma placa de lusalite, sabes o que é?, um cimento com que se fazia os telhados, agora dizem que faz mal.

— Amianto?

— Isso.

— Espera aí, Judite. O bebé caiu numa placa de amianto de um telhado que estava a ser arrastado pela água e, mais à frente, foi salvo pelos bombeiros?

— Isso mesmo. É ou não é um milagre?

— Não sei o que dizer.

— Pois, vocês senhores doutores sabem muito mas andam a pé! Mas pera aí que isto ainda não acabou. O António, era assim que se chamava o gaiato, tinha sido entregue a uma instituição qualquer para adoção, dizia no jornal. Cum caralho! Abalámos daqui a correr. Fomos uns poucos com ela, éramos uns dez, reclamar o bebé, tinha que haver testemunhas, né? Lá fomos. Olha, foi um trinta e um. As putas do

orfanato ou lá o que era aquela merda não nos queriam dar a criança. Não era por não acarditarem que era mesmo da Bárbara, era porque já havia senhores doutores de Lisboa à espera para adotar a criança. As cabronas diziam assim: «Ah, mas não vê que este casal pode dar uma vida melhor ao seu filho!» Olha, chamei-as de tudo, de puta para cima, que putedo senhor Alfredo! Tiveram de devolver a criança. Isso é que era bom, a mulher já tinha perdido dois filhos e agora tinha de dar o bebé aos senhores doutores da mula ruça? Isso é que era bom... Atão? Não dizes nada? O qué que eu te digo sempre: na tamos sozinhos, filho.

No dia seguinte, ele foi até aos bombeiros de Odivelas. Saiu-lhe a sorte grande. O quartel tinha uma coletividade onde paravam os velhos bombeiros reformados. Encheu um caderno só nessa tarde. Os homens rodearam-no enchendo o ar com histórias que se acotovelavam: o quartel ficou cheio de cadáveres três ou quatro dias; bastava sair à rua para ver pessoas afogadas em sítios estranhos como em cima de árvores ou em varandas. Nas margens, os cadáveres de animais flutuavam a par dos cadáveres humanos; os corpos, inchados pela água, deitavam um gás nauseabundo quando rebentavam. Empilhou história bizarra atrás de história bizarra, como a dos seis homens que morreram numa taberna para lá da ponte de Frielas. Pareciam seis estátuas. A enxurrada do rio de Loures foi tão rápida e forte que morreram e ficaram imobilizados nas posições em que estavam naquele instante, uns estavam sentados a jogar às cartas, outros estavam ao balcão a beber. Pareciam fósseis de uma Pompeia aquática. Muitos destes homens tinham dois traumas, a guerra nos trópicos e as cheias em casa. Embalados pelas histórias das cheias, muitos contaram episódios passados nos rios e pântanos da Guiné. Ele sentiu-se um terapeuta. Sentiu-se um escritor. Sentiu-se com sorte. Sentiu que havia terrenos jornalísticos e literários inexplorados à sua espera num país submerso em tabus e silêncios, um país incapaz de

fazer a catarse da violência sofrida e praticada pelos seus. Ainda não tinha nome, mas Lucas Andrade fez-se repórter nestes dias.

O material: as memórias dos bombeiros e de Judite; os casos incríveis de horror e esperança; as seis estátuas de lama; o bebé abençoado; as transcrições dos jornais; a história de Beta; tinha ainda duas estirpes de mal (o mal natural, as cheias, e o mal humano, o Estripador e o Borrego) e duas épocas históricas. Passou as últimas semanas de aulas e o verão inteiro a escrever e a reescrever o texto. Combinou com a professora que o entregava em setembro. Idealizou uma entrada heroica em Lisboa e na faculdade: não ia ser um aluno qualquer; estava à sua espera o estatuto de jovem prodígio já publicado nas páginas dos crescidos.

Durante o dia escrevia, à noite ia buscar Joana no velho chaço repescado por David — só o usou neste verão. Passavam noites inteiras lá em cima no miradouro secreto. Depois de fazerem amor no banco de trás, estendiam uma manta mesmo na beirinha da arriba. Ainda sem o cheiro nauseabundo que adquiria trezentos metros à frente, o regato caía às pinguinhas lá em baixo. Era difícil imaginar este arroio transformado num dos aluviões assassinos de 1967. Ao lado, novos prédios, mais luxuosos, mais confortáveis, estavam a ser construídos numa encosta ainda livre. Chamavam a este novo bairro «Colina do Sol». Aliás, não era bairro, era «urbanização» ou «condomínio fechado» e, a julgar pela qualidade da construção e pelos preços, era para um novo tipo de pessoas. A fidalguia preparava-se para regressar ao morro que se voltaria a chamar colina.

Ficavam ali a conversar em paz, com os aviões a descolar e a aterrar a leste. No verão do êxodo, aquele concerto aeronáutico despertara nele

um anseio subliminar de suicídio. Agora, no último verão antes da ida para Lisboa, sublinhava o seu amor por Joana e a sua ambição. Há uma década não queria vir para a cidade, agora queria conquistá-la, mudá-la por dentro.

Nestas noites, nada era tão pequeno ou tão grande que não merecesse conversa.

— Já andaste de avião?

— Não. A Vó quis pagar-me uma vez um bilhete para ir ver o meu pai... Claro que não fui, né? Era bom irmos a algum lado de avião, só os dois.

— Com que dinheiro?

— A Vó pagava se pedíssemos.

— Achas? Então gostava de ir à Alemanha, à Floresta Negra, ver outra vez lagos nas montanhas, era bom nadarmos lá em cima, nadar nas alturas, nadarmos nus! Não, não te rias. Nadar nu é bom.

— Era mais fácil irmos à serra.

— Esquece. São Jerónimo não me diz nada.

— Mas é a tua terra.

— Não, não é. A minha avó é a Judite, o meu avô é o Joaquim, a minha aldeia é ali em baixo na horta.

— Como é que ele está?

— Mal. Já não é ele.

Joana aconchega-se no braço dele.

— Como está o texto? Posso ver?

— Ainda não. Está quase! No ano em que entro na faculdade posso publicar um texto a sério. A stora diz que sou capaz.

— E és. Era incrível.

— Achas que é possível? Alguém vai mesmo publicar um texto dum puto do Janeirinho? Parece coisa de desenho animado.

Muitos risos.

— Acredita. Não perdes nada.

— Sabes, na Bíblia há uma parte...

Ela dá uma risada extra de surpresa e ironia.

— Oi! Andas mesmo a ler a Bíblia?

— Ando... as voltas que isto dá, não é? A culpa é do Cajó.

Mais risos.

— Há uma parte de que gosto muito: os túmulos não eram como os nossos. Eram escavados na horizontal na pedra, como uma casa, uma gruta. Tinham duas câmaras, o túmulo propriamente dito e uma antecâmara antes da rua, da realidade. Eu estive nesse sepulcro; tu e este ano foram a antecâmara. — Apontou para Lisboa. — E para o ano vou ali para a realidade.

Beijam-se, voltam a fazer amor, ali mesmo sentados. Os desenhos eróticos que ele fez de Eugénia são uma coleção à kamasutra: correm todas as posições numa canseira ergonômica e hidráulica. Os desenhos que deixou de Joana são, na verdade, variações do mesmo esboço de paz: fazem sentados, agarrados, parecem um corpo só.

Limpam-se, deitam-se na manta e voltam à conversa.

— Como é que vais assinar o texto?

— Não sei. Ruço não pode ser, não é?, e João Miguel Azul ou João Azul também não é grande coisa, pois não?

— Não, não é. Desculpa.

Mais gargalhadas.

— Na Bíblia, há personagens de que gosto muito: Job, Eclesiastes; mas o meu favorito é o Jonas, o da baleia. Estou a pensar num pseudónimo, Jonas Andrade.

— O quê? Andrade? Porquê Andrade?

— Porque gosto do som, só isso.

Ainda estava muito longe de conseguir explicar a origem do Andrade.

— É pá, Jonas é horrível, é mais para jogador da bola. Esquece. Antes João Azul.

— Logo vemos. Tenho tempo.

Fazem um brinde com duas garrafinhas de vodka ainda do tempo da banda.

— Olha, ainda pensas nela? — pergunta Joana.

— Sim, ainda penso na Beta.

— Não... na bebé...

— Não.

É mentira. Ele pensa na bebé que salvaram da barraca. Sonha com ela. À beira da ribeira, a bebé está morta e inchada como um balão, vai buscar uma porta velha ao casão, atira-a à ribeira. Deposita o corpo nesta jangada improvisada; empurra-a, desliza como uma pira.

— Oh... eu penso. Até lhe dei um nome, Rute.

— Rute?

— Sim, gosto muito de Rute.

— É o nome de um livro da Bíblia, sabias?, do Antigo Testamento: o Livro de Rute. É um bom romance. O Antigo Testamento é uma biblioteca de bons romances. Jonas, Eclesiastes, Job, Rute. E sabes que também há um livro de Judite, sim, como a nossa Judite. Só não há o livro da Francesa, desculpa.

Risos em trinado.

— Mas, olha, passaste a acreditar em Deus? Sempre disseste que não acreditavas.

— Não sei, Joana. Continuo a ligar, se calhar demais, a ideia de Deus à minha avó, percebes? E os meus pais nunca acreditaram muito: batizaram-me e meteram-me na catequese porque sim, porque era assim.

Odiei a catequese, caraças, se odiei, pá. Ia lá só para não me chagarem mais a cabeça, não ir à catequese era uma ofensa do caraças! E também odiava a missa. Man, as velhas, as beatas, eram sempre aquela base: sempre a mancar um gajo. Amor de Cristo o tanas! A minha avó nunca perdoou ou sorriu. Eu e os meus pais íamos à missa ao domingo, só. O meu pai nem entrava, ficava à porta como os outros; a minha mãe ficava no último banco, às vezes sozinha. Eu odiava aquilo, ela também. Ao longo da semana, eu conseguia evitar aquela gente. Então no quinto ano! Ia para o liceu da vila, quase não via ninguém da aldeia, mas, ao domingo, na missa, não tinha hipótese, lá vinham as cabeças a abanar, os dedos apontados, a má-língua: «Olha a Maluca. Olha o filho da Mari' Maluca, só quer saber dos livros, Coitadinho.»

— Tá bem, mas isso era a aldeia, ou a missa. Eu nunca fui à missa, mas acredito em qualquer coisa.

— Acreditas? — Ele tem aqui um excesso de realismo que é na verdade um indício de crueldade. — Acreditas mesmo depois do que o teu pai te fez? Como? Como é que podes acreditar num Deus todo-poderoso e bondoso? Porra, ou é uma coisa ou é outra. Se é todo-poderoso, não é bom, até me parece muito cabrão se deixa coisas como essas acontecer. Se é bondoso, então não é poderoso como se pensa, porque não tem poder para parar gajos como o teu pai. — Ele nem sequer olha para os olhos encharcados da namorada; está fechado no raciocínio que está a desenvolver como uma bulldozer. — Lembras-te da música dos Theatre of Tragedy que tem aquele diálogo do Poe? — Ela sussurra um «sim». — A mulher, uma crente desesperada com as provas reunidas contra a fé, diz que, apesar do sofrimento, há luz e esperança no mundo. O gajo responde com o monólogo: «Minha querida, pode você em consciência olhar para este mundo e acreditar na bondade de um Deus que o governa? Só vê fome, pestilência, guerra, doença e

morte. Se alguma vez existiu um Deus de luz e esperança, ele há muito que está morto e alguém ou algo governa no seu lugar! Ouve: é difícil discordar desta merda.

Ela deita-se, olha para as estrelas e responde com a sua música favorita.

— Estás a ver a música que estamos sempre a cantar no meu quarto, «Into my Arms» do Cave? O que é que ele diz sobre Deus? Que não acredita num Deus intervencionista, não é? Isso quer dizer o quê? Que se fazes merda, é contigo, não com Deus; Deus não tem culpa da merda que fazemos, da mesma maneira que uma mãe não tem culpa pela merda que um filho faz quando já é adulto, caralho. — Ele sente-se esmagado pela inteligência emocional de Joana, tem uma intuição superior ao seu mero raciocínio mecânico. — Deus cria-te, não é?, mas não é um bófia para andar sempre em cima de ti, nem bófia, nem ditador, nem paizinho para andar sempre a amparar os golpes do menino. Se fazes merda, é porque quiseste fazer merda, não culpes Deus por isso. O meu pai fez-me aquilo porque é um filho da puta. Deus criou-o para fazer coisas bonitas, e fez-me a mim, não foi? — Joana sorri sem maldade, sem rancor, perfeitamente segura da fé que está a expor, uma fé já muito adulta; só através da escola da vida e das músicas pop de Cave e Cash, Joana chega onde poucos chegam: à compreensão da ligação entre Deus, livre-arbítrio e o mal, a teodiceia.

Ele pressente que está a levar um baile teológico, e tenta uma ponte.

— A Judite diz sempre uma coisa parecida àquilo que estavas a dizer: «Não estamos sozinhos!» Mas não sei. Sei que há muita coisa a prender-me naquilo.

— Naquilo?

— Na Bíblia, Joana. — Mais risos. — E sabes porque é que me prende? Não é certinha, não é direitinha, tás a ver?, não é lógica, tal

como a vida das pessoas. A realidade, a vida de cada um de nós, é sempre meio estranha, sem sentido, percebes? Às vezes é mais difícil acreditar nos factos que aparecem numa biografia real, sei lá, olha, como aquelas que lemos do Boss e da Patti Smith, do que nas ficções de um romance.

— Não estou a perceber, desculpa.

— Olha para nós: começámos a andar quando demos um concerto de metal numa vila da parvónia e num comício de um partido político, namoramos no sótão por cima de um bordel. Contado não se acredita. — Ela abraça-o. — A mensagem de Jesus é assim, não é óbvia, não seria inventada por um ficcionista, não seria inventada por um humano. Então o filho de Deus não nasce enquanto general ou imperador? Vai nascer nos mais miseráveis, os pastores, do povo mais miserável? Fica deitado onde os animais comem? Quando cresce, Jesus está sempre a dar razão às mulheres. Fala em público com putas. A primeira pessoa que o sente após a ressurreição é Madalena, uma puta. Há um gajo, o Oseias, um profeta, que é convidado por Deus a acolher e a amar uma puta.

— A Odete e o Zé Alemão iam gostar de ouvir essa.

Mais risos, mais garrafinhas de vodka, mais alegria. E ele continua a aproximação teológica ao lenocínio:

— Se aparecesse aqui agora, Ele não ia ter com o meu velho, cidadão respeitável e não sei quê, ia ter com a Vó; era com ela que Ele ia beber uns copos. Essa é outra: Ele está sempre a beber e a comer. Mas que raio de Deus é este? Sempre à mesa, sempre no laréu! E o Pedro? É um medroso do caracas e está sempre à nora! Aquilo não é como a *Ilíada* ou o *Dune*, não está cheia de super-heróis. O Pedro é um gajo normal, é fraco. Estou a ler uma parte que se chama Ato dos Apóstolos, conta o que se seguiu à ressurreição. Sabes o que Ele está a fazer quando

os outros gajos, os apóstolos, o veem pela primeira vez após a morte? Está a assar um peixinho assado nas margens de um lago. Um peixe assado! Quem é que se ia lembrar disto? Tem de ser verdade.

Joana riu-se. O riso, contudo, era a antecâmara de um silêncio triste.

— Não é a primeira vez que me lembro do nome Rute... engravidei e chamei-lhe Rute... mas fui lá à vizinha da Judite.

Ainda restava um demónio por expulsar, o cocheiro que controlava todos os outros. Joana chora como nunca com a cabeça no colo dele. Abortou uma criança que era sua filha e sua irmã ao mesmo tempo. Ele chora também, não um pranto, mas uma revolta silenciosa e, pela primeira vez, olha para o céu à procura de uma resposta, «Ajuda-me, caralho, ajuda-a!», é isto que sussurra ao céu: «Ajuda-a.»

Pouco depois deu o texto a David. Estava orgulhoso: este era o seu maior esforço intelectual até então, uma mistura de memórias pessoais e familiares com os dados históricos; uma história da Grande Lisboa através de histórias pessoais, histórias de migração, histórias de horror e morte, histórias de milagres. David levou-o para a garagem onde agora dormia sozinho. A mulher, Sílvia, deixara-o. No dia seguinte, decretou que aquela prosa «tava uma bela merda», que ele não se tinha libertado, que o texto estava «preso», que ele estava a «tentar escrever como *eles*», que era uma «pasta sem forma». Ele ficou tão perturbado que não mostrou o texto a Joana e não o enviou à professora. Guardou-o na gaveta. Vivia assombrado pela inteligência de David, considerava-a uma entidade sobrenatural e infalível. Ao telefone, Maria de La Salette nem queria acreditar.

— Não se deixe ir abaixo, tenha mais confiança em si.

— Não, stora, não está bom.

— Estou certa de que está bom. Deixe-me lê-lo pelo menos.

— Não, stora, obrigado por tudo, mas não a quero envergonhar.

Muitos dizem que a separação entre Ruço e David começou meses depois quando ele entrou na faculdade e passou a ser mais de Lisboa do que do Janeirinho. Não é verdade. A separação começou neste episódio e foi reforçada com uma cena clássica de setembro. A primeira semana de aulas tinha sempre uma forte carga dramática, era um pico de agressões e roubos. Esta foi ainda mais intensa. Na velha caixa de eletricidade, dois tratantes encurralaram as miúdas da rua, Rosinha, a irmã de David, a irmã do Americano, a irmã de Beto, e assaltaram-nas. David começou a assobiar como um possesso. Ele não ligou. Continuava magoado. David tocou à campainha. Assomou-se à janela: David contou-lhe o caso aos gritos. Tremia. Agitava uma pistola no ar. Ao seu lado, Beto já tinha o chino na mão. Acabou por descer para tentar falar com eles. David queria filar os agressores. Ele disse-lhe para ter calma.

— Calma? Fanaram as miúdas, caralho! O que é que não tás a perceber?

Ele insistiu na calma e depois cometeu o pecado capital:

— Vamos ligar à polícia, é melhor.

O rosto de David cobriu-se de nojo. Mas já não era o nojo sarcástico de sempre. Era uma repulsa descontrolada. Foi-se embora a berrar:

— Sempre foste um conas.

Ele subiu e ligou à polícia, que não apareceu. Desceu de novo para falar com as miúdas, que estavam sentadas na caixa de eletricidade rodeadas de vizinhos. A dois ou três metros, ali permaneciam no alcatrão as pegadas deixadas por David e pelos outros no seu primeiro dia enquanto indígena do Janeirinho.

Duna

— MEU CARO, NÃO INSISTAS! Em outubro, quando voltarmos a publicar o pasquim, os teus textos vão continuar a aparecer como contos, não como crónicas.

O seu grande amigo da cidade, Pedro Castro e Sousa, estilizava sempre as conversas com estas bizantinices, «meu caro» para aqui, «caríssimo» para acolá; mas o certo é que Pedro era dos poucos que fazia desta pose pedante um desporto suportável.

— Mas eu sempre te disse que estes textos não são ficção, são crónicas ou pequenas reportagens do meu e de outros bairros, sempre te disse que só mudo os nomes das pessoas e que coloco a ação num bairro fictício.

— Ouve, Rucinho: ninguém vai acreditar nisto enquanto reportagem ou crónica, caralho. Eu não acredito, desculpa. É óbvio que é ficção.

— Não acreditas no quê? — Abriu os braços para sublinhar a fúria. — É tudo verdade. Eu escrevi ficção naquele conto ou novela «O Homem em Queda» que publiquei naquela revista geek de ficção científica no ano passado, lembras-te? Mas isto não é ficção. Isto é real, aconteceu, acontece. Sempre te disse isto. — Voltou a abrir uns braços coléricos.

— E sempre deixaste que colocássemos os textos nas páginas da ficção, ou não, caralho? Sempre disseste isso, mas eu também sempre disse que não acreditava, quer dizer, sei que usas a realidade como ponto

de partida, vá, mas é claro que inventas em cima dessa realidade. — Pedro recostou-se na cadeira de diretor e continuou a palestra: — Ouve: é clarinho como água para mim e para todos que inventas como romancista, não retratas como jornalista; é claro que estás a treinar a mão para o romance. O que não tem mal, foda-se, e por isso acordámos desde o início que íamos pôr estes textos nas páginas de literatura e não nas páginas políticas. Porque é que não abriste a goela há mais tempo?

— Não me quis chatear.

— Pois, pois. Escuta: o que me apresentas não é Visconti, é Fellini.

— O meu cinema italiano está pela hora da morte, Pedro, tens de explicar isso. Não vou a Roma a cada trimestre como certos e determinados lordes do Norte.

Pedro não acusou o toque, não perdeu o fio à meada literata.

— Os teus textos são oníricos, pá, não são realistas, capice? Tu meteste na cabeça que és uma espécie de herdeiro tuga do Steinbeck ou o caralho, mas, quando lê o que escreves, um gajo não pensa no realismo do Steinbeck, pensa logo, foda-se, é tão óbvio!, no gótico sulista da Flannery O'Connor e do Cormac McCarthy. Não é óbvio para ti? Os teus contos são pesadelos, caralho, como os da Shirley Jackson. Lembras-te do texto sobre o velho que morre e fica a apodrecer meses a fio no alto de uma torre sem que ninguém dê por ele? É um conto onírico e negro, é terror, não é um retrato sociológico. E este, que entregaste hoje: homem de quarenta anos, bêbado, que mata vizinha por uns trocos e congela-a na arca frigorífica. A mulher ainda estava viva, inconsciente mas viva, e morre da congelação, não da pancada. Cum caralho! Até dá vontade de rir. — Levantou-se e foi buscar ao calhas edições antigas com um ou dois anos. — E estes aqui? Corpo atirado a pocilga em serra saloia. Avô que viola neta menor. Avôs, que são vários!

Como é que imaginas estas merdas? Mulher que vive anos a fio com o cadáver do pai em casa até ela própria morrer. Foda-se!

— Não imagino, encontro.

— Encontras?

— Na natureza humana, em primeiro lugar. Na Grande Lisboa, em segundo lugar. Conheces? Diz-me uma coisa, Pedro: como é que queres ser político se não conheces a realidade que queres governar?

Agora, sim, Pedro acusou o toque.

— Não vás por aí, meu caro. Não há ninguém nesta faculdade tão consciente da realidade deste país.

— Não me faças rir, Pedro. A realidade não são os teus livros com gráficos e estatísticas. Queres saber uma estatística que está errada à partida nos teus livrinhos? As do crime, porque a esmagadora maioria dos crimes à volta desta cidade fica por reportar, percebes? Fui assaltado dezenas de vezes. Sabes quantas vezes apresentei queixa? Zero. E não fazes ideia do número de homicídios que está escondido na lista dos desaparecidos, e não fazes ideia do número de pessoas que nem aparece na lista de desaparecidos, porque é uma bênção desaparecerem.

— Repito: não vás por aí, caríssimo. E repito outra coisa, o que te disse na primeira vez, quando apresentaste o primeiro texto, lembras-te?, a rapariga violada pelo marido da irmã; ele vai para a cadeia, a irmã esquece tudo, como se nada fosse, ama-a, etcétera e tal, cuida-lhe do filho que é fruto da violação, o puto fica com duas mães e agora têm juntas um restaurante de sucesso. — Pedro sorria enquanto descrevia esta lista de coisas inverosímeis. — Não vês que é demais? Uma pessoa passa por isto tudo e depois acaba como empresária de sucesso? Só pode ser entendido como uma fábula. Eu gosto muito de ler, mas é uma fábula ou, vá, uma parábola, chama-lhe o que quiseres.

— Se calhar, a realidade é demasiado real para ti. Achas o quê? Que o pedófilo é um anjo de asas queimadas que cai dos céus para esperar a criancinha à porta da escola? Não, Pedro Azevedo de Castro y Sousa. Ou é *Souza*? — Irritado, desenhou no ar um Z e um Y com a mão. — O pedófilo é quase sempre alguém da família ou amigos, o padre, um amigo do pai, o tio, o irmão, o cunhado, o vizinho, o pai e, sim, o avô. O mal pode vir de gente banal.

— Estás a seguir a linha da Hannah Arendt?

— Ah? Não. Quer dizer, não sei. Nunca li Hannah Arendt.

Pedro sorriu como se estivesse a ensinar-lhe a usar os talheres. Ele continuou.

— A senhora morta no congelador dá vontade de rir? Pois dá. Queres outro exemplo de humor negro que vai aparecer em breve? O tipo que dorme com a motosserra na cama só para manter a mulher em sentido. Não sabes que o mal pode ser grotesco e que o grotesco tem uma pitada cómica; quando nos rimos, suportamos melhor a coisa.

— Andas a ler Dante, meu caro. Muito bem.

— Não, não ando. Nunca li. Porquê?

— O mal como grotesco levemente risível está na *Divina Comédia*. É por isso que é *Comédia*.

— Eu vivo no Inferno, Pedro, não preciso de ler sobre o assunto. Man, é mesmo esse o problema: vocês têm um conhecimento literário e não carnal do Inferno, e reagem quando alguém quer falar a sério das feridas desta cidade, deste país. Achas o quê? Que corpos atirados aos rios ou diluídos em ácido é só nos filmes americanos? Achas que a maldade humana fica ali na fronteira em Badajoz?

— Sim, eu sei, João Azul. Eu sei, nós, os betos, os betinhos da Foz e da Linha, os queques, os privilegiados, os aristocratas, os burgueses, tens mais algum rótulo?, esqueci-me de algum?, nós, dizia eu, damos

razão ao passarinho de Eliot, «Ide, ide, ide, disse o pássaro: a espécie humana / Não pode suportar muita realidade.»

— Não sei do que estás a falar? T.S. Eliot?

— Um americano que nunca leste? Estou espantado.

— Lá chegarei. Mas, sim, já que te puseste a jeito, vocês não suportam a realidade, não suportam a natureza humana. O nome verdadeiro dessa rapariga que achas que só pode ser inventada é Conceição, a São, foi a minha primeira namorada a sério. Foi violada pelo marido da irmã, teve esse filho, uma coisa mais comum do que possas imaginar, depois elas ficaram ainda mais amigas, têm um restaurante lá mesmo no alto em Caneças, As Duas Irmãs, tem uma vista do caraças. Também não vos passa pela cabeça as vistas que há lá em cima sobre a cidade.

— Tens vista sobre o skyline de Lisboa, ó João Azul?

— Não, pá, eu vivo no skyline! Vocês é que não se dão ao trabalho de olhar para norte e para cima. Sabes qual é o teu problema e desta malta? Vocês não conhecem nem o pior nem o melhor do ser humano. A vossa vida demasiado confortável não vos deixa descer ao Inferno nem vos deixa subir ao Paraíso. Vocês não acreditam no mal absoluto, têm dificuldade em aceitar que um gajo possa violar vezes sem conta uma menina, e não acreditam no bem absoluto, têm ainda mais dificuldade em acreditar que essa menina consiga crescer bem e ser uma mulher amada, que ama, que tem sucesso, apesar de ter um filho que é fruto daquele mal absoluto. A vossa vidinha boa e entediada corta-vos a imaginação moral. Sabes porque é que aquela mulher vivia com o cadáver do pai em casa? Porque precisava da reforma dele. Isto nem vos passa pela cabeça.

Ficaram calados alguns segundos; estes momentos de tréguas diluíam as fronteiras sociais.

— Ouve, caralho: a minha mãe quer publicar os teus textos, não é? Podes ter tu a certeza de que ela só vai publicá-los como contos, que é um género que ela sempre adorou ler e publicar. Quem é que achas que me falou da ligação entre o que escreves e as contistas americanas, a O'Connor e a Jackson? Porque é que não aceitas isto, caralho? Porque é que não aceitas o sucesso do caralho que estás a ter com estes contos?

— Ó Pedro, porque não são contos! — Exasperou-se de novo ao ponto de bater com a mão na mesa. — Vocês fazem lembrar o Breton a olhar para os quadros da Frida.

— Então? Porquê?

— Ele achava que o ultrarrealismo feminino dela era surrealismo; e ela ria-se. Não, mon amour, não são sonhos, é mesmo a realidade. — Pedro desconhecia o episódio, mas não cedeu, manteve um rosto seguro; à noite foi procurar e ler tudo sobre este momento entre Frida Kahlo e Breton. — E outra coisa, Pedro: podes parar de fazer piadolas com o meu nome?

— Não é snobeira, juro. Mas é que João Azul ou João Miguel Azul não lembra ao diabo, caralho! Tens de ter um pseudónimo. Já falámos sobre isto e tu concordaste, até tinhas pensado em Jonas, que é fraquinho, não é? Pede ajuda à minha mãe, ela ajuda-te a encontrar o nome certo. E, por falar na Dra. Helena, pá, ela, mãe, quer mesmo uma resposta em breve.

— Não sei se esse livro faz sentido agora.

— Ainda achas que não tens direito a ser o menino-prodígio, não é?
— Pedro fechou a pergunta retórica com um sorriso trocista.

Há muito que tinha confessado ao amigo o seu sentimento de bastardia, a vergonha pelo seu próprio sucesso. Publicar o seu primeiro livro logo no terceiro ano da faculdade? Era atrevimento a mais. Isso, sim, era inverosímil. Na sua vida, aquilo que considerava bizarro não era

a prostituta que geria um império de caridade através de lares de idosos ou o velho mumificado no alto da torre; o que via como implausível era precisamente aquilo que Pedro assumia com bonomia: a sua chegada precoce aos livros. Esta inverosimilhança do seu próprio sucesso estava assentada como um carimbo branco nos seus gestos, na sua respiração, na sua linguagem. Era como se o bairro fosse um campo correcional a destilar todos os dias a cachaça da inferioridade que se entranhava na pele. Sim, esta vergonha saía pelos poros como álcool na ressaca. Nestas conversas na cidade, ele tinha de manter um esforço permanente para não destravar a linguagem. Não, ao contrário de muitos, não se tratava de controlar os palavrões, nunca foi do asneiredo. Pedro, orgulhoso nortenho, usava o vernáculo nas conversas privadas, ele não. O seu esforço estava na necessidade de evitar o dialeto dos bairros que comia sílabas e hífenes e que inventava apóstrofes. Tinha de estar focado para dizer «estivesse» e não «tivesse», «mesmo» e não «memo», «ouviste» e não «ouvistes», «também» e não «tamém», «não é?» e não «né?», «hás de» e não «hades» — já tinha infernos de sobra. Também tentava controlar as suas bengalas verbais, «man» e «meu». Nos seus colegas seriam sinais de rebeldia e liberdade; nele eram óbvios sinais de chungaria.

Levantou-se da mesa, deu-lhe um aperto de mão e disse:

— Pietro, diz à tua mãe que lhe dou uma resposta em breve. Depois da viagem. Vá, agora tenho de ir.

Saiu da sala onde faziam o jornal dos alunos da Faculdade de Direito há já dois anos. As aulas ainda não tinham começado, mas o pessoal já andava por ali a conversar, a conspirar, a catrapiscar. Entrou no metro, fez uma estação, saiu na grande estação junto ao Estádio do Sporting.

Colocou-se na fila do autocarro e tirou um livro da pasta de cabedal que a mãe lhe costurara no ano de caloiro. É verdade que lia em qualquer lado, mas ler aqui também era um ato de resistência e disciplina. Este nó rodoviário era um local desolado, não tinha sombras no verão nem resguardos no inverno. Num dia quente de verão, como neste dia tortuoso de setembro, o alcatrão fumegava. No inverno, o mesmo alcatrão disforme criava poças que humedeciam a carne até ao osso. Os livros que lia no inverno ficavam com as margens deformadas pela chuva, por vezes até se esboroavam nos cantos. Ao longo de décadas, nenhum responsável do metropolitano, da rodoviária ou da câmara achou por bem colocar ali coberturas que protegessem as pessoas do calor e da chuva. Nem os utentes se lembraram de fazer essa reivindicação, até porque esta era a terra de ninguém entre a cidade e os arrabaldes, uma fronteira mais pronunciada do que a fronteira política entre duas nações. E ele atravessava-a todos os dias.

No campus, os colegas eram de classe média ou mesmo das fidalguias e, por essa razão, tinham uma relação paradoxal com a política. Eles faziam da política um exercício diário, discussões, tertúlias, discursos, artigos, reivindicações, abaixo-assinados, mas a sua vida não era afetada pelas decisões políticas. Sabemos que somos privilegiados quando percebemos que estamos acima das oscilações das escolhas políticas do alcaide e do primeiro-ministro; ser um privilegiado é pertencer a uma família que voa acima do clima político como um avião voa acima das nuvens; com ou sem crise, com este ou com aquele partido, a família de Pedro era a dinastia Castro e Sousa, um penedo inamovível e impermeável às políticas públicas de cada momento. Os discursos políticos que apareciam naquele jornal académico liderado por Pedro, *A Assembleia*, eram exercícios estéticos; exaltados, sim, mas estéticos. Pedro, o grande Pedro Castro e Sousa, já um dos delfins

políticos desta geração, fazia intervenções políticas da mesma forma que ele desenhava banda desenhada: era uma expressão estética. Nas colunas de opinião que Pedro escrevia e que já chegavam por vezes aos jornais nacionais, as palavras Portugal e Portugueses eram utensílios retóricos e abstratos.

As pessoas que ali estavam à espera do autocarro, sim, eram o alvo da política. Ele e todos os outros mujiques que ali esperavam à torreira do sol eram o barro que a política moldava. Sabemos que somos pobres quando o nosso corpo é moldado pela mais pequena escolha política. Estas pessoas adoeciam no inverno com o frio e eram esmagadas pelos picos de calor no verão devido à inexistência de toldos de proteção sobre as suas cabeças. Nos meses do calor, como este setembro infernal, era habitual ver-se ali pessoas a desmaiar como recrutas na parada. Contudo, permaneciam numa dormência apolítica. A política, que se via no telejornal, era coisa *deles*. Os miseráveis não se queixam, habituam-se. Quando por mero acaso surgia uma denúncia, o discurso não ia além de um lamento difuso contra *eles*, não era uma queixa direcionada para uma ação concreta como um abaixo-assinado exigindo a construção de toldos para milhares de pessoas que aguardavam um cento de autocarros todos os dias.

A fúria dos elementos não era, porém, a maior agressão sofrida por estas pessoas. Era ele quem lhes causava a pior das ofensas, uma afronta superior à canícula, ao frio, ao fumo, ao ronco dos autocarros comprados em segunda mão a países entretanto desaparecidos: ele lia livros. Ele até seria tolerável se lesse jornais desportivos ou tabloides. Mas livros? Romances? Poesia? Neste dia, como em todos os dias, quando tirou o livro da pasta de cabedal, algumas pessoas, entre o espantado e o quase ofendido, abanaram a cabeça.

— Este deve ter a mania.

Ali estava ele a ler e a transpirar debaixo do olhar desdenhoso dos camaradas de infortúnio. Tudo normal, portanto, até que apareceu o Ouriço, ou o que restava dele. Era o avatar embalsamado de um dos vilões da sua adolescência. A droga e a sida tinham apresentado a fatura: cabeça lerda, corpo mirrado como uma passa, feridas à vista — o chunga e a chaga na mesma pessoa. Vê-lo assim, louco e infetado, encheu-o de alegria. Num júbilo de vingança, até fechou o punho como se estivesse a comemorar um golo do Benfica. Este gajo roubara-o e humilhara-o na maior das impunidades como se ele fosse um animal sem direito à dor e à revolta. Este sentimento vingativo é perverso, ele sabia disso, mas não conseguia evitá-lo. E este rancor festivo ficou ainda mais saboroso quando apareceu uma figura maternal a dar o braço ao enfermo: era Susana, a meia-irmã do Ouriço e do Pernas — a mesma mãe, três pais diferentes. Também estava irreconhecível, a gazela esguia dera lugar a um pote disforme. Ele sabia que ela trabalhara nos cabarés de luxo que David geria em Lisboa, o que fazia sentido. Sempre a viu como alguém que saíria da mediocridade do bairro, um reflexo feminino de David, alguém que sabia que a ausência de estatuto não significava ausência de poder; no fundo, sempre a viu como uma daquelas odaliscas que sugam os segredos e as fortunas de políticos, empresários, generais. E, sim, Susana foi essa caricatura durante uns tempos. Agora tratava do irmão seropositivo e demente.

O autocarro chegou. Susana pediu para passar à frente com o irmão doente. Apesar de um ou outro protesto, «Uma vez puta, sempre puta», as pessoas permitiram que eles passassem à frente, mais por pena do que por medo. O Ouriço ficou sentado a meio do corredor do autocarro num lugar mais elevado, o lugar do velho pica entretanto substituído pela máquina de validação de bilhetes. Sentado nesse trono, o Ouriço balançava o corpo como um pêndulo, um movimento típico dos

manicómios. De pé, ao lado, a irmã deu-lhe água, ele babou-se. Ele sorriu: «Quem é o mauzão agora, filho da puta?»

No apertão do autocarro sobrelotado, ele ficou de pé a dois ou três palmos de Susana. Ela não o reconheceu, até porque ele não tirou os olhos do livro. Nesta hora de ponta, a viagem podia demorar hora e meia, ou mais com azar. Hora e meia para fazer cinco quilómetros. Foi o período em que leu mais na vida. Já lia os seus brasileiros, o seu Machado, o seu Euclides, o seu Guimarães Rosa, mas continuava a ler sobretudo americanos, Heller, Herbert, Cormac, Plath, Twain, Adams, Lincoln, Poe, Hamilton, Steinbeck, O'Connor, Faulkner, Melville, McCullers, Dickinson, Sherley Jackson, Pound, Cooper, Mencken, Whitman, Dick, Baldwin, Wilson. Jovens ou velhos, homens ou mulheres, as pessoas abanavam a cabeça quando o viam a ler em pé ao sabor dos solavancos. Neste dia estava a ler *A Campânula de Vidro*, o romance da Plath, compatriótica da guilda dos suicidas, mas, por uma vez, as pessoas não estavam de olho nele mas sim no Ouriço. Na barcaça entre o mundo e o submundo, só mesmo um sidoso para retirar a censura social de cima do pateta do leitor.

No Lumiar muita gente saiu. Conseguiu um lugar sentado na parte de trás. Quando tinha esta sorte, escrevia. Escrevia os textos que apareciam no jornaleco universitário e depois nas secções ainda juvenis dos jornais a sério. No ano de caloiro, o título fixo dessas crónicas esteve quase para se chamar «Catch-22». A tragédia da guerra, bem apanhada por Heller, é parecida com a tragédia da pobreza: o tempo do soldado é uma aceleração do tempo do pobre, a batalha é a miséria em fast forward; à semelhança do soldado, o pobre perde sempre, faça o que fizer, escolha o que escolher. Se abrir a porta da esquerda, o destino apanha-o; se abrir a porta da direita, o destino come-o. Ser pobre é passar a vida inteira sem uma decisão fácil, é ter de escolher sempre

entre a cólera e a peste: se levar a gravidez até ao fim, tem de entrar na prostituição ou na servidão; se não quiser ser prostituta ou serva, tem de abortar; sair da pobreza asfixiante implica emigrar, mas emigrar implica abandonar a família. «Catch-22» era um título perfeito, mas também era um estrangeirismo pedante. Optou pelo título «O Bairro do Aqueduto».

O Ouriço começou a falar sozinho num bichanado impercetível; estava a reviver diálogos e cenas, simulava gestos de pancadaria, desviava-se de socos imaginários, sacava de uma navalha também imaginária enquanto se afogava na expetoração. Susana limpou-lhe o suor da testa com um lenço. Da mala que trazia a tiracolo, caíram credenciais médicas.

Susana era uma personagem perfeita. Ele arrumou o livro de Plath, pegou no bloco de apontamentos e começou a criar uma personagem. Seguiu o seu método: primeiro desenhou-a com um conjunto de lápis de cor que não saía da sacola, e só depois é que começou a escrever. Susana, que agora se chamava Vanessa, saltara do bordel para o convento; cuidava do irmão como uma freira aplicada. Que escolha fizera ela? Ou cuidava do irmão com sida, sacrificando a sua vida, esperando que ele morresse depressa mas sabendo que morreria como um ser humano, ou permitia que o irmão morresse como um animal na rua, porque não queria deixar a vida fácil de acompanhante de luxo. Este era o tipo de dilema que Pedro e os outros só viam enquanto literatura e não como realidade. Pedro, todavia, tinha razão num ponto: nos dois primeiros anos de faculdade, ele não se importou com esta confusão, aliás, o seu ego ficou ufano e impante. Mas agora a situação começava a irritá-lo. O facto de eles pensarem que as suas crónicas só podiam ser contos fantasmagóricos ou fábulas era um elogio ao seu talento, sem dúvida, mas também era uma maneira que eles tinham de protelar o confronto com uma realidade tão próxima. Era como se o seu bairro só

pudesse ser uma duna gótica e não a freguesia com a densidade populacional mais alta do país; era como se o Janeirinho fosse Coloma, a terra dos mortos, uma galeria de espíritos que garantia êxtase literário e não empenho cívico; era como se Susana só pudesse ser uma fada e não uma portuguesa a tentar ajudar o seu irmão no combate à sida e à indigência.

O Ouriço adormeceu na longa e demorada fila entre o Senhor Roubado e Olival Basto, a última parte plana antes de se subir o morro, que se assemelhava de facto a uma duna. Susana aproveitou para ler as credenciais ou exames médicos. Baixou a cabeça, começou a chorar. Ele sentiu o ímpeto da caridade, pensou em dar-lhe um lenço ou dizer-lhe olá, mas não se mexeu.

As discussões sobre os textos eram só uma parcela da franqueza que marcava a sua amizade com Pedro. Pela primeira vez, tinha um amigo rapaz que respeitava a sua timidez e as regras de uma conversa. Pedro calava-se e deixava-o falar, ouvia-o em silêncio e depois contra-argumentava. Criado na elite industrial do Norte e na aristocracia cortesã de Lisboa, nem suspeitava que esta cordialidade fazia parte de uma cultura, a dele, e não da natureza; era uma construção urbana e não um instinto natural. Por outras palavras, Pedro crescera na cultura, ele crescera na natureza. Mesmo no melhor período, ele e David não argumentavam entre si, diziam as mesmas coisas sobre os filmes que viam. Quando por acaso tinham uma visão diferente, a conversa não avançava: «Lá tás tu com as tuas merdas, Ruço», rematava David. Se falasse durante vinte segundos seguidos, uma pessoa do bairro era interrompida por piadolas, risadas, urros; era excêntrica a ideia de alguém passar um ou dois minutos a expor uma ideia. Talvez porque as pessoas não se viam como indivíduos ou cidadãos com direito à voz numa ágora comum; viam-se como membros de uma tribo, a tribo da

família, da rua, do bairro, a tribo deste autocarro empestado pelos restos das marmitas azedando ao calor. Com Pedro, ele percebeu que uma pessoa a expor uma ideia não é um couraçado para afundar, é um lugre para contemplar. Este autocarro que baloiçava os corpos destruídos do Ouriço e de Susana era a fronteira móvel entre estes dois mundos.

Quando o autocarro iniciou a longa e encaracolada subida até ao cume do bairro, Susana sentou-se num lugar e encostou a cabeça ao vidro. Passou pelas brasas. Ele apontou num canto uma ideia para desenvolver: ela sonha com os momentos em que, através da sua sexualidade transbordante, humilhava rapazes mais novos e ainda inocentes.

Passar os dias nesta fronteira sufocava-o, mas era também um foco de esperança. Já publicava pequenas resenções numa famosa revista intelectual dirigida pela mãe de Pedro, Helena Castro e Sousa, reputada editora sediada no Porto, «editora das antigas», como se costumava dizer. Era talvez o último editor da sua espécie: o aristocrata que perdia parte da interminável fortuna nos livros e revistas que publicava. Estas resenções eram um trabalho de sapa de remador obscuro e mal remunerado, enchiam as últimas páginas da revista. Eram, contudo, uma oportunidade. Aproveitou-a. As suas resenções brilhavam lá no quarto dos fundos da revista. Foi devido a um desses textos que recebeu uma carta, através de Helena, de um grande filósofo português radicado em Paris. A carta elogiava o seu texto sobre a relação entre direito natural e *Os Miseráveis*. Ficou embaraçado com os elogios, até corou; guardou a carta no livro que estava a ler, voltou para casa, foi ver Joana como sempre, mas não lhe falou da dita carta. Como é que se constrói uma ponte mental entre o lupanar miserável e a carta do maior filósofo?

O Ouriço deu um berro tresloucado. Durante segundos, o autocarro ficou silencioso. Ele levantou os olhos do caderno onde retratava Susana

e esboçou um sorriso mordaz. Se o Ouriço tivesse morrido ali mesmo, ele teria mantido o sorriso.

Nesse dia da carta do filósofo, ele encontrou à noite na caixa de eletricidade David e Beto; foram os três a um bar onde seria mais fácil encontrar um condenado do que um licenciado, e tinha a carta no bolso. Ainda pensou em mostrar o troféu epistolar a David, mas tinham perdido a cumplicidade. Não disse nada. Deixou que Beto se queixasse da violência do pai sobre a mãe e, logo a seguir, David assumiu o serão com as suas aventuras. Benfiquista fanático, David tinha-se infiltrado na claque do Sporting para vender droga: «Sabem qual é a parte melhor? A bófia protege-me, caralho! Faz caixas de segurança pa nos levar aos estádios e, dentro dessa caixa, eu faço e vendo o que quiser no meio de três mil caralhos!» Vendia bolotas de haxixe e cocaína que designava por capeta ou falupa. «Os otários das televisões só falam das tochas, caralho! Que falem das tochas e deixem-me trabalhar em paz», e ria da sua sempiterna capacidade para enganar os lisboetas e o sistema. Depois de escutar estas sagas cinematográficas de David, como é que alguém daquele mundo podia ser audiência para a história da carta do filósofo a elogiar a relação entre direito natural e literatura? Até parece piada.

Susana e o Ouriço levantaram-se e saíram numa paragem perto do cemitério. O seu olhar cruzou-se com o dela; reconheceu-o e ficou a pedir compaixão com os olhos. Ele não lha deu.

Ele saiu mais à frente no final da carreira: o largo dos autocarros no Moinho Velho. Andou o resto do caminho ensopado em suor. Desconfortável? Sem dúvida, mas pelo menos o vento já não polvilhava o suor com pó e areia. Já não havia tanta construção. Os trabalhos estavam finalizados no corpo central da colina, que parecia a experiência social de um cientista louco: o que acontece quando impermeabilizas a cem por cento um monte de quatrocentos metros com alcatrão e

cimento? Agora as obras estavam remetidas ao cabeço rochoso. A sua rua já não era a mais alta. As novas ruas dos condomínios privados eram agora as mais altaneiras.

Em casa, quando saiu do banho, tinha a mãe à espera.

— O teu amigo chique ligou, minha cara pra'qui, oh minha cara pra'colá, diz que a mãe dele, a senhora viscondessa dos livros, ui, ui, que fino tás, filho, convidou-te para a festa de anos lá pa cima no Minho.

Augusta odiava os Castro e Sousa. Não, não era lealdade de classe. Ela queria a ascensão social do filho, queria-o casado com uma doutora de Lisboa. Por isso tratara de lhe arranjar um guarda-roupa normal que substituiu as armaduras góticas. Por isso não se calava com o cabelo: «Ó filho, quando é que cortas essa trunfa? Assim nunca mais arranjas uma moça de jeito.» Por isso foi aos arames quando descobriu o namoro com Joana: «Tás a gozar ca gente? Atão achas qu'eu e o teu pai nos matamos a trabalhar pa tu deitares tudo a perder com a neta da madame?» De onde vinha então a aversão pelos Castro e Sousa? Tal como em tempos recusara o seu ingresso nos iniciados do Benfica, porque não queria um filho guarda-redes, Augusta receava que a literatura o desviasse do caminho, também não queria um filho escritor ou artista, «Antes um filho maricas.» Dado que já não podia ser médico, exigia que ele fosse advogado ou gestor, exigia um curso que rendesse dinheiro e poder imediato na ordem do mundo. Se gerisse uma sociedade de advogados ou uma empresa cotada na bolsa, Helena teria sido bem recebida por Augusta. Só que Helena representava a literatura, um desvio herético do caminho dos livros, que, na cabeça de Augusta, só tinham uma função utilitária. Foi por isso que o filho nunca lhe contou o seu plano: depois de acabar o curso de Direito, iria apostar no jornalismo através de cursos de especialização e estágios.

— Mãe, não seja assim. A Helena tem-me ajudado muito.

— Ajudado? Quem t'ajuda sou eu e o teu pai. Quem é que te comprou sempre as coisas de que precisas?

— Ó mãe, já ganho pras minhas despesas com o que ganho da revista da Helena.

— Aquele chequezinho que chega aí todos os meses? É disso que tás a falar? Dá para os livros e discos e filmes. E o resto, meu menino? E a comida, a roupa, o seguro de saúde, o passe, os almoços e jantares em Lisboa, a gasolina pa porcaria da mota. Se tu tens um acidente com aquela mota, não sei qu'te faço.

Ele comprara uma mota potente que por vezes usava para ir até à faculdade. Romão nunca perguntou de onde veio o dinheiro para a mota. Augusta estava convencida que tinha sido Joana a oferecê-la, daí a raiva. Mais raiva teria se soubesse que o dinheiro veio da venda do velho chaço azul que lhe tinha sido oferecido em segredo por David. Quando David lhe ofereceu esse inesperado presente, ele não percebeu a intenção: era genuína amizade ou era maquinação? Aquele carro mostrava um David a demonstrar carinho pelo amigo, um David que se tinha dado ao trabalho de procurar nos meandros do submundo o carro roubado à família Correia Azul logo no primeiro verão? Ou aquele carro simbolizava um David a mostrar-lhe que ele vivia num filme dirigido pelo próprio David, que roubou o carro para depois devolvê-lo, fazendo dele e da sua família figurantes do seu poder? Vendeu-o ao Zarolho, o mecânico, porque assumiu que a verdade estava na segunda hipótese. Sempre que pegava no velhinho calhambeque, que agora até tinha um ar de aristocracia vintage, não sentia nostalgia ou amizade, sentia-se um brinquete nas mãos de David.

Jantou, pegou na tal mota nova, cem cavalos negros e teutónicos, e foi até ao miradouro secreto. Era dia de jogo europeu na Luz, o primeiro da época. Continuava a ver jogos através dos sons que apanhava lá em

cima; sabia distingui-los: o clamor da oportunidade de golo falhada, a raiva do golo anulado, o êxtase do golo marcado, o rumor do golo sofrido. Pelas suas contas, estavam a ganhar 3-1. Estar ali, contudo, já não tinha a mesma mística; em breve este miradouro deixaria de ser um local secreto. O condomínio fechado crescera; já não ocupava apenas a parte escarpada, crescera para o cume plano onde fábricas e casas clandestinas tinham sido demolidas para que a «Colina do Sol» tivesse mais espaço para moradias e prédios geminados. E, em breve, um viaduto subiria em linha reta o morro até ali; a subida deixaria de ser um inferno rodopiante de vinte ou trinta minutos, levaria apenas dois ou três minutos numa reta suspensa nas alturas por estruturas de aço soldadas pela empresa de Romão. O progresso, até o seu progresso familiar, estava a desencantar a sua ermida sobre Lisboa.

Desceu e foi ver Joana. A neta da Francesa assumira novas responsabilidades: geria a parte legal, os cafés, os salões de jogos e as oficinas espalhados pelos bairros. Alugara uma casa perto da escola cor-de-rosa, embora «alugar» seja força de expressão. O senhorio não cobrava dinheiro à neta da Francesa; talvez pedisse no máximo borlas no acesso a Odete, que continuava a ser a meretriz de eleição do povo.

— Sabes quem é que vi hoje na camioneta?

— Quem?

— Lembras-te do Ouriço e da Susana?

— Atão não me lembro.

— Estão tão acabados. Ele fritou da cabeça. O cavalo e a sida acabaram com ele.

— Esse cabrão tava a pedi-las.

— Calma! Não fales assim, Joana.

Ele tinha várias características que o tornavam mais maduro do que os colegas. Uma delas era a sua relação com Joana. Já era uma relação

adulta. As fantasias sexuais que os colegas só agora começavam a experimentar, se tivessem sorte, eram há muito a sua rotina. Na moral do bairro ordenada pela Francesa, ele e Joana estavam noivos. Se não tivesse o fogo do sexo apaziguado quase todos os dias pelo noivado informal com Joana, ele não teria evoluído tão depressa como escritor, a sua carreira não teria sido tão fulminante. Ao contrário de todos os outros, ele não andava de festa em festa em Lisboa, de sexo ocasional em sexo ocasional que não satisfaz nem sossega. Podia concentrar-se na evolução intelectual. Lia mais livros e escrevia um texto num ápice; os outros iam lendo e escrevendo. Um mês de faculdade era para ele um tempo quase infinito de crescimento; era muito mais rápido na acumulação de conhecimento e no aperfeiçoamento da escrita. «Pareces o Robocop, caralho», exclamava Pedro com orgulho e espanto. Ele não era santo, até tinha vontade de pular a cerca, nunca parou de fazer desenhos eróticos com outras mulheres. Só que as suas colegas eram inexperientes, pareciam liceais virginais ao pé de Joana, uma mulher feita que já falava em juntarem os trapinhos. Desistira de qualquer sonho ou de qualquer vida profissional em Lisboa. No mundo dela, ser adulta não era estudar e ter uma carreira, era ter filhos. Ser mulher era ser mãe cedo, era mostrar quanto antes a pujança biológica da fêmea.

— Quero ter filhos, tou pronta!

— Outra vez essa conversa? Queres ser como a Susana? Parece uma velha e não tem mais do que vinte e cinco.

— Essa gaja qu'sa foda. O Ouriço qu'sa foda. Eu quero ter uma filha, mor. O resto não m'interessa.

— Como é que eu vou ter um filho agora? Estou no terceiro ano da faculdade! O que ganho na revista não chega.

— Tenho o suficiente, sabes disso ou não sabes? Tás armado em sonso agora, é? E memo que não ganhasse, a Vó não ia deixar faltar

nada ao bebé.

— Joana, chega!

A obsessão com a maternidade mudara-a até na cama. Abandonara aquela suavidade erótica e saltara para um coito embrutecido de fêmea com o cio à procura de fecundidade. Antes era veludo, agora era um martelo pneumático. Parecia Eugénia e não a Joanhinha de sempre. Era impossível não reparar na mudança, até porque os tabus continuavam a cair. Faziam tudo o que era possível com a anatomia humana. Era uma troca implícita: podes fazer o que quiseres com o meu corpo, mas em troca tens de me fazer um filho. Ela, contudo, nunca o deixou ter dúvidas: fazia questão de tomar a pílula à sua frente; tirava-a da mesinha de cabeceira e engolia-a.

— Vá lá, tu sabes! Sabes que quero muito ter uma filha.

— Eu sei, Joana, até já tem nome, Rute, eu sei isso tudo, mas ainda é muito cedo.

Insistia com ela para que não deixasse de sonhar, para não deixar de cantar, que procurasse uma banda nova, ou que concorresse aos programas de talentos da televisão, dava quinzezero às outras concorrentes. Na resposta, barafustava com ele: quem é que lhe ia dar hipóteses com aquela penca e com aquelas tábuas no cu e nas mamas? Que se deixasse de merdas, pá! Joana sentia-se feia e, por isso, desarmada para enfrentar a cidade.

Fizeram amor. Ou melhor, ele tentou fazer amor, ela idealizou a conceção de uma criança. Quando saíram da cama, ela começou a cantar como sempre, as letras da banda, as letras do Cave, as letras que ela inventava batendo no tampo da mesa ou num tacho virado ao contrário. Cantava-as só para ele. Era esta a sua maior fragilidade: o problema não era o nariz grande e a ausência de curvas telegénicas, era a sensação de

exposição sentimental, o sentir-se despida através das letras que só conseguia cantar para ele.

— Não pensas naquela bebé da barraca? Aquela que salvámos.

— Já chega dessa conversa! Vá, canta-me aquela música do Cave.

Amuou. Arengou: que ele estava era a pôr-se a jeito para arranjar uma betinha, que tinha vergonha dela porque não era boa comò milho. A primeira parte era falsa, mas a segunda era verdade, embora a razão não fosse essa. Não tinha vergonha de Joana por ela não ser uma Afrodite; tinha vergonha porque ela era chunga. Bloqueava em pânico só de pensar na possibilidade de juntar no mesmo espaço Joana e os colegas da faculdade. Juntar Joana e Pedro no mesmo evento? Que embaraço! Joana não saberia manter uma conversa ou estar à mesa. E que paródia seria juntar a Francesa, emérita magnata do lenocínio e filantropa, e Maria Helena Azevedo de Castro e Sousa, emérita magnata da cultura e filantropa. A maioria dos seus colegas de faculdade com origens humildes fazia tudo para esconder esse subsolo com várias camadas de camuflagem arrivista. Contracorrente, ele assumiu as origens e até prosperou nas letras com essa atitude; só que esta lisura literária não lhe retirava o pavor de unir os dois mundos. Uma das razões que o levava a ter medo da publicação do seu livro era esta: na apresentação, os Castro e Sousa e outros iriam ver Joana e talvez a própria Francesa (a chungaria), a sua família (a plebe), e alguns amigos (a mitra). Nos textos, criava um alter ego literário, um narrador que servia de ponte entre as personagens pobres e os leitores da cidade; cada texto era um camarim que lhe permitia esconder o fato do eu pobre e envergar o fato do eu escritor; havia uma certa distância teatral. Se levasse Joana à festa de Helena, ela não seria uma personagem literária, seria um vexame real.

Chegou a casa já muito tarde. Ligou, todavia, a Pedro. Atendeu a namorada que, noutros tempos mais pomposos, já seria a noiva oficial. Era Catarina, uma nativa de Colares que tinha uma voz ainda mais cândida com o catarro do sono.

— Desculpa, Catarina. Podes passar o Pietro.

— Vocês os dois! Quando é que eu devo começar a ter ciúmes? — Riram-se antes de ela passar o telefone.

— Desculpa, Pedro, mas é só para ver se a minha mãe deu bem o recado. — Sim, era verdade: Helena fazia sessenta anos e queria conhecê-lo ao vivo na festa. Pedro despediu-se com uma piada javarda sobre Ismael e Queequeg; a gargalhada que deu acordou ainda mais Catarina. Do outro lado da linha, a sua risada acordou a casa; o pai, a rir, atirou-lhe com o chinelo. Deitou-se; a última coisa que lhe passou pela consciência antes de mergulhar no sono foi a alegria que sentiu quando viu o Ouriço consumido pela epidemia.

Ahab e Starbuck

SE O *DUNE* E O *MOBY DICK* ESTIVERAM NO COMEÇO DA AMIZADE com David, também estiveram no início da amizade com Pedro. Logo no primeiro semestre como caloiro, ele começou a publicar textos no jornal da Associação de Estudantes da Faculdade de Direito, *A Assembleia*. Um desses textos, ainda assinado por João Azul, é um ensaio que defende a existência de semelhanças entre *Moby Dick* e *Dune*. Os vermes gigantes do tamanho de naves que povoam o planeta desértico de Frank Herbert, Arrakis, fazem lembrar baleias, são cetáceos de um oceano de areia. Arrakis não é Solaris, o planeta composto só por água, mas não deixa de ser um mundo aquoso, pois é formado apenas e só por um imenso mar de areia. Sim, os vermes de Paul Atreides, herói de *Dune*, são como os cachalotes de Ismael, até porque também estão ligados à produção da matéria mais valiosa daquele mundo, a especiaria melange é como o óleo de baleia. Por outro lado, Paul Atreides é um Ahab que triunfa: captura e domina os vermes monstruosos, a corporização literária da força da natureza tal como a baleia branca de Melville. E triunfa porque é capaz de dominar os seus impulsos animais, porque é um homem que sabe que a humanidade está acima da fauna. Através deste autocontrolo, ele açaima os vermes. Ahab falha porque é um homem animalizado, um homem incapaz de controlar a fera que tem dentro de si e, por isso, acaba por ser destruído pelo verme branco. Este ensaio foi baseado nas notas que ele e David escreveram em conjunto

nas margens do *Dune* muitos anos antes, e é evidente que ele se via como um Paul Atreides ao mesmo tempo que via David como um Ahab. Escrito a meias com David, este ensaio teve o efeito irónico de trazer um novo amigo a esta história, Pedro Castro e Sousa: o Starbuck, o imediato sensato, o exato oposto de Ahab.

Pedro ficou tão impressionado com o texto que não descansou enquanto não conheceu o seu autor.

— És tu o João Azul? O do ensaio sobre Melville e Herbert?

Surpreendido, gaguejou:

— Sim... sou eu.

— Cum caralho, pá: ganda texto.

— Obrigado.

— Temos de falar. O jornal da faculdade precisa de um abanão, não achas?

Quando apertaram as mãos, o universo moveu-se um nanómetro.

«Temos de falar» era uma expressão que se ouvia com frequência. «Temos de falar» sobre isto e aquilo, sobre este projeto ou aquela ideia, mas era raro alguma coisa sair da mera intenção. Com Pedro não era assim; se dizia «Temos de falar» é porque já tinha um plano de ação na cabeça.

Uma amizade nova é como uma explosão de uma supernova e foi com este entusiasmo sideral que eles tomaram de assalto a direção do jornal da faculdade, que andava moribundo. Na verdade, foram eles, Pedro e Ruço, que começaram o *Assembleia*. Quando falam do *Assembleia*, as pessoas têm em mente o período da direção de Pedro. Sim, era Pedro quem mandava. Aquele apelido tinha o poder da levitação: abria todas as portas e manipulava as mentes fracas. Durante o primeiro ano, o diretor do jornal, um magala de Mem Martins que

dizia que era de Sintra, ainda permaneceu diretor no papel, mas Pedro ganhou logo o poder *de facto* através da lábia aristocrática.

Pedro Castro e Sousa era um diletante que apreciava pintura, cinema, escultura, literatura, música, mas não escrevia nada de fôlego, porque não conseguia sustentar a respiração e passar muito tempo debaixo de água. Se imaginarmos que a cultura é um leque aberto, Pedro tinha todas as folhas do leque, sem dúvida, mas eram folhas de seda gomada; eram frágeis, não suportavam um choque com um texto de fundo. O leque de Lucas tinha falhas óbvias, mas a pobreza do homem que morreu três vezes foi aqui uma paradoxal vantagem: ele podia escrever em paz sem se preocupar com as novidades artísticas que Pedro consumia todas as semanas através dos suplementos culturais dos jornais. Escrever não é um concurso de cultura geral. Escrever é seguir as nossas obsessões, secá-las. Há quem passe uma vida inteira a seguir uma única obsessão. Mas, como o seu objetivo era político e não intelectual, esta cultura geral era a chave do domínio social de Pedro, que era depois reforçado pelo porte imponente, pelo cabelo cintilante, pelos olhos verdes, pela voz de tribuno, pelo carisma junto deles, pelo charme junto delas apesar da abastada circunferência abdominal. Já era conhecido em Lisboa devido à ação política e cultural nos liceus. Tratava pelo nome editores, políticos, artistas, escritores, empresários, jornalistas.

Além do nome, tinha dinheiro, que chegou a gastar no jornaleco; queria papel bom, com cheiro a jornal e formato a sério como os jornais académicos da geração dos pais. Gastar dinheiro num jornal académico era um desejo lunático de um filho de milionários que se podia dar ao luxo dessa excentricidade? Não. A aparente excentricidade tinha uma utilidade política: Pedro teve sempre um projeto de poder. Ancorado na imensa fortuna dos dois lados da família, os Azevedo da mãe, os Castro e Sousa do pai, Pedro queria ser um político à antiga, não o burocrata

que executava os planos quinquenais da Europa, mas o príncipe ligado ao Direito e às artes; sabia desde os cueiros que existia uma diferença entre poder e autoridade, entre a coerção mecânica do sistema e a legitimidade natural para mandar; sabia que essa autoridade aristocrática não brotava do poder material do partido ou da empresa, brotava do poder imaterial de uma galeria de arte, de uma editora que até perdia dinheiro com o seu trabalho de divulgação cultural, de um jornal como serviço público prestado pela família rica, de uma advocacia preocupada com os direitos humanos e laborais ou de um hospital filantropo. Pode parecer estranho, mas Pedro tinha uma concepção de poder idêntica à da Francesa. O clã da Vó superava o clã do Fanã, do Pernas e de David porque conquistava o respeito e a gratidão do povo através da caridade dos lares e da justiça marcial que aplicava à bandidagem que ultrapassava a fronteira entre o roubo e a crueldade. Sentindo-se protegido pela mão direita benevolente da Francesa, o povo fechava os olhos à criminalidade da mão esquerda. Pedro era igual dentro do mundo legal. Sabia que o império económico do pai era filtrado pela reputação intelectual da mãe.

Na gestão do *Assembleia*, mantiveram os textos de denúncia dos problemas da faculdade, mas abriram o jornal ao exterior e pediam colunas políticas, críticas de cinema e literárias, contos, reportagens, crónicas, poemas. Nas reuniões do jornal e noutros momentos do dia a dia da faculdade, era Pedro quem dominava mesmo quando as ideias eram do Rucinho. Eu vi Pedro a discursar com base em apontamentos do Ruço. Ele, Ruço, não se conseguia soltar para falar, até os seus gestos continuavam perros. E claro que os gestos soltos e oleados eram a essência liderante de Pedro. As pessoas que crescem num ambiente próspero e seguro têm uma graciosidade intrínseca, os seus movimentos são fluidos, expansivos e ocupam o espaço com naturalidade, são

meneios de quem não está habituado a ter ameaças no seu habitat. Ele, ao invés, tinha uma tensão acumulada nos ombros, uma rigidez semelhante à dos ex-presidiários. Quando Pedro e os outros se levantavam de uma mesa, por exemplo, faziam-no como se não pudessem embater noutras pessoas, não tinham noção do espaço à volta, porque um choque ocasional entre pessoas era só isso, um choque ocasional, pedia-se desculpa e siga a marinha. Ele tinha uma perfeita consciência do espaço físico e de quem estava à volta: por instinto não queria embater em ninguém, estava habituado a que um choque fortuito fosse encarado como agressão intencional ou falta de respeito.

Com o tempo reforçaram a amizade a dois; formavam o par mais magnético do campus, eram vistos como dois prodígios, cada um à sua maneira; todos queriam entrar naquela aura e transformar o duo num trio, mas eles afastavam-se da faculdade, passavam horas em conversas intermináveis em Alvalade, na Avenida de Roma, na Praça de Londres, no Técnico, no Saldanha onde bebiam imperiais no boteco onde trabalhava Silvestre, o terceiro padraço de Januário, que continuava a brilhar como lateral-esquerdo do Benfica; a camisola 5 estava pendurada numa das paredes. Nestas voltas, reparava sobretudo na espantosa sensação de segurança. As pessoas nem se davam conta de como esta segurança não era natural, não percebiam que andar assim pela rua sem medo era uma construção humana de alguns sítios apenas. O Estado de direito é a verdadeira revolução. Ria-se da descontração com que as pessoas andavam ali com walkmans ou com dinheiro à vista. No bairro, as notas ficavam sempre escondidas nas meias e nunca andou de walkman na rua, usava-o só na horta. Além do mais, as ruas eram direitas; até que enfim que pisava um terreno plano e liso. Às vezes, andava no eixo da Avenida de Roma ou no eixo do Saldanha só pelo prazer de andar em avenidas e ruas pensadas para seres humanos e não

para cabritos monteses. Andava por andar, sorrindo. Uma década antes, durante o primeiro verão no bairro, desenvolveu um hábito parecido: nas noites de insónia, acendia a luz do candeeiro da mesa de cabeceira só por acender, só pelo prazer de ligar e desligar um pirilampo na escuridão.

Esta mansidão urbana anulou, um por um, os seus reflexos condicionados de presa sempre atenta ao predador: deixou de olhar por cima do ombro de trinta em trinta segundos, deixou de vigiar todos os ângulos cegos à volta, passou a tolerar a presença de estranhos nas suas costas quando caminhava no passeio, deixou de tirar a pinta aos sujeitos que lhe pareciam suspeitos. Só sobreviveu um instinto defensivo, o mais discreto: quando entrava num espaço fechado, o barbeiro ou um restaurante, nunca dava as costas à porta, sentava-se sempre num canto que lhe permitisse ver o espaço por inteiro, até porque não se sentava sem antes perceber como é que poderia sair dali à pressa caso fosse necessário — um instinto de bófia ou bandido.

Devido a este sentimento de segurança, acabava muitas vezes por dormir no gigantesco apartamento de Pedro na Avenida de Roma, a velha casa do avô Azevedo, agora retirado em Colares. Esta deserção para Lisboa desesperava Joana e entusiasmava Augusta pela mesma razão: ambas pensavam que ele andava de bacanal em bacanal com as dondocas; ambas pensavam que ele andava a trepar grã-finas para assim trepar a escadaria social da cidade. Ambas assumiam que ele estava naquele caminho arrivista que exige a ocultação das origens. Só que ele não estava à procura do status peneirento, estava só à procura do sossego. Este apartamento, o ninho de Pedro e Catarina, era só uma base avançada para estudar e dormir. Quando tinha testes, dormia ali para ir mais fresco, por exemplo. E ia mesmo fresco, porque dormia com uma rara tranquilidade. Rotular o Janeirinho de dormitório era uma

imprecisão neurológica. O seu verdadeiro dormitório era Lisboa. O ruído citadino era uma insignificância superficial ao pé deste sossego subterrâneo que sentia na cidade — sentia-se seguro. Os motores dos aviões, que ali podiam ser ensurdecedores, eram canções de embalar. O apartamento de Pedro na burguesíssima Avenida de Roma foi mesmo a segunda casa onde dormiu em paz depois do casebre de Judite.

Como é que um filho da alta sociedade podia ser unha e carne com um indígena do Janeirinho? A pergunta não é cínica. O mundo é o que é. Fazer a travessia entre duas classes pode ser mais difícil do que fazer a travessia entre duas nações. Trocar de classe social dentro do mesmo país é mais difícil do que trocar de nacionalidade; o processo de naturalização social nunca fica fechado. Na fábrica, o pai apreciava sobremaneira um rapaz brilhante, que já estava no topo da carreira operária, era mestre; Romão queria pagar-lhe um curso de gestão e contabilidade para que pudesse subir na empresa. Só que o rapaz, Nuno, não queria dar esse passo, não queria ser o senhor doutor que vinha para ali dar ordens aos velhos operários com quem aprendera; sentia a ascensão social como uma traição do seu próprio carácter.

Se ele fosse um grunho do Janeirinho e Pedro um beto da Foz, a amizade não seria possível. Se tivessem permanecido dentro das fronteiras sociais, no máximo teria sido possível criar um respeito mútuo, o respeito entre o oficial e o sargento. Aquela amizade, pura e sem cancelas sociais, só foi então possível porque eram ambos rebeldes. A iconoclastia era linguagem comum. Ele esteve sempre em guerra com os códigos da avó, dos tios, do bairro, da rua, de David. Nunca negou o seu berço de serapilheira, mas recusou sempre a pobreza como cultura e identidade, a pobreza enquanto nação à parte, uma nação rebelde,

indómita, grosseira e sempre pronta a desafiar com violência verbal ou física o mundo *deles*. Ser pobre não significa ser grunho, não significa ser da ralé, não significa ser guna, como se dizia no calão portuense de Pedro, ou chunga, como se dizia no calão lisboeta. A chungaria é a pobreza enquanto chaga que não quer sarar e que sagra com orgulho a sua fealdade.

Pedro nunca negou o berço de caxemira, mas não era beto; não abria as comportas da snobeira. À sua maneira, a snobeira também quer manter a pobreza como chaga aberta. Pedro não era assim. Esteve sempre em guerra com a alta sociedade do Porto onde nascera e vivera até aos quinze. Queria casar e ter filhos, sim, mas fora da bolha social da Foz. Recusou seguir as pisadas dos irmãos: acabar o curso de Direito ou Gestão e entrar no império económico do pai. Queria traçar o seu destino na capital. Por outro lado, o benjamim da família Castro e Sousa não deixava de ser um homem do Norte e, em consequência, lidava mal com o ambiente de corte lisboeta; não percebia porque é que os lisboetas eram tão dissimulados mesmo em ambiente privado. «Não são capazes de falar sem merdas, caralho! Não dizem o que pensam!» Já se notava que ia ser um político diferente, mais direto e sincero do que os outros. Jamais deixou de ser um forasteiro na capital. Com o beneplácito orgulhoso da mãe, Helena, este ciclone nortenho fugiu para Lisboa ainda no liceu; passou a viver com o avô materno em Colares ou na Avenida de Roma. O avô, Francisco Azevedo, outro refugiado nortenho em Lisboa, foi o seu verdadeiro pai desde então.

Esta rebeldia partilhada aproximou-os até ao ponto da fusão. Talvez tenha sido do ambiente natalício, da concórdia no ar, talvez. O certo é que, no café de Silvestre, com a camisola 5 de Janeiro bem por cima dele como um anjo da guarda, ele contou a Pedro o episódio da faca e a paralisia de quatro anos que se seguiu. Deixou de lado o episódio da

cave da escola e sobretudo as tentativas de suicídio, não o queria assustar. Falar da faca já era um passo colossal e porventura perigoso. Acabou a confissão com lágrimas nos olhos e um sorriso nos lábios. Pedro, comovido, recostou-se na cadeira e perguntou se ele sabia alguma coisa do agressor da faca, César. Sabia, sim: agora era o paxá mais pacato que se podia imaginar, o pai tinha duas barbearias, ele era lá barbeiro e ia herdar aquela vida pachorrenta; porque é que este gajo, que agora usava a navalha como barbeiro inofensivo, escolhera espalhar o medo naqueles anos com essa mesmíssima navalha? É tentador pensar que o mal circula no mundo, que é uma substância exterior a nós e que infeta este e aquele à vez como um vírus exterior à consciência de cada um; é tentador pensar que César estava possuído e que precisava de um exorcismo; artisticamente, esta metáfora ou simbologia do mal é tentadora, *Alien*, *O Nevoeiro*, *Os Pássaros*, mas está errada; o gajo escolheu o mal, não foi escolhido pelo mal; agora escolhia a banalidade inofensiva.

Em Pedro, ele encontrou por fim uma amizade masculina que não colocava os sentimentos em conflito com os códigos masculinos, podia ser homem e humano ao mesmo tempo. Ao invés, se tivesse ouvido esta confissão, David tê-la-ia usado para magoá-lo ou para gozar com ele junto dos outros.

Pedro quis retribuir. Pediu mais cervejas a Silvestre, respirou fundo, abriu a boca para falar mas hesitou. Ele deu um empurrão.

— É tão difícil dizer as coisas em voz alta, não é?

Pedro sorriu e retribuiu. Tinha de lhe contar uma coisa que nunca contara a ninguém em Lisboa, até no Porto era segredo. Ao contrário do que se dizia, o seu irmão mais velho, António, não morreu de «doença prolongada», eufemismo para cancro. Não senhor: morreu de sida, porque andou nas ruas drogado e era homossexual. Nunca perceberam

de onde tinha vindo a infeção: sexo desprotegido com homens no submundo do Porto ou seringas. Seja como for, o pai, o grande Mário Castro e Sousa, tratou de sepultar a verdade, ameaçou jornalistas com processos, ameaçou tirar publicidade de jornais e rádios. O primogénito da família Castro e Sousa não podia ter a doença dos paneleiros e dos gunas, nem pensar.

— Vieste para Lisboa por causa disso?

— Sim e não. Foi a gota de água. O problema de base eram os meus pais, estavam sempre a discutir, não sei estar numa casa com gente a discutir, não sei, foda-se, nem quero aprender. Olha como era: discutiam em casa, mas, quando iam a um concerto, a um congresso do partido, a uma cerimónia qualquer da editora ou dos hospitais que apoiam, olha, olha, lá estava o casal perfeito, foda-se! E sabes o que aconteceu pouco depois de eu sair de casa? O meu pai também saiu. Vive numa casa que temos perto de Famalicão, o coração da empresa. É ela quem vive na Foz, a nossa casa. Não partilham cama, casa ou cidade há anos. Os teus velhos gostam um do outro?

— Bastante. A Dona Augusta e o Sor Romão dão-se bem, sim.

— Não sabes a sorte que tens.

Como é que o mujique tinha mais sorte do que o príncipe? Ele sabia que os pais tinham uma boa relação quando comparada com os casamentos dos tios e dos pais dos amigos. Agora, à luz da inquietação familiar de Pedro Azevedo de Castro e Sousa, a raridade afetiva dos seus pais ganhava uma luz adicional. Esboçou uma hipótese surpreendente: apesar de viver num mundo próspero e calmo, Pedro conheceu um inferno pior do que o seu; ele enfrentou o terror na rua e na escola, mas sempre teve paz em casa; o amor entre Romão e Augusta foi sempre o seu reduto; Pedro teve paz na rua e na escola, mas só conheceu o

desassossego em casa. Não quis, contudo, desenvolver esta hipótese, não quis ceder ao amigo a posição de mártir.

O seu silêncio e contenção de gestos eram a camuflagem perfeita na relação com Pedro e com a cidade. Ou seja, trocara de amigos, sim, mas mantinha segredos. A este respeito, talvez não haja história mais reveladora do que esta: ele não conhecia a diferença entre mestrado e doutoramento; quando ouviu pela primeira vez as duas palavras, ficou intrigado; Pedro perguntou-lhe: «Com essas notas vais logo para doutoramento, não é?» Fez um sorriso opaco. Em casa, com um folheto da faculdade e um dicionário à frente, percebeu que conhecia as expressões em inglês, *masters* e *phd*, por causa dos filmes, mas nunca pensara no seu significado em português. Este foi o momento em que tomou consciência absoluta da sua pobreza. Já não era pobre no sentido material devido ao sucesso da empresa do pai. O atraso cultural, porém, continuava por fechar; sentiu como uma bigorna a psicologia da desigualdade. Riu e chorou ao mesmo tempo por cima do dicionário aberto sobre a palavra «doutoramento».

Os exemplos desta alegria pela descoberta misturada com a dor do atraso apareciam quase todas as semanas. Quando o levou à Cinemateca, Pedro não percebeu que era a primeira vez. Viu o *Metrópolis* no grande ecrã. Escondeu o entusiasmo infantil e as lágrimas. A cena repetiu-se no Museu de Arte Antiga perante *As Tentações de Santo Antão*. Além de ter uma beleza negra que o enfeitiçava, o quadro de Bosch parecia uma representação dos piores dias do Janeirinho, dias de epidemia e violência. Aconteceu o mesmo com o *Naufração de um Cargueiro* do Turner na Gulbenkian. Se o quadro do Bosch era a representação da sua vida real, o quadro do Turner era a representação do mundo aquático

que o submergia nos sonhos. Ficou mais de uma hora a contemplá-lo. Nem assim Pedro percebeu que aquela era a sua primeira vez ali, até porque ele mentia, dizia coisas como «não vinha aqui há imenso tempo». Porque é que não dizia a verdade? Porque era difícil sair do armário como pobre neste contexto urbano e intelectual. Ali seria muito mais fácil sair do armário como gay, o exato oposto do bairro. A fama de maricas, que o rebaixou a vida toda aos olhos dos tios e da rua, dar-lhe-ia imenso jeito neste meio de vanguarda. Era mais fácil dizer «sim, sou gay» do que dizer «sim, sou pobre». O grande embaraço era dizer «não, nunca fui à Gulbenkian, não, não leio o *Expresso*, não, não leio os suplementos culturais de sexta e sábado, não, não conheço galerias, não, nunca fui a salas de espetáculos, nunca fui ao teatro» — isto, sim, era morte social. Ele ouvia os comentários que até Pedro e Catarina faziam sobre os colegas que não conseguiam ou não queriam esconder a pobreza cultural, «olha, aquele está a ver um quadro pela primeira vez», risos, «se calhar também ainda não viu o mar», gargalhadas.

Quando foram pela primeira vez ao cinema juntos, Pedro também não podia suspeitar que aquela era talvez a sua segunda ou terceira vez num cinema comercial. E agora Pedro também não podia suspeitar que a viagem aos EUA que ele tinha agendada era em simultâneo a sua primeira viagem ao estrangeiro e a primeira viagem de avião — conseguira a viagem através de uma bolsa de estudo de uma fundação americana. Viajar pela primeira vez aos vinte e poucos é mais embaraçoso do que ver o mar pela primeira vez aos treze ou catorze. Não devia ter vergonha, não tinha culpa de ter nascido pobre, mas a verdade é que tinha muita vergonha: ia viajar pela primeira vez já depois dos vinte. Pedro já tinha viajado mais vezes de avião para a Europa do que ele de expresso ou comboio dentro de Portugal. Pedro já visitara boa parte das cidades americanas que ele só conhecia dos romances e filmes. Pedro e os outros

assumiam que a sua cultura tinha correspondência numa vivência cosmopolita. Esqueciam que o mundo inteiro estava nas bibliotecas das faculdades. Se falassem de Amesterdão, ele sabia falar de arte holandesa; apesar de nunca ter ido a Amesterdão, conhecia de trás para a frente a obra de Bosch, Van Eyck, Rembrandt. Se falassem do Brasil, ele já dominava a literatura brasileira; apesar de nunca ter ido ao Brasil, já conhecia o hipopótamo e a memória póstuma do Machado.

A tal viagem à América foi magnífica: impressionou os melhores professores de Direito do mundo. Mas não teve tempo para saborear esse sucesso. No aeroporto, os pais estavam à sua espera com uma cara de enterro. Era Joaquim. Estava a dar as últimas no hospital. Morreu dias depois. Quando o corpo regressou, Judite atropelou os funcionários da funerária e exigiu que fosse ela mesma a vesti-lo. As duas filhas não estavam, tinham emigrado para a Suíça e não quiseram ou não puderam vir ao enterro do pai. Foi ele quem ajudou Judite. Calçou-o. Foi a primeira vez que viu o seu Joaquim sem as galochas.

O velório foi pesado. Uma multidão lacrimosa apareceu na capela mortuária da igreja nova lá em cima no largo da velha oliveira. A velhinha igreja da Póvoa não aguentaria tanto povo. Romão, antecipando a enchente, tratou da mudança falando com os dois padres que tratava por tu. Joaquim e Judite ajudavam meio mundo com sacos de hortaliças e batatas: «O teu avô foi a nossa salvação», diziam-lhe. Sentia-se bem por as pessoas pensarem que era de facto neto de Joaquim. Comoveu-se quando chegou um enorme arranjo de flores, era de Fred, que jogava na época no Marselha. Fred matara a fome dezenas de vezes na horta ao lado de Joaquim. Teve saudades da bondade desarmada de Fred, muitas mesmo. Depois do almoço, o ambiente ficou ainda mais pesado quando

apareceu de mão dada com Joana, o que indisps August, «Francamente! A neta da madame! Palavra d'honra!» Depois do jantar, quando regressou sem Joana, David estava na capela com o resto do bando da rua.

— Foste tu que ligaste ao Fred?

— Fui.

— Obrigado, David.

Aproximou-se do que restava da equipa dos tempos do pelado, já era apenas uma equipa de futsal. Abraçou o bom Manel, a versão rejuvenescida de Joaquim. Ao lado de Manel, estava o Betoneiras, que já parecia ter cinquenta anos, o resultado de quinze anos de trabalho nas obras. Estava igual aos tios, gordo e a cheirar a álcool, mas resistira, era um homem normal, não estava preso, não entrara no crime, não estava morto, não fugira. Abraçou-o e perguntou por Beto. Estava à porta com Júlio, não conseguiam entrar.

Começou a ouvir um burburinho lá fora, era Januário, o povo estava a acolher o lateral-esquerdo do Benfica. Saiu para o cumprimentar. Januário não viera sozinho. Dera-se ao trabalho de trazer Dália, que voltara ao bairro depois do misterioso desaparecimento, Maria João e Ricardinho, que estava um homenzinho. Deu um abraço especial a Dália, que parecia agora uma mulher de quarenta. Faltava neste grupo Beta, a primeira vítima do Estripador. Ao contrário de todas estas pessoas, Beta saberia o que dizer nesta situação. Romão aproximou-se para cumprimentar o grande Januário e foi então que apareceu a surpresa da noite: São, que se meteu com Romão, dando-lhe um toque na muleta; depois aproximou-se do seu Rucinho para lhe dar um beijo fraterno na boca. Os dois, o Sor Romão e São, começaram a falar como se estivessem a resolver imbróglis empresariais. Como é que a sua primeira namorada estava passados tantos anos a conversar com o seu

pai e com o padre que apareceu para formar um estranho trio? A razão era admirável: São casara com o dono do ringue de boxe que ficava ali mesmo em frente à capela, e os quatro estavam a organizar as primeiras festas do bairro. Romão estava nesta comissão como empresário metalúrgico e como presidente do clube de futsal que crescia todos os anos e que já tinha ali um pequeno pavilhão improvisado. O tal boxeur, marido de São, apareceu minutos depois. Chamava-se Jaime e era dez ou quinze anos mais velho. Tinha passado pela prisão e explicou-lhe o seu projeto de redenção. O ringue de boxe e de artes marciais ensinava os miúdos mais violentos a controlar a agressividade e dava autoconfiança aos mais frágeis.

— É só isto: dar pausa ao rufia, dar cônia ao lingrinhas — disse Jaime.

Ficou encantando com o trabalho missionário deste homem.

— Vieste com dez anos de atraso.

Deixou-os. Ficaram os quatro a conferenciar. Formavam a primeira comissão organizadora da primeira festa do Bairro 3 de Janeiro: a empresária da restauração, o padre, o empresário metalúrgico e presidente do clube, o dono de uma academia de boxe e artes marciais; e faltava o dono do centro de explicações e a dona da pequena academia de ballet, que também ficavam ali no largo junto à igreja. O bairro iria ter um futuro melhor não porque havia famílias de classe média da cidade a comprar condomínios fechados mas porque os locais estavam a criar um sentido de comunidade.

A Judite queria velar o seu Joaquim a noite toda, não aguentou, porém. Estava a ficar indisposta. Pediu-lhe que a levasse a casa. Como só tinha a mota, ele pediu boleia à mãe. Judite era pesada. Augusta agarrou-a de um lado, ele do outro. Já cá fora, Augusta sentiu-se mal: agachou-se, ofegante. Ficou de joelhos com uma mão no chão para se

segurar e com a outra mão no rosto para segurar as lágrimas. Trouxeram-lhe água com açúcar e sentaram-na num banco. Três ou quatro carpideiras pediram-lhe que chorasse, que fazia bem. A mãe a chorar e à frente de outras pessoas? Devia ser a primeira vez. Reparando na surpresa, Judite comentou: «A idade amolece a gente! Tamém vais lá chegar.» Beijou-a, abraçou-a, sentou-a noutro banco e foi pedir boleia a David.

Esta foi uma viagem curta mas desconfortável para todos. Judite, que só tinha visto David uma vez naquele fim de semana das três cabeças cortadas, não escondeu o transtorno; nestes breves minutos, a desconfiança gerada por David até se tornou mais forte do que o luto por Joaquim. E David também não se sentia confortável, esta foi só a segunda vez que entrou na horta; não compreendia o carinho de Judite e suspeitaria da delicadeza de Joaquim; o seu cinismo iria ver na doçura de Joaquim uma capa para algo perverso; também não iria perceber o sossego que era mondar uma leira para plantar um alfobre de alfaces ou brócolos, não iria perceber a paz que era roer um pedacinho de broa estreme, o gozo que era fazer um apito com o caroço do alperce, ou dar de comer à *Nina*, a única testemunha das suas tentativas de suicídio. David jamais perceberia a paz que é apanhar e cheirar pêssegos ou a graça que é ver o branco das tangerinas entranhado no sabugo. David era de um sítio onde era preciso tirar toneladas de entulho para se conseguir tocar na terra.

Quando Judite adormeceu, voltaram os dois para casa. O bando regressara da capela e estava ali a conversar na caixa de eletricidade, Beto, Manel, o Betoneiras, Júlio. Ele não queria ir para casa, não queria passar pela inevitável insónia alimentada pelo luto. Tentou fazer conversa, perguntou a David pela filha, Mónica. Foi um erro: o rosto de David contraiu-se num desprezo enojado, sentiu-se atacado; era óbvio

que não queria saber da filha, nem a via; atacou-o, perguntou-lhe se ainda andava a montar a magrinha, se Joana era boa na cama. Naquela cabeça, a lealdade masculina era superior à intimidade entre um homem e uma mulher. Ele sentiu pena: David não concebia o amor, não imaginava possível uma relação amorosa impermeável à coscuvilhice pornográfica de um grupo de homens. Não respondeu à provocação, manteve um silêncio tenso. David atacou de novo, que ele não gostava mazé de cona, que se calhar a avó e os tios tinham razão e ele era mazé um ganda rabetá, que quando o levava às casas de alterne e strip ele ficava incomodado com o bafo a cona, aquele bedum tão bom do pito, que se ele quisesse arranjava-se uma borla numa casa de meninos, que o apresentava ao Reinaldo que lhe encavava o ilhó como deve ser, era só dizer. Foi Manel quem deitou água na fervura, pedindo-lhe que contasse as aventuras americanas. David, contudo, não esteve pelos ajustes. Atropelou-os com uma história nova: num prédio da praceta, vivia um juiz ainda novo, membro da crescente colonização dos senhores doutores; com o juiz vivia um rapaz conhecido como «o rapaz do juiz», toda a gente sabia qual era o papel deste infeliz, que nem era filho nem sobrinho do tal juiz. David tratou do assunto: mandou pôr um gravador no quarto; recolheu a cassette e enviou-a à polícia; a polícia não podia fazer daquilo prova; a cassette acabou num tabloide. Esta operação justiceira não foi uma revolta moral contra a depravação. David não era a Francesa. Não estava indignado, até tinha uma curiosidade doentia pela alcova do juiz. A motivação não era moral, era cénica; era o prazer de contar esta história a audiências perplexas com a lenda do rei David. Lenda essa que já se estendia à noite de Lisboa. Dentro do império do Fanã, David, além de capo das claques, era o embaixador plenipotenciário das casas de prostitutas de luxo. Era ele quem selecionava, experimentava e levava as raparigas para estes cabarés

requintados onde apareciam magistrados, políticos, empresários, advogados, jogadores de futebol, estrelas de televisão, generais. «Conheço os gajos de ginjeira! *Eles* estão aqui, caralho», e apontou para o bolso do casaco. David continuava a esmagá-lo. A sua vida era uma entediante sebenta de Direito. A vida de David era um policial épico.

Ouviu-se de repente um estrondo, móveis partidos por um corpo atirado ao ar. Beto praguejou e desapareceu pelas escadas que se afundavam até ao beco; não subiu ao segundo andar mesmo por cima da caixa de eletricidade onde o pai espancava a mãe pela enésima vez. Ele subiu ao seu terceiro andar onde Romão tentava dar uma canja tardia a Augusta, ainda ofegante. Fechou-se no quarto. Chorou. Por Joaquim? Não. Ressuscitada na última hora, a eterna sensação de inferioridade em relação a David foi mais forte do que o pesar.

Sossego

PEDRO E CATARINA DERAM-LHE BOLEIA ATÉ AO MINHO. O solar dos Castro e Sousa ficava numa colina que se erguia a pique na margem do rio Minho. A paisagem era-lhe familiar, pinheiros, castanheiros, eucaliptos, frio, serras. No entanto, a sensação de familiaridade que o invadia não era orográfica, era onírica. Já tinha estado ali, aliás, costumava estar ali. Tinha na época um sonho recorrente em que subia uma colina que julgava estar no meio de uma serra; via-se lá em cima uma casa; quando chegava ao cume, descobria que a casa do outro lado parecia um farol empoleirado numa tentadora ribanceira com o mar lá em baixo; não resistia, atirava-se. O solar da família de Pedro parecia esta casa-farol. Só havia uma diferença: lá em baixo, tinha o Minho e não o Atlântico.

Subiram a ladeira. Só se via mato. Altaneira, a casa só tinha como vizinhança um pequeno convento escondido num souto. Estacionaram no pátio onde já estavam os outros carros da família. Aproximou-se o máximo possível do despenhadeiro, deixando para trás a casa, um solar do século XIII. A vista era bela e vertiginosa, embora imperfeita: se se atirasse, rolaria ribanceira abaixo como uma pedra e chegaria já cadáver à margem do rio; era uma queda para um desajeitado homicídio, não para um belo suicídio. A beleza da paisagem era esmagadora: à frente, tinha as colinas galegas do outro lado do rio, que se esticava com preguiça até ao Atlântico, deixando para trás duas ilhas exóticas.

Sentiu-a antes de a ouvir. Ouviu-a antes de a ver.

— Essas ilhas são lindas, não são?

Não se virou, deixou que ela se colocasse ao seu lado mesmo na pontinha da arriba.

— Sempre que quiser pode vir para aqui escrever. — Foi assim que Helena o recebeu.

— Pois, parece o sítio ideal. Como está? Prazer em conhecê-la finalmente em pessoa.

Ela deu-lhe um aperto de mão decidido. Pedro tinha olhos verdes de galã num corpo de abade. Helena tinha olhos verdes de ninfa num corpo de ninfa. Augusta, quarentona, parecia mais velha do que esta sexagenária. Era uma mulher bonita que fazia questão de ser conhecida pela inteligência. Devia ser Penélope, e não Helena. A beleza, dir-lhe-ia mais tarde, era um entrave: «Se fosse feia, o meu trabalho na cultura seria mais valorizado neste mundinho construído para a libido dos homens.» Este feminismo foi com certeza um dos problemas no seu casamento com Mário Castro e Sousa, o patriarca, que casara com Helena no pressuposto de que ela seria uma dondoça estonteante como tantas outras, a mulher-cabide onde se pendura o ego másculo de conquistador. Noutro contexto familiar, teria rebentado um divórcio. Neste contexto, uma família patricia da Foz e de Caminha, o divórcio era uma impossibilidade social e um haraquíri económico. O casamento entre Helena Azevedo e Mário Castro e Sousa era um tratado público, não era uma relação privada — o que enfurecia Pedro. A separação implicaria a partição do império e o conseqüente enfraquecimento. Praticavam assim o morgadio através da proibição do divórcio.

O jantar deste sábado, ainda só para a família próxima, foi um reflexo desta frieza: parecia mais uma assembleia de acionistas do que um jantar de família; todos ali tinham sido treinados para esconder emoções, não se tocavam — o que enfurecia mais uma vez Pedro, o

homem dos beijos e dos abraços espontâneos. Naquela sala de jantar, as paredes de granito projetavam-se nas relações graníticas entre os membros da família, Mário, Helena, Pedro, Catarina, os quatro irmãos e irmãs de Pedro e os respectivos adereços conjugais, que falavam entre si em inglês porque tinham andado em colégios britânicos do Porto. Se Lisboa ainda podia ser pateticamente afrancesada, o Porto podia ser inglesado até ao ponto da caricatura. Aceder à casta mais alta implicava esta transfusão submissa de cultura inglesa: falavam inglês entre si apesar de serem portugueses de gema, contratavam detetives genealógicos para encontrar alguém na árvore familiar com um apelido britânico, um Smithzito chegava; frequentavam clubes de ténis com nomes ingleses como Lawn Tennis Club mesmo quando os courts eram de terra batida ou piso rápido. Sim, tratavam da vidinha com a Alemanha, mas o estatuto social ainda era decidido por laços reais e sobretudo fictícios com a Inglaterra.

Alto e gordo como o filho, Mário comportou-se como um rei. Estava sentado no topo da longa mesa, tinha Helena à sua esquerda e ele, o convidado, à sua direita. Recebeu-o com cordialidade profissional, nem hostilidade, nem simpatia. A hostilidade estava reservada para o caçula rebelde sentado à direita do convidado.

— O João ligou-me outra vez, Pedro. Garantiu-me que faltaste de novo ao respeito a um professor... Mas não te preocupes, está tudo resolvido.

«O João» era só o diretor da faculdade. Ele ficou a observar o rosto embaraçado do amigo. Pedro não estava constrangido por causa da reprimenda do pai ou devido ao semblante de censura dos irmãos. O problema é que o pai acabara de desmascarar a sua coragem lendária. Quando enfrentava os professores nos seus famosos discursos políticos à frente da turma inteira ou mesmo nos corredores, Pedro sabia de

antemão que o pai seria esta peneira. Não deixava de ser corajoso, mas a coragem diluía-se nesta teatralidade em circuito fechado dos ricos e poderosos; não era um verdadeiro risco. Pedro percebeu a desilusão do amigo; permaneceu circunspecto o resto do jantar.

Com o filho tombado, Mário virou a torrente da conversa para o convidado. É de onde? Ah, os Montes Hermínios, terra dos grandes pastores. O que faz a sua mãe? Ah, costureira... Grande ofício em vias de extinção, tenho muita dificuldade em contratar novas costureiras para as fábricas! E o seu pai? Ah, *também* é empresário... Mário não deixou de colocar um itálico de sarcasmo naquele «também é empresário». Como é que ele se atrevia a colocar o pai na mesma selha do grande Mário Castro e Sousa, magnata de terceira ou quarta geração? Apesar de leve e elegante, aquele «também» feriu-lhe o orgulho, sublinhou sem necessidade a fronteira social. Mário tinha a mesma frequência fria e cortante da avó Eduarda, e era provável que tivesse a mesma visão do mundo, o filho da costureira devia permanecer no perímetro desenhado pelos carrinhos de linhas. Ele devia ter ficado calado, não era prudente hostilizar o marido e mecenas da mulher que queria apostar nele. A editora, a parte cultural e deficitária do império liderada por Helena, recebia de certeza uma mesada da parte lucrativa liderada por Mário e pelos quatro irmãos de Pedro, duas irmãs e dois irmãos, que olhavam para o caçula como se ele fosse um deserddado e que olhavam o convidado como se ele fosse o filho da sopeira ou mesmo a mosca na sopa. Abriu, contudo, a boca, respondeu à provocação, não por amor ao pai, mas devido ao ódio que sentiu de novo pela avó Eduarda que via agora refletida no rosto do grande Mário Castro e Sousa.

— Dr. Mário, como creio que saberá, *todos* nós começamos por baixo.

Não precisou de dizer mais nada. A inflexão que acabara de dar ao «todos» foi suficiente. O solar onde estavam só passara para esta família no século XIX, altura em que foi comprado por um galego chamado Souza que fizera fortuna no comércio de Coimbra, Aveiro e Porto. Este galego, a raiz da cepa, era um dos bastardos mais conhecidos da roda dos expostos. Ele insinuou o tabu da mesma forma que Mário insinuara a sua baixa condição. Mário encaixou à século XIX. Ao contrário das mesas do Janeirinho, esta tinha regras. Tinha acabado de desafiar o anfitrião para um duelo através de uma arma aceitável, a ironia subtil. Não foi grosseiro, não infringiu as regras, Mário tinha de continuar.

— Então porque é que você quer tirar Direito, diga-me lá? Sei que o Pedro, para mal dos meus pecados, quer Direito porque quer ser um dos políticos lisboetas que asfixiam as forças vivas deste país. Antes um filho maricas! — Helena e Catarina mostraram-se desconfortáveis com o comentário alarve; Mário sentiu a irritação da mulher e da futura nora, mas não quis saber. — E você, homem? Porque é que quer Direito? Ou melhor, o que é para si o Direito? — Riu-se com uma ligeireza snobe sublinhada pelas gargalhadas dos outros filhos, que até riem em inglês. Helena, Pedro e Catarina permaneceram calados.

Eis portanto o diagrama da mesa: três silêncios expectantes e receosos *versus* nove risadas de superioridade snobe. Aquelas nove pessoas julgavam que o iam apanhar no pedantismo típico do camponês recém-letrado. E tinham razão. Mário queria provar a desadequação social inerente ao seu estatuto de azeiteiro. E conseguiu, pois ele transformou um jantar de amigos numa conferência académica como aquelas em que participara na América. Espalhar inteligência e sofisticação intelectual é algo que devemos fazer apenas em dois momentos: ou quando estamos em ambiente académico ou quando estamos a conversar a dois com um amigo disponível para essa

sofisticação. Numa festa ou num jantar familiar, essa pose palestrante é só chata, tão inconveniente como um corpo escultural que não sabe coar a beleza com uma certa elegância e resguardo. O pedante é uma espécie de pornógrafo da mente, mostra demasiado e demasiado depressa. Ali, logo na resposta à primeira pergunta de Mário, ainda não tinha passado um minuto e ele já tinha citado o Livro de Isaías e as teorias do direito natural de Leo Strauss e Lincoln. Um jantar como este pedia pequenas histórias pessoais engraçadas, e não grandes raciocínios intelectuais. Ele tinha essas histórias, mas não sabia que podia usá-las nestes jantares. Foi de uma presunção insuportável. Até à sobremesa, perorou sobre direito e direito natural citando Adams, Madison, Kant, Grotius, Vieira, Vitória, De las Casas; ainda teve tempo e topete para forçar parênteses artísticos com Vítor Hugo, Mahler, Melville e o seu esquadrão de escritores e realizadores americanos. Calculista, Mário foi atirando desafio atrás de desafio, engodo atrás de engodo, e ele caiu na cilada: enterrou-se neste virtuosismo emproado. O patriarca conseguiu provar a Helena e aos outros que ele era um saloio sem educação, sem etiqueta, que exibia citações como um arrivista exhibe dinheiro.

No dia seguinte, domingo, começaram a chegar os outros convidados. Parecia um casamento. Pedro ficou com o seu velho grupo de amigos da Foz. Ele sentiu-se abandonado, sobretudo após o gigantesco almoço. Era como se Pedro se sentisse na obrigação de manter a *persona* social junto de meros conhecidos em vez de estar com ele, o verdadeiro confidente. Ficou sozinho numa mesa de jardim mesmo junto à ribanceira. O ar estava gélido. Não sentia esta friúra honesta do Norte desde que saíra da aldeia. É impossível uma pessoa mentir a si própria no frio de um dezembro nortenho.

A paz que estava a sentir foi destruída pelo cheiro atirado ao ar pelo grupo de Pedro. Reconheceu o odor a haxixe e as risadas tresloucadas

que o acompanhavam.

Sentiu uma presença atrás de si.

— Há muito tempo que não via o Mário tão desafiado, ainda para mais por uma criança com vinte e um anos.

— Peço desculpa, Helena. Acho que exagerei.

Helena fez um sorriso indecifrável e foi buscar uma garrafa de vinho e copos, fugindo dos abraços de vários convidados. Deu-lhe um copo de vinho e voltou a pegar numa conversa que já tinham tido por telefone: que ele era muito precoce, muito maduro para a idade, que devia publicar já um livro.

— Porque é que resiste à minha ideia de lhe publicar os contos? Acho que era um livro que ficava bem na nossa coleção de contos, a mais antiga do país.

— Não sei bem, veremos. Mas deixe-me só fazer uma correção: não são contos, são crónicas.

Helena abanou a cabeça com uma fúria teatral.

— Não, não, nem pense. Sei que já teve essa discussão com o Pedro, mas comigo não vai tê-la. Leio aqueles textos como contos e é assim que o público vai recebê-los. Realidade? Ficção? Há muito que deixei de dar para esse peditório. Não interessa onde está essa fronteira, meu querido. Literatura é literatura. Qual é a percentagem de autobiografia e a percentagem de ficção no *Servidão Humana* do Maugham? Essa análise não interessa, mata a magia da literatura. Não é análise, é autópsia. A partir do momento em que nos fixamos nisso, o texto já morreu nas nossas mãos, já se desfez como um bilhete molhado. — Encolheu os ombros como que a demonstrar a evidência do que estava a dizer. — Vá, vamos lá. Vamos lá publicar o seu primeiro livro. O título é mesmo «O Bairro do Aqueduto»?

— Calma, Helena. Não sei, não sei mesmo.

— Confie em mim, confie na sua editora.

Silêncio. Ficaram a observar a paisagem. Ela falou das belezas da Galiza que ele devia conhecer, Santiago de Compostela e os faróis e as falésias na Finisterra, uma converseta antes do retorno ao que interessava.

— Mas vejo que continua irritado com o meu marido, está aí com umas rugas de irritação na testa.

— Não, não é com o seu marido, é ali com o seu filho e com o grupinho de amigos dele.

— Não ligue, o Pedro está a representar. É por isso que ele vai ser um grande político. Vai ver. Ele consegue desligar a voz interior e impor a si mesmo aquela voz exterior, no fundo, é um ator. É uma forma de defesa, meu querido. Você é o oposto, não parece haver diferença entre a sua voz interior e a sua voz exterior.

— Não, não é isso, Helena. Não é ele estar ali e nem sequer me chamar... É eles estarem a fumar droga. Espero que saiba que este cheiro não é dos eucaliptos. — Helena não mostrou qualquer inquietação. — E isso irrita-me. Sabe qual é a maior diferença entre mim e os meus colegas de Lisboa, ou da Linha, ou da Foz? Não é o que está à espera. Como viu, sei usar talheres. — Trocaram gargalhadas e reatestaram copos. — A maior diferença é esta: para começar, eles odeiam a polícia porque nunca precisaram dela; para acabar, eles acham que a droga, o charro, a coca, é uma expressão da sua liberdade, da sua individualidade, da sua modernidade ou da não sei quê. Para mim, a droga representa a anulação da liberdade. Para haver droga à disposição destes consumidores, vá, ricos, tem de haver bairros como o meu, que são a despensa violenta do tráfico. Se o seu filho e todos os outros deixassem de consumir agora, o meu bairro passava a ser respirável daqui a oito dias; a violência baixaria a pique como esta ravina. —

Lançou um olhar embevecido, quase lascivo, para a descida abrupta até ao rio. — A minha liberdade torna-se impossível por causa daquele consumo. — E apontou um dedo delator ao grupo de Pedro. — E depois há outra coisa: se houver aqui um caso de dependência, haverá dinheiro e família para a recuperação, o viciado aqui nunca cai na miséria, nunca é aquele esqueleto andante que vejo nas minhas ruas. O viciado aqui não é o carochão, o agarrado, o drogado; é o *toxicodependente*. — Deu um tom mordaz à palavra para que ficassem claras as diferenças entre os dois mundos. — A droga só é um vício mortal se não tivermos dinheiro. Com dinheiro, é uma doença crónica que se controla.

Ficou calada. Levantou-se sem dizer nada e foi até ao centro da festa: estavam a chamá-la para soprar as velas. Ele manteve-se na orla exterior do gigantesco círculo humano que cercou o bolo. Não tirou os olhos da graciosidade da aniversariante. Estava só a distribuir fatias de bolo, mas parecia que estava a tocar violino. Ter-se-ia apaixonado caso ela fosse mais nova ou ele mais velho. Imaginou um mundo paralelo onde essa paixão fosse possível; uma história virtual que lhe aqueceu o espírito. Aos poucos, o círculo humano à volta do bolo dispersou. Helena e Mário permaneceram juntos. Embora discreta, a tensão entre ambos sentia-se em cada gesto.

Incapaz de se misturar na festa, cirandou pela casa. Encontrou os quartos onde a criançada brincava e uma pequena biblioteca com livros que eram relíquias arqueológicas; divertiu-se com as casas de banho com torneiras de museu e banheiras escavadas no granito; descobriu a cozinha onde confraternizou com as cozinheiras, sobretudo a cozinheira-chefe, Maria José. Foi adotado pelo povo do Norte. Em poucos minutos, Maria José colocou-o a par da sua vida miserável. A miséria era culpa dos cabrões dos filhos.

— Deus ma perdoe, não fodem nem saem de cima, não casam, não trabalham, não estudam, olhe, menino, só me fodem o juízo.

— Não me trate por menino.

Com a caricatural mão na anca, Maria José retorquiu:

— Atão trato-o como? Essa é boa! Deixe lá ver essas mãos! Tá a ver? Nem um calo pa contar a história.

Abateu-se um silêncio súbito sobre as cozinheiras e restantes empregados. Era Mário. Estava à procura de um vinho especial na garrafeira. Chamou-o. Numa saleta ao pé da cozinha, Mário abriu a garrafa, serviu dois copos, ofereceu-lhe um. A simpatia vinha com um preço.

— Tem você noção — perguntou Mário — de que está aqui mais à vontade com as cozinheiras do que na mesa de jantar connosco? — Silêncio. — Tem você noção — continuou Mário num tom forense — que até o seu tom de voz e os seus gestos são diferentes aqui na cozinha? — É gigantesca a fatura que o portão da cidade exige àquele que vem da periferia. Mário fora cruel mas certo. Aquelas cozinheiras falaram com ele como se o conhecessem desde sempre, e vice-versa. A sua voz e a linguagem gestual confirmavam o à-vontade: falou com elas com uma descontração que não revelara no jantar e na festa. Fulminado, não deu resposta ao anfitrião. Vitorioso, Mário saiu, levando a garrafa debaixo do braço. Já tinha deixado a mensagem: ele até podia publicar livros na editora da mulher que Mário financiava, até podia levar Helena para a cama se ela o pedisse, mas não o queria nunca mais na sua casa. Ele até podia ser um génio, mas nunca seria um deles. O mundo é o que é.

Após o jantar, Helena levou-o à biblioteca principal, que ficava numa ala de construção mais recente. Era uma biblioteca gigantesca. Uma

escadaria e um passadiço de madeira colado às quatro paredes formavam um andar superior. No piso de baixo, as estantes formavam um labirinto. Andaram por ali à solta só pelo prazer de ver, tocar e cheirar livros. Ele parou na secção de pintura.

— É a sua paixão, a pintura, não é? — perguntou Helena.

— É, ou era uma das paixões, sim. Pensei em ir para Belas-Artes, mas a minha mãe não deixou. Adorava desenhar quando era miúdo; ainda desenho, mas menos. Mas passo horas nas bibliotecas das faculdades, sobretudo nas coleções de história de arte. A Helena por acaso não tem por aí aquele livro recente e muito polémico sobre Caravaggio? Interessa-me porque...

Helena não o deixou acabar; desapareceu no labirinto, voltou com o tal livro sobre Michelangelo Merisi da Caravaggio. Ele explicou-lhe o fascínio:

— Está a ver aqui estas duas versões sobre o assassinato de Holofernes? Há quem diga que o segundo não é dele, tudo bem, é irrelevante para o meu ponto. A questão não é se vamos decapitar Holofernes, mas sim como vamos decapitá-lo. Neste primeiro quadro, ele pinta Judite com um ar sofrido, está a matá-lo, sim, mas está a sofrer ao mesmo tempo, é um mal necessário, percebe?, está a matar o inimigo, mas tem noção de que vai perder parte da sua humanidade. Neste segundo quadro, ele pinta Judite com um ar de prazer, matar o inimigo é um gozo quase sexual. Quando vi esta polémica nos jornais, não pude deixar de pensar num amigo, chama-se David, crescemos juntos e sempre vimos a violência de forma diferente: eu sou como o primeiro quadro, ele é como o segundo. Pelo menos, é o que quero pensar.

— Esse David é muito importante para si, não é?

— É. Não sei se a minha vida é fugir dele ou segui-lo à minha maneira.

— Ele faz o quê?

— Prefiro não falar disso.

Encostada a uma das estantes, Helena tentou relativizar.

— Mas você acha que esse David, faça ele o que fizer, é assim tão diferente dos homens do meu mundo? Desengane-se, meu querido. Os homens deste lado têm é outra forma de expressar essa maldita paixão pela violência. No seu mundo, os codigozinhos de caserna criam pobreza; no meu, criam riqueza porque são filtrados e levados para um caminho, digamos, domesticado, a «economia», o «mercado». Você vive com lobos. Eu vivo com lobos açaimados. Sabe o que o Mário diz aos nossos filhos? «Tens de ser um matador, tens de ser como o ponta-de-lança, instinto matador!» E depois vai ler Rilke em alemão! Dá para entender?

Ele estava espantado com a lucidez de Helena.

— Nunca tinha ouvido ou lido isso com tanta clareza.

— O quê, meu querido?

— Que os códigos masculinos no meu mundo criam pobreza. Pode crer que é mesmo assim. É uma automutilação. Os meus amigos recusam os estudos que lhes permitiriam ter uma vida melhor, porque o estudo é em si mesmo a negação do seu código de honra. Submeterem-se às regras da escola é como estar numa prisão controlada por *eles*, isto é, por pessoas como você, Helena. É por isso que um dia gostava de fazer uma tese com um ângulo novo sobre Mark Twain, Tom Sawyer, Huck Finn. Gostava mesmo.

— Faça, deixe o Direito e vá para Letras.

— A minha mãe matava-me.

— Ok. Mas diga-me lá: qual é a sua tese sobre o Twain?

— Não, não a quero chatear — estava escaldado com a noite anterior, não queria entrar de novo numa roda livre pedante —, mas se

quiser faço um ensaio para a revista. A ideia, no fundo, é rever em tons negros a alegada ingenuidade do Tom Sawyer. Aquela infância romantizada por Twain, na prática, é aquilo que a Helena descreveu há pouco: os códigos masculinos, em certos meios, criam mais pobreza e mais violência.

Extasiada, Helena disse que achava ótima a ideia e repetiu o repto:

— Ó meu querido, deixe o Direito e vá para Letras.

— A minha mãe matava-me, não tenho hipótese. Mas, sabe, esse imaginário masculino, apesar de ser uma automutilação, é fortíssimo e apanha até os críticos, como eu. Estou aqui a falar consigo e sinto em parte que estou a traí-los. Sinto-me um traidor de classe mesmo sabendo que essa classe é uma prisão. Estou em terra de ninguém, percebe?, nem sou do meu mundo, nem nunca serei do seu. Não são só as nações que têm apátridas.

— Esqueça isso, você será o que escrever, o que fizer. Tenho a certeza de que tem pela frente uma longa carreira. Esqueça esses complexos, meu querido.

— É impossível. Estou aqui com uma reputada editora que me quer editar, mas sinto-me culpado, como se estivesse a fazer uma coisa suja.

— Mas porquê, meu querido?

Perdeu um pouco a calma:

— Porquê? Ó Helena, porque ouvi milhares de vezes que ler e escrever são coisa de maricas ou de menina! Porque fui massacrado a vida toda com piadolas que diziam que homem que é homem não lê. E os livros não eram só a negação da minha masculinidade, desculpe o palavrão. Também eram a negação da minha própria classe, percebe?, um rapaz da minha família e do meu bairro não podia ler. É por isso que, por muito que isto lhe custe a acreditar, Helena, eu tenho uma certa vergonha da minha inteligência, ainda estou a sair deste armário. —

Baixou a guarda, a voz ganhou um grão de comoção. — Eu sou calado porque cresci num meio onde aprendi a ter vergonha de demonstrar inteligência; demonstrar cultura é ali o mesmo que ser snobe, o que nega a classe, ou é o mesmo que ser maricas, o que me nega como homem. Está a perceber? Sou homem e sou pobre, de um lado, e sou inteligente e gosto de ler, do outro. Durante toda a vida, fizeram-me ver que ou estava com um lado ou estava com o outro. Ouvei estas bocas a vida toda, Helena, da minha avó, dos meus tios, dos meus amigos. O ódio deles por mim, ou por esta parte de mim, é um veneno que eu acabei por beber.

— Esqueça isso.

— Impossível. Para eles, ler e escrever é não fazer um cu. Conhece a expressão?

— Claro, sou rica, não sou santa. Mas esqueça isso, por favor.

— É impossível, é impossível apagar esta vergonha, faz parte de mim como, sei lá, o meu desejo sexual, está na minha biologia.

Silêncio. Deixaram passar uns segundos para arrefecer a tensão social. Continuaram a andar pelo corredor onde estavam os livros de pintura. Encontrou um catálogo de uma exposição de Chirico.

— Sabe, conhecia Chirico antes de ver os seus quadros.

— Como assim, meu querido?

Contou-lhe a história do pesadelo que encontraria depois retratado nos quadros do Chirico; argumentou que os quadros de Chirico eram ecos dos contos de Shirley Jackson ou vice-versa; contou-lhe que foi sempre vigiado pela gramática cifrada dos sonhos. Por exemplo, porque é que passara os últimos meses a ter um sonho em que era um homem-baleia, uma espécie de minotauro aquático gerado por um amor bestial entre um homem e uma baleia? Porque é que tinha dezenas de variações do sonho da queda na água? E porque é que sonhara com esta casa?

— Sonhou com esta casa? Como assim, meu querido?

É curioso como ele encadeou em escadinha os seus segredos ao longo de diferentes pessoas. Joana sabia do medo difuso que sentira no bairro. Pedro conhecia o episódio da faca e do mergulho na necrose gelada. David conhecia os seus momentos de canalhice. Agora tinha preparado o terreno para contar a sua intimidade onírica, e não só.

— Sim, Helena, sonhei com esta casa. Sonhei, não. Sonho. Tenho um pesadelo recorrente em que subo um monte até uma casa que está mesmo no cume; descubro que a casa é quase um farol improvisado numa falésia altíssima, o mar está lá em baixo. Aproximo-me e salto.

Helena comoveu-se. Percebeu. Abraçou-o e conduziu-o pela mão até uma mesinha encostada a uma janela que dava para o rio.

Porque é que Helena foi a primeira pessoa a quem revelou o maior segredo? Porque é mais fácil falar com um estranho? E aqui Helena ainda era meio estranha. Porque viu em Helena a figura maternal que nunca viu na mãe? Ou será que a revelação teve um intuito ardiloso? É claro que, aos olhos de uma editora, um jovem talento com uma relação pessoal com o suicídio torna-se ainda mais exótico, mais maldito, mais atrativo.

— Três vezes, Helena. Estive perto de me matar três vezes. Há talvez uma quarta, mas não me lembro bem; não me lembro se aquela vez que estive para saltar da janela aconteceu mesmo, mas acho que a minha velha cadeira, que tenho desde miúdo, me salvou, partindo-se de propósito. — Tenta rir. — Bom, seja como for, falhei nas três ou quatro vezes.

Tentou sorrir, ela também, ambos falharam. Os olhos dela tinham as lágrimas da compaixão quase maternal, mas também o brilho da editora que sabe que um calvário assim é a sementeira dos escritores. Ela perguntou se Pedro sabia; ele disse que não, que ela era a primeira pessoa a quem contava. O temor apoderou-se dela: estava agora na posse

de um segredo que tinha a morte lá dentro. Apesar do temor, Helena retribuiu, tal como o filho retribuía dois anos antes: Mário nem sempre fora assim, disse ela. Era um homem mais alegre e com fé, e Pedro também; ambos tinham agora uma capa, a dureza de Mário, o sarcasmo brincalhão de Pedro, eram duas respostas à mesma morte: Helena perdeu um filho, o primogénito, que protegia Pedro como um segundo pai.

Ele acenou com a cabeça, dando-lhe sinal de que já sabia da história de António. Ela chorou; embora fosse intensa, esta era uma dor serena, já resolvida e arquivada.

— O António morreu de sida — disse ela —, por isso não pense que a droga e esta maldita doença são só dos pés-descalços. — Foi o definhar do António que retirou a fé ao Mário, que já não aceitava bem a homossexualidade do filho. É difícil conceber que o nosso sofrimento não é o centro do mundo e da atenção das alturas, não é?, é difícil reconhecer que a dor pela qual estamos a passar é igual à dor sentida por milhões de pessoas vivas, mortas e por nascer, não é?, é difícil reconhecer que, apesar de termos um ou dois por cento da riqueza nacional, somos iguais aos outros no acaso do sofrimento. Mário recusou Deus, concluiu Helena, ao ver aquele sofrimento, aquela dependência que tornava irrelevante a cabeça do filho. António nunca mais voltou à consciência, olhavam-no nos olhos mas não o reconheciam. Nada resultou, nem terapias no estrangeiro, nem a clausura ali no convento que se via da janela. Nada funcionou. Fugia. Morreu na rua.

Ele olhou pela janela. Já era tarde. O dia seguinte, segunda-feira, era feriado, mas os convidados do Porto, Braga, Aveiro e até de Lisboa estavam a ir embora. Estas famílias poderosas, pensou ele, não estão imunes à droga, à epidemia, ao mal, têm é maneiras de colocar os

desastres familiares atrás de uma cortina, é como se o campo do interdito aumentasse à medida que se sobe a escada social.

— Sei o que você está a pensar — retomou ela. — Que o meu filho teve sempre escolha. E concordo consigo.

— Não, não era nisso que estava a pensar.

— Pode dizer à vontade, meu querido. Comigo não deve ter papas na língua. Oiça, a relação entre editora e escritor é a mesma do advogado com o cliente, honestidade radical, tudo em cima da mesa. E, sabe, é por isso que eu mantenho a minha fé, ao contrário do Mário: o António escolheu, não foi Deus quem escolheu, foi ele. E, olhe, mesmo que a genética determine que a heroína, uma vez tomada, acaba de vez com a liberdade de cada um, e eu sei que não é assim, há sempre isto: quando tomou a primeira vez, ele sabia que aquilo era mortal. Antes da primeira vez, ele podia ter escolhido não ter a primeira vez. E depois conheço pessoas, rapazes do tempo dele, que superaram o vício. Na editora tenho um revisor que recuperou. Recomeçou, quis recomeçar. O António não. E aqui sei que a culpa é em parte minha, porque a nossa casa, o meu casamento, não era o porto seguro de que ele precisava.

Agora, sim, Helena caiu num pranto desnortado. Esta culpa consumia-a há anos. Ele foi buscar dois copos de qualquer coisa, calhou ser conhaque, voltou com os copos nas mãos e a garrafa debaixo do braço, e retomou a conversa: sim, António tinha uma escolha. Quem entra no vício tem sempre uma escolha, sobretudo neste meio privilegiado, aqui têm todas as armas para sair. Contou-lhe a história de Cajó. O truque, dizia o grande Cajó, não era evitar a vontade, porque a vontade do vício era despertada por algum stress, discussões com a mãe, por exemplo. E também não podia fingir que a recompensa não era boa, cada injeção de cavalo tinha a força de dez orgasmos. Então qual era o

truque? Mudar as rotinas que o levavam àquilo, passou a ir à escola, colocou a energia na banda.

— Você teve uma banda?

— É uma longa história, Helena. Fica para depois. O ponto é que ele mudou, enganou o cérebro viciado em heroína. Outros não querem mudar e querem permanecer num vício, o charro, a coca, o cavalo. O Cajó nunca deixou de ser viciado, trocou a heroína pela bebida, mas repare que mesmo aqui há uma escolha: ele escolheu um vício que controla, copos, para superar um vício incontrolável, o cavalo. É uma escolha entre o mau e o péssimo, mas não deixa de ser uma escolha. — O timbre da voz dele revelava a sua opinião: Cajó era um herói que merecia o céu, muito mais do que ele. — É por ter conhecido muitas pessoas assim que nunca permitirei que se diga que não há livre-arbítrio e que o hábito e o vício controlam a nossa liberdade. Claro que a liberdade não é absoluta, há calhaus pelo caminho, pedras sociais ou genéticas. Olhe, numa dada altura, se a minha genética desse para esse lado, eu teria ficado viciado em álcool. Mas não fiquei. O Cajó tinha essa propensão, mas derrotou-a. Há sempre uma escolha, sempre. Há quem diga que o livre-arbítrio não existe, que somos escravos da biologia e da química que nos corre no sangue e nos neurónios. Não. Claro que o livre-arbítrio existe, é fodido comò caralho, mas existe. Pardon my french!

Ela sorriu. Ele serviu mais dois copos do conhaque, a melhor bebida que alguma vez provara, e continuou a construir a amizade com esta mulher de sessenta anos que dirigiu a sua carreira meteórica.

— Tendo em conta essa história do seu filho mais velho, como é que aceita que o Pedro fume droga?

— Não seja faccioso. Não divida a sua cabeça entre *nós*, os pobres, e *eles*, os ricos. Está a ser injusto com o Pedro depois de ter sido justo com

esse Carlos Jorge.

— Não estou a perceber.

— Acabou de dizer que o seu amigo, para evitar um vício maior, manteve um vício menor. Já pensou que o Pedro pode estar a fazer o mesmo? Já pensou que ele precisa daquele charro para aliviar a dor que sente pela morte do irmão que era como um pai? Se calhar, se não fumasse aquilo, estaria mais dentro da dor e, por isso, mais propenso a coisas piores.

Ele meneou a cabeça em sinal de concessão. Já passava da meia-noite, a casa estava cada vez mais silenciosa.

— Mas, olhe, deixe-me insistir numa coisa: deixe o Direito e vá para Letras, ainda tem tempo.

Sorriu com a insistência.

— Já lhe disse, Helena, a minha mãe não ia deixar.

— É curioso: você só fala da sua mãe, não do seu pai ou pais. É uma figura dominante, a sua mãe?

— Isso é o eufemismo do ano.

— Como é que ela é?

— A Dona Augusta é uma personagem. Foi sempre uma mulher à parte, não era a operária normal, não é a costureira normal. Tem um silêncio, como dizer?, violento... batia-me bastante sem eu perceber bem porquê. — Fez uma pausa; Helena olhou para ele com pena; ele encolheu os ombros e fez que não com a cabeça, como se estivesse a dizer que não era nada demais, que não se preocupasse. — Era a mesma violência que usava para enfrentar a aldeia. Foi a única operária que reagiu aos avanços do patrão. A única. Quando as senhoras assim como a Helena iam lá a casa encomendar vestidos, olhava para elas de nariz empinado.

— É por isso que as suas personagens são quase sempre mulheres ou raparigas?

— Não sei, nunca tinha pensado nisso. Mas acho que é muito preguiçoso fazer essa psicanálise fácil e ver tudo o que um autor escreve à luz da mãe. Além disso, desde que estou em Lisboa, tenho tido outras mães, a Judite, a Francesa.

— Francesa?

— É outra longa história. Para abreviar, imagine que a Carmen se encontra com o Corleone. Estou-me a fazer entender?

— Perfeitamente. — Helena deu uma risada cúmplice, sem juízo moralista. — Sabe?, esta é outra das características que me agradam no seu estilo: você tem personagens femininas com vida própria, não são meros fantoches ou pretextos para a ação dos homens. Já agora, a este respeito, meu querido, posso falar-lhe de uma coisa sobre aquele assunto de que falou há pouco?

Olhou-a nos olhos em silêncio. Foi a primeira e a última vez que lhe fizeram esta pergunta. Nunca mais ninguém lhe fez perguntas ou comentários sobre o tema; mesmo aqueles que desconfiavam nunca perguntaram nada. É um erro comum, este respeito pela liberdade do suicida. Os suicidas sufocam-se nesta privacidade absoluta que ninguém ousa beliscar.

— O suicídio, como saberá, meu querido, é uma marca vossa, dos homens. Os suicídios femininos são raros. Mas, se olhássemos para o suicídio só através da arte feita ao longo dos séculos pelos homens, ficaríamos com a ideia de que é uma marca sobretudo das mulheres. Pense só no grande romance oitocentista. Flaubert e Tolstoi criaram os alegados arquétipos do feminino, Bovary e Karénina, através do suicídio. E esta lista de grandes personagens femininas e suicidas não tem fim. Na ópera são quase todas suicidas, coitadas: Abigail do

Nabucco, Aida, Turandot, Gilda do Rigoletto, Gioconda, Tosca, Senta, Madame Butterfly, Brunilda. E o que dizer da pintura?

— Sim, sim, tem razão. A obsessão com a virgem suicida e afogada, a Ophelia afogada nas águas de um pântano, sim, sim.

— A lista não tem fim, Lady MacBeth, Antígona, Eurídice, Hedda e a Dido, que é só um instrumento do Eneias.

— Judy Barton, a rapariga do *A Leste do Paraíso*, Alia Atreides, a rapariga do *Nosferatu*, Alex Forrest, a Thelma e a Louise, Ellen Ripley.

Olharam um para o outro com uma alegria sintonizada, como se tivessem acabado de cantar um dueto.

— Por falar em mulheres, continuo aqui intrigada com a sua mãe. Não queria que você estudasse, não é? Como é que conseguiu?

— Não, não. Sempre quis que eu estudasse.

— Mas o Pedro disse-me que ela colocou entraves quando quis entrar na faculdade.

— Não, não é bem assim: ela não queria que eu estudasse Belas-Artes, Filosofia, Cinema ou Letras. Anunciar à minha mãe que queria ser jornalista ou escritor ou artista ou pintor ou até arquiteto era o mesmo que anunciar que queria ser um unicórnio. Não, não se ria. É mesmo assim. Mas ela sempre apoiou os meus estudos contra o resto da família, sobretudo a minha avó, a mãe do meu pai. A minha mãe queria muito que eu tirasse Direito. Direito era o único curso que podia substituir o velho sonho dela: queria que eu fosse médico.

— Ah, então você é o Lucas da sua mãe.

— Lucas? O da Bíblia?

— Sim, o do Evangelho Segundo São Lucas e do Ato dos Apóstolos. Não me diga que ainda não leu?

— Não sou o leitor mais convencional da Bíblia. Li o Ato dos Apóstolos, mas esse evangelho não, só algumas passagens. Sou mais dos

livros do Antigo Testamento.

Helena levantou-se, foi buscar uma Bíblia, colocou-a em cima do colo dele com a fita a marcar o início do Evangelho Segundo São Lucas.

— Se esta nossa conversa fosse como as *Confissões* de Santo Agostinho, eu ia agora embora e esta Bíblia ia ser convenientemente folheada pelo vento que entraria pela janela que você convenientemente ia abrir, apesar do frio, e a Bíblia ficaria convenientemente aberta no início do Evangelho de São Lucas e, voilá, epifania completa! Acho que o vou poupar a esses trabalhos cósmicos e cómicos. Aqui tem, leia. — Despediu-se sorrindo. — Não leia todo já esta noite, ok? Leia só até à parte do Zaqueu.

— Zaqueu? Quem é o Zaqueu?

Já não respondeu.

Leu na companhia do conhaque.

Subindo à figueira, Zaqueu está curioso à passagem da verdade quando esta, oriunda da periferia, entra na cidade. Sim, ele era um Zaqueu. Fazia parte dos agnósticos, não estava junto dos fiéis que seguem na cauda da luz, mas também não era dos inimigos que lhe atiram pedras. Estava disponível para ver e ouvir a fé. Parou de ler. Estava demasiado atordoado pelo álcool, pela leitura, pela conversa. Passara dois dias inteiros a falar e a argumentar, uma revolução sonora na sua natureza silenciosa. Sentia-se atordoado, mas livre, desperto e sossegado como nunca. Sim, este fim de semana ficou para sempre como o momento em que passou a ser ele mesmo. Não o João Miguel da serra, não o Ruço do bairro, ele mesmo, a pessoa que queria ser: Lucas Andrade.

Voltou à imensa prateleira dos livros de história de arte. Foi abrindo livros e catálogos, deixando-os abertos em cima de uma escrivaninha. Redescobriu os seus pintores, Caravaggio, Chirico, Turner, Bruegel, Schiele, Bosch; descobriu outros, Giotto que pintou um Zaqueu maravilhoso, Andrei Rublev que pintava ícones oníricos e, claro, descobriu o portal decisivo num livro escrito em alemão, *Die Malerei der deutschen Renaissance — Altdorfer, Dürer, Grünewald*. Não percebia uma palavra. Não era preciso. Aquilo que tinha de perceber nesta noite não dependia de palavras.

Folhear este livro foi como sentir uma sinfonia através de imagens. Começou nos quadros e gravuras de Dürer: *Os Quatro Apóstolos*, que curiosamente deixa Lucas de fora, *Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse*, que torna mais precisa e assustadora a fantasmagoria de Bosch, e o autorretrato mais famoso da história, até porque foi o primeiro, um retrato onde se vê pela primeira vez uma alma pintada; o que se observa não é o rosto morfológico, é um espírito capturado vivo num dado momento, um génio não na lâmpada mas na tela. A intensidade subiu quando saiu desta cirurgia pessoal de Dürer para entrar na grandiosidade panorâmica de Altdorfer, sobretudo do esmagador *Batalha de Issus*, que ocupava duas páginas. O belo majestoso faz-nos chorar tal como o medo, porque nos recorda o mundo de onde caímos. Na parte de baixo do quadro, vê-se as cores quentes da batalha, o encarnado do sangue, o castanho do pó, mas, à medida que elevamos o olhar, as cores vão esfriando e surge o azul calmo e sereno do céu e, a um canto, rebenta um raio de luz divino. Não interessa se a batalha é entre Alexandre e Dário, o que interessa é a ideia de que existe uma eternidade serena por cima do caos histórico dos homens, uma serenidade que abana a cabeça com um sorriso, o abanar de cabeça do pai benévolo ante as travessuras dos filhos. Virou a página pronto a explodir numa comoção jubilosa,

mas voltou ao escuro: a crucificação de Grünewald é uma queda sombria. As lágrimas passaram da alegria à dor, chorou pela dor do crucificado, que está ali a sofrer por todos. Como é que um alemão morto há cinco séculos e dividido entre a estética católica e a iconoclastia protestante podia causar-lhe mais dor do que a morte de Joaquim? Está lá a dor física sem remissão, uma dor gótica que ainda vem da Floresta Negra, pés e mãos torcidos e retorcidos como arames. Está lá a agonia de Maria, Madalena e João que se encontram à esquerda, mas, à direita, aparece uma figura fora de tom: João Baptista, que está sereno, que parece estar a dizer: «Sim, puto, as trevas entraram no mundo, mas não tenhas medo, pá, que vais ver a luz em breve!» E a luz apareceu. Virou a página: afinal, a crucificação é só a parte central de um retábulo, *O Retábulo de Isenheim*. Quando se abre as abas do retábulo, vê-se a luz e a alegria de Maria com o menino e sobretudo a ascensão rodopiante e radiosa do vulto sagrado aquando da ressurreição, é o amor da eternidade, é a única vez que o tempo da eternidade toca no tempo histórico dos homens. E foi neste momento, nem antes nem depois, que ele sentiu uma presença. Virou-se e não era Helena, não era ninguém. Sentou-se no chão encostado à imensa prateleira de livros e chorou de alegria, de alívio, de reencontro, de recomeço.

Precisava de sair dali, espairecer, ficar sozinho, andar de carro, precisava de qualquer coisa normal que lhe permitisse contemplar o momento anormal que acabara de viver. Procurou o quarto de Pedro, bateu ao de leve na porta de carvalho quase milenar. Catarina saiu do quarto, ele pediu-lhe as chaves do carro. Quando voltou com as chaves, ela perguntou se estava tudo bem e passou-lhe uma mão terna pelo rosto. Sentiu vontade de a beijar. Era capaz de se apaixonar naquele preciso

momento. Catarina tinha a mesma fragilidade terna de Joana envolta numa beleza e numa educação que Joana jamais teria. Travou esse mundo paralelo que se desenhava sozinho à sua frente.

— Sim, sim, está tudo bem; não te preocupes, só preciso de ir andar um bocado de carro, percebes?, estou com uma insónia daquelas.

Entrou no carro. Desceu o outeiro que na prática pertencia à família Castro e Sousa, atravessou o rio mais à frente e seguiu as tabuletas até ao local há pouco indicado por Helena, o cabo Finisterra. Fez o caminho por uma estrada que serpenteava uma costa recortada e escarpada. Chamavam-lhe a Costa da Morte. Era fácil perceber porquê: os despenhadeiros eram altos e agrestes, ouvia o rugido do mar, dezenas de navios ao longo dos séculos conheceram ali o seu fim; e daí a sucessão de faróis em cima dos penhascos. Parou num destes locais mais escarpados. Bastava um passo para cair e para se fundir com o Atlântico e com o monstro leviatã. Esta era a Costa da Morte não apenas pelos naufrágios. Não, não. Isso era conversa para turistas e crianças. Esta cobra enleante de escarpas só podia ser um chamariz para os suicidas das redondezas e não só. Foi fácil imaginar uma viagem de Lisboa até ali com esse propósito. No entanto, pela primeira vez numa década, não sentiu a tentação de saltar. Abeirou-se do precipício só para contemplar a beleza bravia do mar iluminado pelo luar. O fim do mundo era ali concebível, sem dúvida, mas não o fim do seu mundo. Sentiu o mar não como terror, mas como serenidade e pertença. Falou com ele de olhos fechados: «Velho amigo, um dia irei ter contigo, sim, um dia saltarei para encantar e domar o teu verme, mas esse dia não é hoje.» Quando terminou esta oração, abriu os olhos mas continuava submerso, unido ao mar, unido às medusas com veios de luz lilás, unido ao cachalote de manchas ruças que o olhava como o cavalo negro ou como a *Nina*, olhava-o com autoconsciência e com consciência do que ele era; é como

se, neste mundo animal, silencioso e sem palavras, eles soubessem que ele era suicida.

Duras horas depois, quando por fim chegou ao cabo Finisterra, perseguindo a luz do farol, percebeu pelas marcas que aquele era também o fim do caminho de Santiago. Ao longo dos séculos, milhares e milhares de crentes tinham estado ali num momento de renovação da sua fé. Para ele não foi de renovação, mas de inauguração. Sorriu ao farol e ao mar a ocidente, sorriu à certeza da sua fé. Este sorriso sereno não desapareceu quando se tornou muito óbvio que dezenas ou centenas de pessoas já se tinham matado ali mesmo ao longo das eras. Pularam ali no sítio onde ele estava, o fim do caminho, ou ao longo da estrada entre o farol e um vilarejo próximo. Sem perder a placidez sorridente, visualizou com toda a clareza um grupo de três amigos a passar, três espíritos, três hologramas de um passado ou de um futuro: os três têm as botas, as mochilas e os paus da caminhada; o mais alegre e descontraído não pára onde deve parar e atira-se ao mar, acabou de passar por Santiago de Compostela; acabou de fazer o caminho de Santiago e atira-se, sorridente, em paz, ao mar.

No regresso a Lisboa, foi em silêncio no banco de trás, ainda na levitação da epifania. Só falou um pouco sobre fé com Catarina, o que causou irritação ao ateísmo contestatário de Pedro.

— Qual Deus, qual carapuça! Duas pessoas inteligentes a falar de crendices e cartomantes evangélicos!

Ela calou-o com um gesto, o indicador junto aos lábios, e tirou da carteira uma Bíblia minúscula, andava sempre com ela, tinha sido oferecida pelo pai, que já morrera. Não a lia. Tê-la ali na carteira era só uma maneira de se lembrar dele. Era um homem peculiar, foi sempre

ateu, era cientista, um dos grandes cirurgiões oftalmológicos do país. Contava a sua epifania dezenas de vezes à mesa: estava a operar um olho, como fizera centenas de vezes antes, e houve ali um momento em que percebeu que as células do olho humano foram desenhadas e colocadas numa determinada forma e num determinado ângulo. Foram desenhadas e colocadas por design. Se tivessem outra posição aleatória, nós não conseguiríamos ver. Como é que o acaso podia ter construído algo tão preciso como o olho humano? Então andamos a estudar leis objetivas da matéria e do corpo, leis que descobrimos e que obedecem a uma lógica racional, mas depois dizemos que este universo ordenado e racional foi criado por mero acidente num choque ocasional entre matérias à deriva? Enquanto ouvia Catarina a falar deste homem que lhe parecia extraordinário, o seu cérebro foi inundado com raciocínios, citações e perguntas. Aprendera, todavia, a lição: não ia entrar de novo na conversa pretensiosa quando, na verdade, a amiga estava só a recordar o pai, estava a comunicar-lhe o amor que tinha pelo pai, só isso; não queria uma palestra sobre teologias, queria só que ele a ouvisse.

Ficou calado e a pensar numa nova pergunta: como é que uma pessoa tão próxima do suicídio, como ele, podia estar agora tão próxima da fé? Lendo o que ele deixou escrito, vendo o que deixou desenhado e ouvindo todas as pessoas que com ele conversaram, pode dizer-se que Lucas Andrade nunca chegou a uma conclusão sobre a tensão que era a sua essência. Como resolver então esta questão? Há uma hipótese muito válida mas muito polémica porque não agrada a fariseus, de um lado, e a ateus, do outro. Claro que o beatério odeia que se diga que fé e suicídio podem ter percursos quase idênticos, soa a sacrilégio. E claro que o campo ateu odeia que se diga que o suicídio e a fé mostram como o espírito humano não se rege pelas leis da matéria e que o instinto da sobrevivência não é aquilo que é específico do ser humano. Claro que

temos fossanga biológica, mas essa é uma característica entre muitas e não é de certeza a característica dominante e mais peculiar da condição humana. Pelo contrário, o que é peculiar no ser humano é uma aparente irracionalidade: a colocação de crenças imateriais acima do interesse material e até do interesse biológico. Quantas e quantas nações não tomaram decisões heroicas ou suicidas quando colocaram valores imateriais acima da sobrevivência? O materialista vê nestas decisões erros e irracionalidades. Não. Não são erros. Trata-se, isso sim, da ética humana a funcionar. Ética essa que pode ser heroica ou suicida, depende da fortuna. Fazer o que está certo pode custar-nos poder e a própria vida. O herói é o zénite desta atitude, sacrifica-se em prol de um ideal. Porque é que ele se atirou sozinho para cima de dez rapazes, correndo sérios riscos de espancamento? Porque a amizade por David assim o exigia, salvar o amigo era um chamamento ilógico mas moral, moralíssimo. Mas não temos de pensar em heróis para compreender esta ideia. Todas as pessoas de todas as eras fizeram coisas ilógicas e até suicidas em nome da honra, da identidade, de ideais. Na serra do antigamente, as mulheres com tumores na mama não se deixavam ver pelo Doutor Bastos, preferiam morrer a expor a sua nudez perante um homem. Na fábrica, as colegas de Augusta preferiam passar frio a vestir roupa considerada imprópria. David e os rapazes recusavam estudar mesmo sabendo que o estudo lhes daria uma vida mais confortável, mais longa, mais saudável. Os tios preferiam perder dedos em acidentes de trabalho do que usar as proteções recomendadas. E quantas vezes não sentiu ele uma vergonha social a suplantar o próprio medo biológico? Porque é que aceitou ir com David a Lisboa na mota, correndo sérios riscos físicos? Porque a vergonha, uma alegada insignificância subjetiva, pesou mais do que os instintos de integridade física. Para o bem e para o mal, há códigos morais acima da carne e da genética. E também é evidente

que os laços de leite superam os laços de sangue. Ele gostava mais da irmã de leite, Mariana, do que da avó. Judite gostava mais dele do que das filhas, ele gostava mais de Judite do que da mãe. Por outro lado, também era evidente que os laços de cerveja entre homens eram superiores aos laços de sangue entre irmãos e irmãs. Entre a irmandade masculina com Diamantino e a lealdade à sua própria irmã, Maria Antónia, os homens da família preferiam a primeira. Não, o sangue animal não nos define. A matéria não nos define. E o suicídio é o exemplo mais forte e paradoxal desta supremacia ou, pelo menos, desta independência do espírito sobre a matéria. A fé e o suicídio correm em pistas parecidas, até podem ser a mesma pista com uma única diferença, a última curva. Se a fé é a divina comédia, o suicídio é a divina tragédia.

Esta hipótese não pretende romantizar ou legitimar o suicídio. O suicídio é sempre um mal. Esta é a biografia de um suicida ambíguo e ardiloso, não é a hagiografia de um suicida mártir ou heroico. Mas isso não invalida o ponto: o suicídio é mesmo uma das grandes provas de que o ser humano é regido por um espírito muito acima do tal gene egoísta que só vê sobrevivência a todo o custo. Todos os outros seres vivos, que só se guiam pela matéria, não contemplam o suicídio. Ou seja, a criatura que descobre o escândalo ilógico que é a fé, também é a criatura capaz de conceber o escândalo ilógico que é o suicídio. Não podemos ter uma coisa sem a outra. Zaqueu subiu à árvore para encontrar a fé, Judas subiu à árvore para se enforcar.

O lobo e o leviatã

OS DIAS SEGUIRAM LEVES E RADIOSOS, dias de renascimento. Atirou-se ao livro desejado por Helena, *O Bairro do Aqueduto*, apurando textos já antigos, escrevendo novos com base em personagens recém-descobertas. Duas destas novas personagens saltaram para o papel a partir de dois episódios, um salvamento e um assalto, que o teriam demolido num passado ainda recente. Mas agora os dardos do mal faziam ricochete na armadura de Lucas Andrade, que vinha equipado com a couraça do hipopótamo de Job ou do Machado de Assis, não se sabe bem.

À noite, ia muitas vezes ao escritório da fábrica imprimir os textos do livro para depois os editar à mão; gostava de reescrever a lápis por cima da impressão. Numa dessas noites, estava a descer de mota junto à mata dos eucaliptos, que estava a ser arrancada para que um construtor alargasse o condomínio fechado que começara no Cabeço e que agora se expandia para todos os espaços ainda livres. Estavam a ser cercados por um colonato de classe média. Uma tarja enorme, presa aos contentores das obras, anunciava «Nova Colina do Sol com campo de golfe». Betinhos a jogar golfe no Janeirinho? Quem diria? O sorriso irónico não durou nem meio segundo: saindo do estaleiro das obras, uma rapariga nua da cabeça aos pés começou a correr no meio da estrada. Ele parou a mota e colocou-se no caminho dela de braços abertos. Foi contra ele como se não o visse. Estava coberta de sangue. Acalmou-a, cobriu-a com o casaco e fez a única coisa que lhe ocorreu: levá-la à Francesa; ela

saberia o que fazer. E soube. A Francesa chamou a enfermeira que tratava das meninas e deixou que a rapariga dormisse no salão. O namorado atacou-a quando ela recusou sexo anal. Esfaqueou-a no rosto e no ânus, e deixou-a assim nua no que restava da mata de eucaliptos. A Francesa descobriu a morada do cavalheiro e deixou-o pendurado de cabeça para baixo num pinheiro algures na serra de Monchique, um método persuasivo mais comum do que se possa pensar. Na manhã seguinte, foi buscá-lo ao tal pinheiro, deixou-o à porta da esquadra, ele entrou sozinho e reconheceu o crime à polícia. A rapariga foi ficando no salão, era mais uma enjeitada acolhida pela Francesa. Ele passava por lá só para ver como ela estava, o que reforçava os ciúmes de Joana: «Vens ver a tua órfã outra vez, é?»

No livro, esta órfã ganhou o nome de Carmen. Na página ao lado, ficou o Xabregas, obreiro do primeiro e único assalto que sofreu em Lisboa. Fez o percurso do costume: apanhou o autocarro no bairro, apanhou o metro junto ao Estádio do Sporting, fez uma estação, saiu na Cidade Universitária e, pelo canto do olho, reparou neles, mas o cérebro não deu o alarme. Aburguesara-se. Tinha de devolver um livro à biblioteca do Instituto de Ciências Sociais e foi ali, no baldio entre a Clássica de Direito e o Instituto de Ciências Sociais, que eles o agarraram através do cerco habitual: dois à frente, dois atrás. Com uma camisa, Xabregas escondeu a navalha que lhe encostou à barriga; ele sentiu a ponta a entrar aquele milímetro necessário. Um milímetro, a distância necessária para assustar sem esfaquear. É uma tática brilhante. Xabregas tinha uns olhos de um azul-aguado quase branco, uns olhos inesquecíveis. Para que Xabregas o assustasse com a navalha, outros dois seguraram-no, um de cada lado; o quarto elemento, um menor, vasculhou-lhe os bolsos e a sacola. Levaram dinheiro e discos. Não se sentiu, contudo, profanado como das outras vezes. Lucas Andrade tinha

mesmo a blindagem do hipopótamo de Deus. Logo a seguir ao assalto, quando chegou ao bar da faculdade, começou a rir e a encolher os ombros quando viu Pedro. Foi Pedro quem insistiu na necessidade de apresentar queixa. Na esquadra, o seu desmazelo até irritou o polícia que tomou conta da ocorrência. Nada nem ninguém parecia capaz de o derrubar desta vez.

Nem mesmo uma mãe doente.

Foi pelo Carnaval. A marquise da costura tinha alguns fatos de cowboy e princesa por terminar, preciosidades artesanais que algumas avós insistiam em oferecer aos netos. Chegou à tardinha e, contra o costume, o pai já tinha chegado. Estava a chorar com a cabeça encostada ao frigorífico. A mãe já tinha chorado, estava a olhar pela janela. Virou-se.

— Senta-te, filho.

— Que se passa?

— Tenho um tumor muito grande na mama. Pensava que andava cansada e com falta de ar por causa do trabalho, mas é disto.

Augusta percebera que alguma coisa estava mal no velório de Joaquim. Quando ela se ajoelhou para chorar nessa noite, ele pensou que a causa das lágrimas era o luto. Não. Foi nesse preciso momento que ela percebeu que aquelas pontadas e faltas de ar não podiam ser só cansaço. Abraçou-a. Ela não retribuiu, manteve os braços colados ao corpo. Disse-lhe que a ajudava, que a levava aos tratamentos, que andaria mais por casa, que não se preocupasse. Fez o jantar, talvez pela primeira vez na vida; jantaram em silêncio, ficou com eles no sofá a ver os programas que nunca via, a novela, o concurso; adormeceram cedo no sofá, esgotados. Levou-a ao colo para a cama.

De novo tudo mudou numa só tarde.

Nestes meses, foi o seu motorista e cuidador. Levava-a às consultas, às operações, ao campo de tiro da quimio. Quase não ia a Lisboa, quase não via Joana; estava focado na salvação da mãe, que, nas primeiras semanas, permaneceu igual a si própria: silenciosa, mandona. Algo, porém, mudara. Se a linguagem oral permanecia quase nula, a sua linguagem corporal estava diferente. Estavam-se sempre a tocar, ele tinha de a levantar, baixar, vestir, até ajudar na casa de banho. Ela respondia ao toque apertando-o nas mãos, ombros, braços, pescoço, o que calhasse. O contacto pele com pele aproximou-os, sorriam um para o outro. O cancro roubou muitas mães a muita gente, mas, no caso de Lucas Andrade, o cancro deu-lhe uma mãe por inteiro.

Fez mudanças na casa. Na marquise virada para o beco das traseiras, substituiu a máquina de costura por uma cama. Ela não dormia e não deixava Romão dormir. A ideia era que Romão passasse a dormir no quarto dele, e ele na marquise. O Bom Gigante, o Sor Romão, não aceitou e ficou a dormir na cama improvisada na marquise. Não, não foi por bondade para com o filho, mas sim por repulsa pela mulher. Romão não conseguia estar mais do que alguns minutos ao pé dela, não a conseguia ver, cheirar, tocar; à noite queria estar o mais longe possível.

Mas então porque é que o cancro da mãe não o abalou como abalou o pai e até Judite? Apesar da aflição, sentia-se seguro, estável, adulto, com uma tarefa moral óbvia que lhe dava um propósito. Pela primeira vez, no mapa do mundo havia um X a marcar o seu lugar. Além do mais, sabia que a sua carreira levantaria voo em breve, não só pelo livro que estava a escrever, mas sobretudo pela ascensão na hierarquia da revista de Helena. Passou a ser o editor responsável pelas recensões e passou a ter um número fixo de ensaios. O tal ensaio que transforma Tom Sawyer num vilão machista gerou polémica e um ping-pong de partidários e críticos nas páginas literárias dos jornais. Ela enviou-lhe uma agenda

com os números de telefone dos escritores e críticos que passou a tratar por tu. Já estava dentro do jogo, quer do ponto de vista mental quer do ponto de vista financeiro: passou a receber em casa um cheque com um valor assinalável, já podia ser visto como um salário. Assim talvez fosse possível aceder mais cedo do que o previsto ao desejo de Joana. Sim, ao lidar com a doença da mãe, apaixonou-se pela ideia de ser pai de uma bebé de Joana, uma Rute, claro.

Foi com esta confiança que enfrentou aquela noite.

Ouve o estilhaço. Pouco depois ouve um tiro. Desce as escadas do prédio a correr. Lá fora, na caixa de eletricidade, Beto e a irmã já choram rodeados por vizinhos. Vê-lo a chorar é ainda mais chocante do que ver o vidro e a cadeira estilhaçados no chão: são do segundo andar, a casa de Beto, onde a violência doméstica conhece um novo e aterrador capítulo. Aproxima-se de Beto ao mesmo tempo que David, que, vindo da sua garagem, acaba de subir as escadas do beco. Olham um para o outro e, sem falarem, percebem o que têm de fazer. David grita:

— Beto, dá cá as chaves. — Tira-lhe o chaveiro da mão e entram os dois no prédio. Está escuro, as luzes da escada não funcionam. No átrio, David passa para a frente. — Deixa-me ir à frente, tenho aqui o canhão. — Mostra-lhe o revólver na mão direita.

David começa a subir as escadas, mas estaca no primeiro andar. Há água a escorrer escadas abaixo; o fio de água, que vem do segundo andar, está agora a chegar ao patamar do primeiro andar. David pára, aterrorizado, levantando os pés como se a água fosse sangue ou ácido. Ele grita-lhe:

— Anda, David. — David encara-o com o ar absorto do robô sem corrente. — Vá, meu, bora! — insiste. David parece uma criança

humilhada que acaba de ter um descuido nas calças. Ele volta a gritar: — Meu, é só água! Anda, preciso de ti. — David volta a não reagir. — Dá-me então as chaves! Não, não quero o canhão, foda-se, dá-me só as chaves. — Sobe sozinho até ao segundo andar. A água jorra debaixo da porta. A vizinha do lado abre a porta; deixando a corrente presa, olha-o em súplica através da estreita frincha.

— Foi desta, oh, Nossa Senhora, foi desta! Foi desta, não foi?

— Não sei, minha senhora. Chame a polícia! Vá para dentro e ligue à polícia.

Quando tenta pôr a chave na porta, repara que está a tremer. Fecha os olhos, cobre a mão direita com a mão esquerda, acalma, já não é o João Miguel, já não é o Ruço, é o Lucas Andrade, põe a chave à porta e entra no inferno aquático onde o leviatã o aguarda.

A casa está mergulhada na escuridão; só há um foco de luz em forma de retângulo que sai de uma porta fechada à direita. À esquerda, na cozinha, a torneira também está a deitar por fora há muito tempo; um vulto impercetível está sentado na mesa em silêncio, parece adormecido, tem a cabeça tombada para a frente. É ele ou ela? Vira-se em silêncio para a direita na direção da porta fechada que tapa o único foco de luz. Abre a porta devagar com a ponta do indicador; é a casa de banho, no chão a água corre vermelha. Na banheira, a Dona Maria, mãe de Beto, está submersa na água avermelhada, tendo apenas o nariz e os olhos fechados de fora. Foi mutilada com o machete e depois afogada? Assim parece. Beto está sempre a falar da catana que o pai trouxe da guerra. Também tem uma ferida de bala na mão, como se tivesse sido perfurada por um prego crístico. Não há vapor, não há um nevoeiro para diluir o horror, a água é gélida. Aproxima-se e ouve no silêncio uma ténue respiração.

— Está viva, caralho! — Num ápice levanta-lhe a cabeça e senta-a na banheira.

— Não, filho, não, deixa-me ir, deixa-me ir — sussurra ela num estertor interrompido.

— Não, não deixo, Dona Maria. Você não vai morrer hoje, não senhor, nem que eu tenha de matar aquele filho da puta.

Destapa o ralo para que a água desapareça. Cobre-lhe as feridas com toalhas. A luz e estas frases sussurradas despertam o leviatã do torpor.

— Vieste ver a tua mãezinha? Anda cá, que levas o mesmo tratamento, cabrão de merda. — Este homem, de seu nome Casimiro, pensa que o juiz executor desta cena é o filho, Beto. Um erro grave.

Lucas sente uma raiva justiceira, que é perigosa e viciante, porque dá uma licença para matar em nome do bem, em nome da vingança dos mais fracos. Lança o isco:

— Estás fodido, Casimiro.

— Quem tá aí?

Trôpego, Casimiro vem da cozinha em direção ao hall e à casa de banho. Ele atira uma jarra para o quarto que está à direita, logo a seguir à casa de banho, e encaminha-se para a esquerda, tentando assim um movimento em U para o apanhar pelas costas: atravessa a sala paredes-meias com a cozinha, passa para a marquise; nos dois segundos em que está na marquise vê lá em baixo a multidão e, ao longe, ouve as sirenes; atravessa a cozinha já na direção dele, vislumbra-o ao longe a tentar descortiná-lo no escuro do quarto para onde atirara a jarra.

— Anda cá, filho da puta — grita Casimiro com uma voz arrastada e alcoólica. Ouve o machete a cortar o ar. Será que ainda tem a pistola que usou contra a mulher? Na cozinha, olha para as facas em cima da mesa. Recusa a ideia. Ao lado, está um frasco com inúmeros utensílios, rolos, conchas, martelo de picar carne. Escolhe este, aproxima-se, o som dos

seus passos na água é anulado pelo som crescente das sirenes lá fora; no último instante, Casimiro vira-se, mas já não vai a tempo: leva com o martelo na cabeça; cai no chão meio grogue, mas ainda dispara ao calhas. O disparo deixa Lucas zozzo, um zunido abafa tudo. Salta para cima dele e, de novo com o martelo, parte-lhe a mão que segura a pistola. Ainda deitado, Casimiro defende-se com o machete que segura com a mão esquerda, a mais fraca; golpeia-lhe o ombro e o braço direito. A dor faz com que perca o martelo e, acima de tudo, empurra-o de novo para a hora do lobo, segundos de lobo. Sabe como o matar: só tem de empurrar a cana do nariz para o interior do cérebro. É o que tenta fazer. Com uma cabeçada, desfaz-lhe os ossos do nariz. Casimiro não morre, porém. Lucas é assim salvo pela sua habitual incompetência: incompetente como suicida, incompetente como homicida. Os ossos do nariz foram para dentro na direção da faringe, e não para cima na direção do lobo frontal. Pensa nas facas, mas resiste. Consegue sair deste transe. Casimiro desmaiou, não se levantará tão cedo. Lucas tem sangue por todo o lado. Na casa de banho, Dona Maria permanece sentada e viva, balbucia qualquer coisa mas ele ainda não ouve nada devido ao zumbido da bala, cobre-a com um toalhão e sai com ela, amparando-a. Os vinte segundos que demoram a descer as escadas até à multidão que o acolherá como herói são vinte segundos de uma eternidade gloriosa. Sem David, salvou uma vida, talvez duas; está no zénite da glória. São só vinte segundos. Não passou mais do que um minuto desde o segundo tiro. Quando chega à rua, vê a sua Joana, assustada e de robe, a sair das escadas do beco e a correr na direção de David, que continua com ar absorto, mais louco do que assustado. Quando ouviu o segundo tiro, ela pensou em David e não nele, porque estava com David quando tudo isto começou. Estava na cama de David.

Como é que um minuto pode conter a vida inteira? Como é que se passa de herói a corno em sessenta segundos? Ainda sem conseguir ouvir nada além do zunido da bala, passa pelos dois a uma certa distância enquanto leva Dona Maria à ambulância; Joana está envergonhada mas não larga David, nem tenta uma cena de piedade e pedido de desculpa, nada; David, com os olhos em baixo, nem sequer o vê. Quer subir o mais rápido possível até casa, mas os polícias não o deixam, querem saber o que se passou. Correm para o agarrar, visto que ele não os ouve; vira-se assustado quando um polícia lhe toca nas costas. À medida que vai falando com os polícias, vai recuperando a audição. Os polícias parecem soldados, têm armaduras e metralhadoras, o habitual: só entram no bairro como cyborgs de um exército invasor.

Olha para cima, a mãe está à janela. Deitado na marquise virada para o outro lado, o pai nem acordou. Augusta está assustada. Faz-lhe sinal de que está tudo bem. Rodeado por polícias, sobe de novo até à casa de Beto. O leviatã continua inanimado. O paramédico aproveita para tratar das suas feridas. Quando acaba, olha para o machete e diz:

— Tiveste sorte, puto! Com aquela merda ele podia ter-te cortado a mão e olha: só meia dúzia de pontos no ombro. — A terceira cicatriz. Levanta-se e vai à casa de banho vomitar. Eles ficam a pensar que é um efeito traumático da luta e da noção de que teve mesmo sorte. Não é. Está a vomitar porque visualizou Joana com David. Lembra-se da noite em que David perguntou pelas qualidades sexuais de Joana e em que lhe ofereceu uma ida ao prostíbulo homossexual só para o humilhar. Era já ele a vangloriar-se e a humilhá-lo sem ele saber? Ou seja, já o andavam a trair nessa altura? Começaram quando estive na América? David foi ao velório de Joaquim com o cheiro dela nas mãos?

Presta todas as declarações debaixo de um coro policial: «Muito bem, caralho! Que tomates, puto! És cá dos nossos!» Os polícias não

sabem que ele é um cornudo patético e não um herói viril. Desce ao lado da polícia. A multidão desapareceu, David e Joana também. Está ela a fazer-lhe um cafuné ou já estão na cama? Antes de isto tudo começar, estava ela a fazer amor com David na garagem ou estava só à procura da fertilização que ele recusou? Durante estes segundos de agonia, faz o que todas as pessoas traídas fazem: transfere para si o ónus da traição; não lhe deu o que ela queria, não lhe fez um filho, estava a pedi-las.

Sabe o que fazer. Depois de acertar a ida à esquadra no dia seguinte, sobe as escadas do prédio, entra em casa, o pai nunca acordou; a mãe está à espera na cozinha; conta-lhe por alto, dá-lhe um copo de leite quente, acompanha-a até à cama, entra no seu quarto, espera meia hora até sentir uma respiração adormecida, sai do quarto, estaca em frente ao armário dos medicamentos, agora são fortes, artilharia pesada, katiuchas químicos, obuses de cerco que destroem qualquer muralha, retira uma gaveta inteira e leva-a para dentro da casa de banho, vira a gaveta ao contrário, caem meia dúzia de caixas de medicamentos, senta-se na banheira, põe a água quente a correr, é a sorte dele, engole dezenas de comprimidos em poucos segundos, mas ouve logo alguém no hall, o barulho da água e sobretudo do esquentador acordou o sono leve da mãe, ela entra.

— Filho, que tás a fazer, filho, filho! O meu menino, não, não!

Ele não lhe resiste, Augusta convoca as poucas forças que tem, tira-o da banheira, mete-lhe os dedos na garganta, ele vomita tudo, agarra-se à mãe e chora.

— Desculpe, mãe, desculpe.

Ela dá-lhe um beijo.

— Já passou, já passou, vá, não acordes o pai, já passou.

Augusta cobre o corpo do filho com o seu robe turquesa. Quando ele acalma, veste-lhe o pijama como se ele fosse uma criança, deita-o, põe

as toalhas e o tapete na máquina, arruma a gaveta, volta ao quarto dele com chá e biscoitos. Ele interrompe o silêncio pesado, só marcado pelo sorver do chá, com uma pergunta.

— Mãe, viu a Joana com o David?

— Vi. Foi por causa dessa gaja que fizeste isso?, diz-me que não, por amor da santa.

— Que quer que lhe diga? Gosto dela, ou gostava, já não sei nada.

Deixa passar alguns segundos.

— Mãe, quem são os Andrade?

Ela encara-o sem a ira que ele esperava.

— Depois conto-te, agora descansa.

Augusta sai do quarto e vai ver se Romão continua a dormir como um bebé no seu berço improvisado da marquise.

Alfinete de ama

POR INGENUIDADE OU POR ALEGADA SOFISTICAÇÃO médica e química, há pessoas que dizem que o suicídio só pode nascer numa cabeça neurológica ou psicologicamente doente; alegam que o suicídio não pode despertar numa cabeça sã na neurologia e consciente na psicologia. É uma tese iletrada que foge da natureza trágica e livre do ser humano; é um escape semântico que visa manter a ilusão de controlo racional sobre tudo, mesmo quando isso destrói a própria ideia de liberdade do ser humano. As pessoas ditas normais precisam de pensar que as pessoas ditas normais nunca cometerão semelhante loucura. Não querem aceitar que o suicídio pode ser uma escolha consciente e livre de uma cabeça sã e reagem com indignação quando ouvem o contrário, quando veem alguém a perfurar essa ilusão. Até os médicos, e talvez sobretudo os médicos, gostam de manter esta irracionalidade do racionalismo. Se dermos cem doentes com um passado de tentativa de suicídio a um grupo de médicos e revelarmos esse passado suicida, noventa por cento dos doentes aparece com um check-up que indicia doença mental. Se retirarmos o passado suicida da ficha médica, o número de doentes que aparece com uma indicação de doença mental desce para vinte por cento.

Só quem nunca sofreu por amor é que pode pensar que o suicídio apenas pode nascer de uma doença mental. Ele tentou matar-se outra vez porque tinha o coração partido, porque Joana o traía e logo com David.

Se as pessoas não compreendem esta essência trágica do amor, se acham que ele só podia ter uma doença mental, então ama-se muito pouco neste mundo. A dor era enorme, submergia-o. Se ele pensasse: «Ah, até tinha vergonha de Joana, ainda bem que acabou assim», estaria a ser cem por cento racional e cem por cento desumano. Colocar flores na campa de Joaquim era cem por cento irracional e cem por cento humano. Sim, há pessoas que se matam por amor, porque é difícil suportar uma traição, porque é difícil suportar um divórcio, porque é excruciante imaginar a pessoa que se ama a foder com outra, porque é insuportável a ideia de ver os nossos filhos a serem educados por outra pessoa, porque é penoso atravessar a viuvez. Judite nunca mais foi a mesma depois da morte de Joaquim, entrou numa senilidade galopante. E, sim, um divorciado pode matar-se para ferir a ex-mulher, usando o mesmo despeito que ele usou aquando da primeira tentativa: queria ferir a família inteira com o seu ressentimento. Sim, há pessoas que se matam por uma questão de honra e orgulho, porque não conseguem pagar uma dívida, porque não querem ser um fardo. E uma pessoa que se mata depois de ter perdido um filho é uma escolha assim tão inconcebível? Uma mulher que se mata depois de descobrir que o marido tem uma outra família e uma vida paralela numa cidade ao lado é assim tão inimaginável?

Todos estes motivos são humanos e podem e devem operar numa cabeça sã e consciente: a tristeza, o despeito, a humilhação, a culpa, a desonra, o luto, o medo de sermos um peso para os outros. Não são doenças ou falhas químicas no cérebro, são sentimentos humanos. A pessoa que não sentir estas emoções, que são antecâmaras possíveis do suicídio, é uma de duas coisas: ou já está morta ou é uma sociopata.

Desta vez, continuar a tomar conta da mãe foi mesmo a sua sorte. Nas primeiras semanas pós-diagnóstico, antes daquela noite em que foi herói e bobo em simultâneo, cuidou dela por dever. Sabia que era a coisa certa a fazer, mas não sentia essa generosidade; sabia que tinha de ser bondoso, mas a bondade não brotava nele. Aquilo que estava a praticar não era amor, mas sim uma forma de presunção, queria que os outros vissem que ele era um filho modelo; o centro era ele, não ela. Agora, sim, sentia essa bondade a entrar no mundo e na mãe através de si, através dos seus gestos, do seu olhar, do seu toque. Foi preciso que a mãe o salvasse de novo suicídio para que ele a amasse.

— Mãe, quando é que me vai dizer quem são os Andrade?

— Tem calma contigo, rapaz. Um dia destes conto-te.

Cozinhava para ela, embora alimentá-la fosse um suplício. Augusta sempre comeu mal. Comia como um pisco, petiscava um jaquinzinho frito, um queijinho, um presunto, uma chouriça, sopa e pão com conduto. Agora era ainda pior. No seu turno enquanto cozinheiro, só conseguiu que ela passasse a comer mais fruta. Maçãs e laranjas de Judite, eis as únicas concessões que Augusta fez à mesa, mais por respeito pelo esforço do filho do que por gosto. No desespero, ele foi uma vez à horta buscar comida de que talvez ela gostasse. Enquanto Judite lhe fazia o avio de canja com miúdos e bolo de cenoura, ele ficou na velha bancada de Joaquim a tentar consertar os relógios de cuco agora parados após a morte do seu Gepeto. Já não esculpiam o tempo com as badaladas desacertadas. Não conseguiu, não percebia o mecanismo dos relógios. Ao lado, Judite não dizia coisa com coisa e não

acertou em nada do que fez, colocou sal e não açúcar no bolo, a canja estava intragável. Voltou apreensivo: estava a perder a mãe para um cancro e a sua verdadeira avó para a demência, que acelerou como um galgo assim que perdeu o amor de Joaquim. Voltou no dia seguinte para restaurar a sua velha cadeira. Foi a desculpa para reavaliar Judite. Ficou ainda mais preocupado: ela não se lembrava dos sítios onde punha as coisas, já não conseguia organizar a casa e a horta.

— Mãe, quem são os Andrade?

— Um dia conto-te.

Também era difícil falar com Augusta sobre a doença. Apesar de ser nova, fazia parte de uma geração que ainda demonizava a palavra cancro. Da mesma forma que não tinham palavras que normalizassem a queixa por violência sexual e a homossexualidade, não conseguiam dizer a palavra cancro com naturalidade. Se algum amigo desenvolvesse um tumor no cérebro, descreviam a situação com uma frase evasiva como «aquela coisa que lhe apareceu na cabeça». Era como se a doença não fosse uma realidade fria e biológica, mas um bruxedo a pairar sobre a família, a justa retribuição contra um pecado familiar escondido. Dizia-se ainda que o cancro na mulher tinha duas causas: ou ela era muito reprimida e o cancro era a consubstanciação dessa repressão emocional, ou não tinha dado mimo aos filhos e o cancro era um castigo com juro retroativos. Esta mitologia misógina entrou na cabeça de Augusta, porque de facto esteve sempre embrulhada numa reserva tensa e jamais foi uma mãe afetuosa.

— Mãe, quem são os Andrade?

— Um dia conto-te. Olha, chegou aí outro cheque da Helena. Abri a carta sem querer, desculpa. Já são uns cobres valentes, sim senhor! — Sorriu; este sorriso queria dizer algo que ela, briosas, não conseguia verbalizar: «Filho, o teu caminho tem pernas para andar, tinhas razão, eu não!» Ele aproveitou para tentar a enésima aterragem no segredo, que era uma pista minúscula. Mas primeiro deu uma volta à pista com outro assunto.

— Mãe, estou preocupado com a Judite. Não parece a mesma, tenho medo de que seja Alzheimer.

— Fogo, pá, vocês, senhores doutores, põem nome em tudo. É a velhice, perdeu o Joaquim. Fazes ideia do que é perder a pessoa com quem se viveu, sei lá, cinquenta anos?

Ele ajeita-lhe a camisa, aperta o botão de cima, e tenta aterrar.

— Mãe, olhe uma coisa: quando andava pelos montes sozinha, lá em São Jerónimo, andava à pergunta do bebé que perdeu?

— Achas que sou maluca, é? Também queres pôr um nome XPTO àquilo que achas que tenho? Não, eu não andava à pergunta do sítio onde a tua avó a enterrou. Não sabia onde era, nem nunca lhe perguntei. Mas, olha, matutava naquilo, andava pá'li a falar com ela como as viúvas nos cemitérios, tal e qual.

— Mas a mãe andava a fugir de quem? Porque é que disse ao pai para não fazer perguntas?

— Tu podes ser mesmo velhaco... achas que não gosto mesmo do teu pai e que só me aproveitei dele para fugir, não é? Estás muito enganado, meu menino.

Parou para acalmar. Rebobinou a conversa e percebeu que a mãe tinha dito «andava por ali a falar com ela».

— Era então uma menina? Tive uma irmã?

— Era uma menina, sim.

Escondeu a comoção. Algures na fita do tempo teve uma irmã.

— Deu-lhe um nome?

— Andreia.

Andreia Andrade. Soava bem.

— É verdade que ela nasceu com uma deficiência?

Augusta emudeceu e disse:

— Há coisas que nunca vais saber.

— Quem era o pai?

Voltou a descer o elmo sobre os olhos:

— Filho, há coisas que não te vou contar. Nunca. Não podes nem vais saber tudo, porque eu não quero falar, há coisas que não são pa falar. Tu vais contar-me todos os teus segredos?

Tentou entrar por outro lado.

— A mãe é bastarda, é isso?

— Bastarda? Achas qu'isso é maneira de falar com a tua mãe? Olha, meu menino, bastardos tem o teu tio Isaías espalhados por aí. Bastardos tem o Mendes lá na aldeia. Eu, meu menino, não sou bastarda. Podes dizer isso aos teus amigos chiques de Lisboa, não, não, a tua *mamã*, não é assim que eles dizem?, a tua *mamã* não é bastarda.

— Desculpe, mãe, mas é que quero mesmo conhecer a sua família.

— Chiça, pá, que és mais chato cá potassa. Põe-te na alheta.

Na cidade, junto de médicos e amigos, também não encontrou uma linguagem aceitável para a doença. Muitos médicos continuavam a não informar os doentes de que tinham cancro ou, se informassem, não tinham coragem para dizer que era incurável. Viu isso acontecer inúmeras vezes: o médico despedia-se da doente com um sorriso e palavras de incentivo e vitória, qual general; quando a doente saía, o

rosto do médico caía no desalento e olhava para ele com os olhos da impotência, qual general derrotado e mantido num campo de prisioneiros. No extremo oposto desta negação da realidade, que o irritava, encontrou a efabulação da doença, que irritava sobretudo a mãe. Muitas enfermeiras, médicas e outras mulheres diziam que Augusta tinha de ser uma guerreira. Como assim, uma guerreira? Havia muito a ideia de que tudo dependia do esforço e da vontade humana; assumia-se que o cancro podia ser sempre vencido se a doente se dispusesse a lutar. Era uma ilusão, que ele nunca comprou. Escreveu no diário o seguinte: «Já reparaste como os seres humanos oscilam entre a negação absoluta da vontade humana e a ilusão do controlo absoluto da vontade humana?» Não se sabe se é uma conversa com Deus, típica deste período pós-conversão, ou se é um rascunho de uma carta que ficou por enviar. Seja como for, revela a irritação que ele sentia pelos dois extremos desta equação: a ideia de que a vitória sobre o cancro só depende da vontade da enferma é o exato oposto da ideia de que a heroína domina por completo o livre-arbítrio do viciado. Não, o viciado não se torna um vegetal inimputável. A força de Cajó e de tantos outros demonstrava que há sempre uma nesga de liberdade de escolha. Agora, no centro oncológico, que passou a ser uma casa emprestada, ele marinava no extremo oposto: assumia-se que tudo dependia do livre-arbítrio, como se não existissem obstáculos físicos intransponíveis, como se não existisse o acaso, como se o cancro não resultasse sobretudo da arbitrariedade genética; era como se o ser humano pudesse enganar a morte com muita força de vontade. Era a expressão que mais o irritava: «É preciso força de vontade, Augusta.» Mas como é que paramos um tsunami genético com a força de vontade? O espírito é omnipresente, mas não é magia. Quando diziam a Augusta: «Muita fé, Augusta, muita fé», as pessoas estavam a confundir fé com pensamento

mágico ou com as macumbas que a mãe de Beta continuava a traficar no bairro. Por cima de Lurdes, esta macumbeira continuava a virar cartas e a matar galinhas para vudus e maus-olhados, continuava a pedir às desgraçadas das clientes as cuecas dos maridos adúlteros e a prometer a futura fidelidade mediante feitiços feéricos cuja fórmula, claro, só ela conhecia. Nos centros mais avançados da medicina, ele encontrava agora a mesma ilusão: a medicina enquanto feitiçaria toda-poderosa e infalível que dava às pessoas a ilusão do controlo da mente humana sobre o universo.

Seja qual for a sua forma, sexo, álcool, jogo, droga, a propensão para o vício é isso mesmo: uma probabilidade; uma probabilidade alta, mas uma probabilidade apenas. E, uma vez confirmada, esta probabilidade assume a forma de um hábito, não de uma substância física. Com treino, esse hábito pode ser superado, porque o nosso equilíbrio mental não é só uma questão química. A nossa mente não é o nosso cérebro. O cérebro é uma máquina biológica e química que nós podemos aprender a dominar se nos submetermos a um método disciplinado. Cajó quis essa disciplina, António Castro e Sousa não. O fluxo químico do vício é como um curso de água: podemos dominá-lo fazendo barragens, canais, aquedutos. Pode dizer-se o mesmo sobre a relação dele com o suicídio. Falar com Helena não mudou o passado marcado pelas três ou quatro tentativas da adolescência e não mudou a sua predisposição, tal como ficou evidente com a quarta tentativa interrompida pela mãe. Mas passou a ter outra perspetiva sobre o suicídio. Aliás, passou a ter uma perspetiva sobre o assunto, porque antes não tinha perspetiva. O suicídio estava dentro dele, não era algo exterior. Ao nomeá-lo em conversa com outra pessoa, o suicídio deixou de ser um fantasma nevoento entranhado na sua própria essência e passou a ser um objeto exterior que podia observar e atacar. Enxertamos luz no mal quando o nomeamos. Só que

Augusta não tinha esta possibilidade com o cancro, que não é uma mera questão de perspectiva ou narrativa.

O cancro não é um rio, é um Adamastor. Movê-lo depende dele antes de depender de nós. Um tumor não é uma probabilidade, é uma evidência, e não é um hábito, é uma substância física que pode ser invencível; é um buraco negro que suga a vida da pessoa para o nada. O doente pode não ter a energia suficiente para inverter a marcha à ré do buraco negro, que vai sugando, e sugando, e sugando letra após letra do nosso alfabeto genético. Não perceber isto e dizer que a pessoa só vai morrer se não tiver força de vontade é ofensivo. Era ofensivo para Augusta. Toda esta ilusão servia o pessoal médico e não os doentes. Médicos e enfermeiros queriam manter a ilusão de autocontrolo humano e médico sobre tudo. Portanto, argumentar que «a doente Augusta Correia Azul não demonstrou suficiente força de vontade» era uma narrativa que adiava ou proibia o reconhecimento humilde das limitações da medicina. Por outro lado, a retórica da «força de vontade» da «mulher guerreira» roubava-lhe o direito à dor física e mental, roubava-lhe o direito à derrota perante um inimigo titânico. Augusta tinha de ser um exemplo de coragem para o mundo, tinha de ser cobaia de experiências médicas inovadoras e invasoras. Já não era um ser humano, era um ícone. Um ícone esbelto, diga-se, porque tinha de ser uma guerreira bonita: «Tem de andar mais bonita, Augusta, então?», dizia uma enfermeira. «Atão, Augusta, não põe um lenço na cabeça? Ali à frente há uma loja muito boa de perucas, posso ir lá consigo», dizia uma auxiliar. Nunca andou de lenço, nunca usou peruca. Andava com a cabeça destapada. «A doença», dizia, «é pa se ver, e quem não gosta que ponha na borda do prato.» O instinto dela estava certo, havia uma pressão para a ocultação da doença, porque os outros, os da maioria saudável, não se queriam confrontar com a fealdade da doença. Quando

lhe pediam lenços e perucas, as pessoas não estavam a pensar na autoestima dela; estavam, isso sim, a proteger os seus olhos e sensibilidades. Também é por isso que é impossível pôr uma rede anti-suicídio na ponte: as pessoas querem fingir que aquilo não acontece ali.

Outro ramo desta fábula fraudulenta era a ideia de que o cancro era uma oportunidade para uma viagem interior. Vale a pena citar de novo o seu diário; desta vez sabemos de certeza que é uma das epístolas que Lucas Andrade dirigia a Deus:

«Pai, mas que viagem interior é possível quando tomas doses minúsculas de venenos outrora usados nas trincheiras?, mas está tudo doido ou quê?, que viagem interior é possível quando os fluidos da tua intimidade, a saliva e os fluidos vaginais, neste caso, se tornam tóxicos e repelentes?, foda-se, que viagem interior é possível quando aquilo que devia ficar dentro do corpo insiste em sair?, tem sempre o nariz a escorrer sangue e vomita todos os dias várias vezes ao dia, porra, não faço outra coisa senão limpar o chão; que viagem interior é possível quando perdes os dois seios e o cabelo?, que viagem interior é possível na sala de espera do centro oncológico?, ali está o exército muito democrático do cancro: terraplena toda a gente, ficam todos iguais, os velhos parecem crianças, as crianças parecem velhos, são todos carecas e têm todos a mesma cor mortiça, não há género ou idade, a minha mãe é igual a um menino de dez ou a um homem de sessenta, estás a ver ou não?, que viagem interior é possível quando temos assim o nosso corpo em decomposição, quando sentimos um cheiro nauseabundo a sair da nossa urina, das nossas fezes, dos nossos poros, do nosso hálito? Nós, que gozávamos com a mania das limpezas das tias, lavamos todos os dias a sanita com lixívia porque a urina da mãe é mesmo venenosa. Como é possível a viagem interior até à esperança quando estás sempre a pensar na morte, a mãe está sempre a dizer: Ó filho, não chego ao

Natal! Vou dizer o quê? Não digo nada, foda-se, deixo-a falar, abraço-a, deixo que me abrace, faço-lhe um chá e tento imitar no forno os biscoitos da Judite.»

— Mãe, quem são os Andrade?

— Um dia conto-te.

Levou-a uma vez à horta para que conversasse com Judite. Foi um fracasso. Foi um diálogo de surdas, uma estava a morrer de cancro, a outra estava a definhar todos os dias na solidão da velhice e da insânia. Sem Joaquim, os tios não apareciam tanto; e, sem os tios, as tias não apareciam porque não conduziam. Os tios não queriam ou não sabiam cuidar de Judite. Só Romão mantinha uma presença quase diária. Nos raros dias em que apareciam todos, Judite nem reagia bem, o barulho incomodava-a, não reconhecia caras, trocava nomes. Este dia em que tentou reunir Augusta e Judite foi até marcado por um acidente na cozinha. Depois de tratar Augusta por «Silvina», Judite começou a fazer um bolo como de costume, mas, em vez de adicionar leite à massa, atirou para a taça um líquido que Lucas nunca identificou: ela mexia, mexia, mexia com a colher de pau, mas a massa não se formava: «Putada massa», gritava. Ele aproximou-se e percebeu logo pelo cheiro que alguma coisa estava errada. Ele parou o movimento frenético e desesperado que ela estava a fazer com a colher de pau. Já sentada, ela apercebeu-se da situação, baixou a cabeça e chorou de vergonha e de desespero: aquilo que a definia, cuidar dos outros através da comida, já não era possível. Tentou ele fazer um bolo. Enquanto ele batia a massa, Judite elencou a devastação que era agora a sua vida na cozinha: perdera

o paladar, não acertava nas receitas de sempre ou esquecia-se das receitas a meio, não se lembrava se já tinha posto sal ou açúcar, os bolos não subiam, queimava tudo no forno; até se esquecia de comer.

Lá lancharam, lá comeram o bolo mal-amanhado que ele engendrara. Recuperada, Judite falou como sempre, mas era um palavreado desconexo que o deixou à beira das lágrimas: aquela já não era a sua «avó» de Lisboa; aquele corpo era um vaso vazio, a planta desaparecera. Não acabava as frases, misturava passado, presente e futuro na mesma frase, não se lembrava do nome dos objetos. Tagarela de coração, esta incapacidade para falar magoava-a. Se o cancro estava a comer por dentro o corpo da mãe, a demência estava a comer por dentro a alma de Judite. Decidiu neste dia que tinha de falar com o pai para se contratar alguém para cuidar dela.

Da algarviada senil que ouviram, ele e Augusta só retiveram uma coisa: a Dona Maria, a mãe de Beto, estava infetada com sida. Descobriram no hospital logo naquela noite em que ele a salvou; era o resultado da vida sexual do marido, Casimiro, «ia às putas lá pa cima pa Apelação, no meio dos caniços, e apegou-lhe. E aquelas que devem ter e não sabem?» No regresso a casa, Augusta perguntou:

— Ouve lá, tu tiveste sempre cuidado? Usaste sempre camisinha, certo?

Disse que sim, claro. Era mentira. No dia seguinte saiu logo de manhã a correr para ir fazer o teste, mas não foi por medo de estar infetado. Correu devido ao entusiasmo, queria estar infetado; queria que a sua dor tivesse uma representação física. Assim acabava-se tudo de uma só vez, não tinha de lutar mais, podia deixar-se morrer numa espécie de suicídio não assumido e que não exigia a coragem final. O resultado chegou dias depois: não estava infetado. Se se quisesse matar, tinha mesmo de tratar do assunto em pessoa. Com o envelope do teste

ainda na mão, deitou-se na cama a chorar. Chorou de saudades de Joana. Sentia falta de tudo, do sorriso tímido que ela fazia mesmo na intimidade do quarto, da cara dela quando se vinha, dos olhos semicerrados quando cantava só para ele, da voz que o arrepiava, da maneira como tirava macacos do nariz quando julgava que ninguém estava a ver, da maneira desastrada como cozinhava até uma omeleta, do leve ressonar, da forma como se aninhava nele para dormir, dos elogios que lhe fazia mesmo antes de ler os textos, da sua imensa fragilidade e doçura que ele perdera para sempre. A dor fê-lo encaracolar como um bichinho-da-conta. Desamparado, ficou assim deitado na posição fetal. Furtiva como uma gata, a mãe entrou no quarto e surpreendeu-o: deitou-se a seu lado, abraçando-o pelas costas em concha, protegendo a posição fetal com a asa de mãe-galinha.

Nestes dois ou três meses, os tratamentos não funcionaram. O cancro espalhou-se. Ainda estava ela a recuperar e já tinha novos tumores, no fígado, no cérebro, no pulmão. A sua alma começou a esvair-se, perdia golfadas de espírito todos os dias. Esta fase, talvez duas ou três semanas, deram-lhe a versão mais poderosa e genuína da mãe.

— Quem são os Andrade?

— Um dia conto-te.

— Mas pode ao menos contar-me o que se passou com o Mendes lá na aldeia? Ele tocou-lhe?

— Filho, o Mendes tocava em todas, ou pensas que era como agora que há direitos disto e daquilo e as televisões aparecem pra fazer chinfrim? Ele tocava em todas. Umas, apalpava; outras, levava para o escritório, tás a ver ou não?

— Ele tocou-lhe ou não?

— Eu fiz o que tinha a fazer.

— Isso quer dizer o quê? Tocou-lhe só naquela vez que a mãe lhe deu um murro?

— Fiz o que tinha a fazer. Não te preocupes comigo. Só tens de saber uma coisa: o Mendes fazia o que queria com as mulheres e ninguém levantava um dedo, nem o padre. Se voltares à aldeia, se voltares à serra, pá!, não deixes pedra sobre pedra, ouviste? Aquilo tava bem é a arder!

— *Aquilo?* Mãe, ainda é a minha terra!, e a sua também.

— Minha? Isso é que era bom! Eu não sou da serra.

Os olhos achinesados dele abriram-se em antecipação.

— Queres saber quem são os Andrade? Vai fazer-me um chá.

Saiu disparado para a cozinha; voltou com o bule e as bolachas abanando como varas verdes na bandeja.

— Filho, eu não sei nem metade do que tu queres saber. E, da metade que sei, não vais saber nem metade. Tás a ver ou não? Há coisas que nem ao pai contei e ele nunca perguntou.

Acenou com a cabeça, o corpo tremia, cruzou os braços com força para controlar a ansiedade.

O nome de solteira da mãe era Augusta Andrade, mas, ao contrário do que dizia o bilhete de identidade que ele espiara há anos, os seus verdadeiros pais não eram Madalena Andrade e Francisco Andrade. Augusta não conhecia o nome dos pais biológicos, só conhecia o apelido, Resende ou Resendes. Eram da zona de Aveiro. A terra de Augusta era Ílhavo. Foi adotada assim que nasceu. Adotada, não!, que eles nem foram ao orfanato, não havia papéis de adoção.

Ele ficou tão atordoado que demorou a reagir.

— Como assim? — Estava sentado ao lado dela no sofá. Teve de se levantar, foi até à janela da marquise respirar fundo, voltou, puxou de

uma cadeira, sentou-se à frente dela e repetiu: — Como assim, não há papéis?

Havia muitos casos assim, oh, oh, nem lhe passava pela cabeça, senhora rica que não conseguisse engravidar arranjava sempre um catraio, milagres do espírito santo; havia sempre quem arranjasse, médicos e enfermeiras dos hospitais que tinham um bebê de uma miserável qualquer com sete ou oito filhos, as freiras, as parteiras que iam a casa das pessoas. Era outro mundo. Ele começou a fazer perguntas tontas provocadas em parte pelo nervosismo, mas também pelo seu processo de aburguesamento em curso.

— Mas como é que os bebês circulavam assim dessa maneira como gado? Isso tem um nome: é tráfico de seres humanos.

— Gado? Tráfico? Não sejas parvo, filho! Sabes o que é ter sete ou oito filhos e não conseguir pôr comida na mesa nem para dois? Tens ideia da aflição que isso é? Tu fazes ideia de como eu me sentia quando precisávamos da tua avó para comermos alguma coisa que se visse?

Calou-se, baixou os olhos, teve vergonha da pergunta aburguesada. Ela continuou. Morria-se e nascia-se em casa. Era mesmo outro mundo. Não tinham eles enterrado às escondidas o corpo de uma bebê?

— As crianças agora nascem já com código de barras no pulso, mas na altura não era assim — alegou Augusta com ironia. Nasceu num pardieiro, numa aldeia qualquer, nunca soube o nome da terra, e numa família já com muitos filhos. Com a melhor das intenções, a parteira anunciou aquilo que já anunciara dezenas de vezes: que havia em Ílhavo uma senhora que queria ter uma filha e não conseguia engravidar.

Ele voltou à precipitação histórica:

— Era rica, essa senhora? A mãe foi rica? É por isso que sempre quis que eu estudasse?

— O quê? Ó filho, não faças filmes. A gente era pobre como toda a gente.

— Mas então como é que convenceram a parteira e os seus pais verdadeiros?

— Com essa idade ainda não sabes que há pobres e pobres?

Sabia, sim, mas estava demasiado agitado para pensar. Augusta Resende viveria numa miséria rural asfixiante numa aldeia pantanosa entre o mar e a terra na ria de Aveiro. Augusta Andrade foi para a vila e para uma família pobre mas com uma vida decente. Havia uma senhora na vila, cozinheira de uma casa rica e que fazia trabalhos para fora, tinha uma vida estável. O homem dela passava metade do ano no mar, e ela sozinha, sem engravidar, as outras a censurá-la, os outros a gozar com ele, os dois com vergonha de não terem filhos e foi assim, a parteira levou Augusta logo no dia em que nasceu, entrou pela porta dos fundos da casa senhorial que dava para o anexo onde vivia Madalena Andrade. Duas semanas depois, o pai adotivo, Francisco, foi à conservatória com a bebé nos braços e com duas testemunhas, dois amigos, e registou-a. Na conservatória ninguém desconfiou do esquema. Não havia qualquer razão para tal e, mesmo que houvesse, teriam fechado os olhos. O mundo era assim. O nome tinha de ser Augusta, foi essa a única exigência da mãe verdadeira.

— De Ílhavo? Não é a terra do bacalhau?

— Sim, o meu pai era pescador de um dos navios da frota branca, um dos melhores. Chamavam-lhe o Chico da Mão Grande.

Um mundo novo em cima de um mundo novo. Foi buscar mais chá e bolachas à cozinha. Não sabia o que sentir. Queria muito saber o segredo da mãe, mas sabia que ela estava a revelá-lo só por causa do cancro mortal. Trocava esta mãe sem segredos mas morta aos quarenta e

tal anos por uma mãe viva até à velhice mas sempre esquiva e misteriosa?

— E os outros, mãe? Os Resende, não é?

— Resende ou Resendes. Sei que eram dali perto, de uma aldeia qualquer, não sei qual. Falava-se muito mal das Gafanhas, gente de uma miséria que não te passa pa cabeça, emigravam todos pa América e pa Venezuela. Se calhar era dali, não sei.

— Nunca os procurou? Mas espere aí... Como é que descobriu? Contaram-lhe?

— A minha mãe contou-me no dia em que fiz o exame da quarta classe. Era uma grande coisa na altura, oh se era! Eu de vestidinho, exame feito, toda pimpona e nariz pa cima e toma lá: Olha, filhota tenho uma coisa pa te contar, já és crescida e muito esperta, a mãe tem tanto orgulho em ti, pronto, eu não conseguia engravidar, nunca mais, já tinham passado anos e o teu pai sempre no mar e eu sozinha e queria tanto uma menina, atão falámos com a Clotilde, a parteira, sabia-se que ela tratava do assunto, que trazia catraios de gente que até agradecia uma boca a menos, e foi assim, chegaste um dia numa alcofinha e foi a melhor coisa que fiz na vida.

As fábulas são cortinas do terror. A cantilena do bebé a chegar no bico da cegonha era uma mistificação de um hábito banal mas terrível que derivava de uma pobreza tenebrosa, antiga e inconcebível até para Lucas Andrade. O que era inconcebível e inverosímil para Pedro era normal para ele. O que era intolerável para ele era compreensível e normal para Augusta, que continuou sem precisar de perguntas: que devia ter desconfiado, ela morena, quase cabrita, pá, cabelo preto e olhos de chinesa e a outra branca como lixívia e olhos do tamanho de nêspas. Depois do tal dia do exame da quarta classe e da revelação, deixou de lhes dar a mão. Fugia de casa. Então, quando ele andava no

mar! Ainda quiseram que ela estudasse mais, a patroa também dizia que ajudava. Os patrões eram os Cabrais da casa amarela, os antigos ainda os chamavam de brasileiros.

— Brasileiros? Como aqueles do Camilo?

— Qual Camilo? O do talho?

Sorriu.

— Não, não, mãe. Estou a falar dos portugueses que emigravam para o Brasil e que depois voltavam ricos, como os avcs d'agora.

— É isso mesmo. Se andares por ali naquela zona, Ovar, Ílhavo, só vais encontrar casas assim, muito bonitas, com torreões, parecem castelos, muito mais bonitas do que a porcaria das maisons, caramba, que falta de gosto! Mas o que é que eu tava a dizer? Ah, fui expulsa por mau comportamento da escola a seguir. Até arriei num professor que andava a fazer o que não devia com as mais velhas.

— A mãe é igual à Beta.

— Beta?

— Uma colega minha, mas esqueça, esqueça. A mãe foi expulsa da escola, e depois?

Sim, foi expulsa. Quando começou a ganhar corpo, e foi mulher cedo, então é que perderam por completo a mão nela. Gritava-lhes que não eram os pais dela, que não tinha de os respeitar. Fugia, ia parar ao Porto, Braga, até Coimbra.

— E fazia o quê quando fugia?

— Andava por aí.

— Andava por aí? Isso não é resposta, mãe.

Apesar da enfermidade, ela nunca perdeu a dignidade e a soberania sobre os seus segredos. Desvendou só o que quis.

— É a resposta que vais ter. Ainda passei uma temporada numa casa de uma prima na Guarda, preferia ser criada desta prima do que filha

deles, e depois desapareci de vez.

— Mas porquê, mãe?

Ela irritou-se pela primeira vez:

— Porque era tudo uma fantochada! A minha vida era uma mentira pegada, porque passei a sentir uma raiva tão grande pela minha mãe, que afinal não era minha mãe, nem queiras saber! Só me apetecia bater-lhe. E bati-lhe. — Começou a soluçar, tentando prender o choro. Acalmou e recuperou o fio da meada: passou a ver tudo em casa, até o seu quarto, como coisas que não eram suas, como se estivesse sempre numa pensão. E o pai sem gostar dela, perfilhara-a só para calar a mulher e a taberna.

— Mas como é que tem tanta certeza? Ele podia gostar de si.

— Não, não.

— Deixe-me contar-lhe uma coisa. Tinha acabado de entrar na faculdade, lembra-se daquela festa que fez na horta para comemorarmos?, eu estava sozinho ao pé da ribeira, e senti uma presença atrás de mim; não me virei, ele limpou a garganta como se fosse falar a seguir, percebi pelo catarro que era o tio Isaías, não me virei, fiquei à espera, ele ia dizer qualquer coisa mas não foi capaz, ele ia dizer: «Puto, tenho orgulho em ti, seguiste o teu caminho e conseguiste, foste por um caminho sem padrinhos e é preciso ter tomates para isso!» Queria dizer mas não consegui, só me passou a mão pela cabeça. O seu pai podia ser assim.

— Não, não. Nunca me deu um beijo.

— A mãe também nunca me deu muitos beijos. Só me lembro de a mãe me dar um beijo na vida, na banheira, lembra-se?, quando há dias tentei fazer aquilo. E durante muito tempo também pensei que a mãe não gostava de mim, mas quando cresci percebi que gostava, tinha é a sua maneira de mostrar... — A voz dele traiu-o. Através desta comoção do filho, ela ganhou um ponto de vista novo sobre o seu pai e talvez

tenha pensado que tinha sido injusta todos estes anos, mas, orgulhosa como sempre, não quis voltar atrás.

— Mas, mãe, você tinha ali uma vida boa, não é?, até podia continuar a estudar, não era? Porque é que deixou tudo se nem conhecia a sua família verdadeira? Se toda a sua vida era dali?

— Porque era tudo mentira! Imagina lá que descobrias que o teu pai não é teu pai! Como é que ias ligar as tuas lembranças dele com esta casa ou a casa da aldeia?

— O quê? Só me faltava essa, mãe! Já chega, não?

Desataram a rir depois de tanto tempo debaixo de pressão.

— Na, na. O teu pai é o meu Romão. O teu pai é um homem tão bom, tão bom. É a minha maior tristeza, não ter tido mais filhos com ele, não teres irmãos.

— Não sente falta de nada?

Augusta pensou, e escolheu aquilo que o seu orgulho lhe permitia escolher.

— Da casa dos patrões. Tenho saudades da casa amarela.

— Não tem saudades da sua mãe? Adotiva ou não, foi ela quem a criou.

— Mas eu pedi-lhe alguma coisa? Essa é boa!

— Se ficou assim tão revoltada porque não procurou a sua família verdadeira?

— Pa quê? Pa dizer: «Olhem, pá, o produto veio devolvido, têm de me gramar!» Ó filho, se me deixaram ir é porque não me queriam ou não podiam, sei lá.

Ficou calada durante bastante tempo, molhando as bolachas no chá, olhando para a televisão. Quando acabou as bolachas, falou num tom de voz inédito, angelical e sereno, como se já não fosse ela a falar:

— O meu pai era pescador; os homens ganhavam mais do bacalhau do que na terra; podiam morrer mas traziam mais dinheiro. Não iam à guerra em África, iam à guerra do mar. Mas o grande ganha-pão era a minha mãe, que mulher!, tratava da casa dos patrões, cozinhava e depois aceitava trabalhos pa fora que fazia no nosso anexo, atão na Páscoa e no Natal, era um corrupio, doces, cabritos, tudo! — Distraíra-se; adormecido por momentos, o orgulho deixou passar esta vaidade pela mãe, Madalena Andrade; o enlevo maternal durou só alguns segundos: — Mas, desde que ela me contou, as coisas deixaram de bater certo. Sabes quando temos o estômago virado porque estamos a mentir? Era assim que eu me sentia sempre, todos os dias, todas as horas. A vida toda tive alturas em que voltava a ter essa agonia, não comia, não dormia, sempre enervada. Quando fiz dezoito, saí de casa da Nadinha, a tal prima, e mandei um postal à minha mãe: «Nunca mais a quero ver, finja que nunca existi.»

— Dezoito? Não foi aos vinte e um? Aos dezoito, tem a certeza? Ok. Mas então ficam aí a faltar uns anos até ao pai. Andou a fazer o quê?

— Isso é comigo, nem o teu pai sabe. O teu pai nem sabe desta conversa de Ílhavo, e não vai ficar a saber, pois não? Eu não lhe contei o que tentaste fazer naquela noite. Tu não lhe vais contar o que ouviste agora. Tamos quites. Tás a ouvir? Tamos quites.

Quando acabou de lhe contar o que nunca contara a ninguém, pediu-lhe que a levasse ao quarto onde se despiu da cintura para cima. Queria ver-se pela última vez ao espelho. Ele desviou o olhar. Ela observou-se com curiosidade médica: os dois seios eram duas crateras a tentar sarar, o corpo tinha manchas e um pontilhismo de sangue; não tinha qualquer tipo de pelo ou cabelo. Na sua fragilidade, fez-lhe lembrar a figura horrenda e também depenada do Pernas, o amor e o terror tão perto um do outro. Foi a última lição da mãe: devemos olhar a realidade de frente

mesmo quando ela é horrível; ela, a realidade, não vai desaparecer só porque recusamos vê-la. Foi a última lição que recebeu de Augusta viva e consciente. Não foi, porém, a última coisa que aprendeu através de Augusta Andrade. Ela deixou os tratamentos. O pai protestou, ele apoiou-a: era um esforço vão. Ficou em casa, suportando a dor e a consciência de que o fim estava próximo. Com o pai a dormir no sofá enquanto a televisão passava uma coboiada, viu a mãe morrer. Estavam de mãos dadas: num dado momento aquele corpo mutilado ainda tinha Augusta Andrade; no segundo seguinte, era só um invólucro vazio, o rosto era um amontoado desconexo de músculos, cartilagens e ossos. Ver e ouvir o estertor da mãe selou de vez a fé de Lucas Andrade.

Ítaca

A MORTE DA MÃE DEIXA-O NUM TORPOR IMPRECISO. Nestes dias, dois?, cinco?, dez?, serpenteia numa pasta indefinida que oscila entre o presságio alcoólico e um sono insalubre que o afoga em suor. Acorda coberto pela membrana pegajosa do recém-nascido, ouve vozes do passado e daquilo que lhe parece ser um futuro possível: é a sua voz, sem dúvida, mas tem um timbre diferente, envelhecido. Atrás desta voz tisonada pela idade, um sopro inspira e expira, elevando-o no ar. Voa no hipopótamo até à serra. Há neve por todo o lado; quando chega à aldeia depara-se com uma Pompeia congelada, as pessoas são figuras de gelo, brancas e azuladas. Aproxima-se da sua velha casa e lá estão imobilizados pelo gelo Américo, Mariana, a avó Eduarda. Só os animais escapam à maldição. O seu cão, o *Jolly Jumper*, antes um cachorro, é agora um Matusalém canino que não o reconhece, rosna-lhe. O hipopótamo esfuma-se e ascende. Ele leva Américo e Mariana para dentro, atea o fogo da lareira para os descongelar; volta à rua, pega no velho cajado à Moisés de Américo e estilhaça a avó Eduarda.

Quando acordou, um esgar de desilusão cobriu-lhe o rosto ainda no travesseiro: a avó Eduarda estava na cozinha a pôr a mesa do pequeno-almoço. Não, não estava morta. Não, não a tinha estilhaçado. Ali estava ela, seca e hirta como sempre. Quando ele saiu do quarto, Eduarda

pendeu a cabeça para a frente como uma criada. Ao terceiro dia, continuava a tratá-lo assim, como um desconhecido, como se ela fosse a dona do albergue e ele um mero hóspede; estava a neutralizá-lo com esta cortesia profissional. Não se entregou ao embate titânico que ele idealizara na cabeça. Ao longo dos anos, imaginou dezenas de diálogos acalorados com ela. Diálogos que ele vencia, claro, diálogos em que lhe demonstrava como o êxodo fora um trunfo, os estudos haviam criado uma vereda de sucesso para ele, e o seu pai também vencera, era um senhor, um empresário, um líder local, ajudava os irmãos que tinham reformas miseráveis e pagava os serviços de uma senhora que era agora a dama de companhia de Judite. Este embate épico com a inimiga nunca aconteceu, todavia. Neste reencontro, Eduarda escondeu-se atrás de uma capa de dever sem emoção:

— Que tal a cama? Se quiseres, posso tirar a tralha e as batatas da tua casa; é tua, afinal de contas.

Estava a dormir na casa de Eduarda, que só tinha uma novidade, água canalizada e casa de banho. Na porta ao lado, a sua velha casa estava transformada numa enorme despensa. O seu quarto tinha sacos de roupa velha e batatas espalhadas no chão.

— Não, não se apoquente, não é preciso.

A sua casa, um anexo miserável, não valia nada. A casa onde estava, sim, tinha valor. Era a casa-mãe feita pelo avô Manel, que se fartou de viver nos velhos casebres da serra com dois ou três pisos minúsculos e encavalitados uns em cima dos outros como casas de bonecas; em baixo, a loja pestilenta lançava para cima o fedor dos animais; ao meio, a braseira empestava a casa com um fumo que não tinha por onde sair. O asseio era impossível. Por cima, ficava um ou outro quarto junto ao frio do telhado de lousa que pouco ou nada isolava, tal como as paredes de pedra gélida. Contra esta arquitetura castiça mas miserável, o avô Manel,

influenciado pelas suas viagens pelo país ao serviço da elétrica, construiu uma casa térrea larga, espaçosa e bem iluminada pelas janelas; a lareira tinha uma chaminé larga e funcional; os animais ficavam longe da casa e não no rés-do-chão; o telhado era de telha francesa; a parede combinava a nobreza da pedra com a plasticidade do cimento. Era uma casa, não a enxovia dos miseráveis que não se distinguiam dos animais. Passados tantos anos, esta foi a primeira vez que olhou com admiração, e talvez com amizade, para o avô Manel, o primeiro homem da aldeia a fazer uma casa interessada no asseio tal como o entendiam na cidade. Fez esta casa digna para nela viver a infelicidade. Não era possível ser feliz ao lado desta parada militar chamada Eduarda.

— Ó rapaz, ainda gostas de fatias de ovos? Aqui tendes.

Se ainda gostava de fatias? Ela fazia rabanadas uma vez por ano, no Natal, com sorte, e agora estava ali a representar o papel de avó extremosa e capaz de fazer todos os dias iguarias do agrado dos netos. O topete da velha!

— Sempre jogaste as cinzas da tua mãe, que Deus lhe tenha a alma em descanso, ao rio?

— Sim.

Era mentira. A urna permanecia inviolada na mala. Foi a sua primeira decisão adulta logo no primeiro verão no bairro: jamais enterraria os pais no cemitério do Janeirinho. Cumpriu-a. Romão não resistiu ao desejo funerário do filho: cremar o corpo de Augusta, levar as cinzas até à aldeia, até ao vale, até ao rio. Só que agora a aldeia não estava a ter um sabor a Ítaca. Não se sentia de regresso a casa, porque o rapaz que saíra dali há mais de dez anos já morrera entretanto duas vezes. Passou os dois primeiros dias deste regresso sem se aproximar do vale, do rio, da aldeia. Não, Augusta e Lucas Andrade não eram dali.

Romão Correia Azul também não. O pai não quis ir, alegando que tinha de tratar de um negócio novo muito importante.

— Ficaste outra vez até tarde ali na Mariana. Grande conversa, sim senhor! Quando é que o marido volta lá da Inglaterra? — A avó apurara o cinismo com os anos. A farpa longa e rancorosa dera lugar à punhalada fria e quase aristocrática. Só não perdera o tom moralista. — Tende juízo! Que ela anda à cainça.

— Foi só conversa. Há muita coisa para pôr em dia.

Não era mentira. Foi só conversa; sexo com Mariana seria incesto. Era a sua irmã de leite, partilharam o berço e a mama. Se os laços de leite não fossem suficientes para travar libidos, a barreira social teria tratado do assunto. Essa paliçada levantou-se assim que se viram no primeiro dia, assim que ela se assomou à porta para ver de quem era aquela mota estranha. Reconheceram-se, claro, mas não sem choque. Tinham a mesma idade, mas ela parecia uma mulher de cinquenta anos. Esta diferença impiedosa assombrou-os desde o primeiro abraço; ele teve pena da campónia, ela teve raiva do lisboeta. Também lhe fez espécie o surro na pele dela. Fez-lhe impressão o cheiro a sebo e — apesar de ser verão — a fumo. A casa não arejava de um inverno para o outro. «Era assim que eu cheirava quando era pequeno?», ficou a pensar. Ela trabalhava na fábrica de Mendes desde gaiata; passara uma temporada em Inglaterra a apanhar fruta, mas voltara pouco depois para a fábrica de sempre: a lã beirã era menos dura do que as estufas bretãs. Abandonou a escola a meio do sétimo ano.

— No sétimo? — perguntou ele pasmado.

— Sim, teve de ser.

No seu sétimo ano, a stora Maria de La Salette colou-o para sempre aos livros. Nesse mesmo ano, Mariana tornou-se uma menina operária. Não disse nada sobre esta assimetria escandalosa, e também não disse

outra coisa que lhe veio à cabeça: se as coisas tivessem acontecido ao contrário, se tivesse sido ele a ficar com o papel de menino operário preso às fragas, ele não teria recebido essa hipotética Mariana cidadina em casa. A inveja seria debilitante.

Mariana convidou-o para jantar neste primeiro dia. Enquanto ela cozinhava, a conversa correu perra. Nem as brincadeiras com os dois filhos dela, um já grandote, outra de colo, retiraram o ambiente da conversa de circunstância. Depois de muitos anos penosos, a fábrica prosperava agora com a exportação de artigos de luxo para a Europa e até para o Japão. O artesanato estava na moda. Em cima de uma bancada, ao lado da mesa, viu etiquetas com inscrições em japonês que ela tinha de coser nos casacos e mantas da «melhor fazenda do mundo». Ela escondeu este aparato, tapando-o com uma toalha de mesa. Escondeu-o do amigo ou dela própria? Mariana tinha uma inteligência fenomenal, passou a infância a ler e a escrever com gosto, era melhor do que ele, mas agora trabalhava numa fábrica como escrava de fusos e rocas automáticas. A presença dele humilhava-a e expunha a dor pelo futuro por cumprir.

O desbloqueador de conversa foi o leite: antes de se sentarem à mesa, Mariana desapertou os botões da camisa e tirou a mama para fora para saciar a pequena. Este momento quebrou a distância, não pelo lado do sexo, mas pelo lado da intimidade redescoberta: ele era mesmo da casa. Jantaram em paz numa comunhão de irmãos que se reveem e riem passados tantos anos. Sentiu por ela o que sentira por Beta: irmandade. Ajudou o mais velhinho a comer, dando-lhe dicas de etiqueta, as mesmas que a prima Dulce lhe dera há anos. Esta comunhão fraterna foi quebrada após o jantar, depois de deitarem os pequenos. Perguntou se ainda tinha o hábito de ler. Mariana sentiu-se gozada. Ler? Como? E

onde? Com que tempo? Que achava ele, que a vida ali era como o bem-bom de Lisboa? Ele pediu-lhe desculpa com uma garantia:

— Desculpa, a sério, desculpa. Foi uma pergunta estúpida. Mas, olha, vais ler o livro que eu vou escrever.

Contou pela primeira vez a alguém o seu propósito: estava ali porque ia escrever um livro sobre a vida na serra, sobretudo sobre a vida das mulheres, um livro baseado na mãe que ambos partilharam, Augusta, e que ia contar a parte dos abusos nas fábricas. Mariana contraiu-se como se tivesse sido apanhada pela polícia. Aquela contração facial era um tratado de honestidade não-verbal e dizia-lhe o que ele mais temia: Mariana fora ou era abusada por Mendes. Apesar do cansaço e do envelhecimento precoce, o cabelo loiro de Mariana continuava a ser uma moldura atraente. Tentou desviar a conversa para a vida do marido em Inglaterra, novo destino do fluxo de emigração. Ele não lhe deu escapatória.

— Preciso que me contes o que se passa na fábrica.

O quê?, só podia estar doido!, se falasse, como é que ficava a vida dela, ah?, ele voltava para Lisboa mas ela morava ali, lembrava-se ele do que tinha acontecido a Augusta?, foi despedida, não foi?, queria ele o mesmo para ela?, como é que depois dava de comer aos filhos? Mariana tinha lágrimas nos olhos, estava a pedir clemência, estava a ser acoitada pelo pior dos dilemas, decidir entre a sobrevivência e a decência. Lucas foi clemente, deixou cair o assunto e passaram o resto da noite a pôr a conversa em dia: quando engravidou pelos quinze pediu uma promoção e o namorado foi para Inglaterra, de onde mandava todos os meses dinheiro. O filho, que se chamava Nuno, acordou e veio ter com eles.

— Dorme tão mal este miúdo — foi o lamento imediato de Mariana, que tinha os olhos de quem não dormia há cinco ou seis anos.

O garoto sentou-se ao colo dele e perguntou se ele ia ser o seu novo pai. Emocionou-se com a fragilidade desta criança sem pai por perto, sem família alargada, dependente apenas de uma mãe pobre, sozinha e esgotada. Disse que não, que não ia ser o novo pai, que no máximo era uma espécie de tio. Prometeu-lhe que lhe dava uns presentes no dia seguinte. Foi deitá-lo de novo. Ficou embaraçado quando o miúdo lhe pediu uma história. Não havia livros infantis para ler. Lá contou, aos sobressaltos, a primeira história que lhe apareceu na cabeça, o regresso de Odisseu. O miúdo pediu-lhe outra. Contou-lhe a história da viagem de Jonas. O miúdo era esperto. Abriu os olhos grandes e fundos e disse:

— Isso parece o Pinóquio.

Em menos de quinze anos, este garoto acorrentado à pobreza e aos códigos masculinos entraria em desespero e fugiria para Londres ou Paris onde passaria o resto da vida num trabalho braçal inadequado à sua inteligência.

Na manhã seguinte, foi comprar-lhe livros à vila, que evoluíra com os anos, já não era uma aldeia grande. À noite, voltaram aos papéis de tio e de sobrinho e o segundo serão na casa de Mariana foi ainda mais agradável do que o primeiro. Este menino, Nuno, adormeceu na cama, segurando-lhe a mão e ouvindo as histórias que ele lia de forma atabalhoada. Sempre foi um desastre a ler em voz alta.

— Tendes a certeza?

— Sim, avó, foi só conversa. Queria que fosse o quê? Não sabe que a Mariana é como se fosse minha irmã.

Lá acabou o pequeno-almoço oferecido pela avó. As rabanadas estavam horríveis. Levantou-se para sair.

— Não sei se venho jantar.

— É o terceiro dia que cá estás. Gostava que jantasses aqui em casa pelo menos um dia.

— Que simpatia, a sua.

A caminho da mota, o *Jolly Jumper* rosnuu-lhe de novo, aproximou-se para que o animal lhe cheirasse a mão. O rosnuar tornou-se ainda mais agressivo, tentou mordê-lo; tirou a mão a tempo. A raiva pelo cão deu-lhe uma coragem extra: deu meia-volta, acelerou o passo, queria discutir com Eduarda, não interessava o tema, só queria discutir. Porque é que fora sempre má com ele e com Augusta? Porque é que o chamara tantas vezes maricas ou fraco? E onde é que escondera o corpo da sua irmã? Parou, porém, na ombreira da porta. Já não sentia nada por Eduarda. O ódio dissipara-se.

— Que é? — perguntou ela, admirada.

— Nada, não é nada.

Ela abanou a cabeça. Era claro para Eduarda que ele continuava a ser a mesma cabeça de vento. Continuava a ter vergonha do neto e por isso ainda não saíra de casa desde que ele chegara. Tinha vergonha do seu cabelo comprido, por exemplo. E, sobre o regresso dele, não sabia o que pensar e reportar às restantes aldeãs; considerava um sacrilégio aquela ideia de atirar as cinzas da nora ao rio, cruces credo!

Subiu a encosta atrás da casa, cirandou pelas veredas tal como a mãe cirandava à procura dessa meia-irmã que viveu três dias, a Andreia. Além da família biológica e da família adotiva de Augusta, havia esta bebé que estava ligada a uma terceira família, um terceiro segredo que ficou para sempre sepultado no orgulho da mãe. Augusta engravidara de quem? Estava a fugir de quem? Quando ele desceu a encosta no regresso, o som inconfundível de um rebanho cercava a casa. Era Américo, só podia. Não o via há dez anos, transformara-o numa personagem literária, era um mito e não um homem; mas agora ali

estava o bom pastor acabado de chegar das profundezas do vale, olhando-o nos olhos. Deram um abraço forte mas sereno, com as palmas das mãos a bater com estrondo nas costas um do outro. Américo trocou cumprimentos frios com a anfitriã.

— Ti Eduarda.

— Ti Américo.

Numa conversa de circunstância, Américo e Eduarda comentaram o caso do mês na aldeia: Malato matara Zé António com a roçadeira, cortara-lhe uma rodela da cabeça como se fosse chouriço, porque o outro desviara-lhe um muro que dividia um terreno — a maldição de uma terra estéril, dura, ingrata.

— Anda daí, rapaz, vamos até ao vale.

Voltaram a ser o pastor e o rapaz no vale do princípio ou do fim do mundo. Nada mudara. As árvores, as quedas d'água, os animais, tudo parecia estar no mesmo sítio. Nunca vira lobos, continuou a não ver, mas, para satisfação do mestre, ainda conseguiu descortinar os sinais da alcateia, as pegadas, os dejetos, as ossadas e peladas das presas, a urina nos arbustos e árvores. Quando passaram pela queda d'água do Mata Lobos, Américo anunciou-lhe que enterrara ali a *Milu*, a sua velha cadela.

— A bicha já nem se mexia, acabei com o sofrimento dela aqui. A tua avó não queria saber.

— Obrigado, Américo.

No final do caminho, no covão, Américo fez-lhe uma bucha com queijo, contou-lhe que as coisas estavam cada vez mais difíceis. O Mendes queria lã, mas como? Havia cada vez menos maninhos. As serras estavam cada vez mais impraticáveis, primeiro foi a invasão dos pinheiros, depois foi a invasão dos eucaliptos. Havia cada vez menos árvores a sério, castanheiros, carvalhos, freixos. Outrora a aldeia podia

ter mil reses, agora tinha um cento. É por isso que se notava mais os ataques dos lobos. Além disso, a alcateia estava presa, cercada pelas novas estradas e autoestradas.

— As estradas só matam lobos e gente, rapaz. Lobos e gente.

O pastor ofereceu-lhe nova bucha e, para cumprir a tradição, contou-lhe duas histórias magníficas sobre o tempo em que eles os dois andavam pelo vale como mestre e discípulo: a história do dia em que subiram a um planalto para ouvir a brama dos veados, e a história do dia em que dormiram numa árvore para conseguirem ver os lobos a matar a sede logo pela fresca.

— Lembras-te, rapaz? — Não, não se lembrava, porque não há veados na serra e porque ele nunca viu lobos. Não disse nada, todavia. Américo também estava a ficar demente ou foi sempre assim, um mentiroso genial? No regresso à aldeia, Américo perguntou porque é que ele tinha voltado. Ele revelou por fim a sua missão: fazer a história da serra através da mãe. Américo não ficou surpreendido com nada. Sim, sabia que os miseráveis davam filhos aos ricos ou aos menos miseráveis. Antes dá-los do que matá-los. Sim, Mendes e outros abusavam e tinham bastardos por ali e pelo mundo.

— O povo, rapaz, não *emigra*, como vocês dizem lá em Lisboa — sentenciou. — O povo foge. E não foge da pobreza, foge da vergonha.

Mendes, garantiu o bom pastor, continuava a fazer o que sempre fizera. E, se um marido ou pai levantasse a garupa, ele aumentava-o ou empregava-o.

— Aqui é assim, rapaz: és corno mas és aumentado. E a tua avó sempre a aparar-lhe os golpes, sempre com o Engenheiro Mendes nas palminhas das mãos.

— A minha avó... está há três dias a tratar-me como se não me conhecesse.

— A Ti Eduarda se não nascesse tinha de ser inventada. Mas, olha lá uma coisa, isso do livro é a sério?

— É.

— Vais apertar com o Mendes?

— Vou.

— Bem hajas. — Piscou-lhe o olho. Carregado de ironia, Américo perguntou se ele ainda sabia como se conduzia o lobo até ao fojo. Fazia uma ideia, sim.

— A fábrica continua a fechar às cinco e meia?

— Sim, acho que sim, rapaz.

Já perto da mota, deu-lhe um abraço e perguntou:

— Queres ir almoçar à vila daqui a nada?

— Não, rapaz! Tenho que fazer.

O reencontro com Américo deu-lhe a réstia de coragem que faltava.

Fojo

ESTACIONA A MOTA À PORTA DA FÁBRICA pouco depois das quatro e meia da tarde, dirige-se ao escritório. Nas quatro paredes do escritório, Mendes pendurou alguns dos maiores sucessos da empresa, agora uma marca de sucesso no circuito do luxo do handmade internacional. Reconhece logo, mesmo por cima da cabeça de Mendes, um casaco desenhado e cosido pela mãe: tem a audácia da cor e do corte dela, aquelas súbitas diagonais que a tesoura desenhava no tecido. Mendes não o reconhece, nem desconfia. Nem ele nem a avó foram ao centro da aldeia desde que ele chegou. Identifica-se como Lucas Andrade, jornalista que está a escrever um livro sobre a lã e a neve. Lá aguenta a visita turística à fábrica da «melhor fazenda da Europa». Passam no atelier onde costureiras-chefe fazem os modelos, o posto de trabalho onde Augusta brilhou. Concluída a volta turística, Mendes oferece-lhe café no escritório, a antecâmara da entrevista que julga ser um servicinho hagiográfico. O lobo está a caminhar para a queda no fojo escondido na vegetação.

Enquanto a secretária serve o café, ele observa o lobo: apesar da idade, apesar da fealdade de uns olhos demasiado encovados, Mendes ainda tem o viço do sexo, ainda tem vitalidade e malícia no olhar que dirige à secretária. Fica aliviado. Se o lobo já fosse um velho decadente, ele estaria a sentir culpa. A secretária sai; liga o gravador e anuncia que

a reportagem tem como enfoque os abusos sobre as mulheres nas fábricas. O semblante do lobo muda.

— Mas o jovem é de que jornal mesmo?

— Não disse que trabalhava num jornal. A reportagem que estou a fazer é um livro para a editora da Helena Castro e Sousa. — Mendes sente aqui a gravidade a puxá-lo para a cova, cai no fojo como um vilão de desenho animado: em câmara lenta. — Mas, se me permite, Engenheiro Mendes, eu estava a dizer que a sociedade está cada vez mais consciente em relação aos abusos sobre as mulheres e, portanto...

Mendes interrompe-o, assustado.

— Aqui não há disso, aqui é só gente boa.

— Espere. Sei a partir de várias fontes que houve, ou ainda há, abusos sobre mulheres aqui nas fábricas da serra.

— Isso é uma calúnia. — Sem esconder o pavor, o lobo contra-ataca, tentando subir o valado do fojo onde caiu desamparado. — Isto aqui não é como a pouca-vergonha da cidade, rapaz, aqui há respeito.

Desliga o gravador e começa a cumprir o último desejo da mãe: incendiar a serra ao ponto de não haver Fénix.

— Olha, pá, vais parar com isso, está bem?

— Como se atreve a tratar-me assim? Já não há modos em Lisboa? Não lhe dei autorização para me tratar por tu.

— Vou repetir: vais parar com essa merda. Eu sei que abusaste e abusas das operárias e provavelmente aqui da tua secretária.

— O quê? Como se atreve!

— Como me atrevo? Olha bem para mim.

Mendes tenta pegar no telefone. Com a lentidão segura dos fortes, não permite que o lobo velho levante o auscultador; aperta-lhe a mão até sentir ossos e cartilagens a estalar; inclina a cabeça para a frente, fica a dois palmos do rosto do outro, sente um bafo a estômago doente.

— Olha bem para mim, cabrão. Não te faço lembrar ninguém? Os meus olhos à chinês não te fazem lembrar ninguém? Sabes quantas vezes eu pensei neste momento? — Baralhado com a fundura do fojo, o lobo encara-o durante algum tempo, permitindo que a sua memória preencha os espaços em branco. Roda a cabeça para trás e olha para cima na direção do casaco de Augusta exposto na parede. — Pois é. Eu sou filho da Augusta, a única mulher que teve a coragem de te dar um murro e um pontapé nos colhões, não foi?

Petrificado, como se tivesse visto a sua própria morte, Mendes tenta entabular desculpas:

— Eu gostava imenso da tua mãe, imenso. Foi até hoje a mais talentosa que por aqui passou. Este casaco, que aqui vês, ainda o fazemos. É um sucesso.

— Então, porque é que a tentaste violar?

— Violar? Não, nunca seria capaz disso. — Mendes está de facto chocado; sabe o que fez, mas está chocado com a entrada no seu mundo de uma palavra terrível, «violação», que não consegue associar à aldeia e a si próprio, uma palavra que vê como um palavrão da cidade. Ele sente a tentação de o espancar até lhe arrancar a verdade: Augusta deu-lhe o murro na primeira vez que ele tentou alguma coisa? Ou ela sofreu dezenas de abusos ao longo daqueles anos até se fartar? Resiste. Essa pergunta torná-lo-ia frágil e daria poder e controlo a Mendes. Volta ao fojo.

— Olha, pá, eu vou fazer o meu livro, que terá a história do abuso sobre estas mulheres. E só tens uma saída: se colaborares, o teu nome e o nome da fábrica não aparecem no livro, falarei numa fábrica sem nome e num traste sem nome numa terra sem nome aqui da serra. Da Guarda à Covilhã, há e houve muita fábrica na serra. Se não me ajudares, o país inteiro vai saber que o Engenheiro Mendes da Real

Fábrica de São Jerónimo, uma das joias do renascimento do têxtil nacional, abusou ao longo de décadas de dezenas de mulheres, que tem uma mão-cheia de bastardos, que subornou maridos e pais. Diz lá, só consegues levantá-lo quando abusas assim de mulheres, não é? Então, como vai ser? Vou dar-te uns segundinhos para pensares. — Mendes está aturdido; o mundo dele acaba de ruir; a mansarda amoral onde prosperou desde a infância está por fim destruída. Ele levanta-se e volta a infernizá-lo. — Estás a ver? É difícil viver com o sufoco que estás a sentir agora mesmo, não é?

Sai do escritório e, com um à-vontade desproporcionado, pede uma escada a uma operária que está a arrumar a bancada para se ir embora; reentra no escritório onde ainda encontra um Mendes atarantado. Está a sentir uma emoção quase cinematográfica: parece que está dentro de um policial. Na verdade, está a imitar David. Já com meia fábrica a olhar através da porta do escritório que deixou aberta, encosta a escada à parede, sobe e tira o casaco da mãe da moldura; guarda-o na sacola.

— Isto é meu.

A aldeia fica assim a saber que o filho de Augusta regressou para prestar contas.

São cinco e meia. À medida que saem, as operárias cochicham e olham para ele. Tal como no dia em que espancou meia equipa de futebol e tal como no dia em que quase matou o pai de Beto, Lucas volta a gostar deste papel de anjo vingador. Mas agora tem de alargar o espectro da vingança, ou seja, tem de deixar a vingança e tentar fazer justiça, tem de abandonar a recompensa imediata da represália e tentar algo que possa melhorar a vida destas pessoas; tem de conseguir informação que permita apresentar o caso ao país, e só o próprio lobo pode abrir a porta desta história. Sem delação premiada não há livro. Sabe que Mendes nunca lhe revelará tudo, mas, tendo em conta a

ameaça que lhe fez, o lobo tem de revelar dados suficientes que permitam dar uma textura minuciosa e verosímil ao texto. Volta a sentar-se. Pergunta-lhe se já tem resposta. Mendes tenta justificar-se, que é a salvação económica destas famílias, que nunca tocou em Augusta. Não nega que tocou nas outras, tenta comprá-lo com a ideia de que nunca tocou em Augusta, a mais bonita. Enfurece-se de novo. David ter-lhe-ia partido dois dedos. O que ele quer, porém, não se consegue com pancada à tripa forra. Não quer um lobo degolado, quer um lobo delator. Este fojo não tem canas aguçadas no fundo. Ele precisa de dados e pessoas disponíveis para falar, precisa que Mendes desenrole o novelo.

Mendes pergunta se ele mantém o seu anonimato, da empresa e da aldeia.

— Se me deres a história, sim.

— Como é que eu posso ter a certeza de que vais manter a tua palavra, rapaz?

Ele endurece o tom:

— Não me trates por rapaz.

Mendes levanta as mãos em sinal de rendição:

— Ok, ok, mas como é que tenho a certeza de que não pões nomes?

— Não tens. É a vida. Mas garanto-te uma coisa: a melhor coisa que podes fazer para que eu não ponha o teu nome no livro é contares alguma coisa forte, tás a ver ou não? Por exemplo, quantos bastardos tens aqui na aldeia? Sabes quem são os teus filhos ilegítimos?

Mendes suspira, rendido.

— Sei. Agora são dois. O mais novo é o filho da vizinha da tua avó.

— A Mariana?

Nove letras podem pôr tudo em risco. A pergunta retórica, além de revelar indignação e surpresa, revela sobretudo estupidez e inexperiência por três razões. Primeira, a família de Mariana foi sempre a única

vizinhança da família Correia Azul; o resto da aldeia fica mais afastada; podem entrar e sair de casa sem passar pela aldeia, sem serem vistos. Segunda, ele já devia ter percebido que o miúdo de Mariana, Nuno, tem a fâcies de Mendes, pequeno mas de olhos gigantes no recorte e na fundura. Terceira, dá poder a Mendes. A sua danação é óbvia, nestes segundos imagina cenas violentas que confortem o ódio: atirar com o telefone à cara do lobo, cortá-lo com o longo e afiado abre-cartas que vê no copo das canetas. O seu erro abre o flanco. O lobo percebe que o fojo tem um alçapão secreto por onde pode fugir; vai ficar coxo, mas vai sair vivo. Recupera a pose, reequilibra o jogo.

— Pois claro, a Mariana! A Mariana, a Mariana, pois claro. Ouve, rapaz, a vida da tua Mariana ficava muito difícil se colocasses em causa a reputação desta empresa. Não achas, rapaz? — O erro dá ao lobo um novo conjunto de jogadas. Até vê aqui um desafio idêntico àquele que Mário Castro e Sousa lhe lançou, o duelo que o aristocrata, seguro do seu lugar do mundo, lança ao criado.

Chegam a umas tréguas negociadas: ele não revela nomes, Mendes não belisca Mariana e revela pormenores para compor o livro. Sim, é verdade: pagou, aumentou e promoveu os maridos ou namorados das raparigas que emprenhava; agora faz menos essas «malandrices» porque «a idade já não é a mesma». Estes homens, humilhados mas aumentados, criavam os bastardos de Mendes. Se as raparigas fossem solteiras, promovia ou comprava o silêncio dos pais. E repete: agora faz menos essa «malandrice», porque é mais fácil pagar um «desmanche» seguro no estrangeiro. Com um sorriso de novo ufano, Mendes garante que não é o único a ter feito estas «malandrices», que em Lisboa toda a gente sabe que o magnata dali e que o milionário dacolá promoviam os «maridos encornados» como forma de compensação. Era como se o pecado do magnata da Linha pudesse desculpar o pecado do simples

empresário da província. Ele fica a pensar na palavra que Mendes utiliza: «malandrice», uma palavra inofensiva usada para descrever abusos sexuais e abandono de crianças; não é *violação* ou *canalhice*, é só uma malandrice, uma coisa de catraios sem importância, uma traquinice ou, no máximo, uma vadiagem. Mendes fala com um timbre jocoso, é como se isto fosse um filme sujeito apenas a critérios estéticos; diverte-se com os pormenores lúdicos deste labirinto que lhe garante a impunidade há décadas. Mendes até deve achar que é um galã que dá prazer sexual às mulheres abusadas. Este desplante amoral enche Lucas Andrade com uma ira incontrolável, embora segura, serena.

— Tens de me dizer mais coisas, pá, isso não é nada. Preciso de nomes, preciso do circuito. Não é follow the money, é follow the kids, entendes?

— Não chega? — O lobo acha que se pode fazer de parvo.

— Não, não chega. Vou-te explicar: isto no Direito chama-se delação premiada e tu és o delator que tem de denunciar outros.

A secretária reentra no escritório para perguntar se pode ir embora. Ele aproveita para escalar a ameaça: é boçal, agarra-a pela cintura, desce a mão até ao rabo sublinhado pela saia travada e pergunta à rapariga se ali Mendes também se monta nela no final do expediente. Gera-se a comoção expectável; a rapariga, assustada, sai da fábrica de mão no peito.

— Estás a ver, Mendes? Ou falas ou isto vai azedar para os teus lados. Não fiques a pensar que a minha preocupação com a Mariana é por aí além. Não a via há dez anos. A amizade que tínhamos desapareceu. — Há um certo prazer luciferino nesta mentira. — E também não penses que me podes ameaçar com o Américo, ele tem o vale. Só lhe podias fazer mal se conseguisses tapar o vale.

Só que o problema do prazer luciferino da mentira é que pede a seguir uma ação. É uma escalada. Ele sente de facto vontade de o matar, é um ardor na cabeça que tolda o juízo. Aquele velho momento, aquele segundo em que tentou matar Augusta e o pai de Beto alarga-se, agora é uma falange de segundos homicidas, meio minuto talvez em que sente o prazer que seria matar este cabrão. Mas resiste: espeta-lhe apenas o abre-cartas na mão, entre o indicador e o dedo do meio. Espeta e roda a lâmina. Não se incomoda com o uivo lancinante do lobo, não há mais ninguém na fábrica. Como se diz no cinema, entra na personagem, entra em David.

— A dor já passa. Quando passar, vais falar, vais dar-me nomes. Não montaste este esquema durante anos a fio sem ajuda. Se a dor que tens na mão não for suficiente, vou até ao Porto falar com as tuas duas filhas. — Mendes começa finalmente a chorar abanando a cabeça. — Não, descansa. Não vou fazer mal às tuas filhas, não sou da tua laia, cabrão. Vou só falar com elas para ver se sabem que o pai abusava de mulheres, até de menores de idade. Por falar nisso, se não me engano, o crime de violação de menores tem um prazo de prescrição de cinco anos após a vítima ultrapassar os dezoito. Isso ainda me dá um tempinho para apresentar queixa contra ti. Violaste a Mariana quando ela tinha catorze ou quinze, foi ou não foi?

Cala-se, fica a observar Mendes a enrolar uma tira de tecido à volta da ferida.

— Falaste aí há pouco dos abortos que pagas lá fora. Mas como é que isto era antes, no antigamente? Como é que escondias as raparigas? Para onde iam as crianças? O aborto não era tão fácil.

— Maria dos Anjos.

— O quê, pá? Fala mais alto!

— Fala com a Maria dos Anjos da vila, toda a gente sabe quem ela é, mandava no orfanato.

— Mais. Vá, fala, caralho!

Não refreia a sanha, dá-lhe um soco que o deixa inconsciente. Fica sem pé nos segundos que se seguem: será que o matou? Já é muito velho. Será que está morto? Não, não está morto. Tem pulso e está para lá de humilhado: repara numa mancha de urina nas calças e na cadeira almofadada. Aproveita para vasculhar o escritório. Imagina que vai encontrar provas tal como acontece nos filmes; imagina que vai encontrar uma caixa cheia de cuecas e soutiens, os troféus de caça que Mendes rouba às mulheres. Não encontra nada. O mal não é a caricatura que temos na cabeça. Há uma gaveta da secretária fechada à chave; sem sucesso procura a chave nos bolsos do lobo desmaiado, no tampo da secretária e nas gavetas abertas. Desperta-o com um copo de água derramado sobre a cabeça.

— Seja bem-vindo. Como foi a sesta? Vá, quero mais, quero mais nomes, mais coisas. Porque é que esta gaveta está fechada?

Mendes está assarapantado, é como se tivesse acordado noutra dimensão; o medo, total e primário, aparece sem filtros, sem poses.

— Não me batas mais, rapaz, por favor.

Dá-lhe uma chapada como aquelas que se dão aos rapazotes.

— Já te disse para não me tratares por rapaz.

— Ok, ok, desculpa, mas por favor não me batas mais, por favor. — Começa a lacrimejar. Ele teve pena neste momento; a piedade começa a cobrir a soberba que sente por ter humilhado o vilão da aldeia. Mendes tira a carteira do bolso; de dentro da bolsinha das moedas, retira uma chave que usa para abrir a gaveta. Retira uma agenda; procura na agenda informação que anota num papel. Dá-lhe esse papel que tem um nome,

Jorge Tavares, um número de telefone, uma morada e uma escola de Coimbra.

— Quem é este gajo?

Há segundos, quando Mendes começou a lacrimejar e ele a sentir pena, pensou no seguinte: está Mendes a ser genuíno ou está a entrar numa personagem, a vítima que apela à piedade do agressor? A resposta que Mendes dá agora leva-o a concluir que está a ser genuíno nesta comoção:

— É o meu primeiro filho, e é tudo o que precisas. É professor nessa escola.

— O teu primeiro bastardo, queres tu dizer?

— É o meu primeiro filho — reafirma Mendes com o que lhe resta da dignidade. — Eu era uma criança, tinha quinze anos. A mãe dele é a rapariga de quem mais gostei, de quem sempre gostei, a Bela. — Mendes comove-se quando diz o nome da rapariga, Bela. A comoção prossegue quando afirma que devia ter perfilhado esse rapaz. Estas lágrimas não são das feridas e também não são do medo que sente por ele; são lágrimas de culpa pelo que não fez na relação com estas duas pessoas, Bela, o primeiro amor, e Jorge Tavares, o primeiro filho. Este é o único momento em que ele sente humanidade, amor e culpa, na voz e no rosto de Mendes. Tinha ali esta informação guardada para um dia corrigir o seu passado com um testamento marcado pela procura da redenção? Quem sabe. Sempre houve histórias de testamentos surpresa que beneficiam a criada ou a cozinheira.

— Mantivemos contacto até ela morrer — adianta Mendes. A verdade é mais fácil na derrota, quando já não há nada a perder.

— Que espécie de contacto?

— Gostávamos um do outro, é só isso.

Com ou sem este ato de contrição, Mendes merece a denúncia jornalística e jurídica. Merece, aliás, morrer neste fojo. Só que o seu fim, penal ou biológico, é também o fim da vida possível de Mariana e dos seus filhos. Na última personificação de David, ele aperta-lhe o pescoço com a mão direita e, com a esquerda, retira-lhe a tira de tecido ensanguentada com que cobre a ferida.

— Isto fica comigo para o caso de te armares em otário, hoje em dia é muito fácil fazer testes de paternidade. — Levanta no ar a tira de tecido como um troféu. O povo costumava cortar a cabeça do lobo para depois exibi-la num varapau à entrada das aldeias. Ele não ganha nada com essa decapitação, nem Mariana. Uma mutilação é, porém, necessária. Não lhe corta a cabeça, mas corta-lhe o rabo como se faz ao touro na arena.

Lobas

AO QUARTO DIA NA SERRA, SAIU AINDA DE MADRUGADA em direção a Coimbra. Usou as velhas estradas serranas dos guerrilheiros, bandoleiros, almocreves. Na cidade entalhada na serra como Minas Tirith, ficou num quarto de pensão frequentada por dois agregados populacionais que conhecia bem: estudantes e putedo. Pensou na forma de abordar o tal Jorge Tavares. Telefonar e aparecer à porta de casa era demasiado intrusivo, seria até um pouco assustador. Restava ir até à escola. Foi o que fez. No liceu indicado, perguntou à entrada pelo professor Jorge Tavares e identificou-se como Lucas Andrade, jornalista de Lisboa. No final da aula, Jorge Tavares apareceu no portão: bem acima dos cinquenta, paletó de corte impecável e talvez excessivo para as funções de um mero professor liceal; tinha a barba escanhoada ao milímetro. Este rigor exterior não jogava bem com os seus olhos, que, apesar de grandes, eram inseguros e encovados — os olhos de Mendes e de Nuno, o filho de Mariana; este homem com pelo menos cinquenta e cinco anos era meio-irmão de um menino de seis.

Jorge tinha um ar de espanto: porque é que um jornalista de Lisboa estava ali à procura dele? Ele apresentou-se de novo como Lucas Andrade, declarou que estava a fazer um livro sobre os abusos na indústria da lã baseado na história da sua própria mãe e que vinha da parte do Engenheiro Mendes da Real Fábrica de São Jerónimo. Jorge emudeceu, percebeu que ele já sabia a verdade. Deixou passar uns

segundos para encaixar a exposição da sua privacidade perante um estranho e depois perguntou:

— Como é que você descobriu que eu sou filho do Mendes?

— Ossos do ofício, meu caro. — Claro que não lhe podia contar que na prática tinha torturado Mendes. — Falei com ele e fizemos um acordo.

— Deixe-me adivinhar: você não põe nomes verdadeiros e, em troca, ele contou algumas coisas, como isto dos filhos bastardos?

— Isso mesmo.

Jorge convidou-o para tomar café num boteco ali perto; foi a pensar em silêncio neste curto trajeto. Sentaram-se numa mesa.

— Isto é para que jornal?

— Não é para um jornal, pelo menos por enquanto; é para um livro da editora da Helena Castro e Sousa.

Jorge fez um trejeito como quem diz: «Sim senhor.» E foi claro na resposta.

— Olhe, por mim, pode pôr o meu nome, não me importo, sempre tive a fama de bastardo, ao menos que isso traga agora algum proveito.

Jorge pediu-lhe que aguardasse ali no café até ao almoço, depois podiam almoçar ali mesmo e gravar a entrevista. E assim foi. Sem nunca se importar com a luz vermelha do gravador, Jorge contou-lhe a sua história sem tabus: a mãe, Bela, não era operária na fábrica, mas criada de casa da família Mendes; era muito nova, quase da idade do menino Mendes; ao que parece os dois apaixonaram-se e encontravam-se às escondidas no quarto dela; quando ela engravidou, ele acobardou-se e deixou que a mãe, a dona da casa, despedisse a rapariga, deixando-a com uma mão à frente e outra atrás; Bela voltou para a casa de uma tia perto de Coimbra, em Soure, onde depois sempre viveu com o filho; mais tarde, Bela, que nunca casou, contou ao filho esta triste gesta.

— A sua mãe nunca casou então?

— Não.

— Então você é filho único?

— Sim.

— E você pôde sempre estudar? Ia de Soure para Coimbra estudar todos os dias até à faculdade? A sua mãe fazia o quê?

— Era empregada doméstica... mas desculpe lá, porquê essas perguntas todas?

— Por nada, desculpe. É a curiosidade mórbida do repórter.

Não, não era isso. Estas perguntas e respostas davam consistência à história de Mendes: Bela nunca casou porque provavelmente manteve uma relação escondida durante décadas com o seu amor, Mendes. E, ao contrário dos outros rapazes das aldeias à volta de Coimbra, Jorge tirou um curso porque provavelmente Mendes dava todos os meses uma ajuda financeira. Espertíssimo, Jorge percebeu onde é que ele queria chegar e contou-lhe tudo o que sabia.

— Oiça, homem, não é preciso estarmos aqui com merdas. Vou contar-lhe a verdade verdadinha e pode manter o gravador ligado. Homens como o meu pai, a aristocracia da lã, vamos pôr as coisas assim, além das operárias que fodiam nas fábricas e das criadas que fodiam em casa, tinham amantes, as pegas, que se julgavam diferentes das putas. A puta, coitada, no bordel, na rua ou na pensão, atendia vários por dia, não é? A pega atendia só um, estava por conta de um único ricalhaço; até podia passar umas semanas sem o ver. As raparigas mais bonitas, se quisessem, subiam de nível e passavam a ser estas amantes com direito a uma casa numa cidade da região. Eles montavam-lhes casa na vila, no Fundão, na Covilhã, em Castelo Branco, na Guarda, com sorte até podia ser na Figueira ou aqui em Coimbra. Já percebeu?

— Sim, acho que sim.

— A minha mãe foi pega do Mendes a vida toda; gostou dele a vida toda, e garantia-me que ele também gostava dela, mas eu nunca acreditei. Ele vinha foder, é só isso, vinha aqui aliviar-se antes de ir para Lisboa ou Porto ou quando vinha de Lisboa e Porto. Encontravam-se aqui em Coimbra, nunca soube onde. Mas, foda-se, do mal o menos, estudei sempre com o dinheiro que ele nos dava. — Um mar enraivecido cobria-lhe os olhos. Lucas Andrade hesitou: devia contar-lhe a verdade toda? Devia dizer-lhe que estas histórias entre pegas e ricos podiam ser menos sórdidas do que parecem? Devia dizer-lhe que tinha a certeza de que Mendes gostava mesmo da sua mãe, Bela, e que sentia culpa por não o ter perfilhado? Devia dizer-lhe que ele estava ali porque Mendes teve um ato final de contrição ao revelar-lhe a identidade do primeiro filho? Devia dizer-lhe que Mendes até tinha o seu número de telefone e que pensava um dia ligar-lhe? Não. Precisava que Jorge continuasse a ter uma visão caricatural do pai, precisava do seu ódio. — Porque é que ele lhe deu o meu contacto? E como é que ele sabe coisas de mim? A minha mãe contava-lhe?

Lucas manteve um rosto fechado, pediu sobremesa, e ficou a pensar numa hipótese: se calhar, Augusta foi também uma pega; se calhar, era esta a sua misteriosa vida antes de conhecer Romão; se calhar, a sua meia-irmã que morreu ao terceiro dia era uma filha de um destes lordes impunes da serra. Augusta, conhecendo a sua própria história de adoção, recusou dar uma filha para esse sistema escondido de adoção?

Jorge aqui perguntou:

— Vai mesmo pactuar? Vai mesmo esconder o nome dele?

— Jorge, eu não quero mesmo revelar o nome dele, porque isso vai afetar a vida das mulheres que ainda trabalham lá, percebe? Você vive aqui em Coimbra, eu vivo em Lisboa, estamos longe da serra, mas aquelas mulheres ainda vivem e trabalham lá. Faço justiça e depois elas

ficam na miséria, no desemprego? Que sentido é que isso faz? A minha mãe deu um murro no seu pai e foi despedida há muitos anos.

— Deu-lhe um murro? A sua mãe é corajosa, sim senhor.

— Era corajosa. Morreu há umas semanas.

— Os meus sentimentos. Agora percebo a sua motivação.

— Pois. Mas está a ver? Quero mais do que a vingança contra o seu pai; quero denunciar a cultura que permitiu e permite esta merda, que só é possível com o silêncio de todos os líderes locais, das instituições, dos padres, dos magistrados, dos presidentes de junta e câmara e até das legítimas mulheres destes cabrões. E fiz o tal acordo com ele: se não queria o nome dele no texto, tinha de me dar pormenores. E deu. Foi ele quem me deu o seu contacto e outro. Se eu denunciar por denunciar, não passo de um quadrilheiro ou, como eles dizem em Lisboa, um voyeur. Se vejo um mal, tenho de o tentar resolver pela raiz.

— Posso ajudá-lo nisso.

— Já ajudou.

— Na, na, na, tenho coisas melhores do que a minha história de vida, homem. Este tema é um maná à espera da pessoa certa. Venha comigo até ali a minha casa.

Subiram a um segundo andar perto do estádio onde a mulher de Jorge, Cláudia, estava também na pausa do almoço. Tomada de surpresa, Cláudia não escondeu o desconforto. Jorge não estava incomodado com a exposição, ela sim. Mas Cláudia fez as honras da casa, sentou-o na mesa da sala e foi à cozinha fazer café. Quando voltou com as chávenas, Jorge não estava na sala, tinha ido ao quarto buscar qualquer coisa. Cláudia aproveitou.

— Faça-lhe justiça, é o que lhe peço.

— Trata-me por tu, por favor.

— Não, não consigo, desculpe. Ele pensou em fazer um livro sobre aquilo que se passava na serra. Ele contou-lhe?

— Não.

— Pois. Até entrou num mestrado em antropologia, queria ir fazer trabalho de campo lá na aldeia, mas eu não deixei, já tínhamos dois filhos, precisávamos de trabalhar, criar os miúdos, não dava para andar naquilo, nem acabou a parte curricular. Disse-lhe: «Queres cuidar dos teus filhos ou queres odiar o teu pai?»

— Ele nunca foi lá acima confrontar o pai?

— Também não deixei que ele fizesse isso, houve aí uma altura em que ele andava danadinho para ir lá à fábrica, punha-se aí a imaginar conversas com o pai. Mas eu tive medo. Por isso, só lhe peço uma coisa: faça-lhe justiça, que ele merece.

Lucas meneou a cabeça em sinal de respeito e promessa.

Entretanto Jorge voltou à sala com dois sacos cheios de livros. E explicou: já havia muitos livros sobre a cultura do abuso, podia emprestá-los se ele quisesse. «Claro que sim!» Lucas sentiu-se como o gajeiro que na gávea vê o esguicho do Moby Dick. Eram sobretudo livros sobre a raia, Trás-os-Montes, as beiras serranas e Alentejo, muito Alentejo. Ou eram edições académicas e obscuras de história ou antropologia ou eram pequenas memórias de figuras locais patrocinadas por câmaras, museus, partidos. Jorge encheu outro saco com teses de mestrado e doutoramento fotocopiadas. Este considerável corpo académico e memorialístico estava debaixo de água à espera de um arpão lisboeta. Leu-os mais tarde, mas Jorge resumiu-os um por um nesta conversa: todos sem exceção confirmavam a cultura de abuso sobre as mulheres pobres e, em consequência, sobre as crianças bastardas. Sem dúvida que estes livros são amadores no estilo, até as teses académicas, mas apresentam provas irrefutáveis que ele aproveitou.

Ele ficou famoso por fazer a denúncia, mas o mérito não foi dele e sim desta mão-cheia de autores locais e académicos desconhecidos que já tinham feito o trabalho e que nós, na bolha lisboeta, desconhecíamos ou desprezávamos.

Ele não queria acreditar no que tinha à frente.

— Obrigado, Jorge.

— Agradeça-me partindo a loiça toda. Tem aqui tudo aquilo de que precisa. Vão tentar dizer que está a inventar ou que a sua mãe é um caso excecional. Não deixe: o caso da sua mãe faz parte de um padrão.

Saiu de casa de Jorge carregado com os livros e com uma mistura de sentimentos. Entre o indignado e o entusiasmado, perguntou a si mesmo: «Mas porque é que ninguém pega nesta merda? Porque é que ninguém pega no assunto que pode ser a maior radiografia do país?» Estava indignado porque este silêncio era a prova maior do desprezo das elites pela vida dos pobres, sobretudo das mulheres. Estava entusiasmado porque sabia que este tema seria seu. Comprou duas mochilas de campismo que funcionaram como alforjes carregadíssimos da mota e voltou à serra.

Na vila ligou a Helena a partir de um café: «Esqueça o livro de contos, Helena, tenho outra coisa para si. Depois falamos.» Neste café, não foi difícil descobrir o paradeiro da segunda pista dada por Mendes: toda a gente sabia que Maria dos Anjos, a ex-responsável pelo orfanato, costumava tomar café e ficar na cavaqueira com as amigas na Pastelaria Monte Alto do outro lado da vila. Lá foi petiscar nessa pastelaria e untou as mãos do empregado que o atendeu:

— Preciso que me diga quem é a Maria dos Anjos assim que ela entrar.

O outro guardou a nota e acenou com a cabeça. Quando o grupo de grã-finas locais chegou, o empregado trouxe-lhe novo café e anunciou

baixinho:

— É aquela da permanente, até parece que tem um capacete.

Abeirou-se da mesa das senhoras. Ela estava a comentar o seu enlevo: a neta que estudava medicina em Londres. Apresentou-se:

— Boa tarde, o meu nome é Lucas Andrade, sou jornalista de Lisboa e estou a fazer um livro sobre a vida das crianças nos antigos orfanatos.

Ela já estava à sua espera. Mendes já a tinha avisado e, ao contrário deste, Maria dos Anjos nunca passou pela fase do medo. Fez-lhe sinal para que ele se sentasse e pediu às outras que se levantassem, pois tinha de ter uma «conversinha com este rapaz de Lisboa». A deselegância em relação às amigas não foi reconhecida pelas próprias, que saíram como sopeiras obedientes. Maria dos Anjos tinha preparado um discurso: não valia a pena estar com fingimentos; sim, aceitou muitos bastardos de Mendes e de outros, Mendes estava longe de ser o único; os bebês já vinham numa alcofinha ou elas ficavam na instituição para terem os bebês às escondidas; os bebês eram depois dados para adoção.

— Sem papéis?

— Papéis, quais papéis? — Era outro mundo. Era ela quem escolhia quem ficava com as crianças. Nunca faltavam candidatos, ora eram ali das cidades e vilas da serra, ora do Porto, Coimbra, Aveiro, ou até podiam ser emigrantes do Luxemburgo, Suíça, Alemanha. Ela estava a descrever a situação como se estivesse perante a mais banal e legal das operações burocráticas.

Revoltado, pontapeou o vespeiro:

— Portanto, você dava crianças aos ricos. Dava-lhes aquilo que o dinheiro não podia comprar, pessoas, bebês, que retirava às desgraçadas das mães.

Ela pagou a conta e pediu-lhe para irem andar um pouco até a um jardim junto ao velho liceu onde ele fizera o quinto ano. O que ela tinha

para dizer precisava de outro resguardo. No passeio, Maria dos Anjos deu-lhe o braço, qual velhinha indefesa, e montou a sua defesa: ele podia pensar o que quisesse, ela não se arrependia de nada; isto era uma miséria que não lhe passava pela cabeça, e Mendes e os outros faziam o que queriam. Tinha ele ideia do que era esta nobreza da lã do antigamente? Iam de avioneta até Lisboa, Figueira ou Espinho. Se quisessem ir ao casino, avioneta! Se quisessem peixe fresco para o almoço, avioneta! Havia quem fosse de limusina à missa! Os «meninos», como Mendes, tinham carros de rali para fazerem corridas aí pelos cerros. Ao lado, havia gente que passava fome e frio, como a família dela. Maria dos Anjos, uma senhora que tinha hoje uma neta a estudar medicina em Londres, nascera pobre. O que podia ela fazer com gente assim que tinha padres e juízes no bolso? O que podia ela fazer quando as próprias senhoras sabiam que os filhos e maridos abusavam das criadas e operárias e não faziam nada? Ou melhor, faziam: mandavam-nas para o orfanato e ela, Maria dos Anjos, que se amanhasse. Ela, ao menos, sabia que entregava as crianças a casais decentes. Porque outras não tinham esse cuidado. Havia histórias de maus-tratos. Havia histórias de meninas dadas para serem criadas ou pior. Ela, Maria dos Anjos, era incapaz disso. Tinham de perfilhar as crianças. Portanto, ele podia escrever o que bem entendesse que ela tinha a consciência tranquila. O país inteiro era assim. Ela não roubava crianças, elas apareciam ali e era bom que aparecessem, porque caso contrário eram mortas logo na barriga da mãe ou pouco depois. Sim, isso permitia que Mendes continuasse a ser um canalha, mas, ora essa!, ela cobrava caro: Mendes dava todos os anos um enorme contributo para o orfanato. Era um benemérito local. Não, ele não a podia julgar, fizera o que tinha a fazer naquela absoluta miséria.

— Havia dinheiro envolvido? As pessoas pagavam pelas crianças?
— perguntou ele.

— Que eu saiba, não. Mas não faça isso.

— Não faço o quê?

— Você está a pensar mal, não pense como um lisboeta de hoje, tem de pensar como um camponês do antigamente: ter alguém que ficasse com um filho que se tinha a mais já era paga suficiente. Não, não abane a cabeça. Você não aceita bem isto porque não tem noção da pobreza que isto era. Você conhece a verdadeira história da bruxa lá do covão?

Verdadeira história? Só conhecia as lendas da mulher amantizada com lobos contadas por Américo, a mãe do lobisomem.

Tudo aconteceu num tempo antigo, antes de Maria dos Anjos ter nascido. Uma rapariga solteira de São Jerónimo emprenhou não se sabe de quem ou ninguém quis perceber. Começou a ser posta de lado, atiravam-lhe pedras, chamavam-lhe nomes. Os pais e irmãos estavam nas Américas, a mãe era lerda. Mulher falada não podia sair à rua. Lá ia à igreja antes de o sol nascer mas até isso lhe tiraram. Como é que alguém que não pode sair de casa pode trabalhar para dar de comer à filha? Não pode. Amantizou-se com um pastor e passaram a viver numa choupana. A filha morreu, o pastor desapareceu. Começou a parir filho atrás de filho, porque os outros pastores e mesmo outros homens iam lá aliviar-se. Mas os gaiatos não se viam em lado nenhum. Isto porque o leite de que eles precisavam tinha outro fim: ela era a ama de leite dos ricos. As senhoras que não conseguissem ou não quisessem dar de mamar iam buscar esta rapariga. Com a idade, deixou de ter este uso e viveu os últimos anos como uma loba lá naquela pequena gruta no covão.

O leite, que sempre lhe dera a história mais bonita da aldeia, a da sua irmã de leite, dava-lhe agora a história mais horrível. Uma mulher

engravidava para vender o leite materno aos ricos da região, matando assim os seus próprios filhos; matava-os pela ação ou pela inação. Porque é que ninguém da família lhe havia contado esta história? Porque é que Américo inventara aquelas lendas sobre uma bruxa? Porque o ser humano, na cidade ou na aldeia, rico ou pobre, não suporta demasiada realidade. Os aldeãos não eram diferentes dos privilegiados de Lisboa: precisavam de mitos para ocultar a realidade.

Só esta história era meio livro; tinha o poder das sagas antigas. Agradecido, despediu-se de Maria dos Anjos com um «obrigado» e com a garantia de que «o seu nome está seguro». Maria dos Anjos transfigurou-se, deixou cair a máscara teatral, a velhinha frágil, e revelou-se:

— O meu nome está seguro, sim senhor. Se não estiver, a Segurança Social vai buscar os filhos da Mariana ou então a guarda vai visitar o teu amigo pastor. Estamos entendidos, rapaz?

— O Américo? Porque é que está a ameaçar o Américo?

— Quem avisa teu amigo é. — Virou costas e recomeçou a sua caminhada de grã-fina local. A loba batida enganara o caçador tenrinho.

Voltou à casa de Mariana. Entrou de rompante, dizendo-lhe que ela tinha mesmo de falar e que já sabia que o rapazinho era filho de Mendes. Ela suspirou, sentou-se, admitiu.

— Sim, deixo que o Mendes me monte, e atão? Tás contente, tás? Já tens a tua verdade? Também me queres montar? — Levantou um pouco a saia. — Anda, eu deixo, pode ser que me lembre de como é bom. — Arrependeu-se, chorou, pediu desculpa levantando as mãos juntas em prece. — Sim, aquele cabrão monta-me, chama-me todas as sextas-feiras, todas, não falha! O cabrão do velho não sossega o facho. Ponho uma manta no chão, ponho-me de quatro, como uma cadela, ele faz o que tem a fazer e ganho mais dinheiro, às vezes até posso trabalhar em

casa, vê tu bem o luxo. — O menino, Nuno, estava para os lados da aldeia a brincar com os outros rapazes; a bebé, Vitória, começou a chorar no berço. Mariana foi buscá-la e deu-lhe de mamar com enfado. Era uma mulher consumida pela miséria e pelo abuso; se calhar, também veria com bons olhos a ideia de dar ou matar aquela bebé que lhe sugava a pouca energia que lhe restava através da mama. — O António sabe que o Nuno não é filho dele. É por isso que foi para Inglaterra, é por isso que nunca vem cá. Nunca mais vem cá... Digo por aí que continuamos juntos mas é mentira. Ele soube assim que eu engravidei porque eu não deixava avançar o namoro até àquele ponto, queria fingir que era virgem quando o cabrão do Mendes me montava todas as semanas. Estúpida de merda! — Ela chorou, ele tentou abraçá-la, ela repeliu-o. — Assim que a barriga ficou grande, o António desapareceu. Na aldeia dizem que fugiu às responsabilidades, que é mau moço, um calão! É o contrário, porra! Sei que está com outra, mas continua a gostar de mim, e manda-me dinheiro todos os meses para que eu sustente dois filhos que não são dele. — Chorou de novo, abanou a cabeça em sinal de assombro perante a santidade do seu António.

— Então a bebé também é do Mendes?

— Não. A Vitória não é do cabrão do Mendes nem é do António. Mas não quero falar disso. Atão, tás contente com a verdade? Bela merda, a tua verdade.

Ele sentou-se na segunda mesa, a que tinha o aparato da costura. Sem grande convicção, diga-se, ainda propôs à amiga a apresentação de queixa na polícia; ele deixava o livro e apresentavam queixa. Ela olhou-o com um misto de pena e repúdio. Ela não tinha intenção de apresentar queixa contra uma pessoa que conhecia desde sempre, com quem crescera, e até que admirava desde criança. Mariana odiava e admirava Mendes em simultâneo. Era o pai do seu filho. Acusá-lo não era só

destruir o homem, era destruir a empresa, o sustento de quase toda a aldeia, era condenar o seu filho a uma reputação de bastardo.

— Foi o Mendes quem me deu a primeira prenda de Natal a sério, porra!, no ano em que a minha mãe morreu, não te lembras? Ainda tenho essa boneca por aí. — Com esta frase, Mariana fez-lhe lembrar Joana, que tinha as boas memórias do pai misturadas com as memórias do abuso, as primeiras não deixavam que a mente culpasse e criminalizasse as segundas. Desistiu e tentou outro assunto:

— Mariana, olha para mim: uma mulher com quem falei, que trabalhou no orfanato da vila, ameaçou o Américo; diz que, se eu falar dela no livro, põe a guarda em cima do Américo. Sabes do que ela estava a falar?

Ela lançou-lhe o sorriso escarninho da vingança.

— Acho bem! Se vais sujar o nome da aldeia e da gente todos, então não te podes esquecer do teu amiguinho, o Américo.

— Que tem o Américo, Mariana?

— Que tem o Américo? Essa é boa! Lembras-te da Cristina, a maluca ali de baixo? Estava sempre presa no quarto, aquilo era uma prisão, coitada da rapariga. Não te lembras?

— Mais ou menos, sim.

Sim, começou a lembrar-se do quarto da maluca; quando ali passavam a caminho da escola, a rapariga berrava como um animal no curro. Mariana continuou:

— Quando a mãe morreu, o pai ficou a tomar conta dela, mas ele não queria saber, ruim como cornos aquele cabrão, a rapariga andava aí pelos montes como cadela com o cio e o Américo, olha, olha, chamou-lhe um figo. A moça aparecia rasgada, com os peitos de fora como uma loba. Emprenhou dele e não se sabe o que fizeram à criança, ela foi levada não sei por quem quando o pai morreu.

Seria possível? Américo, o bom pastor, a abusar de uma débil mental? Américo contava-lhe aquelas lendas não só para esconder a maldade coletiva da aldeia, mas sobretudo para ocultar a sua própria maldade? Em silêncio, deixou Mariana e procurou Américo tentando detetar o barulho do rebanho no silêncio do vale. Foi encontrá-lo junto à queda d'água do Mata Lobos. Américo percebeu assim que viu o rosto enlutado do antigo pupilo. Convidou-o a sentar-se numa pedra junto ao rebanho. Disse-lhe que já estava à espera que ele descobrisse. Sim, montou-se na maluca, mas pagou como todos; o pai vendia a filha deficiente nos montes. Não ter sido o único não era desculpa, mas não foi mesmo o único, ao contrário do que alguns diziam na aldeia e na vila. Culpar o pastor era fácil. E, se a moça engravidou, como se dizia, podia ser dele ou de qualquer outro, até do pai.

Sem dizer palavra, vira costas a Américo e encaminha-se para a aldeia. Quando percebe que já está fora do campo de visão do pastor, começa a correr. É a sua última vez no vale, a última. Não entra em casa, arranca com a mota sem destino pelas serras, anda às voltas horas sem fim, só se sente bem no fluxo da viagem. Já no lusco-fusco, estaciona na margem de uma lagoa e entra nu na água escura como pez; talvez seja uma barragem. Não há ninguém nesta margem, o pico do verão está longe. Começa a nadar; nada alguns minutos até ao momento em que a escuridão da água o imobiliza, o medo bloqueia-o como um brusco travão de mão. Está apavorado com o que descobriu nos últimos dias. E exausto. Nada apenas para se manter à tona. Está no centro da lagoa, tem de voltar para trás até à mota, mas as cãibras parecem facas nos gémeos e nos pés. Não consegue sair do mesmo sítio. Comete o erro de olhar para baixo para a imensa escuridão, é o negro perfeito da água

que o suga para baixo, cede à tentação, deixa-se ir, afunda-se. Submerso, ouve as ondas do mar como se existisse uma ligação entre esta albufeira e o oceano, um túnel entre mundos construído por naufragos e afogados. Não vê nada; tem mais medo de não ver nada do que da falta de ar. É este medo, o medo do cego, que o salva; ouve a última onda do mar e sente a pontada da resistência que o puxa para cima.

Para se suicidar, uma pessoa precisa de sentir em simultâneo vontade de morrer e vontade de matar. Ele já sentiu a vontade de morrer por quatro vezes, mas faltou-lhe sempre a vontade de matar. Agora é evidente que tem a vontade de matar, mas perdeu a vontade de morrer. Tem uma missão para acabar. Volta à casa da aldeia já de madrugada. O *Jolly Jumper* põe o focinho fora da casota e rosna-lhe de novo. Ai, é? Vai à cozinha buscar um pedaço de carne que atira para junto da casota; assim que o cão se distrai com o engodo, mata-o com sucessivas pauladas na cabeça. Enterra-o nos montes atrás da casa; por ali, algures, está enterrada a sua meia-irmã, a menina que foi mais loba do que ser humano. Já dentro de casa, passa junto ao quarto da avó. A grande loba ressona. Era tão fácil matá-la, não era? Sente um certo prazer. Ela deitou-se há umas horas assumindo que esta é só mais uma noite, assumindo que estes não são os últimos minutos de sono da sua vida, assumindo que o anjo da morte não está à porta do seu quarto a pensar se a leva ou não. Não, não entra no quarto. Continua a faltar-lhe qualquer coisa, não muito, para ser um homicida.

Da culpa e do amor

A IDEIA ORIGINAL ERA REGRESSAR A LISBOA a tempo de fazer os exames finais, mas não quis saber da faculdade. Só tinha olhos para o livro. Sabia que tinha um projétil nas mãos. É uma sensação muito característica: saber que se está a montar uma bomba mental que vai destruir e reconstruir as percepções do público. A urna da mãe nunca saiu do saco de viagem.

O bairro, porém, não lhe deu ordem de soltura, não o deixou escrever. No primeiro jantar em casa, o pai, muito agastado, informou-o de que Joana andava a ligar ali para casa e até para a fábrica. Queria falar com ele. Ela ia à fábrica e até aparecia no tal negócio novo de Romão, a sua menina dos olhos: a Urbanização Azul. Tentou não pensar em Joana, focou-se no livro e nesta Urbanização Azul, o símbolo da nova fase de ascensão do pai. O Bom Gigante do Janeirinho ia passar a ser construtor, projetando bairros inteiros desde a planta até aos acabamentos com uma equipa de arquitetos, um requinte citadino no meio da desordem e do desenrascanço. Conseguira comprar o velho baldio entre o Janeirinho e o Eulália e estava ali a construir esta nova urbanização, um espaço diferente dos outros condomínios; não a queria fechada, com guarda e cancela; projetara-a enquanto espaço comunitário composto por prédios desenhados de forma a não haver becos, recantos escuros e ângulos cegos — o bairro do futuro. Romão fez questão de levar à obra: eram dez prédios mas não estavam colados numa fileira,

estavam separados, todos tinham jardins, relvados e parques à sua volta; as portas dos prédios estavam viradas umas para as outras, convidando ao convívio — era a revogação arquitetónica do caos e do medo que os rodeava. Estava tudo ainda na fase dos caboucos, três ou quatro camiões-betoneiras dominavam o estaleiro.

— Vamos pintá-los de azul-cobalto e azul-turquesa, as cores da tua mãe — anunciou o Seu Romão num soluçar discreto. Pai e filho não podiam ser mais diferentes na forma como lidaram com a fealdade que os rodeava. Romão lidou com o mal através da construção da esperança, o oposto do caminho de Lucas Andrade, que procurou dissecar o mal pústula a pústula. Ele escreveu sobre crimes praticados em baldios como este; o pai arquitetou urbanizações luminosas em cima destes baldios de infame reputação. Romão limpava, e continua a limpar, o mal da face da terra; ele colocava o mal em formol para posterior estudo.

No dia seguinte, o telefone tocou. Era Joana. Falou num tom aflito que o incomodou: era sinal de que ainda se preocupava com ela.

— Podes vir ao salão, preciso mesmo falar contigo.

Balançou, acabou por ceder. A hipótese de reconciliação passou-lhe pela cabeça. A falta de sexo também. Um homem não pode viver só de teologia. No salão, encontrou o harém numa festa de anos. Odete fazia cinquenta anos, preparava-se para arrumar as chuteiras, ia agora trabalhar nos lares. «Chupei-os em novos, agora vou lavá-los em velhos», gracejou Odete no momento em que deu dois beijinhos ao seu Senhor Doutor. Ao centro, a Francesa soprou as velas ao lado da sua Odete e dos filhos desta. A Vó também cuidava dos filhos das suas raparigas, eram os seus «afilhados», que a tratavam por «madrinha». Ela pagava creches e amas, comprava material escolar se fossem espertos. Não sonhava com faculdades, mas já tinha afilhados canalizadores, soldadores, soldados, mecânicos, técnicas de laboratório, secretárias e

polícias. Sim, alguns polícias eram afilhados da Francesa. Estava a pregar ao filho mais velho de Odete aquilo que sempre pregara: «Aprende um ofício que *eles* não te possam tirar, aprende um trabalho de que *eles* precisem e não saibam ou não queiram fazer.» O discurso era o de sempre, havia, porém, qualquer coisa diferente nela. Felicidade? Seria possível? Sim, era: deu as mãos a Zé Alemão, o valido dos capangas, que, pelos vistos, subira na vida amantizando-se com a magnata do lenocínio. Ele piscou o olho a Zé. O outro sorriu-lhe. É comovedor e constrangedor ao mesmo tempo ver um sorriso terno num rosto calejado que ganha a vida a espancar e a matar. Zé foi buscar duas cervejas e contou-lhe como foi: «Uma noite fui levá-la a casa como de costume e ela pediu-me pa ficar, não queria ficar sozinha, tamos a ficar velhos, eu e ela, a idade começa a pesar. Por falar em tarmos sozinhos, olha lá!, a gente sentimos todos a tua falta aqui, caralho.» Na qualidade de avô emprestado de Joana, Zé estava a tentar reatar o namoro. A lógica do cupido continuou quando a Vó se aproximou: beijou-o como se estivesse a fazer as pazes por Joana, como se estivesse mandatada para refazer o noivado. Era evidente que Zé Alemão lhe fazia bem. E também ficou evidente que a sua nova alegria tinha uma causa adicional: a festa não era só a despedida de Odete, era também a receção do filho da Vó, o pai de Joana, o infame Carlinhos. Eles, Carlinhos e Joana, apareceram lado a lado. Ela, tensa. Ele, desengonçado. Carlinhos era uma figura meio apalhaçada: roupa demasiado formal e dois números acima, cabelo lambido para trás com gel — uma caricatura do proxeneta. Ninguém o levava a sério. As prostitutas e os jagunços olhavam para ele da mesma forma que olhariam para um pirralho. O humor involuntário de Carlinhos aumentava quando abria a boca. Se a Francesa usava muitas expressões em francês devido à emigração na Suíça, Carlos falava através de um estranho dialeto que misturava

português e inglês. A sua bengala oral, usada a cada segundo como um metrófono, era o «faquíu»; dizia coisas como «peixe frisado» ou «parquear o carro». Carlinhos era tão burlesco, risível e inofensivo que era impossível associá-lo a um crime como a violação da própria filha — um artista da camuflagem.

De mansinho, Joana deu-lhe a mão; ele sentiu um arrepio que tentou contrariar. Ela levou-o para o bar. A expressão que trazia no olhar era clara: estava aterrorizada com a presença do pai. Beberam um copo, saíram pouco depois para a nova casa dela. Zé Alemão ficou a sorrir, assumindo que iam mesmo consumir o regresso do noivado; era mesmo um sorriso de avô, tinha mais meiguice do que todos os sorrisos do avô Manel combinados.

Joana vivia numa torre nova, o edifício mais alto, moderno e caro do Janeirinho; tinha o último andar, o que lhe dava um acesso exclusivo ao terraço. Era uma norma não escrita do condomínio: o terraço era da neta da Francesa; as portas do apartamento e do terraço estavam quase sempre entreabertas, formando assim uma penthouse. Foi no terraço que falaram. A vista sobre Lisboa era incrível. E o que ela tinha para contar era ainda mais incrível. Acendeu um charro e contou: o pai, o jogral Carlinhos, regressara de Londres porque ocorrera uma mudança sísmica no bairro nestes meses todos entre o cancro de Augusta e o regresso dele à serra: o bando de David, do Pernas e do Fanã tinha sido desmantelado. Com as mãos a tremer, Joana deu-lhe os recortes dos jornais: «Fernando Cunha, conhecido por Fanã, foi preso e depois desapareceu através de uma fuga que já era lendária: fugiu da própria sede da PJ, pois conseguiu subornar dois agentes.» Era um dos escândalos do momento. «David Dias, seu lugar-tenente, anda a monte.» Ele encostou-se ao parapeito do terraço; abanou a cabeça em sinal de desalento. Sempre assumiu que a polícia jamais apanharia a astúcia de David.

— Sabes onde ele está?

— Não. Não o vejo há uns dois meses.

— Que se passou?

Ela passou-lhe mais jornais. O Fanã e David foram demasiado ambiciosos, quiseram controlar um bar de alterne icónico da noite de Lisboa, frequentado pela fidalguia; queriam fornecer mulheres e seguranças. Ameaçaram com violência: com o Fanã lá dentro a tentar extorquir o dono, David ficava à porta com a guarda pretoriana da sua claque de futebol; enviaram cartas ameaçadoras escritas com letras de régua. Por fim, lançaram o ataque final: incendiaram a boíte, causando onze mortos, uma das grandes matanças dos últimos anos. Ele sentiu de imediato o horror, uma punhalada invisível na barriga: foi David quem pegou fogo à boíte, não teve dúvidas, não precisava de provas, tinha a certeza; sim, aquele era um *modus operandi* de David, que já lançara fogo pelo menos ao Café Carminho. Horror: o seu melhor amigo queimara vivos onze seres humanos, clientes, alternadeiras, o dono. Horror e culpa: quando David incendiou o Café Carminho, ele podia ter censurado o ato e procurado uma mudança no amigo. Horror, culpa e impotência: se tivesse dito alguma coisa, não teria tido qualquer impacto, David era impermeável à crítica e à moral. Só se interessava pela aventura, fosse ela qual fosse.

Todos os pormenores eram macabros: entraram de rompante na pista da boíte e alguém gritou «vão todos morrer queimados»; clientes e alternadeiras juntaram-se em pânico no canto mais distante, não conseguiram fugir porque a porta das traseiras, que era a saída de emergência, estava bloqueada; a seguir deitaram gasolina no chão da pista e atearam fogo; uns morreram queimados, outros morreram asfixiados no fumo tóxico libertado por cortinas, sofás e plásticos.

— Sabes que foi o David que queimou estas pessoas, não sabes? — disse ele enraivecido, mais contra ela do que contra David. Ela chorou, sentiu que era verdade, mas recusou aceitar.

— Não, não foi.

Ele insistiu.

— Sim, Joana, foi o *teu* David quem queimou estas pessoas.

Ela cedeu um pouco, alegando que aquilo era só para ser um aviso, um pequeno incêndio para assustar e não uma matança propositada, o que aliás era a tese prevalecente na ingénua imprensa lisboeta. Ele ainda tentou namorar esta ideia, também queria uma escapatória. Por instinto ninguém quer ser amigo de um assassino. Mas não: David não era incompetente. Se morreram onze pessoas é porque ele queria que morressem pessoas; queria que *elas* morressem. Queria destruir a roda do mundo à sua maneira, queria impor a sua vontade aos fífis. A saída de emergência não estava trancada por negligência, foi bloqueada de propósito por David. Com David não havia coincidências.

Enquanto Joana tentava acender novo charro com fósforos que não funcionavam devido à ansiedade dos seus gestos, ele continuou a ler os jornais. Foi fácil à polícia seguir a pista de David e do Fanã, pois sabia-se no submundo que eles estavam há muito a tentar colonizar a noite lisboeta a partir do morro. Não esconderam o rasto, foram petulantes, deram nas vistas. David não era a Francesa; ela era invisível, ele queria ser visível. Ambos competiam no negócio da noite nos morros e ao longo de toda a zona saloia até Leiria. Mas David fez algo que nunca passaria pela cabeça da Francesa: ultrapassar a cerca sanitária, a Segunda Circular, e incomodar a fidalguia lisboeta. A Francesa fazia o oposto: oferecia serviços aos finórios, desensarilhava-os. Um médico, um daqueles que se fartava de aparecer na televisão, pediu uma audiência à Vó: queria que ela resolvesse um problema com a filha; a

miúda estava apaixonada por um traficante. Claro que o cavalheiro em questão acordou de tímpanos furados e pendurado de cabeça para baixo numa árvore na serra de Sintra — este serviço, que a polícia não podia oferecer, era a especialidade de Zé Alemão. Também nunca passaria pela cabeça da Francesa executar o seguinte plano que a polícia derramara nos jornais: numa golpada genial, David atraiu dez craques de futebol para uma festa com prostitutas de luxo num dos clássicos apartamentos das torres de Telheiras; durante as festividades, elas tiraram fotos comprometedoras de cada um; passada uma hora, David entrou de rompante com os seus hooligans, surpreendendo os jogadores, que foram esmurrados, algemados e roubados; desapareceram os relógios e as chaves dos carros, que foram roubados e desmantelados pela equipa do Zarolho nessa mesma noite. E claro que os jogadores foram chantageados: se apresentassem queixa, as esposas e os jornais receberiam as fotos da pândega. David queria que *eles*, os poderosos, sentissem o seu génio. Pagou o preço.

Ele escondeu a admiração pela coragem brilhante de David e foi moralista, vingativo, pequeno:

— Trocaste-me por este gajo, Joana?

Manteve-se calada com um espelho de água nos olhos. Não dava para perceber se eram lágrimas de amor por David, um amor foragido, ou lágrimas de amor por ele, um amor perdido.

— Ele disse que também queria ter filhos. É o que eu mais quero, ter filhos, sabes disso, não sabes?

— E tu acreditaste, Joana? Ele já tem uma filha e não a vê, Joana! Vocês começaram quando eu estive na América, não foi? Ou quando passei a cuidar da minha mãe? Não percebeste que ele estava só a tentar vingar-se de mim, a tentar humilhar-me, como sempre fez desde que aqui cheguei?

— Porque é que ele ia fazer isso? Sempre achaste que és o centro do mundo, e não mudaste nada, caralho! Ele andou comigo por causa de ti e não por causa de mim? Foda-se, é mesmo isso que tás a dizer?

Ele disse aquilo por dizer. Na verdade pensava outra coisa: David aproximou-se de Joana para tentar sacar segredos ao clã rival da Francesa ou então estava mesmo a tentar o golpe do baú. Se casasse com Joana, se lhe fizesse um filho, entraria por cima no clã da Francesa, o mais poderoso de todos. Ao ser o pai da bisneta da Francesa, seria quase intocável e estaria *de facto* dentro da família e do negócio através dos laços de sangue.

Ela atacou de novo.

— O David nunca teria dado a bebé da barraca, aquela que salvámos, nunca. É um homem a sério. — Parou e carregou nas cores procurando a máxima humilhação. — Fode-me com gosto, com vontade, muito melhor do que tu, foda-se, mil vezes.

Ele não reagiu. Só perguntou:

— Não sabes mesmo onde é que ele está?

— Não, caralho, já te disse.

Ele saiu do terraço, desceu até ao apartamento por um lanço de escadas tão mal construído que dava uma permanente sensação de insegurança, o piso era escorregadio, o corrimão era demasiado baixo. Entrou pela porta que ficara entreaberta; ela veio atrás e assim que entrou foi buscar outro charro, o terceiro, e tentou pacificar a conversa. Garantiu que o Pernas cometera um erro: assanhar Anabela Dias, o ser humano que vivia na carapaça da Francesa. Nos dias em que andou a monte na zona saloia após o incêndio, o Pernas violou e matou uma ex-namorada em Bucelas: violou-a à frente da mãe, matou-a e depois violou a mãe ao lado do cadáver da filha.

— A Vó está a caçar o cabrão — afiançou a Joana.

Saber que o Pernas ia ter uma morte horrenda encheu-o de alegria. A Vó matava sem as setas indolores de Ártemis.

— Mas ouve lá, a Vó não ficou lixada por andares com o capanga do Fanã? — Ele fez esta pergunta com um sorriso cínico, queria desligar-se dela. Joana garantiu que a Vó não sabia de nada. Ele manteve o sorriso cínico e pensou: claro que sabia, era por isso que tinha instalado Joana nesta penthouse, retirando-a do salão onde tudo se passava.

Todas estas desventuras criminosas eram a causa do regresso de Carlinhos. Com o Fanã e David fora do jogo, a Vó ocupou o espaço livre e, por isso, trouxera de Londres o filho. Precisava de mais gente de confiança. Joana estava assim a viver o pior pesadelo possível: perdera David, o novo amor, e readquirira um pai abusador, que, sem surpresa, já tentara abusar dela. Com o corpo e rosto contraídos pelo asco, Joana fez um gesto que indicou que o pai já lhe tocara no peito e no sexo desde que chegara.

— É por isso que tenho isto aqui à mão. — Abriu uma gaveta e mostrou-lhe uma pistola.

Ele levou as mãos à cabeça e disse-lhe que ela não devia ter aquela arma, ainda se desgraçava. Não o ouviu. Tentou seduzi-lo. Queria-o ali, queria proteção, queria um dissuasor que afugentasse o pai. Ele recusou o beijo que ela lhe tentou dar e foi direto à ferida:

— Estás maluca, só pode! Ainda por cima estás mais feia, não sei o que via em ti, a sério, pá, sempre foste feia, mas agora estás ainda pior. Estás mesmo chunga com essas argolas, essas unhas, esse batom de puta.

Desfeita, ela olhou para ele em horror, não estava à espera que ele tivesse esta crueldade; ele também não. Joana deixou-se cair no sofá a chorar. Ele sentiu vontade de lhe fazer mal. Ela estava de saia, seria

muito fácil. Já estava deitada no sofá de barriga para baixo, seria mesmo muito fácil.

Desceu até à ribeira, precisava de falar ou, pelo menos, de ficar submerso na paz de Judite. Entrou e não a viu, não estava mais ninguém, nem a empregada que tratava dela a mando de Romão. Os tios e as tias não estavam. Procurou-a, ainda ao longe ouviu a sua voz e por isso assumiu que estava com alguém, talvez com a tal dama de companhia, talvez com Romão. Não. Enquanto mondava a terra cada vez mais abandonada, cada vez mais charneca e menos horta, Judite estava a falar sozinha, ou melhor, estava a falar com um Joaquim imaginário: «Já viste a ninhada daquela coelha preta, oito, são oito!», «Já viste como está tudo por amanhar?» As viúvas mantêm um pensamento mágico que não aceita a morte dos maridos, recusam iniciar o luto no mundo real, mantêm-se num mundo mágico onde eles permanecem vivos. Ali, na realidade paralela que foi sempre a horta, esta negação era ainda mais fácil; na verdade, era mais a continuação da normalidade mística do *kibutz* do que uma rutura. Ele, porém, sabia que não podia encarar a situação pelo lado poético; saiu sem lhe dizer nada e a chorar.

Tinha de sair do Janeirinho. Tinha de fugir da morte em vida de Judite. Tinha de sair do domínio de David, que, mesmo a fugir da polícia, imperava sobre a sua vida. Para isso tinha de entrar no domínio de Augusta e acabar a investigação do livro. Faltava-lhe o início da vida da mãe. Na mala de viagem, voltou a cobrir a urna com roupa e zarpou para norte. Em Ílhavo, não foi difícil descobrir o X do mapa do tesouro familiar: o casarão amarelo com torreões que dominava as memórias de Augusta também dominava parte desta pequena cidade. Num café próximo confirmou que aquela era mesmo «a casa dos Cabrais». Bateu à

porta. Uma senhora já bastante idosa mas de olhar muito consciente olhou durante alguns segundos para ele em silêncio e depois profetizou:

— Estava à sua espera há muito tempo. Entre.

Ele abriu os olhos de pasmo.

— Peço desculpa, como assim estava à minha espera?

A senhora, uma madame na linguagem de Augusta, sorriu.

— Você é a cara da sua mãe, e eu sabia que um filho da Augusta apareceria aqui um dia. Não me enganei, pois não?

Chamou uma empregada e pediu chá. Sentaram-se.

— O meu nome é Lucas Andrade. Sei que você é a Senhora Cabral, mas não sei o seu nome.

— Lucas?

— Sim, Lucas.

— Como o político, como a apresentadora, como o jogador ou como o apóstolo? — perguntou ela com um sorriso aguçado.

— Acho que é como o médico, não como o apóstolo.

Ela largou uma gargalhada de cumplicidade bíblica.

— Mas ainda não me disse como se chamava.

— Maria Adelaide. Trate-me por Adelaide. E como está a sua mãe? Irrequieta como sempre?

Adelaide emocionou-se quando recebeu a notícia.

— Tão nova, meu Deus.

Foi buscar algumas fotos muito antigas.

— Olhe aqui a sua mãe!

— Onde?

— Aqui, é esta da esquerda.

Não a reconheceu. Aquele rosto era diferente do rosto a que estava habituado. Aquela e outras fotos que lhe foram oferecidas por Adelaide revelavam uma menina alegre, de sorriso aberto, sem aquele peso nos

olhos. A verdade mutilara Augusta. No dia em que a mãe adotiva lhe contou a verdade, Augusta transformou-se. Não perdeu apenas a inocência, também perdeu as feições do rosto, mudou de identidade. Para que serve a verdade se mutila assim as pessoas? Ainda de chávena na mão, Adelaide levou-o ao anexo onde Augusta vivera com os pais adotivos. Já não era usado.

— Agora já não se usa criada interna. Nem se pode dizer «criada», ui, ui, é empregada ou mulher-a-dias.

Era impossível não simpatizar com a inteligência irónica desta senhora, que continuou a preencher o vazio: Madalena e Francisco, os pais adotivos de Augusta, estavam agora num lar; Madalena ainda estava bem, mas Francisco tinha Parkinson.

— Sou eu quem paga as mensalidades, é o mínimo que posso fazer pela *minha* Madalena. Que saudades de a ter aqui. Nem imagina. Não era a minha criada, era a minha amiga. E também gostava muito da sua mãe, tentei ajudar no que foi possível.

O velho quarto de Augusta ainda era o mesmo: a mesma cama de ferro, a mesma mesinha de madeira pintada de branco que fazia de escrivaninha, um bacio de esmalte debaixo da cama. Adelaide sentou-se na cama e confirmou a história que ele trazia.

— Sim, a sua mãe era muito esperta, boa aluna, era eu quem a ajudava com os deveres; mas desde que soube a verdade... sei lá, nem sei como dizer... olhe, parecia possuída pelo demónio.

— Dona Adelaide, pode vir comigo ao lar onde eles estão?

— Não me trate por Dona, credo, homem! Só Adelaide. Sim, claro, vamos lá quando quiser. Quer ir agora mesmo?

— Sim.

— Você está com o fogo no rabo, homem.

Ela, Madalena, não estava. Ele, Francisco, estava sepultado vivo num sofá sem qualquer expressão, nem verbal nem gestual. Maria Adelaide apresentou-o.

— Olhe, Chico, este aqui é o filho da Augusta, chama-se Lucas, Lucas Andrade.

Francisco chorou. Um velhote roído pela Parkinson fica reduzido à primeira comunicação do ser humano em bebé: chorar. Uma funcionária apareceu com o distinto propósito de os ajudar a quebrar o gelo.

— Aqui o Ti Francisco é um bom menino. O Ti Francisco porta-se muito bem.

O paternalismo da funcionária irritou-o. Tinha mesmo de o tratar como uma criança? Não se quis envolver todavia. Não estava ali para ser neto.

Ao longe, começaram a ouvir uma voz de uma velhota. Adelaide fez-lhe sinal com a cabeça: era ela. Quando atravessou a porta e deu de caras com ele, Madalena teve uma quebra de tensão, sentando-se de imediato numa cadeira. Ele aproximou-se, agachou-se à frente dela. A avó Madalena Andrade era mesmo o seu oposto genético: branca, olhos grandes e claros.

— Sou o seu neto, chamo-me Lucas, sou filho da Augusta. Não tem de me contar a história, já sei tudo. Venho só dizer-lhe que ela morreu este ano.

Ela abanou a cabeça devagar, sem drama. Já fizera o luto há décadas.

— Eu percebi assim que o vi. Obrigada pelo cuidado de ter vindo aqui.

— Não, por favor, não me trate por você; trate-me por tu, sou seu neto.

Pouco depois deixaram Francisco ao cuidado das funcionárias e foram os três jantar à casa amarela. Foi um jantar estranho: como é que

se fala com uma avó adotiva que estamos a ver pela primeira vez? Após o jantar, ele foi à mala buscar a urna e disse-lhes que gostava que espalhassem as cinzas num local que considerassem especial para Augusta. Ambas se comoveram e ambas garantiram o mesmo em simultâneo: Augusta adorava a ria, as pequenas praias interiores.

— Então, façam-me um favor: atirem as cinzas à ria, onde acharem melhor.

A vida de Augusta fechava assim o círculo, mas não a dele. Estava na família da mãe, é verdade, mas não sentia nada; nenhum círculo mágico se estava a fechar à sua volta. Esta indiferença ajudou no que se seguiu. Perguntou se podia conhecer a parteira que trouxera a mãe.

— A Clotilde? — disse Adelaide. — Claro que sim.

Madalena hesitou, até que anuiu também.

— Tratamos disso amanhã — disse.

Ele foi levá-la de volta ao lar, e voltou à casa amarela para encontrar Adelaide a preparar o velho quarto de Augusta. Adelaide assumiu que dormir ali o deixaria feliz. Ele sorriu-lhe, claro, mas, de novo, nada sentiu quando se deitou na velha cama da mãe. Era suposto sentir epifanias fluorescentes? Era suposto ver uma auréola reluzente à volta? Era suposto sentir o cafuné da bondade no cangote? Só sentiu lençóis velhos e encardidos.

No dia seguinte, Madalena levou-o a casa da tal Clotilde, a parteira. A conversa não durou muito. Como a própria avisou, não era «de conversas» e tinha «mais que fazer». Ele disse aquilo que sabia: que o apelido da família original era Resende ou Resendes e era muito pobre. Clotilde abanou a cabeça para dizer que sim e garantiu o seguinte: se ele fosse logo a seguir ao almoço ao Café Central de uma dada terriola encostada à ria, junto ao canal de Mira, ia encontrar quem procurava; só tinha de ficar à espera no tal café. E foi isso mesmo o que aconteceu:

entrou no tal café na hora de almoço, pediu um prego e uma cerveja, esperou até à aparição fantasmagórica — entrou ali uma mulher que era igual à mãe, era como se Augusta tivesse ressuscitado. Esta sócia de cinquenta anos de Augusta sentiu o mesmo baque quando o viu. Ele aproximou-se:

— Estou tão espantado como você. Calculo que seja minha tia. Você é tal e qual a minha mãe, Augusta.

A senhora, com roupa e trejeitos óbvios de prostituta, fez um sorriso indecifrável.

— Não tava à espera que lhe chamassem Augusta. Foi o único pedido da minha mãe.

Sentaram-se. Chamava-se Rosa. Não fingiu tristeza pela morte da irmã que mal conheceu; estava demasiado ferida pela vida. Tinha todas as marcas da prostituição de rua: pele destruída pela droga, olhos baços e alcoólicos, mãos encardidas, desdentada, roupa e linguagem destravada.

— Caralho, Zé, o café é pa hoje ou pa manhã?

Mais uma vez, ele não sentiu qualquer epifania. Ali estava perante o sangue do seu sangue, o rosto do seu rosto, mas continuava a não sentir o colo do reencontro. Rosa contou-lhe a história sem qualquer melodrama, quase a despachá-lo. E, assim que ela começou a contar, ele percebeu que, além de não ter direito ao tal equilíbrio celeste do reencontro, também ia sentir um desequilíbrio bem terráqueo: a história contada por Augusta estava incorreta. Madalena mentira.

Augusta era a mais nova de oito e não nasceu em casa com a parteira. Foi a única a nascer no hospital e, por isso, foi logo cobiçada. Ao lado da sua avó biológica, que se chamava Catarina, uma senhora de Aveiro ou Ílhavo, que tinha sempre abortos espontâneos, tentou ficar com Augusta através de um conluio clássico com os médicos e as

enfermeiras. O médico, um Dr. Sousa, tentou convencer Catarina: «Olhe que é menos uma boca.» Catarina não aceitou. Ele sentiu por fim uma ponta de emoção no rosto gasto de Rosa:

— Sabes o que lhes disse a minha mãe, a tua verdadeira avó, caralho? «Olhem, eu já criei sete, acho que consigo criar mais uma!» Ganda mulher. Era uma mulher do caralho, a minha mãe.

A coragem de Catarina «foi sol de pouca dura», todavia. O marido morreu logo a seguir, deixando-a sozinha no sustento de oito bocas; Catarina «não teve outro remédio». Falou com a parteira. Sabia-se que essa Clotilde era «a cegonha de muita criança encomendada».

Ele pediu uma cerveja. Rosa, à boleia, pediu um bagacinho.

— Pagas um bagacinho à tia, não pagas?

Emborcou o bagaço e continuou. Augusta só conhecia a história a partir daqui: numa noite, a parteira levou-a numa alcofa até à casa amarela. E também desconhecia outro pormenor decisivo.

— A minha mãe — continuou Rosa, de copo vazio na mão, — nunca mais foi a mesma, viveu sempre com a culpa, até porque, pá, foda-se, aquele envelope não ajudava.

Ele sentiu a ponta da faca.

— Desculpe? Envelope?

— Claro.

Sentiu a faca a entrar.

— Você está a dizer que a sua mãe vendeu a minha mãe à Madalena?

— Não sei como se chama essa puta, mas sei que, na noite em que levou a bebé, a parteira trouxe um envelope, ficou numa gaveta da mesa da cozinha.

Sentiu a faca a rodar, abrindo-lhe a carne.

— Fez-me lembrar o envelope que se dá ao padreco no dia da procissão, ele entra para abençoar a casa e o caralho e toma lá um envelope para adoçar os beijos, que o nosso senhor também come. A minha mãe não tocou no envelope durante semanas, ficou lá escondido.

Ele perguntou ainda azamboado:

— Vocês venderam a minha mãe?

A resposta foi clara. Rosa falava com o desprendimento da prostituta, que é a personagem que mais vezes fica perto da verdade nua e crua:

— A minha mãe disse sempre que não, mas não é verdade. Podes crer que foi vendida, puto! Que outro nome há pro que se passou, caralho? Nesse ano, passámos a comer bem, carne, leite, manteiga. Tive uns sapatos. Sabes o que era nós termos sapatos? O dinheiro veio de onde? Só podia ser daquele envelope.

Rosa pediu um café com cheirinho e garantiu ao empregado que «aqui o meu sobrinho paga a conta». A seguir gritou a despropósito para o resto da clientela que «este rapagão aqui é meu sobrinho». Voltou ao tom normal para continuar o relato.

— Olha, puto, não penses que é a única. Houve muita gente por aí a vender canalha, quem tratava disso era aquela puta da Clotilde.

— A parteira, não é?

— Sim. Houve muito dinheiro a andar de um lado pro outro. Muito terreno a ser comprado com a venda daqueles que, olha pá!, tavam a mais.

— A sua mãe, Catarina, não é?, nunca se arrependeu?

— Acho que sim. Uma vez pediu-me para ir com ela a Ílhavo ou Aveiro, já não me lembro, meses depois, ficámos a andar de um lado para o outro ao pé de uma casa amarela, devia ser a casa da família que ficou com a tua mãe. Mas não foi capaz de entrar. Não sei se a queria de volta, se só queria dar um beijo e dizer adeus, não sei.

Ele levantou-se, foi até ao balcão, pagou a conta com mais um café com cheirinho e saiu, nem se despediu da tia. Estava furioso: voltou ao lar para confrontar Madalena, que não chorou. Já estava à espera que ele descobrisse. Falou sem soluçar: sim, era verdade; tinha abortos espontâneos, uns atrás dos outros, não segurava os bebés; no hospital, o Dr. Sousa tentou convencer uma mulher que estava ao seu lado; ela recusou, mas, mais tarde, devido à morte do marido, arrependeu-se.

— Arrependeu-se porque você deu-lhe dinheiro, não foi? Você comprou a minha mãe?

— Não, credo. Nunca.

— Está a mentir.

— Não, não estou.

— Diga-me a verdade! — Este não foi um grito de autoridade e comando. Pelo contrário, levava a comoção de quem estava prestes a chorar. Ela cedeu e, entre soluços, argumentou que as coisas eram assim. Ele fez uma pausa dramática e disse: — Olhe, avó —, nova pausa dramática para que se ouvisse bem a maldade daquela avó — ainda não atirou as cinzas à ria, pois não? — Não, não tinha. — Então, faça-me o seguinte favor, avó: ponha a urna num saco que eu depois passo cá para a levar. — Aqui, sim, Madalena chorou.

Lucas saiu do lar de terceira idade, voltou à casa amarela. Adelaide não sabia do envelope, mas considerou-o normal. Sempre ouvira histórias dessas: parteiras, médicos, enfermeiras e até criadas que recebiam um agradozinho pelos serviços de intermediação. Ela percebia a ação de Madalena, mas também percebia o desamparo dele. Como é que se pensa uma coisa destas? Madalena comprou Augusta, um mal que parece absoluto, porque queria muito amar uma criança, um bem absoluto. Nesse sentido, o mal que era absoluto passa a ser relativo ou, se calhar, até deixa de ser um mal.

— As coisas não eram como agora — adiantou Adelaide num discurso que ele já conhecia de cor. — Agora não ter filhos não faz mal, ninguém se mete, ninguém diz mal. Na época não ter filhos era uma vergonha. Lembro-me de em pequena, ali numa aldeia perto de Viseu, onde o meu pai tinha terrenos, uma rapariga atirou-se de uma ravina abaixo porque não conseguia engravidar. As mulheres da aldeia diziam que estava embruxada. A rapariga enlouqueceu, meteu na cabeça que estava amaldiçoada, e matou-se. Atirou-se lá de cima.

Ele perguntou pelo médico, o tal Dr. Sousa.

— Acha que fala comigo?

— O Sousa? Fala, fala, oh, se fala! Pode ter a certeza. Ele até já escreveu livros, é só ir procurar ali ao museu ou à câmara.

Na manhã seguinte, ele foi então ao museu local ler os livros deste Dr. Filipe Sousa. Mais uma vez, eram edições locais com o patrocínio de câmaras. Dois eram sobre as suas aventuras na frota branca, pastiches do Bernardo Santareno, autor que a stora La Salette lhe recomendara há já uma década. O terceiro livro era sobre a medicina nas vilas e aldeias, um pastiche do Torga. Eram livros duros, sim, mas abstratos, falavam da pobreza e não de pobres concretos e não faziam qualquer menção ao sistema que ele estava a expor: a exploração da mulher pobre, enquanto gueixa gratuita e enquanto barriga de aluguer barata. Ao jantar, Adelaide tentou avisá-lo: sabia ele onde se estava a meter? Tinha ele pensado nas consequências desta investigação para si próprio? A maioria das pessoas como ela, remediadas ou ricas, ia odiá-lo, porque ninguém queria saber que o avô fofinho das fotos de Natal era um abusador de criadas ainda menores e um canalha que não perfilhava filhos. E os mais pobres? Achava ele que o iam elevar à condição de justiceiro? Podia esquecer isso, ia ser odiado, porque ninguém se queria lembrar dos tempos em que se podia dar ou vender um filho ou irmão, porque ninguém gosta de

saber que é bastardo ou que vem de uma linhagem bastarda. Agradeceu a preocupação, mas perguntou pelo número do Dr. Sousa. Ela levantou-se, ligou ao tal Dr. Sousa e passou-lhe o telefone. Combinou a entrevista para o dia seguinte.

Na casa do Dr. Sousa, a entrevista não correu bem. O cavalheiro tinha pretensões literárias e estava radiante com o interesse do jovem jornalista de Lisboa. Tratou-o por «discípulo da Helena Castro e Sousa», o que denotava contactos bem colocados no Porto ou em Lisboa. Lucas estava cansado e sem paciência para salamaleques. Começou sem rodeios com a cena que tinha na cabeça: a avó verdadeira, Catarina, deitada na cama da esquerda com uma Augusta recém-nascida nos braços; ele, Dr. Sousa, tenta convencer Catarina a dar a bebé à senhora que está na cama da direita, Madalena. Sousa fez-se de parvo e, de novo, escondeu-se atrás de padrões coletivos que já tinha deixado nos livros. Falou-lhe das mulheres que desciam os cerros para dar os filhos às casas mais ricas: «Por favor, fique-me com esta filha para que aprenda a servir», suplicavam estas coitadas. Ou davam as crianças ou elas acabavam por morrer de doença, má nutrição, maus-tratos, no fundo, infanticídio indireto. Era mais comum darem as raparigas, porque havia sempre espaço nas casas mais ricas para criadas, cozinheiras ou amas. Por outro lado, os rapazes davam mais jeito aos pobres na lavoura ou na pesca. O Dr. Sousa era assim, gostava de palestrar:

— Vocês, jovens, não fazem ideia da pobreza que havia nestas terras. A pobreza e a ignorância. Com o tempo, o médico passou a ser um deus, mas, quando comecei, as pessoas das aldeias ainda tinham medo do médico, tinham medo de mim como se eu fosse Belzebu, você não imagina a ignorância, as mulheres ajoelhavam-se quando ouviam uma telefonia, acredita?, achavam que era coisa do demo ou um milagre. Eu cheguei a coser mulheres com linhas de botões descosidos. Amigo,

nestas hordas de povos, os homens montavam-se nas bácoras. Não sei se me estou a fazer entender.

— Perfeitamente.

— Ainda se faziam linchamentos. Estava eu a estudar quando houve um caso famoso ali para os lados de Arouca: um deficiente da aldeia, um pobre coitado todo desfigurado, está a ver o Homem Elefante daquele filme?

— Não é preciso o filme, há um em Lisboa, no Rossio.

— A sério? Bom, seja como for, o homem era assim e violou uma rapariga; apanhou-a lá em baixo, na loja, junto aos animais. Montou-a no meio das cabras e ovelhas. A mãe deu com aquela aberração em cima da filha. Enforcaram-no nesse mesmo dia.

— O Doutor tem a certeza de que não me está a mentir? Sabe, eu também li Aquilino.

— Mas onde é que você acha que o Aquilino foi buscar os horrores que conta nos livros?

— Não me tente enrolar, Doutor; eu sou novo mas não sou parvo, nem tenho a ingenuidade dos lisboetas. Não me tente dar a volta. O que eu quero saber é porque é que você foi intermediário de crianças entre pobres e ricos?

Continuou a fingir que não sabia de nada. Lucas continuou a apertá-lo através da história do bebé milagroso das Cheias de 67: o bebé foi na enxurrada, foi salvo pelos bombeiros no meio do lodaçal; quando o quis de volta, a mãe descobriu que o orfanato já tinha a adoção do bebé apalavrada com um casal de senhores doutores de Lisboa. Concordava o Dr. Sousa com aquilo? Sousa permaneceu calado; não tinha o ar triunfante de Maria dos Anjos. Pressentindo o fim da conversa, Lucas escreveu a sua morada e número de telefone numa folha do bloco,

arrancou-a com dramatismo e deixou-a em cima da mesa. Saiu sem dizer mais nada.

Há sempre alguém consumido pela culpa. O segredo do repórter ou detetive é descobrir o atormentado, aquele que quer confessar para ter paz. Ele ainda não sabia identificar e ordenhar essa culpa. Teve apenas sorte. Se Mendes cedeu em parte à culpa, Sousa cedeu por completo ao remorso — já tinha feito o caminho interior entre o segredo e a confiança, a entrevista foi apenas o gatilho. Cerca de um mês depois, já em casa, Lucas recebeu uma carta do Dr. Sousa que começava com a história do bebé de 1967. Tinha pensado no caso, e tinha uma pergunta para ele. O bebé teria ficado melhor ou pior se tivesse sido adotado? Era uma pergunta legítima, dizia Sousa, porque esse bebé, que teve com certeza uma vida miserável como tantas outras, teria tido uma vida mais fácil se tivesse ficado com o tal casal de Lisboa. Este argumento foi a porta de entrada do seu passado. Sim, lembrava-se bem da cena em que pediu à verdadeira mãe de Augusta aquela bebé recém-nascida para dar à senhora do lado, Madalena, que conhecia bem. Era Madalena quem fazia a comida da consoada lá de casa. E, sim, mais tarde, houve passagem do envelope. «À luz da moral de hoje», continuava a carta, «isto é imoral, mas na época não se viam as coisas assim. Hoje, tenho de o dizer, sinto culpa, mas na época julgava que estava a fazer a coisa certa quando persuadia mulheres como a sua avó a darem os filhos e quando fazia outra coisa: laquear as trompas sem que elas soubessem. Foi o que fiz à sua avó e a tantas outras.» Este ato médico, laquear trompas sem consentimento, pesava-lhe mais na consciência do que convencer as mulheres a darem os filhos, porque sabia que, a partir de um certo nível de penúria, a vontade da maioria era quase sempre essa: sim, queriam dar as crianças. Já a laqueação de trompas era feita à margem da vontade delas; elas não sabiam; quando deixavam de ter filhos pensavam que era

obra da Nossa Senhora e iam a Fátima agradecer. O facto de ser uma prática médica generalizada, e reveladora do desprezo de toda a classe alta pelos mais pobres, não o desculpava. Queria falar disso em público. Andava há anos a tentar desabafar e, por isso, estava-lhe profundamente agradecido. Se ele assim quisesse, estava disponível para levá-lo até às pessoas envolvidas no esquema de então, sobretudo os familiares de que guardava memória.

Lucas assim fez e o resto é história: pela mão do Dr. Sousa, injetou ainda mais nitroglicerina no livro. Abordaram cerca de quarenta pessoas em toda a Região Centro. A maioria não quis falar, alguns até foram agressivos. Ao todo, conseguiu seis histórias para juntar à história de Augusta, o molde do livro. Todas as histórias reforçavam a tese: a mulher pobre era vista como um objeto, uma escrava sexual às ordens dos senhores, uma barriga de aluguer às ordens das senhoras.

A investigação para o livro estava fechada. Pensou em voltar ao lar onde estava a avó Madalena e exigir que lhe devolvesse as cinzas da mãe. Mas para quê? Seria um excesso teatral e hipócrita. Desceu até Lisboa. Tinha meses de escrita pela frente. Ou, pelo menos, era esse o seu anseio, que não se concretizou de imediato. Antes de ir para casa, parou na fábrica. Não via o pai há semanas. Quando o viu, Romão abriu os braços como que a dizer: «Até que enfim!»

— Que é?

— Tava a ver que nunca mais aparecias! Tens de resolver aqui uma coisa, pá: aquela Joana. Liga pa qui todos os dias a perguntar por ti. Mas é que é todos os dias!

— Ó pai, queres que eu faça o quê?

— Que trates do assunto! Atão! Tenho mais que fazer ou não? Tens aqui o número dela. Olha, e depois temos de falar sobre a Judite.

— Então?

— Depois falamos.

No banho, preparou um discurso na cabeça: «Joana, tens de parar de me seguir, não podes andar a incomodar o meu velho.» Pegou no telefone e claro que não disse nada do que pensara. Do outro lado da linha, sem lhe dar tempo, Joana começou a reconstruir de novo o seu mundo:

— Até que enfim! Cala-te, não digas nada. O David está internado no Júlio de Matos!

Ele deu uma gargalhada. Parecia piada. Aliás, era uma das piadas da rua quando eram pequenos: o dono da garagem e filho de Eugénia era conhecido por «Júlio» porque diziam, nem sempre a brincar, que ele ia acabar um dia no manicómio.

— Tás-te a rir do quê? — vociferou ela. — É verdade, caralho!

Ele abandonou a risada mas não largou um sorriso desconfiado.

— Ele não andava a fugir da polícia? Tens a certeza de que isso não é ele a fingir que está maluco para se safar?

Ouviu um suspiro do outro lado, seguido de nova indignação.

— Não! Ele tá mesmo mal. Apanharam-no e aposto que a bófia lhe deu um enxerto de porrada. Ouve, caralho: ele tá mesmo mal. — Não acreditou. Era claro que David estava a tentar a via da inimputabilidade através da loucura para escapar à prisão; quando eram pequenos viram juntos um filme de gangsters que conta a história do mafioso que enganou assim o FBI. — As visitas — anunciou ela — começam às duas da tarde. Vais lá ter amanhã comigo? Por favor.

— Amanhã não posso, tenho de ir ver da Judite. Depois ligo-te para combinarmos.

— Pá, despacha-te, por favor. E leva o BI quando fores, há dois bófiás à porta.

Porque é que continuava a ser humilhado pelas duas pessoas que o tinham traído? Apesar de tudo, continuava a venerar o génio de David e a amar a fragilidade de Joana. Tentou esquecê-los com o trabalho de campo para o livro, mas eles continuavam a ser o centro do seu mundo. A humilhação ainda não conseguira vencer o amor.

Por falar em amor, ao jantar falou então com o pai sobre Judite. O cenário era negro: ela recusava a empregada que Romão pagava, chamava-lhe puta, batia-lhe, atirava-lhe com pratos à cara. Judite, que sempre fora a doçura em pessoa, revelava-se agora agressiva. Não comia, não tomava a medicação, a casa de banho, dizia a empregada, ficava um esgoto a céu aberto. A tal empregada despediu-se dizendo que nem pelo salário do Presidente da República aceitava aquilo. Romão já não sabia o que fazer, porque os irmãos e as irmãs não podiam ou não queriam ajudar e as filhas de Judite continuavam na Suíça e, mesmo que estivessem ali no bairro, seriam imprestáveis na mesma. Para terminar o ramalhete, Judite recusava ir para um lar.

Romão não sabia o que fazer.

Por instinto, Lucas pensou em pedir à Francesa uma vaga nos lares clandestinos, mas abandonou logo a ideia. Uma idosa com demência precisava de um lar especializado. Ligou a Pedro a pedir ajuda. Claro que o futuro ministro já sabia fazer as coisas. Uma vaga ficou reservada numa residência sénior e especializada algures em Oeiras, propriedade de um amigo da família. Romão pagava o que fosse preciso, só queria que ela ficasse bem. Quando ligou para a tal residência a confirmar a vaga, sentiu uma leve pontada de traição: afinal, já era um *deles*, já era um dos poderosos com os contactos certos.

No dia seguinte foi até à horta e foi sugado pelo vórtice da demência. Judite começou a berrar quando o viu, não o reconheceu pelo rosto; só sossegou quando ouviu a voz dele. Ela abraçou-o e, de imediato, ele sentiu nojo: o cheiro dela era nauseabundo, a saia estava ensopada em urina e cheia de manchas castanhas. Deixou-a no sofá do salão com comida e foi à casa de banho. Viu o que nenhum filho ou neto devia ver, poças de urina no chão, fezes espalhadas pelos cantos, o chão e as paredes tinham manchas castanhas por todo o lado. A demência roubara-lhe a dignidade mais elementar. Havia pedaços de papel higiénico em cima de alguns montes. Saiu para respirar, foi até à ribeira gritar tendo a água como único confidente. Voltou, despiu-se, vestiu uma t-shirt e uns calções velhos que por ali tinha, foi buscar baldes, pás, esfregonas, lixívia, cobriu o nariz com um pano rasgado e fez o que tinha de fazer. Começou por limpar o chão. Quando se preparava para esfregar as paredes, reparou que Judite estava à porta a chorar em silêncio. Uma mulher que tomara conta de dezenas de pessoas ao longo de décadas não conseguia agora tomar conta de si própria. Levou-a de volta ao salão. Regressou e levou mais uma hora naquela operação de limpeza. Terminada a tarefa, queimou a roupa que tinha vestida, foi buscar água ao poço, tomou banho à camponês, foi falar com ela e, entre muitos gritos, conseguiu convencê-la a ir para o lar apalavrado graças à cunha dos Castro e Sousa. Foi buscar uma das muitas carrinhas do pai e, na manhã seguinte, levou-a. O tal lar parecia um centro espacial de pesquisa. Saiu de um espaço sem tempo, a horta onde podia ver ninfas e elfos, e entrou noutra espaço sem tempo, um sítio que até tinha uma atmosfera de ficção científica, os funcionários eram querubins robóticos e sorridentes. A culpa que sentia por abandonar Judite num armazém de velhos rotulado de «residência sénior» foi compensada pela ideia de estar a entregá-la aos cuidados dos «melhores profissionais».

Voltou para casa e mergulhou no livro. Dias depois recebeu novo telefonema de Joana, queria saber quando é que ele ia ver David. Combinou, então, para o dia seguinte, em parte porque mantinha uma aposta consigo próprio: David estava ou não estava a fingir, para assim escapar ao julgamento? Tinha inteligência para endrominar a polícia com essa artimanha cinematográfica.

Chegou ao manicómio ao fundo da Avenida de Roma; era cor-de-rosa como a escola preparatória. Esperou. Como Joana nunca mais chegava, resolveu entrar sozinho e lá encontrou a ala indicada por ela no dia anterior. Tinha um polícia à porta, que lhe pediu a identificação. À medida que passava muros, redes e salas, começou a duvidar da sua tese: conseguira David montar um teatro psiquiátrico ao ponto de convencer tantos profissionais treinados? Não. Tinha exagerado as capacidades de David. Não podia vê-lo ao perto, só a uma certa distância, mas chegava e sobrava para perceber que David enlouquecera de facto: aquele já não era David, era um avatar enlouquecido do seu amigo. Qual símio coxo, andava de um lado para a outro a cambalear; a cabeça era uma parte inerte do corpo como um braço sem força. Tombada para a frente, aquela cabeça já não era o centro de comando de um ser humano. Não tinha gestos humanos, os dentes estavam verdes, como se tivessem líquenes. David morrera, mas estava preso à biologia. Era a pior forma de morte. Vê-lo numa cova no cemitério teria sido mais humano. Perguntou pelo diagnóstico e pela data da possível alta. O psiquiatra responsável olhou para ele com dó e disse que não sabia, era impossível determinar naquele momento, podia ficar fechado a vida inteira numa instituição, podia recuperar um pouco para ser considerado um caso menos grave e passível de ser libertado algumas horas por dia para passear um pouco, podia recuperar por completo, embora esta terceira hipótese fosse menos provável.

— Porque é que ele ficou assim? — perguntou.

— Ainda não sei dizer com precisão — respondeu o médico. — Mas diria que a causa foi uma sucessão de traumas, uns atrás dos outros. O seu amigo tem comportamentos que os veteranos de guerra com graves problemas mentais costumavam ter, os casos mais graves e incapacitantes de stress pós-traumático. É a primeira vez que vejo isto num civil, num criminoso de delito comum.

Fez nova pergunta para desfazer uma dúvida que tinha há muito.

— Doutor, só uma coisa: sabe se ele consumia drogas pesadas? Isto foi causado por cocaína ou heroína?

— Não. Nas análises só há rasto de canabinoides.

À luz deste diagnóstico, olhou para episódios do passado de David que agora lhe pareciam os passos de uma pessoa a enlouquecer: no dia da enxurrada e dos cadáveres na rua, David parou de correr, ficou apático tal como estava agora no manicómio; no dia em que ficaram lá em cima no miradouro, David ora parecia capaz de saltar da ribanceira ora parecia sufocado em algo que não conseguia dizer; no dia em que subiram as escadas para salvar a mãe de Beto, David parou de novo como se tivesse ficado sem corrente elétrica. Será que estes três episódios prenunciavam uma pessoa já à beira do abismo devido à overdose de violência a que se submetia de livre vontade? Era agora claro que esta hipótese era forte; até os rufias têm limites para a violência que conseguem suportar; a violência sofrida e sobretudo praticada vai diminuindo a sanidade até ao ponto da rutura. Também se lembrava de ver com David os filmes de guerra que mostravam que até os sargentos veteranos têm um ponto de rutura: é muito fundo, mas existe e está lá à espera como uma verdade submersa e invencível. E a descoberta do ponto da loucura não desculpava David. Ou seja, ele

escolheu ser cruel; a consequência derradeira dessa escolha violenta, a queda na loucura, não abolia a sua culpa.

Até este momento, até esta sala no Júlio de Matos, a sua vida esteve sempre dependente da vida de David. O João Miguel, o Ruço e o próprio Lucas Andrade até este momento foram sempre grão-ducados incorporados nesse grande império chamado David. Ver o imperador destruído foi a sua declaração de independência. E esta sensação de libertação e vitória sobre o imperador acabou por ser mesmo a sensação dominante. Ele pensou durante anos que seria ele, e não David, a quebrar. Afinal, foi David quem acabou derrotado. Ali estava o velho imperador aprisionado, talvez para sempre, à condição de zombie num manicómio e ali estava ele, Lucas Andrade, a sair do manicómio para fazer a Avenida de Roma toda até ao apartamento de Pedro, onde iria dormir. A vitória era dele.

Mas nunca se deve subestimar um imperador. O rei David ainda tinha uma bomba-relógio preparada para explodir no ego do amigo. Quando se preparava para sair, deu de caras com Joana, que apareceu a correr, tentando compensar o atraso. Estava grávida. Os olhos enternecidos que lançou a David e as mãos que depositou na barriga já saliente não deixavam dúvidas sobre a paternidade da criança. É impossível esconder o que Lucas Andrade sentiu nestes segundos: sentiu vontade de esfaquear Joana, sentiu uma vontade indómita de esventrar aquela barriga, de impedir o nascimento daquela criança que o humilhava. Há muitos suicídios impulsivos que nascem numa curta janela de oportunidade que pode durar apenas alguns segundos. A pessoa passa junto a uma ponte e atira-se. A pessoa passa junto a uma arma e utiliza-a; durante segundos ou minutos, há um cruzamento trágico e ocasional entre a dor e o mecanismo mortal. Também há homicídios assim. Ele não seria capaz de premeditar o homicídio de

Joana. Mas, neste momento, se tivesse ali à mão uma arma, tê-la-ia utilizado.

— Sempre conseguiste o que querias.

— Sim... é uma menina.

— Deixa-me adivinhar: vai chamar-se Rute?

— Se sabes a resposta, porque é que tás a perguntar?

IV

O livro de Rute



Do leite e do sangue

PORQUÊ? PORQUE É QUE A FAMOSA RUTE não é, na verdade, sua filha? Porque é que a sua criança é o fruto da maior traição que conheceu na vida? Porque é que acabou por adotar uma menina que quis apunhalar assim que a viu ainda na barriga da mãe? Porque é que a sua filha era na verdade uma das filhas biológicas de David, um homem cruel que passou uma década a humilhá-lo? Muitos garantem que foi um ato de amor e perdão puro e simples. Mas outros argumentam que a resposta é mais dúbia; defendem que a adoção não deixa de ser um ato de decência, mas é um ato mais frio do que se pensa; é um dever não iluminado pelo amor ou até pode ser vista como uma vaidade. Uma coisa é sabermos qual é a ação certa que devemos fazer num dado momento; outra coisa, bem diferente, é sentirmos essa ação no coração. Ele sentiu esta diferença quando teve de tratar da mãe. Primeiro tratou-a por dever, representando um papel social; só a amou sem reservas depois. Ele agora sabia que, do ponto de vista da moral eterna, a coisa certa a fazer era perdoar David e Joana e adotar esta criança; devia protegê-la, devia tirá-la do bairro e dar-lhe um futuro melhor. Fria e racionalmente, sabia que esse era o caminho da bondade. Mas será que sentiu de verdade esse caminho? Os críticos, quer no bairro, quer na cidade, dizem que ele estava só a tentar mostrar que o apóstolo Lucas era um homem superior ao imperador David, e que a adoção, sendo um bem em si mesmo, é sobretudo um instrumento dessa vingança. Quem

tem razão? Mais uma vez, não sei. Só posso descrever este processo de adoção, um período de tempo que parece estar fora da realidade. A fita do tempo que se segue ao primeiro encontro com Rute, ainda na barriga da mãe, é uma espécie de dia eterno; é como se ele tivesse vivido este ano e meio em vinte e quatro horas.

Sai humilhado do manicómio, nem se lembra da mota, em direção ao apartamento de Pedro já perto da Praça de Londres; anda a pé pela Avenida de Roma dominada pelos miúdos a comprar material escolar, livros, roupa nova. Sobe as escadas até ao sexto andar. Ainda não passou pela porta e já está a perguntar a Pedro se pode viver ali com eles. O apartamento é um mausoléu de infindáveis assoalhadas. Diz que precisa de sair do bairro para se concentrar na escrita do livro. Pedro diz que sim, claro, já estava à espera, que pode ficar o tempo que quiser, são como irmãos, caralho! Pedro chama Catarina e dá-lhe a novidade: «Olha, Catarina, vamos ter um filho de vinte e tal anos!» Dão um abraço a três. Com a saída do bairro garantida pela amizade de Pedro e Catarina, acalma-se e lá se lembra que deixou a mota no manicómio. Faz de novo a pé a Avenida de Roma a pensar nas oscilações improváveis da vida, meia hora depois de ter conhecido a maior humilhação, às mãos de Joana e David, sentiu-se uma pessoa abençoada pela amizade de duas pessoas notáveis, Pedro e Catarina, que permitem que o afeto cruze os muros sociais. Estaciona a mota na garagem do prédio de Pedro, um logradouro transformado em parque de estacionamento.

Assim que sente o sol, vai até ao bairro buscar os apontamentos do livro, as gravações das entrevistas, a bibliografia oferecida por Jorge Tavares, alguns discos e uma mala de roupa. Apesar de ser cedo, o pai já

não está. O aparato da barba, a lâmina, o pincel e o sabão azul e branco, repousa no lavatório como sempre; ainda há espuma no pincel. A lâmina é igual àquela que usou na primeira vez que se tentou matar. Resolve passar ali o dia, é o último como nativo do Janeirinho. Pela janela da marquise, observa as explosões surreais do bairro: Rosinha vai à janela de peito à mostra e uiva como uma loba no cio; no prédio em frente, outrora embargado e abandonado, vê numa varanda do terceiro andar, mesmo à sua frente, um grupo de quatro missionários americanos que se preparam para tentar evangelizar um bairro que está a oito mil quilómetros de Utah. Estão a rezar após tomarem o pequeno-almoço numa mesa que colocaram na varanda. Contado ninguém acredita. Sorri, é um sorriso cansado, mas é um sorriso. Vai buscar a pressão de ar do pai e esburaca a caixa de cereais dos atarantados missionários, que se escondem debaixo da mesa.

O primeiro cheiro a terra molhada abraça-o, sente a necessidade de arrumar, limpar, arquivar. Limpa a cozinha, arruma papelada, atira roupa velha para um saco onde coloca um papel preso por um dos alfinetes de ama da mãe que continuam espalhados pela casa, «Pai, esta roupa é para dar na igreja». Para levar consigo, coloca numa segunda mala o passado vivo: o casaco da mãe que roubou do escritório de Mendes, os blocos e diários, os textos do tempo de Maria de La Salette, a mica com os contos de David, o relógio sobrevivente, as letras e a cassete da banda, o velho chapéu do pai, o velho bilhete de identidade da mãe e a camisola de guarda-redes com o nome «Ruço» nas costas. Arruma alguns romances que são quase amuletos. É aqui que se lembra que nunca mais viu o *Dune*. Ofereceu-o a David há anos, antes da segunda tentativa de suicídio, num gesto clássico do suicida, que, antes de se matar, oferece objetos com valor sentimental a amigos e familiares sem que eles se apercebam do que se está a passar. Não tem nada a perder: enche um

saco com livros infantis que nunca mais vai ler, sobretudo os livros que vieram com ele no dia do êxodo, as enciclopédias juvenis e algumas bandas desenhadas, e vai até à casa de David. A família de David não sabe da zanga e da sua suprema humilhação. Encontra um ambiente de que não estava à espera: alívio; não é felicidade, mas é sem dúvida sossego. O pai de David ainda está preso, porque o seu camião era um dos instrumentos dos esquemas de David; mas vai ser libertado. A polícia acreditou, e com razão, que este pobre desgraçado não sabia dos esquemas do filho. A mãe, a irmã e a avó de David cuidam com alegria da primeira filha dele, Mónica. A miúda é apaparicada por três mães. Porque é que elas estão pacificadas apesar de saberem que David está no manicómio? David foi durante anos a chaga destas três mulheres, ou viviam com medo dele ou viviam com medo daquilo que lhe pudesse acontecer, morte ou prisão. Agora pelo menos sabem onde é que ele está, preferem que ele seja um doente num manicómio do que um criminoso na prisão. Ter um filho acamado é uma tragédia que até recolhe simpatia dos vizinhos; ter um filho na prisão ou na droga é pior, provoca o repúdio da vizinhança.

Lucas pede para ir ao quarto de David. Hermínia, a mãe, olha-o enternecida e dá-lhe autorização. É a primeira vez que ali entra: vê cartazes de bandas e de jogadores; não vê estantes, mas sabe que há ali alguns livros. Procura e encontra-os escondidos nas gavetas da roupa. Entre os peúgos, desenterra a Bíblia, policiais da coleção *Vampiro*, recortes de jornais anotados e o velhinho *Dune*. Folheia-o à espera do pozinho de perlimpimpim da nostalgia, mas encontra uma novidade: uma terceira camada de anotações. Algures nestes anos, David manteve o diálogo. Entre as primeiras notas a lápis que ambos fizeram na primeira leitura, David acrescentou a caneta uma terceira vaga de anotações. Abana a cabeça, não chora, mas as lágrimas descem até à

boca. Segreda para o vazio, «Porquê David? Porque é que fodeste tudo?» Esconde o livro no cós das calças, o esconderijo que usou centenas de vezes para esconder relógios e notas, volta para a sala, pega no saco que trouxe de casa e avisa que tem livros para Mónica, caso ela goste de ler como o pai. As três mulheres olham para ele sem saber o que dizer. Ler? Como o pai? Como assim? Pousa o saco à porta da sala e despede-se.

Já em casa guarda o *Dune* na mochila. Prepara-se para sair mas repara na evidência material: tem duas malas enormes, uma com roupa, outra com memórias. É impossível levar tudo na mota, e ainda falta a cadeira. Estaciona a mota na garagem, guarda as coisas na bagageira do carro do pai e vai almoçar com Romão ao Cabeço. Quando o vê chegar de carro e não de mota, Romão intui o que se está a passar. Mesmo antes de se sentarem à mesa na tasca do careca, Romão diz-lhe que percebe perfeitamente a sua ida para Lisboa, que já estava à espera. E Romão também tem novidades: vai vender o terceiro andar e vai reservar para si um dos andares da Urbanização Azul que continua a crescer e a maravilhar os locais, que vão ver as obras como se estivessem a assistir a um espetáculo cénico. É a primeira vez que veem arquitetura.

Passa os meses seguintes a acabar o primeiro livro de Lucas Andrade no apartamento de Pedro. Tem como título *Ângulo Morto*: Augusta, como tantas bebés, raparigas e mulheres pobres, esteve sempre no ângulo morto da sociedade. É um romance escondido, tem a estrutura de um romance clássico, alguém que regressa às origens para descobrir o passado da mãe, mas só tem factos reais; factos, esses, que capturou nas entrevistas e na extensa bibliografia subterrânea recolhida e oferecida por Jorge Tavares, o primeiro bastardo do Engenheiro Mendes. Depois de ler o esboço, Helena liga-lhe. Está esfuziante: diz que estava à espera

de um bom primeiro livro, mas, na verdade, tem nas mãos um dos livros da década, tem a certeza disso. Só tem pena de o livro não ter chegado a tempo do Natal, tem medo de janeiro e dos três primeiros meses do ano, os piores das vendas.

— Siga a marinha, Helena, não se preocupe com isso.

Ela responde com um aviso:

— Prepare-se para a polémica, porque vai rebentar.

E rebenta, de facto. Através de Augusta, ele apontou um foco de luz ao maior tabu do país; este é o maior segredo quer da cidadela dos grã-finos, quer da cave dos miseráveis. O livro provoca reportagens televisivas e ele e Helena acabam por ir aos diversos telejornais para defender a sua verdade indesmentível: o país tem um lastro gigantesco de violação, bastardia e tráfico de crianças, porque a mulher pobre estava no ângulo cego e podia ser usada como um objeto. Na imprensa, há críticas literárias positivas e negativas e, acima de tudo, a força do livro vê-se na forma como galga as páginas literárias para invadir as colunas clássicas de opinião. Há colunistas que o defendem, outros atacam-no. Muitos intelectuais lisboetas estão de facto ofendidos com um livro que desautoriza a romantização da aldeia, do campo, da serra; outros ainda não suportam um livro que desautoriza a ideia do país dos brandos costumes onde nada de violento pode acontecer; um terceiro grupo de opinião diz que ele ofende as Beiras, quer a serrana quer a litoral. O livro está no top de vendas cerca de três meses e, em consequência, ele abana por todos os lados. Não sabe lidar com o sucesso. Volta a sentir os vómitos provocados pelo medo. Sente-se constrangido. Ali na Avenida de Roma já é reconhecido, muitas pessoas metem conversa, é de repente uma figura pública. Apesar da chegada da primavera, fecha-se cada vez mais no quarto, nem procura Catarina e Pedro, seus grandes confidentes. Neste estranho período, há um choque

fratricida entre a fama de Lucas Andrade e a timidez inicial de João Miguel, um desequilíbrio clássico dos famosos que se suicidam. O novo triunfo não preenche a velha fragilidade, aliás, reforça-a; é um peso extra no topo que não encontra estrutura e suporte na base. A conta bancária e o estatuto literário não param de subir, mas a vida social recua até ao vazio; ele reduz o contacto humano às visitas ao lar onde está Judite, embora «estar» talvez não seja o verbo adequado. Judite não *está* ali, continua na horta. Está dormente e ausente por causa do excesso de medicamentos dados pelos «melhores profissionais do país». Ele protesta, diz que não vai processá-los se ela cair, importa é que ela possa andar à vontade no jardim. Mas nada muda. O «protocolo», como diz a diretora, é mais para os funcionários do que para os doentes, isto é, o excesso de medicamentos não é para o doente, é para o pessoal que ali trabalha: correm menos riscos, têm menos trabalho porque os idosos estão colados às cadeiras e não a andar de um lado para o outro. De igual forma, as televisões estão sempre ligadas para os profissionais. Nem percebem ou não querem perceber que a televisão agita os velhos, sobretudo os homens. Num dia, Lucas sossega um velhote, veterano de guerra, que começou a gritar como se estivesse de novo no mato da Guiné depois de ver um minuto de um noticiário com cenas de guerra.

No quarto dela ou no jardim, senta-se ao lado de Judite durante horas e fala, reporta as polémicas do livro, os convites que recebe de todo o lado para começar já a trabalhar como jornalista, a hesitação entre começar já a trabalhar e acabar o curso, a fama que já sente em Lisboa, o dinheiro que já tem e que lhe permitiria pagar ali a mensalidade toda do lar caso Romão deixasse de o fazer, a vontade que tem de matar Joana e a bebé que ela tem na barriga, da satisfação que sente por saber que David está no hospício. Judite normal diria: «Cala-te já, Deus te perdoe.» Esta Judite alienada nada diz. Ele sabe que ela

reconhece a sua voz, sabe que é sensível ao timbre, mas também sabe que ela já não percebe o conteúdo verbal do que é dito. Abraça-o se ele falar com carinho, tenta fugir se ele se zanga por causa dos medicamentos que recusa, mas não percebe as frases. Se ele disser «quero matar a bebé que a Joana tem na barriga» com uma voz doce e calma, Judite julga que ele está a ser a melhor pessoa do mundo. Da mesma forma, se ele disser com candura que «o pensamento mágico da viúva pode ser igual ao pensamento mágico do suicida; tu suspendes a morte de Joaquim num dia eterno que não acaba, eu penso às vezes que o suicídio é só uma hibernação, uma sesta, e não a morte», Judite não percebe e sorri para o tom de voz doce que ele usa nesta tangente à morte. Ele traz-lhe fruta da horta. É só nesse momento, quando rumina uma laranja como um bebé rumina a chupeta, que os olhos dela perdem aquele baço maquinal e ganham um pouco de brilho humano. Ele traz estas laranjas e tangerinas porque tem de ir à horta dar comida à *Nina* e aos outros cães, tem de partilhar esse fardo com o pai, embora não se importe de passar tardes e até noites sozinho na horta; transforma a velha bancada de Joaquim numa secretária onde trabalha de pé; é o seu cantinho de escrita, leitura e até dormida.

Judite não está bem no lar, mas qual é a solução? Tem de estar com alguém, porque nem se lembra de comer ou de beber água; pode estar a morrer à sede que não vai beber água, o cérebro desligou essa função vital. Ele está sempre com uma garrafa de água a molhar-lhe os lábios. Qual é a solução? Voltar para a horta com nova aia que vai destratar assim que largue o excesso de medicação? Levá-la para o apartamento de Pedro? Não; seria abuso de confiança. E, mesmo que ele já tivesse uma casa em Lisboa, quem é que ficaria a tomar conta dela durante o dia? Este dilema faz com que por vezes expluda numa raiva silenciosa. Desabafa várias vezes com Catarina: «Mas a minha vida agora é só

cuidar de mulheres doentes? E mais ninguém se mexe, só eu e o meu velho.»

Entretanto, a vida avança. O pai liga para dizer que está lá em casa uma intimação para ele ir a tribunal.

— Tribunal? É sobre o livro? Não, espera. A morada que tenho no contrato é esta daqui.

— Pois, o Senhor Doutor Lucas Andrade tem a morada daí, mas o João Miguel ainda é daqui, ou já te esqueceste?

— Pai, que raio de tom é esse? Eu moro aqui, era mais fácil pôr esta morada, é só isso.

— Pois, tá bem. Olha, pelo que eu percebo, isto tem a ver com aquela vez que foste assaltado em Lisboa.

Duas semanas depois, com a sacola cheia de cartas de leitores que adoraram o livro, lá vai ao tribunal. Sente medo. Os corredores e o acesso à sala de tribunal estão cheios com os familiares dos réus que não são muito delicados com o rol de testemunhas de acusação: ele. Quando é chamado pelo nome civil, João Miguel Correia Azul, esses familiares formam um corredor humano pouco afável, ouve injúrias velhas conhecidas, «ganda menino» ou «estes senhores doutores são uns coninhas». É protegido por um polícia e pelo meirinho que o leva até ao banco das testemunhas. Depois de uma interminável e muitas vezes incompreensível léria, a procuradora lá lhe pergunta se confirma que foi assaltado no dia tal do ano tal na Cidade Universitária. Depois do seu «sim», a procuradora pede-lhe o seguinte:

— Vai virar-se para trás e ver se consegue identificar a pessoa que o assaltou.

Vira-se e depara-se com uma fila de rapazes e jovens adultos, eram dez ou quinze. É fácil identificar o assaltante: é o terceiro a contar da esquerda; os olhos de um azul-aguado, quase branco, têm uma beleza

inesquecível; um ladrão não pode ser tão bonito. Este bandido já está à espera dele com um olhar mordaz, o olhar da superioridade bélica que o esmaga. Está preso e ele livre; vai ser condenado por causa do testemunho dele, mas é este bandido quem se sente superior. Ambos sabem que, sem o tribunal, o assalto repetir-se-ia.

— Que fique registado que a testemunha identificou o réu Rui Xabregas.

Apesar de tudo, apesar do sofrimento às mãos de rapazes e homens como este Xabregas e como David, apesar de ter lido centenas de livros, apesar de amar o Direito, que é a suspensão da violência e a imposição da razão, apesar disto tudo, ele continua a invejar estes rufias, homens capazes de trespassar outros homens só com o olhar, o que talvez explique o estilo de escrita de Lucas Andrade. Discutiu-se muito as influências da escrita radical do *Ângulo Morto*: sempre no presente do indicativo, é um estilo corrido e oral com o vernáculo e as interjeições a funcionarem como pontuação; dá a sensação de que se está a ouvir uma cassette áudio em bruto e sem filtros. Falou-se em Céline, por exemplo. Mas não é nada disso. A influência é a oralidade de Américo, de Judite e sobretudo de David. Há até uma imitação direta da escrita e da *persona* de David, um estilo durão que nunca aparece nos diários, nos contos e até nos primeiros textos do jornal da faculdade. O leitor clássico de Lucas Andrade, ignorante em relação a Ruço e a João Miguel, é forçado a pensar que este rapaz foi sempre um animal das ruas como David. É uma mentira, que, como é óbvio, impressionou os críticos sempre à espera da última rutura formal e que seduziu o impressionável público urbano. É, contudo, um pastiche questionável a vários níveis, até porque pode ser considerado um plágio.

Tudo isto é surpreendente, sem dúvida, mas há aqui algo ainda mais inesperado na sala de tribunal: noutros tempos, esta sensação de nudez

perante este agressor tê-lo-ia consumido, agora não; neste momento não está a ser destruído pelo medo, mas sim pelo seu próprio sucesso. O juiz, antes de o mandar embora, faz um comentário paralelo e em surdina sobre a sua carreira emergente de escritor: «Então boa sorte com isso dos livros, meu caro Lucas.» Este momento em que é idolatrado por um juiz assusta-o mais do que o olhar violento do réu.

O sucesso pode ser tão ou mais perturbador do que o medo. A liberdade criada pelo sucesso pode assustar quem viveu sempre sem liberdade. Os veteranos de guerra e dos campos de concentração não se matam durante a guerra ou durante a opressão do campo, matam-se depois, quando já têm a vida normal de volta, quando têm tempo e liberdade para viver, quando já não se limitam a sobreviver. É assim que ele está neste momento: com medo da liberdade. Então foi educado para ser um cato e de repente pedem-lhe que seja uma orquídea? Foi criado como um bastardo e de repente é o príncipe herdeiro? Um surdo pode desenvolver forte aversão aos sons se começa a ouvir de repente graças ao aparelho auditivo. É assim que ele está em relação à liberdade, é demasiado ruído para os seus ouvidos habituados às profundezas silenciosas do leviatã. Sente náuseas. Os vômitos intensificam-se, podem aparecer a qualquer momento, em qualquer situação do dia a dia e sem razão aparente. E, claro, o seu velho companheiro, o sonho da queda mortal na água, reforça a pressão à noite. Cai todas as noites no estuário do Tejo.

A sucessão de boas notícias destabiliza-o. Num destes dias loucos que acumulam prodígios e maravilhas, sabe de manhã que já passou a barreira dos vinte mil livros vendidos: «Uma loucura», diz a sua calejada editora, «e logo na pior altura do ano para vendas, nem sei como seria este livro no Natal.» À tarde, Pedro entra de rompante no apartamento e diz:

— Caralho, pá, o diretor do *Expresso* quer falar contigo, querem contratar-te como repórter, ligou à minha mãe, são amigos há anos e anos. Quer que vás lá ter com ele à redação, amanhã, às dez.

Pois bem, é isso que faz: está na redação às dez do dia seguinte. Já não passa despercebido. Esta fama perturba-o, aprendeu a viver respeitando a timidez, escondendo-se e usando pessoas mais audazes, Pedro, David, Beta, Judite, como testamentárias. Mas agora ali está ele, o famoso Lucas Andrade, sem acesso a amigos que o traduzam ou protejam. Os jornalistas passam e dizem bom dia. Ele, atabalhado e retraído, responde com boa tarde ou até boa noite, não acerta uma saudação. O diretor está demorado. Sai, vai a um café e, ao falar com o empregado, tropeça no pedido, só à terceira é que consegue dizer «quero um galão e uma sandes mista». Escreveu um livro mas não consegue dizer uma frase com sete palavras.

Volta ao jornal, o diretor já está à espera. Recebe-o como uma estrela.

— Concordo com tudo o que tens dito nas entrevistas — avança o diretor. — O crime e a violência não podem ficar nas mãos dos tabloides, a imprensa de referência tem de abordar esses temas de forma séria e literária, sem o sensacionalismo tabloide mas também sem o complexo de classe que acha que a violência é coisa de pobre e indigna de um jornal da classe A e B. Então grande parte da literatura não é crime, sexo, violência, bastardia?

Convida-o a integrar já a equipa de repórteres do jornal, e oferece-lhe uma das colunas da revista. Já tinha sido sondado por outros jornais, mas este é um convite concreto com um contrato e números em cima da mesa. Apesar de aceitar, ele está aterrorizado, está contente e apavorado ao mesmo tempo. No fundo, não sabe estar feliz. Esta é uma mistura de sentimentos tão forte que por momentos consegue esquecer Joana e a

bebé que quer matar, e que agora deve ter três ou quatro meses. «Se calhar a Rute até é de janeiro como eu. Isso é que era mesmo bater no ceguinho», desabafa no diário por estes dias.

Sai do jornal a tremer, caminha até ao apartamento e fecha-se no quarto para espanto de Catarina, que estava à espera que ele chegasse alegre e comunicativo, até porque está um dia de primavera esplendoroso. Catarina bate à porta do quarto.

— Então, que se passa? Vais trabalhar no *Expresso* ou não? Então, que se passa? — Ela descarta as boas maneiras, entra sem permissão e vê o amigo na cama a chorar com o rosto coberto por almofadas e a tremer por todos os lados. Catarina tem neste momento a premonição certa mas nunca a verbaliza. Deita-se ao lado dele, abraça-o em concha como uma irmã ou mãe, os tremores dele passam para o corpo dela. — Não tenhas medo — sussurra-lhe ao ouvido. — Respira fundo, respira comigo. — Durante largos minutos emparelharam a respiração num ritmo lento até ele acalmar.

Ela sai, volta com um chá, passa-lhe a mão pelo rosto e diz:

— Sabes, gostei mesmo de saber que a tua verdadeira avó se chamava Catarina.

— Eu também. — Tenta sorrir, não consegue.

— Tem calma. Vai correr tudo bem, vais ver.

— Tens razão. — Levanta-se, vai até ao armário buscar o velho casaco feito pela mãe, aquele que estava pendurado no escritório de Mendes.

— Quero que fiques com ele, foi a minha mãe quem desenhou, quem costurou, quem fez mesmo este casaco.

— Nem sei o que dizer.

— Não digas nada, Catarina. Usa-o, só. Gostava muito de te ver com ele.

Ele olha para a sua velha cadeira azul e vermelha, talvez a única coisa que sobra do êxodo.

— Gostas mesmo desta cadeira, não é? — pergunta ela.

— Passámos muito juntos. Às vezes até acho que é um cão. — Ri-se e pensa em dizer à amiga que a cadeira o salvou na terceira tentativa de suicídio quando se partiu com o seu peso, impedindo assim o salto. Mas não consegue e avança por outro lado. — Quero que a cadeira fique para vocês, para o vosso primeiro filho.

Ela agradece mas diz que não, o casaco, sim, aceita, mas a cadeira não, devia dá-la a quem de direito: a Judite.

— Quando é que me apresentas essa «avó» mágica de que tanto falas?

A ideia de misturar pessoas dos dois mundos deixa-o embaraçado, está consciente das traduções impossíveis entre os dois dialetos, mas, neste dia, leva Catarina à horta. Só que tinha mesmo motivos para recear a mistura: Catarina fica melindrada, não com a demência de Judite, mas com o aspeto clandestino de toda a construção e com o pivete: cheira a capoeira, a açougue e a pântano. Não consegue esconder o desconforto, o olfato é o menos hipócrita dos sentidos. O que devia ser um momento de intimidade é um momento de embaraço. Ele deixa a cadeira junto à lareira e regressa com a amiga a Lisboa. Volta ao bairro no dia seguinte, tem de contar a novidade ao pai, que fica satisfeito, embora não arrebatado. Romão não compreende o sucesso do filho no mundo dos jornais e dos livros. Meses antes, quando lhe deu um exemplar de *Ângulo Morto*, Romão não soube o que fazer com o livro, tocou na capa e na badana de forma nervosa como um tímido que não sabe onde pôr as mãos numa festa. Agora até revela uma certa preocupação. Faz a pergunta óbvia na sua visão do mundo: como é que ele vai acabar o curso? Diz-lhe que vai conciliar tudo, sem problema. É mentira. Já

tomou a decisão: agora que a sua carreira de jornalista e escritor arrancou não faz tenções de voltar à faculdade.

— E filho, olha lá, temos de falar sobre outra coisa.

Ele adivinha:

— É a Judite?

— Sim. Ligaram-me do lar; disseram que te tentaram ligar mas que ninguém atendeu. Tive de ir buscá-la.

Ele não diz nada, já estava à espera. Galinha de campo não gosta de capoeira. Romão continua:

— Começou a armar confusão, arranjou maneira de não tomar os comprimidos, punha os velhos todos contra o pessoal do lar, tás a ver ou não?

Está, está mesmo a ver. Sorri da rebeldia da sua velha e pergunta:

— Está lá em baixo na horta outra vez com uma empregada que estás a pagar, é isso?

— Mais ou menos, sim. Chama-se Deolinda, trabalhava ali na fábrica; conversa puxa conversa e, olha, juntou-se a fome com a vontade de comer, estava farta de trabalhar no escritório, ofereceu-se para ir cuidar da Judite se eu lhe pagasse o mesmo por fora, tás a ver ou não? Está a correr melhor. A Deolinda dorme lá e tudo, é divorciada, também tem uma filha já mulher.

Lucas pensa na estranha injustiça do mundo. A avó Eduarda, ruim como uma víbora, não morre, não adoece, não fica demente. A «avó» Judite, a mais bondosa das criaturas da Criação, tem de passar por este calvário humilhante. Uma pessoa enlouquece se pensar muito neste tipo de injustiça. Ele percebe o mal de David, o mal como escolha humana, já não percebe este mal natural.

Quer ir ver Judite, mas antes precisa de fazer uma coisa que carece de noite cerrada. Espera pela meia-noite. Antes de sair de casa põe uma

caixa de fósforos no bolso. Vai de mota até às barracas, entra na oficina do Zarolho agora desativada, pega numa pequena mangueira e entra no velho carro do pai, o chaço azul roubado, reoferecido por David e que ele acabou por vender ao Zarolho. Conduz o chaço de luzes apagadas até ao Cabeço, cruza o arroio e estaciona no meio dos zambujeiros como fez tantas vezes com Joana. Com uma pequena mangueira, chupa a gasolina do depósito e ensopa o carro. Deita-lhe fogo com um fósforo; desce a pé até às barracas, passando junto à sua velha escola cor-de-rosa. Olha para cima, as labaredas são belas, um foco de luz na escuridão, o fogo passou do carro para os zambujeiros. O miradouro secreto já não existe. Quando reentra na oficina, já ouve ao longe as sirenes dos bombeiros. Pega na mota e desaparece em direção a Judite. Já desceu centenas de vezes esta estrada que parece uma prancha de mergulho no Estádio da Luz, desce sempre com cautela, mas não agora, sente-se pronto para descer a colina em slalom alpino, a voz do juízo diz-lhe para ter cuidado, para não arriscar nada, para descer sem enrolar o punho da mota, mas esta voz não sobrevive ao nevoeiro que lhe entorpece a cabeça; a ideia de que se pode matar nesta descida toma conta dele sem grande resistência, enrola o punho até à velocidade terminal, a realidade deixa a gravidade, dilui-se; pessoas, prédios e carros são apenas riscos na horizontal que vê à esquerda e à direita; só há uma coisa que permanece definida, a ribeira lá em baixo. A ribeira é o escopo desta corrida, enrola e volta a enrolar o punho sabendo que um imprevisto coloca o controlo da mota para lá da sua perícia, a gravidade desapareceu, a Lua também, sente-se feliz nesta levitação. Tem sorte, nada se atravessa à sua frente. Chega à meta, a estrada nacional junto à ribeira, e a realidade volta à sua configuração normal.

Abre o portão da horta como sempre, mas é surpreendido por uma mulher que lhe aponta a caçadeira de Isaías — é a segunda vez que tem

aquela arma apontada à cabeça. Esta mulher é Deolinda, a cuidadora de Judite. Ele sente que é a mulher certa. Levanta os braços e identifica-se. Ela diz que sim com a cabeça e baixa a arma:

— Tens a altura e o cabelo do teu pai, tal e qual.

Ele estava à espera de uma mulher velha ou acabada, talvez pelo nome antigo, Deolinda. Só que Deolinda é uma mulher ainda nova, na casa dos cinquenta, e é, sobretudo, atraente, viçosa, despachada; coloca-o a par das peripécias do dia.

— Tava a lavar ali aquele tapete escuro — aponta para um tapete estendido na corda —, ela tinha feito cocó no tapete... e, pronto, pá, tava a lavá-lo aqui no pátio, e ela passa e começa aos gritos. Sabes o que era? Pensava que o tapete era um buraco no chão e que ia lá cair. — E prossegue: — Quando a agarro pelo braço parece que não percebe que a estou a agarrar, entendes?, fica assarapantada.

É verdade: Judite está cega no tato, o que explica as explosões de hostilidade em relação a toques repentinos. Ele não diz nada, sente-se dentro de um filme à mercê de um argumentista desapiedado que dá a morte mais horrível à mais doce das personagens.

Deolinda continua a falar com um ar de dever cumprido sem sacrifício:

— Os meus pais também são danados para tomar a medicação, mas nunca vi ninguém aqui como a Ti Judite, esconde os comprimidos debaixo da língua e depois cospe-os, e começa a fazer-me pirraça ao longe, mas, olha, dou-lhe sempre a volta, até lhe faço cócegas se for preciso.

Deolinda sorri quando acaba a explicação. Que sorte, pensa ele: Deolinda vai muito para lá do dever contratado. Diz-lhe que pode ir para casa, que ele fica a tomar conta. Ela sai numa lambreta.

Deita-se ao lado de Judite. Passa ali o dia seguinte. Judite não fala, tem o olhar perdido, come como um bebé que se move e mastiga em câmara lenta. À noite, na hora da deita, naqueles segundos de lusco-fusco antes de ela adormecer, trocam finalmente um olhar cúmplice; a verdadeira Judite volta à tona da consciência nestes segundos antes de mergulhar no sono. «Aí estás tu», diz ele comovido enquanto lhe ajeita os ganchos do cabelo. Adormece ao lado dela numa cadeira. Sonha de novo que está a cair no rio. Acorda a meio da noite e caminha até à ribeira levando consigo a sacola. O luar permite-lhe desenhar a ribeira diversas vezes, ora num registo realista, ora em fantasias que fundem a ribeira de Frielas com o Estige; escreve no diário: «estou rodeado de loucura, David quebrado, Judite demente, Joana dormente de tanto charro ou pior. A pobreza destrói as pessoas; a miséria é uma dor crónica que desgasta todos os dias, aproximando-nos mais depressa da loucura». Mas, ironia das ironias, ele é incapaz de prosseguir este raciocínio. Os pobres ficam mais perto da loucura, sim, mas é nesta cultura popular que se encontra o maior desprezo pelas figuras do psicólogo e do psiquiatra e até pela ideia de doença mental, assume-se que isso é frescura dos ricos. Ele próprio tem entradas no diário em que goza com «uma mania dos amigos de Lisboa: o terapeuta». Helena e Catarina recomendam-lhe várias vezes uma ida a um psiquiatra, mas ele nunca dá esse passo. David diria que isso do «psiquiatra é pra maricas ou meninos ricos», uma variante urbana do desprezo dos velhos rurais como Eduarda e Manel pela figura do médico. Ele não tem essa boçalidade mas nunca desce da árvore da desconfiança. É trágico que o grande Lucas Andrade, profeta dos pobres esquecidos, não seja capaz de identificar e reagir a uma das grandes contradições da vida moderna: o privilegiado da cidade não tem, nem de perto nem de longe, o desgaste mental do pobre; está objetiva e estatisticamente mais longe da doença

mental, mas desabafa muito mais, fala muito mais de si próprio, recorre muito mais à confissão e à terapia. Ao invés, o pobre fecha-se numa cultura de silêncio que o mata; agarra-se à bola do canhão, uma *omertà* antiga e inexpugnável, e atira-se à água.

Começa a procurar casa. Começa a trabalhar e a publicar as primeiras reportagens no jornal, que causam impacto imediato. Tem contactos populares em todos os setores do submundo e na polícia e tem sobretudo um ritmo de trabalho imbatível, tem um fogo que não se compra, que não se aprende, o fogo de quem cresceu a ler e a escrever em autocarros aos solavancos. Ele não foi criado, foi forjado. Não sentia a pressão dos textos e das polémicas. Pressão? Qual pressão? O seu amigo Januário explicava esta resistência em sucessivas entrevistas. Falhar um penákti gera pressão? Não, pá, porque pressão é não saberes onde vais morar na próxima semana, é não saberes o que vais comer ao jantar hoje ou se vais ter jantar, isto é pressão. Para Januário e Lucas, o treino foi muito mais difícil do que o jogo.

A vida parece adquirir uma nova normalidade. É neste período que desenvolve uma intensa relação de amizade e de confissão com Catarina, porventura a grande arca onde se esconde o mito de Lucas Andrade. Não por acaso, Catarina é a guardiã dos diários que ele escreveu em segredo. E, diga-se, tentar convencê-lo a revelar uma parte deste espólio é em si mesmo uma história separada, até porque só revelou de facto uma parte. Porque é que alguns diários e desenhos permanecem no baú? De resto, foi nesta altura que Catarina decidiu sair de Direito e entrar em Psicologia, um trajeto que depois seria reforçado pela culpa que sentiu e sente por nunca ter confrontado o amigo com o tema do suicídio.

Mas este novo normal é interrompido pelo velho normal. Algum tempo depois, o pai liga-lhe assustado: «Aquela Joana», grita Romão, «está de novo a lixar-me a vida, aparece na fábrica, toca à campainha do prédio, diz que tem de te ver, que tens de ir a casa dela, pede o teu número daí de Lisboa. Filho, mais um bocado e começo a chamar a bófia. Já chega disto, pá!» Sem outra solução, liga a Joana. Quando atende, Joana diz que tem de falar cara a cara com ele: o que tem para dizer não se diz ao telefone. Combinam um encontro na casa dela.

Ela aparece à porta com a bebé ao colo. É uma tortura olhar para Rute: tem aqui cerca de meio ano; é a cara de David, o mesmo cabelinho escuro e liso, os mesmos olhos esmeralda brilhantes e aterrorizadores, nos dias maus, ou sedutores, nos dias bons. É por isto que Joana insistiu numa conversa cara a cara? Quer que ele veja a bebé? Para quê? Para o humilhar ainda mais dadas as evidentes parecenças entre a bebé e David? Entra e pergunta de chofre:

— Que se passa? Porque é que não me largas, Joana? Tenho mais que fazer.

Está de novo assustada. O pai, Carlinhos, não a larga, vai ali a casa, agarra-a, toca-lhe, tenta levá-la para o terraço, porque, vá lá!, o cabrão tem vergonha de lhe tocar aqui ao pé do berço; há dias discutiram ali nas escadas, escorregaram e iam caindo escadas abaixo; Carlinhos só parou por causa dos vizinhos que vieram espreitar por causa do barulho. Joana passa-lhe Rute para o colo, acende um charro.

— Fumas isso ao pé da bebé, Joana?

A repreensão não serve de nada. A bebé gosta dele, não o estranha, sorri-lhe. Comunica de forma expressiva como Judite naqueles momentos de lucidez antes de adormecer: através de um olhar vivo, intenso, íntimo. Já tem imenso cabelo, que ele tenta pentear com a mão. Está inquieta, talvez tenha fome. Pergunta a Joana se o biberão que está

em cima da mesa é para aquecer e dar. Ela não responde, o charro faz dela uma criatura absorta e sôfrega. Ele aquece o biberão em banho-maria. Brinca com a criança enquanto espera. Esguicha um pouco de leite nas costas da mão para perceber se já está bom; dá-lhe o leite. Rute adormece a mamar ao seu colo. Ele deita-a no berço e leva Joana até ao terraço, deixando a porta entreaberta.

Luzidia, Lisboa impera lá em baixo. A canícula aperta. O vento traz um pouco do clamor das bancadas do Estádio da Luz. O Benfica está a jogar. Apresentação aos sócios? Primeira jornada? Já não sabe, já não é devoto. Depois de acabar o segundo charro, ela tenta fazer conversa. Pergunta se ele ainda sabe distinguir os bruaá que vêm do estádio; se ainda sabe as diferenças entre o clamor do grande golo e o clamor do golo de sorte, entre o frisson provocado pela defesa do guarda-redes adversário e o frisson provocado pela defesa do nosso guarda-redes. Esta converseta irrita-o.

— Foda-se, Joana, eu não vim aqui para fazer conversa.

— Ui, ui, o Senhor Doutor já diz asneiras, sim senhor.

Não lhe dá troco; nunca teve deste troco para dar. Pergunta apenas se ela ainda tem a arma. Responde que não, atirou-a à ribeira, ficava nervosa com «aquela merda» na gaveta, tinha mesmo medo de matar o pai.

— Fizeste bem.

Esta resposta, clínica e distante, enerva-a. Anda de um lado para o outro, chora, gesticula, faz chantagem.

— Se o David estivesse aqui, ele tratava do assunto. Agora tu, o Senhor Doutor, não serves para nada, não é? Nem pa foder serves.

Volta a não dar resposta, até porque se sente diferente. Já não sente ódio, até sentiu paz ao cuidar da bebé há minutos. Para trás ficou o tempo em que rangia os dentes com a gana de esfaquear Joana e a bebé.

Vira-lhe costas e regressa ao apartamento descendo com cuidado as escadas, colando-se à parede, afastando-se o máximo possível do corrimão demasiado baixo. Entra no apartamento. Ela vem logo atrás, bate com a porta. A bebé acorda. Ele vai buscá-la ao berço; sossega ao seu colo. Joana tenta de novo a aproximação emocional, dizendo que não é normal Rute gostar do colo de estranhos, e que nem costuma estar tão sossegada ao colo. Até faz um beicinho de ciúme à menina, tentando esboçar uma intimidade a três. Ele não baixa a guarda. Insiste na sua velha ideia sobre os abusos de Carlinhos.

— Sobre o teu pai... continuo a dizer a mesma coisa, porque é que não contas a verdade à tua avó?

Ela percebe que é a coisa certa a fazer, mas não consegue dizer a verdade à avó. Quem diz que a sobrevivência é tudo não conhece o poder do tabu sobre a mente humana.

Olha para Rute, adormecida no seu colo. Não perdeu apenas a vontade homicida, ganhou mesmo uma vontade de protegê-la; de protegê-las, sente vontade de beijar Joana e de trazê-la para um abraço a três. Sente a emoção daquela noite em que salvaram uma bebé desconhecida de uma morte indizível numa barraca. Sente o perdão a germinar, a semente está a abrir, a raiz está a crescer, o caule está a brotar. Mas destrói o perdão à nascença. Ainda tem o ego ferido. Joana convida-o para morar ali com elas. Promete que não vai tentar nada, é mesmo só para se sentir mais segura, só até o pai voltar para Inglaterra, só até ela arranjar um novo namorado, só até, só até, só até qualquer coisa. Ele vai até ao berço, deita a bebé adormecida, volta e, com bastante calma, coloca a pergunta que é óbvia nas contas do mundo:

— Tens noção do ridículo, Joana? Tens noção do que me estás a pedir? Encornaste-me com o David, tens uma filha dele e agora queres que eu volte para ti como um corno manso?

Ela pede-lhe desculpa, lacrimeja, agarra-o. Não responde ao abraço. Antes de se ir embora, diz apenas que não quer saber dela, nem de David, nem do bairro, tem uma vida nova em Lisboa; aliás, tem mesmo de sair porque tem de preparar uma entrevista que vai dar a uma rádio. Não bate com a porta, fecha-a com delicadeza para não acordar a bebé.

Logo de manhã, dá a tal entrevista durante a hora de ponta, o horário nobre da rádio. É tratado como um infante, jornalistas e produtores pedem-lhe autógrafos em exemplares já lidos de *Ângulo Morto*. Tem de novo um ataque de pânico como aquele que Catarina ajudou a controlar; parece que está num elevador que cai sem travões no poço. Pede para ir à casa de banho, vomita, procura uma janela para fugir, não quer estar uma hora em direto, mas não há janelas, vomita de novo. Quando sai da casa de banho, ainda tem vómitos e alega que deve ser uma reação alérgica a qualquer coisa naquele «corredor pouco arejado». Antes de entrar no ar, já no estúdio e ao lado das grandes estrelas de rádio, ouve o relatório de trânsito que anuncia o seguinte: «Acesso à A1 condicionado na entrada de Santa Iria; trânsito complicado na ligação entre Póvoa, Janeirinho e Eulália devido ao atropelamento de um cavalo na nova via rápida de ligação à Calçada de Carriche.» Um dos locutores diz ainda em off: «Parece poesia negra, um cavalo atropelado numa via rápida.» Ele ainda pensa em dizer que não é poesia, é realidade, ele conhece este cavalo, aliás, foi salvo duas vezes por este alazão. Mas quem é que vai acreditar? Durante a entrevista, só pensa em seguir o cavalo, pensa em matar-se, em acabar com este desassossego provocado pela lisonja dos outros. Enquanto fala ao microfone, visualiza os sonhos da queda nas águas do Tejo uns atrás dos outros, conhece de cor todas as variações, cai numa linha retilínea como se o seu corpo fosse um raio, cai rodopiando, cai sozinho, cai com gente agarrada ao pescoço, cai saltando da ponte, cai saltando do hipopótamo, cai para arpar o leviatã lá

em baixo, cai quando tenta chegar à mãe que está na outra banda, cai para encontrar um verme gigante enrolado à volta do leviatã, Herbert estrangulando Melville.

Sai da rádio, vai para o apartamento, fecha-se no quarto. À noite, Helena liga-lhe e diz que valeu a pena esperar: o tal filósofo radicado em Paris vem fazer a apresentação oficial do livro, que tem de ser novamente adiada para encaixar na agenda desta figura luso-francesa. Ele sente uma peça do seu mecanismo mental a ceder finalmente à pressão destes meses. O grande filósofo vem de propósito apresentar o livro? Ah? É mesmo verdade? Helena continua a falar aproveitando o seu silêncio.

— Mas ele só pode em setembro. O que não é mau, ouviu?, está a ouvir?

— Estou, estou.

— Não é mau, porque assim voltamos a pôr o livro no centro da agenda, marcamos a rentrée.

— Sim, sim. Obrigado por tudo, Helena. A sério. Gosto de si como se você fosse a minha mãe, gostava de ter gostado da minha mãe como gosto de si.

E desliga o telefone sem dar hipótese de resposta. É uma despedida, mas ela não percebe, apesar de ser a única pessoa a par da sua queda para o suicídio. Catarina desconfia, Helena sabe. Não percebe porque ele parece bem, tem tudo para estar feliz e triunfante. Ele levanta-se da mesinha do telefone que está no corredor gigantesco do apartamento, agarra num pano de cozinha, tira os atacadores de uns ténis, passa na despensa e apanha o martelo e uma chave de fendas. Espera até à meia-noite. Confirma que Pedro e Catarina estão a dormir. Desce até à mota. Tapa a matrícula com o pano, que fica preso ao escape e ao chassi com

os atacadores. Arranca com o martelo e a chave de fendas os símbolos da marca da mota.

Conduz até ao local que não lhe sai da cabeça e dos sonhos: a ponte.

Não há trânsito a esta hora da noite. É enorme a alegria que sente quando entra no tabuleiro. O campo de visão abre-se numa panorâmica, o vento fresco aclara a mente, sente-se livre neste ponto de vista divino sobre o mar, sobre a cidade, sobre o Tejo. Uma ponte assim tão bela, tão imponente, tão suspensa no ar é um chamariz de suicidas. Para começar, é fácil. Quando está submersa nesta melancolia, uma pessoa não tem energia, pensar na forma concreta de se matar é uma tarefa esgotante. Na ponte não é assim, é fácil, basta um gesto, um passo. Carregar e empunhar uma arma é uma maçada. Os venenos e os medicamentos são uma complicação química. E fazer o tal nó numa corda não é fácil. Na ponte é tudo simples e limpo: basta um pequeno pulo, basta deslizar, basta escorregar uns centímetros. É fácil para o suicida, é fácil para os outros. Romão não tem de encontrar o seu cadáver esfaqueado na banheira, pendurado na figueira ou baleado à beira da ribeira. Por falar nos outros, um suicida sabe que outros suicidas já usaram a ponte. Ele sabe que centenas já pularam para o sossego ali no sítio onde ele está neste momento — entre os dois pilares. Sente que é parte de uma irmandade. Além de fácil e fraterno, o salto é belo; uma ponte assim é a mediadora entre a humanidade, onde está a dor e o drama, e a natureza, onde está a calma amoral da matéria inerte. O suicida quer ser a água que se limita a deslizar sem inquietação ou intenção. E, para quem salta cheio de fé e com a certeza de que passa na estreiteza da porta, a ponte também é a travessia perfeita entre o mundo e a transcendência; é de onde se vê melhor o céu.

Ele sai da mota mesmo no meio do tabuleiro encostado o máximo possível à direita. Não tira o capacete. Dentro dos poucos carros que

passam, as pessoas olham para ele e ficam sem reação, não param, seguem boquiabertas. É tudo tão fácil: galga o rail cinzento de proteção automóvel e fica junto à grade exterior vermelha que tem talvez um metro de altura. Pode saltar por cima da grade num mergulho. Pode passar para o lado exterior da grade e, com um simples passo, pode deixar-se cair até à água que está à sua espera há mais de dez anos.

Este sonho da queda sem fim, qual tártaro aquático, começou quando estava encharcado em medo e em insignificância; mas agora não é o medo que o desinquieta, nem agora é insignificante. O pêndulo do suicídio acompanha o pêndulo de toda a experiência humana. Ele já se tentou matar devido ao desespero de não ter um lugar no mundo; agora está prestes a matar-se pela razão oposta, por ter um lugar privilegiado no mundo. Tem medo que a sua voz ecoe numa sala cheia, silenciosa e disposta a ouvi-lo. Pressente a avó Eduarda, pressente que talvez ela tenha razão, que um pardal nunca será milhafre, que isto dos livros não é para ele, que está a tentar uma enxertia diabólica. Vê à sua frente uma árvore gigantesca com dezenas de ramificações, é a grande oliveira, tem dezenas de enxertias, dezenas de frutos diferentes, todos à disposição. Quais deve escolher? Qual é o caminho certo até ao topo da copa? Como seria bom não ter esta liberdade e estes dilemas de escolha. Escolher é difícil, é um alívio pensar que está morto e sem necessidade de escolher, é um alívio pensar que alguém, Helena?, Catarina?, vai decidir tudo por si. Qual é o seu próximo livro? E se for um fracasso? Como é que mantém a sua aura todas as semanas no jornal? Tem dinheiro para morar onde quiser em Lisboa. Mas como é que se escolhe uma casa numa cidade que ainda se desconhece? Volta ou não volta para Joana? Deve ou não ceder à ternura que sente por Rute? Como conciliar a vida da cidade com os cuidados a Judite?

Aquilo que o assusta agora não é o cerco do mal como no passado, é mesmo o cerco do futuro. Sente o peso da liberdade. A sua vida até este momento foi um concurso de sobrevivência, não de liberdade. Foi superando obstáculos, sim, mas os obstáculos já ali estavam à espera numa pista única, não podia escolher outras pistas. Até aqui, não teve várias portas com diferentes futuros alternativos por onde escolher. Teve só uma porta de cada vez. Tinha de ser engenhoso para descobrir o segredo da fechadura, sim, claro, mas era só uma fechadura de cada vez. Tinha de sobreviver àquilo que lhe era imposto pelos outros. Agora pode viver e escolher, tem várias portas à sua frente, pode escolher uma entre várias. Qual é a melhor? Vai ser mais feliz se abrir a porta da esquerda, ou da direita, ou do meio? É por isso que sente o suicídio como uma dupla libertação: é a libertação do fardo da escolha, que está antes de escolhermos a porta que abrimos; é a libertação do fardo da culpa, que surge quando percebemos que escolhemos a porta errada. Sim, sente a liberdade como uma tirania e descobre, abismado, que a liberdade de escolha de Mário Castro e Sousa, que teve sempre diversos futuros alternativos à sua frente, pode ser mais asfixiante do que a sua velha vida sem liberdade. E ressentido este novo estatuto, prefere voltar à condição de bastardo anónimo do Janeirinho, não quer o sucesso do livro, não quer o convite do *Expresso*, quer voltar para o aconchego da pobreza e da ausência de fardos da escolha impostos pela liberdade. Há um certo conforto em não ter liberdade, há um sossego, o sossego do escravo ou do súbdito.

Olha para baixo. São sessenta metros até à libertação. Olha em frente para o Atlântico, agarra a grade vermelha, falta só um salto. O vento forte embate no capacete que não tira da cabeça. Acha que consegue ouvir o mar a embater no Bugio. Na primeira vez que viu o mar, sentiu a grandeza e a independência do oceano, que não precisa de nós para

existir; existiu, existe e existirá sem humanidade. O mundo não é a representação da nossa vontade. Na Galiza, na noite da epifania, sentiu o oposto, sentiu que o mar precisava dele para existir, era como se a sua percepção fosse um pilar do mundo como a gravidade da Lua sobre as marés; sem ele, o oceano não existia; o grande azul estava ali para ser visto por ele. Uma ilusão, sim, mas uma ilusão necessária nessa noite galega. Agora, aqui na ponte, mesmo por cima do abraço entre o rio e o mar, sente porventura o abraço entre as duas visões: não, não pode assumir que o centro do mundo é a sua percepção, mas pode imortalizar essa percepção particular e parcial através da escrita, da pintura, da música ou, como aqui e agora, através do suicídio. O salto para a água parece-lhe a imortalização máxima do seu olhar: deixará para sempre uma marca na própria estrutura do tempo, a queda deixará para sempre uma cicatriz de sessenta metros na face do mundo.

O tempo é diferente quando um ser humano se tenta matar. Nem um minuto passou entre o momento em que parou a mota e este pensamento sobre a bela cicatriz de sessenta metros.

Nos anos da letargia, escreveu um bilhete de suicídio que diz assim: «Não me mato hoje se alguém me sorrir na escola.» Alguém lhe sorriu e não se matou. Aqui na ponte acontece uma coisa parecida. Um carro trava, uma rapariga sai do lugar do pendura de braços levantados em sinal de paz e compreensão, e procura falar com ele. Ele vira-se para a estranha mediadora. Tem uma camisola com capuz e é estrábica. Com o capacete ainda na cabeça, ele parece um monstro, mas ela não recua. Esta rapariga, uma perfeita anónima, salva-o porque mandou o namorado travar o carro, porque se interessa, porque arrisca, porque dá um passo. Ele comove-se com esta coragem: ela está de pé no tabuleiro da ponte à noite, o seu corpo leve abana devido às rajadas de vento, mas tenta falar com um estranho que não tira o capacete da cabeça.

Ter-se-ia matado sem a intervenção desta estranha? Não sabemos. Sabemos, porém, que tapou a matrícula, arrancou os símbolos da marca da mota e nunca tirou o capacete; parte dele segurou-se assim à vida desde o início, parte dele introduziu este Cavalo de Troia da vida na muralha da morte; parte dele assumiu um possível arrependimento. Ainda não se odeia o suficiente. Para ter a eficácia homicida, o suicida tem de sentir asco por si mesmo. É por isso que é recorrente o seguinte padrão de comportamento: o marido mata a mulher e, segundos depois, suicida-se; ou melhor, o marido mata a mulher *para* se suicidar logo a seguir; estes homens precisam do homicídio enquanto rampa de lançamento do suicídio. Ao matá-las, sentem o necessário nojo de si próprios, o motor de arranque do suicídio. Quando tinha vontade de matar Joana, talvez fosse disto que ele andava à procura. Seja como for, ele salta por cima do rail, aproxima-se desta desconhecida estrábica, agradece-lhe com um «Obrigado» sentido mas calmo, monta-se na mota e desaparece. Passa junto às portagens a alta velocidade. A polícia está a ser alertada pelos primeiros carros que o viram, há minuto e meio, dois minutos no máximo. Mas ninguém o vai apanhar. Não têm hipótese. Enrola o punho, a mota ronca e desaparece; faz uma longa curva para leste e depois vira de novo para norte, atravessa o Tejo em Vila Franca e reentra na área metropolitana por cima, tal como no dia do êxodo.

Entra no apartamento ainda de madrugada. Não se deita. Começa a escrever o discurso para a apresentação do livro. Pedro entra no quarto e pergunta o que se passou. Não responde. Com a irritação de quem foi acordado a meio da noite, Pedro exige explicações, afinal estava na casa dele. Não responde. Pedro sai furioso, mas volta meia hora depois para pedir desculpa, para dizer que não tinha respeitado a sua privacidade. Eis a revolução: um homem a pedir perdão a outro homem; David

preferiria atravessar uma sala cheia de cadáveres a pedir perdão a outro homem.

No dia da apresentação, Helena, Catarina e Pedro convidam-no para almoçar num restaurante em Alvalade. Sente-se culpado só por estar ali numa avenida tão larga, tão bonita, tão confortável. Sente-se culpado por se sentir realizado e seguro. Na apresentação, numa livraria do Saldanha, não fixa nada do que o filósofo diz; cumprimenta-o com a mão a tremelicar. Afável e humilde, o filósofo confessa-se seu fã. Como assim? Como é que a maior cabeça produzida e exportada pela pátria é fã de um bacano do Janeirinho? Revê a stora Maria de La Salette. Abraça-o como uma mãe que revê o filho regressado da guerra. Apresenta-a a Helena. Entendem-se num instante, falam o mesmo idioma social, intelectual e até moral, ambas são missionárias. Ficam as duas sentadas na primeira fila ao lado de Pedro, de Catarina, do Dr. Sousa, de Adelaide Cabral e de Jorge Tavares, que fizeram questão de estar presentes. Romão não se quer sentar, está na parte de trás da livraria junto aos jornais. Há um cortejo anormal de jornalistas. Querem saber se ele quer responder às polémicas; diz que não, só interessa o livro.

Helena faz as honras da casa, diz que tem muito orgulho em tê-lo como amigo em sua casa e como escritor na sua editora. A sala está cheia, tensa, expectante. Sentado, o filósofo apresenta o livro lendo um texto preparado de antemão. Não ouve nada; qual veado prestes a ser atropelado numa estrada à noite, está encandeado com as luzes das câmaras de TV e com os flashes dos fotógrafos. O filósofo termina. Quando a maré dos aplausos baixa, levanta-se. Não consegue falar sentado. Não lê, proclama. É tímido, mas tem memória fotográfica.

— Caros amigos, obrigado por estarem aqui. — Faz a pausa dramática. Tem à frente uma pequena multidão entrecortada por câmaras, máquinas fotográficas e gravadores. Deem um palco a um tímido e ele é bem capaz de mudar o mundo uma polegada de cada vez. — Guardo muitas memórias destes meses de reportagem que estão na base do livro. A mais forte talvez seja esta: uma senhora de uma aldeia disse-me isto: «Olhe, a minha mãe tinha um tumor na mama, tão grande que a deformava, mas não deixava aqui o Doutor Sousa tocar-lhe.» — Interrompe o discurso e pede uma salva de palmas para o Doutor Sousa, para quem aponta; diz que este homem tem uma galhardia enorme e é, na verdade, o coautor do livro a par de Augusta e de Jorge Tavares, para quem também aponta. Os dois homens levantam-se emocionados. — Bom, esta senhora que preferia morrer a ser tocada por um homem estranho, mesmo que fosse o médico, tinha sempre no bolso um cartão escrito há muito tempo por uma senhora rica. O cartão, que eu vi, dizia assim: «Declaro que Maria de José é asseada e de bom trato!» Era só isto. Só tinha mais a assinatura da senhora rica em causa, que não vou identificar para não criar polémicas paralelas. Esta camponesa, esta Maria de José, tinha neste cartão a glória da sua vida. Foi considerada asseada pela senhora da vila. O país real era e, em parte, continua a ser assim: dominado por uma subserviência sufocante dos miseráveis em relação às fidalguias. A minha mãe, com todos os seus defeitos, e eram bastantes, ergueu-se a vida toda contra isto. — Cala-se uns segundos para controlar a emoção, que não é a emoção óbvia. Tem orgulho na mãe, mas ainda não consegue amá-la sem ressalvas; é isso o que o emociona, a incerteza, o ainda não saber se ama mesmo a mãe. — Reparem: claro que há realidades familiares que não são boas nem más, são apenas relativas ao seu contexto. Dou-vos um exemplo: o facto de eu ter uma irmã de leite nunca me surpreendeu. Na pobreza dos campos era

e é comum encontrar irmãos de leite. Para mim é normal, mas, para os meus amigos aqui da cidade — pisca o olho a rir a Pedro —, falar de irmãos de leite é como falar de uma ida a Marte. — Pedro larga a sua gargalhada em trinado que encantaria o eleitorado nacional. — Da mesma forma, a diabolização que se faz da separação em certos meios sociais mais altos é algo que surpreende o povo, vá, urbano, que se junta e se separa com enorme facilidade. — Helena perde o sorriso, muda de posição na cadeira a seu lado. — A normalidade familiar é relativa. Há coisas, porém, que não podem ser relativas e que beliscam uma verdade intemporal: o sistema de subserviência que humilhava as mulheres pobres deste país era inaceitável. Quando eu descubro que na minha aldeia havia uma mulher que vendia o seu leite materno, matando no processo os seus sucessivos filhos, há aqui um escândalo que não pode ser escondido ou relativizado. Há aqui um mal que tem de indignar qualquer sociedade e qualquer tempo. Sei que anda por aí muita gente a dizer que inventei estas e outras histórias. Para quem acha que a minha bruxa do Covão é uma mentira, sugiro que leiam as sagas nórdicas do Laxness ou o *Hadji-Murat* do Tolstoi. Tem uma história igual à minha. Não se lembram? Eu ajudo: a mãe de Murat foi ama de leite do filho mais velho do Cã, o chefe local. Esse primogénito chama-se Abununtsal. Quando Murat nasce, nasce também o filho mais novo do Cã, Umma Khan. O chefe exige que a ama de leite que serviu o mais velho sirva agora o mais novo, não querendo saber de Murat. Patimat, a mãe de Murat, recusa. É um escândalo. O próprio marido, pai de Murat, fica indignado e exige que a mulher deixe o próprio filho para dar de mamar ao filho da realeza local. Patimat recusa de novo e, em consequência, é apunhalada pelo próprio marido. Não morre porque outros seguram o marido irado. Permitam-me a pergunta: os homens portugueses eram diferentes destes chechenos? — A veemência excessiva, e talvez

desonesta, desta pergunta provoca a primeira salva de palmas. Mas, como sempre, aparece um alfinete para rebentar o frágil balão da sua glória: Joana entra na livraria.

Virados para a porta, ele, Helena e o filósofo são os únicos que veem Joana; ele é o único que sabe quem ela é. Traz um carrinho de bebé onde está Rute. Joana está bem vestida, calças e blazer discreto, não tem penteado e brincos à gona. Ele fica a pensar, «Estás a ver, Joana?, era possível estares em Lisboa comigo, foda-se, podias ter entrado no conservatório, podias ter sonhado!» Tenta esconder a surpresa retomando o discurso.

— É o trabalho do escritor, parece-me, encontrar estas feridas universais que escapam a qualquer desculpa ou contextualização. É por isso que o escritor que denuncia é maldito. Estou pronto para desempenhar esse papel ingrato. Fui guarda-redes, estou habituado. — Rebenta uma onda de risos na audiência; já agarrou o público. — Quando uma verdade causa indignação, convém relativizar a indignação e jamais ocultar a verdade. E a verdade é esta: o abuso da mulher pobre fazia parte da própria estrutura mental deste país, fazia parte das regras do decoro, ou seja, as próprias regras da boa educação eram formas de proteção dos abusadores, porque não se podia falar *destas coisas*. O ónus estava do lado da vítima que falava, até porque a denúncia punha e ainda põe em causa a sobrevivência económica da comunidade. O vexame privado da mulher vítima era e continua a ser inferior ao vexame público do homem abusador.

Joana tira Rute do carrinho. A bebé está bem-disposta, tem talvez sete, oito ou nove meses, não mais. Mesmo à distância, as duas esmeraldas lindas e exóticas iluminam a livraria. Joana olha para a bebé e aponta para ele como se estivesse a dizer: «Olha, o pai está ali!» É isso que diz a linguagem corporal de Joana. Parece que se está a assumir

como a mulher do autor. Faz-lhe adeus com a mão. Está com aquele sorriso frágil que ele amou. Que ama?

— No passado e no presente, há histórias de estados autoritários que tiram os filhos às mulheres que são consideradas impuras e traidoras. Este mal absoluto tem uma personificação clara, um leviatã. O escritor que o denuncia é um herói. O que eu encontrei em Portugal é diferente e faz do escritor uma personagem maldita. Porque é um mal sem uma personificação óbvia. O leviatã está espalhado, não é um único monstro marinho, são milhares e milhares de peixes indisponíveis para o sermão. Este mal em Portugal era difuso e estava espalhado por toda a gente; todos, sem exceção, da criada ao empresário, do padre à operária, do médico à freira, participavam ativa ou passivamente num esquema que, na linguagem de hoje, só pode ser descrito como tráfico de seres humanos. Há meio século apenas, bebês eram dados ou vendidos num esquema que fazia parte da cultura silenciosa do país, das normas sociais não escritas. — Cala-se para controlar a raiva. — E o que é absolutamente escandaloso é que só agora, devido ao meu livro, se comece a falar disto; disto que aconteceu no passado e que acontece ainda. É um tema que não chega aos jornais de referência, mas passará a chegar. — Há risos na sala; faz uma continência ao seu diretor, trocam sorrisos cúmplices. — Quando pensamos em fábricas de bebês para alimentar o tráfico de seres humanos para os mais diversos fins, pensamos na Nigéria, não pensamos num bairro de Queluz ou da Maia. Mas ainda há dias, uma portuguesa foi presa pela polícia porque vendia bebês a troco de pequenas fortunas num esquema idêntico àquele que denunciei, isto é, vendia-os a casais de emigrantes da Suíça e França. É a minha próxima reportagem no jornal. No entanto, há uma diferença: no passado reportado pelo meu livro, as pessoas não faziam os filhos de propósito para serem vendidos, vendiam no desespero. Hoje em dia,

quem faz isto fá-lo de propósito, é premeditado. É um negócio. O que temos aqui é um mal a usar e a rir-se do bem. Há pessoas que querem muito ter um filho, não conseguiram engravidar, estão anos à espera do sistema oficial de adoção e, por isso, rendem-se à venalidade de quem transforma um bebé num bem transacionável.

Na última fila, alguém se levanta para dar o lugar a Joana, que tem Rute ao colo. Simpática, a bebé mete-se com toda a gente nas duas últimas filas. Esta simpatia é ainda mais exótica do que a sua beleza. Não tem a quem sair simpática.

— Sabem como é que esta mulher, perdão, sabem como é que *este casal* iludia as autoridades? Ela registava-se como mãe, mas o homem que se registava como pai não era o seu companheiro, o verdadeiro pai; quem se dava como pai no registo já era o homem do casal que ia comprar a criança. Depois, mais tarde, faziam um acordo no Tribunal de Família e Menores que legalizava a permanência da criança na Suíça ou em França. Fizeram isto quatro vezes.

Joana escuta com atenção. Ele sabe no que ela está a pensar: eles poderiam ter recorrido a um esquema semelhante para ficarem com aquela bebé que salvaram da barraca; com a ajuda da Francesa, teria sido fácil. A sua vida teria sido muito diferente se tivesse dado esse passo que tinha tanto de ilegal como de decente. Se tivesse sido pai aos dezoito, Ruço teria sido a sua feição definitiva.

— Esta comparação com o presente serve para reforçar um ponto, se me permitem: não podemos ser moralistas com aquele passado. Reparem: eu estou aqui neste momento como jovem escritor porque a minha mãe foi vendida; se não tivesse sido vendida, eu seria um miserável pescador. A tia que conheci não foi vendida e ainda ganha a vida como prostituta. — A sala é um sepulcro. — O envelope que a minha avó adotiva deu à minha avó verdadeira melhorou a vida da

minha mãe e foi a curva decisiva da minha própria vida. A vida da minha mãe era uma mentira, sim, mas era uma mentira libertadora. A verdade ter-me-ia fechado à nascença na mais abjeta e incapacitante pobreza. — O Dr. Sousa chora em silêncio; estas palavras fecham a sua contrição; é confortado por Jorge Tavares. — E estou certo de que a maioria das pessoas que foram dadas ou vendidas tiveram vidas muito melhores do que teriam se tivessem ficado na origem. Isto não quer dizer que o sistema era legítimo, nem apaga os excessos que certamente foram cometidos: estando à margem de qualquer registo, este sistema era perfeito para a crueldade; é certo que mulheres superficiais adotaram meninas só para terem criadas vitalícias; é certo que homens adotaram meninas para depois abusarem delas logo na puberdade. Sei disso.

Pela reação assustada de Joana, ele percebe que ela ainda não leu o livro, nem qualquer texto sobre o mesmo nos jornais. É evidente que esta parte do discurso sublinhou o grande medo dela: os abusos do pai, que agora também pairam sobre Rute. Joana começa a chorar em silêncio. Ele comove-se, bebe água para disfarçar a voz embargada. Aquela bebé vai mesmo ficar à mercê do cabrão do Carlinhos? A plateia julga que a emoção do autor está relacionada com o livro, ignora a presença de Joana e de Rute. Só Helena, que tem o ponto de vista dele, começa a achar estranho o jogo de olhares entre ele e aquela jovem lá ao fundo.

— O que estou a tentar dizer é que a luta contra o esquecimento cínico não pode dar lugar ao moralismo fácil. Não quero nem o esquecimento do assunto, que era o que tínhamos, nem quero o julgamento apressado de todas as partes envolvidas, que é o perigo que temos agora. As pessoas que compraram ou conseguiram uma criança por este meio são, na sua maioria, pessoas decentes que queriam muito expressar o seu amor por uma criança. Foram traídas pela biologia, pelo

sangue, pela genética. Estas pessoas usaram a sua vantagem económica para convencer mulheres pobres a darem ou venderem crianças, é verdade, mas estavam a expressar a sua necessidade de amar, a necessidade que é ter uma criança ao colo. Não as consigo condenar.

Nova salva de palmas. Enquanto escuta as palmas, pensa na serenidade que sentiu há dias quando teve Rute ao colo, sentiu-se completo, preenchido. Como é que cuidou dela com tanta naturalidade, sem esforço, sem pensar? De onde veio aquela fluidez? Como é que sabia que devia experimentar a temperatura do leite quente esguichando um pouco para as costas da mão? Como é que sabia que o leite se aquecia em banho-maria? Não pensou, fez. Olha para a bebé. Helena perde as dúvidas e fica a pensar que Joana é uma namorada ou ex-namorada e que a bebé é mesmo filha dele.

— Posto isto, esta situação tem de ser exposta para que nunca mais se repita. Anda por aí gente indignada comigo; estas pessoas, no fundo, queriam que não falasse disto, queriam que se passasse diretamente para o perdão das vítimas sem falarmos dos abusadores; não querem que se saiba que aquele figurão intocável ou aquela lenda viva são ou foram violadores de criadas e operárias. Dizem que era assim e encolhem os ombros ou riem-se, como se isto tivesse piada. Exigem o esquecimento como forma de reconciliação, como se a única saída legítima fosse o perdão unilateral das vítimas, como se nem pudéssemos nomear este mal e a existência de agressores. Parece ser controversa a ideia de que os pobres têm o direito a ser visíveis e, pior ainda, o direito à justiça e reparação. Sabem, nos palacetes antigos, as paredes podiam ser tão espessas que tinham corredores lá dentro, que eram usados pela criadagem, um circuito escuro e invisível onde os senhores escondiam os servos inestéticos. Lamento, mas eu vou partir todos estes corredores invisíveis. O meu livro é a minha revolta contra este esquecimento, é a

colocação deste facto em cima da mesa. Depois, sim, depois de reconhecermos o facto, depois de o debatermos, então sim, podemos falar em perdão. Não por acaso, meus caros, assino o livro como Lucas Andrade. É o meu nome, é como quero ser conhecido. E Andrade é o apelido da mulher que comprou a minha mãe. Não pode haver perdão maior do que este. Obrigado.

Chovem aplausos apoteóticos; de pé, a sala quase que pede um encore, mas ele só tem olhos para Joana: está orgulhosa dele. Rute volta a meter-se com toda a gente à sua volta, bate palminhas imitando as outras pessoas.

Romão, à distância, faz adeus e sai. Ele demora uma hora ou mais a dar autógrafos. A mão treme de ansiedade, o que torna os seus gatafunhos ainda mais indecifráveis. Joana é a última da fila. Ao longo deste tempo de espera, Rute é a estrela da sala; as pessoas não resistem à sua simpatia e às duas esmeraldas. Com a sala por fim vazia, Joana põe em cima da mesa o seu exemplar do livro e pede com um sorriso de reconciliação:

— É um autógrafo feitoso, se faz favor.

Ele escreve o que tem a escrever e espera pela reação: Joana lê e começa a chorar; derrotada, deita a bebé no carrinho e sai. Helena aproxima-se e pergunta se está tudo bem, se precisa de falar. Ele desvia a conversa:

— Onde vamos jantar?

Jantam os cinco, ele, Helena, o filósofo, Pedro e Catarina. Deixam o filósofo no hotel e vão os quatro para o apartamento da Avenida de Roma, onde voltam a brindar.

— Trouxe uma garrafa do *nosso* conhaque — informa Helena piscando-lhe o olho. Após a derradeira libação, a terceira ou quarta, Pedro e Catarina retiram-se. Helena aproveita para perguntar se ele não quer falar da rapariga e da bebé que estavam na apresentação. Diz que não, que é uma história demasiado longa, fica para depois. Helena aceita e lança o novo desafio:

— Pense já no próximo livro. Não tem nada na gaveta?

Diz que não, não tem nada em vista neste momento, até está um pouco bloqueado. Não lhe diz que está na verdade apavorado com a ideia de escrever um segundo livro. *Ângulo Morto* escreveu-se quase sozinho, foi-lhe imposto por uma série de pessoas, da mãe ao Dr. Sousa. Agora não sabe o que pensar, não sabe que caminho dar à emergente carreira. Helena dá uma ideia: porque não voltar ao livro de contos? Talvez, não sabe. Despedem-se e cada um vai para o seu respetivo quarto. A meio da noite, alguém bate à porta do seu quarto, é Helena. Durante breves segundos ele ainda pensa numa fantasia erótica, não tem sexo há demasiado tempo. Mas ela corta-lhe o devaneio com a realidade:

— O seu pai está ali ao telefone.

— O meu pai? A esta hora?

Pensa no óbvio: Judite morreu? David morreu?

— Pai? Que se passa?

— Filho... o Beto e o Manel tiveram aqui em casa, não tinham outra maneira de falar contigo. Ouve, filho: parece que a Joana morreu.

«Pai, como assim a Joana morreu?, ainda há umas horas ela esteve à minha frente, porra!, ainda há bocado senti vontade de a apertar, abraçar, beijar, foder, proteger, como assim, pai?, ainda há bocado senti o cheiro dela que me deixa aluado, como assim morreu?, então a última coisa que fiz à Joana em vida foi escrever-lhe aquela merda, aquela

dedicatória estúpida, despeitada e infantil no meu próprio livro? — “Deixa de me perseguir, não te quero ver mais, não sei o que vi em ti” — foi esta merda que escrevi à Joana, pai, diz-me que não, diz-me que a última coisa que fiz ao amor da minha vida não foi dedicar-lhe o autógrafo mais estúpido de sempre, foda-se, não pode ser.»

— Filho, tás aí? Tás a ouvir?

— Sim.

— O Beto e o Manel dizem que se matou, atirou-se da torre onde morava.

— A Joana, matar-se? Não é possível, pai. Não é possível.

— Eles dizem que é o que se está a dizer nas ruas, nos cafés, nos bares.

— Mas eles viram o corpo?

— Não.

Preocupados, Catarina, Pedro e Helena estão no corredor à espera. Perguntam o que se passa quando desliga o telefone.

— Tenho de ir ao bairro, desculpem. Eu depois explico, agora tenho de ir.

A mota voa até ao Janeirinho. Vai até à torre dela, não há ninguém à porta; dá a volta ao perímetro da torre, não há marcas de sangue ou de giz ou fitas de plástico da polícia. Sente esperança. É boato, só pode ser boato. Toca à campainha do andar dela e ninguém atende, mantém a esperança, mas um vizinho, vendo o seu ar afogueado, diz:

— Acabaram de sair daqui.

— Quem?

— A polícia, os médicos e... o corpo.

Ele abana a cabeça, não, não pode ser. Volta à mota, vai até ao salão e o mundo desaba: o salão está fechado. A chorar, a Vó abre a porta: o

salão está juncado de raparigas cabisbaixas e lacrimosas. «Ó Senhor Doutor», soluça a Francesa, «perdemos a nossa Joanelha.» Abraça-o, chora, senta-se, conta-lhe o que se passou: Joana atirou-se para o poço das escadas interiores da torre onde vivia, caiu vários andares, partiu o pescoço, tinham acabado de chegar. Ele não chora, sente que não merece chorar, sente remorsos por ter escrito aquela dedicatória que a humilhou, ela matou-se por causa dele; o peso é tão grande que sente vontade de desabafar e confessar, mas não o faz: não sairia daqui vivo. Pergunta só se Rute está com o avô. Não, Carlinhos saiu para arejar. A bebé está lá em cima com Odete, que ocupou o velho sótão de Joana. Ele sobe as escadas, passa junto ao quarto de Zé Alemão, que o abraça choroso. Sobe o segundo lanço de escadas até às águas-furtadas onde foi feliz. Odete também o recebe a chorar. Rute está a dormir no meio dos filhos de Odete na cama onde ele e Joana faziam amor, na cama onde ela sonhou a concepção de Rute a partir dele. Enquanto Odete lá vai falando baixinho, ele observa a bebé durante longos minutos. Não sabe o que fazer. Como vai sobreviver a esta culpa? Como vai salvar a bebé?

Quando entra no seu velho terceiro andar já é de manhã; abraça-se ao pai, que ampara as golpadas do choro do filho — um homem silencioso amparando outro homem silencioso só com gestos e um abraço. Lucas chora porque a amava, porque sente culpa. Porque é que foi tão estúpido na apresentação do livro? Ela estava a procurar a conciliação, fez um esforço para estar no mundo lisboeta dele. Quando esteve com ela no alto da torre onde morava, ela procurou-o no desespero devido ao medo que sentia pelo pai. Mas, na livraria, durante a apresentação, ela estava pacificada como nos melhores anos do namoro. Ela estava a procurá-lo porque o amava e ele deixou que o seu

orgulho se intromettesse, deixou que os medíocres cálculos do mundo derrubassem os cálculos do Reino. O que importava se os outros o vissem como corno manso? Sim, seria corno manso, mas ela estaria viva, não se teria matado com medo do pai, não se teria matado graças à humilhação que ele lhe impôs. É simples: ele recusou salvá-la, ela matou-se. É patético: depois de tantas tentativas de suicídio, ele lá consegue consumir um, o suicídio da mulher que ama.

No dia seguinte, vai ao velório na nova igreja que o pai, a seu lado, trata como propriedade privada. Romão fica do lado de fora. Ele entra, cumprimenta a Francesa, que lhe dá de novo aquele abraço forte que só uma pessoa destruída pode dar; não é um abraço, na verdade, é uma criança grande a cair, desamparada, nos braços de outra. Ele segura as lágrimas. Fica uma vez mais perto de lhe dizer que a culpa é dele. Avança em silêncio, é incapaz de olhar para o caixão. Dá os sentimentos ao pai de Joana, Carlinhos, que tem Rute ao colo. Sente uma repulsa mental e física. Este homem abusou da filha e agora vai engordar a neta como a bruxa da casa de chocolate, vai alimentá-la até ao dia em que ficar apetitosa. Encara-o de maneira que ele perceba que alguma coisa não está bem. Carlinhos olha para ele sem saber o que pensar. Lucas aproxima-se, fica a dois dedos do rosto do outro. Surpreendido e julgando que ele está a perder o juízo devido ao luto, Carlinhos pergunta-lhe se se está a sentir bem e diz à Francesa que talvez fosse melhor levá-lo ao médico. Não lhe passa pela cabeça que ele está a par de tudo porque Joana foi capaz de lhe contar o indizível. Lucas quer atacá-lo, quer que o ódio que sente por Carlinhos oculte a culpa que sente pelo suicídio de Joana. Agarra na mãozinha de Rute e murmura o seguinte ao ouvido do biltre:

— Eu sei de tudo, cabrão. — Carlinhos dá um passo atrás e revela mais do que ele estava à espera. Estava à espera que Carlinhos

percebesse que ele conhecia o seu cadastro secreto de pedofilia. Só que aquele olhar atônito revela-lhe outra coisa: foi ele, Carlos, quem matou Joana; não foi suicídio, foi homicídio. Sim, o olhar de Carlos, um olhar de criminoso apanhado, não deixa dúvidas. Nunca viu uma metamorfose tão rápida e profunda de um rosto humano: de farsante inimputável Carlos passa a assassino viperino. Não, não matou Joana num homicídio premeditado. Tal como já tinha acontecido, tentou levá-la à força do apartamento para o terraço, discutiram e lutaram nas escadas, e foi aí, no meio da confusão, que ela caiu vários andares no poço das escadas. Tem a certeza de que foi isto o que aconteceu, *sente* esta verdade na linguagem escondida do mundo, os gestos, o olhar e o tom de voz do outro. Estica os braços para Rute, oferecendo-lhe colo. Contra a vontade de Carlinhos, a bebé atira-se para ele. Com a bebé ao colo, sussurra-lhe a verdade ao ouvido: — Sei o que fazias à Joana. E agora também sei como é que ela morreu, ou pensas que me enganas, cabrão de merda? — Incapaz de encaixar o que está a ouvir, incapaz de perceber como é que ele sabia aqueles dois segredos, Carlos sai dizendo que tem de ir à casa de banho. Com Rute ainda ao colo, Lucas pede à Francesa para ir com ele até lá fora onde está Romão, que não sabe o que pensar quando vê o filho com a bebé ao colo. Francesa e Romão cumprimentam-se com frieza, o bairro legal e o bairro ilegal, frente a frente. Trocam palavras de circunstância a três até que Romão se retira.

Lucas diz à Vó que não acredita no suicídio de Joana. Ela abana a cabeça, que é difícil de aceitar, ela sabe, mas não têm outro remédio.

— Não, Vó, a Joana não se ia matar, não com o amor que tem por esta criança.

— Mas atão achas que foi o quê? Que alguém a empurrou? Quem? Tem juízo! Quem é que ia empurrar a minha menina? — Ele ainda não é

capaz de lhe contar a sua tese; ela continua. — Desde que te deixou, ficou desnordeada, andava com aqueles cabrões, o David e o Pernas.

— O Pernas com o David e a Joana? Os três juntos? — pergunta admirado.

— Sim, esses capachos do Fanã. Mas não te preocupes, mon cher, tá tudo tratado. Um está no Júlio de Matos e não vai sair de lá nunca mais, não é? E se sair, dou-lhe cabo do canastro.

Ele escreve à noite no diário que não sabe o que sentir perante a ideia de a Vó matar David. Está a mentir a si próprio. Neste momento, ele deseja a morte do amigo.

A Vó continua:

— E o outro cabrão, bom, o outro também nunca mais vai sair do sítio onde tá.

Ele faz um esforço para que o júbilo pela morte do Pernas não seja muito visível:

— Vó, não me devia dizer essas coisas.

— Porquê? Tem juízo, Senhor Doutor! Achas que tenho medo de ti ou das merdas que escreves lá em Lisboa? Não és burro, pois não?, nem chibo. Ou precisas que te diga que costuma haver incêndios em fábricas abandonadas junto à ribeira?

Ele sente medo e raiva amarinhando por si acima como insetos, mas controla-se. Rute adormece no colo dele. Aproveita este à-vontade da criança para avançar.

— Quero falar consigo sobre uma coisa: quero adotar a Rute.

— Ah, putain! Mas tu te fous de ma guelle? Só pode, caralho.

Insiste:

— A Vó não queria que eu tirasse a Joana desta vida? Não consegui, e só posso pedir desculpa por isso. Mas posso agora tirar a Rute daqui.

— A bebé perde a chupeta e começa a chorar; repõe a chucha, acalma-a

balançado os braços, e regressa ao seu argumento, que entra na fase do desespero. — Quer que a Rute cresça como uma miúda lisboeta com um futuro à sua escolha ou quer que cresça como a nova neta da Francesa?

Mete a pata na poça, consegue a proeza que é furar a pele grossa da rainha do cabaré; nunca foi um prodígio diplomático. Ela tira-lhe a miúda dos braços e regressa à capela. Vai atrás dela, mas, antes de entrar, a Vó, ressentida, vira-se para trás e expulsa-o.

— Vai-te embora, caralho! Volta pa Lisboa, cabrão! Ah, putain! Julgas que és melhor do que eu? Não te esqueças que vens da mesma merda que nós. — Anda mais um pouco, mas vira-se, ainda despeitada. — Achas mesmo que és melhor do que eu com as tuas palavrinhas mete nojo, «connosco», «estiveste», foda-se!, quem és tu, puto?, o coninhas de Lisboa ou um gajo como deve ser? — Ele sente Mário de Castro e Sousa, o magnata, ao lado da Francesa, a puta; para Mário, ele será sempre chunga por muito que estude e escreva; para a Francesa, ele já é demasiado beto apesar de nunca ter negado a sua origem. — Vens da mesma merda do que eu, não te esqueças disso, e lá em Lisboa eles não vão deixar que te esqueças disso, Lucas Andrade o caralho!, és um mitra do bairro. O tom de voz não é o da Francesa, a magnata, não é o da Vó, a matriarca, é o da Anabela, a mulher e amiga que está magoada com o seu Senhor Doutor.

Lucas vai para casa a pé. Como é que lhe conta a verdade? Como é que ela vai acreditar? Ela tem de acreditar que o impensável aconteceu. Como é que a conduz por esse estreito caminho? No dia seguinte, vai ao funeral com o pai. Não consegue chegar perto da Vó e de Rute, que está ao colo de Odete, a babá de serviço. Um cordão de jagunços liderado por Zé Alemão não o deixa chegar perto delas.

— Baza, chavalo; não te quero fazer mal — avisa Zé num misto de dureza e atenção.

Dentro deste cordão de segurança, Carlos atropela-o com o sorriso desfigurado dos intocáveis. O funeral segue os seus trâmites lacrimajantes. Ele, porém, não chora, já chorou tudo. Odete e as outras, sim, choram a «nossa Joaninha». Odete, usando o seu estatuto de sargento, é a única que o vem abraçar. Ele dá um afago na bebé, pensa que é a última vez que lhe toca. A Francesa irrita-se, ordena que Odete regresse com a bebé, e ordena a imediata expulsão do intruso.

— Baza, Senhor Doutor, não te quero fazer mal, caralho! Baza mazé — avisa Zé Alemão. Lucas não se mexe. Zé saca da navalha e faz a pergunta retórica: — Queres outra cicatriz, hum?, agora no outro olho, pode ser? — Tem mesmo de sair, apanha o pai no portão. Quando se despede de Romão, diz-lhe que nunca o enterrará ali.

— Tens de me dizer onde é que queres ficar, porque aqui não vai ser. Romão sorri. Acha que está a ouvir um elogio, e está mesmo.

Volta para Lisboa, mas percebe que precisa de uma pausa. Pede uma folga ao diretor e vai passar uns dias ao *kibutz*. Ao cuidar de Judite talvez consiga tirar Joana e Rute da cabeça. Só que Judite não o reconhece nem pela voz, é uma nova descida deste inferno. Até este momento, ela tinha conseguido manter um canal aberto para a sua intimidade através do olhar, do tom de voz e de alguns gestos, ainda fazia um afago, ainda encostava a testa à testa dele, ainda lhe dava um empurrão ou beliscão na brincadeira. Estava cognitivamente danificada, mas continuava viva nas emoções. Mas agora parece só um autómato sem alma, ora em câmara lenta ora com agressividade brusca; é impossível antecipar os momentos em que cai num letargo ou num frenesim. Deolinda está destroçada, garante que Judite piorou nos últimos dias, mas que ainda se percebe que gosta de fazer uma coisa: ficar a olhar para a ribeira ou para a estrada.

— São os sítios favoritos dela — garante Deolinda —, tar ali ao pé da ribeira a olhar pa água ou tar na parte de cima da fábrica, onde era o escritório, a ver os carros a passar; tá horas nisso, horas! Olha, aproveito pa pôr e tirar as fraldas sem guerra. — O fluxo, de água ou de carros, é a única coisa que a sossega.

— Deolinda, pode ir para casa e amanhã pode tirar o dia — anunciou ele —, eu fico.

Antes de sair, Deolinda dá-lhe um papel com todos os passos do dia a dia de Judite.

O dia seguinte é sossegado, ele volta a sorrir. De manhã senta-a junto à ribeira na sua velha cadeira azul e vermelha. Ao lado, o *Max* e a *Nina* montam guarda à sua velha dona. *Max* também está moribundo, surdo, coxo, sarnento, mas não larga o posto. À tarde, leva Judite e a *Nina* para a parte de cima da fábrica de onde se vê o fluxo dos carros. É um dia pacífico que não permite antecipar o segundo dia: acorda com um ladrar aflito da *Nina*, alguma coisa se passa, teme o pior, mas na verdade aconteceu uma coisa que é porventura pior do que a morte: Judite acaba de matar o *Max* à paulada. Abanando o corpo sem parar, ela está sentada ao lado do pau ensanguentado e do animal de cabeça esmagada. Esta seria sempre uma cena difícil de aceitar, mas torna-se intolerável porque esta mulher é ou era a personificação da bondade. Agarra-a, acalma-a, limpa-lhe o sangue da cara, leva-a para o casão. Volta e enterra o animal enquanto abana a cabeça, discute com Deus: «Como é que esta merda é possível, pai?, porquê isto, foda-se?, porquê?, fala, diz qualquer coisa»; sente-se na tripla fronteira entre realidade, sonho e ficção, «isto não pode ser verdade, não é, não pode ser». Quando acaba de tapar a sepultura do animal, bate com a pá na terra várias vezes, a raiva contra o silêncio de Deus é total. Fica ali sentado, afagando a *Nina*, olhando para a ribeira. Deolinda chega e percebe de

imediatamente o que se passou, olha para as caixas dos medicamentos e vê a evidência: ele esqueceu-se de lhe dar um dos comprimidos. Perante o ar consternado dele, Deolinda tenta consolá-lo: «Deixa lá, não és enfermeiro, pois não?» Não, não é; é só um neto que não sabe o que fazer.

O terceiro dia do tirocínio na horta é normal. Ele começa a afeiçoar-se a Deolinda, é a mulher certa, é uma cuidadora nata, além de ser bonita, faz lembrar Eugénia. Deixam Judite a dormir no quarto iluminado pela única luz que a sossega, a luz avermelhada do candeeiro a petróleo. Vão cozinhar e conversar. Quando voltam com a travessa da comida, veem de novo um quadro que o coloca na tripla fronteira entre realidade, pesadelo, ficção: Judite está a tocar-se com uma sofreguidão ninfomaniaca; está a masturbar-se, completamente exposta e sem qualquer noção de intimidade ou decoro; é uma pessoa destituída da sua humanidade, é uma réstia de um sistema nervoso que só reage a impulsos brutais, sexo, matar, comer. Ele não sabe o que pensar ou fazer. Deolinda, sim, reage: «Outra vez, Ti Judite, então, pare lá com isso.» Cá fora, ele pergunta a Deolinda se aquilo já tinha acontecido. Algumas vezes, sim. Não sabe se a reação de censura de Deolinda é a mais correta. Porque é que há de ser proibido ou negativo ela fazer aquilo? Pensa em argumentar com Deolinda sobre o assunto, mas cala-se, não sabe mesmo o que pensar e, por outro lado, gosta de ver a consternação de Deolinda: certa ou errada, ela preocupa-se, gosta da Ti Judite.

Regressa a Lisboa.

Ao jantar, conta por alto o que se passou a Pedro e Catarina: a morte de Joana, os abusos que sofria do pai, a desconfiança em relação à tese do suicídio, a culpa que sente: o assassino é Carlos, mas ele empurrou-a para aquele momento com a dedicatória. Só não revela o desejo de adotar Rute. Eles, como sempre, dão-lhe aconchego, cangote, cafuné. À

noite, não consegue adormecer na cama. Levanta-se, anda pelo apartamento, vai até à varanda que dá para a Avenida de Roma. Bebe um pouco do conhaque de Helena. Está sozinho na varanda a beber, a aproveitar o silêncio da cidade adormecida e a apanhar frio; gosta do frio da noite, gosta do alívio que traz nas noites de estio, gosta da verdade que traz nestas noites outonais. Deixa a varanda, anda pela casa que, às tantas da matina, é a fronteira alagadiça entre inconsciência e consciência, sente-se na fronteira onírica entre realidade, sonho e ficção. Volta à cama. Adormece mas é varrido pelo pesadelo da queda. Acorda. Revive este sonho que, atravessando o brejo fronteiriço, deixa pegadas enlameadas. Revive sobretudo a pegada da morte. Tal como sempre acontece, acordou quando está prestes a morrer, quando está prestes a embater no Tejo, quando o medo que ainda contém esperança se transforma na certeza da morte. Esta antecipação da morte passa do sonho para a realidade e permanece nele enquanto sentimento de contornos perfeitos, como se fosse um sentimento normal gerado no dia a dia. Sente-se morto, desligado, sem sintonia com os vivos. Ouve ao longe o leve ressonar de Pedro como se estivesse a ouvir o vento a passar nas árvores, é um som sem humanidade. Em boa verdade vale a pena dizer que não há diferença entre este sentimento de morte trazido do mundo dos náufragos e o amor por Judite ou a gratidão por Helena do mundo dos vivos: têm a mesma clareza. Não consegue apagar esta precisão mórbida. Não serve de nada murmurar «é só um sonho, caralho» no silêncio do quarto. Parece impossível regressar à realidade. A autoconsciência da morte tem aqui um sabor mental que não lhe sai da cabeça da mesma forma que o ardor das especiarias não sai do palato. Sai do quarto. Deita-se no sofá com uma janela entreaberta para ouvir o leve frisson da cidade. Adormece. Tem de novo o sonho da queda na ponte, mas é uma variante nova, é um exemplar único, já não é o sonho

da queda sem fim. Sim, salta para o Tejo, mas no ar, logo no primeiro segundo, algo muda: arrepende-se. Restam três segundos; se cair de chapa, morre de imediato; se cair num ângulo perfeito de noventa graus, não morrerá da queda mas morrerá afogado, porque mergulhará demasiado fundo e não terá ar nos pulmões para suportar a subida até à superfície; sabe que tem de cair num ligeira inclinação oblíqua para que o corpo evite a chapa mortal mas também um mergulho demasiado profundo e por isso mortal; tenta mover-se no ar como um paraquedista e acerta: consegue mergulhar no ângulo certo; consegue emergir na escuridão. É a única vez que o pesadelo da queda tem um fim. Sonhou-o centenas de vezes, esta é a única vez que embate na água. Não morre, porém. Renasce.

Encontra o caminho.

Espera pela noite do dia seguinte. Vai até ao bairro. Estaciona a mota mesmo à porta do salão. Tenta entrar. Carlinhos parece estar à sua espera e ordena que dois jagunços bloqueiem a sua entrada. Ele começa a gritar:

— Vó, Vó, preciso de falar consigo, por favor, Vó!

Por fastio, ela cede.

— Deixem-no entrar — ordena a matriarca.

Ele vai até ao balcão onde ela está, são talvez vinte metros entre mesas de bilhar e matraquilhos. No andar de cima, Odete faz-lhe adeus. Andando a seu lado, Carlinhos insulta-o, cospe-lhe, grita:

— Queres roubar a minha neta, cabrão! Tens de me matar primeiro.

— Pois, é esse mesmo o plano. Ele sabe que não consegue matar, já provou a sua incompetência homicida várias vezes, mas está numa sala cheia de gente competente na matéria.

— Vó, preciso de falar consigo a sós. — Carlinhos continua a insultá-lo. Ela garante que não tem segredos com o filho. — Tudo bem.

Olhe, Vó, sabe qual era o maior medo da Joana? O seu filho, este cabrão de merda! Sabe porquê? Violou-a vezes sem conta até aos catorze, até ela vir para aqui morar consigo. — Ele sente a navalhada no braço e um empurrão que o derruba. No chão, Carlinhos encosta-lhe a navalha ao pescoço.

— Tá calado cabrão, pára de dizer essa merda ou eu mato-te!

A matriarca levanta-se e sentencia:

— Não, não matas, quem mata aqui sou eu.

Desvia o filho, levanta Lucas pelo colarinho e leva-o para o pequeno escritório. Ficam sozinhos. É uma mulher imponente: esbofeteia-o, esmurra-o, pontapeia-o. Ele sabe que esta explosão faz parte do processo. Não reage, aceita a sova. Quando se cansa, ela senta-se na sua cadeira que preside a uma larga secretária. Ele senta-se à sua frente. Limpa o sangue da boca e do nariz, verifica a navalhada no braço, não é muito funda. Está tudo a correr como previsto, mas o risco é total, pode correr bem ou pode acabar no Trancão. Dá o passo de uma vida.

— Sabe, Vó, há dias senti uma enorme alegria quando me disse que tinha matado o Pernas. Há uns anos, aqui no salão, você percebeu que havia qualquer coisa entre mim e aquele cabrão. Lembra-se? — Ela diz que se lembra mais ou menos, sim; o olhar dela começa a ceder. — Você percebeu o que era, não foi?, mas não quis pensar nisso, não quis levar a sua intuição até ao fim, tal como agora: você sabe que eu estou a dizer a verdade, o seu filho abusou da Joana. — Ela grita para o calar, ameaça matá-lo. Ele continua a falar por baixo dos gritos. — Sim, você percebeu que o Pernas abusou de mim. Até lhe digo onde: foi na cave do pavilhão de baixo ali da escola cor-de-rosa. Você percebeu, mas não quis dizer nada, como percebe agora que eu estou a dizer a verdade: sim, Vó, você quis pensar que ela veio para aqui por causa da mãe, mas foi por causa dele. O seu filho violou de todas as maneiras possíveis a Joana.

Ela nunca lhe contou porque não queria dar-lhe este desgosto e porque sabia que você o mataria. E quer saber outra coisa? Ele só está vivo porque eu convenci-a a desfazer-se da pistola que ela lá tinha. O seu filho está vivo e a sua neta morta, porque eu fui um totó do caralho, fiz com que ela jogasse fora a merda da pistola.

Ela tira um revólver da gaveta e sentencia:

— Ah, putain! Se estás a mentir, cabrão, eu mato-te agora mesmo.
— Chama um capanga, de alcunha Timofte, e pergunta-lhe se deu alguma fusca a Joana. Ele gela porque reconhece o homem: é o assassino do Maneta. Timofte diz que não, que não deu armas a Joana.
— Ok, Timofte, podes sair e, ouve!, não falas disto a ninguém! Nem ao Carlos! — Chama um segundo jagunço, o Xerife. Faz a mesma pergunta: — Tu deste algum canhão à minha neta? — Que não. Dá o mesmo recado, isto não é pra falar com ninguém. Chama um terceiro homem, Zé Alemão. Zé olha para ele com pena e antecipando o dilema que tem pela frente: como é que vai limpar o sebo a um puto de quem gosta? Ela pergunta: — Olha lá, tu deste alguma fusca à Joana? — Muito atrapalhado, uma atrapalhação salvadora, Zé lá diz que sim, que a Joana há tempos lhe tinha pedido um canhão e ele lá lhe arranjou um 38 carunchoso, que pedia desculpa mas é que a Joaninha tinha pedido para não dizer nada. A Francesa dispensa-o com um simples gesto. O rosto dela muda. Parece estar a passar por aquela incredulidade que precede a aceitação do impossível. É a sua oportunidade:

— E sabe que mais, Vó? Desde que voltou de Inglaterra, ele ia lá à casa dela, na torre, tentar de novo. Ela pediu-me para ficar a morar lá com ela. Disse-me que ele tentava levá-la à força *pelas escadas* para o terraço.

— Pelas escadas? — O rosto dela embate com a verdade.

— Já percebeu, não já? A Joana não se matou, ela adorava a Rute, era o que ela mais queria, ter uma filha, pediu-me não sei quantas vezes, foi por isso que ela me deixou, eu não queria. E, olhe, até lhe digo outra coisa: ela abortou um bebé do pai. Um bebé que era filha e irmã ao mesmo tempo.

Num relâmpago de cowboy, ela atira-lhe com um pisa-papéis à cabeça; é uma pequena pirâmide em vidro. Ele cai para trás com o embate. Levanta-se, vai até à pequena e contígua casa de banho. Pega numa toalha para estancar esta nova fonte de sangue. Não consegue ver nada; a sua enorme trunfa torna impossível ver a ferida, mas sente o golpe: é pequeno mas fundo. Estanca o sangue com a toalha, vira-se e insiste.

— Eu sei que dói, Vó, eu sei, mas foi o seu filho quem matou a Joana. Lutaram naquelas escadas, tá a ver como são aquelas escadas, não tá?, ele queria puxá-la lá para cima para o terraço para lhe tocar à vontade longe da bebé e, no meio da confusão, no meio da bulha, ela caiu no poço das escadas. Foi isso que aconteceu. — Respira, e renova o pedido: — Por favor, Vó, deixe-me ficar com a Rute.

— Vai-te embora, Senhor Doutor. — A voz dela continua firme, mas já perdeu a ira. Aponta-lhe a arma que tirou da gaveta e repete. — Raspa-te daqui.

De novo derrotado, ele encaminha-se para a porta, o plano não resultou, mas o grande passo da sua vida ainda não está fechado, aliás, este passo agora está fora do seu controlo; não sabe bem porquê, mas vira-se para lhe contar o que se passou naquele final de tarde na cave da escola. Já não tem nada a perder. A verdade é mesmo mais fácil na derrota.

— Sabe, a ideia era o outro gajo, o Ouriço, eram irmãos os cabrões, segurar-me e o Pernas abusar de mim, está a ver ou não, Vó? — Está,

está a ver: pousou a arma e acendeu um cigarro expectante. Parece que vai mandá-lo calar, mas recosta-se na cadeira. Ele conseguiu drená-la, a ira pantanosa desapareceu; o que era um pântano que o podia afogar é agora um terreno seco que pode lavar. — Porquê eu, Vó? Era o alvo perfeito. Tinha acabado de chegar à escola, ninguém me conhecia, e parecia um betinho ao pé deles, não dizia asneiras, falava bem, sou o Senhor Doutor, não é?, e o cabrão todo simpático comigo, quase melado, a Joana dizia o mesmo ali sobre o Carlinhos. — Ela já não reage; ouve, fuma, avalia. — O gajo dizia baixinho «tá quietinho!» com uma voz assim melada, frágil, tá a ver?, deve ser um segredo destes cabrões, uma vozinha que me fez quase sentir pena do gajo. — Ela acende o segundo cigarro. Ele aproxima-se e volta a sentar-se na cadeira à frente dela. — Sei que violaram mais gente ali mesmo, rapazes e raparigas, não era pelo sexo, era pelo poder, percebe?, o David, vi eu com estes olhos, fez o mesmo lá na rua. — Ela baixa o cigarro e, rancorosa, diz que o David foi a desgraça da Joanhinha. Acende um terceiro cigarro. Ao contrário do que é habitual, fuma-os até ao caramelo do filtro. Ele não sabe se consegue continuar, mas fecha os olhos, avança, descreve a cena. Termina com esta frase: — Eu só tinha doze anos, Vó... — Tapa o rosto com a toalha cheia de sangue e chora com dez anos de atraso. Humilhado, exposto até ao osso, levanta-se e encaminha-se para a porta e, antes de sair de vez, ainda acrescenta um pormenor: — Sabe uma coisa, Vó? Enquanto aquilo durou, vi sempre a luz do escritório do meu pai onde ele estava naquele preciso momento; a luz estava ligada porque o meu velho estava lá; eles forçaram-me a estar com a cabeça e o peito em cima dos colchões do salto em altura; estive sempre com a cabeça para a direita para ver o sítio onde estava o meu pai naquele preciso momento; estive sempre a ver a luz do meu pai. Contado ninguém acredita.

Sai. Deixa a porta aberta. Quando Carlinhos e os outros o tentam agarrar, ela, ainda sentada, dá-lhe salvo-conduto.

— Arrête! Deixem-no passar, ele não volta mais aqui.

Junto à mota, não consegue pôr o capacete, a dor é tremenda. Conduz devagar; ao vento, o cabelo, ruivo de sangue, aterroriza-o quando passa debaixo dos postes de iluminação. Em casa, Pedro não acorda. Catarina levanta-se, arregala os olhos de espanto e tapa a boca para travar um sumido «Ó meu deus». Não faz perguntas, mas vê logo que o amigo precisa de ir ao hospital; descem e apanham um táxi. O médico submete-o a vários exames e depois pede à enfermeira que lhe cosa a cabeça. A enfermeira pega numa máquina de cortar cabelo para abrir espaço à volta da ferida. Ele pede-lhe um favor: se ela não pode, já que está com a mão na massa, rapar-lhe o cabelo todo? A enfermeira sorri e executa o estranho pedido: Lucas fica de cabelo rapado como um magala. Quando volta, o médico ri-se da súbita mudança de visual. Este sorriso é um alívio, um sinal de que o veredicto médico não é grave. E não é: teve sorte, mais uns centímetros abaixo e tinha ali um berbicacho neurológico. Antes de lhe dar alta, o médico diz:

— Gostei muito do seu livro. Mas olhe que João Azul, como está aqui na sua ficha, era um belo nome.

Ele aponta para Catarina e diz:

— Aqui esta menina não me deixou ficar com esse nome.

À saída, Catarina tenta animá-lo:

— Até te fica bem, o cabelo assim, ou melhor, a ausência dele.

Abraça-a, volta a chorar, agradece-lhe.

— Dou graças a Deus todos os dias por te ter como amiga, como irmã. Obrigado por tudo.

Catarina encolhe os ombros e diz sorrindo:

— Vá, vamos para casa.

Apesar de estar presa a um corpo minúsculo, a autoridade de Catarina é forte e serena; cria uma auréola pacífica que gera segurança — outro brutal corte com o passado de Lucas Andrade.

Na manhã seguinte, quando Pedro entra na cozinha, ele e Catarina já estão a tomar o pequeno-almoço. É um momento hilariante: Pedro fica atónito a olhar para ele. A metamorfose é total: tem a cabeça rapada depois de anos com guedelhas equídeas; tem compressas na cabeça e pensos no braço; parece um soldado num hospital de campanha. Pedro, todavia, não abre a boca: coça a cabeça, senta-se, comenta as manchetes, e anuncia que Helena voltou a perguntar se ele, Lucas, já tem ideia para o livro novo. É ele quem se começa a rir.

— Pá, Pedro, não vais perguntar nada? Parece que vim da guerra e não perguntas nada?

A resposta de Pedro é esplêndida.

— Axandra-te, caralho: eu já me habituei a uma coisa, o Ruço vai sempre aparecer para partir a boca toda ao Lucas Andrade; o Janeirinho é foda, não é? — Desatam os três a rir. É um momento precioso: um aristocrata do Porto a tentar falar com o sotaque chunga dos arrabaldes de Lisboa. Sabe-lhe bem esta risada, limpa em definitivo o dia anterior. Começa a pensar na maneira de lhes contar o que se passou, mas a entoação burlesca que Pedro deu ao calão do bairro, «partir a boca toda», «Axandra-te», «Janeirinho é foda», abriu-lhe um veio na memória:

— Claro! O bairro! Claro! Obrigado, Pedro.

Desce as escadas. Não consegue pegar na mota, as dores ainda são incapacitantes. Não faz mal, já tem dinheiro para um táxi, que sobe amedrontado a duna negra, apesar de usar já o viaduto feito por Romão, uma reta suspensa no ar por pilares de dezenas de metros, um porta-aviões em terra, um porta-zepelins. Quando entra no velhinho terceiro

andar, sente de imediato o bafo do sexo. Ouve alguém a levantar-se da cama do pai. Não é ele de certeza, a esta hora já está na fábrica. Coberta pelo velho robe turquesa de Augusta, Deolinda entra no hall ainda a olhar para baixo na direção do atilho do robe que está a compor, e a dizer «ó homem, esqueceste-te do quê desta vez, és mesmo cabeça de alho chocho». Antes mesmo de ela levantar a cabeça, ele sorri enquanto é varrido por duas emoções: está envergonhado por ter cobiçado a nova mulher do pai; está feliz pelo pai e pela própria Deolinda. Ela levanta a cabeça e assusta-se: leva as mãos ao peito para recuperar do sobressalto e para tapar a vergonha; está no lugar de Augusta, está com o robe dela, tem vivido ali em segredo. Ele sossega-a.

— Deolinda, está tudo bem, a sério, não fique assim, fico feliz por estarem juntos. — E acrescenta uma piada: — Têm a minha *bênção*. — Sorriem e, sem drama, ela acena com discreta gratidão e vai para a cozinha preparar o pequeno-almoço. Ele percebe agora porque é que Judite não reagiu a Deolinda como reagiu à outra aia: pressentiu desde o início que Deolinda não é ajuda profissional, não está ali em trabalho; pressentiu que Deolinda é da família, que ama Romão e que por isso cuida dela por amor.

Mentiram até agora, porque Romão ainda não sabe como contar ao filho que já tem namorada tão pouco tempo depois da morte de Augusta. Ele, Lucas, não pensa assim, o luto pode ter o prazo de validade do iogurte, não precisa de ser longo para ser sincero. Ela aponta para o penso na cabeça e pergunta o que se passou. Acidente de mota, diz. Ela diz que gosta de o ver assim de cabelo rapado e pede o mesmo que já pediu a Romão.

— É preciso pôr um telefone na horta; eu preciso ligar rápido ao teu pai se alguma coisa acontecer à Judite.

Ele faz uma pergunta de quem já é lisboeta:

— Mas a horta é clandestina, Deolinda, como é que se põe lá uma linha?

Ela reage com piada.

— Vocês, lisboetas, são mesmo uns meninos. — Então não estava ele farto de saber que no bairro havia sempre maneira de se conseguir as coisas? Riem-se, ele dá uma última trinca numa torrada maravilhosa, polvilhada com orégãos, levanta-se e vai para o quarto vasculhar a velha escrivaninha até que encontra o que veio procurar: um livro que está mesmo na gaveta, a grande reportagem que escreveu sobre aquele binómio do horror, Cheias de 67 e Estripador, e que, após as críticas soezes do David, desistiu de entregar à professora La Salette. Relê o texto, dá um murro na secretária.

— Isto está bom! Porque é que fui na conversa dele?

Deolinda aproxima-se para perguntar se está tudo bem; ele sorri e pede-lhe desculpa, sim, está tudo bem, está tudo mais do que bem: claro que o livro precisa de ser limado aqui e ali, precisa de maior coerência interna e de superior sofisticação intelectual, mas está aqui um belo opúsculo sobre a história da Grande Lisboa, sobre a colonização ainda em curso dos arredores da cidade. Porque é que os arrabaldes da cidade são tão feios? Porque foi preciso construir à pressa após as Cheias de 67; já não era possível manter os mujiques nas barracas junto aos rios e ribeiros assassinos. A fealdade não desaparece, mas compreende-se melhor. Além disso, o livro tem uma reflexão bastante madura, demasiado madura, infelizmente, sobre o mal, quer o mal natural da natureza que leva mil pessoas numa enxurrada, quer o mal humano de um assassino em série. Liga a Helena.

— Minha querida, vai ter um livro novo daqui a um ou dois meses. Nunca a expressão «ter um livro na gaveta» fez tanto sentido. É uma

coisa que escrevi há uns anos, precisa de uns retoques, mas é bom, faz à Grande Lisboa aquilo que o *Ângulo Morto* fez à aldeia.

Regressa à cozinha, partilha novas torradas e conversa com Deolinda, falam sobre a Urbanização Azul quase pronta onde ela poderá dar uma nova casa e um verdadeiro recomeço a Romão, falam de Judite e da desumanidade que é a demência. Dá-lhe um aperto de mão, repete a ideia de que se sente feliz por ela ser a namorada do pai e volta para Lisboa.

Passa o resto do outono a reescrever o segundo livro, *Depois do Mal*. Quando não está a trabalhar no jornal, está em casa a reescrever o livro ou à conversa com Catarina. Passa alguns fins de semana na horta ajudando Deolinda e Romão a tomar conta de Judite e da *Nina*; escreve em pé na bancada de Joaquim, dorme no sofá verde, lê na sua cadeira azul e vermelha. Tenta salvar a horta, mas sozinho não consegue. Já não é uma horta, é um baldio. Publicado numa velocidade recorde por Helena, o livro é um novo sucesso e, desta vez, sai a tempo do Natal. Há nova polémica. Pelos vistos, muitos cidadãos não gostam de saber a história de violência que cerca a capital a oeste e norte. Os urbanitas sentem-se claustrofóbicos com este cerco do mal, que não devia existir no país dos brandos costumes, que não devia existir na retaguarda do progresso dos últimos anos.

Catarina faz anos dois ou três dias antes da apresentação do livro. Aproveitam para fazer um jantar de Natal que comemora a publicação de *Depois do Mal* e que celebra o vigésimo segundo aniversário de Catarina, que estreia nesta noite o casaco de Augusta. Ele também aproveita para tentar juntar as duas nações: convida o pai e Deolinda para esta festa no apartamento da Avenida de Roma. Liga para o telefone

recém-colocado no casão do *kibutz*: Deolinda atende, resiste ao convite, não quer deixar Judite com mais ninguém. Ele lá a convence a deixar Judite umas horas com uma amiga.

Romão e Deolinda aparecem na festa com as marcas expectáveis: aperaltados em excesso e nervosos. Tenta integrá-los, mas estão sempre à parte. À mesa, Deolinda olha desconfiada para o empregado que lhe serve a sopa; não se levanta para ir arrumar a cozinha porque não calha. A desadequação social é reforçada pela desavença de Romão. Se não se importou com as polémicas do primeiro livro e com a desconstrução da serra, agora está furioso com o livro sobre o bairro: então ele, Romão, «anda pra ali a tentar fazer alguma coisa de jeito no bairro, o clube, o centro paroquial, a empresa, a nova urbanização» e aparece o seu próprio filho a fazer-lhe aquela desfeita, lançando um livro que suja de novo a reputação do Janeirinho? Já se fala de uma possível candidatura do Seu Romão à junta de freguesia. Se avançar, este livro vai ser arma de arremesso dos seus adversários políticos. Ele não responde, percebe o ponto de vista do pai. Durante a polémica sobre o livro da serra, os tios ficaram zangados, mas Romão nunca quebrou a lealdade com o filho. A Bíblia diz-nos que temos de ser capazes de, em nome da verdade, rasgar as nossas lealdades familiares; que às vezes é preciso criticar e abandonar os nossos, a nossa região, a nossa pátria, até a nossa família. Ele, Lucas, não sentiu este choque com a serra aquando da publicação de *Ângulo Morto*, há muito que não via a serra como a sua terra, não sentiu qualquer conflito entre a lealdade familiar e a lealdade à verdade. Romão sentiu-o, mas aguentou o azedume dos irmãos. Lucas nunca correu o risco de ser um verdadeiro apátrida, Romão foi esse apátrida. Ao literarizar as suas raízes, ele também as queimou em hasta pública, expondo Romão a uma pressão para a qual não estava preparado. Romão ouviu comentários críticos na rua, no café e até em toda a cadeia de

produção da fábrica, desde os fornecedores até aos clientes; as pessoas puxavam sempre do assunto para lhe dizer que «o seu filho não devia ter escrito aquilo». Lucas colocou o pai numa decisão difícil: se o apoiasse, perderia de vez a amizade dos irmãos e a vida na horta ficaria ainda mais desolada, quebrando-se assim um vínculo comunitário com quarenta anos; se apoiasse os irmãos, perderia de vez o contacto com o filho. Escolheu a primeira. Era também por isso que os tios não apareciam agora na horta. Sim, ele sente que o pai tem razão para se sentir traído, mas voltaria a publicar este segundo livro.

Apesar das tentativas de conciliação de Deolinda, perita na linguagem por gestos e olhares, Romão passa o jantar a embirrar e a fazer perguntas ou comentários confrangedores. Diz que não gosta de ver Catarina com o casaco de Augusta e questiona o porquê do pseudónimo.

— O que é isso do Lucas Andrade? Porque é que não usas o teu verdadeiro nome? Tens vergonha dele, é?

Pergunta ainda porque é que ele não acaba o curso. Arenga:

— A tua mãe, se fosse viva, não ia deixar.

Ao lado, Deolinda olha para Lucas e pisca-lhe o olho, ou seja, Romão está só amuado, não é uma zanga definitiva. Portento de elegância e trato, Catarina vai ao quarto, despe o casaco de Augusta e faz de babysitter de Romão e Deolinda ao longo da noite, serve-lhes cocktails que nunca beberam, aliás nunca antes tinham ouvido a palavra «cocktail».

A meio da noite, Helena puxa-o para a varanda para conversarem. Ameaça chover. Helena diz-lhe que Romão é um homem curioso.

— Porquê?

— Porque, entre outras coisas, perguntou-me sem grandes preliminares porque é que eu gostava tanto de si.

— E a Helena disse o quê?

— Disse-lhe: «O seu filho, Senhor Romão, é um caso de talento e sucesso, a minha editora agradece, mas não é por isso que gosto dele. Uma mulher rica como eu tem muito em comum com um rapaz pobre como o seu filho: ninguém espera nada de nós. Da mulher rica espera-se que seja uma dondoca; do rapaz pobre espera-se que seja um miserável ou, no máximo, alguém humilde num trabalho manual. Muito daquilo que tive e tenho de aturar deve-se ao facto de eu ser uma mulher; muito daquilo que o seu filho está a aturar deve-se ao facto de ele ser filho de gente humilde. É por isso que gosto do seu filho.» Foi isto o que eu disse ao seu pai. — Ficam de braço dado como mãe e filho.

Por momentos, ele pensa em murmurar-lhe a outra razão do porquê da irmandade entre uma mulher rica e um rapaz pobre. O rapaz pobre de um bairro anárquico é o único homem que compreende bem o medo primordial da mulher, de qualquer mulher: o medo de ser abusada, o medo de ter o seu corpo tocado ou molestado. Quando anda na rua à noite sozinha, qualquer mulher sente este medo. Ao contrário de todos os homens que estão nesta festa, ele conhece este medo. Não diz nada, todavia. Ela puxa de outro tema.

— Sobre aquele seu *assunto*, gostava muito que falasse com esta pessoa. — Helena passa-lhe um papel com um nome, António Melo, SJ., e o respetivo número. — É o meu jesuíta há muito tempo.

— É o *seu* jesuíta? — Riem-se. — Não sabia que um dos privilégios da classe alta era ter um padre privado. — Riem-se de novo e Helena explica-lhe que o padre Melo é um amigo da família há muito, que é a pessoa ideal para ele começar um caminho terapêutico.

— Se não quer um psiquiatra, fale ao menos com o António.

Ele promete-lhe que liga ao tal psiquiatra divino. Ou seja, mente à sua editora e amiga. Mesmo após a epifania e a certeza da fé, a sua

relação com Deus mantém-se privada. É baseada na leitura da Bíblia, que passa a ser um hábito diário, e nas confissões e cartas que deixa a Deus nos diários escritos e gráficos. Da mesma forma que se sente um bastardo social, também se sente um bastardo religioso. Este sentimento de bastardia é visível numa parte de uma novela gráfica que deixa incompleta. Sabemos que anunciou a amigos que o seu terceiro livro seria uma novela gráfica. Talvez fosse esta, que tanto pode ser a descrição de um dos seus sonhos ou um ensaio teológico consciente e obviamente baseado no famoso sonho de um santo que tem o mesmo nome da sua terra natal, Jerónimo. A cena de abertura é esta: ele entra numa sala fria, é suposto sentar-se para ser avaliado, é uma audiência, mas não há cadeira, sente medo; não é o medo de uma possível condenação, é o medo de nem sequer ter direito a julgamento; ao fundo e ao centro, num palanque elevado, uma figura está sentada de costas; o frio prossegue a marcha, o vento abre as janelas, a neve entra mas com uma estranha calma, as portadas não batem, os vidros não partem, a neve entra e cai serena como o pó de uma clepsidra — de novo, o tempo a ganhar forma física; a figura permanece imóvel e de costas; ele anda até ao lugar onde devia estar a cadeira, mas há apenas um palanque gradeado vazio, no chão veem-se as quatro marcas dos quatro pés da cadeira ausente; uma segunda figura aparece: com a mão esquerda aponta-lhe a porta de saída, com a direita vergasta-o com uma chibata; o gelo sobe e cobre tudo com um branco de morte. — Esta é a parábola gráfica do seu sentimento de bastardia social e religiosa; ele sente nas igrejas de Lisboa aquilo que sentiu na mansão de Mário: sente-se um couteiro na casa de condes. Recusa sempre os convites de Catarina e de Helena para ir à missa. Aliás, nesta noite, ali na varanda com vista para a igreja da Praça de Londres, ela renova o convite, «venha ali comigo à missa amanhã». Ele dá a resposta que Augusta dava quando queria

desconversar, «amanhã não, um dia destes» e volta ao tema do suicídio com uma distância que sossega Helena.

— Mas, sabe, Helena, sobre esse *assunto*, sei que nunca me vou livrar dele. É impossível. Todas as minhas tentativas estão aqui ao pé de mim, não me largam. É como ter amigos imaginários, compreende? É uma ideia que está sempre quente. Se eu descer até ali — aponta para o Metro — e ficar à espera à beirinha da linha, eu fico a pensar nisto: basta um salto. Penso nisso sempre que ali estou, só varia a duração. Um, dez, sessenta segundos? Quando estou aqui nesta varanda, penso que basta outro salto. — Olha lá para baixo, são seis andares, chega e sobra. Helena não parece inquieta porque ele fala com distância emocional, como se estivesse a falar de um assunto médico ou académico e não da marca distintiva da sua vida; pensa que ele se está a afastar e não a aproximar-se da ideia. — Li há dias uma coisa que faz todo o sentido, Helena: isto é como o urânio numa central nuclear, vai estar sempre quente, o truque é mantê-lo num quente tolerável e não destrutivo. Tenho de impedir que aquilo fique cá em cima nas prioridades, não pode ser a prioridade número um, tenho de ter outras coisas, outras missões para fazer. As reportagens e os livros são isso, camadas e camadas de terra fria que atiro para aquela rocha quente. E sabe outra coisa? Também pensei em adotar uma criança.

— O quê? — grita ela.

Conta-lhe a história de David, de Joana, da Francesa e de Rute. Helena ouve tudo e faz a pergunta honesta, a pergunta que ele colocou a si mesmo: se Rute é filha de um homem com essa natureza tão cruel, não há o risco de ela ser igual? Porque não adotar outra criança?

Responde-lhe muito devagar para controlar a emoção.

— Já a tive no colo algumas vezes. É maravilhoso, Helena! — Limpa as lágrimas que lhe correm pelo rosto. — É maravilhoso, é só

isso. O meu pai uma vez disse-me que quando conheceu a minha mãe soube logo que ela era a mulher da sua vida. Ouve-se isto muitas vezes, não é? Eu percebo agora. Porque eu percebi logo que a Rute tinha de ser minha quando a agarrei pela primeira vez. Fico todo arrepiado quando a tenho ao colo. — Mostra-lhe a pele toda arrepiada, e abre a seguir os braços como que a dizer: «É só isto!, o amor tem esta simplicidade marcial.» Vai buscar uma cadeira, senta-se e encosta os braços ao varandim. — Mas, sim, pensei nisso, Helena, ela é filha de um homem que violou com gosto, que batia com gosto, que roubou e extorquiu com gosto, e que acabou num hospício. — Helena, aterrorizada e hirta, está de boca aberta; senta-se no chão com as costas encostadas à parede. — Sim, Helena, eu vi o David a violar pessoas. Vou ter de lidar com essa culpa o resto da vida. E vou ter de responder por isso — aponta para as alturas —, mas, para responder à sua pergunta, sim, pensei nessa possibilidade: o mal como herança de sangue. Algumas pessoas já nascem cruéis? Há alguns ovos que são da serpente? — Cala-se um pouco, deixa que Helena absorva a violência do que acabou de ouvir sobre David e Rute. Ainda há azáfama natalícia nos passeios. O fluxo de luzes amarelas e vermelhas do trânsito acalma-o. Até o estrépito dos aviões por cima da sua cabeça o tranquiliza. Estão a levantar para sul, para cima da cidade, sinal de chuvada. — Mas, sabe, eu acho que não pode ser assim. Se tudo fosse genético, então os filhos do Einstein teriam sido génios. Se tudo fosse matéria, nós cortávamos uma rodela do cérebro do Einstein e tirávamos de lá o $E = mc^2$. E ao contrário também dá: os filhos e netos dos nazis são todos uns crápulas? Não. Vamos assumir que o Estripador, um distinto vizinho aqui do seu autor, tem filhos e que andaram à escola comigo. São todos, sejam eles quem forem, intrinsecamente malévolos logo à partida, façam o que fizerem? Não posso acreditar nisso. Não acredito que a genética tenha esse poder

sobre a moral. Eu sei que o mal nasce mais forte nalgumas pessoas, mas não é uma linhagem, é um acaso. O mal aparece sem qualquer explicação óbvia, não é uma árvore genealógica, aparece ao calhas. E, mesmo aceitando que há famílias com um conhecimento inato do mal, eu acredito, eu sei!, que a educação e o livre-arbítrio são mais fortes. Repare que não estou a falar de educação enquanto afeto. Vocês aqui em Lisboa são muito fortes nos *afetos* — riem-se os dois —, esse mimo impede a brutalidade dos modos, não a crueldade como escolha. Pessoas com bons modos e sempre amadas podem escolher a canalhice. Quando falo em educação, estou a falar em educação moral, percebe?, é você educar desde o berço para que aquela criança perceba desde o início que qualquer pessoa pode escolher o mal, a começar nela própria. Mesmo que a Rute seja igual ao pai, mesmo que o sangue tenha esse poder negro, eu acho que os laços de leite são superiores aos laços de sangue.

Helena reage, diz que ele tem a arrogância da juventude e que criar uma criança não é este projeto filosófico e literário que ele está a expor; diz-lhe que não pode usar uma criança para provar um ponto, que deve adotar se ama a criança, só isso!, e se estiver disponível para amá-la independentemente do que ela fizer no futuro. Ele encaixa a crítica, até porque sente que talvez esteja a repetir o erro da mãe: Augusta via nele uma experiência social destinada a vencer a pobreza. Agora era ele quem via Rute como uma experiência social para vencer o mal? Seja como for, encolhe os ombros, resignado.

— Mas nada disto importa agora, Helena: a Vó... desculpe, a Francesa não aceitou, portanto isto é uma discussão académica. — Tenta rir para esconder a tristeza que sente por não conseguir ser o pai de Rute. Começa a chover, mas deixam-se ficar; a inclinação da chuva e o telhado protegem estes dois amigos, que até gostam de estar a conversar à chuva.

— Você anda a ler Shakespeare, está visto.

— Não, ando a ler o Milton que você me emprestou, Helena.

— Mas parece. Ricardo III nasce deformado física e moralmente, é mau, tem consciência disso, mas nada faz para travar essa maldade.

Ele dá uma gargalhada.

— Está a ver? Está tudo inventado. Assim nem pode dizer que estou a dizer disparates.

— Nos filmes há aquele momento em que uma personagem diz para a outra: «Não sei se és demasiado burro ou demasiado esperto!» Sinto uma coisa parecida consigo, meu querido. Não sei se você é demasiado negro ou demasiado ingénuo. É demasiado negro porque a sua conceção de mal assusta, mas, por outro lado, acha que uma pessoa pode treinar-se para recusar esse mal. Na peça, Ricardo nunca volta atrás, nunca se domestica, como você diz. Faz do mal um deus a quem reza. Diz o mesmo que o Satã do Milton, «Ó mal, que sejas o meu bem!»

Ele respira fundo, pensa bastante antes de tentar explicar:

— Oiça, Helena, o que estou a dizer não é nada de novo. Parece que é novo, mas não é, está no Milton, em Dante, em Shakespeare, estás nas barcas do Gil Vicente. Nós podemos escolher não dar vazão ao mal que sentimos a nascer cá dentro. É ou não? Podemos estancá-lo. Não me diga, Helena, que não conhece aquele momento em que corta o mal rente assim que o sente a nascer? Não me diga que não sabe do que estou a falar? E não me diga que não conhece o sabor da impunidade, para citar o seu amigo Santo Agostinho? Sabe bem ir roubar as peras ao vizinho e comê-las sem que ninguém veja, sabe bem ser transparente à lei dos homens e de Deus. Como é que isto não é bom? Claro que é. A solução não é fingir que não sabe bem, a solução é treinarmo-nos para negar essa natureza, essa predisposição, esse gosto. — Pensa em revelar-lhe a sessão de pancadaria e, na prática, de tortura que aplicou a

Mendes, a semente do mal do seu primeiro livro. Pensa em dizer-lhe que lhe soube bem essa personificação de David. Pensa, apenas.

— Mas se quer adotar uma criança, porquê essa? Quer provar o quê?, que é um homem espetacular e bondoso que perdoa tudo? Quer provar que é melhor do que o seu amigo? Pior: quer ajudá-lo criando-lhe a filha? Ainda lhe tem amizade?

— Não sei. E está visto que não preciso do seu amigo psiquiatra dos céus. Posso fazer terapia consigo. — Em conversa com Helena, é sempre fácil rir e fazer rir. — Ouça: o David faz-me lembrar a minha mãe. Sabe, ainda hoje não sei o que sentir sobre a minha mãe — faz uma pausa, trocam um olhar carregado — e também não sei o que sentir quando penso no David. Na prática estão ambos mortos, não é? E, se existir, como eu acho que existe, um momento de Juízo perante Deus, eu sei que eles preferem acabar no Inferno.

— Que disparate! O Inferno está vazio, meu querido. Ninguém recusa o perdão de Deus quando Ele dá a mão, a luz é tanta, o amor é tanto que ninguém diz que não. Para quê?

— O Inferno está vazio? Está a supor que o Inferno é um sítio. Não sei, Helena. Tem lido a Bíblia? Eu argumentaria que o Inferno não é um sítio, mas um fim. O Inferno não é uma câmara de tortura que se prolonga no tempo, não é um novo começo, não é uma outra história, é mesmo o fim: é uma câmara de execução, é a segunda e definitiva morte. Há ali um fade out para o nada, para o vazio, para a não-existência, para a segunda e absolutamente definitiva morte após o Juízo. Não, não há o fade in para uma nova existência cheia de castigos. Como dizia a minha Joana, Deus não é um sadomasoquista de latex e chicote. — Comove-se, lembra-se de Joana a explicar Deus só através de uma música do Cave. — E eu sei que a minha mãe e o David são demasiado orgulhosos para se renderem perante Deus, vão recusar dobrar os joelhos, vão morrer de

pé. — É monstruosa a dissimulação dele neste momento. Não é capaz de dizer a Helena que Joana morreu por causa do seu orgulho despeitado; o fluxo de tempo que levou Joana à morte começa na forma desprezível como ele a tratou na apresentação do livro; se ele tivesse tido uma atitude correta, ela estaria viva. — Sabe o que é curioso, Helena? No Inferno são todos suicidas. Sim, suicidas neste sentido: quem recusa sair do Inferno, isto é, quem recusa pedir perdão a Deus no momento do Juízo é em si mesmo um suicida, porque de facto está a preferir a segunda e definitiva morte, o esfumar-se para o nada, em detrimento da vida eterna. Estas pessoas são rebeldes que recusam baixar as armas e, tenho de confessar, Helena, sinto uma certa inveja ou admiração pela minha mãe e pelo David, pela coragem rebelde deles. É impossível não sentir um pouco de admiração pela imaginação tenaz do Satã do *Paraíso Perdido*, não é? — Ouvem lá dentro as gargalhadas de Pedro e sorriem na cumplicidade criada pelo amor que ambos têm por aquele tribuno de generosa circunferência abdominal, um pedaço de Paraíso no meio da conversa sobre o Inferno. Apesar do sorriso, ela não larga a discordância.

— Meu querido, isso não faz sentido. Deus é amor, Deus perdoa tudo.

— Pois é, Deus é amor e, por isso, Deus pode perder. — Ficam os dois calados a olhar um para o outro. Ela nunca ouviu esta ideia que parece absurda; ele nunca tinha levado este raciocínio até este ponto. Sentiu-se na fronteira da heresia, mas avançou. Se não podia falar assim numa conversa com uma amiga à chuva, quando é que podia? — Helena, escute: Deus é indestrutível, mas não é invencível. Se Deus é Deus, se Deus nos cria com amor e liberdade, se Ele nos cria como criaturas livres, isto é, criaturas que são diferentes do criador, então, desde o início, essa possibilidade de derrota de Deus está em cima da

mesa: uma criatura com livre-arbítrio pode recusar Deus no Juízo Final. Eu tenho liberdade para negar Deus aqui na terra e depois no momento do Juízo. Se não for assim, Deus não é amor, é um tirano iluminado que exige que todas as pessoas sejam perfeitas. — Ela não parece convencida. — Deixe-me dar um exemplo. Vamos imaginar uma violação, dois homens estão prestes a violar uma mulher; de repente, caem polícias do céu e impedem que este crime seja praticado. Agora substitua os polícias do futuro do Dick por anjos e ficamos com um Deus bonzinho mas déspota. Se este esquadrão de anjos, a mando da divindade, parasse os violadores antes do crime consumado, isso significaria que vivíamos não num mundo livre, mas numa experiência de laboratório. — Se anjos tivessem parado o Pernas e o Ouriço na cave da escola, ele não teria conhecido a suprema humilhação, mas não seria diferente de um rato de laboratório. — Sim, Helena, um Deus que ama submete-se à possibilidade de derrota. O António, o seu filho, não negou tudo o que a Helena lhe ensinou? Não negou ele toda a ajuda que você lhe tentou dar? — Ele vence o debate, mas pede-lhe desculpa. Abraça-a, tentando amparar o choro que provocou. Tem mais para dizer, mas não neste momento. Pensa apenas: a sua fé não pode ser tão otimista ao ponto de anular o livre-arbítrio dos outros. Se defendesse a ideia de que toda a gente é salva independentemente da vontade de cada um, então, não seria diferente daquelas beatas sisudas como a avó Eduarda que dão por garantido que certas pessoas estão condenadas façam o que fizerem. Se não se pode condenar uma pessoa mesmo antes de ela atravessar este mundo, também não se pode salvar uma pessoa contra a sua vontade. Se for feita contra a vontade dessa alma, a salvação é uma contradição.

Vai buscar dois copos de vinho, volta à varanda e tenta terminar a conversa minimizando as perdas e o sofrimento de Helena.

— Se eu agora fosse uma mosca infernal e pudesse entrar no Inferno pelo buraco da fechadura, ia lá encontrar a minha mãe e o David, estou certo disso, Helena. Eles ressentem quem os ama. Eles afastam-se e magoam quem os ama. Vão afastar-se de Deus quando Ele se aproximar; recusarão sair do Inferno, fecharão à chave a porta do Inferno pelo lado de dentro e engolirão a chave. O orgulho deles fala mais alto do que o amor. Eles nunca se renderão à ideia de que ninguém é autossuficiente, de que a felicidade e a paz dependem da rendição perante os outros. Sem essa senha pessoal que só eles podem inserir no seu processo, Deus não entra, não consegue entrar. O Inferno não está fechado do lado de fora por Deus, está fechado do lado de dentro por nós.

— Se você fosse padre, tinha a igreja vazia.

— Sabe, é quando eu gosto de estar na igreja: quando ela está vazia.

— Você não teve uma banda gótica?

— Está explicado, portanto.

A gargalhada conjunta que se segue fecha o choro de Helena.

Voltam à sala, que está diferente. O álcool abateu as diferenças sociais, Catarina e Pedro estão sentados a conversar e a rir com Romão e Deolinda. Já não há embaraço de parte a parte, só comunhão, só uma humanidade partilhada, um amor partilhado: ele, Lucas Andrade; ele, Ruço; ele, João Miguel. Catarina, Pedro, Romão e Deolinda estão os quatro a partilhar histórias dos três períodos da sua vida. Alguém até foi buscar à estante mais alta do seu quarto o velho chapéu de Romão que está pousado na mesa de centro entre os sofás. É talvez a noite mais feliz da sua vida. Ele, o pai, Deolinda, Catarina — que voltou a vestir o casaco de Augusta —, Pedro, Helena e outros amigos sentados numa longa mesa já natalícia, falando, rindo, bebendo.

No final da noite, decide ir com Romão e Deolinda até ao bairro, quer ver Judite. É ela quem leva o carro, Romão bebeu demais. Já no

carro, diz a Deolinda que pode ir com o pai para casa; ele fica a tomar conta de Judite nesta noite e no dia seguinte. Sente-se bem no banco de trás, sente o amor de Romão e de Deolinda nos bancos da frente. A chuva lá fora acalma-o, sempre associou a chuva a emoções solares. É evidente que a relação entre Romão e Deolinda começou pelo sexo clássico entre o patrão viúvo e a funcionária divorciada, mas agora é um casamento na prática. Amam-se. Ela cuidará dele, cuidará de Judite e cuidará de qualquer pessoa da intimidade de Romão com um amor que Augusta seria incapaz de mostrar. Romão encosta-se e adormece. Ela levanta a mão direita da manete das mudanças para lhe mostrar um anel de noivado e sorri-lhe através do retrovisor. Ele sorri de volta. É impressionante como duas pessoas se podem entender sem usarem a voz. Mas sente-se culpado por pressentir que o pai é mais feliz com esta namorada do que com a mãe. E será que ele, Lucas, até gosta mais de Deolinda do que de Augusta? Soterra a dúvida.

Entram na horta, a amiga que ficou a tomar conta de Judite troca de lugar com ele. Sente o odor a urina mesmo antes de entrar no quarto; a rapariga não lhe pôs a fralda ou não prendeu bem as presilhas da fralda. Não a acorda, não vale a pena, sabe que vai ser impossível dar-lhe banho; tem de esperar pela manhã. O cheiro empesta o casebre. Sai para a horta para não cheirar e não pensar nesta indignidade. Vai tentar dormir no velho sofá verde, estica os pés para cima da sua cadeira vermelha e azul. Olha para os velhos relógios de cuco e de pé alto parados há anos. O tempo paralelo da horta já não existe, o tempo humano e histórico que corria lá fora invadiu a sua utopia. E é aqui, nesta noite, que tem o famoso e derradeiro sonho que imortalizou no seu único quadro:

ali está uma Rute já adulta à porta da sala de jantar do apartamento da Avenida de Roma; está de pé mas está morta; apesar disso, os seus

olhos verdes iluminam a sala; está molhada e tem ao peito um bilhete de suicídio preso por um alfinete de ama; ele fica ansioso, mas não por ela ser um fantasma, é por ela não ter lugar à mesa, a cadeira dela desapareceu; o bilhete, apesar de molhado, não se desfaz; ele pede cadeira, prato e talheres, ninguém ouve; os outros, espalhados pela mesa, não veem nem ouvem o espectro de Rute; também não o ouvem, é como se estivesse a falar dentro de um aquário, o som submerso não se espalha, não chega a Helena, a Pedro, a Catarina, a Romão, a Deolinda, a Judite, que volta a ser ela própria neste sonho, a Joana, que volta à vida e até à Francesa, que está mais nova e mais elegante, parece uma senadora da cultura e não uma alcoviteira; o bilhete, embora encharcado, não se rasga no peito de Rute; em toda a sala de jantar, só existem dois elementos nítidos, ele e Rute; o espaço entre ambos é o único com luz e contornos definidos, o resto, a mobília e as pessoas, está baço, o rosto de Rute é mais radiante do que o rosto da Helena sentada ao seu lado; quando batem no chão, as pingas de água que lhe caem do cabelo de naufraga provocam um som mais límpido do que as gargalhadas de Pedro sentado à cabeceira da mesa; esta nitidez irreal reforça a sua ansiedade, a força desconhecida que escora este túnel clandestino entre ele e a desejada filha começa a fraquejar, o túnel colapsa, a asfixia assenta; através dos escombros, vê o bilhete pela última vez: permanece legível.

Quando acorda desta última ceia do suicida, ainda chove. Dá banho a Judite. Aproveita uma aberta no tempo para dar com ela um passeio até à ribeira que corre forte e funda. Mas o discurso de apresentação do livro começa a rebentar dentro da cabeça, é uma melodia que não cessa de tocar, não pode perdê-la, tem de a registar. Pega no telefone e liga a Deolinda para dizer que afinal precisa dela ali, afinal tem de ir para Lisboa.

— Boa noite, meus caros amigos, obrigado por estarem de novo aqui.

É assim que começa a apresentação do segundo livro, *Depois do Mal*. Passaram apenas três meses em relação à apresentação do primeiro. A sala está de novo cheia e caótica. Lá fora continua a chover. Romão não aparece, a Urbanização Azul está na fase final de construção. Lucas não quis apresentador desta vez; ele próprio trata do assunto. A seu lado está apenas Helena. À sua frente, à cabeça da pequena multidão, está a sua família de acolhimento lisboeta, Catarina e Pedro, e alguns colegas do jornal. O resto é o público. É óbvio que sente orgulho nisso: em pouco tempo criou um público de todas as idades.

— Há uns tempos, estive à conversa com uma professora de Direito americana que começou a carreira como procuradora. Ela deixou a investigação criminal porque se cansou do que apelidou de cerco do mal. Perguntei-lhe o que era isso. É a repetição, dia após dia, semana após semana, ano após ano, dos mesmos crimes sinistros que revelam um mal misterioso e inexpugnável no coração dos homens. Um mal tão profundo que não tem uma explicação sociológica óbvia. Não, aquelas pessoas não cometeram crimes hediondos devido à ausência de amor na sua infância. No, sir! Disse-me que também começou a carreira com essas ilusões que criam uma falsa sensação de controlo sobre o mal; ela também acreditava que a falta de amor ou o trauma ou a dor ou o abandono provocavam a jusante os tais comportamentos violentos e cruéis. Mas não é assim, diz ela. No, sir! A crueldade mais atroz pode vir de uma pessoa amada, próspera, estruturada. Perguntei-lhe se achava que existem pessoas cruéis para lá da reinserção. Ela ficou em silêncio uns segundos e deu-me esta resposta: Sim, acho que há pessoas cruéis sem qualquer salvação e é por isso que me fui embora da procuradoria.

Catarina mostra um sorriso ambíguo. Não concorda com a procuradora, mas percebe o desafio intelectual colocado por este mal.

— Fazemos o quê, continuou esta professora americana, quando, após vários anos de investigação criminal, conhecemos vários casos de pais que matam as filhas bebês afogando-as na banheira ou numa panela de água a ferver? Fazemos o quê quando nos deparamos com variações desta crueldade vezes sem conta? Há uma peste no coração dos homens, dizia ela.

Pedro tem um ar tenso, talvez já esteja a pensar nas famosas reformas jurídicas do seu futuro governo.

— Eu não soube o que lhe dizer na altura. Agora sei: ela devia ter ficado na procuradoria, não devia ter desistido. O nosso dever é ficar e resistir ao cerco do mal, é ajudar um caso de cada vez, é prender um homem de cada vez, salvar uma criança de cada vez, apesar de sabermos que o pêndulo do mal voltará para nos desgastar, para nos colocar à beira do abismo. Sim, o bom combate pode levar-nos de várias maneiras, mas somos o quê se não travarmos esse combate?

Ele está a falar do desgaste moral que fez dele um suicida, mas nem Helena nem Catarina apanham a precisão cirúrgica desta passagem.

— Bom, neste livro, há um cenário e um ator. O cenário é o mal natural das Cheias de 67, que vocês, caros lisboetas, esqueceram, tal como esquecem todas as tragédias naturais e políticas da nossa história. Digam-me uma coisa: porque é que a nossa elite — isto é, vocês — não trata literária e cinematograficamente os traumas da nossa história?

Faz uma pausa, bebe um copo de água e engasga-se porque sente uma súbita injeção de medo: a Francesa está na audiência. Catarina e Pedro percebem que alguma coisa está mal, a voz dele está tensa e quebradiça, quando pousa o copo de água notam que ele tem as mãos a tremer, mas não percebem a causa do susto, nem saberiam identificar a

Francesa. Catarina pensa que o amigo está a ter outro ataque de pânico, um segredo que nunca partilhou com Pedro. Catarina e Pedro garantem que este estado de medo dura alguns segundos, que ali parecem minutos embaraçosos. Porque é que ele recupera tão rápido? Talvez porque a Francesa está diferente, parece uma Francesa à paisana, tem o cabelo apanhado com elegância, a roupa não é brejeira como de costume; infiltrou-se nesta realidade da mesma forma que se infiltrou no seu sonho há dias. Seja como for, ela está mesmo ali sentada na última fila, no canto da sala à esquerda, perto da porta. Como é que uma pessoa tão gorda consegue ser tão furtiva? Como é que não deu por ela? Outra provável razão que o acalma é o facto de ela estar sozinha. A habitual entourage de jagunços e meretrizes não está à vista. É fácil imaginar o que lhe vai na cabeça: ela está aqui a fazer o quê? Se lhe quisesse fazer mal não teria escolhido uma sessão pública. Veio armar banzé e estragar-lhe a apresentação? Não é o estilo dela. Para quê chamar atenções quando o seu métier exige a penumbra?

— Bom, e o ator é o mal humano, o mal enquanto escolha do homem; neste caso, o Estripador de Lisboa, outro assunto que vocês esqueceram. E o que quero mostrar é que este mal foi uma escolha livre e consciente deste indivíduo, deste Estripador. A tal ex-procuradora americana tem razão: há pessoas que estão para lá da reinserção na cidade e da salvação. Mas isso não se deve a uma natureza malévola anterior ao livre-arbítrio. Não é um defeito de fabrico. O mal não flui através da pessoa enquanto portal passivo e inerte. Não. O mal é escolhido, mantido, idolatrado pela vontade moral dessa pessoa.

Helena percebe que ele olha para o canto da sala onde está a Francesa, mas não repara em nada. A camuflagem da meretriz é eficaz: não está vestida com as vestes espampanantes do costume. Seria

invisível se não fosse um hipopótamo em forma humana. Parece só uma madame anafada de Lisboa.

— Escolhe-se o mal como prazer, como uma espécie de arte, porque há de facto atos cruéis que têm uma certa beleza artística, é um belo imoral. Escolhe-se o mal como rebeldia pela rebeldia, uma rebeldia sem propósito a não ser alimentar uma inteligência que não se deixa prender ou avaliar por nada. Nós não somos fechados no Inferno por Lúcifer, somos nós que nos fechamos por dentro nesse quarto escuro.

Neste momento só podemos especular sobre o que lhe vai na cabeça. Mas é provável que esteja a pensar no que David lhe contou em tempos: foi a Francesa quem despachou o Estripador atirando-o para essa retrete da Europa conhecida por rio Trancão? Seria a suprema ironia tendo em conta a inesperada presença da Vó nesta apresentação.

— Parece-me, pois, estranha a guerra que *vocês*, e logo vocês, os privilegiados da cidade, montaram contra a ideia de livre-arbítrio, contra a ideia, óbvia para os clássicos, de Dante a Shakespeare, de que uma pessoa pode escolher o mal de livre vontade.

Faz uma pausa e chama Catarina. Gera-se uma pequena agitação na assistência. Murmura ao ouvido da amiga: «Tem calma, não faças movimentos bruscos, mas é que estou com medo, entrou uma pessoa que me pode fazer mal ou armar confusão. Podes ir ver se encontras um segurança ou um polícia?» Catarina senta-se, não olha para trás. Ele prossegue o discurso e, pouco depois, Catarina levanta-se e vai tentar procurar ajuda.

— Este problema está longe de ser um exclusivo português. Aqui o meu amigo Pedro trouxe-me há dias dois livros londrinos sobre este tema, o assassino em série. São dois livros de banda desenhada, a minha primeira paixão que nunca abandonei. São dois sucessos. O primeiro livro é sobre o estripador original, Jack the Ripper. Como é que o autor

explica este mal absoluto? Recorre ao artifício da teoria da conspiração e da loucura. Monta uma cabala em que a família real e a maçonaria precisam que aquelas prostitutas desapareçam da face da Terra e, portanto, acabam por mandar o assassino, um médico de classe alta, para tratar do assunto. O motor da história é um conjunto de interesses obscuros do poder, que quer esconder um filho bastardo do príncipe, e o assassino é apenas um mandante utilitário e enlouquecido. Não mata porque gosta conscientemente do mal, mata porque é louco, diz-se. Este livro não é capaz de expor a verdade: este tipo de assassino comete estas atrocidades porque gosta, porque aprecia o desafio que é matar e esquartejar o corpo humano — uma aula de anatomia sem limites físicos e morais.

Faz nova pausa. Pede que lhe reencham o copo. Está a pensar no gosto que a Francesa tem em matar? Não tem este gosto sádico, com certeza, mas tem um gosto justiceiro. Matou os ladrões que torturavam os velhos saloios. Matou o casal que montou um prostíbulo pedófilo na crista do morro. Matou o Pernas, não por ele ser um rival, mas porque ele violou de forma atroz uma mulher. Ou está a pensar no facto de que ele próprio ficou perto de matar várias vezes? Mendes, Casimiro, a mãe, a avó Eduarda. Ou está a pensar nos meses em que sentiu uma vontade indomável de matar Rute e Joana? Catarina aproveita a pausa e reentra, abana a cabeça: não, não encontrou polícia ou segurança. Ela percebe que ele hesita. Pensou certamente em parar a apresentação, mas continua porque não tem uma ameaça concreta para justificar. A Francesa é uma cidadã que está sentada como os restantes. A Vó tem aquele sorriso irónico de superioridade; como todos os gangsters, tem um enorme sentido cénico, adora ser esta personagem misteriosa que inquieta o Senhor Doutor.

— O segundo livro é sobre Dennis Nilsen, conhecido por Des, assassino já do nosso tempo. Matou dezenas de rapazes que andavam à deriva na noite londrina. A alienação dos bairros pobres e boémios da cidade era o território de caça perfeito, porque os alvos eram pessoas já sem família. Ninguém ia participar o seu desaparecimento. Até porque Des era diligente na fase do desaparecimento: desmembrava e enterrava os corpos esquartejados no quintal. No tribunal, a defesa não alegou que ele não tinha cometido crimes, era impossível negar. Alegou que ele era inimputável, que era dominado por uma pulsão que estava para lá do seu controlo racional, que era doente mental, no fundo. Podem, por favor, imaginar o Tribunal de Nuremberga ou o Julgamento de Eichmann com esta vulgata psicológica que desresponsabiliza e que anula a própria ideia de livre-arbítrio e de escolha moral? Há um pavor moderno em relação à possibilidade de uma pessoa normal, banal, até desinteressante, como Eichmann e Des, escolher matar pessoas. Querem o quê? Um Lúcifer grandioso, esbelto, com leve aroma a enxofre e acabadinho de chegar de Pandemonium? A defesa de Des dizia que nunca houve premeditação e que ele simplesmente matava porque não resistia ao impulso quando via por acaso uma vítima num beco. Na ânsia de serem benévolas, muitas teorias acabam por ter um efeito malévolos. A tese da espontaneidade do mal só seria aceitável se tivesse acontecido uma vez, num acaso, num deslize. Não. Aconteceu doze vezes. Des matou e esquartejou pelo menos doze pessoas. Se isto não é uma sistemática premeditação, então é o quê? Se ele sabia que tinha esta predisposição, porque é que nunca se protegeu, porque é que se colocou sempre numa posição em que o assassinio era fácil? Um violador pode não premeditar as violações, mas se viola dez mulheres é culpado de premeditação da mesma porque é evidente que não evita a tentação, não evita os momentos em que alegadamente é invadido por essa pulsão que não

controla. Portanto, o crime de Des e de tantos outros é o crime de Ricardo III — pisca o olho a Helena —: aceitou com gosto a sua natureza cruel. Porque o ponto é este, meus caros: mesmo se assumirmos que o mal está mais presente em certas pessoas do que noutras, há sempre um ato de escolha; mesmo com uma predisposição para a crueldade, uma pessoa pode recusá-la, pode educar-se, moralizar-se.

Pode dizer-se que, neste momento, ele pensa em confessar que tem feito um esforço enorme para controlar o seu mal. Ele tenta sentir remorsos quando sente alegria pela morte dos vilões da sua vida, do Pernas ao Ouriço, passando pelo Sidoso. E controlou-se sempre que esteve perto de matar. Só matou quando não era essa a sua intenção: ajudou a provocar a morte da mulher que amava.

— Des e outros recusam civilizar-se, porque recusam outra visão que não o espelho onde veem o seu próprio reflexo. Não aceitam um critério moral acima do seu instinto. E sabem uma coisa? Todos nós somos como este Des e como o Estripador. Não, não abanem a cabeça, todos nós podemos cair nesse abismo.

A sala mostra desconforto com este gancho inesperado. Só há uma pessoa na sala que sorri: a Francesa. Helena repara por fim na mulher que dá uma leve gargalhada quando o resto da sala emudece. Porque é que ri? Está a gostar do desassossego que ele está a lançar sobre os coninhas de Lisboa? Veio para sentir orgulho da forma como o seu Senhor Doutor come os lisboetas de cebolada?

— Permitam-me o desabafo: o nosso tempo criou uma deseducação moral, montou uma espécie de fechamento da imaginação moral. Para ser mais preciso, esta deseducação foi feita por uma série de autores e livros. E deixem-me criticar um dos vossos favoritos, *A Sangue Frio*. Capote recria o mal e o assassinio enquanto consequências sociológicas

de uma infância martirizada pela pobreza e negligência parental. Isto, tenho a dizer-vos, é ofensivo para quem nasceu pobre e em ambientes violentos. Esta linha de pensamento torna o pobre num assassino em potência só pelo facto de ser pobre. Como é óbvio, a esmagadora maioria dos indivíduos destes meios não se tornam criminosos, quanto mais assassinos em série, apesar de terem crescido na brutalidade e na negligência. Não, a crueldade não tem a justificação sociológica que Capote tenta engendrar. Mas, claro, esta tese triunfou porque sossega uma audiência de privilegiados urbanos como esta que aqui tenho à minha frente, não é? Desta forma, vocês, meus caros amigos, podem pensar que as erupções de crueldade não podem nascer aqui no vosso seio, só podem nascer ali na fealdade dos arrabaldes.

Catarina e Pedro tentam iniciar uma salva de palmas que não pega.

— Permitam-me que volte à professora de Direito, a ex-procuradora. Estão a ver aqueles massacres e tiroteios nas escolas americanas? Aqueles em que um miúdo pega numa arma e mata dezenas? Há a tentação sociológica à Capote para procurar aqui uma justificação na pobreza e sobretudo na violência pobre, o culto das armas, os pais agressivos e violentos. Sucede que não é assim; estes garotos vêm muitas vezes de famílias de classe média normalíssima, são amados, não têm problemas, nem crescem ao pé de armas. Lamento, mas o mal não tem uma origem rastreável do princípio ao fim. Isto não é como na serra onde o meu mestre pastor, o Américo, me ensinou a seguir o rasto da alcateia. O lobo homem é diferente, é muito mais misterioso. Imaginemos um garoto educado na brutalidade da pobreza, passou fome, foi agredido por pais, irmãos. Isto é obviamente uma infelicidade, mas não é uma carta branca para o mal. Crescer na pobreza e no trauma não é desculpa para a crueldade. Se o tal garoto tiver mau carácter, esse carácter não é uma *consequência* ou *contingência* da pobreza. Esse

carácter, cruel e vil, é uma escolha. Sabem ainda outra coisa? Conheci muitas pessoas que cresceram na pobreza e num contexto violento. Aliás, *eu* cresci na pobreza e na violência. Mas a maioria de nós escolhe resistir. Aliás, algumas das pessoas mais adoráveis e bondosas que eu conheci são ou foram pessoas que sofreram isto tudo. Estou a lembrar-me do Fred, que vocês conhecem da seleção de futebol, ou da Beta, a minha amiga e primeira vítima do Estripador.

Há um pequeno alarido na sala. Como sempre, muitos dos presentes ainda não tinham lido o livro.

— A tese de Capote é insultuosa para todas as pessoas que, apesar de tudo, resistem e mantêm a chama da decência no pior dos ambientes. A Beta, antes de ser assassinada pelo maior assassino em série português das últimas décadas, foi a escritora fantasma dos bilhetinhos de amor que eu dava à minha namorada; protegeu-me, protegeu todas as raparigas que podia dos abusos de um bando de rapazes lá da escola; era um anjo, apesar de viver, segundo a tese de Capote, num ambiente que só pode criar demónios. Ela escolheu ser bondosa, outros escolheram ser cruéis. É uma escolha livre e consciente, não é uma imposição sociológica.

Cala-se e deixa que o espectro de Beta assombre a sala. Percebe que parou finalmente de chover. Foram três dias de chuva. E tem quase a certeza de que a Vó está a olhar para ele com o orgulho que Augusta revelava quando as professoras diziam que o seu menino era um prodígio.

— Esta tese parte da ideia errada de que a dor e o trauma têm de causar necessariamente crueldade. É um erro aritmético antes de ser um erro moral: se o sofrimento fosse a verdadeira causa da violência e da crueldade, então, caramba!, eu seria um serial killer.

Pára para avaliar a sala: estão todos nas pontinhas das cadeiras.

— E vocês também seriam serial killers. Toda a gente sofre, toda a gente tem traumas secretos, todos nós somos politraumatizados emocionais, mas a esmagadora maioria das pessoas não cede à violência extrema, nem estabelece essa alegada correlação entre traumas sofridos no passado e traumas infligidos a outrem no presente ou futuro.

Bebe água para saborear os risos amarelos da sala. Segue-se o seu próprio sorriso amarelo: Zé Alemão entra na livraria e fica de pé ao lado da Francesa. Catarina, de costas para esse duo e de frente para o amigo, pensa que ele está a ter novo ataque de pânico. Catarina nem sonha com aquilo que vai na cabeça do amigo neste momento: Zé Alemão está ali como capanga ou como namorado da Francesa? Ter uma resposta a esta pergunta ajudá-lo-ia a perceber a intenção dela.

— E porquê? Porque é que não cedemos à violência extrema? Porque, se calhar, não cedemos ao egoísmo de pensar que o nosso sofrimento invalida o resto do mundo, não cedemos à ideia de que o nosso sofrimento pessoal é o centro do mundo e que exige resposta pronta do universo. A pessoa que eu mais amei na vida, a Joana, sofreu horrores indizíveis mas manteve sempre a esperança em Deus, no amor, nunca pensou em matar ou em matar-se. — Comove-se bastante, olha para a Francesa, que está também comovida; numa sala cheia de gente a ouvir palavras, este olhar silencioso é o grito mais alto. «Se calhar, quem se torna homicida pensou, algures a montante, que o seu sofrimento é especial. Não, não é. Portanto, criar teorias que desculpam ou contextualizam o mal mais violento através do trauma é deixar-nos levar pelos piores anjos da nossa natureza.

Pode dizer-se que este raciocínio sobre o homicídio é uma variação de um raciocínio sobre suicídio que deixou nos diários. Basta comparar: «Quando pensei em matar-me na ponte, estava a pensar nos outros ou em mim? Era a solução mais limpa para os outros, como pensei, ou era

a solução mais adequada à minha vaidade que fazia do meu sofrimento o alegado centro do mundo? É uma pergunta de merda porque a resposta é autoevidente.» O suicídio, mesmo no reduto do lar, tem sempre este lado egocêntrico de julgarmos que a nossa desonra ou dor é tão importante ao ponto de nos matarmos. O pecado de Judas não foi a traição. Pedro também traiu. O pecado de Judas foi pensar que era tão importante ao ponto de não ter perdão.

— Onde é que eu quero chegar? A indignação com o sofrimento do outro não pode determinar o paternalismo em relação a esse outro. A lente de Capote, que é a vossa lente central, faz do pobre um ser sem agência, sem consciência, sem capacidade moral para decidir. O pobre é esvaziado ao ponto de ser abolido enquanto homem, enquanto portador de um livre-arbítrio. Não, meus caros, a pobreza não é uma doença mental geradora de inimputabilidade. Desculpem o juridiquês, mas ainda sou estudante de Direito.

A Francesa dá uma gargalhada audível em toda a sala. Ah, putain! Esta gargalhada é o ponto de viragem da tensão que ele está a sentir desde o início do discurso. A sua voz e o seu rosto relaxam. É aqui que ele começa a ter a certeza de que ela está ali como Vó e não como Francesa. A Vó mostra enorme vaidade na forma como o seu Senhor Doutor está a destruir os caboucos mentais dos Bo-Bo, os Bourgeois, os betinhos, os coninhas da capital. Até pagava para ver.

— Meus caros, o Estripador não matou uma mulher nuns segundos de brutalidade irracional, orquestrou por três vezes a demorada e macabra cena. Os assassinos de Capote percorreram milhares de quilómetros para matar aquelas pessoas e, já dentro da casa, podiam ter escolhido não matar. Não estavam em perigo. Não estavam a ser ameaçados. Não eram seres cognitivamente desautorizados ou inaptos. Foram crimes decididos com calma. Eles escolheram não sair daquela

casa, são culpados dessa escolha. A circunstância não anula a agência, lamento.

Nesta pausa, fica a olhar para a Francesa; Lucas tem um sorriso de alívio, segundo Helena.

— Em resumo, meus caros, o truque de Capote e de tantos outros passa por voltar à ideia da Antiguidade, à ideia de que existem deuses que controlam a mente dos homens. A Pobreza de Capote é uma espécie de deusa, uma deusa da guerra, uma Marte feminina, que desce e sopra ao ouvido do pobre um plano de vingança sobre o mundo. O homem é aqui um mero fantoche de um poder estrutural ou sobrenatural e deixa de ser moralmente responsável pelos seus atos. É um erro tão grande, meu deus! Se assim fosse, a própria...

Cala-se a meio da frase; a sala fica em suspenso. Ele também está em suspenso porque acaba de ver o grande terramoto da sua vida: Zé Alemão agacha-se para cochichar qualquer coisa à Francesa e pouisa a mão no colo dela. Helena repara na reação de Lucas e começa a desconfiar dos olhares que o seu autor atira à afanada senhora lá ao fundo. Ele continua calado, porque não consegue ainda encaixar o alívio e a alegria. Zé não está aqui como soldado. Eles estão aqui como namorados, como seus amigos. O seu coração acelera como nunca, presente o que vem aí. Olha à volta mas não vê mais ninguém. À sua frente, Catarina julga que ele está a ter o terceiro ataque de pânico. É Catarina quem o salva. Tem o casaco de Augusta. Fixa-o nos olhos, inspira e expira; com gestos discretos, incita-o a fazer o mesmo. É o que faz: respira fundo e volta ao discurso. Como é que o mundo muda em segundos? Toda esta cena, que contém uma vida, demorou talvez vinte segundos.

— Como estava a dizer: se assim fosse, a própria literatura deixava de fazer sentido enquanto lente que nos permite compreender o íntimo

do ser humano, porque esse íntimo deixa de ser misterioso e passa a ser um epifenómeno controlado por uma alavanca ou causa ou fenómeno exterior à pessoa.

Ele está a rebentar de luz e triunfo; Catarina garante que nunca viu ninguém tão feliz e tão seguro do seu lugar no mundo.

— Permitam-me que continue o meu voto vencido contra as vossas visões do mal. A tal deseducação moral continua através de outra variante a que vou chamar de estetização do mal e do crime, que são filtrados para uma estética digerível pela vossa, vá, delicada sensibilidade. A primeira estetização do mal é feita não pelo excesso mas pela sua negação ou higienização. Olhe-se para os crimes de Agatha Christie. Aceita-se o mal, sim, mas sempre em doses moderadas, nunca se sente um verdadeiro desespero e caos; o criminoso encontra-se quase sempre na sala, é só descobrir quem ele é. Imaginem que eu chegava aqui a esta sala e descobria logo entre vós o criminoso.

Está tão confiante que começa a ser irónico; uma ironia que só a Francesa compreende por inteiro.

— Na tese de Agatha Christie, que se multiplicou na vossa cultura, há várias coisas que sossegam os leitores da cidade, como Vossas Excelências, em relação ao mal. Primeiro, o detetive apanha sempre o seu assassino, porque o mal fica fechado numa espécie de tabuleiro de jogo de mesa, um comboio, um castelo. O que não é verdade. O Estripador de Lisboa continua à solta. — Olha para a Francesa, que lhe responde com uma cara de poker. — Ou foi apanhado, porque os proxenetas locais caçaram-no num movimento de proteção informal e justiceiro.

Helena confirma aqui que há um jogo secreto de olhares entre ele e a Boadiceia do Janeirinho, que endurece o olhar: ele está a abusar da

brincadeira. Mas Helena ainda não sabe que aquela mulher é a Francesa, bisavó de Rute.

— A segunda via da estetização do mal é feita pelo excesso estético. Vou chamar-lhe cliché Oscar Wilde. Oscar Wilde, segundo algumas fontes, não deixou de gozar com os crimes do Jack the Ripper, dizendo coisas como esta: «Nenhum crime é de mau gosto, apesar de todo o mau gosto ser, claro, um crime!» Isto é um aforismo de salão petulante de quem nunca sentiu fome, medo, frio. É uma desistência amoral em relação aos restantes seres humanos. É a redução da humanidade a um jogo floral de palavras de efeito. O mal deixa de ter conteúdo moral e passa a ser uma mera experiência estética. Há muitos filmes assim hoje em dia, há um engraçadismo estético que exagera a violência ao ponto de o mal não ser crível, ao ponto de ser só uma masturbação estética.

Desta vez não pára o discurso. Consegue discursar enquanto vê a Francesa a olhar com cumplicidade para o namorado outra vez. Aqui ninguém a conhece, está relaxada como não pode estar no salão e no bairro. Os olhos de Lucas marejam de alegria; sorrindo, limpa uma lágrima que escorre rosto abaixo. Pedro confirma a visão de Catarina: nunca o viu tão feliz, tão luzidio, tão otimista.

— O que estou a tentar dizer é que escrever sobre violência pode humanizar-nos se o fizermos da maneira certa. A minúcia cirúrgica e humana na descrição do mal, que eu tento neste livro, evita as duas desumanizações que vejo como maioritárias na vossa cultura. Primeira, a desumanização daqueles que não querem ver a violência e o mal, a negação; aprendi com a minha mãe a não cair neste lirismo. A vida não dá abébias, dizia ela. Segunda, a desumanização daqueles que fazem da morte um jogo estético, o cinismo. O horror não é para ignorar, mas também não é para estetizar. Eu assisti ao vivo à desumanização que este tipo de cinismo pode causar numa pessoa.

Não dá exemplos desta segunda desumanização, mas é óbvio que está a pensar em David. Pedro, que conhecia e invejava em segredo a ligação umbilical entre Lucas e David, pensou no mesmo.

— Portanto, quando alguns de vós dizem que Lucas Andrade é um repórter de cabaré que vive da exploração da violência, eu respondo: sois vós quem pratica o erro. Vós provocais a desumanização ora fingindo que o mal não existe ora fazendo a glamourização desse mal. Desculpem a segunda pessoa do plural mal-amanhada, mas, não sei porquê, lembrei-me da violência da minha avó Eduarda, uma querida inimiga que tive na minha vida.

A Francesa está emocionada; Helena também.

— Para terminar, quero dizer que não me pretendo inocente. Fiz este livro também contra mim. Lembram-se de vos falar há pouco da Beta, minha amiga e primeira vítima? Pois bem, eu senti nojo dela várias vezes, do aspeto cadavérico, dos braços esburacados pelas seringas, das feridas que não saravam. Tinha nojo de lhe tocar, tinha nojo em respirar o mesmo ar que ela. O Estripador sentia o mesmo que eu. Mas, a partir deste sentimento partilhado, tomámos decisões diferentes. Eu escolhi ser amigo da Beta, tentei e de facto vi a humanidade que se escondia atrás daquela capa horrível. Ele escolheu matá-la.

A Francesa vira-se para trás e faz sinal a alguém que está do lado de fora, um sinal que manda entrar. O coração dele dispara.

— Todos nós temos o alçapão do mal debaixo dos pés, e todos nós abrimos esse alçapão. O que me distingue do Estripador não é a natureza, que partilhamos, é o tempo de abertura do alçapão. Sempre que o abri, fechei-o logo a seguir, só deixando passar alguns segundos ou alguns minutos. Homens como o Estripador e como outros que conheço deixam o alçapão aberto durante horas, dias, semanas, e aceitam de bom grado a queda. Portanto, eu não queria terminar sem

deixar uma esperança. A questão, meus caros, não é porque é que existem homens como o Estripador, como o Des, como o Borrego... — Como David. — A questão é outra: porque é que não há mais? Porque é que, apesar de tudo, a extrema crueldade não é maioritária? A questão não é porque é que estes homens não têm travões morais. Não, não. A questão é: porque é que nós, a maioria, conseguimos acionar, apesar de tudo, esses travões? A decência é mais comum do que parece à partida. Talvez seja isto, então: temos de mergulhar a sério no mal para percebermos que somos melhores do que pensamos, para percebermos que a luz, apesar de tudo, triunfa sobre as trevas. Obrigado mais uma vez pela vossa paciência, até breve.

Aproveitando a salva de palmas final, Odete entra na livraria e traz ao colo Rute. O que ele pressentiu há poucos minutos é mesmo verdade, está mesmo a acontecer. Ele nunca esteve tão feliz e tão seguro do que tem de fazer. As pernas fraquejam, sente-se a desmaiar, a felicidade é pesada. Agacha-se para não cair. Vendo a bebé, Helena intui a verdade, abraça-o, ajuda-o a reerguer-se. As outras pessoas julgam que tudo isto é só emoção da apresentação, ainda não sabem que está ali a famosa filha de Lucas Andrade, ainda não sabem que o impensável também acontece pelo lado da luz. A Francesa veio mesmo entregar-lhe a miúda.

A sessão de autógrafos segue neste tom caricato: tem lágrimas nos olhos, as mãos tremem, os leitores julgam que a emoção se deve ao carácter pessoal do livro. Agora Pedro e Catarina já sabem o que se passa e não escondem a excitação; porém, nunca se aproximam da Francesa. Ele apressa todos os autógrafos. O que demoraria uma hora demora vinte minutos, se tanto. No fim, com a sala quase vazia, a Vó aproxima-se, meneia a cabeça na direção de Helena, um aceno que se faz a um par e não a humilhação da criada perante a patroa. E vira-se para ele:

— Sim senhor, Senhor Doutor. Ganda lero-lero. *Vocês* falam muito, pá. Falam, falam, falam, mas não dizem um caralho, não é? — Ele só consegue rir de lágrimas nos olhos; ela também. Abraçam-se, encostam as cabeças, e ela sussurra: — Foda-se, como eu gosto de te ver a foder a cabeça a estes caralhos.

A Vó manda avançar Odete. Emocionada, a sargento-mor dá-lhe um beijo e entrega-lhe a bebé e uma alcofa com biberões, fraldas, leite em pó, roupinhas. A bebé aninha-se nele. Sente um arrepio no corpo inteiro, um clarão que liga passado, presente e futuro. A Francesa afasta-o para um canto longe de Pedro, de Helena e de Catarina, que chora de alegria. Num reflexo defensivo, Lucas agarra Helena pelo braço e tenta trazê-la para a conversa. A Francesa avalia Helena com o desprazer cénico do rebelde, e afasta-a com um simples gesto. Ao pé dele e da Vó, ficam apenas Odete e Zé Alemão. Esta mulher, que também tem três caras, Anabela, Vó, Francesa, oficializa então a boa-nova:

— A Rute é tua, Senhor Doutor. Está tudo tratado. — Entrega-lhe a papelada numa capa. — Mostra isto a um advogado, ali a comadre Helena pode ajudar-te nisso, não é?, só tens de assinar para dar início ao processo de adoção. — Garante que ainda ficam a faltar «mais umas merdas, uns papéis, reuniões e o caralho», mas que é tudo legítimo.

Ele está sem palavras, abana a cabeça de felicidade, dá um beijo na bebé. Efusivo, assina logo os papéis em cima de uma mesa cheia de livros. Só depois é que lhe ocorre a pergunta óbvia:

— Então e o Carlinhos? Concorde com isto? — Os olhos dela, marejados mas duros, antecipam a frase eufemística mas esclarecedora.

— Esse assunto tá tratado. — Ele sente as pernas a fraquejar de novo. Ela matou o próprio filho, porque acreditou nele. — Tivemos uma conversa com ele, eu e ali o Zé. Tu tinhas razão, eu não, é só isso — sentença. Ele sente vontade de abraçá-la, de confortá-la, de lhe

agradecer. O erro dele é pensar que só tem a Vó à sua frente. O erro dele é esquecer que a couraça da Francesa está sempre a proteger o coração da Vó. Esta mulher é como Janus, o deus dos recomeços, dos portais, das passagens, tem sempre duas faces. — Olha, Senhor Doutor, antes de me ir embora, só quero dizer uma coisa. Eu sei que não dizes nada. Não és chibo. — Dá-lhe uma palmadinha cortês no ombro. — Eu sei que não vais escrever nada sobre o bairro e sobre o meu modesto ganha-pão. Mas, se escreveres ou se deres com a língua nos dentes — e aqui sobe o tom —, ouve uma coisa: a bófia vai descobrir por mero acaso dois corpos na Urbanização Azul, aquela bela merda que o teu pai tá a fazer. Tou-me a fazer entender? — Se ela matou o próprio filho para fazer justiça à neta e para lhe dar a bisneta, tinha de haver um preço. A pureza legal do pai está para sempre comprometida. Os corpos do Pernas e de Carlinhos estão nos pilares ou nas placas da Urbanização Azul. Ela não está apenas a proteger-se do jornalismo de Lucas, está também a matar à nascença o poder legal de Romão, que ameaça a supremacia do seu poder ilegal. Ele acena com a cabeça aceitando a troca. Zé, que até aqui olhou para ele como um avô, encara-o agora como um assassino. Odete desvia o olhar.

A Vó olha pela última vez para Rute, que, como sempre, está aninhada no colo dele pronta para dormir. Os olhos da bisneta começam a adormecer, os olhos da bisavó começam a lacrimejar. Lágrimas escorrem pelo rosto que já viu tudo o que há para ver deste lado da Criação. A Vó faz um cafuné à bebé, o último. A seguir, num movimento delicado, move o indicador para cima e para baixo naquela covinha entre o nariz e as pálpebras, uma ligeira carícia que vai adormecendo a criança. Ele aproveita e sussurra:

— Foi você quem despachou aquele cabrão, não foi?, o Estripador.

Ela não deixa de fazer o que está a fazer, está a acariciar a sua bisneta pela última vez, leva tempo para responder sem nunca tirar os olhos da pequena.

— Não abuses, Senhor Doutor, não abuses.

Quando a bebé ferra por fim no sono, ela vira costas e desaparece como um soldado após missão cumprida. Ali vai a pessoa mais cruel e mais bondosa que ele conhece, levando consigo Odete e Zé Alemão, que lhe dizem adeus, levando consigo o seu velho mundo. Vira-se para o novo mundo, Catarina, Helena e Pedro abraçam-no, é um abraço a cinco, Rute encaracolada dentro dele, ele enrolado dentro de Catarina, Catarina abraçada por Pedro, Helena abraçando todos. Eles querem pegar na gaiata, que refila, só quer dormir no colo dele.

— Deixem-na estar — pede. Pede também uma cadeira, precisa de respirar.

Com Rute tudo faz sentido, para trás e para a frente. Ao longo da vida, teve momentos de pura felicidade, duraram um ou dois segundos, foram vislumbres, instantes que o religaram à eternidade: o cheiro da terra molhada quando vai jogar no pelado, o primeiro abraço de Judite que cheira a pêsego e a sabão azul e branco, o cheiro a serradura do velho anexo do pai na aldeia, a primeira vez que ouve a música da banda a sair do rádio como se fosse uma coisa a sério, Joaquim a consertar os relógios de pé alto, o sorriso frágil de Joana, o rosto de Joana quando se vem, aquela defesa impossível que permite à equipa ganhar o jogo, salvar aquela bebé da barraca e tê-la no colo — ecos que se desvaneceram, flocos de eternidade que não sobreviveram ao tempo histórico. Até que surge um momento em que os ecos ganham consistência e passam a ser um som contínuo, uma música que toca durante minutos, durante uma hora, talvez. Ter Rute ao colo não emite um mísero e fugaz eco, é uma linguagem completa, uma pauta inteira de música que reordena o seu

mundo e que dá sentido a tudo o que viveu e falta viver. Foi feito para este momento. É impossível verbalizar o que está a sentir, apenas sorri a Helena, a Pedro, a Catarina, a Rute. O Paraíso também fica fechado à chave por dentro.

Helena despede-se, tem de ir para o Porto sem falta, dá-lhe um beijo, afaga a bebé, e diz:

— Tenho tanto orgulho em si, meu querido, você vai ser um ótimo pai.

Catarina começa a fazer planos para um quarto de bebé no apartamento. Ele interrompe-a, sabe o que tem de fazer, só precisa de um táxi.

— Acho ótima ideia, Catarina, vais ser a madrinha, claro, mas falamos amanhã, ok?, agora tenho de ir à horta, quero que a Judite, o meu velho e a Deolinda conheçam a Rute; não esperem por mim, devo dormir lá hoje.

Dá um abraço aos dois amigos; apanha um táxi com a bebé ao colo. Vinte minutos depois, Deolinda acolhe-o, boquiaberta, na horta. A cuidadora de Judite está fulminada de felicidade e de surpresa.

— Como assim, é tua filha?

A bebé não reclama quando vai para o colo dela. Ele não se enganou: Deolinda é a mulher certa. Judite está à lareira dentro do casão sentada na velha cadeira azul e vermelha, a única peça que resta do dia do êxodo. *Nina* está deitada ao seu lado. Lucas ergue Judite, dá-lhe um abraço, cede a cadeira a Deolinda, que se ali senta com a bebé ao colo. Diz que vai levar Judite para o passeio do costume junto à ribeira, que agora transborda depois de uma chuvada de dias que noutros tempos teria dado origem a um dilúvio assassino. Chama a *Nina* e, já de mão dada com Judite, faz um pedido a Deolinda:

— Ligue ao meu pai, por favor, quero jantar aqui com toda a gente.

Antes de sair do casão, olha para trás, Rute já está a andar de um lado para o outro, toca nos toros de zambujeiro, aponta para os estranhos relógios de Joaquim. Sai com a avó que escolheu, ainda chuveja um pouco. Escoltados por uma loba, um rapaz e uma velha caminham no sentido da água como no princípio e no fim dos tempos.



Sobre o Autor

HENRIQUE RAPOSO

Para construir este livro, Henrique Raposo, 44 anos, serviu-se sobretudo da memória da sua infância e adolescência: nasceu em 1979 no bairro do Mealheiro, na Portela da Azóia, em Loures, nos limites de Lisboa, numa família de origens alentejanas. Formado em História, com um mestrado em Ciência Política, Raposo é hoje cronista e escritor, além de autor de *Alentejo Prometido* e vários títulos sobre política, geopolítica e história. Colabora no semanário *Expresso* e na Rádio Renascença. Foi editor da revista *Atlântico*. Este é o seu primeiro romance — a que se seguirão outros, porque está a escrever o próximo.